



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**  
**DOUTORADO EM LINGUÍSTICA**

**SAMANTHA DE MOURA MARANHÃO**

**O REGISTRO DE ARABISMOS NOS DICIONÁRIOS *NOVO AURÉLIO SÉCULO XXI*, *DICIONÁRIO HOUISS DA LÍNGUA PORTUGUESA* E *DICMAXI MICHAËLIS: MODERNO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA***

**FORTALEZA**

**2011**

SAMANTHA DE MOURA MARANHÃO

**O REGISTRO DE ARABISMOS NOS DICIONÁRIOS *NOVO AURÉLIO SÉCULO XXI*, *DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA* E *DICMAXI MICHAËLIS: MODERNO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA***

Tese submetida à Coordenação do curso de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Linguística. Área de concentração: Linguística

Orientador:  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria do Socorro Silva de Aragão.

FORTALEZA

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

M26r Maranhão, Samantha de Moura.

O registro de arabismos nos dicionários Novo Aurélio Século XXI, Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa e DICMAXI MICHAËLIS: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa / Samantha de Moura Maranhão. – 2011.

375 f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2011.

Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão.

1. Sóciolinguística. 2. Contato de línguas. 3. Arabismos portugueses. 4. Lexicografia. 5. Lexicologia. I. Título.

CDD 410

---

SAMANTHA DE MOURA MARANHÃO

O Registro de arabismos nos dicionários *Novo Aurélio Século XXI*, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* e *Dicmaxi Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*.

Tese submetida à Coordenação do curso de Pós-Graduação em Lingüística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Lingüística. Área de concentração: Linguística

Aprovada em: 16/04/2011.

BANCA EXAMINADORA

---

Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão (orientador)  
Universidade Federal do Ceará

---

Dr. João Baptista Medeiros Vargens  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Dr. Antônio Luciano Pontes  
Universidade Estadual do Ceará

---

Dra. Emília Maria Peixoto Farias  
Universidade Federal do Ceará

---

Dra. Maria Elias Soares  
Universidade Federal do Ceará

Àqueles que reconhecem a língua como, simultaneamente, suporte e depositária imaterial da história e da cultura, as quais inevitavelmente nela imprimem suas marcas, e que, ao estudar a sua evolução, são tomados de surpresa e prazer, qual o arqueólogo em um sítio de trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

À Universidade Federal do Piauí, pela oportunidade de investimento na pesquisa em tempo integral.

À CAPES, pelo apoio financeiro sem o qual a aquisição de livros e a participação em congressos não teriam sido possíveis.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, pelo incalculável préstimo que é a transmissão do Saber.

À minha orientadora, Maria do Socorro Silva de Aragão, pela ousadia em aceitar projeto de pesquisa com tema pouco explorado.

À professora Teresa Leal Gonçalves Pereira, cujas aulas de Linguística Românica, na Universidade Federal da Bahia, descerraram o instigante tema dos arabismos.

A meus pais, Myron e Olívia Maranhão, pelo ininterrupto apoio na minha trajetória profissional.

A meu filho, Alexandre Maranhão, pela companhia divertida e encorajadora, além da preciosa (e absolutamente indispensável) assessoria na área tecnológica.

Aos colegas, de trabalho e de estudo, com os quais pude partilhar as dificuldades e alegrias naturais da nossa atividade profissional.

Aos alunos, inspiração para que este trabalho fosse realizado.

“Da mesma forma que o homem português amou e procriou, fazendo surgir, por onde passou, sociedades mestiças, miscigenadas, o léxico português absorveu palavras de línguas de povos que viveram na Península durante a fase embrionária do idioma, assim como deu guarida a um vocabulário novo, designativo de coisas e costumes que espargiam de cada cidade, de cada vila, e, também, das mais distantes aldeias, seja na África, no Brasil ou na Ásia.”

(VARGENS, 2006, p. 238)

## RESUMO

Esta investigação sobre a dicionarização de arabismos portugueses na versão eletrônica das obras *Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa*, do *DICMAXI Michaëlis Português: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* e do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* descreve o registro deste vocabulário em cada um dos produtos lexicográficos citados, considerando-se o total de formas encontradas no conjunto destas obras, suas variantes fonéticas, gráficas e/ou morfológicas, bem como vocábulos derivados e compostos. Descreve, ainda, divergências e lacunas verificadas na indicação de origem atribuída aos mesmos, apontando, ainda, atualizações proporcionadas pela Filologia Árabo-Românica na última década, notadamente por meio do *Diccionario de Arabismos y Voces Afines en Iberorromance* (CORRIENTE, 2003) e do *Léxico Português de Origem Árabe* (VARGENS, 2007). Entretanto, com vistas a melhor compreender a numerosa presença desse vocabulário na língua portuguesa, bem como sua natureza e estrutura, discutem-se temas correlatos, quais o contato de línguas, o bilingüismo e a diglossia, o fenômeno da interferência, o processo de integração de itens lexicais estrangeiros e o fenômeno da aglutinação do artigo árabe *al* nos arabismos portugueses. Descrevem-se abreviadamente, ainda, contextos de contato árabe-romance e português-árabe na Idade Média ibérica, no Brasil escravagista e no Brasil da imigração, de modo a contextualizar a introdução de arabismos na língua portuguesa, qualitativa e quantitativamente distintos em cada um destes momentos, igualmente diferenciados no que concerne à sua sócio-história, política, economia e predominância religiosa. Concluiu-se que o *DICMAXI Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 1998) dicionariza maior número de formas básicas de origem árabe, ao passo que o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001) traz maior número de derivados e compostos. Verificou-se, também, que as três obras encerram falsos arabismos, bem como atribuem origem africana a vocábulos que, em verdade, constituem arabismos africanos introduzidos no português brasileiro por escravos islamizados.

**Palavras-chave:** Lexicografia. Arabismos portugueses. Sociolinguística do contato intercomunitário.

## RESUMEN

Esta investigación sobre la diccionarización de arabismos portugueses en la versión electrónica de las obras *Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa*, *DICMAXI Michaëlis Português: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* y *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* describe el registro de este vocabulario en cada uno de los productos lexicográficos citados, considerándose el total de formas encontradas en el conjunto de estas obras, sus variantes fonéticas, gráficas y/o morfológicas, así como vocablos derivados y compuestos. Presenta, asimismo, divergencias y omisiones verificadas en la indicación del origen y en la trayectoria interlingüística atribuida a los arabismos documentados, señalando aportaciones de la Filología Árabe-Románica en la última década, especialmente por medio del *Diccionario de Arabismos y Voces Afines en Iberorromance* (CORRIENTE, 2003) y del *Léxico Português de Origem Árabe* (VARGENS, 2007). No obstante, con vistas a comprender mejor la numerosa presencia de arabismos en la lengua portuguesa, en diferentes fases de integración, se discuten temas relacionados, tales como el contacto de lenguas, el bilingüismo y la diglosia, el fenómeno de la interferencia, el proceso de integración de ítems lexicales extranjeros y el fenómeno de la integración del artículo árabe *al* en los arabismos portugueses. Se describen abreviadamente, además, contextos de contacto árabe-romance y portugués-árabe en la Edad Media Ibérica, en el Brasil esclavista y en el Brasil de la inmigración, de modo a contextualizar la introducción de arabismos en la lengua portuguesa, cualitativa y cuantitativamente distintos en cada uno de estos momentos, igualmente diferenciados en lo que concierne a su socio-historia, política, economía y predominancia religiosa. Se verificó que el *DICMAXI Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 1998) registra el mayor número de formas básicas de origen árabe, mientras que el *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001) trae el mayor número de derivados y compuestos. Se verificó también que las tres obras incluyen falsos arabismos y atribuyen origen africano a vocablos que, en realidad, constituyen arabismos africanos introducidos en el portugués de Brasil por esclavos islamizados.

**Palabras-clave:** Lexicografía. Arabismos Portugueses. Sociolingüística del contacto intercomunitario.

## LISTA DE ABREVIATURAS

adj.	adjetivo
adj.2g.	adjetivo de dois gêneros
adv.	advérbio
al.	alemão
ant.	antigo
aram.	aramaico
ár.	árabe
b.-lat.	baixo-latim
ber.	berbere
bot.	botânica
bras.	brasileirismo
cast.	castelhano
cat.	catalão
clás.	Clássico
e.g.	por exemplo [ <i>exempli gratia</i> ]
esp.	espanhol
f.	feminino
fig.	figurado
fr.	francês
fut.	futebol
gr.	grego
hisp.	hispânico
hisp.-ár.	hispano-árabe
i.e.	isto é [ <i>id est</i> ]
inf.	informal
info.	informação
ing.	inglês
interj.	interjeição
it.	italiano
lat.	latim
m.	masculino
mod.	moderno

n.	número (gramatical)
parl.	palaví
part.	particípio
per.	persa
pl.	plural
pop.	popular
port.	português
prep.	preposição
s.	substantivo
s.2g.	substantivo de dois gêneros
s.f.	substantivo feminino
s.f.pl.	substantivo feminino plural
s.m.	substantivo masculino
s.m.2n.	substantivo masculino de dois números
s.m.pl.	substantivo masculino plural
tur.	turco
v.	verbo
var.	variante
v.pr.	verbo pronominal
v.t.d.	verbo transitivo direto
v.t.d.i.	verbo transitivo direto e indireto
v.t.i.	verbo transitivo indireto
v.int.	verbo intransitivo
vulg.	vulgar

## LISTA DE SIGLAS DOS PRODUTOS LEXICOGRÁFICOS CONSULTADOS

DAVAIR	Diccionario de Arabismos y Voces Afines en Iberorromance, 2003.
DCM	Diccionario de Civilización Musulmana, 1996.
DEA	Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa, 1999 (versão eletrônica).
DEH	Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2006 (versão eletrônica).
DELP	Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, 1982.
DEM	DICMAXI Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, 2000 (versão eletrônica).
DER	Dicionário Etimológico Resumido, 1966.
DTA	Dicionário de Termos Árabes da Língua Portuguesa, 2006.
LPOA	Léxico Português de Origem Árabe: Subsídios para os Estudos de Filologia, 2007.
MEA	Mini-Enciclopédia do Mundo Árabe, 1994.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Relação entre bilingüismo e diglossia.....	59
Figura 02 – Classificação de tipos de línguas.....	61
Figura 03 – Arabismo dicionarizado no DEM.....	171
Figura 04 – Arabismo registrado no DEA.....	172
Figura 05 – Arabismo documentado no DEH.....	173
Figura 06 – Ficha para análise quantitativa dos arabismos registrados no DEA por letra/obra.....	174
Figura 07 – Arabismos iniciados pela letra Z registrados no DEM.....	175
Figura 08 – Ficha para cotejo da atribuição de origem dos arabismos no DEM, DEA e DEH.....	176

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Registro de arabismos do PB de origem sírio-libanesa.....	150
Tabela 02 – Registro de arabismos do PB de origem afro-muçulmana.....	153
Tabela 03 – Dicionarização de falsos arabismos pela Lexicografia brasileira.....	160
Tabela 04 – Arabismos no DEM, DEA e DEH.....	343
Tabela 05 – Morfossintaxe dos arabismos no DEM, DEA E DEH.....	344
Tabela 06 – Distribuição do registro dos arabismos no DEM, DEA e DEH (morfossintaxe).....	345
Tabela 07 – Arabismos no DEM.....	349
Tabela 08 – Arabismos no DEH.....	351
Tabela 09 – Arabismos no DEA.....	352
Tabela 10 – Arabismos do DEM no LPOA e no DAVAIR.....	355
Tabela 11 – Arabismos do DEA no LPOA e no DAVAIR.....	357
Tabela 12 – Arabismos do DEH no LPOA e no DAVAIR.....	359

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	27
2.1	A filologia árabo-românica.....	27
2.2	A literatura sobre arabismos.....	31
2.2.1	<i>Obras clássicas</i> .....	31
2.2.2	<i>Obras contemporâneas</i> .....	36
2.2.3	<i>Arabismos no português brasileiro</i> .....	41
2.2.4	<i>Caracterização dos estudos sobre arabismos</i> .....	45
2.3	Sociolingüística.....	52
2.3.1	<i>Comunidade lingüística</i> .....	53
2.3.2	<i>Contato de línguas</i> .....	56
2.3.3	<i>Bilingüismo e diglossia</i> .....	58
2.3.4	<i>Interferência</i> .....	62
2.3.5	<i>Os contatos árabe-romance e português-árabe</i> .....	66
2.3.5.1	<i>Alandalus</i> .....	66
2.3.5.2	<i>O Brasil Escravagista</i> .....	72
2.3.5.3	<i>O Brasil da Imigração</i> .....	81
2.4	Lexicologia.....	90
2.4.1	<i>A ciência lexicológica e o seu objeto</i> .....	90
2.4.2	<i>Estrangeirismos e empréstimos</i> .....	91
2.4.3	<i>A integração de empréstimos</i> .....	95
2.4.4	<i>Causas da adoção de estrangeirismos e empréstimos</i> .....	103
2.5	Arabismos portugueses.....	106
2.5.1	<i>O conceito de arabismos portugueses</i> .....	106
2.5.2	<i>Vias de ingresso</i> .....	108
2.5.3	<i>Aspectos estruturais dos arabismos</i> .....	111
2.5.4	<i>Campos semânticos</i> .....	119
2.5.5	<i>Emprego de arabismos no português brasileiro</i> .....	123
2.5.6	<i>A integração de arabismos na língua portuguesa</i> .....	133
2.6	Lexicografia.....	135
2.6.1	<i>Conceitos básicos da lexicografia</i> .....	136

2.6.1.1	Tipologia de produtos lexicográficos.....	136
2.6.1.2	Macroestrutura de obras lexicográficas.....	139
2.6.1.3	Microestrutura de obras lexicográficas.....	140
2.6.2	<i>Lexicografia de estrangeirismos.....</i>	141
2.6.3	<i>Produtos lexicográficos brasileiros e dicionarização de arabismos.....</i>	145
2.6.4	<i>Problemas na dicionarização de arabismos pela lexicografia brasileira.....</i>	150
3	METODOLOGIA.....	172
4	ANÁLISE DOS DADOS.....	181
5	CONCLUSÃO.....	362
	REFERÊNCIAS.....	365

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por tema o vocabulário português de origem árabe, especificamente a dicionarização de arabismos em obras lexicográficas brasileiras contemporâneas, particularmente na versão eletrônica do *DICMAXI Michaëlis Português: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 1998), do *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1999) e do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001).

Tem por objetivo geral descrever o registro de arabismos portugueses em dicionários gerais de língua, propiciando a análise deste. Constituem objetivos específicos da pesquisa: a) identificar vocábulos aos quais os dicionários citados atribuem origem árabe; b) analisar a extensão da dicionarização dos arabismos em cada produto lexicográfico considerado e c) analisar informações etimológicas registradas nas obras citadas, particularmente a trajetória interlingüística proposta ou hipotetizada, face ao que propõe a literatura mais recente sobre arabismos ibéricos e/ou portugueses, aqui representada pelo *Diccionario de Arabismos y Voces Afines en Iberorromance* (CORRIENTE, 2003) e pelo *Vocabulário Português de Origem Árabe: Subsídios para os Estudos de Filologia* (VARGENS, 2007).

A análise do registro de arabismos pela lexicografia brasileira contemporânea possibilita identificar vocábulos portugueses originados na língua corânica, segundo as obras consultadas, e aquelas que descrevem mais acuradamente a integração dos arabismos dicionarizados, ao registrar maior número de vocábulos básicos e formados por derivação ou composição. Permite, ainda, analisar se alguma das obras-fonte distingue empréstimo de estrangeirismo, identificando-os nomeadamente enquanto tais ou apontando-lhes grafia na língua original, variantes gráficas ou emprego de tipos gráficos distintos no seu uso escrito. Possibilita, enfim, apreciar se a atribuição de origem está em consonância com o preconizado pela Filologia Árabo-Românica na última década.

A análise do vocabulário coligido nas obras investigadas, por sua vez, possibilitará, posteriormente, identificar arabismos introduzidos diretamente no português brasileiro, como resultado do contato português-árabe no Brasil, além de entrever o estágio de integração destas formas, facultando o conhecimento sobre a integração de arabismos na variedade americana da língua portuguesa. Assim, embora se trate esta tese de uma pesquisa lexicográfica, analisam-se aspectos lexicológicos deste vocabulário para se conhecer sua estrutura e função na língua, indicando temas suscetíveis de investigações futuras.

Tomar arabismos portugueses como objeto de estudo permite resgatar uma parte da história da língua portuguesa, em geral desconhecida pelos seus usuários e, eventualmente, mesmo por estudiosos do idioma pátrio: a amplitude do influxo exercido pela língua árabe na formação histórica do léxico português, devido ao seu estreito contato com falares hispanogodos cristãos, dada a presença muçulmana, entre os anos de 711 e 1253, em parte da România Andaluz hoje integrante da República Portuguesa (MARQUILHAS, 1992, p. 26; CORRIENTES, 1996, p. 04-06), e, de forma menos incisiva, mas todavia concreta, devido à presença de arabófonos no Brasil, inicialmente representada pelos escravos islamizados que aqui chegaram durante o período no qual a escravidão foi a força matriz da nossa economia (LOVEJOY, 2000, p. 13-16) e, mais recentemente, devido à imigração de árabes e/ou muçulmanos de nacionalidades diversas (e mesmo desprovidos de nacionalidade, como é o caso dos palestinos), que evadiram a sua região de origem em virtude da instabilidade política, militar e/ou econômica desta (MONTENEGRO, 2002, p. 64-65; JARDIM, 2006, p. 172).<sup>1</sup>

Justifica a presente investigação a constatação prévia de a literatura especializada em Filologia Românica ou Portuguesa geralmente restringir o estudo do influxo árabe ao período formativo da língua, na Idade Média, desconsiderando sua ocorrência em diferentes fases da sócio-história do Brasil.

Considerando-se quatro importantes obras de história da língua portuguesa publicadas na segunda metade do século XX, observou-se a menção ao influxo árabe no léxico português apenas quando da presença muçulmana em solo ibérico. Na sua *História da Língua Portuguesa*, Teyssier (2001, p. 22) o faz conscientemente, observando serem numerosos os arabismos introduzidos à época. Ao apresentar peculiaridades do léxico do português brasileiro, e seguindo a tendência à redução das fontes nas quais a língua portuguesa buscou empréstimos, afirma que o brasileiro recorre a línguas indígenas e africanas para designar especificidades da nossa realidade (TEYSSIER, 2001, p. 109).

Com efeito, no *Curso de História da Língua Portuguesa*, Castro (1991, p. 08) afirma sermos melhor informados sobre a língua latina, os romances e as línguas neolatinas na

---

<sup>1</sup> Segundo artigo de Diego Toledo, divulgado em 03/02/2005 pela BBC Brasil, a Federação Islâmica Brasileira estima em cerca de 1,5 milhão o número de muçulmanos que vivem no país. Denize Bacoccina, em matéria publicada pela BBC Brasil em 20/07/2006, informa acreditar Mohamed Hussein El Zoghbi, diretor executivo da Federação das Associações Muçulmanas do Brasil, que aproximadamente 30 mil brasileiros estivessem em visita ao Líbano quando teve início o conflito entre Israel e militantes do Hezbollah, em julho de 2006. Já o governo brasileiro supunha haver, naquele momento, em torno de 100 mil brasileiros vivendo no Líbano. Demant afirma que o Brasil acolhe a maior comunidade de descendentes de libaneses no mundo, havendo, de fato, mais libaneses no Brasil do que no próprio Líbano, a maioria dos quais cristã, apesar de haver muitos muçulmanos (DEMANT, 2004, p. 188).

Idade Média do que sobre a língua portuguesa contemporânea, do que decorre a desproporção na extensão dos capítulos dedicados a tais matérias em sua obra, característica esta que afirma ser comum a outros estudos.

Na *História da Língua Portuguesa*, Silva Neto (1988, p. 333-345) se estende ao tratar dos moçárabes e do romance moçárábico, entretanto aponta a importação lexical de vocábulos árabes pela língua portuguesa como resultado do longo contato entre muçulmanos e cristãos na Idade Média ibérica, exemplificada por arabismos designativos de “cargos e coisas militares” e “ocupações múltiplas da vida corrente”. Ao discorrer sobre o tema da língua portuguesa no Brasil, e particularmente sobre as conseqüências do contato da língua portuguesa com outras línguas, notadamente com as indígenas e africanas, subestima o influxo destas sobre aquela, negando-o por vezes (SILVA NETO, 1988, p. 593-597), assumindo uma postura não usual nas obras congêneres, mas que ora não nos cabe discutir. Essa visão já havia sido apresentada em *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, em que Silva Neto (1986, p. 96, 114) não menciona a presença árabe e/ou muçulmana aqui, assim como não aborda o influxo de qualquer outra língua de imigração no português brasileiro.

Vê-se, assim, que o tema ainda é passível de exploração. No Brasil, a presença de escravos islamizados e, em seguida, de imigrantes árabes e/ou muçulmanos pode ter deixado marcas ainda pouco investigadas no português brasileiro, notadamente no léxico. A indicação das vias de ingresso de arabismos na língua portuguesa, através de línguas-ponte, ou, em um percurso ainda mais longo, de vocábulos estrangeiros cujo ingresso no português se deu por meio da língua árabe, poderá indicar aqueles introduzidos na variedade americana da língua portuguesa, em oposição àqueles legados pelo colonizador europeu.<sup>2</sup>

Desde a retomada dos estudos históricos pela Lingüística, nos anos 80 do século XX, pesquisadores investigam a constituição do Português Brasileiro, com ênfase, entretanto, na sua morfossintaxe (SILVA, 1999, p. 148, 162), e, no que concerne ao léxico, priorizam as interferências indígena e africana, dando margem, assim, à investigação sobre outras fontes de enriquecimento lexical do português americano.<sup>3</sup>

De fato, na análise de artigos publicados em obras de lingüística descritiva, voltados, sobretudo, ao português brasileiro, nota-se a predominância da morfossintaxe

---

<sup>2</sup> Câmara Jr. (1988, p. 58), por exemplo, classifica os arabismos quanto à via de ingresso, oral/popular ou escrita/erudita, no português medieval, restringindo a sua introdução à verificada na Europa.

<sup>3</sup> Essa postura reflete tendência a se reduzirem os elementos formadores do povo brasileiro às “raças” indígena, negra e branca, sem observar subdivisões nestes grupos e sem considerar a existência de outros elementos formadores (BLAY, 1997, p. 33, apud MONTENEGRO, 2002, p. 61).

como objeto de estudo, mais especificamente o comportamento sintático de uma determinada classe de palavras em diferentes momentos da história da língua portuguesa no Brasil. A partir das obras *A Carta de Caminha: Testemunho Lingüístico de 1500* (SILVA, R. V. M., 1996); *História das Idéias Lingüísticas: Construção do Saber Metalingüístico e Constituição da Língua Nacional* (ORLANDI, E., 2001); *História do Saber Lexical e Constituição de um Léxico Brasileiro* (NUNES, J. H.; PETTER, M., 2002); *O Português Quinhentista: Estudos Lingüísticos* (SILVA, R. V. M.; MACHADO FILHO, A. V. L., 2002); *Ensaio para uma Sócio-História do Português Brasileiro* (SILVA, R. V. M., 2004) e *Do Português Arcaico ao Português Brasileiro* (COSTA, S. B. B.; MACHADO FILHO, A. V. L., 2004), evidencia-se, por amostragem, a predominância de temas priorizados contemporaneamente nos estudos sobre a história da língua portuguesa no Brasil.

De 76 artigos publicados no conjunto das obras citadas, constatou-se que a morfossintaxe é objeto de estudo de 32 deles; a semântica é abordada em 01 artigo, há 06 artigos sobre léxico; 01 artigo sobre texto; 02 sobre discurso; 02 sobre pontuação; 05 sobre a sócio-história da língua portuguesa; 03 artigos sobre avaliações lingüísticas em geral, isto é, em que vários planos da língua são simultaneamente analisados, com breve menção a léxico; 01 artigo sobre gramática-obra; 14 artigos contemplam o contexto histórico de estudos lingüísticos; a heterogeneidade lingüística é objeto de 06 artigos, e, enfim, a alfabetização, a escrita e a escolarização são abordadas em 03 artigos.

Observe-se que o léxico é objeto de apenas 06 dos artigos publicados no conjunto das obras citadas, cifra que corresponde a aproximadamente 7,9% dos estudos nelas divulgados, em oposição à morfossintaxe, tema de 32 artigos, isto é, 42,1% das pesquisas, o mais explorado na maioria das referidas obras, numa proporção 05 vezes maior do que a destinada ao léxico.

Já nos artigos referentes ao léxico, vocábulos de origem indígena e africana aparecem como diferenciadores do português brasileiro face a outras variedades diatópicas da mesma, sobretudo os indianismos – em geral, mais freqüentemente tornados objeto de investigações lexicais do que os vocábulos que transpuseram o Atlântico a bordo dos navios negreiros vindos da África para o Brasil. Apesar disso, os africanismos aparecem mais bem representados, como tema de 03 dos 06 artigos de descrição léxica, ou 50% dos artigos. Os outros 03 artigos tratam, respectivamente, de influxo léxico de línguas indígenas, de empréstimos tomados ao sânscrito e de vocábulos e expressões empregados por Caminha na

designação das “coisas do Brasil”, analisado cada tema em 01 artigo ou 16,6% dos artigos. Nenhuma menção à origem árabe de parte do léxico português foi registrada, portanto.

Investigar a dicionarização de arabismos portugueses concorre, ainda, para responder à questão quanto ao número de empréstimos integrados à língua portuguesa (ou pré-existentes no ibero-romance), que, consoante diferentes historiadores da língua, varia entre 300 e 4000. Citam-se aqui cifras concernentes aos arabismos espanhóis a título de referência, dado as línguas portuguesa e espanhola compartilharem momentos da sua história, a exemplo da origem na variedade latina designada *sermo hispanicus*, o desenvolvimento posterior desta no ibero-romance e o influxo árabe no romance meridional.

Segundo Coelho (apud VASCONCELOS, 1956, p. 299), há, no máximo, 300 arabismos na língua portuguesa, ao passo que Lopes (apud BALDINGER, 1963, p. 54) considera a existência de 400 a 1000 arabismos portugueses; Ribeiro (1987, p. 39-40) cita a cifra de 600 vocábulos portugueses de origem árabe, dos quais 2/3 seriam de uso comum; Nascentes registra 609 arabismos em seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (ELIA, 2004, p. 106); Vasconcelos (1956, p. 299) afirma haver mais de 1000 arabismos na língua portuguesa, número aumentado para *mil e tantos*, se considerados vocábulos em desuso; Teyssier (2001, p. 22) também crê haver cerca de 1000 arabismos na língua portuguesa, concordando com Machado, que documentou 954 deles na obra *Influência Árabe no Vocabulário Português* (TEYSSIER, 2001, p. 22); Franca (1994, p. 21) aponta a existência de mais de 1000 vocábulos portugueses de origem árabe, dos quais apenas 200 ainda seriam bastante usados; Vargens levanta 769 arabismos no *Léxico Português de Origem Árabe* (VARGENS, 2007, p. 226), mas, considerando formas derivadas, abordou mais de 3000 em sua tese de doutorado (VIGUERA MOLINS, 2002, p. 53).

Extrapolando o domínio lingüístico português, temos Elcock, segundo o qual havia 4000 arabismos no ibero-romance, muitos dos quais hoje já teriam caído em desuso (ELCOCK apud ELIA, 1974, p. 109), mas Lapesa afirma haver mais de 4000 arabismos no espanhol, sem especificar se a cifra inclui arcaísmos e/ou cultismos (LAPESA, 1991, p. 97), e Piel afirma se originar na língua árabe 8% do léxico espanhol (PIEL, 1989, p. 10).

O fato de não haver consenso quanto ao número de arabismos existentes na língua portuguesa, provavelmente em virtude de divergências na sua dicionarização, além da adoção de diferentes critérios no seu levantamento, como a inclusão do vocabulário de diferentes variedades diacrônicas ou diafásicas descritas ou, ainda, a consideração ou não de formas derivadas, demanda estudo do seu registro lexicográfico, com a identificação das formas às quais efetivamente se atribui origem árabe e a revisão das hipóteses etimológicas propostas.

Assim, a análise do registro do vocabulário português de origem árabe pela lexicografia brasileira contemporânea, ao apontar divergências, equívocos e atualizações, concorre para maior acuidade na dicionarização deste vocabulário.

Enfim, a literatura clássica sobre arabismos ibéricos começa a ser produzida 200 anos antes do advento da Lingüística Estrutural, cabendo, portanto, novas pesquisas à luz de modernas teorias e métodos, a cuja exposição facilmente se evidenciam incoerências em obras consideradas de referência sobre o tema. Esta literatura é abreviadamente apresentada na fundamentação teórica deste estudo.

Esta pesquisa se propôs, portanto, a responder à pergunta: Que divergências se verificam no registro dos arabismos portugueses em dicionários gerais de língua portuguesa contemporâneos?

Optou-se pela investigação a partir de dicionários gerais de língua pela abrangência do léxico descrito, considerando lexias de diferentes épocas e com diferentes frequências de uso, bem como lexias características de variedades e de normas lingüísticas distintas, e mesmo de linguagens especializadas, além de tais obras trazerem a etimologia das formas nelas documentadas (WELKER, 2006, p. 76-78, 11; HAENSCH, 1982, p. 137). Considerou-se, ainda, o fato de os dicionários gerais de língua serem de publicação mais recente, comparadas as datas de sua publicação com a dos dicionários etimológicos de Antenor Nascentes (1966) e de Antônio Geraldo da Cunha (1982), favorecendo a atualização das informações etimológicas neles registradas.

Pretendeu-se, portanto, sistematizar questões lexicográficas relacionadas à dicionarização de arabismos no *DICMAXI Michaëlis Português: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa* e *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, problema para o qual a lingüística histórica brasileira ainda não se voltou.

A hipótese investigada foi a de que há divergências na dicionarização dos arabismos portugueses, no que concerne aos itens documentados (com registro ou não da produtividade lexical, isto é, de derivados pautados em semantemas de origem árabe ou de compostos em cuja formação haja um arabismo) ou à sua própria identificação (ausência de registro do vocábulo ou da sua origem árabe, atribuição equivocada da origem a uma língua-ponte ou mesmo atribuição de étimo árabe a vocábulo de origem diversa).

As bases teóricas deste estudo foram buscadas na Lexicografia prática alemã (HAENSCH *et al.*, 1982), pela tradição que encerra na teorização sobre empréstimos/estrangeirismos e no tratamento lexicográfico destes.

Entretanto, apesar de este trabalho ter como objeto a dicionarização dos arabismos na versão eletrônica dos dicionários *DICMAXI Michaëlis Português: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 1998), *Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1999) e *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001), a atribuição de origem a este vocabulário e a pertinência desta, de acordo com pesquisas mais recentes da Filologia Árabo-Românica, optou-se por estender a discussão a temas correlatos que permitissem melhor compreender a numerosa presença de arabismos na língua portuguesa, considerando-se o trabalho docente da autora na área da Filologia Portuguesa e a aplicabilidade destes temas em sala de aula. Assim, a fundamentação teórica foi subdividida nas seções descritas a seguir:

Contextualizado este estudo no âmbito da Filologia Árabo-Românica, esta foi abreviadamente apresentada na seção 2.1, em que se define a *Romania Arabica*, citam-se pesquisadores e suas obras “fundadoras”, bem como se apresentam temas tradicionais, para os quais se propõem temas correlatos concernentes ao contato português-árabe no Brasil.

A seção 2.2, por sua vez, traz uma relação de importantes obras sobre arabismos, classificadas aqui como clássicas ou contemporâneas e organizadas conforme o domínio investigado, português, ibérico ou “outros domínios”, além de apresentar comentários sobre a investigação de arabismos no português brasileiro e de trazer uma caracterização geral dos estudos sobre arabismos.

Consideram-se os contatos árabe-romance e português-árabe sob a perspectiva da Sociolinguística do contato intercomunitário, conforme preconizada por Weinreich (1967), na seção 2.3, em uma tentativa de se descreverem e analisarem as relações sócio-históricas e culturais que culminaram na introdução de arabismos na língua portuguesa, uma vez que, verificando-se tais contatos em diferentes contextos político-econômicos, dos quais decorreram interações caracterizadas por relações diferenciadas de poder e de prestígio, e, ainda, com duração e intensidade também diversas, deu-se, como reflexo linguístico, a adoção de vocábulos quantitativa e qualitativamente distintos em cada um destes contextos de contato. Nesta seção discutem-se, ainda, conceitos básicos do contato de línguas, tais como os de comunidade linguística, contato de línguas, bilingüismo/diglossia e interferência.

Dada a importância da distinção entre empréstimos e estrangeirismos para a caracterização pretendida do registro lexicográfico de arabismos, uma vez que denota o tratamento dado aos mesmos, apresentam-se, na seção 2.4, conceitos de ambos, bem como uma descrição da sua integração na língua que os adota e as causas gerais da adoção, ao

que segue, na seção 2.5, uma descrição dos arabismos portugueses, especificamente, o conceito de arabismo, as vias de ingresso, características estruturais, campos semânticos em que se organizam e seu emprego no português brasileiro contemporâneo.

A seção reservada à Lexicografia, 2.6, traz conceitos básicos, como a tipologia de produtos lexicográficos e a macro e a micro-estrutura destes; uma reflexão sobre a lexicografia de estrangeirismos em geral, e a dicionarização de empréstimos e estrangeirismos árabes pela Lexicografia brasileira, particularmente pelos dicionários gerais de língua que constituem as obras-fonte deste estudo, finalizando com problemas gerais na dicionarização dos arabismos portugueses.

Observe-se que a referência à Lexicografia brasileira, no que concerne à dicionarização de arabismos, amplia o número de produtos lexicográficos consultados, de modo a incluir dicionários etimológicos e vocabulários, quais o *Dicionário Etimológico Resumido* (NASCENTES, 1966), o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (CUNHA, 1982), *Arabismos: uma Mini-Enciclopédia do Mundo Árabe* (FRANCA, 1994) e o *Dicionário de Termos árabes da Língua Portuguesa* (VIEIRA, 2006), além do já citado *Léxico Português de Origem Árabe: Subsídios para os Estudos de Filologia* (VARGENS, 2007).

Divide-se este trabalho em 03 capítulos, dedicados, respectivamente, à fundamentação teórica já descrita, à metodologia e à apresentação e análise dos dados, além desta introdução e das conclusões.

A metodologia adotada nesta pesquisa está descrita no terceiro capítulo, que apresenta o *corpus*, os critérios usados no levantamento dos dados e as fichas próprias para o seu registro e cotejo. Buscaram-se os arabismos assim identificados no *DICMAXI Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, cotejando o seu registro no *Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa* e no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. O levantamento foi realizado manualmente, sem o concurso de programas computacionais, com vistas a identificar, por exemplo, vocábulos derivados de arabismos sem atribuição de origem ou cujo sentido não coincida com o do vocábulo básico; o registro de mais de uma hipótese etimológica ou de uma trajetória interlingüística na qual o árabe constitua uma língua-ponte na introdução do vocábulo na língua portuguesa.

Dada a necessidade de delimitar a extensão do vocabulário para viabilizar as análises em tempo hábil, restringiu-se esta investigação aos arabismos iniciados pelas letras B a Z, os quais totalizam 1434 formas lexicais, considerando-se formas padrão,

variantes gráficas, fonéticas ou morfológicas, formas básicas, derivadas, compostas ou, ainda, caracterizadas por outras marcas, quais as de gênero, número ou grau, inclusive sufixo de valor dimensivo com relação a referentes designados por formas básicas de origem árabe.

O capítulo 04, por sua vez, é dedicado à apresentação e à análise dos dados, aqui expostas segundo ordenamento alfabético. Para cada letra do alfabeto latino (de B a Z), apresentam-se os vocábulos registrados nas obras-fonte na forma de verbetes que trazem, além do lexema que lhes serve de entrada, a classe gramatical a que cada arabismo pertence, as acepções compartilhadas pelos dicionários consultados, variantes, a identificação da(s) obra(s) em que os vocábulos estão dicionarizados, seguidos das análises lexicográficas (registro por obra e no conjunto dos produtos lexicográficos considerados) e lexicológicas (pertinência da origem atribuída, morfossintaxe).

Sobre as conclusões, antecipa-se apenas que o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001) é o produto lexicográfico que registra o maior número dos 1434 arabismos coligidos no conjunto das 03 obras-fonte, 1159 formas lexicais ou 80,8% do total; já o *Dicmaxi Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 1998) dicionariza 1057 itens ou 73,7% do total de formas levantadas, ao passo que o *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1999) documenta 919 arabismos ou 64,1% do total encontrado.

Testemunha a integração destes arabismos a dicionarização não apenas de formas básicas, as quais somam 478 itens lexicais ou 33,33 % das formas levantadas, mas também o registro de 613 formas derivadas, ou 42,8% dos arabismos encontrados, além de 284 compostos ou 19,8% do total.

Corroborando a adequada identificação de origem árabe ao vocabulário estudado a sua dicionarização nas obras de referência, o *Léxico Português de Origem Árabe* (VARGENS, 2007) – que traz 42,8% dos arabismos encontrados no *Dicmaxi Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 1998); 58% dos arabismos buscados no *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1999) e 46,2% dos arabismos documentados no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001) – e o *Diccionario de Arabismos y Voces Afines en Iberorromance* (CORRIENTE, 2003) – em que se encontram 36,9% dos arabismos dicionarizados no *Dicmaxi Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 1998), 38,7% dos arabismos documentados no *Novo Aurélio Século XXI: O*

*Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1999) e 31,3% daqueles colhidos no no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001).

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo tem por objetivo sintetizar conceitos de áreas diversas, como a Sociolinguística do Contato Intercomunitário, a Filologia especializada na *Romania Arabica*, a Lexicologia e a Lexicografia, que possibilitem a compreensão da numerosa presença de arabismos na língua portuguesa, adquiridos em diferentes contextos sócio-históricos de interação desta com a língua árabe ou com línguas oeste-africanas mais ou menos arabizadas, bem como uma análise da dicionarização deste vocabulário pela Lexicografia brasileira.

### 2.1. A filologia árabo-românica

Designa-se Filologia Árabo-Românica a ciência da *Romania Arabica*, isto é, o ramo da Filologia Românica que tem por objeto as conseqüências do contato verificado entre a língua árabe e diferentes romances e, posteriormente, entre aquela e línguas românicas.

O loco de contato é a *Romania Arabica*, termo cunhado nos anos 30 do século XX por Arnald Steiger para designar o espaço lingüístico-cultural compartilhado por comunidades de língua materna diversa, geralmente arabófonas e culturalmente árabe-islâmicas, de um lado; de outro, falantes de neolatim e cristãs. No dizer de Corriente (2006, p. 81-82):

A consolidação nessas terras [da Península Ibérica] da nova entidade política chamada Alandalus, governada por uma minoria muçulmana, que passa a maioria ao fim de dois séculos e arabizada não muito mais lentamente, com independência da adoção ou não do Islã como religião por aqueles que tenham sido anteriormente cristãos ou judeus, daria lugar a um longo período de coexistência de formas mais ou menos evoluídas de romance hispânico com dialetos árabes berberes importados pelos conquistadores, assim como de uma certa convivência da cultura nativa, hispano-romana, com a importada também por eles. O que gera um espaço cultural e lingüístico compartilhado, que chamamos desde certo tempo *Romania Arabica*, com múltiplas facetas que complicam seu estudo até extremos por vezes insuspeitos.

É difícil estabelecer limites espaço-temporais para a *Romania Arabica*, dado que o contato entre o árabe e línguas novilatinas não se dá exclusivamente em solo ibérico, verificando-se também no Norte da África e em outras regiões da Europa Ocidental, bem como se reflete ainda hoje nas línguas espanhola e portuguesa, em suas variedades européia e americana.

Já a delimitação espaço-temporal dessa relação apresenta certas dificuldades, uma vez que é óbvio que esta peculiar parcela da *Romania* ultrapassa às vezes os limites da Península Ibérica até o Norte da África e outros pontos da Europa Ocidental, por razões de fluxos políticos e culturais, da mesma forma como seu limite cronológico

não está no fim da chamada Reconquista (1492), nem na expulsão dos mouriscos (1611), já que a maioria do Andalus na Espanha e em Portugal se mostrou indelével, inclusive prolongando-se nas formas contemporâneas de suas línguas e cultura na Europa e no Ultramar. (CORRIENTE, 2006, p. 82-83).

Há de se considerar, ainda, episódios contemporâneos da política internacional concernentes ao Oriente Médio e à África, dos quais resultam migrações e novos contatos entre arabófonos e falantes de línguas neolatinas, sobretudo nas Américas. A invasão americana ao Afeganistão resultou no assentamento de 25 refugiados afegãos em Porto Alegre em 2001, bem como a queda de Saddam Hussein acirrou as investidas de iraquianos xiitas contra refugiados palestinos residentes no Iraque, sunitas como o ditador deposto. Em 2007, 117 refugiados palestinos migraram para o Brasil, passando a viver no Rio Grande do Sul e no estado de São Paulo.<sup>4</sup>

Importantes autores da Filologia Árabo-Românica são o já citado Arnald Steiger, autor dos clássicos *Contribución a la fonética del hispano-árabe y de los arabismos en el ibero-románico y el siciliano* (1932) e *Origin and spread of Oriental words in European languages* (1963); Álvaro Galmés de Fuentes, sobrinho-neto e seguidor de Menéndez Pidal, e autor, dentre outras obras, de *Influencias sintácticas y estilísticas del árabe en la prosa medieval castellana* (1956), e Miguel Asín Palácios, que se dedicou à edição crítica de textos hispano-árabes e à pesquisa sobre o contato entre as culturas cristã e islâmica na Península Ibérica.

Tradicionalmente, entretanto, a literatura especializada aborda quase exclusivamente as conseqüências do contato do árabe com romances ou línguas ibéricas ocorrido ainda na Idade Média, fato de que resultam os seguintes temas, dentre outros, considerados principais na pesquisa em Filologia Árabo-Românica:

- a) influência do árabe e do berbere nos romances peninsulares;
- b) influência do romance hispânico nos falares árabes andalusinos;
- c) surgimento do romandalusino (conjunto de dialetos do romance meridional, equivocadamente dito *moçárabe*);
- d) uso eventual do romance por poetas arabófonos e hebreus em *harajāt* de *muhwaššahāt*;
- e) uso do romance hispânico e de línguas novilatinas por mudéjares e mouriscos;

---

<sup>4</sup> Cf. Daniel Gallas, que em 20/06/2007 noticiou, através da BBC Brasil, a vinda de 96 palestinos refugiados do Iraque, em matéria na qual cita a dificuldade de adaptação dos imigrantes afegãos; Andréa Wellbaum, em matéria publicada pela BBC Brasil em 18/09/2007, trata da chegada dos 117 palestinos acolhidos pelos estados do Rio Grande do Sul e de São Paulo.

f) atavismos culturais andaluzinos na civilização hispânica na Europa e nas Américas (CORRIENTE, 2006, p. 83).

No que concerne a contatos português-árabe mais recentes no Brasil e à importação de material léxico árabe pelo português brasileiro, enfatiza-se a necessidade de se investigarem, na perspectiva da sociolinguística, influxos da língua árabe em variedades diatópicas do português brasileiro decorrentes da integração de imigrantes muçulmanos à nossa sociedade, tema pouco pela Linguística brasileira, fato a que retornaremos na seção 2.3.5.3 (MARANHÃO, 2009 b, p. 07).

Federico Corriente, principal investigador dos arabismos ibéricos na atualidade, docente da Universidade de Saragoça e autor do *Diccionario de arabismos y voces afines en iberorromance*, bem como de estudos sobre o árabe andaluzino, enfatiza a precária formação dos filólogos que abraçam a empreitada de investigar arabismos, pois, em geral, desconhecem a língua árabe.

[...] Além disso, [...] observa-se em todas elas [obras fundamentais sobre arabismos] um desconhecimento quase total de dialetologia árabe e, com exceção de Dozy, um conhecimento superficial inclusive do árabe clássico, que impediu a seus autores detectar novos arabismos, corroborar seus supostos étimos e rechaçar como tais alguns que não podem sê-lo [...]. (CORRIENTE, 1996, p. 03, tradução nossa).<sup>5</sup>

Assim, propõe, para o estudo das conseqüências da interferência romano-árabe na Península Ibérica, um aprimoramento metodológico, a partir do estabelecimento de grupos de pesquisa que envolvam especialistas das várias áreas concernentes à investigação, quais sejam arabistas, romanistas, berberólogos, iranistas, etc., reunindo conhecimentos sobre variedades diversas do ibero-romance e da língua árabe e das realidades culturais da Europa Ocidental e do mundo islâmico. Por outro lado, faz-se necessário o abandono de posicionamentos ideológicos essencialistas, os quais ou desvalorizam a contribuição cultural islâmica no Ocidente ou ignoram as raízes hispânicas da cultura andalusina.

Em suma, podemos dizer que resta ainda bastante por fazer para melhorar o conhecimento das conseqüências da interferência romano-árabe na Península Ibérica. Mas isso só será possível sobre dupla base: melhor metodologia, fundamentalmente um conhecimento combinado das diversas variedades literárias e dialetais do ibero-romance, do árabe padrão e sua dialetologia, particularmente andalusina, tudo isso acrescido de profundo conhecimento das realidades culturais tanto da Europa Ocidental como do mundo islâmico; total renúncia a posicionamentos ideológicos de cunho essencialista, como os que tratam de desvalorizar a contribuição cultural islâmica no Ocidente ou, em terreno contrário,

<sup>5</sup> [...] Lo que es más, [...] se observa en toda ellas un desconocimiento casi total de dialectología árabe y, con la salvedad de Dozy, un conocimiento superficial incluso del árabe clásico, que ha impedido a sus autores detectar nuevos arabismos, corroborar sus supuestos étimos, y rechazar como tales algunos que no pueden serlo [...].

de ignorar totalmente as raízes hispânicas da cultura andalusina, as quais, minoritárias em seu momento frente ao que foram a cultura e a civilização islâmicas da Alta Idade Média, não deixaram de ter sua conseqüência. Claro está que não será freqüente reunir todos esses conhecimentos e aptidões numa só pessoa e que devemos antes pensar em equipes complexas de arabistas, romanistas, berberólogos, iranistas, helenistas, etc., cujo labor combinado poderá produzir resultados mais sólidos e profundos para o melhor conhecimento da *Romania Arabica* [...]. (CORRIENTE, 2006, p. 90-91).

Paralelamente, a investigação do influxo árabe no léxico do português brasileiro demanda a constituição de grupos complexos de pesquisa, envolvendo, além de lingüistas com formação em contato lingüístico intercomunitário, geolingüística, dialetologia e língua árabe, historiadores, cientistas políticos, sociólogos e antropólogos, dentre outros, que possam descrever as relações sócio-históricas estabelecidas entre as diferentes comunidades em contato como base para a compreensão das suas conseqüências lingüístico-culturais.

Novos temas, então, passariam a integrar o âmbito dos estudos da Filologia Árabo-Românica, a exemplo de:

- a) evolução semântica de arabismos transplantados quando da introdução do português europeu no Brasil;
- b) introdução de arabismos, ao longo dos séculos XVIII ao XIX, por afro-muçulmanos estabelecidos no Brasil à época da escravidão;
- c) adoção, por variedades regionais do português brasileiro, de arabismos introduzidos por imigrantes árabes e/ou muçulmanos em levadas recentes de imigração;
- d) influência da língua árabe no português brasileiro empregado por imigrantes árabes e/ou muçulmanos;
- e) influência do português brasileiro na língua árabe usada pelos imigrantes árabes e/ou muçulmanos;
- f) reflexo de aspectos lingüístico-culturais do contato português-árabe na literatura brasileira, tanto na popular literatura de cordel quanto na literatura dita *de imigrantes*.

Arabismos românicos foram abordados por estudiosos de nacionalidades diversas e com diferentes orientações intelectuais, atendendo a objetivos também diversificados, quais a tradução, a melhor compreensão da História ou o conhecimento do vocabulário resultante do contato árabo-românico. Na seção seguinte, citam-se algumas obras que têm arabismos ibéricos e, particularmente, portugueses por tema.

## 2.2 A literatura sobre arabismos

A aquisição de material léxico árabe ou intermediado por esta língua foi objeto de descrição e análise por autores diversos, em obras concernentes a domínios linguísticos distintos, produzidas em épocas variadas. Apresentamos, nesta seção, uma abreviada exposição crítica daquelas mais citadas na produção acadêmica de publicação mais recente, aqui classificadas como obras clássicas ou contemporâneas, sobre arabismos ibéricos ou outros, produzidas no exterior ou no Brasil.

### 2.2.1 Obras Clássicas

Os arabismos portugueses são abordados em obras consideradas fundamentais, publicadas antes do advento da Linguística Moderna, cuja proposta de abordagem científica da linguagem proporcionou avanços teóricos e metodológicos nas investigações, cabendo, portanto, uma revisão dessa literatura, inclusive dos sistemas de transcrição ou de transliteração usados à época da sua elaboração e publicação, como veremos mais adiante, na seção 2.2.4 (CORRIENTE, 1996, p. 02, 03; QUINSAT, 2005, p. 03-04).

A primeira incursão no assunto verifica-se em fins do século XVIII, no contexto da reforma pombalina e do início do estudo de línguas orientais (hebraico, árabe e siríaco) no Convento de Jesus da Ordem Terceira, em Lisboa, com a finalidade de se traduzir com maior segurança o Antigo Testamento (MACHADO, 1997, p. 125-126).

Deve-se ao Fr. João de Sousa, natural de Damasco, que chega a Lisboa por volta de 1750, exerce a docência de língua árabe na Universidade de Coimbra a partir de 1758, mas volta a Lisboa, passando a acompanhar representantes do governo em viagens a cortes norte-africanas - no reino do Marrocos, com partida em 1773, e da Argélia, de 1786 a 1796. É sócio-correspondente da Academia Real das Ciências e, com a oficialização por decreto régio, em 1795, das aulas de língua árabe do Convento de Jesus da Ordem Terceira, assume, neste, o cargo de professor, que exerce até o seu falecimento, em 1812 (MACHADO, 1997, p. 128-131).

A sua obra *Vestígios da Lingua Arabica em Portugal ou Lexikon Etymologico das Palavras e Nomes Portuguezes, que Tem Origem Arabica*, publicada em 1789, traz uma breve história do influxo árabe na língua portuguesa e dos estudos até então realizados referentes ao tema, a que segue uma explicação sobre a presença do artigo árabe *al* nas palavras portuguesas. Trata, além do léxico, de topônimos, cujo estudo apresenta problemas, seja pelas

dificuldades encontradas no próprio tema – pela mudança do sentido original verificada na(s) palavra(s) que os compõe(m) e pela vitalidade dos topônimos, fatos estes que demandam maior quantidade de documentos como fonte de pesquisa, prudência nas correlações estabelecidas e muita prática de investigação linguística –, seja pelas fontes nas quais o Fr. João de Sousa se fundamentou. O tratamento dado ao léxico, na referida obra, se hoje requer leitura cautelosa e contextualizada na época da sua publicação, foi importante nos aspectos histórico, informativo e técnico, tendo sido considerado, por especialistas de renome na área, como o são Engelmann e Dozy, superior ao de obras congêneres. David Lopes, entretanto, critica a etimologia dos vocábulos apresentada pelo Fr. João de Sousa, que considera “fraca”, até mesmo “ridícula” (MACHADO, 1997, p. 133, 142; LOPES apud MACHADO, 1958, p. 10).

Em 1830, a obra do Fr. João de Sousa conhece uma segunda edição, comentada e ampliada por um antigo aluno de língua árabe do Convento de Jesus da Ordem Terceira: José de Santo Antônio Moura. Este, que, diferentemente do mestre, se dedica antes à tradução com vistas à divulgação de documentos árabes, principalmente de natureza histórica, já trabalha, em 1795, como professor substituto da disciplina de língua árabe no referido convento e sucede o antigo professor no cargo público de Oficial Intérprete da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos, que exerce até 1840, quando falece.

Avanços teóricos e metodológicos nos estudos da linguagem, à época, não permitem a José de Santo Antônio Moura expurgar a referida obra dos equívocos que traz (MACHADO, 1997, p. 130-131, 133-135), compreendendo que a fase inaugural da Linguística Científica não contempla aspectos relacionados especificamente ao contato de línguas e à língua árabe, surgindo estudos como o de Hermann Paul (1988) nos últimos anos do século XIX.

Mais e meio século depois, destaca-se David Lopes como historiador – dos muçulmanos na Península Ibérica e dos portugueses no Norte da África – e como lingüista. No campo dos estudos da linguagem, envereda, sobretudo, pela toponímia portuguesa de origem árabe, abordando o léxico comum apenas em *Cousas arábico-Portuguesas: Algumas Etimologias e Alguns Vocábulos Portugueses de Natureza Religiosa, Étnica e Lexicológica*. Publica, ainda, um tratado de fonética, o *Trois Faits de Phonétique Historique Arábico-Hispanique* (1906), cujas explicações, dentre as quais a evolução do latim *Tagus* para o português *Tejo*, são, hoje, clássicas. Infelizmente, falece antes de concluir a obra *Os Árabes na Língua e na História de Portugal*, para a qual buscara dados inclusive em Paris e em Londres (MACHADO, 1997, p. 140-143).

Mais recentemente, José Pedro Machado publicou *Ensaio Arábico-Portugueses* (1997), compilação de artigos sobre o tema, escritos entre os anos de 1959 e 1995, alguns dos quais revistos à época da publicação, mas originalmente escritos nos anos 40 do século XX. A obra traz índice remissivo dos assuntos e vocábulos analisados pelo autor, que ainda remete os interessados em arabismos a outras três obras suas, *Comentários Sobre Alguns Arabismos do Dicionário de Nascentes* (1940), *Influência Árabe no Vocabulário Português* (1958) e *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (1952).

Em *Influência Árabe no Vocabulário Português*, importante obra publicada em 02 volumes, Machado registra 954 arabismos, dentre nomes comuns, antropônimos e topônimos, cuja apresentação é antecedida por comentários extraídos das primeiras reflexões metalingüísticas sobre a língua portuguesa, trazendo inclusive citações diretas de João de Barros, Fernão de Oliveira e Duarte Nunes de Leão sobre a presença de arabismos na então *lingoaJe(m)*, além de abordar problemas de transcrição portuguesa do alfabeto árabe (TEYSSIER, 2001, p. 22, 126; MACHADO, 1958, p. 7-13).

A obra de Miguel Nimer, *Influências Orientais na Língua Portuguesa: os vocábulos arabizados, persas e turcos*, originalmente publicada em 1943 (tomo I) e 1944 (tomo II), foi reeditada em 2005 por seu sobrinho, Carlos Augusto Calil, com a colaboração da professora de língua e literatura árabes da USP, Safa Abou-Chahla Jubran. Este livro, cuja reedição levou 04 anos para ficar pronta, trata de vocábulos de várias origens, como hebraica, fenícia, aramaica e síriaca, além da árabe. Traz índice do vocabulário português de origem oriental e textos de filólogos brasileiros publicados em jornais à época da primeira edição da obra (de Serafim da Silva Neto e de Silveira Bueno, por exemplo), além de breve biografia do autor redigida pelo sobrinho-editor.

Caracteriza-se esta obra pela rica abonação textual, pela citação das raízes árabes, em geral trilíteras, e por comentários analíticos que a tornam acessível não apenas aos iniciados nos estudos filológicos (VARGENS, 2006, p. 240). O rigor teórico-metodológico com que procedeu à elaboração do texto se reflete, por exemplo, na transcrição fonética, ao considerar o contexto fônico e estabelecer símbolos diversos para um mesmo grafema, além de se valer da inventividade ao escolher símbolos para o registro de encontros vocálicos, tarefa que não é simples mesmo com os recursos proporcionados pela informática hoje (JUBRAN, 2004, p. 24).

Entretanto, a crítica de José Pedro Machado à primeira edição da obra não é favorável, e abrange teoria e método nesta empregados, como limitação à análise de raízes, falta de indicação de etimologia, aparente desconhecimento de processos de composição e de

derivação em árabe, falta de referência a dialetos árabes e andalusinos envolvidos no processo de transmissão de arabismos à língua portuguesa, análise limitada à comparação da forma portuguesa à correspondente em árabe clássico (MACHADO, 1958, p. 10-12).

Dentre as obras produzidas por nativos de línguas não-ibéricas, encontra-se o *Dictionnaire des Mots Espagnols et Portugais Derivés de l'Arabe*, publicado pelo arabista holandês W. H. Engelmann em 1861, mas cujos compromissos com a Sociedade Bíblica Holandesa o impedem de revisar uma segunda edição, necessária, dada a escassez de estudos a respeito e a receptividade da obra. Esta nova edição viria à luz em 1869.

Cabe a empreitada, assim, a outro erudito holandês, cuja produção se estende pelas áreas da História, Geografia e Lexicologia, mas cujo tema é, no mais das vezes, a presença muçulmana em solo ibérico durante a Idade Média: Reinhart Dozy, nascido em 1820 na cidade holandesa de Leiden, em cuja universidade leciona e onde morre aos 63 anos. Membro de uma família de origem francesa e huguenote, a sua produção acadêmica é geralmente escrita na língua dos seus ancestrais.

O seu profundo conhecimento da língua árabe lhe proporciona o contato direto com fontes primárias muçulmanas, além das cristãs, para obtenção de dados para suas pesquisas e as suas obras possibilitam o conhecimento de muitos aspectos resultantes da convivência intercultural, interétnica, inter-religiosa encetada na Península Ibérica, da qual resultam inevitavelmente conseqüências lingüísticas, para as quais Dozy tampouco deixa de atentar.

Das suas anotações resultam obras lexicológicas sobre a língua árabe – como o *Dictionnaire Détaillé des Noms de Vêtements chez les Arabes* (1845) e o *Supplément aux Dictionnaires Arabes* (que conta com três edições, a última das quais datada de 1967) – e sobre arabismos peninsulares, a saber, a supracitada revisão – e ampliação – do *Dictionnaire* de Engelmann, que viu o seu número de páginas triplicar, passando das 137 páginas iniciais para mais de 400, na edição seguinte.

O objeto de estudo da obra de Engelmann-Dozy é, na verdade, o vocabulário espanhol de origem árabe, servindo o português como parâmetro para o influxo lingüístico árabe na Península. Dentre as obras lexicográficas portuguesas consultadas por Dozy figuram as de Morais, Vieira e Viterbo. Apesar de não creditar aos frades João de Sousa, José de Santo Antônio Moura e Raphael Bluteau o mérito de fontes sistematicamente consultadas, estes têm o nome citado em um ou outro verbete. José Pedro Machado levanta a hipótese de Dozy não ter julgado confiável a obra do Fr. João de Sousa, apesar de constituir, até então, a de maior envergadura e importância sobre os arabismos portugueses. Com efeito, Engelmann não

considera confiável a tradução portuguesa da obra de Avicena na qual o Fr. João de Sousa recolheu os arabismos da área da Medicina, os quais não se encontram em outras obras em português e que, portanto, Engelmann julga criações do tradutor, o judeu Xalom de Oliveira (DOZY apud MACHADO, 1958, p. 09-10).

Ao texto de Engelmann, fielmente reproduzido, Dozy acresce o seu, que identifica com asterisco. Dozy se pauta na sua própria etimologia, recorrendo, às vezes, a Diez, Müller e Mahn.

Entretanto, e apesar de toda a sua erudição, a obra apresenta equívocos como: a) o reconhecimento enquanto arabismos de vocábulos que não o são (como o verbo *açular* e o substantivo *papagaio*); b) a atribuição de étimo equivocada a vocábulos (*alarve* resulta da evulsão do coletivo *al-‘arab*, como já mencionara Engelmann, e não de *al-‘arabî*, como pensou Dozy); c) o desvio na rota percorrida pelo vocábulo (*sultão* não vem diretamente do árabe clássico *sultān*, mas chega à língua espanhola por intermédio do italiano); d) a não identificação de variantes de formas lexicais (*mocadão*, que introduziu no *Dictionnaire*, e *almocadén*, já dicionarizado por Engelmann; *maravedi*, apontado por este, e *morábito*, acrescido por Dozy; *alfadia* e *odiá*).

Por outro lado, Dozy é muito feliz no tratamento de casos de evolução semântica, graças à minúcia com que procedeu às investigações (como na associação de *algoz* à tribo turca conhecida por *Gozz* – termo este designativo também a etnia curda – que contava com prestigiados arqueiros, cujos préstimos, deixando de se fazer úteis, viram-se reduzidos a tão só executar a justiça, levando o vocábulo a assumir a atual acepção portuguesa de ‘carrasco’).

Dozy foi capaz, ainda, de perceber empréstimos – gregos, latinos – difundidos pela língua árabe e a via popular de introdução de inúmeros arabismos peninsulares, enfatizando a importância de se conhecer a pronúncia do árabe andalusino para a correta atribuição de étimos (MACHADO, 1997, p. 232-233, 240-245).

Muito citado é o *Glosario Etimológico de las Palabras Españolas de Origen Oriental*, de Leopoldo de Eguílaz y Yanguas, publicado em 1886 e reeditado em 1974. O orientalista Eguílaz ensinou na Universidade de Granada, na qual introduziu o estudo do sânscrito. Desta obra, caracterizada pelo pioneirismo e pela erudição do século XIX, bem como da de Engelmann-Dozy, ainda é possível recolher dados interessantes, apesar de a fundamentação teórica requerer prudência, por ser desatualizada.

Mencione-se, ainda, o Fr. Pedro de Alcalá, o qual, apesar de suas obras incidirem diretamente sobre a língua árabe de Granada, também merece atenção por ser frequentemente citado em pesquisas sobre arabismos. Legou-nos a *Arte para Ligeramente saber la lengua*

*arauiga* (Granada, 1505), produzida no contexto de conversão forçada e em massa de muçulmanos remanescentes no Reino de Granada, o que demandava o ensino da doutrina cristã aos mesmos. O arcebispo de Granada, de quem Pedro de Alcalá foi conselheiro e confessor, dirigia-se aos muçulmanos e cristãos-novos em árabe, exigindo o mesmo dos seus sacerdotes. Assim, Pedro de Alcalá propôs-se a lhes facilitar a tarefa, apesar de não ter se dedicado, em sua formação, ao estudo das Letras. Trata-se, portanto, de uma obra de instrução religiosa, precedida de uma gramática, às quais dedica, respectivamente, 54 e 42 páginas (DROST, 2002, p. 01, 02, 07).

Já no *Vocabulista Arauigo en Letra Castellana* (publicado em volume único com a *Arte*) constam vocábulos da língua árabe correntemente falada em Granada e arredores. Pautou-se Alcalá em uma compilação de palavras castelhanas realizada por António de Nebrija, a qual adaptou ao árabe. Para isso, contou com a colaboração de sábios alfaquis. O fato de não conhecer a língua árabe, de não ter estudado Letras e de ter contado com a colaboração de muçulmanos na elaboração do dicionário leva a crer que Pedro de Alcalá tenha investido pelo menos os últimos anos da década de 1490 nesta árdua empreitada. Assim, a sua redação seria anterior à da *Arte* (DROST, 2002, p. 03, 05, 06).

### **2.2.2 Obras contemporâneas**

Como arabista das línguas ibéricas, destaca-se, na atualidade, Federico Corriente, da Universidade de Saragoça. Dedicou-se, nos anos 70, ao estudo do dialeto árabe andalusino e à edição crítica de obras que lhe proporcionam aprimorar os seus conhecimentos sobre este dialeto árabe e que resultam na publicação de *A Dictionary of Andalusí Arabic* (1997). Paralelamente, revisa os arabismos hispânicos, castelhanos e catalães, propostos por Corominas e pelo *Diccionario de la Real Academia Española*, estendendo a pesquisa aos arabismos portugueses. Observou, ainda, arabismos de domínios lingüísticos menos explorados, como galego, asturiano, leonês, navarro, aragonês, andaluz, etc. Do conjunto das suas pesquisas, surgiu, em 1999, o *Diccionario de arabismos y voces afines en iberorromance*.

A segunda edição ampliada da referida obra, publicada em 2003, subdivide-se em cinco partes (CORRIENTE, 2003, p. 10-701): 1. um prefácio introdutório de caráter biográfico (CORRIENTE, 2003, p. 9-16); 2. uma descrição gramatical dos arabismos ibero-romances (p. 17-65); 3. o dicionário propriamente dito (CORRIENTE, 2003, p. 67-481); 4. três anexos, um com falsos arabismos (CORRIENTE, 2003, p. 483-497), um índice de

vocábulos importados pelo ibero-romance das mais diversas línguas – como acádio, árabe, aramaico, berbere, celta, egípcio, etíope, fenício ou púnico, grego, hebraico, sânscrito, latim, persa, romance andalusino e hibridismos árabe-romance, turco, etc. (CORRIENTE, 2003, p. 497-570) e um terceiro anexo, com adições e correções à primeira edição, resultantes de atualização bibliográfica (CORRIENTE, 2003, p. 589-607); 5. a bibliografia utilizada, com a observação de que outras obras foram omitidas, apesar de importantes, por não terem sido expressamente citadas no *Diccionario*. Constitui esta obra na atualidade a principal referência da Filologia Árabo-Românica concernente aos arabismos ibéricos (ROZA CANDÁS, 2004, p. 282-285; VIGUERA MOLINS, 2000, p. 165-166; VILLAVARDE AMIEVA, 2001, p. 190-214; VARGENS, 2007, p. 33).

Myriam Benarroch é autora de uma tese de doutoramento sobre a contribuição dos arabismos à língua portuguesa quinhentista, intitulada *Des Premiers Dictionnaires (Jeronimo Cardoso) aux Textes: L'Apport Lexical des Arabismes dans la Langue Portugaise du XVI<sup>e</sup> Siècle*, desenvolvida nas universidades de Paris 3 e de Évora e defendida em Paris em 2000. A autora está por publicar um dicionário de arabismos do português do século XVI.<sup>6</sup>

Yvonne Kiegel-Keicher, da Universidade de Zurique, investigou arabismos ibero-românicos, envolvendo os domínios lingüísticos do espanhol, do catalão e do português, relacionados à construção, ao urbanismo e à habitação, numa pesquisa linguística, cultural e histórica. Sua tese, *Iberoromanische Arabismen im Bereich Urbanismus und Wohn Kultur: Sprachliche und kulturhistorische Untersuchungen*, foi publicada em janeiro de 2005 pela editora Max Niemeyer (VIGUERA MOLINS, 2002, p. 52).

No Brasil, publicaram-se obras sobre arabismos portugueses, em geral por arabistas sem formação em Letras ou Lingüística, a exemplo de *Arabismos: Uma Mini-Enciclopédia do Mundo Árabe*, do professor Rubem Franca, cardiologista de formação, cuja obra foi publicada conjuntamente pela prefeitura da cidade de Recife e pela Universidade Federal de Pernambuco em 1994. Como o próprio subtítulo indica, trata-se antes de uma obra de divulgação da cultura árabe-islâmica que aponta, particularmente, seus reflexos na língua e na cultura brasileiras. Traz esta obra o vocábulo, sua origem, quando o árabe constitui língua-ponte na sua transmissão para a língua portuguesa, aceção e, quando possível, abonação. Eventualmente, traz desenhos para ilustrar os referentes designados pelos arabismos. Nas referências bibliográficas são apresentados 100 títulos, a maioria dos quais relacionada à história e à literatura, mas entre as obras consultadas figuram obras filológicas conceituadas,

---

<sup>6</sup> Ainda inédito, conforme contato com a autora realizado por e-mail. Mensagem recebida por <samantha@ufpi.br> em: 08 nov. 2009.

como o dicionário etimológico de Antenor Nascentes e o de Corominas. Entretanto, as obras mais recentes ali registradas datam de 1978 (FRANCA, 1994, p. 185-189).

Em 2006, a Universidade Federal de Santa Catarina trouxe à luz o *Dicionário de Termos Árabes da Língua Portuguesa*, de Júlio Doin Vieira, professor titular aposentado de otorrinolaringologia da referida Universidade. Na Introdução (p. 13-15), o autor contextualiza a produção da obra: “Em uma daquelas muitas noites de insônia, entre uma madorra e outra, tivemos a intuição de escrever este livro (...)” (VIEIRA, 2006, p. 13), pois “[...] também desejamos estudar e aprender os conceitos e valores árabes em nossa cultura, com o intuito preciso de colaborar numa tentativa de divulgação nacional” (VIEIRA, 2006, p. 14).

Quanto à metodologia empregada no levantamento dos arabismos registrados no *Dicionário de Termos Árabes da Língua Portuguesa*, restringiu-se o autor à identificação, no *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha (1982), das palavras, direta ou indiretamente, originadas na língua árabe, com informações complementares buscadas nas demais obras indicadas nas referências bibliográficas.

Estas trazem apenas 08 títulos: além do *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (A. G. CUNHA, 1982), há as edições mais recentes dos dicionários *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa* (FERREIRA, 1999) e do *Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 1998), obras estas de grande prestígio na Lexicografia Brasileira. Há, ainda, o *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras* (1976), o *Lello Universal: Dicionário Luso-Brasileiro* (s.d) e o *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (s.d.), além da *Enciclopédia Universal* (1969) e da *Grande Enciclopédia Delta-Larousse* (1977).

Os verbetes do *Dicionário de Termos Árabes da Língua Portuguesa* têm a seguinte microestrutura: lexia que lhes serve de entrada, informações gramaticais, etimologia, rubrica, acepção e informações lingüísticas complementares (a exemplo de plural, conjugação e remissão a variantes).

Todas as variantes constituem entradas, o que aumenta significativamente o número de verbetes da obra. Os vocábulos iniciados por *a* somam 1937 registros. Assim, constituem entradas, por exemplo, *abessino* e *abexim*; *acenha* e *azenha*; *alparca*, *alparcata*, *alpargata*, *alpercata*, *alpergata*, *arrefém* e *refém*, *dragomano* e *drogomano*; *esfia*, *esfiha* e *esfirra*; *mouro* e *moiro*; *muxarabi* e *muxarabiê*.

O mesmo ocorre no registro de formas derivadas, dicionarizadas cada qual em um verbe e não como subentradas de uma palavra primitiva: como *alpargateiro* (e suas

variantes *alparcateiro*, *alpercateiro*, *alparqueiro*, *alpargataria* e *alpercataria*) e *alpargataria* (*alpercataria*), de *alpargata*.

Honrosa exceção constitui a obra *Léxico Português de Origem Árabe: Subsídios para os Estudos de Filologia*, publicada pela editora Almadena em 2007 e da autoria de João Baptista de Medeiros Vargens, professor aposentado do setor de estudos árabes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, obra resultante de pesquisa de doutoramento realizado na Universidade de Lisboa e concluída em 2000.

Vargens, graduado e pós-graduado em língua árabe pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, viveu na Síria, onde fez uma especialização em língua árabe, e no Marrocos, onde atuou como leitor de língua portuguesa. Como arabista, colaborou na elaboração do *Dicionário Árabe/Português-Português/Árabe* (SABBAGH, 1988), publicado conjuntamente pelas editoras Ao Livro Técnico e da Universidade Federal do Rio de Janeiro, além de revisar os arabismos do dicionário *Novo Aurélio Século XXI* (FERREIRA, 1999). Em 1982, Vargens já havia publicado *Islamismo e Negritude: Da África ao Brasil, da Idade Média aos Nossos Dias*, em parceria com Nei Lopes, preciosa obra na qual os autores narram o surgimento do Islã na Arábia, a introdução deste na África, a chegada do Islã Negro ao Brasil, à época da escravidão, com descrição da cultura dos escravos islamizados e dos ritos por estes aqui praticados. Desde 2007, Vargens dirige a editora Almadena, por ele fundada para difusão da cultura árabe e/ou islâmica no Brasil.

O plano geral da obra *Léxico Português de Origem Árabe* comporta 03 partes, a primeira das quais encerrando informações básicas gerais para melhor compreensão da presença de arabismos na língua portuguesa, além de informações teórico-metodológicas para aproveitamento mais eficaz no seu manuseio (VARGENS, 2007, p. 27 a 77); a segunda constituída pela compilação do vocabulário português de origem árabe (VARGENS, 2007, p. 79 a 220) e a terceira com a apresentação dos principais campos semânticos nos quais este vocabulário se organiza, sua análise quantitativa, além de um índice geral dos itens lexicais registrados na obra e as referências bibliográficas (VARGENS, 2007, p. 221 a 272).

A segunda parte do *Léxico Português de Origem Árabe* (VARGENS, 2007) é constituída de 769 verbetes assim constituídos: lexia que lhes serve de entrada, informações gramaticais, etimologia, acepções, variantes, variantes arcaicas, datação, abonação datada, e, na condição de subentradas, formas derivadas para as quais se apresentam informações gramaticais e acepção. Em se fazendo necessário, complementa o verbete uma observação acerca da evolução semântica do arabismo, de alguma particularidade no uso atestado pela abonação textual ou da área geográfica em que o vocábulo ocorre.

A abrangência do léxico documentado se faz sentir nas 2000 formas totalizadas pelas entradas e subentradas, não se contabilizando, aí, as variantes fonéticas e morfológicas dicionarizadas.

A terceira parte da obra se constitui de um levantamento de 17 campos semânticos e categorias gramaticais em que os arabismos portugueses se organizam, com distribuição dos arabismos pelo século de registro na língua (VARGENS, 2007, p. 221-225); de quadro com a quantificação de itens dicionarizados por campo e pela datação do registro mais antigo de que se tem notícia para a língua portuguesa (VARGENS, 2007, p. 226), além do índice geral dos vocábulos dicionarizados, com tipos gráficos específicos para identificação daqueles que constituem entrada principal (VERSALETE), variantes (*itálico*) ou palavras e expressões variadas (redondo) (VARGENS, 2007, p. 227-260).

Nas referências bibliográficas encontram-se 281 títulos, dos quais 272 em línguas ocidentais e 09 em árabe.<sup>7</sup> As obras citadas contemplam, dentre outras, as áreas da Lingüística, da Filologia, da Literatura, da História e da Sociologia, além de conceituados dicionários de língua e de etimologia e as principais obras, clássicas ou modernas, sobre arabismos (VARGENS, 2007, p. 261-272).

O interesse pelos arabismos se reflete também em outros domínios, em que igualmente são investigados, como demonstra a obra de Majid El Houssi, *Les Arabismes dans la Langue Française* (2002), além de teses e artigos com o propósito de revisar verbetes de arabismos de dicionários de grande porte, a exemplo da tese de doutorado de Mostafa Ammadi, sobre arabismos no *Diccionario de la Real Academia Española*, e os artigos sobre os arabismos na versão eletrônica do *Trésor de la Langue Française*, da pesquisadora Françoise Quinsat, falecida em dezembro de 2008. No âmbito das línguas germânicas, uma tese de Doutorado, defendida em 1994 na Universidade de Heidelberg por Raja Tazi, *Die Arabismen im Deutschen: lexikalische Interferenzen vom Arabischen ins Deutsche*, descreve 200 arabismos alemães de uso comum, dos cerca de 350 previstos para esta língua. O trabalho, publicado pela Walter de Gruyter em 1998, contextualiza sócio-historicamente a

---

<sup>7</sup> Tradução da bibliografia em árabe, fornecida pelo autor: AL-BUSTANI, B. **Oceano do oceano**. Beirute: Editora do Líbano, 1983; AL - BUSTANI, F. A. **Guia dos estudantes**. Beirute: Casa do Oriente, 1975; AL-JARR, K. **Dicionário árabe moderno Larousse**. Paris: Larousse, 1973; AS-SAFRUSNI, I. **Introdução aos fonemas**. Casablanca: Casa Tuqal, 1987; AL-IASUAAI, R. N. **Tesouros da Língua Árabe**. Beirute: Casa do Oriente, 1983; HASSAN, T. **Os fonemas**. Casablanca: Casa da Cultura, 1981; SIBAUAIH. **Livro de Sibauaih**. Beirute: Mundo dos Livros, 1975; FLAICH, H. **O árabe clássico**. Beirute: Casa do Oriente, 1986; KAMAL, M. B. **Estudo Geral da língua: os fonemas**. Cairo: Casa do Conhecimento, 1980. VARGENS, J. B. de O. Tradução da bibliografia em árabe [e-mail]. Mensagem recebida por: <samanthamaranhao@bol.com.br> em: 16 mar. 2009.

aquisição dos empréstimos pelo alemão e fala dos idiomas que intermediaram o processo (QUINSAT, 2006; MONTERO MUÑOZ, 2002, p. 468-471).

Corriente (1996, p. 03) cita como bibliografia básica, valiosa e mais recente a obra *Kleines vergleichendes Wörterbuch der Arabismen im Iberorromanischen und Italienischen*, de R. Kiesler, à qual, entretanto, não tivemos acesso. Viguera Molins (2002, p. 53), por seu turno, menciona o trabalho de B. E. K. Neuvonen, sobre arabismos usados à época de Alfonso X em dois estudos clássicos, *Los arabismos de las Cantigas de Santa Maria* (1951) e *Glosario preliminar de voces de origen árabe y persa en las traducciones hechas por orden del rey don Alfonso X el sabio* (1953).

### **2.2.3. Arabismos no português brasileiro**

Com relação à introdução de arabismos no português brasileiro, há uma obra que trata das conseqüências do contato português-árabe verificado no contexto escravagista: *Arabismos entre os Africanos na Bahia*, de Faris Antônio Salomão Michaele, publicada em Curitiba, pela editora Requião, em 1968.

Constitui-se de 06 capítulos, dedicados, em linhas gerais, a: capítulo I: aspectos étnicos, culturais e lingüísticos da África; relações entre camitas e semitas com afro-negros, conseqüências dos contatos culturais ali verificados (MICHAELE, 1968, p. 14-46); capítulo II: islamização da África negra, presença afro-muçulmana no Nordeste do Brasil e seu papel na formação do povo brasileiro, haussás e iorubás, arabismos nos candomblés (MICHAELE, 1968, p. 47-74); capítulo III: influxo árabe no iorubá, Nina Rodrigues e os estudos africanológicos, a posse de passagens do Alcorão por escravos (MICHAELE, 1968, p. 75-88); capítulo IV: arabismos ou elementos afro-asiáticos no vocabulário primitivo de línguas e dialetos da África Ocidental (MICHAELE, 1968, p. 89-106); capítulo V: arabismos segundo Nina Rodrigues, outros possíveis arabismos; a lingüística na compreensão da interculturalidade, sua relação com ciências afins (MICHAELE, 1968, p. 107-119); capítulo VI: relações entre os idiomas canúri e árabe, a língua tapa; línguas semíticas no conjunto dos grupos lingüísticos; conclusão (MICHAELE, 1968, p. 121-134).

A bibliografia traz 405 títulos, os quais contemplam as áreas da Lingüística (Geral, Descritiva, Comparada), Antropologia (Geral, Cultural, Estrutural e Física), Etnografia e Etnologia, Folclore, Geografia e História (da África e do Brasil), Geologia, Religião, Sociologia e mesmo Culinária, além de diversos textos literários e filosóficos.

Para este trabalho, fazem-se as mesmas ressalvas válidas para as obras até então citadas. O autor, apesar da sua inquestionável erudição, não tem formação específica em Lingüística. Graduado em Direito, exerceu o magistério secundário e universitário, mas sabe-se, por cartas de apreciação de outra obra sua e pelo título das demais obras por ele publicadas, que seu escopo de interesse era bastante amplo, incluindo as línguas tupi e inglesa e a Antropologia Física.

Há de se convir, ainda, que as quatro décadas que intermedeiam a publicação de *Arabismos entre os africanos na Bahia* (MICHAELE, 1968,) e a atualidade produziram avanços teórico-metodológicos tanto na área da Lingüística quanto de ciências afins, pertinentes aos estudos do contato lingüístico-cultural em questão, de modo a tornar imprescindíveis novas investigações sobre a contribuição da língua árabe ao português brasileiro, em decorrência da importação de mão de obra escrava islamizada.

Poucos são os estudos específicos sobre arabismos legados ao português americano devido à imigração de árabes e/ou muçulmanos, verificada em pelo menos dois importantes fluxos na sociedade brasileira, o primeiro predominantemente cristão (sírio-libanês); o segundo de maioria muçulmana (como os palestinos), apesar de estes deslocamentos configurarem inegável fato histórico (MONTENEGRO, 2002, p. 64; JARDIM, 2006, p. 171-172), como veremos mais adiante, na seção 2.3.5.3.

Encontra-se em fase de elaboração, na Universidade Estadual de Londrina, uma tese de doutoramento, da autoria de Maria Youssef Abreu, sobre o contato entre as línguas árabe e portuguesa na colônia árabe de Londrina, com o objetivo de descrever a interferência de traços da língua árabe na língua portuguesa falada por imigrantes libaneses (ABREU, 2009, p. 273-274, 276).

De acordo com Abreu (2009, p. 276):

No desenvolvimento da pesquisa junto a comunidade alvo, como ponto de partida, tomou-se a hipótese geral que, dada a evidência apresentada por outros estudos dessa natureza, a interinfluência das línguas imigradas em contato com o português, produzem alterações léxicas em ambos os sistemas. Os exemplos coletados do discurso oral de bilíngües podem demonstrar alguns fenômenos derivados do contato entre as línguas em presença. (ABREU, 2009, p. 276).

Em seguida, ilustra a hipótese com uma série de vocábulos conforme pronunciados por imigrantes, ao lado da qual apresenta a forma portuguesa padrão equivalente:

*estudandu* – estudante; *biçoa* – pessoa; *bocu* – pouco; *prendê* – aprender; *incontrará* – encontra; *iniçu* – início; *bur* – por; *burtunidade* – oportunidade; *bichtighil al brasa*

– trabalhando na praça; *makana qhiát* – máquina de costura; *snúbar* – esnúbar; *tanjara* – panela; *sfiha* – esfirra; quibe; *zeitun* – azeitosa; *lubnen* – libanês; *conseki* – conseguir; *burque* – porquê; *kraças* – graças; *fargone* – vergonha; *inchá`alah* – se Deus quizer [sic]; *parfumi* – perfume; *mania ala noiti* – manhã à noite; *guma* – algum; *difarenti* – diferente; *roz* – arroz; *sucar* – açúcar; *burtukês*, português; *wallah* – juro por Deus; *tabule* – tabule etc. (ABREU, 2009, p. 276).

A autora analisa abreviadamente os fenômenos lingüísticos observados na pequena amostra, apontando o objeto e os objetivos da tese em andamento:

[...] Há interferências de traços do árabe, identificadas como estrangeirismos, nos vocábulos *zeitun*, *tanjara*, *snubar* etc.; empréstimos lingüísticos já dicionarizados, pelas palavras *tabule*, *quibe* e *esfirra*; trocas de códigos, nas expressões *bichtighil al brasa*, *mania ala noiti* [sic], além de outros como decalcos, convergências etc. No nível fonético-fonológico, os vocábulos *biçoa*, *guma*, *fargone* e *conseki*, justificam a inequivalência de diversos fonemas consonantais entre os sistemas fonológicos. A análise detalhada de interferências de traços árabes, no português produzido por imigrantes libaneses, de modo particular, constitui o objeto central de nosso estudo. (ABREU, 2009, p. 276).

Dos contatos português-árabe verificados no Brasil, à época da escravidão e, posteriormente, da imigração, a literatura especializada registra apenas a introdução de arabismos nos campos semânticos da religião, no caso dos escravos islamizados, e da culinária, por meio dos sírio-libaneses (VARGENS, 2007, p. 35).

Da análise dos arabismos registrados no *Léxico Português de Origem Árabe* (VARGENS, 2007) observamos que, dentre os seus 769 verbetes (não se considerando subentradas com compostos e derivados), 25 foram introduzidos na língua portuguesa pelos “malês”: *açubá*, *adixá*, *aiassari*, *ailá*, *alicali*, *aligenum*, *alimangariba*, *aluá*, *alufá*, *amim*, *assumi*, *azaca*, *barrica da subá*, *bissimilai*, *djema*, o híbrido *fazer sala*, *jihad*, *lemanó*, *maçalassi*, *malê*, *maneco iassalama*, *mussurumim*, *sacá*, *salamaleco* e *tecebá*, o que corresponde a 3,25% do total dos vocábulos dicionarizados na referida obra. Com efeito, dos arabismos malês, apenas *aluá* integra o campo semântico da culinária, os demais figuram no campo religioso (MARANHÃO, 2009a, p. 09-10).

Colheram-se, ainda, no *Léxico Português de Origem Árabe* (VARGENS, 2007), 12 vocábulos legados ao português brasileiro por imigrantes sírio-libaneses, a saber: *baba hanuche*, *beleua*, *cafta*, *esfiha*, *falafel*, *homos*, *laban*, *labna*, *mijadra*, *quibe*, *tabule* e *tahine*. Este vocabulário constitui 1,56% dos arabismos registrados na obra citada, todos pertencentes ao campo semântico da culinária (MARANHÃO, 2009b, p. 06-07), o que corrobora a anteriormente mencionada restrição da aquisição de arabismos, pelo português brasileiro, aos campos semânticos citados.

Entretanto, Maria Youssef-Abreu, em sua dissertação de mestrado intitulada *Um Estudo Terminológico Monolíngüe do Vocabulário da Culinária Árabe*, defendida no Programa de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina em 2005, apresenta 207 termos da culinária do mundo árabe buscado em amplo *corpus* de língua escrita, constituído a partir de livros sobre a história da alimentação, livros e revistas de receitas, cardápios e *folders* de restaurantes árabes, material de divulgação das embaixadas da Arábia Saudita, Argélia, Barein, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Iraque, Marrocos e Kuwait, entrevistas realizadas com imigrantes árabes da comunidade de Londrina e com cozinheiras de restaurantes árabes locais, além dos romances *A Hortelã e a Folha da Uva* (CARNEIRO NETO, 2003) e *Amrik* (MIRANDA, 1997), que abordam a imigração árabe no Brasil, com passagens sobre hábitos alimentares médio-orientais para aqui transplantados.

No glossário, os arabismos da culinária se organizam em 11 campos semânticos, dentre pratos e ingredientes, evidenciando ser a contribuição lexical sírio-libanesa maior, mesmo no que concerne ao único campo semântico tradicionalmente concebido como seu depositário, conforme ilustram os termos a seguir: bebidas (*áraque*); carnes (*auarma, checrie, cheik el mehchi, djêji mahâmara, harira, merguez, muhâmasa, turdos, umkáli, zanderlârus*); condimentos (*zátar, zauba, zhug*); doces (*ainar, burma, garáib, sambúsik*); frutas (*lagmi*); gorduras; grãos (*basila chiríe, lúbi be záit*); laticínios (*chanklich*); massas (*bastela, chichi, bârake, fatier be jibne, rakakat*); ovos (*baid be awarma, ijit hudra*) e vegetais (*fatuche, full umdamas, hábis, mufarque, umçaka*).

Organizados por ordenação alfabética, dentro de cada campo semântico considerado, os verbetes do *Estudo Terminológico Monolíngüe do Vocabulário da Culinária Árabe* trazem a lexia como entrada, seguida da equivalência árabe, da definição, de contexto(s) e referência(s) do(s) contexto(s), de remissiva(s) e de nota.

Também mais adiante, na seção 2.3.5.3, retomaremos esta questão, uma vez que a imigração árabe no Brasil não se restringe à sírio-libanesa dos primórdios, em geral cristã e rapidamente assimilada à sociedade brasileira, verificando-se, ainda, a chegada de imigrantes muçulmanos, caracterizados pela preservação da língua árabe e de costumes médio-orientais, cuja interação com a comunidade lusófona em que está inserida não foi suficientemente investigada.

Mantém-se aberto, assim, o campo dos arabismos portugueses aos lexicólogos e lexicógrafos que se proponham a adentrar o universo do contato de línguas, dos

estrangeirismos, da cultura estrangeira, tornada muitas vezes parte da nossa própria cultura, embora mascarada pela integração lingüístico-cultural.

Cabe ora lembrar o artigo *Presença Moura no Brasil*, de Câmara Cascudo, inicialmente publicado em 1966, reeditado pela Global em 1999, com nova impressão de 2001, no qual o autor aborda a influência moura em vários aspectos da cultura popular brasileira, aqui introduzida pelo colonizador. Em suas palavras: “*O mouro viajou para o Brasil na memória do colonizador. E ficou.*” (CÂMARA CASCUDO, 2001, p. 16).

Neste aspecto, haveríamos de citar, ainda, a obra de Manuelito de Ornelas, *Gaúchos e Beduínos: a Origem Étnica e a Formação Social do Rio Grande do Sul*, cuja quarta edição veio à público pela editora Martins Livreiro em 1999, bem como o ensaio *A Filigrana Árabe nas Tradições Gaúchas*, publicada pela editora Arte em 1952.

Ao longo de sua obra sobre os arabismos dos escravos islamizados na Bahia, Farias Antônio Salomão Michaele também apresenta aspectos da cultura popular brasileira cuja origem é creditada aos árabes, ainda que por intermédio dos escravos muçulmanos, a exemplo do “corpo fechado do jagunço”, da alimentação e da religião (MICHAELE, 1968, p. 59, 77, 79).

Já Luís Soler, em *Origens Árabes no Folclore do Sertão Brasileiro*, obra publicada em 1995 pela editora da Universidade Federal de Santa Catarina, correlaciona violeiros e rabequeiros nordestinos à tradição árabe, descortinando o transplante desta para o Brasil pelo colonizador português e suas conseqüências na cultura brasileira, para, então, deter-se no influxo cultural do Oriente na música e nos instrumentos musicais em uso no Brasil, dada a atuação do autor como professor de violino, música de câmara e estética musical. Citando Manuelito de Ornelas, afirma, a título de ilustração, que o invasor holandês encontrou a população de Recife vivendo “à moda oriental” (SOLER, 1995, p. 42). Claro está que caberia a antropólogos e sociólogos a revisão desta literatura, decorridas décadas desde a sua publicação.

#### **2.2.4 Caracterização dos estudos sobre arabismos**

Os estudos até então produzidos sobre a invasão arábico-islâmica à Península Ibérica e suas conseqüências lingüístico-culturais se caracterizam, em geral, por marcado

posicionamento ideológico, expressamente favorável ou contrário à extensão do influxo árabe nas línguas ibéricas e culturas hispânicas envolvidas; pelo contexto histórico em que as referidas obras foram produzidas, com as limitações teórico-metodológicas de sua época; bem como pelo desconhecimento, ou, antes, conhecimento limitado, de aspectos sócio-históricos, políticos e religiosos proporcionados por investigações mais recentes sobre o contexto extralingüístico do contato árabo-românico na Península Ibérica, além de evidente desconhecimento da língua árabe e de sua dialetologia, pela maioria de seus investigadores.

A parcialidade geralmente verificada na interpretação da conquista da Península Ibérica pelos muçulmanos – e das suas conseqüências – se reflete no estudo dos arabismos. Segundo Corriente (1996, p. 02, tradução nossa):

[...] O impacto psicológico da derrota ante uma invasão não europeia nem cristã será indelével nas mentes ocidentais, motivo pelo qual, valendo-se dos estudos sobre qualquer aspecto da civilização árabe-islâmica, há de se considerar uma distorção pejorativa da realidade, ou antes, posto que esta tendência não passe inadvertida e produza a conseqüente reação ultracorrectora, uma visão otimizada daquela: em ambos os casos, tanto as opiniões do primeiro tipo, bem representadas na Espanha por F. J. Simonet, com as do segundo, de que praticamente não tivemos nossos representantes, citando como modelo o holandês Dozy, deformam a realidade dos fatos, que é imprescindível conhecer para colocar este problema, ainda que apenas na sua vertente lingüística, já que [...] não é por acaso que a estes dois historiadores devamos as duas primeiras e mais importantes obras sobre a interferência do árabe e do romance na nossa Península.<sup>8</sup>

Assim, há pesquisadores que subestimam o influxo sócio-cultural muçulmano e desta postura ideológica resulta inadequado tratamento dos dados lingüísticos, cujo número de empréstimos árabes efetivamente fazem minguar. Dentre os partidários desta ideologia se encontra Francisco Javier Simonet (1829-1897), catedrático de língua árabe na Universidade de Granada, que, na obra *Glosario de Voces Ibéricas y Latinas Usadas entre los Mozárabes* (SIMONET, 1888), chega a procurar no moçárabe influxos românicos (ibéricos) e latinos, como se se negasse a reconhecer-lhe traços tomados do árabe, invertendo o papel de prestígio social do conquistador face ao conquistado e da direção mais provável do influxo (CORRIENTE, 1996, p. 02).

---

<sup>8</sup> El impacto psicológico de la derrota ante una invasión no europea ni cristiana será ya indeleble en las mentes occidentales, por lo que habrá que contar, al utilizar los estudios sobre cualquier aspecto de la civilización árabe-islámica con una distorsión peyorativa de la realidad, o bien, puesto que esta tendencia no pasa inadvertida y produce la consecuente reacción ultracorrectora, con una visión optimizada de aquélla: en ambos casos, tanto las opiniones del primer tipo, bien representadas en España por F. J. Simonet, como las del segundo, del que prácticamente no hemos tenido nuestros representantes científicos, por lo que citaremos como su modelo al holandés R. Dozy, deforman la estricta realidad de los hechos, que es imprescindible conocer para plantear este problema, aunque sea sólo en su vertiente lingüística, ya que [...] no es casualidad que a estos dos historiadores debamos las dos primeras y más importantes obras sobre la interferencia de árabe y romance en nuestra Península.

Na literatura em língua portuguesa, por exemplo, José Pedro Machado (1997, p. 113) afirma que “[...] na vida rural apenas nos ficou, como vestígio dos Mouros, dezenas de vocábulos designativos sobretudo de objetos de primeira necessidade [...]”, bem como “As notícias sobre o conhecimento do árabe pela nossa gente só começam a tornar-se mais freqüentes com o aparecimento dos Portugueses no Norte da África.” (MACHADO, 1997, p. 117). Tais afirmações constituem erro histórico que pode, pela distorção da realidade extralingüística, comprometer a interpretação da história lingüística de uma comunidade.

Como afirma Corriente (1996, p. 02), o reducionismo encontra na exaltação do influxo muçulmano a sua antítese. O avançado desenvolvimento técnico-científico dos invasores, o refinamento e o luxo que caracterizam as suas cortes (califados e emirados) maravilham pesquisadores, que creditam ao árabe a fonte de inúmeros hábitos ocidentais – lingüísticos ou não.

Deste modo, o número de arabismos é ampliado por vocábulos que efetivamente não o são, mas que o desejo de se verem herdeiros de brilhante civilização fez seus investigadores entendê-los como tal. Dozy é representante característico deste grupo ideológico, a quem Corriente (1996, p. 03, tradução nossa) chama “admirador quase romântico das glórias de Alandalus”<sup>9</sup>. Observe-se que, ao revisá-lo, Dozy aumenta significativamente (em 65,75%) o número de páginas do *Dictionnaire* de Engelmann, que então passa de 137 para mais de 400 páginas.

Apesar disso, Corriente (2006, p. 84) afirma:

[...] não houve, neste campo [estudo dos arabismos do ibero-romance e inclusive de outras línguas ocidentais], notáveis distorções de motivação ideológica, mas sim graves carências metodológicas, talvez por exigir um nível de profundos conhecimentos lingüísticos do árabe clássico e dialetal, bem como das línguas hispânicas [...].

Conforme apontado anteriormente, a em geral precária formação dos arabistas, com insuficiente conhecimento lingüístico, de árabe e de seus dialetos, comprometeu a identificação de arabismos e mesmo o estabelecimento de étimos ou a crítica a hipóteses etimológicas já apresentadas. Segundo Corriente (1996, p. 03, tradução nossa):

Por razões cronológicas ou metodológicas, nenhuma das referidas obras fundamentais problematiza a definição de arabismo em ibero-romance, nem questiona a discutível possibilidade de distinguir arabismos e os chamados moçarabismos, nem procura estabelecer os étimos remotos dos arabismos, nem faz uma muito necessária crítica dos sistemas de transcrição ou de transliteração usados até a data. Além disso, se observa em todas elas um desconhecimento quase total da

---

<sup>9</sup> [...] admirador casi romántico de las glorias de Alandalús [...].

dialetologia árabe e, com exceção de Dozy, um conhecimento superficial inclusive do árabe clássico, que impediu a seus autores detectar novos arabismos, corroborar seus supostos étimos e rechaçar como tais alguns que não o podem ser, melhorando assim o reconhecimento do corpus de dados.<sup>10</sup>

E ainda:

A nosso pesar, devemos assinalar com intenção crítica construtiva que os arabistas, particularmente espanhóis, desdenharam em geral participar deste labor [produção de estudos sobre os traços lingüísticos e as atividades literárias das comunidades muçulmanas da Península Ibérica após sua submissão às autoridades cristãs dos reinos de Castela, Aragão, Portugal e Navarra], que recaiu quase sempre sobre os ombros de romanistas com formação arabística menor que a desejável, o que gerou posicionamento errôneo, como se se tratasse de uma parcela a mais dos estudos românicos, com escassa visão de que estes estudos são parte normal da islamologia, em que importa muito conhecer o entorno cultural islâmico e os originais árabes que aparecem traduzidos em romance por muçulmanos ou criptomuçulmanos, e de que inclusive o aljamiado-mourisco como socioleto é em parte gerado por uma imperfeita tradução e em parte reflexo de uma realidade lingüística que principia numa situação de línguas em contato, embora chegue a um peculiar monolingüismo. Quando arabistas com suficiente preparo romanístico, ou romanistas bem apetrechados de conhecimentos islamológicos e língua árabe abordam esses temas os resultados podem ser espetacularmente melhores. (CORRIENTE, 2006, p. 88-89).

Do ponto de vista metodológico, a própria constituição do *corpus*, a partir do qual os arabismos do ibero-romance devem ser investigados, requer atenção, no sentido de se proceder à revisão da literatura medieval na qual devem ocorrer em maior número. Segundo Corriente (1996, p. 06, tradução nossa):

A problemática do estudo dos arabismos do ibero-romance não está, portanto, fechada, uma vez que o corpus documental em que se há de trabalhar não o está, nem foram utilizadas nos estudos precedentes as últimas possibilidades metodológicas, resultantes do melhor conhecimento que adquirimos do entorno lingüístico no qual surgiram.<sup>11</sup>

Aponta Corriente (1996, p. 06, tradução nossa), ainda, textos que devem integrar o corpus de investigação:

---

<sup>10</sup> Por razones cronológicas o metodológicas ninguna de dichas obras fundamentales se plantea la exacta definición de arabismo en iberorromance, ni la discutible posibilidad de deslindar arabismos y los llamados mozarabismos, ni hacen particular hincapié en establecer los remotos étimos de los arabismos, ni una muy necesaria crítica de los sistemas de transcripción o transliteración usados hasta la fecha. Lo que es más, se observa en toda ellas un desconocimiento casi total de dialectología árabe y, con la salvedad de Dozy, un conocimiento superficial incluso del árabe clásico, que ha impedido a sus autores detectar nuevos arabismos, corroborar sus supuestos étimos, y rechazar como tales algunos que no pueden serlo, mejorando así el reconocimiento del corpus de datos.

<sup>11</sup> La problemática del estudio de los arabismos del iberorromance no está, pues, cerrada, puesto que no lo está el corpus documental sobre el que se ha de operar, ni se ha utilizado en los estudios precedentes las últimas posibilidades metodológicas, derivadas del mejor conocimiento que hemos adquirido del entorno lingüístico en el que surgieron.

Completar o corpus requer, obviamente, um lento trabalho de revisão da nossa literatura, sobretudo medieval, na qual muitas obras, por exemplo, as de tipo popular, satírico e festivo, como os cancioneros de burlas, parecem conter mais arabismos do que os detectados até agora, alguns constituindo jargões, mas com força suficiente para sobreviver até nossos dias [...].<sup>12</sup>

Justifica, então, o concurso da abonação textual como meio de não restringir a investigação à coincidência fonética e semântica das formas árabes e românicas, metodologia até então priorizada, a qual induziu a equívocos na filiação genética destas àquelas.

A compatibilidade fonética e semântica, ainda que suficiente para postular o empréstimo entre duas línguas concretas, não constitui prova definitiva e excludente de alternativa, posto que existe um pequeno número de coincidências fortuitas entre lexemas de línguas longinquamente ou de forma alguma aparentadas [...]. [...] a prova definitiva do empréstimo é a existência de documentação escrita que demonstre sua presença em tempo e lugar adequado para a referida transferência e a posterior continuidade de seu uso, de modo que seja possível verificar toda possível evolução fonética e semântica que possa mascarar a referida compatibilidade de origem [...].<sup>13</sup> (CORRIENTE, 2003, p. 20, tradução nossa).

Dentre os importantes avanços metodológicos citados por Corriente (1996, p. 07) estão novos sistemas de transcrição para o árabe andalusino, dado que os sistemas espanhóis anteriores pecavam pela inconsistência do seu internacionalismo (empregando /z/ e /t/ para, respectivamente, a sibilante sonora e a interdental surda, mas preservando /j/ para o equivalente ortográfico espanhol e criando /y/ para a africada palatal sonora), por não considerar a fonologia do árabe andalusino (em que a quantidade vocálica é preterida pela tonicidade e cujo sistema consonântico traz peculiaridades, face ao árabe clássico, como a existência de /p/, /č/ e /g/), dentre outros problemas.

Ratifique-se, entretanto, a boa intenção dos pesquisadores citados, cuja boa-fé não se questiona. Apenas se sugere que estudos mais recentes – e não apenas do âmbito da Lingüística, mas da própria História, da Antropologia e da Sociologia – possibilitam o “ajuste” do quadro, nos pontos em que os seus pintores carregaram nas tintas ou nos quais o registro de uma versão muito subjetiva da realidade desfigurou o objeto retratado, a ponto de não ser mais possível identificá-lo.

---

<sup>12</sup> Completar el corpus requiere, por supuesto, una lenta labor de revisión de nuestra literatura, sobre todo medieval, donde muchas obras, vgr., las de tipo popular, satírico y festivo, como los cancioneros de burlas, parecen contener más arabismos de los detectados hasta ahora, algunos de tipo jergal, pero con fuerza suficiente para pervivir hasta nuestros días [...].

<sup>13</sup> La compatibilidad fonética y semántica, aunque suficiente para postular el préstamo entre dos lenguas concretas, no constituye prueba definitiva y excluyente de alternativa, puesto que existe un pequeño número de coincidencias fortuitas entre lexemas de lenguas lejanamente o en ningún modo emparentadas [...]. [...] la prueba definitiva del préstamo es la existencia de documentación escrita que demuestre su presencia en tiempo e lugar adecuado para dicha transferencia y la posterior continuidad de su uso, de manera que sea posible verificar toda posible evolución fonética y semántica que pueda enmascarar dicha compatibilidad en origen [...]

Hoje, conhece-se melhor a amplitude do influxo muçulmano na cultura ibérica medieval, decorrente da situação política de dominador, reforçada pelo efetivo avanço técnico-científico nas mais diversas áreas (Medicina, Agricultura, Artes), creditando-se às comunidades cristã e judaica a diferenciação exclusiva pela fé professada, mas aculturadas e arabizadas nos demais aspectos (como vestuário, culinária e diversão). É de se esperar, portanto, que o influxo resultante deste contato de línguas seja expressivo (CORRIENTE, 1996, p. 04-05).

Do ponto de vista lingüístico, o romance andalusino, língua românica, é comum às comunidades cristã e judaica, mas, da estreita convivência destas com a língua e a cultura árabes, adquire numerosos empréstimos lexicais, e, mais tarde, quando se acirra a intolerância religiosa por parte das dinastias norte-africanas almôada e almorávida, e a população moçárabe migra sistematicamente em direção ao norte, tais arabismos do romance andalusino são transmitidos aos falares cristãos setentrionais (CORRIENTE, 1996, p. 04-06).

Essa situação de plurilingüismo na Península Ibérica faz surgir uma série de problemas para que a pesquisa sobre o contato árabo-românico deve atentar. Segundo Corriente (1996, p. 05):

a) os empréstimos são tomados do árabe andalusino, não do árabe clássico, da mesma forma que as línguas neolatinas resultam de variedades latinas vulgares e não do latim clássico;

b) verificam-se empréstimos do próprio romance andalusino, freqüentemente adotados do árabe andalusino, constituindo, simultaneamente, arabismos e andalusismos;

c) do bilingüismo e da mudança de código (*code switching*) resultam formas híbridas, árabes com sufixação românica ou, menos freqüentemente, românicas com artigo árabe ou com sufixos de gênero, número, gentílico, dentre outros.

Assim, conforme já apontado na seção 2.1, Corriente (2006, p. 90-91) enfatiza a necessidade de se adotar nova postura metodológica no estudo do influxo árabe nas línguas ibéricas, com o conhecimento combinado de variedades diversas tanto do ibero-romance quanto da língua árabe e das realidades culturais da Europa Ocidental e do mundo islâmico, concomitantemente ao abandono de posicionamentos ideológicos essencialistas, os quais ou desvalorizam a contribuição cultural islâmica no Ocidente ou ignoram as raízes hispânicas da cultura andalusina. É preciso trabalhar, portanto, em complexos grupos de pesquisa constituídos por arabistas, romanistas, berberólogos, iranistas, etc.

Viguera Molins (2002, p. 52) refere-se, ainda, à necessidade de se realizarem investigações que abordem a questão dos arabismos românicos, levando em consideração,

conjuntamente, aspectos diversos, mas interligados, como cronologia da aquisição, vias de entrada, áreas geográficas do contato, grau de integração das formas, uso destas e áreas semânticas dos arabismos, além da contínua revisão da etimologia. Constituiria, para tanto, o rastreamento da “biografia do arabismo” a metodologia adequada, buscando por que e como se dá o seu uso, em que contexto sócio-histórico-cultural.

[...] carecemos, entretanto, de uma monografia de conjunto que estructure comparativamente as diversas faces da questão: como são, principalmente, as cronológicas, vias de ingresso, áreas geográficas, grau de integração e uso e áreas semânticas dos arabismos, principalmente, além da comprovação etimológica básica, muito mais contemplada, mas também em contínua revisão, como, para ilustrar, temos na discutida interpretação do arabismo “adama”, usado pelo arcebispo de Hita, que Dolores Oliver Pérez identifica como transcrição do vocábulo árabe *at-ta‘âm*, “comida”, fundamentando sua conclusão, discutida, com a adequada metodologia: rastrear a biografia do termo, que, neste caso, consiste em analisar o porquê e o como do uso de vocábulos árabes no *El Libro del Buen Amor*: obter a rima, refletir a realidade lingüística do século XIV, com arabófonos em Castela (e sobretudo em Guadalajara e Toledo), caracterizar a condição conversa da personagem que usa tal vocábulo e atender à tendência jogralesca de intercalar, também, “vozes árabes não assimiladas pelo romance”.<sup>14</sup> (VIGUERA MOLINS, 2002, p. 52, tradução nossa).

Ainda segundo esta romanista, o estabelecimento de um *corpus* comparativo de arabismos românicos possibilitaria analisar a sua presença no conjunto das línguas românicas e depreender suas especificidades em cada domínio lingüístico, permitindo conhecer as circunstâncias diversas que concorrem para a importação desse vocabulário estrangeiro. O estudo comparativo possibilitaria, ainda, investigar transmissões indiretas de arabismos, por intermédio de uma terceira língua, a exemplo da presença de arabismos no galego, possivelmente por meio da língua portuguesa (VIGUERA MOLINS, 2002, p. 52, 53, tradução nossa).

Esboçar o marco geral dos empréstimos árabes na România teria um desdobramento, como seria o estabelecimento de um *corpus* comparativo de tais empréstimos às línguas românicas, apenas esboçado por A. Steiger, em *Origin and spread of oriental words in European languages*. Com isto chegaríamos a uma constatação conjunta, que estabelecerá cada situação concreta, constatando as diversas circunstâncias históricas, políticas, sociais e culturais que desencadeiam as

---

<sup>14</sup> [...] carecemos de una monografía de conjunto que estructure comparativamente las diversas facetas de la cuestión: como son, principalmente, las cronológicas, vías de entrada, áreas geográficas, grado de integración y uso y áreas semánticas de los arabismos, principalmente, además de la básica comprobación etimológica, mucho más contemplada, pero también en contnua revisión, como, por poner un ejemplo, tenemos en la discutida intepretación del arabismo “adama”, usado por el Arcipreste de Hita, que Dolores Oliver Pérez identifica como transcripción del vocable árabe *at-ta‘âm*, “comida”, apuntalando su conclusión, discutida, con la adecuada metodología: rastrear la biografía del término, que, en este caso consiste en analizar el porqué y el cómo del uso de vocablos árabes en *El Libro del Buen Amor*: lograr la rima, reflejar la realidad lingüística del siglo XIV, con arabófonos en Castilla (y sobre todo Guadalajara y Toledo), caracterizar la condición conversa del personaje que usa tal vocablo, e incidir en la tendencia juglaresca de intercalar, también, “voces árabes no asimiladas por el romance”.

transferências léxicas, como acaba de comprovar Yvonne Kiegel, em sua tese de doutoramento, *Iberoromanische Arabismen im Bereich Urbanismus und Wohn Kultur. Sprachliche und kulturhistorische Untersuchungen*, que inclui análise de arabismos relativos à área semântica da construção, do urbanismo e da habitação, no âmbito comparado do castelhano, catalão e português.<sup>15</sup>

E mais:

Esta dimensão comparativa, inclusive, serve ou servirá para comprovar as transmissões indiretas de arabismos, por intermédio de uma terceira língua, aspecto que indubitavelmente requer um trabalho enorme, no qual ficam por estabelecer questões fundamentais. Estes aspectos comparativos podem ter a transcendência de nos explicar por que em galego, apesar da escassa presença árabe na Galícia, encontramos bastantes arabismos, como destacou B. E. K. Neuvonen, ao estudar os das suas *Cantigas* galegas; e é bem lógico pensar, para tais arabismos assinalados por Neuvonen, mas ainda há de se analisar com exatidão, a via de transmissão através do português, uma das possíveis entradas de arabismos em galego [...].<sup>16</sup> (VIGUERA MOLINS, 2002, p. 53).

O exposto evidencia ainda haver questões à espera de resposta mesmo para os arabismos ibéricos, que, entretanto, constituíram o principal objeto dos estudos sobre as conseqüências lingüísticas do contato árabo-românico, particularmente problemas relacionados à atribuição de origem, à revisão de hipóteses etimológicas, à análise comparativa de arabismos em diferentes línguas, ao estabelecimento do percurso intra-românico de arabismos e ao próprio uso de arabismos nas línguas ibéricas cristãs, dentre outros.

### 2.3 Sociolingüística

Esta seção traz conceitos essenciais para a compreensão da mudança linguística resultante da interação de grupos de línguas maternas distintas e da diglossia, com foco, portanto, na Sociolingüística intercomunitária de Weinreich e não na de Labov, que

---

<sup>15</sup> Esbozar el marco general de los préstamos árabes en la Romania tendría una derivación, como sería el establecimiento de un Corpus comparativo de tales préstamos a las lenguas románicas, apenas esbozado por A. Steiger, *Origin and spread of oriental words in European languages*. Con esto llegaríamos a una constatación conjunta, que esclarecerá cada situación concreta, constatando las diversas circunstancias históricas, políticas, sociales y culturales que desencadenan los trasvases léxicos, como acaba de comprobar Yvonne Kiegel, en su Tesis Doctoral, *Iberoromanische Arabismen im Bereich Urbanismus und Wohn Kultur. Sprachliche und kulturhistorische Untersuchungen*, que incluye análisis de arabismos relativos al área semántica de la construcción, del urbanismo y de la vivienda, en el ámbito comparado del castellano, catalán y portugués.

<sup>16</sup> Esta dimensión comparativa, incluso, sirve ou servirá para comprobar las transmisiones indirectas de arabismos, por intermedio de una tercera lengua, aspecto que indudablemente requiere un trabajo enorme, y en el que quedan por establecer cuestiones fundamentales. Estos aspectos comparativos pueden tener la transcendencia de explicarnos porqué en gallego, y pese a la escasa presencia árabe en Galicia, encontramos bastantes arabismos, como subrayó B. E. K. Neuvonen, al estudiar los de sus galaicas *Cantigas*; y es bien lógico pensar, para tales arabismos señalados por Neuvonen, pero aún debe analizarse con exactitud, la vía de transmisión a través del portugués, una de las posibles entradas de arabismos en gallego [...].

inicialmente priorizou a variação social de uma mesma língua, mais amplamente divulgada no Brasil e estudada nos cursos de graduação em Letras em nossas universidades.

### 2.3.1 *Comunidade lingüística*

Considerando que o contato de línguas se dá no seio de uma comunidade de fala, há que se definir tal conceito, mais complexo do que o mero “grupo social que compartilha uma língua”, dadas as variações internas naturais a qualquer sistema lingüístico e a existência de comunidades bi- ou multilingüísticas, como aquelas em que usualmente se verificam os fenômenos de bilingüismo, diglossia e interferência lingüística (WARDHAUGH, 1992, p. 117-123).

Segundo Wardhaugh (1992, p. 118, tradução nossa), “É fácil demonstrar que uma comunidade de fala não equivale à de língua [...]”<sup>17</sup> e, ainda, “Além disso, se comunidades de fala são definidas apenas pelas suas características lingüísticas, devemos reconhecer a inerente circularidade de uma tal definição, dado que a própria língua é compartilhada.”<sup>18</sup> (WARDHAUGH, 1992, p. 118, tradução nossa).

A par de características propriamente lingüísticas, os falantes se valem de outras – sociais, culturais, políticas e étnicas, por exemplo – para garantir a identidade do grupo e diferenciá-lo de outros, características estas que constituem os *marcadores de fala* (WARDHAUGH, 1992, p. 118).

[...] através de marcadores de fala, categorizações sociais funcionalmente importantes são discriminadas e estas têm implicações importantes para a organização social. Marcadores de fala têm paralelos claros [...] é evidente que categorias sociais de idade, sexo, etnia, classe social e situação podem ser claramente marcadas com base na fala, e que tal categorização é fundamental para a organização social, apesar de muitas destas categorias também serem facilmente discriminadas de outras maneiras.<sup>19</sup> (GILES, SCHERER, TAYLOR apud WARDHAUGH, 1992, p. 118, tradução nossa).

Com efeito, Weinreich (1967, p. 90-97) faz corresponder às divisões grupais por língua materna uma ou mais divisões de natureza não-lingüística, no que ele denomina “congruências lingüísticas e sócio-culturais” e para as quais apresenta a seguinte tipologia:

<sup>17</sup> It's quite easy to demonstrate that a speech community is not co-terminous with a language [...].

<sup>18</sup> Furthermore, if speech communities are defined solely by their linguistic characteristics, we must acknowledge the inherent circularity of any such definition in that language itself is a communal possession.

<sup>19</sup> [...] through speech markers functionally important social categorizations are discriminated, and [...] these have important implications for social organization. For humans, speech markers have clear parallels [...] it is evident that social categories of age, sex, ethnicity, social class, and situation can be clearly marked on the basis of speech, and that such categorization is fundamental to social organization even though many of the categories are also easily discriminated on other bases.

1. áreas geográficas – com divisão geográfica clara em zonas rurais e em enclaves lingüísticos (a exemplo das zonas de imigração no novo mundo), em oposição às comunidades urbanas bilíngües, núcleos de contatos mais duradouros e íntimos (WEINREICH, 1967, p. 89-90).

2. indigenidade – cancelamento das fronteiras intergrupais em decorrência da migração, com maior exposição da língua transplantada à interferência, pela necessidade de adequação vocabular ao novo *habitat*, pela “desorientação sócio-cultural” do imigrante, que mina a resistência aos empréstimos excessivos na sua língua materna, e pelo rompimento da tradição lingüística mediante casamento entre imigrantes e nativos (WEINREICH, 1967, p. 90-91).

3. grupos culturais ou étnicos – constituição de grupos étnico-culturais distintos nas situações de contato de línguas, levando ao biculturalismo, ou participação em duas culturas, e ao bilingüismo, isto é, à difusão de traços culturais e de elementos lingüísticos, de que resultam interferências léxico-culturais (WEINREICH, 1967, p. 91-92).

4. religião – fronteiras religiosas constituem importante barreira à integração das comunidades, mais até do que o uso de línguas distintas, de modo que nas comunidades bilíngües não-religiosas o contato entre os dois grupos é mais íntimo. No Brasil, por exemplo, famílias de imigrantes alemães protestantes são emocionalmente mais ligadas à língua alemã do que aquelas que professam a fé católica (WEINREICH, 1967, p. 92-93).

5. raça – a correlação entre fronteira lingüística e racial se verifica quando uma das comunidades rechaça casamentos intergrupais, dificultando o bilingüismo doméstico precoce. No Brasil, ocorreu mais claramente entre imigrantes japoneses e nativos do que entre estes e os imigrantes alemães (WEINREICH, 1967, p. 93).

6. sexo – a congruência de fronteiras lingüísticas e de sexo é mais rara, devido a extensivo contato entre ambos os grupos de gênero, mas se expressa em diferenças de estilos lingüísticos ou na caracterização de traços de fala como masculinos ou femininos, dificultando-lhes a transferência da fala de um grupo para a do outro. Pode ocorrer, ainda, de um dos sexos ser mais exposto ao contato com uma língua estrangeira (WEINREICH, 1967, p. 93-94).

7. idade – a correlação entre grupos de língua materna e grupos de idade constitui a manifestação sincrônica do que, diacronicamente, corresponde a uma mudança de língua. Nos EUA, crianças de famílias imigrantes aprendem rapidamente o inglês e elas mesmas empregam a língua do país de origem na comunicação com os mais velhos. A geração seguinte, dos netos dos imigrantes, tende a ser monolíngüe (inglês) e são seus pais e avós que

têm de mudar de língua para se fazerem entender. A língua do imigrante tende a se tornar, portanto, obsoleta, sendo expressões idiomáticas de difícil tradução particularmente aptas à transferência. Pode, ainda, adquirir especialização estilística, cômica, por exemplo. Entre os mais velhos, pode se dar a aquisição de empréstimos da “nova língua” para “atualizar” a sua própria língua, tornando-a mais moderna ou elegante (WEINREICH, 1967, p. 94-95).

8. *status* social – em geral, a diferença no *status* social se correlaciona a outras divisões de grupo, como a cultural, religiosa ou indígena/imigrante, mas pode haver diferença de língua coocorrendo com diferença de *status* social de dois grupos autóctones. No Brasil, imigrantes alemães das classes média e alta adotaram a língua portuguesa mais rapidamente do que imigrantes das classes sócio-econômicas menos favorecidas, seja por conservadorismo cultural ou por objetivos sociais mais limitados (WEINREICH, 1967, p. 95-96).

9. ocupação – falantes de línguas de especialidade tendem a resistir a emprestar termos à língua comum, aceitando, entretanto, tomar vocábulos emprestados (WEINREICH, 1967, p. 96).

10. natureza urbana ou rural da população – a distinção urbana-rural é uma combinação única de diferenças sociais, ocupacionais e topográficas. Da difusão lingüística a partir de centros urbanos resultam atitudes ambivalentes, com conseqüências antagônicas na aquisição de empréstimos: atitude hostil, com resistência às inovações, ou receptiva, com aceitação destas. Esta direção da difusão de “novidades lingüísticas” de centros urbanos para o interior é válida seja nos casos de inovações esporádicas, que se espalham por dialetos similares, seja nos de mudança para uma nova língua (WEINREICH, 1967, p. 96-97).

De acordo com Weinreich (1967, p. 05, tradução nossa):

Estudos puramente lingüísticos do contato de línguas devem ser coordenados com estudos extralingüísticos do bilingüismo e de fenômenos a este relacionados. (...) o lingüista que teoriza sobre a influência de língua mas negligencia o contexto sócio-cultural do contato de línguas deixa o seu estudo suspenso, com se estivesse no ar.<sup>20</sup>

Weinreich condena, portanto, estudos puramente lingüísticos sobre contato de línguas, afirmando ser necessário enveredar pelo bilingüismo e por outros fenômenos a este relacionados, além de enfatizar a importância da investigação prática pautada no falante e em usos concretos de língua, em detrimento de meras teorizações.

---

<sup>20</sup> Purely linguistic studies of language in contact must be coordinated with extra-linguistic studies on bilingualism and related phenomena. [...] the linguist who makes theories about language influence but neglects to account for the socio-cultural setting of the language contact leaves his study suspended, as if it were, in mid-air [...].

### 2.3.2 Contato de línguas

Define-se contato de línguas como uma situação em que línguas ou variedades de língua se influenciam, em decorrência principalmente de contigüidade geográfica (áreas de fronteira), proximidade social (interação entre grupos sociais distintos) ou conquistas e migrações, quando os falantes podem inclusive se misturar em uma única comunidade, e, secundariamente, em virtude de viagens ou exposição a meios de comunicação de massa (CRYSTAL, 1988, p. 64; TRASK, 2006, p. 65-66; NEUVEU, 2008, p. 80).

Lüdtke (1974, p. 22) observa que a influência se dá em uma direção apenas, discordando da reciprocidade usualmente atribuída ao processo.

Com o conceito de empréstimo podemos desconsiderar a influência *mútua* léxica de duas línguas que, de algum modo, estiveram ou estão em contato e que aqui denominaremos A e B. Denominamos *empréstimo*, pois, só a influência léxica de A sobre B, ou, inversamente, de B sobre A.<sup>21</sup> (LÜDTKE, 1974, p. 22, tradução nossa).

Segundo Crystal (1988, p. 64), decorrem do contato lingüístico, por exemplo, empréstimos de palavras, alterações fonológicas e gramaticais, misturas de línguas (pidgins e crioulos)<sup>22</sup> e crescimento do bilingüismo de vários tipos.

Trask (2006, p. 65-66) apresenta uma escala em graus das conseqüências do contato de línguas, consoante o alcance da interferência: 1. se mais elementar, ocorrem a adoção de palavras e a incorporação destas, geralmente designativas de referentes novos, mas também podem resultar de prestígio; 2. se mais longe, afeta a gramática e a pronúncia; 3. se extremo, resulta no abandono de uma língua em favor de outra (morte da língua).

E lembra que “Poucas línguas estão – ou já estiveram – suficientemente isoladas para evitar todo tipo de proximidade, e, portanto, virtualmente, toda língua mostra alguma prova de contato antigo ou moderno entre línguas” (TRASK, 2006, p. 66).

Crystal (1988, p. 64) diz que, em sentido mais restrito, duas línguas estão em contato quando há bilingüismo, ou seja, em se verificando o uso alternado de ambas por um mesmo indivíduo.

<sup>21</sup> Con el concepto de préstamo podemos dejar fuera de consideración la influencia *mutua* léxica de dos lenguas que, de algún modo, estuvieron o están en contacto y que aquí denominaremos A y B. Denominamos *préstamo*, pues, sólo a la influencia léxica de A sobre B, o a la inversa, de B sobre A.

<sup>22</sup> Embora não seja este o objeto em questão, e por isso mesmo não nos caiba ora pormenorizar as discussões a respeito, lembramos que Lüdtke (1974, p. 288-289) não considera a maioria dos pidgins e crioulos línguas mistas, que exemplifica com a língua franca (mediterrânea medieval), o judeu-espanhol, o iídiche, o maltês e o papiamento.

Weinreich (1967, p. 03-04) destaca o papel da relação estabelecida entre os falantes bilíngües e as línguas que estes colocam em contato entre os fatores não-estruturais a serem considerados no estudo do contato de línguas e da interferência:

1. facilidade geral para expressão verbal e habilidade para manter distintas as duas línguas;
2. proficiência relativa em cada língua;
3. especialização no uso de cada língua por tópicos e interlocutores;
4. modo de aprendizagem de cada língua;
5. atitudes com relação a cada língua, se idiossincrática ou estereotipada.

Quando a investigação envolve grupos de bilíngües, além dos fatores acima, devem ser considerados, ainda:

6. tamanho do grupo bilíngüe e sua homogeneidade ou diferenciação sócio-cultural, subdivisões em grupos que usam uma ou outra língua como materna, fatos demográficos; relações sociais e políticas estabelecidas entre estes subgrupos;

7. prevalência de bilíngües com características determinadas de comportamento lingüístico (as mesmas válidas para a análise de bilingüismo individual, acima citadas) nos vários subgrupos;

8. atitudes estereotipadas com relação a cada língua (a questão do prestígio, por exemplo), *status* autóctone ou alóctone das línguas em contato;

9. atitudes com relação à cultura de cada comunidade lingüística;

10. atitudes com relação ao bilingüismo;

11. tolerância ou intolerância com relação à mistura de línguas e à fala incorreta em cada língua.

Paul (1970, p. 458) aborda o bilingüismo generalizado decorrente de intenso contato entre grupos lingüísticos distintos, que se misturaram em larga escala, e a influência recíproca exercidas pelas línguas em contato. Destaca que a preponderância de um dos grupos, seja pelo seu tamanho ou proeminência (política, industrial, intelectual), resultará na expansão do uso da sua língua, em detrimento da outra, isto é, haverá mudança gradual do bilingüismo para o monolingüismo, em um processo cuja duração dependerá da capacidade de resistência da língua preterida, a qual deixará traços mais ou menos marcados na língua vitoriosa.

### 2.3.3 Bilingüismo e diglossia

Por bilingüismo compreende-se a capacidade de um indivíduo valer-se de dois sistemas lingüísticos (CÂMARA JR., 1988, p. 65; CRYSTAL, 1988, p. 39; TRASK, 2006, p. 47; NEUVEU, 2008, p. 59; CARRETER, 1962, p. 74). Essa é a característica recorrente nas definições encontradas. Outras especificações são passíveis de discussão, nas quais não nos deteremos, embora aqui se registrem. Câmara Jr. (1988, p. 65) afirma ser o domínio igual de duas línguas, designando diglotismo a capacidade maior ou menor de escrever corretamente uma língua estrangeira. Neuveu (2008, p. 59) afirma inexistir no bilingüismo valorização de um dos sistemas em detrimento do outro, no que se diferenciaria da diglossia, a qual, além de se caracterizar pelo emprego dos dois sistemas por um número maior de falantes, nela se verifica justamente a especialização das funções de cada sistema, correlacionada freqüentemente à avaliação do prestígio destes (TRASK, 2006, p. 81-82; CRYSTAL, 1988, p. 82). Neuveu (2008, p. 60) diz, ainda, existirem muitas possibilidades de simbiose entre duas línguas, podendo-se empregar o termo bilingüismo para todas.

O bilingüismo pode ser medido em graus de proficiência, que variam desde o domínio comparável ao do falante nativo monolíngüe até o conhecimento mínimo da segunda língua (CRYSTAL, 1988, p. 39).

Já a diglossia é um fenômeno social, um bilingüismo estendido à comunidade lingüística. Segundo Ferguson (apud WARDHAUGH, 1992, p. 89), apenas duas variedades lingüísticas estão nele envolvidas. Crystal (1988, p. 82) fala da coocorrência de duas variantes muito diferentes de uma mesma língua. Em comum, as definições trazem a especialização das funções, com uso das línguas envolvidas apenas nas funções socialmente estabelecidas como adequadas para cada uma delas (TRASK, 2006, p. 81-82; NEUVEU, 2008, p. 59-60).

Na coexistência, as “variedades lingüísticas”, para nos valermos do termo usado pelo atribuidor do conceito em questão, se caracterizam por diferente valoração na avaliação social, que se reflete na especialização das suas funções de uso. Designando-se A a variedade alta (ou H, do ing. *High*) e B a variedade baixa (ou L, do ing. *Low*), tem-se que:

A variedade alta (A) é a que se atribui prestígio. É aprendida por meio da instrução formal, do que decorre que falantes com pouca escolaridade dela tenham domínio precário, podendo, inclusive, não compreendê-la. É empregada na imprensa oral e escrita e nas demais publicações, na literatura, em conferências e em atividades religiosas.

À variedade baixa (B) atribui-se pouco ou nenhum prestígio, sendo a sua existência até mesmo negada. É a língua materna da maioria dos falantes. Empregada na

conversação corrente e em entretenimentos populares (novelas, comentários esportivos), raramente é escrita e pode não haver consenso quanto à sua forma gráfica. Pode ocorrer em revistas em quadrinhos, legendas de charges políticas, publicações obscenas e cartas pessoais (FERGUSON apud TRASK, 2006, p. 82).

Assim, além da compartimentalização das funções com que se empregam os sistemas lingüísticos coexistentes numa comunidade, a diglossia se caracteriza, ainda, pela hierarquização destas. Exemplificam comunidades diglössicas países árabes, em que a variedade A é o árabe clássico do Alcorão e a B, o árabe correntemente falado, assim como a Europa Medieval, em que o latim constituía a variedade A e os vernáculos, a B (TRASK, 2006, p. 83).

Ferguson identificou a diglossia como fenômeno distinto do bilingüismo nos anos 60 do século passado. Considerava apenas a coexistência de variedades de uma mesma língua (TRASK, 2006, p. 82; HEYE, 1979, p. 215).

Na década seguinte, Fishman (1971, apud HEYE, 1979, p. 216) estendeu o conceito a sociedades bilíngües, aplicando-o à coexistência de línguas distintas. Opôs bilingüismo e diglossia, a partir da sua caracterização, respectivamente, como “versatilidade lingüística individual” ou “alocação social das funções para diferentes línguas ou variedades”.

Correlaciona, como critério para definição das funções a que as línguas se destinam, classes sociais e funções sociais. Estabeleceu, assim, quatro configurações possíveis para a distribuição dos fenômenos do bilingüismo e da diglossia numa sociedade em que se verifica contato de duas línguas, a A, de prestígio, e a B, de menor prestígio:

1. Diglossia e bilingüismo, com coexistência das línguas, distribuídas de forma estável consoante funções sociais distintas, configuração verificada em grandes sociedades, a exemplo do que ocorre na Índia (hindi e inglês) e no Paraguai (guarani e espanhol) (FISHMAN apud HEYE, 1979, p. 216);

2. Diglossia sem bilingüismo, usual em ex-colônias, configuração em que se verifica separação funcional absoluta das funções das línguas, sendo o domínio de cada uma delas verificado em grupos sociais específicos, com o uso da variedade A pela classe detentora do poder, para destacar-se dos falantes da variedade B, “língua do povo” (FISHMAN apud HEYE, 1979, p. 216), como o uso do árabe por elites políticas da África Negra, quando do processo de islamização desta;

3. Bilingüismo sem diglossia, configuração instável, relacionada a situações sujeitas a rápidas mudanças (migração, e.g.), na qual se alterna o uso das línguas de acordo com os assuntos e as funções das comunicações, a situação e os papéis dos interlocutores,

como o uso de uma língua em decorrência do exercício de uma determinada profissão, o que se verifica na maioria das sociedades (FISHMAN apud HEYE, 1979, p. 216);

4. Nem bilingüismo, nem diglossia, o que é passível de ocorrer apenas no caso de isolamento absoluto da comunidade lingüística, quando a inexistência de contato lingüístico-cultural impossibilita as interferências naturais do processo. O desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação dificulta a ocorrência desta configuração (FISHMAN apud HEYE, 1979, p. 216-217).

Figura 01 – Relação entre bilingüismo e diglossia

		BILINGÜISMO	
		+	-
DIGLOSSIA	+	1. Diglossia e bilingüismo	2. Diglossia sem bilingüismo
	-	3. Bilingüismo sem diglossia	4. Nem diglossia nem bilingüismo

Fonte: FISHMAN apud HEYE, 1979, p. 216.

Lüdtke (1974, p. 241-242), para descrever as diversas possibilidades de contato de línguas, apresenta outro esquema, correlacionando esferas de emprego e categorias em que se classificam as línguas do mundo, conforme especificado a seguir.

Esquema de esferas de emprego:

- I. Conversação (família, negócios, lugar de trabalho, círculo de amizade).
- II. Cultura (ensino geral, rádio, imprensa, livros).
- III. Ritual (liturgia, recitação, ensino teórico).

A partir das esferas de emprego, estabelecem-se as categorias lingüísticas:

- I = dialeto; língua espontânea
- I + II = língua de cultura espontânea; língua nacional
- II + III = língua de cultura codificada
- III = língua ritual

O termo *dialeto* ressalta forte variação regional, a exemplo de dialetos árabes empregados do norte da África à Península Arábica. Caso se trate exclusivamente de uso corrente, usa-se *língua espontânea*. *Língua de cultura* é uma mesma e única língua empregada simultaneamente como língua de cultura e da conversação, a exemplo das línguas européias em sua origem, a maioria das quais línguas espontâneas (I) tornadas línguas nacionais

(línguas oficiais de um ou mais estados) (I + II). Já o latim exemplifica a *língua ritual* (III), empregado como língua da expressão religiosa na Idade Média.

Assim, estabelecem-se as categorias a partir de maior ou menor codificação dos sistemas lingüísticos, desde “ausência” de codificação (I) à máxima codificação (III), passando por estágios intermediários, de “codificação pelo uso” (I + II) e de efetiva codificação exigida por tarefas às quais se impõe uso da escrita, como a educação, a literatura e a legislação (II + III).

Segundo Lüdtke (1974, p. 243), consideram-se “normais” as seguintes situações lingüísticas:

1. Predomínio de uma língua culta espontânea (língua nacional):

I + II

2. Língua culta espontânea empregada simultaneamente como língua ritual:

I + II + III

3. Dialeto e língua culta espontânea:

I / I + II

4. Língua culta espontânea e língua ritual:

I + II / III

5. Dialeto, língua culta espontânea e língua ritual:

I / I + II / III

Segundo Lüdtke (1974, p. 243), *Diglossia* é uma situação particular, menos freqüente, em que se opõem um dialeto e uma língua culta codificada que também é empregada como língua ritual, isto é: I / II + III.

Ainda conforme Lüdtke (1974, p. 243), a diglossia se caracteriza pela conversação realizada por meio de uma língua, enquanto a cultura e o rito expressam-se por intermédio de outra. Ambas, entretanto, relacionam-se reciprocamente, dadas as condições abaixo:

a) I e II + III são estruturalmente aparentadas; sendo, na maioria das vezes, II + III uma fase pretérita de I e artificialmente conservada. Os falantes de I equivocadamente julgam-na uma variedade deturpada de II + III.

b) O vocabulário fundamental de I e de II + III é idêntico em sua maior parte.

A classificação das sociedades multilíngües proposta por Stewart (apud HEYE, 1979, p. 218-220) é mais detalhada, possibilitando visualização mais clara das funções das línguas em contato. Pauta-se na tipificação em padrão, clássico, artificial, vernáculo, dialeto, crioulo e *pidgin*, a partir de diferentes associações dos atributos padronização, autonomia, historicidade e vitalidade, conforme especificado na figura abaixo:

Figura 02 – Classificação de tipos de línguas

ATRIBUTOS				TIPO	SÍMBOLO
1	2	3	4		
Padronização	Autonomia	Historicidade	Vitalidade		
+	+	+	+	Padrão	S
+	+	+	-	Clássico	C
+	+	-	-	Artificial	A
-	+	+	+	Vernáculo	V
-	-	+	+	Dialeto	D
-	-	-	+	Crioulo	K
-	-	-	-	Pidgin	P

Fonte: STEWART apud HEYE, 1979, p. 219.

À tipificação, indicada por letras maiúsculas, segue a especificação das funções das línguas, representadas por letras minúsculas: oficial (o), provincial (p), comunicação extensiva (w), comunicação internacional (i), cidade capital (c), grupo (g), educação (e), matéria na escola (s), uso literário (l) e religião (r) (STEWART apud HEYE, 1979, p. 219).

Stewart considera, ainda, o percentual de falantes de cada língua na sociedade como um todo, critério cuja inclusão nas pesquisas sociolingüísticas obviamente depende da disponibilidade de dados demográficos referentes às sociedades a que se aplica a análise.

Paul já havia mencionado o risco de morte de uma das línguas nas situações de contato lingüístico. Tarallo e Alkmin (1987, p. 12-13) evidenciam duas soluções para o bilingüismo: 1. o “bilingüismo estável”, em que se mantêm as duas línguas, sem mescla, e do qual resultam fenômenos como a diglossia e o *code-switching* (mescla das duas línguas no nível da sentença); 2. retorno ao monolingüismo, com o desaparecimento de uma das línguas em questão.

Também resulta de critérios sócio-históricos o estabelecimento de funções particulares para cada língua da comunidade bilíngüe ou a definição daquela cujo menor prestígio leva ao seu abandono (TARALLO, ALKMIN, 1987, p. 12).

### 2.3.4 Interferência

Segundo Weinreich, a interferência se caracteriza pela reorganização de padrões de um sistema lingüístico em decorrência da introdução, neste, de elementos de outro sistema, quando do uso alternado de ambos por um mesmo indivíduo, *locus* do contato. Assim:

Estes exemplos de desvios da norma de qualquer uma das línguas que ocorrem na fala de bilíngües como resultado da sua familiaridade com mais de uma língua, isto é, como resultado do contato de línguas, serão chamados fenômenos de

interferência.<sup>23</sup> (WEINREICH, 1967, p. 01, tradução nossa, grifo do autor).

Os fenômenos de interferência se verificam nos domínios lingüísticos mais estruturados, como o fonológico, grande parte dos sistemas morfológico e sintático e algumas áreas do vocabulário (designação de parentesco, das cores, do tempo, etc.), embora Weinreich (1967, p. 01) não descarte a possibilidade de reorganização do sistema nos domínios cujo padrão seja mais “frouxo”, a exemplo do vocabulário de natureza incidental, em que a adoção de empréstimo também pode acarretar interferência. Do contrário, o próprio conceito de sistema ficaria comprometido. Fala-se de empréstimo quando se quer enfatizar o caráter de transferido de um elemento.

O termo interferência implica na reorganização dos padrões que resulta da introdução de elementos estrangeiros nos domínios mais estruturados da língua. [...] Seria simplificar demasiadamente falar aqui de empréstimo ou de meras adições ao inventário [...].<sup>24</sup> (WEINREICH, 1967, p. 01, tradução nossa).

E, citando Vogt:

Todo enriquecimento ou empobrecimento de um sistema envolve necessariamente a reorganização das suas antigas oposições distintivas. Admitir que um dado elemento é simplesmente adicionado ao sistema que o recebe sem conseqüências para este seria arruinar o próprio conceito de sistema.<sup>25</sup> (VOGT apud WEINREICH, 1967, p. 01, tradução nossa).

O contato de línguas é visto, por alguns antropólogos, como um aspecto do contato de culturas e a interferência lingüística, como uma faceta da difusão cultural e da aculturação (WEINREICH, 1967, p. 05). Já se mencionou, aqui, com efeito, a importância de se contextualizar, com base em critérios extralingüísticos (sócio-históricos, políticos, econômicos, educacionais), a constituição de uma comunidade lingüística e a ocorrência do contato de línguas e do bilingüismo. Entretanto, as formas da interferência entre línguas são colocadas em termos da Lingüística Descritiva. O empréstimo lexical, por exemplo, pode ser explicado a partir da investigação dos pontos em que determinado vocabulário é inadequado no ambiente cultural em que o contato ocorre (WEINREICH, 1967, p. 03).

---

<sup>23</sup> Those instances of deviation from the norm of either language which occur in the speech of bilinguals as a result of their familiarity with more than one language, i.e., as a result of language contact, will be referred to as **interference** phenomena.

<sup>24</sup> The term interference implies the rearrangement of patterns that results from the introduction of foreign elements into the more highly structured domains of language. [...] It would be an oversimplification to speak here of borrowing, or mere additions to an inventory [...].

<sup>25</sup> [...] every enrichment or impoverishment of a system involves necessarily the reorganization of the old distinctive oppositions of the system. To admit that a given element is simply added to the system which receives it without consequences for this system would ruin the very concept of system.

Ainda segundo Weinreich, quanto maior for a diferença entre os sistemas, isto é, quanto mais numerosos as formas e padrões mutuamente exclusivos em cada um deles, maior é a dificuldade de sua aprendizagem e a área potencial de interferência, de modo que as diferenças e similaridades entre línguas em contato devem ser exaustivamente descritas para cada domínio como pré-requisito para a análise da interferência (WEINREICH, 1967, p. 01, 02).

Podem-se distinguir diferentes processos de interferência comuns em situações de contato, como 1. a transferência de elementos, que passam de um sistema lingüístico para outro, em que são identificados como emprestados ou transferidos, e 2. identificações interlinguais, e que não há transferência de elementos, mas a extensão de oposições de uma língua à outra (WEINREICH, 1967, p. 07-08).

Exemplifica este segundo tipo de interferência o ocasional equacionamento de formas fonológicas, idênticas ou similares nas duas línguas envolvidas; pode se verificar também na sintaxe, com a identificação entre relações gramaticais e ordenação sintática, e na semântica, com a similaridade material propiciando a identificação de vocábulos de línguas distintas.

Em inglês opõem-se *foot* ('pé') e *leg* ('perna'). Em russo, há *nóžka* ('perna de móvel'), *nogá* ('perna animal inteira') e *fut* ('medida de comprimento'). A similaridade material entre *foot* e *nogá* pode levar o bilíngüe à identificação de ambos, afirmando, por exemplo ter "long feet" quando quer dizer ter "long legs". Ou, ainda, dizer "I him see", em lugar de "I see him", caso em que se verifica a identificação de padrões sintáticos (WEINREICH, 1967, p. 08).

Distinguem-se interferências na fala e na linguagem, cuja investigação tem seus próprios métodos (WEINREICH, 1967, p. 11-12).

Na fala, a interferência ocorre como novidade em enunciados de falantes bilíngües, em conseqüência de seus conhecimentos pessoais sobre a língua estrangeira. Interessam, neste caso, particularmente fatores de percepção desta e da motivação do empréstimo. O seu estudo se pauta na observação da conversação entre dois informantes, residindo a sua dificuldade nas necessárias interrupções do pesquisador para obter informações sobre o uso da língua e a sua motivação, ao mesmo tempo em que é preciso deixar os informantes falarem o mais à vontade possível.

Na língua, ocorrem fenômenos de interferência que, depois de repetidamente se verificarem na fala de bilíngües, tornam-se hábito e se estabelecem na língua. O seu uso deixa de ser restrito aos bilíngües e as inovações já não se consideram empréstimos, constituindo

antes parte da língua. Interessa à pesquisa lingüística, portanto, a integração dos elementos estrangeiros. O seu estudo é mais simples, dado que o pesquisador de campo pode obter os empréstimos por questionamento repetido do informante, além de poder buscá-los em textos escritos.

### 2.3.5 *Os contatos árabe-romance e português-árabe*

Esta seção tem por objetivo apresentar um recorte de três contextos sócio-históricos nos quais a língua portuguesa adquiriu arabismos, na Europa medieval e no Brasil desde o século XIX, analisando o tipo de contato linguístico neles verificados e suas consequências, notadamente lexicais, objeto deste estudo.

#### 2.3.5.1 *Alandalus*

O sul da Europa conheceu, na Idade Média, um invasor cuja fixação humana e lingüística proporcionou, na Península Ibérica, uma colonização semelhante à que havia acontecido à época dos romanos, com a difusão de hábitos lingüístico-culturais próprios, ainda que por meio de elemento humano aculturado: em 711 o general berbere islamizado Táriq Ibn Ziad invadiu a referida península, de onde os muçulmanos partiram somente nos séculos XIII, com a tomada de Faro (1253), no atual território Português, e XV, quando foram expulsos de Granada (1492), na Espanha. Motivou a conquista o massacre da família omíada que então governava o império árabe a partir de Damasco (661-750), quando a sede do governo foi deslocada para Bagdá, passando às mãos dos abássidas (750-1258). Um príncipe omíada, Abd Al Rahman, escapou ao massacre e procurou, em plagas distantes, um novo território onde pudesse exercer a sua soberania (THORAVALL, 1996, p. 244-246).

À época, a designação *Espanha* (< lat. *Hispania*) referia-se à totalidade dos territórios ibéricos, independentemente da religião neles professada, ao passo que o termo *Alandalus* era restrito exclusivamente à entidade política ali estabelecida com a chegada do invasor muçulmano. A presença de judeus em solo ibérico fez com que historiografia comumente tomasse tal convivência entre cristãos, judeus e islamitas como exemplar, correlacionando-a ao desenvolvimento técnico-científico e cultural da região, que identificava como a "Espanha das três nações". Respeitavam-se os chamados "povos dos livros", isto é, que possuíam um registro escrito de orientações divinas transmitidas por profetas que antecederam Maomé (PIÑERO VALVERDE, 1997, p. 151-152).

Para Corriente (1996, p. 03-04), esta visão idílica da convivência interétnica e religiosa na Pensínsula Ibérica constitui uma fantasia.

[...] conhecido melhor o ambiente em que teve lugar aquele contato [árabe-romance], evitar-se-ão mais facilmente as fantasias que cercaram temas intimamente ligados, como, por exemplo, a polémica da origem e natureza dos estribilhos mais

ou menos romances das *muwaššahāt* andalusinas, as equivocadamente chamadas “jarchas”, [...] e, em geral, ter-se-á uma visão mais objetiva do bilingüismo e dos bilingües em Alandalus, pondo fim à quimera da “convivência das três culturas”, que deu margem ao pseudo-progressismo cultural, como antes dera a “tradicional irmandade hispano-árabe” a outras tendências oficiais à sua época.<sup>26</sup> (CORRIENTE, 1996, p. 03-04, tradução nossa, destaques do autor).

E descreve as guerras entre muçulmanos e cristãos como tentativas de limpeza étnica.

[...] tanto a conquista da Hispania pelos muçulmanos quanto a reconquista de Alandalus pelos cristãos do Norte só podem ser considerados feitos de violência injustificável, definíveis como processos de genocídio e deglutição étnico-cultural, voltados à destruição militar do adversário e à eliminação posterior de sua identidade como grupo social. Ambos, com alguma diferença de calendário e métodos, tiveram êxito e foram simultânea e posteriormente canonizados, como toda limpeza étnica alcançada, de modo que mesmo os estudos dos referidos processos realizados séculos mais tarde costumam refletir falta de imparcialidade e propósito de recuperar toda a verdade, já que os partidários do genocídio minimizam o valor do suprimido, enquanto os partidários da tolerância a supõem onde não houve amplamente e falam de uma convivência de três culturas que só está em seus louváveis desejos.<sup>27</sup> (CORRIENTE, 1996, p. 04, tradução nossa).

Se as disputas territoriais eram freqüentes, tendo início as guerras da Reconquista já no século VIII (com Pelágio, fundador do reino das Astúrias), a conversão dos novos súditos em Alandalus tampouco era incentivada, dada a arrecadação de imposto de quem professasse fé diversa da muçulmana (*jizya*). Preservou-se, portanto, certa autonomia das comunidades cristã e judaica, que mantiveram suas escolas, templos e administradores. Tampouco deu-se a imposição da língua árabe, a língua em que Alá teria por último se dirigido à humanidade e cuja aprendizagem, se não obrigatória, era ao menos desejável e recomendada para a leitura do Alcorão no original (MOLÉNAT, 1992, p. 85).

Observem-se algumas semelhanças com a colonização romana: à já citada “tolerância” religiosa e lingüística, somem-se a colonização verificada predominantemente

<sup>26</sup> [...] conocido mejor el ambiente en que tuvo lugar aquel contacto, se evitarán más facilmente las fantasías que han rodeado temas íntimamente conexos, com, vgr., la polémica del origen y naturaleza de los estribillos más o menos romances de las *muwaššahāt* andalusíes, las mal llamadas “jarchas”, [...] y, en general, se tendrá una visión más objetiva del bilingüismo y los bilingües en Alandalús, poniéndose fin a la quimera de “la convivencia de las tres culturas”, que tanto juego ha dado al pseudoprogressismo cultural, como en otros tiempos lo diera la “tradicional hermandad hispano-árabe” a otras tendencias oficiales de su momento.

<sup>27</sup> [...] tanto la conquista de Hispania por los musulmanes como la reconquista de Alandalús por los cristianos del Norte sólo pueden merecer la consideración de hechos de violencia injustificable, definibles como procesos de genocidio y deglutiación étnico-cultural, encaminados a la destrucción militar del adversario y a la eliminación posterior de su identidad como grupo social. Ambos, con algunas diferencias de calendario y métodos, tuvieron éxito y fueron simultánea y posteriormente canonizados, como toda limpieza étnica lograda, de tal manera que aún los estudios de dichos procesos hechos siglos más tarde suelen reflejar falta de imparcialidad y propósito de recuperar toda la verdad, ya que los partidarios del genocidio minimizan el valor de lo suprimido, mientras que los partidarios de la tolerancia la suponen donde no la hubo a la larga y hablan de una convivencia de tres culturas que sólo está en sus loables deseos.

por não-árabes, por homens oriundos de territórios islamizados, sobretudo do norte da África, a exemplo do próprio Táriq, um berbere, com a introdução na Península Ibérica do árabe clássico, o árabe de Meca de primórdios do século VII, codificado desde o seu registro no Alcorão (612-632), mas sobretudo de variedade diatópica/diastrática da língua árabe, norte-africana e não-padrão; a realização de casamentos inter-raciais, com mulheres ibéricas, e a conseqüente formação de famílias bilíngües, falantes de árabe e romance (SILVA NETO, 1988, p. 333; LAPESA, 1991, p. 95).

Entretanto, a população cristã de Alandalus, falante de romance, sob jugo muçulmano se aculturou, a ponto de preservar apenas a religião cristã e a língua românica, esta última fortemente marcada pelo contato com o árabe, notadamente o seu léxico e escrita, motivo pelo qual ficaram a língua e seus usuários conhecidos como *moçárabes*. Historiadores portugueses apontam o período entre os séculos VIII e XIII como aquele em que registros históricos dão notícia destes cristãos arabizados (CORRIENTE, 1996, p. 04-05; RIBEIRO, 1987, p. 42).

De acordo com Corriente (1996, p. 04-05, tradução nossa):

[...] a ocupação islâmica de Alandalus fez surgir uma sociedade logo, embora gradualmente, bilíngüe, com tendência à perda do romance, e islamizada, com uma tendência ainda mais rápida ao desaparecimento do cristianismo e do judaísmo. O prestígio da cultura arábico-islâmica tende a fazê-la exclusiva, imprimindo-lhe cristãos e judeus elementos substráticos que a matizam e diferenciam ocasionalmente de variantes orientais e norte-africanas, mas que é basicamente uma cultura arábico-muçulmana, por exemplo, nas artes e na estética, na indumentária, na culinária, na habitação e em aspectos da vida cotidiana, nos jogos e diversões, na administração, no comércio, na economia, etc. Na esfera privada do religioso se mantêm as diferenças, o que afeta muito pouco tempo da vida das pessoas, e, além disso, é, em muitos casos, tempo perdido, porque a maioria dos cristãos e judeus não entende nem o latim nem o hebraico dos ritos, ao passo que muitos deles [entendem] o árabe em que se dá o chamado para a oração islâmica nos minaretes próximos, ensinado em suas próprias escolas, quando a freqüentam, e de que já necessitam em sua existência diária cada vez mais freqüentemente, posto que existem atividades, se não grupos sociais, já monolíngües em árabe.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> [...] la ocupación islámica supuso en Alandalús la aparición de una sociedad pronto aunque gradualmente bilingüe con una tendencia a la pérdida del romance, e islamizada con una tendencia aún más rápida a la desaparición de cristianismo y judaísmo. El prestigio de la cultura arábigo-islámica tiende a hacerla exclusiva, por lo que cristianos y judíos le aportan tan sólo algunos elementos sustráticos que la matizan y diferencian ocasionalmente de variantes orientales o norteafricanas, pero en todo lo básico es siempre eso, una cultura arábigo-islámica, vgr., en las artes y la estética, la indumentaria, cocina, vivienda y aspectos de la vida cotidiana, juegos y diversiones, administración, comercio, economía, etc. En la esfera privada de lo religioso se mantienen las diferencias, pero ello afecta muy poco tiempo de la vida de las personas, y es en muchos casos además tiempo muerto, porque la inmensa mayoría de cristianos y judíos no entienden el latín ni el hebreo de los ritos, y sí, en cambio, al menos y pronto muchos de ellos, el árabe en el que suena la llamada a la oración islámica en los cercanos minaretes, que se les enseña en sus propias escuelas, cuando van a ellas, y puesto que existen actividades, si no grupos sociales, ya monolingües en árabe.

Com efeito, Menendez Pidal (1950, p. 417-418) já recolhia, em documento da alta Idade Média, prova que corrobora tal posicionamento: em 854, Álvaro Cordobês se queixava da aculturação dos moçárabes, dentre os quais muitos falavam árabe e conheciam até mesmo a literatura produzida nesta língua, desconhecendo, por sua vez, a língua e a literatura latinas.

(...) Álvaro Cordobês, cujo *Indiculus luminosus*, escrito em 854, lamenta a grande desnacionalização que se difundia entre os moçárabes; os jovens cristãos adotavam até tal ponto os costumes dos dominadores, que se circuncidavam para evitar ofensas, e, apaixonados pela erudição muçulmana, só se deleitavam com os versos e as fábulas árabes, só liam os livros dos infiéis, de modo que, desconhecendo os textos latinos, esqueciam o próprio idioma: [...] *em meio à gente de Cristo encontrarás apenas um entre mil que possa escrever razoavelmente uma carta a seu irmão, ao passo que há inúmeros que saberão declarar a pompa das vozes arábicas e que conhecem os primores da métrica árabe melhor que os infiéis.* <sup>29</sup> (MENÉNDEZ PIDAL, 1950, p. 417-418, tradução nossa, destaque do autor).

Conheceu Alandalus diferentes fases em sua história, que não nos cabe, aqui, pormenorizar. Citem-se apenas a sua fragmentação política, com a constituição de taifas e de califados que suscitaram disputas internas, a par dos antigos conflitos com os cristãos. As dinastias norte-africanas almorávida (1056-1147) e almôada (1130-1269) promoveram a intolerância religiosa e deslocamentos maciços (deportações, imigrações voluntárias, para o norte da África ou da própria Península Ibérica). Somem-se a isso as guerras de Reconquista dos territórios sob jugo muçulmano promovidas pelos reinos cristãos, com importantes desdobramentos na evolução das línguas peninsulares (MENÉNDEZ PIDAL, 1950, p. 416, 425-426, 430; MOLÉNAT, 1992, p. 84).

Quanto ao papel dos moçárabes na difusão da cultura muçulmana, afirma Corriente:

[...] Em Alandalus, só há essa única cultura arábico-islâmica, tão prestigiada que os próprios estados cristãos incipientes do Norte, consciente ou inconscientemente, imitam-na em quase todos os seus aspectos seculares, graças à mediação dos imigrantes moçárabes que, precisamente por conhecê-la a fundo, garantiram o êxito social que refletem, por exemplo, os estudos de Gómez Moreno.<sup>30</sup> (CORRIENTE, 1996, p. 05, tradução nossa).

<sup>29</sup> (...) Álvaro Cordobés, cuyo *Indiculus luminosus*, escrito en 854, lamenta la gran desnacionalización que cundía entre los mozárabes; los jóvenes cristianos adoptaban hasta tal punto las costumbres de los dominadores, que se circuncidaban por evitar denuetos, y enamorados de la erudición musulmana, sólo se deleitaban en los versos y las fábulas árabes, sólo leían los libros de los infieles, así que, desconociendo los textos latinos, olvidaban el propio idioma: (...) *en la gente de Cristo apenas hallarás uno entre mil que pueda escribir razonablemente una carta a su hermano, y, en cambio, los hay innumerables que sabrán declarar la pompa de las voces arábicas y que conocen los primores de la métrica árabe mejor que los infieles.*

<sup>30</sup> En Alandalús sólo hay esa única cultura arábigo-islámica, además tan prestigiosa que los mismos incipientes estados cristianos del Norte consciente o inconscientemente la imitan en casi todos sus aspectos seculares, gracias a la mediación de los inmigrantes mozárabes que, precisamente por conocerla a fondo, tuvieron garantizado el éxito social que reflejan, vgr., los estudios de Gómez Moreno.

Acresce Corriente, então, o importante papel deste segmento da sociedade andalusina na transmissão de arabismos aos romances ibéricos nortenhos:

São, por conseguinte, os moçárabes emigrados ao Norte os que, possuidores, como inevitável corolário da derrota e a forçada convivência, da cultura árabe-islâmica e seus conceitos inexistentes e inominados em romance, introduzem neste os arabismos que os denominam.<sup>31</sup> (CORRIENTE, 1996, p. 05, tradução nossa).

Silva (2003), Teyssier (2001, p. 22) e Vasconcelos (1956, p. 299) vêm no contato prolongado, durante a Idade Média, e no refinamento cultural do conquistador muçulmano, que concorreu para a evolução das ciências, das técnicas e das artes mais variadas, em solo ibérico, a interferência do árabe no desenvolvimento das línguas ali em uso. No dizer de Paul, “Uma forte influência civilizatória leva quase invariavelmente a uma larga importação de vocábulos estrangeiros” (PAUL, 1970, p. 460, tradução nossa).<sup>32</sup>

Aplicando-se a caracterização do bilingüismo e da diglossia proposta por Fishman (apud HEYE, 1979, p. 216), depreende-se que, em Alandalus, houve bilingüismo e diglossia, com o árabe correspondendo à variedade A e as demais línguas ali em uso no papel de variedades do tipo B, como o romance meridional, reservado para os registros baixos, com tendência à perda (CORRIENTE, 1996, p. 04-05).

Com efeito, aponta Corriente conseqüências lingüísticas da posição de língua de menor prestígio ocupada pelo romandalusino na situação de bilingüismo verificada em Alandalus:

O ibero-romance, pois, desde o Sul culturalmente árabe-islâmico, apesar de um bilingüismo em que o romance ocupa a posição de língua dominada para registros baixos recebeu: a) alguns poucos arabismos [...], b) muitos andalusismos, c) bastantes romancismos meridionais [...] e d) vozes híbridas árabe-romances, todos matizes que devem ser considerados ao se estudar esta questão.<sup>33</sup> (CORRIENTE, 1996, p. 05-06, tradução nossa).

Considerando-se as congruências lingüísticas e sócio-culturais apontadas por Weinreich (1967, p. 90-97), e aqui apresentadas na seção 2.3.1, a divisão árabe-romance se estabelece, no domínio ibérico muçulmano, pela diferenciação de cultura ou etnia, religião, *status* social e ocupação.

<sup>31</sup> Son, por conseguinte, los mozárabes ya emigrados al Norte los que, poseedores, como inevitable corolario de la derrota y la forzada convivencia, de la cultura árabe-islámica y sus conceptos inexistentes e innominados en romance, introducen en él los arabismos que los denominan.

<sup>32</sup> A strong civilising influence entails almost invariably a large importation of foreign word.

<sup>33</sup> El iberorromance, pues, desde el Sur árabe-islámico, a pesar de un bilingüismo en el que el romance ocupa la posición de lengua dominada para los registros bajos, ha recibido: a) algunos pocos arabismos cultos [...], b) muchos andalusismos, c) bastantes romancismos meridionales [...] e voces híbridas árabe-romances, matices todos ellos que deben tenerse en cuenta al estudiar esta cuestión.

O Oriente tem notícias do bilingüismo em Alandalus por intermédio, dentre outros, de um viajante da segunda metade do século X, o qual nunca estivera no ocidente, mas diz saber que ali “a língua falada era árabe, mas obscura e de difícil compreensão, e há ainda outra língua semelhante ou relacionada com a latina”, assim como botânicos andaluzes, ao descreverem as plantas, dão-lhes seus nomes árabes, mas acrescem a estes o nome correspondente em aljamia (MENÉNDEZ PIDAL, 1950, p. 423, 427-428).

Aplicando-se a classificação das sociedades multilíngües proposta por Stewart (apud HEYE, 1979, p. 219) ao contexto ibérico medieval de contato árabe-romance na Península Ibérica, tem-se que:

árabe: V/S/C, o, e, i, l, r, w<sup>34</sup>

moçárabe<sup>35</sup>: V, w<sup>36</sup>

hebraico: C, r

latim: C, e, r<sup>37</sup>

Corriente critica a equivocada designação do romance meridional como “moçárabe”, pela falsa associação a que induz à comunidade cristã, pois era de uso generalizado, o vernáculo de todos os habitantes de Alandalus, ao lado do árabe andalusino, incluindo-se entre os seus falantes os judeus e mesmo os muçulmanos (CORRIENTE, 1996, p. 05,08).

Já da aplicação da proposta de Lüdtke de descrição de esferas de emprego e de classificação de línguas (LÜDTKE, 1974, p. 241-242), ao contexto de Alandalus, chega-se à seguinte descrição:

árabe: I (dialetos médio-orientais ou andalusino)/ II + III<sup>38</sup>

romance andalusino: I

hebraico: III

latim: III

Considerando-se a caracterização da diglossia, que, segundo Lüdtke (1974, p. 243) decorre do uso alternado de um dialeto (I) e de uma língua de cultura codificada (II + III); o depoimento de Álvaro Cordobês sobre a aculturação dos hispano-godos, encantados com a língua e a cultura árabes, e a observação de Corriente sobre a restrição do uso do

<sup>34</sup> Consideram-se, aqui, as variedades clássica (do Corão), *standard* e regional (árabe andalusino) do árabe.

<sup>35</sup> Não se aplicou a caracterização do moçárabe como língua literária por seu registro se dar em textos árabes, como língua popular. O moçárabe é a variedade B, usada ao lado da A, árabe.

<sup>36</sup> Comunicação extensiva pela comunidade hispano-goda, judaica ou cristã, com progressiva redução das suas funções sociais face à expansão no uso do árabe.

<sup>37</sup> Trata-se, a rigor, do latim eclesiástico a variedade latina empregada no âmbito da igreja católica.

<sup>38</sup> Verifica-se, portanto, a diglossia no uso de diferentes variedades do árabe.

romandalusino aos registros baixos, conclui-se ter havido diglossia no contexto político-cultural islamizado em que viveram os moçárabes de Alandalus.

Da intensa convivência entre hispano-godos, berberes e alguns árabes (iemenitas, sírios) e do conseqüente processo de aculturação das populações nativas, verificado em Alandalus, decorrem, portanto, antigas interferências lingüísticas do árabe nos romances e línguas ibéricas, cuja completa adaptação às estruturas das línguas-alvo dificulta a sua percepção enquanto elementos originalmente alógenos.

### **2.3.5.2 O Brasil escravagista**

Séculos mais tarde, no ultramar, a língua portuguesa haveria de, novamente, travar contato com a árabe. Na Bahia, à época da escravidão, verificou-se a concentração de população escrava islamizada. Segundo Luiz Viana Filho (apud OLIVEIRA, 1997, p. 40), a periodização do comércio negreiro na Bahia divide-se em 04 ciclos: 1. ciclo da Guiné (a partir da segunda metade do século XVI); 2. ciclo de Angola (no século XVII); 3. ciclo da Costa da Mina e do Golfo do Benin (do século XVIII até 1815) e 4. fase da ilegalidade (1816-1851). Pierre Verger (apud OLIVEIRA, 1997, p. 40) altera parcialmente tal periodização, subdividindo o terceiro ciclo em dois: 3.1. ciclo da Costa da Mina (três primeiros quartos do século XVIII) e 3.2. ciclo da baía do Benin (de 1770 a 1850).

Portanto, a partir das últimas décadas do século XVIII e ao longo do século XIX, foi do Sudão Central, região interiorana em relação à Baía do Benin, a procedência de africanos islamizados (haussás, nupes, iorubás, bornos, borgus, etc.) levados como escravos para a Bahia, como conseqüência da *jihad* promovida, a partir de 1804, pelo xeque Usman dan Fodio, fundador do Califado de Sokoto, de cujas guerras expansionistas resultou o cativeiro de habitantes das áreas próximas à baía do Benin, particularmente no período compreendido entre os anos de 1804 e 1810. A presença de escravos islamizados na Bahia está relacionada, assim, a complexo desdobramento da história da África, em que se misturam religião e política, uma *jihad* e disputas por expansão territorial (LOVEJOY, 2000, p. 11-12).

Segundo Reis (2003, p. 174):

[...] desde pelo menos o início da *jihād* de Usuman dan Fodio, levas de escravos de diferentes grupos étnicos, comprometidos em maior ou menor grau com o Islã, vieram dar na Bahia. Durante as primeiras duas décadas do século XIX, eles eram principalmente haussás, capturados de um ou de outro lado dos conflitos que levaram à formação do Califado de Sokoto, em 1809, seguidos de rebeliões ocasionais de reinos e lideranças submetidos ou ainda não conquistados.

Quanto às etnias islamizadas encontradas na Bahia, quando da grande revolta escrava de 1835, afirma Reis (2003, p. 178):

Foram os haussás que na Bahia se tornaram prontamente identificados com o Islã: haussá e malê, apesar da origem iorubá deste termo, se tornaram sinônimos. Seria, de quebra, mais um atestado da pouca importância numérica dos fulanis na Bahia, eles que na África eram tidos como muçulmanos mais bem treinados.

Embora fossem os haussás os africanos mais intensamente islamizados, os nagôs (iorubás) os sobrepunham, em muito, numericamente. Segundo Reis (2003, p. 179):

Não duvido, inclusive, que por volta de 1835 os muçulmanos baianos fossem nagôs na sua maioria e não filhos de nações minoritárias na Bahia, como a haussá e, menor ainda, a tapa, ou a minúscula fulani. De qualquer modo, os malês-nagôs tinham poder e prestígio na comunidade africana, pelo menos entre os de sua nação.

Segundo Reichert (1970, p. 110, 111, 112, 113), o termo *malê* resulta da evolução do étimo árabe *mu'allim*, 'professor, instrutor', cuja variante *malami* (*malemi*) já ocorre na Crônica de Kano com a mesma acepção, dado serem os primeiros muçulmanos a se integrarem em determinadas regiões africanas professores e letrados. Sofreu o vocábulo, então, em haussá, mudança semântica por metonímia: extensão semântica de atividade humana praticada (ensino) para a religião professada (islamismo), verificando-se, em iorubá, a perda do primeiro traço (de atividade humana), permanecendo apenas o segundo (de crença religiosa).

O vocábulo *malê* foi inicialmente empregado apenas por adeptos de outras crenças para se referirem aos africanos islamizados, mas, nos mercados escravos africanos, teve o seu uso estendido a todo afro-muçulmano escravizado e com esta acepção foi introduzido no Brasil (REICHERT, 1970, p. 11). Os muçulmanos se referiam a si próprios pelo vocábulo árabe *muslim*, que, em haussá, resultou na forma *musulmi*, também empregada por afro-muçulmanos no Brasil (REICHERT, 1970, p. 109).

Quanto à islamização dos escravos, depoimentos tomados quando da grande revolta malê de 1835 apontam para a sua ocorrência na terra de origem, em geral na infância e em escolas corânicas, com o aprendizado simultâneo da língua árabe. Segundo Reis (2003, p. 179-180):

[...] Vários nagôs confessaram ter se iniciado no Islã antes de atravessar o Atlântico. Com o escravo Gaspar (Huguby para os africanos) foram encontrados papéis escritos por ele próprio em árabe, pois que, confessou, "sabia ler e escrever já mesmo de sua terra". No ato da sua prisão chegou a ler "cinco ou sete linhas da direita para a esquerda" para o juiz de paz, que quis saber do que se tratava, mas Huguby, segundo o escrivão, "não podia ou não sabia explicar no nosso idioma". Para muitos, era impossível traduzir o idioma daquela religião para o idioma da

escravidão. Outro escravo nagô, Pedro, perguntado sobre o conteúdo de papéis e um livro de notas encontrados em seu poder, respondeu que “o livro continha rezas de sua terra e os papéis várias doutrinas cuja linguagem e sua ciência ele sabia antes de vir de sua terra”. O liberto Pompeu, mais cauteloso, informou que “tendo aprendido [as ‘letras arábicas’] em sua terra pequenino, que agora quase nada se lembrava”. O liberto Ajadi, que era nagô, declarou que “o dito caderno trata da religião do seu País porque vira ali semelhante”. Ou seja, o Islã é dito por Ajadi ser a religião dos nagôs! Vê-se então que, da mesma forma que os haussás, os nagôs contavam com velhos muçulmanos em suas fileiras e o prestígio, a influência e ascendência que tinham não podem ser subestimados [...].

E ainda:

[...] [o escravo haussá] Antônio continuou tranqüilamente afirmando, em interrogatório formal e público na casa do padre, que “no tempo de pequeno, em sua terra, andava na escola”, e aí aprendera aquela língua estranha aos baianos para escrever “orações segundo o cisma da sua terra”. (REIS, 2003, p. 197).

Entre os escravos, a prática do islamismo se deu de forma discreta na sociedade receptora. Segundo Quiring-Zoche (1997, p. 232), “Efetivamente, enquanto muitas manifestações religiosas africanas abrigavam-se sob um catolicismo popular, o Islão não se deixava integrar no cristianismo, de modo que os negros muçulmanos tinham de praticar sua religião secretamente”.

O islamismo fortalecia a identidade étnica, levando à rejeição de negros brasileiros, o que se verificava, com efeito, também em irmandades católicas de africanos. De acordo com Reis (1996, p. 25):

[...] O Islã teria facilitado alianças étnicas importantes, como entre os iorubás e haussás, inimigos em suas próprias pátrias. Mas o Islã foi também mecanismo de fortalecimento de identidade étnica. Tal como muitas irmandades católicas de africanos, os malês rejeitaram os negros brasileiros. E na rebelião de 1835, supostamente muçulmana, o grito de guerra teria sido etnicamente circunscrito: “Viva Nagô”.

Com o fracasso da revolta de 1835, muitos muçulmanos livres emigraram para o Rio de Janeiro. Costa e Silva (2004, p. 290) afirma que:

Em seu relatório, [o conde] Gobineau [ministro da França no Brasil] escreve que todos os africanos moslins eram minas, denominação que no Rio de Janeiro e outras regiões do sul do Brasil significava qualquer africano que não fosse banto ou qualquer um que tivesse embarcado entre a Costa do Senegal e os Camarões. Ele também menciona que um bom número dos africanos muçulmanos de Salvador, ao se tornarem livres, regressavam à África, mas que outros preferiam emigrar para o Rio de Janeiro. Quarenta anos mais tarde, João do Rio confirmaria a informação de Gobineau: muitos dos moslins do Rio de Janeiro provinham da Bahia. É possível que quisessem não apenas ficar longe de seus antigos donos, mas também escapar de constrangimentos pessoais, da desconfiança e das perseguições que se seguiram às revoltas das primeiras quatro décadas do século XIX.

Até 1835, os afro-muçulmanos parecem ter pouco circulado em ambientes religiosos outros, como candomblés e irmandades católicas, dada a ascensão em que se encontrava o islamismo até a sua “proibição”, como represália às rebeliões a que o Islã militante incitava. Segundo Reis (1996, p. 13):

Com o avançar do século XIX, porém, parece que africanos islamizados, haussás e nagôs na maioria, passaram a freqüentá-la [a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos das Portas do Carmo], embora talvez tivessem sido mais numerosos na Irmandade de Nossa Senhora da Soledade Amparo dos Desvalidos (futura Sociedade Protetora dos Desvalidos), fundada bem mais tarde, em 1832. A verdade é que pouco sabemos sobre a circulação dos negros muçulmanos, os chamados malês, no interior de outras instituições de caráter religioso dos africanos, como os candomblés. É provável que até o levante de 1835, se essa circulação existia, era pouco intensa, uma vez que o Islã era um movimento em ascensão, que militava para converter africanos para o lado de Alá. Com a derrota sofrida naquele ano e a repressão que se seguiu, desconfio que os malês amoleceram a alma e adotaram o pluralismo religioso que caracterizava a população negra [...].

Costa e Silva (2004, p. 291) reporta a migração para novas crenças por parte daqueles que outrora professaram o islamismo:

Muitos de seus membros [da comunidade muçulmana do Rio de Janeiro] foram mandados de volta para a Costa africana pelas autoridades brasileiras, outros retornaram à África por vontade e iniciativa próprias, por não aceitarem continuar a ser governados por infiéis, ou descontentes com as restrições que seus cultos sofriam no Brasil, ou insatisfeitos com a desconfiança, misturada a uma espécie de medo e de respeito, que os muçulmis inspiravam aos outros negros. A maioria morreu. Alguns deles, já na velhice, experimentaram a desilusão de ver filhos e netos abandonarem, pouco a pouco, o islamismo e se juntarem a outros grupos religiosos. Tal como aconteceu em Salvador, onde alguns velhos moslins se queixaram a Nina Rodrigues de que seus descendentes estavam trocando o islame pelos cultos dos orixás e pelo catolicismo.

A criminalização do islamismo e da língua árabe após a revolta malê de 1835, quando o mero portar qualquer escrito árabe condenaria o seu portador à condição de réu, sujeito à deportação para a África, à exportação para outra província ou à tortura e à morte, levou ao desaparecimento de ambos, língua e religião, até que uma nova comunidade muçulmana, fundada em Salvador por iorubás muçulmanos da Nigéria em fins dos anos 80 do século XX, fez com que ressurgissem (DOBONRAVIN, 2004, p. 326; QUIRING-ZOCHE, 1997, p. 232).

A presença afro-muçulmana na Bahia legou à posteridade uma série de registros escritos, alguns multilíngües (árabe, línguas africanas), em caracteres árabes magrebinos, confiscados a seus donos ou resgatados de corpos dos combatentes mortos logo após a insurgência de 1835 (REIS, 2003, p. 200).

Os documentos confiscados quando da rebelião de 1835 são manuscritos contendo textos corânicos, orações islâmicas não-corânicas e textos diversos, como amuletos e exercícios de escrita árabe, constituindo, com efeito, esta classificação a adotada por Reichert, ao publicar, nos anos 60 do século passado, três artigos nos quais os edita, traduz e comenta (REICHERT, 1966, 1967, 1968).

Sobre os amuletos africanos, Reis (2003, p. 180, 181) afirma que:

Os estudiosos do Islã são unânimes em reconhecer a estima por esses amuletos [malês] também na África. [...] Mesmo grupos africanos ainda intocados pelo Islã incorporavam os patuás por suas alegadas virtudes protetoras. [...] A palavra escrita gozava de grande prestígio entre aqueles africanos mais familiarizados com a cultura oral, para os quais a escrita em si representava magia protetora da melhor espécie. Mesmo entre grupos islamizados como os fulanis, podiam ser encontrados indivíduos que apostavam no poder protetor da palavra escrita de extração não-islâmica.

E assim os descreve:

Os amuletos malês eram em geral feitos de folhas de papel contendo passagens do *Qur'ân* e rezas fortes. Esses papéis eram escritos e cuidadosamente dobrados por gente entendida no assunto, até chegar a um tamanho de aproximadamente três a cinco centímetros – operação que também tinha seu mistério – e colocados dentro de bolsinhas de couro ou pano inteiramente costuradas. A função protetora aumentava com o número de amuletos carregados junto ao corpo. (REIS, 2003, p. 183).

A edição crítica dos manuscritos malês baianos e a análise das línguas neles documentadas demonstram serem os seus autores mais ou menos familiarizados com a grafia árabe, mas não propriamente com a língua (DOBRONRAVIN, 2004, p. 313). Dobronravin (2004, p. 306, 309) analisou um manuscrito localizado em Havre, um livro com 45 folhas, escrito com caracteres árabes, cujas passagens “fonetizadas” têm características lingüísticas tais que sugerem ser o iorubá a língua principal do seu autor. Fragmentos há, entretanto, de difícil identificação, parecendo árabe fonetizado; outras, ainda, com grafia incorreta, provavelmente em haussá (DOBRONRAVIN, 2004, p. 310, 311).

Dobronravin analisou também manuscritos do Arquivo Público do Estado da Bahia. Um deles não guarda qualquer relação com o referido levante, constituindo o “primeiro manuscrito com um texto não-árabe significativo e é também o primeiro texto não-religioso até agora identificado entre os papéis malês baianos” (DOBRONRAVIN, 2004, p. 314). Trata-se de um bilhete endereçado a um malam em virtude da morte de um bebê, cujo pai pede, não se sabe ao certo, condolências ou um amuleto. Este texto, bilíngüe, árabe-haussá, com predominância desta última língua, foi tomado de um africano de origem nupe (tapa). O

fragmento em haussá também traz características que denotam a condição de língua estrangeira que essa língua tinha para o autor (DOBRONRAVIN, 2004, p. 314, 315).

Um terceiro manuscrito, do qual há apenas uma reprodução publicada por Reichert, teve a sua interpretação comprometida, quando tomado por árabe. Tomado como bilíngüe, haussá nas passagens antes de difícil interpretação, torna-se compreensível (DOBRONRAVIN, 2004, p. 317-318).

Documentos afro-muçulmanos localizados no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro, ilustram a utilização do árabe, a par de outras línguas africanas, no Brasil oitocentista. Um livro de orações com 103 folhas traz passagens obscuras, provavelmente em árabe fonetizado ou em alguma língua africana (DOBRONRAVIN, 2004, p. 320-321). Um segundo documento, confiscado pela polícia gaúcha na década de 1840, possui uma anotação marginal em haussá (DOBRONRAVIN, 2004, p. 321-322).

Os manuscritos analisados por Dobronravin contrastam com outros documentos, localizados no Arquivo Público do Estado da Bahia, e editados no final dos anos 60 por Reichert, e cujos autores ou compiladores demonstravam conhecimento mais profundo da língua árabe e memorização de várias suras, reproduzidas pelos mesmos sem erros ou com poucos equívocos (DOBRONRAVIN, 2004, p. 313; REICHERT, 1966, 1967, 1968). No dizer de Reichert (1966, p. 169): “Há textos que revelam um escritor bem educado, e há outros que demonstram o esfôrço fervoroso do estudante que repete certo trecho sagrado por dúzias de vezes”.

Segundo Dobronravin (2004, p. 313):

Alguns manuscritos islâmicos da Bahia são, aparentemente, baseados na transmissão oral da tradição que sobreviveu à travessia do Atlântico pelos africanos muçulmanos. Seus autores eram mais ou menos familiarizados com os caracteres árabes, mas seu conhecimento da língua árabe era, em geral, muito rudimentar. As preces e nomes pessoais (inclusive o nome de Alá) foram escritos tal qual pronunciados, o que torna esses textos muito interessantes do ponto de vista lingüístico. Por outro lado, o estilo e a ortografia de alguns dos manuscritos estudados por Reichert e Monteil indicam que seus autores ou compiladores tinham um conhecimento mais profundo do árabe. Eles haviam memorizado várias suras, se não todo o *Qur'ân*, e as escreveram com bem poucos ou nenhum erro. Alguns desses indivíduos, que poderiam ser corretamente descritos como muçulmanos eruditos, parecem ter possuído cópias completas do *Qur'ân*, feitas no Brasil ou trazidas da África.

Textos islâmicos multilingües da Bahia registram, a par do uso do árabe, a língua haussá, atestando o prestígio desta etnia como “verdadeiramente muçulmana”, em detrimento da iorubá, cujos falantes constituem a maioria dos afro-muçulmanos, denotando, ainda, a importância dos haussás na islamização destes (DOBRONRAVIN, 2004, p. 324).

Os nagôs, na verdade, parecem ter constituído a maioria da comunidade afro-muçulmana desde pelo menos 1835, mas são expressões em haussá (e não em iorubá) que estão presentes, ao lado do árabe, nos manuscritos malês. Essa é uma evidência da importância dos haussás na formação muçulmana dos nagôs (iorubás), uma herança da experiência africana, sobretudo os contatos e a convivência dos iorubás do norte, de Oyo, com seus vizinhos haussás. (DOBRONRAVIN, 2004, p. 324-325).

Segundo Dobronravin (2004, p. 325-326), entre os afro-muçulmanos, no século XIX, a língua árabe constituía a principal língua escrita, ao lado do português, sendo usada principalmente no âmbito religioso (registro de amuletos, orações, suras, etc.), não chegando, entretanto, a constituir língua de comunicação cotidiana.

Naquele tempo [século XIX], o árabe – principal língua escrita nas comunidades africanas, além do português – parece ter sido usado sobretudo para objetivos “mágicos” e religiosos. Não era uma língua instrumental, falada, embora praticamente todo descendente brasileiro de africano muçulmano deva ter aprendido algumas poucas expressões, ou mesmo preces e versos corânicos, em árabe. (DOBRONRAVIN, 2004, p. 325-326).

E ainda:

Não é claro se algum dos africanos muçulmanos descritos por Querino ainda podia usar (ler e escrever) o árabe. Não há dúvida de que, se sabiam escrever, com o tempo faziam-no talvez principalmente em alfabeto romano, e logo se tornaram praticamente monoglotas, em português e algum nagô (iorubá) em vez de haussá. (DOBRONRAVIN, 2004, p. 324).

A difusão do islamismo na África e a influência da cultura e da língua árabes entre habitantes da África Ocidental resultaram em interferências léxicas nas línguas autóctones. Na obra *Arabismos entre os Africanos na Bahia* (MICHAELE, 1968), citam-se numerosos exemplos de reflexos desse contato lingüístico-cultural nas línguas africanas introduzidas na Bahia com o tráfico escravo.

Afirma Michaele (1968, p. 65) que “[...] o Haussá tem a seu favor maior coeficiente de termos abstratos, que se aproximam dos existentes nas línguas européias, justamente por ter sofrido a influência do árabe, como vamos ver, através de rápido exame do seu vocabulário [...]”. A seguir, lista vários arabismos haussás, dentre os quais: *lafiya*, ‘paz, saúde’; *shidda*, ‘seis’; *shiru*, ‘silêncio’; *malan*, ‘letrado’; *liman*, ‘capelão’; *kullun*, ‘sempre’; *zafi* (dafi), ‘calor’; *lalle*, ‘é preciso, necessidade’; *littafi*, ‘livro’; *ka-bari* ‘túmulos’; *karanta*, ‘ler’; *labari*, ‘notícia’; *masallachi*, ‘mesquita’; *duniya*, ‘universo’; *yau*, ‘hoje’; *sama*, ‘céu’; *shriya* (*chariaa*), ‘justiça’; *nam*, ‘sim’; *tara*, ‘nove’; *sifiri*, ‘zero’; *aljifu* ‘bolso, algibeira’; *sukar*, ‘açúcar’, *subdu* ou *assabat*, ‘sábado’, etc. (MICHAELE, 1968, p. 65).

Aponta, então, influências recíprocas entre o haussá e o iorubá. Cita Jacques Raymundo, em *O Negro Brasileiro*: “(...) muitas expressões tipicamente iorubanas podem ser encontradas no vocabulário haussá” (RAYMUNDO apud MICHAELE, p. 1968, p. 66). E ainda:

Os termos iorubanos, ocorrentes na nomenclatura ritual dos negros muçulmanos, afigura-se que não são indício preponderante para se pensar logo num amalgamismo religioso **jeje-iorubano-muçulmi**. O concurso de termos iorubanos é natural, dado o número de adeptos do norte da Iorúbia; mas os haussás, a-par com fulanis, nupês e adamauás, intervêm com outros termos, quási todos de origem arábica: *açuba*, *açumi*, *adiçá* (*liçá*), *alicali*, *alijenu(m)*, *amurê*, *ladane*, *lemano* (*limano*), *maçalaci*, *mangariba*, *muçulmi*, *sacá*, *saiá* (*sala*), *sará*, *tirá*, etc. Os iorubanos não são em maior número: *abadá*, *alufá*, *axivaju* (*assivaju*), *cola* (*kola*), *filá* (*fulá*), *idã* (*idana*), *malê*, *otô* (*atô*), *sagabano*, *teçubá* (*tecebá*), etc. (RAYMUNDO apud MICHAELE, p. 1968, p. 66-67, grifo do autor).

Michaele aponta outras formas de origem árabe, pertencentes ao vocabulário geral iorubá, a saber: *atabaque*, *cuscús*, talvez as negações *ma* e *lai*, *baba*, *imalè*, *alafim* (*alafi*), etc. (MICHAELE, p. 1968, p. 78-79), além de arabismos da língua canuri coletados por Nina Rodrigues: *alá*, ‘céu’; *aradu*, ‘trovão’; *kanum*, ‘fogo, luz’; *tinu*, ‘dente’; *sumo*, ‘orelha’; *kandiê*, ‘fumaça’; *alabátara*, ‘burro’; *kanin*, ‘cabra’; *ferr-o*, ‘cavalo’; talvez ainda *abáni* (*abani*), ‘pai’ e *soba* (*çoba*), ‘amigo’ (MICHAELE, p. 1968, p. 109).

Por fim, Michaele aborda a língua tapa, que caracteriza como mais “modesto e pobre” que os idiomas haussá e iorubá (MICHAELE, p. 1968, p. 124), afirmando que “[...] o seu papel, na Bahia, se limitou também às relações domésticas e coisas do culto muçulmano [...]” (MICHAELE, p. 1968, p. 124-125). Ilustra o influxo árabe em seu léxico mediante análise de 03 vocábulos: *mu-an*, ‘água’; *nóurr*, ‘fumaça’ e *malufá*, ‘chapéu’.

Alguns desses arabismos africanos seriam integrados ao sistema lexical do português brasileiro e efetivamente dicionarizados pela Lexicografia brasileira, no mais das vezes, entretanto, identificados como africanismos, quando, em verdade, exercem as línguas africanas o papel de línguas-ponte na sua transmissão (cf. discussão na seção 2.6.4).

No que concerne à caracterização sócio-lingüística do contato do árabe com a língua portuguesa, diretamente ou por meio das línguas africanas, tem-se que:

No Brasil, enquanto língua de algumas etnias escravizadas, a língua árabe enfrenta resistência devido à religião distinta da prioritariamente aqui professada e à "inferioridade" social que a escravidão simboliza, verificando-se, assim, apenas bilingüismo sem diglossia, a terceira configuração da relação bilingüismo/diglossia proposta por Fishman (apud HEYE, 1979, p. 216).

Cabe lembrar que a islamização da África negra não se deu uniformemente, verificando-se inicialmente entre as elites cidadinas e de modo mais ou menos sincretizado com as religiões pagãs tradicionais nas demais áreas (MONTEIL, 1967, p. 06-10), não sendo o uso da língua árabe uniforme entre os escravos aqui trazidos, e não se tratando, portanto, de bilingüismo generalizado. O uso do árabe no âmbito religioso particularizaria os “malês” face a outros escravos e à sociedade receptora (DOBONRAVIN, 2004, p. 313, 324, 325-326). Assim, aplicando-se o conceito de congruências lingüísticas e sócio-culturais proposto por Weinreich (1967, p. 90-97), haveria, neste caso, congruência das divisões lingüística, étnica, religiosa e social.

Aplicados os esquemas de Stewart (apud HEYE, 1979, p. 219) para classificação de sociedades multilíngües na descrição do contexto lingüístico do Brasil escravagista (séculos XVIII e XIX), temos:

português: S/V, o, e, l, w

árabe: C, g, r

línguas africanas: g

Como a chegada de maior número de escravos islamizados se torna sistemática à época da implantação da reforma pombalina e à obrigatoriedade do uso da língua portuguesa no Brasil, não se consideraram, aqui, as línguas gerais.

Aplicando-se a proposta de Lüdtke (1974, p. 241-242) ao uso da língua árabe no Brasil da escravidão, evidencia-se a sua função exclusiva de língua ritual (III), caracterizando-se o contato português-árabe pela configuração lingüística I + II (português)/ III (árabe), ou seja, o uso cotidiano da língua nacional e uso restrito do árabe no âmbito religioso. Línguas africanas – haussá, iorubá, etc. – usadas pelos escravos se classificam como dialetos (I).

A rigor, a língua portuguesa com que os escravos entraram em contato já seria uma variedade não-padrão da língua (usada, por exemplo, por comerciantes de escravos e administradores de fazenda), e sua aprendizagem “de ouvido”, no contexto de transmissão irregular, concorreria para a formação do português popular brasileiro (correspondendo à categoria I, de dialeto ou língua espontânea, na classificação de Lüdtke), segundo a tese da bipolarização do português brasileiro de Dante Lucchesi, da Universidade Federal da Bahia (LUCCHESI, 2001, p. 105-106).

Este é, assim, o quadro de multilingüismo do Brasil da escravidão, aqui ilustrado pelo contexto baiano. Entretanto, o caráter ritual do árabe entre os afro-muçulmanos levou à sua perda quando da criminalização do islamismo e da sua língua de expressão, embora, segundo Dobonravin (2004, p. 325, grifo do autor):

O poliglotismo não desapareceu completamente com a decadência do Islã no Brasil. O uso do iorubá (em caracteres romanos e na moderna ortografia nigeriana) é visível na Bahia de hoje, enquanto a língua árabe reapareceu numa pequena, mas ativa comunidade muçulmana em Salvador (fundada por iorubás muçulmanos da Nigéria no final dos anos 1980), e até decora uma igreja católica, a igreja da Lapinha, na mesma capital, onde desde o final do século XIX passagens da *Bíblia* foram escritas em árabe sobre o teto de sua nave.

A Filologia Árabo-Românica encontra, aqui, ainda muito por fazer, desde a edição crítica da documentação produzida sobre a presença afro-muçulmana no Brasil, pelos governos, pela polícia, à época das revoltas malês, mas também pelos próprios escravos, a exemplo dos patuás (*tirà*), das bolsinhas de mandinga. Mesmo o estudo de fontes secundárias sobre essa presença concorreria para melhor se conhecer tanto o seu entorno sócio-histórico quanto a terminologia que encerra. Do ponto de vista estritamente lingüístico, a descrição da interferência das línguas africanas no árabe fonetizado que documentam os manuscritos malês poderia levar à identificação de arabismos ingressos na língua portuguesa por uma via brasileira.

### **2.3.5.3 O Brasil da imigração**

Abolida a escravatura, incentiva o governo brasileiro a vinda de imigrantes para aqui trabalhar, o que facultou a chegada dos primeiros árabes ao país, a par de imigrantes de outras origens étnicas.

Segundo Vargens (2007, p. 38):

O Imperador do Brasil D. Pedro II visitou o Egito, a Palestina, a Síria e o Líbano em três ocasiões: 1871/1872; 1876 e 1887/88. Sua majestade manifestou o desejo de receber no Brasil imigrantes provindos daqueles países e, para tal, prometeu-lhes ajuda e proteção. De fato, o Imperador concedeu possibilidades de instalação àqueles que se estabeleceram em solo pátrio.

A imigração árabe no Brasil conheceu, então, dois fluxos de entrada: 1. de árabes cristãos, no período compreendido entre 1860 e 1938, e 2. de árabes muçulmanos, entre os anos de 1945 e 1985 (OSMAN apud MONTENEGRO, 2002, p. 64).

A vinda de imigrantes designados generalizadamente “turcos-árabes”, em virtude de portarem documentos emitidos pela Turquia, dá-se de forma espontânea, por vontade própria dos imigrantes sírio-libaneses já desde o último quarto do século XIX. Verificam-se, a partir de então, 03 momentos distintos na história da imigração sírio-libanesa no Brasil, vividos por: 1. imigrantes da primeira geração, aqui aportados em geral por não lograrem

entrar nos EUA (1870-1914); 2. imigrantes de segunda geração, que promoveram uma imigração em massa, em decorrência das redes sociais estabelecidas entre os imigrantes pioneiros, aqui no Brasil, e seus parentes e amigos na terra natal, facultando, para os recém-chegados, hospedagem, obtenção de trabalho e aprendizagem do português (1920-1950); caracteriza-se esta fase, ainda, pela vinda de maior número de libaneses, devido a conturbações político-sociais decorrentes da criação do Estado israelense e da entrada, no Líbano, de refugiados palestinos, o que gerou conflitos sociais, além de invasões ao território libanês promovidas pela Síria, por Israel e pelo Irã; 3. terceira geração de imigrantes, cuja migração também se deu em massa e foi intencionalmente dirigida, após a Segunda Guerra Mundial, com imigrantes acolhidos por parentes e amigos já bem estabelecidos no Brasil (FÍGOLI, VILELA, 2004 p. 04-07).

Evidenciam Fígoli e Vilela (2004, p. 07) o fato de esses processos migratórios se darem dentro de “redes” sociais, constituindo, com efeito, migrações de caráter grupal:

[...] A migração internacional supõe muitos riscos mas a confiança nas redes interpessoais de informação e solidariedade entre os imigrantes da mesma geração e entre as várias gerações que se sucedem na vinda para o Brasil, se mostrou um recurso estratégico tanto na tomada de decisão de emigrar quanto na escolha do local de destino e, fundamentalmente, na superação das dificuldades de estabelecimento no novo meio social. Nesse sentido, entendemos que a migração que protagonizam sírios e libaneses desde fins do século passado para o Brasil não pode ser considerada produto de uma empreitada individual, efeito de agentes desgarrados do tecido social de suas origens.

Atualmente, a chegada de sírios e libaneses no Brasil é muito pequena, pois a obtenção de vistos de permanência é difícil, além de a Síria gozar de estabilidade política desde 1970 (FÍGOLI, VILELA, 2004, p. 07).

Vargens (2007, p. 40) lembra que, além do Rio de Janeiro, estabeleceram-se esses imigrantes nas regiões norte e sul do Brasil, em decorrência do desenvolvimento econômico proporcionado, respectivamente, pelos ciclos da borracha e do café. Depois de trabalhar como mascates, abriram lojas por todo o país.

Para Waniez e Brustlein (2001, p. 158), a predominância de cristãos entre os imigrantes sírio-libaneses explica por que, apesar de sua forte presença no Brasil, haver poucos muçulmanos declarados nos recenseamentos.

Os fatores políticos e religiosos que originaram a emigração de sírios e libaneses em direção às Américas são muito controversos. [...] a tese “antropo-religiosa” destaca a mentalidade progressista dos cristãos maronitas e sua menor ligação com a pátria, ao contrário dos muçulmanos. Nos dois casos, a posição difícil dos cristãos explica o fato de estes se constituírem na maior parte dos sírios e libaneses que emigraram para a América, até a Segunda Guerra Mundial. Isto explica sem dúvida que, apesar

da presença tangível de um componente árabe na nação brasileira, o número de pessoas que se declaram de confissão muçulmana aparece reduzido nos recenseamentos.

Segundo Jardim (2006, p. 171), a imigração recente é realizada por palestinos, que constituem 1/3 da população refugiada do mundo, e cuja imigração é caracterizada como de pós-guerra, decorrente da criação do estado de Israel, em 1948, ou em virtude de outras guerras, como a Guerra dos 06 Dias, em 1967, e a Intifada de 1987.

Jardim (2006, p. 173) afirma que:

[...] os palestinos são referidos como uma nova onda de imigrantes do Oriente Médio, distintos das levas anteriores de árabes, porque são na sua maioria muçulmanos. É assim que [Delgal, 1992] organiza seus dados. Onde há uma mesquita, há a produção de um registro de procedências, o que o leva a estimar a população palestina em 15% das demais procedências árabes conforme os registros do Centro Islâmico de São Paulo. Meus informantes reiteravam que 10% dos imigrantes de outras procedências árabes são palestinos [...].

É, também, uma imigração pautada “em rede”, isto é, intermediada por parentes e amigos. Ainda de acordo com Jardim (2006, p. 171):

[...] Contudo, ouvindo suas histórias relativas à imigração, percebemos que sua vinda fora intermediada tanto por outros imigrantes, chamados por cartas por parentes, e, portanto, não são uma “leva” tão definida em seus contornos temporais [sic]. Mantêm uma continuidade com redes de relações de patrícios de outras procedências árabes e compartilham de muitas experiências, entre elas a ocupação inicial como mascates.

Diferencia-se a migração palestina das demais experiências migratórias verificadas no Brasil pelo interesse manifestado pelos filhos dos imigrantes na preservação dos costumes da terra de origem. Segundo Jardim (2006, p. 175): “[...] evidencia-se um interesse dos filhos de imigrantes no *revival* das tradições, seja por uma releitura das relações familiares e dos modelos familiares, seja recuperando alguns rituais (familiares e muçulmanos)”.

Além disso, a diáspora palestina proporciona laços familiares entre indivíduos emigrados para diferentes continentes, proporcionando-lhes freqüentes viagens de visita. De acordo com Jardim (2006, p. 176): “As viagens que empreendem têm significados diversos: visitam os familiares, retornam aos povoados de origem para reencontrar irmãos ou apresentar seus filhos à parentela ou realizam a obrigação de peregrinar a Meca [...]”.

E ainda:

As rotinas de viagens chamam a atenção de todos, seja porque sempre surge uma esposa trazida de algum país do Oriente Médio, seja porque alguém planeja uma viagem durante muito tempo para si ou para sua família. Ao mesmo tempo que há

um *revival* das tradições, evidenciada na importância e suntuosidade das festas de casamento “ao estilo árabe”, as redes de relações “entre” lugares são revitalizadas por meio das viagens. Na experiência atual, todos têm uma história para contar, sua ou dos seus parentes. Portanto, a viagem relatada não se restringe a uma viagem sobre a vinda ao Brasil, mas sobre constantes idas e vindas. Há o relato comum aos jovens filhos de imigrantes escolarizados nos costumes, no idioma, ou relativamente bem familiarizados com práticas testemunhadas na vida familiar travada em outras cidades. As viagens são uma experiência sublinhada como própria dos “árabes” e especial para a vida dos palestinos. (JARDIM, 2006, p. 177-178).

Estudos de geografia humana pautados no censo brasileiro de 1991 apontam que o imigrante muçulmano se fixou na capital paulista ou na tríplice fronteira, em capitais do Sul e do Sudeste, além do Distrito Federal. Entretanto, com exceção dos estados de Alagoas, Amapá e Piauí, entrevistados se declararam muçulmanos, em maior ou menor número (entre 05 e 9.884 informantes), em todos os demais territórios nacionais (WANIEZ E BRUSTLEIN, 2001, p. 163, 164).

Segundo Montenegro (2002, p. 64):

O mapa do Islã, suas organizações e seu número de adeptos, permite que observemos que existem algumas áreas a destacar dentro do Brasil. Chamemos aqui “zonas do Islã” os espaços geográficos que concentram o maior número de muçulmanos. A primeira dessas zonas é a região sudeste, incluindo os espaços de São Paulo e Rio de Janeiro nos quais as instituições muçulmanas somam mais de 30. A segunda zona é a região sul do país, com mais de 16 Sociedades muçulmanas, destacando-se pela concentração os estados de Paraná e Santa Catarina.

A respeito da presença muçulmana na região sul do Brasil na atualidade informa Montenegro (2002, p. 64), ainda, que “As comunidades do estado do Paraná se originam dessa leva mais recente de imigrantes, que continuam se desdobrando até hoje. Oriundos do Líbano e da Palestina, trataria-se de muçulmanos pertencentes basicamente à vertente xiita do islamismo”.

Montenegro (2002, p. 64), então, aponta o papel da língua árabe na integração dos imigrantes, mesmo daqueles que professam diferentes vertentes do islamismo: “Existem, em cidades como Foz do Iguaçu, pelo menos três grandes mesquitas construídas em estilo característico. Nessa região, a língua árabe comum contribui visivelmente para a coesão das comunidades muçulmanas, tanto sunitas quanto xiitas”.

Segundo Waniez e Brustlein (2001, p. 160-163), baseados no censo de 1991, os muçulmanos têm escolaridade mais elevada do que os brasileiros (92,8% são alfabetizados, contra 75,8% dos brasileiros, sendo que 13,5% dos primeiros têm nível superior, em oposição aos 3,7% que perfazem os brasileiros com diploma universitário); têm maior poder aquisitivo (05 vezes mais muçulmanos declararam ter rendimento médio de pelo menos 10 salários mínimos, constituindo um percentual de 9,2% dos muçulmanos contra 1,8% dos brasileiros),

e são, em geral, empregadores (60% atuam no comércio, contra apenas 15,2% da população urbana brasileira; quase 40% daqueles sendo empregadores, enquanto apenas 4,3% desta desempenha essa função).

Ainda de acordo com Waniez e Brustlein (2001, p. 164), distribuem-se, por exemplo, pelos estados de São Paulo (9.884 entrevistados, em uma proporção de 313 por milhão de habitantes), Paraná (4.360 muçulmanos declarados, perfazendo 516 por milhão de habitantes), Rio Grande do Sul (2.734 indivíduos, o que corresponde a 299 por milhão de habitantes), Rio de Janeiro (1.207 informantes ou 94 por milhão de habitantes), Distrito Federal (869 entrevistados ou 544 por milhão de habitante), Mato Grosso do Sul (661 indivíduos ou 372 por milhão de habitantes), Minas Gerais (657 entrevistados ou 42 por milhão de habitantes), Goiás (558 muçulmanos declarados ou 139 por milhão de habitantes), Mato Grosso (464 informantes ou 229 por milhão de habitantes) e Santa Catarina (463 muçulmanos, na proporção de 102 por milhão de habitantes).

Tais dados de geografia humana e social apontam para a integração do imigrante à sociedade brasileira, correspondente, no plano lingüístico, à aprendizagem da língua portuguesa, conforme discutido na seção 2.3.2. Entretanto, ainda se fazem necessárias pesquisas sobre a imigração mais recente, para estabelecimento do perfil do imigrante, no que respeita ao indivíduo (origem urbana ou rural; nível de escolaridade, se passam por escolarização no Brasil; variedade(s) diastrática(s) e diatópica(s) empregada(s) da língua árabe; profissão exercida; sexo) e à própria rede de imigração (extensão e integração da rede social; condições ofertadas de preservação da língua árabe, mediante contínuo contato com parentes e amigos compatriotas e/ou conterrâneos, ou pela profissão da fé muçulmana, com leitura do Corão e dos Hadiths no árabe clássico e cumprimento das 05 orações diárias em árabe, a frequência a espaços em que há a congregação de muçulmanos, quais a mesquita e centros culturais islâmicos).

Poder-se-ia, então, investigar as interferências resultantes do uso alternado das línguas árabe e portuguesa no português do Brasil. Conhecer o prestígio da comunidade muçulmana, a caracterização que dela faz a sociedade receptora, as relações sociais, profissionais e afetivas estabelecidas entre ambas possibilitaria perquirir o quanto o convívio de falantes de árabe com lusófonos concorre para o enriquecimento, sobretudo lexical, do português brasileiro.

Entre os imigrantes arabófonos, cabe distinguir dois grupos, consoante a religião professada, o que corresponde, grosso modo, aos fluxos migratórios mais importantes, anteriormente citados: o grupo predominantemente cristão, que mais facilmente se assimilou à

sociedade receptora, a que se integrou há mais tempo, e o grupo majoritariamente muçulmano (OSMAN apud MONTENEGRO, 2002, p. 64).

No Brasil da imigração, da aplicação da proposta de Stewart (apud HEYE, 1979, p. 219) para a descrição de sociedades multilíngües resulta que:

No primeiro fluxo migratório (1860-1938):

português: S/V, o, e, l, w, r

árabe: S/V,g

Verifica-se, neste contexto de contato, o uso do português como língua de comunicação extensiva, língua da educação, da literatura e mesmo da religião cristã, predominante nessa leva de imigrados, sendo o árabe a língua de grupo (de imigrante).

No segundo fluxo migratório (1945-1985):

português: S/V, o, e, w, l, r [s]

árabe: C/S/V, g, r [e, l]

Já neste segundo fluxo migratório (1945-1985), a língua oficial da sociedade receptora preserva as funções que tivera quando da chegada dos primeiros imigrantes árabes, com a diferença apenas de constituir objeto de ensino, seja na preparação para a vinda dos emigrados, seja nas suas escolas, aqui no Brasil. Já o árabe tem a importante função de língua da religião e, eventualmente da educação, no caso de as crianças freqüentarem escolas muçulmanas. No site do Arresala – Centro Islâmico no Brasil, citam-se escolas muçulmanas em Foz do Iguaçu, Curitiba, São Paulo e em São Bernardo dos Campos, onde há 02 instituições islâmicas de ensino.

Aplicando a proposta de Lüdtke ao uso da língua árabe no Brasil da imigração, tem-se que:

Entre árabes cristãos, verificam-se as seguintes configurações: I (árabe dialetal)/ I + II (português) para a primeira geração de imigrantes e I + II (português apenas), II + III entre os de mais elevada escolarização, para as gerações seguintes.

Entre árabes muçulmanos, com maior preservação de características lingüístico-culturais da região de origem, além da religiosa, é de se esperar pelo menos a ocorrência das configurações: I (dialeto árabe)/ I + II (português)/ III (árabe clássico) para a primeira geração; I + II (português), II + III, entre os de escolaridade mais elevada / III (árabe clássico) para as seguintes.

Aqui, segundo Lüdtke (1974, p. 243), haveria diglossia apenas no uso de variedades distintas do próprio árabe (I, dialeto da região de origem, empregado no seio da família, e II + III, entre falantes mais escolarizados, por exemplo, entre imigrantes de países

diversos) ou entre imigrantes que alternassem o dialeto árabe (I) com o português padrão (II + III), havendo ainda de se investigar a efetiva ocorrência dessas configurações.

Os resultados na aplicação da proposta de Lüdtke ao contato português-árabe entre imigrantes árabes e/ou muçulmanos no Brasil, levam-nos a questionar a sua aplicabilidade neste contexto específico: a proposta opõe um dialeto a uma língua de cultura apenas, excluindo inúmeras outras possibilidades que levam ao bilingüismo, como o emprego de dois dialetos ou de uma língua de cultura e outra língua, ritual.

No que respeita ao árabe, particularmente, há de se levar em conta, ainda, o fato de a língua corânica ser o modelo de língua clássica, instituída, portanto, de todo o prestígio de língua da Revelação, o que pode colocá-la em situação de maior prestígio face à língua da sociedade anfitriã, diferentemente do que postula o conceito de diglossia, segundo o qual necessariamente se estabelece, entre as línguas de contato, uma hierarquização pautada no valor social das línguas envolvidas, na comunidade que as emprega, sendo, em geral, a língua do imigrante a variedade (B), de menor prestígio.

Aplicando-se as possíveis configurações na distribuição dos fenômenos do bilingüismo e da diglossia propostas por Fishman (apud HEYE, 1979, p. 216-217) ao contexto da imigração árabe no Brasil, ter-se-ia a ocorrência de bilingüismo sem diglossia, característica de contextos de migração internacional.

Weinreich (1967, p. 94) aborda mais detalhadamente a questão da idade/geração no processo de contato de línguas decorrente da imigração, tratando da perda da língua do país dos ancestrais pelas sucessivas gerações. Afirma que “(...) as mesmas razões que levam uma faixa etária a mudar para uma nova língua geralmente compelem os mais velhos a pelo menos aprender esta língua”<sup>39</sup> (WEINREICH, 1967, p. 94, tradução nossa), verificando-se, ainda, seleção de uma língua durante a comunicação entre interlocutores de gerações distintas:

Em famílias de imigrantes nos E.U.A., por exemplo, crianças aprendem inglês muito rapidamente e, já no período inicial, elas é que voltam para a língua do antigo país, na comunicação com os mais velhos. Uma geração depois, os netos geralmente são unilíngües (inglês) e são os seus pais e avós que devem mudar de língua em deferência a seus interlocutores.<sup>40</sup> (WEINREICH, 1967, p. 94-95, tradução nossa).

---

<sup>39</sup> (...) the same reasons that lead an age group to shift to a new language usually compel its elders at least to learn that language.

<sup>40</sup> In American immigrant families, for example, the children usually learn English most rapidly and in the early period it is they who switch back to the old-country tongue in communication with their elders. A generation later the grandchildren are often unilingual (English) and it is the parents and grandparents who must switch languages in deference to their interlocutors.

A língua do país de origem adquire, então, conotações particulares (esoterismo, comicidade). Segundo Weinreich (1967, p. 95, tradução nossa):

A especialização estilística de uma língua que se torna obsoleta e a sua associação a experiências íntimas da infância conduzem ao empréstimo de elementos lexicais na fala de pessoas mais jovens, especialmente no discurso informal e não inibido por pretensões de alto status social.<sup>41</sup>

Verifica-se, ainda, a transferência no sentido inverso, da língua do novo país sobre a língua materna do imigrante, para fins de “atualização lingüística”, ou, conforme Weinreich (1967, p. 95, tradução nossa, grifo do autor), “Da mesma forma, a ‘nova’ língua pode ser vista por membros do grupo mais velho como moda, o que pode levar ao empréstimo maciço para tornar os enunciados mais atuais, jovens, modernos ou elegantes.”<sup>42</sup>

Conforme se disse, a relação entre as línguas árabe e portuguesa, no caso dos imigrantes muçulmanos, ainda é passível de investigação, havendo de se considerar variáveis pertinentes a cada comunidade, como estrato social a que pertenciam os falantes no país de origem, grau de escolaridade, extensão da “rede de imigração” em que se baseia a comunidade (propiciando a convivência entre falantes da mesma variedade lingüística – diatópica e diastrática – do árabe), o tempo em que se encontram no Brasil e mesmo diferenças em subgrupos, constituídos por gênero e por faixa etária, por exemplo.

Assim, constitui apenas uma hipótese a de que, entre os imigrantes árabes, a preservação da língua associa-se à idade (primeiras gerações de imigrantes), cultura ou etnia e religião, conforme as congruências lingüísticas e sócio-culturais propostas por Weinreich (1967, p. 90-97).

Quanto às possíveis soluções para o bilingüismo, coexistência dos dois sistemas lingüísticos ou abandono de um deles, verifica-se tendência para a segunda opção nos três contextos de contato descritos nesta seção: em Alandalus, onde inicialmente o romance meridional era de uso generalizado, com a natural aquisição de arabismos na situação de adstrato com a língua árabe, deu-se, posteriormente, o predomínio da prestigiosa língua do Islã, preterida, por sua vez, pelas línguas cristãs do norte quando do processo de reconquista dos seus antigos territórios (cf. seção 2.3.5.1); no Brasil escravagista, o português se difundiu entre afro-muçulmanos falantes de diferentes línguas africanas, alguns dos quais com maior

---

<sup>41</sup> The stylistic specialization of an obsolescent language and the association of it with intimate childhood experiences is conducive to the borrowing of its lexical elements into the younger people’s speech, especially in discourse that is informal and uninhibited by pretensions of high social status.

<sup>42</sup> Correspondingly, the “new” language is likely to be viewed by members of the older age group as the epitome of fashion. This may lead, in turn, to heavy borrowing in the opposite direction designed to make utterances sound more youthful, modern, or elegant.

ou menor conhecimento da língua árabe, empregada exclusivamente no contexto da prática religiosa, assim como no Brasil da imigração, até onde registra a literatura especializada, situação na qual imigrantes arabófonos adotam a língua portuguesa, inclusive na prática do cristianismo que em geral professam.

Lembramos, entretanto, que entre os imigrantes muçulmanos é possível que a língua portuguesa entre em contato com diversas variedades diatópicas e diastráticas do árabe, mas isto ainda está sujeito a pesquisa de campo, motivo pelo qual preferimos deixar em aberto a questão, levantando apenas possíveis hipóteses para investigação futura.

Tem-se, assim, que os contatos árabe-romance na Europa e português-árabe no Brasil ocorreram em contextos sócio-históricos distintos, com o exercício de papéis sociais e de funções lingüísticas diferentes, na interação dos grupos envolvidos na situação de contato de línguas.

Observe-se, por exemplo, a extensão das funções da língua árabe em Alandalus, em oposição à restrição de uso por ela sofrida no Brasil, refletindo o papel social dos seus falantes e o conseqüente prestígio alcançado nas sociedades em que se inserem.

Às línguas românicas, romandalusina e portuguesa, a história proporcionou uma inversão de papéis, face à árabe: do vernáculo à padronização e à oficialização do português, que alçou, ainda, as funções de educação, religião e literatura.

Comparando-se, entretanto, o romance andalusino em Alandalus ao árabe no Brasil, tem-se que aquele tinha uso mais generalizado do que este, estendendo-se na sociedade além das suas "fronteiras" étnica e religiosa.

A língua portuguesa opõe-se à árabe pelo alcance como língua de comunicação internacional desta última, na Idade Média como hoje, que constitui a sexta língua dentre as sete empregadas por metade da humanidade, a saber: chinês, inglês, híndi, espanhol, russo, árabe e francês. A internet figura contexto excepcional de predomínio do português sobre o árabe, hoje: apenas 0,4% do conjunto dos conteúdos disponíveis na internet está em língua árabe, contra 2% de conteúdo em português (JACQUEMOND, 2006, p. 09-10).

Observe-se, ainda, a não configuração, no Brasil, da situação lingüística que caracteriza a diglossia, diferentemente do verificado em Alandalus, onde o árabe ocorria em todas as esferas de emprego (conversaço, cultura e ritual), – do que constituem prova, por exemplo, as conhecidas obras do Pe. Pedro de Alcalá, publicadas em primórdios do século XVI, o vocabulário do árabe de Granada e a gramática da língua árabe elaborada para facilitar a sua aprendizagem por clérigos responsáveis pela catequese de cristãos-novos –, e cujas

variedades configuram todas as categorias propostas por Lüdtke, isto é, dialeto, língua nacional, língua de cultura e língua ritual (DROST, 2002).

## 2.4 Lexicologia

Esta seção tem por objetivo discutir conceitos dos estudos sobre o léxico que se apliquem à análise de material lingüístico importado, abordando desde as causas da aquisição de termos alógenos, à sua classificação conforme o estágio de integração no sistema lexical da língua importadora.

### 2.4.1 A ciência lexicológica e o seu objeto

Constitui-se a Lexicologia, no dizer de Biderman (2001, p. 16), “[...] ciência antiga, tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico”.

Werner conceitua léxico como “[...] ‘o conjunto de monemas e sinmonemas’ do discurso individual, do discurso coletivo, do sistema lingüístico individual ou do sistema lingüístico coletivo.”<sup>43</sup> (WERNER, 1982, p. 91, tradução nossa), definindo monema como unidade significativa mínima, indivisível em elementos componentes com semema próprio, e sinmonema como significante composto de vários monemas (WERNER, 1982, p. 71).

Pode-se estudar o léxico de maneiras distintas: 1. descrevendo estruturas e regularidades do léxico de um sistema individual ou coletivo, a partir da estrutura formal dos significantes (a exemplo da combinação de monemas em sinmonemas), no que consiste a Lexicologia propriamente dita; 2. descrevendo regularidades nas relações entre monemas e sinmonemas com outros fatores da comunicação, e notadamente com o conteúdo dos significantes, objeto do campo da Semântica Léxica ou 3. descrevendo a forma de significante de um monema individual e suas relações com outros fatores da comunicação lingüística, quando teríamos a Morfologia Léxica (WERNER, 1982, p. 92-93).

O léxico é o plano da língua mais suscetível à mudança, pois a referencialidade do signo registra, no campo lingüístico, a história e o estágio de desenvolvimento da comunidade de fala. Portanto, reconfigurações sociais decorrentes da história de uma dada comunidade lingüística propiciam a reorganização do léxico da sua língua, em virtude, por exemplo, da

---

<sup>43</sup> [...] ‘el conjunto de monemas y sinmonemas’ del discurso individual, del discurso colectivo, del sistema lingüístico individual o del sistema lingüístico colectivo.

utilização de estrangeirismos e de empréstimos lexicais, isto é, de palavras tomadas de uma outra língua, necessárias à designação de objetos e conceitos da cultura estrangeira com a qual se trava contato (MACHADO, 1997, p. 245; IORDAN, MANOLIU, 1989, p. 63).

Com efeito, afirmam Haensch (1982, p. 161) e Ettinger (1982, p. 392) resultarem os estrangeirismos de um processo diacrônico de transferência, de onde se constitui a influência entre duas línguas objeto de investigação simultaneamente da Lingüística Histórica (fenômeno da transferência, resultados da interferência) e da Lingüística Sincrônica (integração dos elementos estrangeiros à língua receptora), conforme veremos mais detalhadamente adiante, nas seções 2.4.2 e 2.6.2.

#### **2.4.2 *Estrangeirismos e empréstimos***

Segundo Bloomfield, “a adoção de traços que se diferenciam daqueles da tradição principal constitui o *empréstimo lingüístico*”<sup>44</sup> (BLOOMFIELD, 2005, p. 444, tradução nossa, grifo do autor). Para Crystal (1988, p. 93), trata-se de uma forma lingüística tomada de outra língua ou dialeto. Observe-se, entretanto, que o termo se refere igualmente ao processo de tomar elementos de uma outra língua ou dialeto e ao resultado deste processo, isto é, ao próprio elemento “emprestado”. Segundo Câmara Jr. (1988, p. 104), a presença de empréstimos em uma língua é condicionada pelo contato entre povos de línguas diferentes, fato do qual resulta a ação de traços lingüísticos diversos de uma língua sobre a outra.

Sapir (1980, p. 153) já apontava para o fato de as civilizações não se bastarem e de, independentemente do grau ou da natureza do contato, este resultar em qualquer espécie de interinfluência lingüística, geralmente unilateral, a partir do povo considerado centro de irradiação de cultura.

Para ele, dado que o tipo mais simples de influência interlingüística é o empréstimo vocabular, passível de ocorrer sempre que há empréstimo de elementos da cultura, o seu cuidadoso estudo pode lançar luz sobre a história da cultura, por exemplo, ao apontar o papel de vários povos no desenvolvimento e difusão de idéias culturais, mediante análise do grau de infiltração dos seus léxicos em outras línguas (SAPIR, 1980, p. 154).

De fato, a interferência pode se dar em qualquer plano da língua. Lüdtke (1974, p. 283) cita, além das influências léxicas, as fonéticas, morfológicas e sintáticas, apontando, para a interferência nos planos morfológico e sintático, uma influência maior e mais profunda.

---

<sup>44</sup> The adoption of features which differ from those of the main tradition, is *linguistic borrowing*.

Entretanto, a incorporação de elementos estrangeiros ao sistema fonológico é esporádica, havendo, antes, a assimilação de fonemas estranhos aos nativos. Dentre os empréstimos morfológicos, são raros os afixos flexionais, de que não há exemplos em português, o qual apresenta, por outro lado, afixos derivacionais (a exemplo dos originalmente franceses *-agem*, *-eria*, *-aria* e dos empréstimos do germânico *-ardo* e *-engo*). São abundantes os empréstimos vocabulares, cujo radical estrangeiro se adapta à fonologia e à morfologia da língua importadora. Há ainda a interferência na tipologia frasal, que ocorre especialmente na língua escrita literária e recebe o nome de *decalque* (CÂMARA JR., 1988, p. 105).

A depender do tipo de contato verificado entre os grupos de línguas distintas, se por coincidência ou contigüidade geográfica ou se à distância, verificam-se dois tipos de empréstimos: os *íntimos*, buscados em línguas que são substrato, adstrato ou superstrato da língua importadora, e os *culturais*. Os empréstimos lexicais íntimos cobrem campos semânticos determinados de modo coerente, correlacionando geografia do contato e povos neste envolvidos, bem como aspectos do conhecimento influenciado no contato. Ilustram-no a presença de empréstimos vocabulares ibéricos, germânicos e árabes no romance lusitano, e, no português brasileiro, de arabismos do campo religioso introduzidos por escravos islamizados e do campo da culinária legados por imigrantes árabes e/ou muçulmanos. Já os empréstimos culturais decorrem de contato à distância, seja no tempo, a exemplo da incorporação de latinismos e grecismos, seja no espaço, como os buscados às línguas do oriente, quando da expansão ultramarina portuguesa, e os procedentes de outras línguas européias, sobretudo galicismos e anglicismos, no que concerne à língua portuguesa (BLOOMFIELD, 2005, p. 461; CÂMARA JR., 1988, p. 105, 111; VARGENS, 2007, p. 35).

Bloomfield (2005, p. 458, 461) afirma que os empréstimos culturais registram conhecimentos transmitidos de um povo a outro e que podem se estender por amplo território, passando de uma língua a outra, junto com artigos comercializados pelos seus falantes. São, em geral, mútuos, verificando-se em sentido único apenas na medida em que um povo tem mais a dar do que outro. A distinção entre empréstimos culturais e íntimos está no fato de que os últimos resultam da circunscrição das línguas em contato a uma única comunidade, compartilhando, portanto, espaço geográfico e unidade política, em virtude, geralmente, de conquista, e, menos freqüentemente, de migração. Empréstimos íntimos se dão em mão única, da língua dominante, falada pelos conquistadores e pelas classes sócio-economicamente privilegiadas, para a língua dos “dominados”, e muitas vezes se estendem a formas não relacionadas a novidades culturais.

Câmara Jr. (1989, p. 267, 268, 269) lembra que as relações comerciais predisõem as línguas ao empréstimo, sem predominância de uma delas sobre a outra, situação em que línguas de cultura assimilam vocábulos de línguas faladas por povos numericamente menos expressivos ou habitantes de regiões mais remotas. A extensão e a direção da interferência dependem, assim, de fatores extralingüísticos. No caso dos empréstimos íntimos e culturais, relacionados à política e à cultura, mas, no que concerne ao comércio, o tipo e quantidade dos artigos negociados. Portanto, para Câmara Jr., não se trata tanto de conflito entre línguas “dominantes e dominadas”, como Bloomfield coloca.

Carreter menciona a distinção estabelecida por Tappolet entre empréstimos *de luxo* e *de necessidade*, sem, entretanto, defini-los (TAPPOLET apud CARRETER, 1962, p. 333). Pode-se, entretanto, supor que ao menos em parte coincida tal oposição com a verificada entre empréstimos íntimos e culturais, correspondendo então os empréstimos íntimos aos de necessidade, ambos decorrentes de convivência mais estreita entre os membros de diferentes comunidades lingüísticas em contato, em cujo cotidiano os falantes alternam o uso de duas línguas, ao passo que os empréstimos culturais e de luxo referir-se-iam aos vocábulos tomados sem interação ou contato direto entre falantes das duas comunidades lingüísticas. Subentendida aqui ficaria outro traço distintivo a opor os termos de luxo/culturais e de necessidade/íntimos: a modalidade da língua predominante por via da qual se daria a adoção, escrita no primeiro caso, oral no segundo.

Carreter (1962, p. 333) cita ainda a preferência de Castro pelos termos *adoção lingüística* e *importação lingüística* em detrimento de *empréstimo*, dada a impossibilidade de devolução de elementos lingüísticos emprestados.

Classificam-se os empréstimos, quanto à procedência, como *externos*, oriundos de outra língua (empréstimo língua a língua), ou *internos*, quando, em uma mesma língua, um elemento passa de um falar ou dialeto a outro ou à língua comum. Com efeito, este último tipo é responsável por muitas formas divergentes da língua comum (CÂMARA JR., 1988, p. 105). Como empréstimo interno, Carreter (1962, p. 333) cita o exemplo do trânsito de vocábulos entre línguas de especialidade e a língua comum e vice-versa.

Lüdtke (1974, p. 22) distingue os empréstimos lingüísticos em empréstimos de vocabulário, empréstimos de formação e empréstimos semânticos.

Os empréstimos de vocabulário se caracterizam pela forma fônica aproximada da origem estrangeira e pela dificuldade de se proceder à sua pronúncia exata, o que demandaria o domínio do sistema fonológico estrangeiro (LÜDTKE, 1974, p. 22).

Empréstimos de formação correspondem à importação de prefixos e, sobretudo, de sufixos estrangeiros ou à recriação de material léxico nativo a partir de modelo estrangeiro. Betz os subdivide em três grupos: 1. decalque de esquema, com tradução literal do vocábulo estrangeiro (a exemplo do al. *Groß-Vater*, a partir do fr. *grand-père* e do fr. *auto-route*, para o it. *auto-strada*); 2. decalque mais livre face ao modelo estrangeiro (al. *Dunst-Kreis* para *Atmo-sphäre* (< gr. *atmós* ‘ar’, mas gr. *sphaîra* ‘disco’, ‘esfera’, diferentemente do gr. *kýklos* ‘círculo’); 3. imitação livre de um modelo estrangeiro (al. ant. *findunga* para reproduzir o lat. *experimentum* ‘experimento’) (BETZ apud LÜDTKE, 1974, p. 23).

Por sua vez, os empréstimos semânticos constituem empréstimos de significado, verificando-se quando palavras nativas já existentes adquirem novo significado por influência de uma língua estrangeira (al. ant. *gilouben* ‘ter por agradável’ teve o seu sentido estendido para ‘crer’ [al. mod. *glauben*]) (LÜDTKE, 1974, p. 23).

Considerando-se as definições saussureanas de *significante* ‘forma fônica’ e de *significado* ‘conteúdo’, tem-se que: no empréstimo de vocabulário, ambos, o significante e o significado, provêm da língua estrangeira, mas no empréstimo de formação, para incorporar à própria língua o significado estrangeiro, usa-se um significante reelaborado a partir de material próprio, e, no empréstimo semântico, valem-se os falantes de um significante já existente (LÜDTKE, 1974, p. 24).

Crystal (1988, p. 93) apresenta uma classificação de empréstimos consoante a assimilação da forma ou da significação do vocábulo em: 1. tanto a forma quanto a significação do vocábulo são assimilados, com alguma adaptação ao sistema fonológico da língua receptora (a exemplo do ing. *hamburger* e do port. *hambúrguer*); 2. apenas a significação é emprestada, mas a forma é a original (como no vocabulário da informática, ing./port. *hardware*, *software* e outros) e 3. a significação é emprestada, mas a forma é adaptada ou traduzida (ing. *superman* e port. *super-homem*).

Lüdtke (1974, p. 305) distingue empréstimos em diretos (de vocabulário) e indiretos (de formação e semântico), considerando a utilização de material nativo e o papel da língua estrangeira no processo.

Entre os conceitos de *estrangeirismo* e *empréstimo* verifica-se uma oposição pautada no estágio de integração do vocábulo na estrutura (fonológica, morfossintática e semântica) da língua que o absorve: percebe-se mais facilmente a estrutura alógena naquele, ao passo que, neste, o radical estrangeiro, adaptado, freqüentemente tem irreconhecível a sua origem exterior à comunidade lingüística que o adotou (MACHADO, 1997, p. 245; IORDAN, MANOLIU, 1989, p. 63).

Müller (1979, p. 216) enfatiza os critérios tempo de uso e origem estrangeira, ao distinguir empréstimo de estrangeirismo, preferindo, entretanto, o termo *estrangeirismo* para vocábulos oriundos de línguas estrangeiras, por se estender às palavras recém-introduzidas numa língua, consoante a sua proposta de análise sincrônica por traços lingüísticos não-usuais na língua que procede à adoção. Assim, o conceito de estrangeirismo seria mais abrangente do que o de empréstimo.

Também para Kirkness (1979, p. 225, 227) o tempo de uso subjaz à tradicional definição de estrangeirismo como “palavra tomada de outra língua, mais ou menos sem modificações”, as quais se verificam necessariamente no curso do tempo. Kirkness recorre à não-integração do vocábulo na definição do estrangeirismo, ao apresentar, para palavras estrangeiras, a definição “estrangeirismos ainda não integrados”.

Define-se, portanto, *estrangeirismo*, conforme Câmara Jr. (1988, p. 111), como empréstimo vocabular não integrado na língua receptora, cujo caráter estrangeiro é evidenciado pelos fonemas, pela flexão e mesmo pela grafia, e ainda como vocábulo vernáculo com a significação dos vocábulos estrangeiros de forma semelhante.

Ainda segundo Câmara Jr. (1988, p. 111), a diferença entre estrangeirismo e empréstimo é imprecisa também com relação às construções sintáticas, pautando-se apenas na maior ou menor sensação de naturalidade.

Segundo Bloomfield (2005, p. 445), na maioria dos casos é impossível determinar o momento em que se dá a introdução do estrangeirismo em uma língua, pois mesmo o falante que inicia tal uso provavelmente seria incapaz de dizer se já o teria ouvido ou usado em sua língua materna. Vários falantes também podem dar início ao novo uso, independentemente, ou seja, sem terem ouvido uns aos outros. Na teoria, distinguem-se dois momentos na introdução dos estrangeirismos em determinada língua: 1. a própria inovação, com o uso inicial do vocábulo na língua importadora e 2. a sua repetição pelo mesmo falante e por outros, quando a nova forma passa por diferentes frequências de uso.

### **2.4.3 A integração de empréstimos**

Bloomfield (2005, p. 449) afirma que a descrição de uma língua apresenta uma camada de estrangeirismos com desvios dos traços da língua importadora. Em algumas línguas, tal descrição apontará uma camada de formas semi-estrangeiras, parcialmente adaptadas ao sistema da língua importadora, mas ainda retendo características estrangeiras, camada secundária cuja existência se deve a uma importação mais antiga. Por fim, a completa

adaptação do empréstimo apaga marcas que identifiquem a sua origem estrangeira. A referência à coexistência de estrangeirismos em diferentes fases de integração, apontando a possibilidade de sua descrição comparativa, entre aqueles com uma mesma origem estrangeira e destes com a estrutura da língua importadora, extrapola a correlação tempo-adaptação a que usualmente se restringe a literatura especializada em empréstimos e estrangeirismos, renunciando uma postura cobrada pela lexicografia 40 anos mais tarde, de prioridade de pesquisa sincrônica sobre a diacrônica no que concerne aos empréstimos lexicais.

De acordo com Freitas, Ramilo e Soalheiro (2002, p. 371), e pautados em estudo da integração de anglicismos ao português europeu, o processo de assimilação de estrangeirismos se dá em três fases, caracterizadas pelo tipo de transformação (imediate, progressiva ou integração) sofrida pelo vocábulo, a cada uma das quais correspondendo fenômenos fonológicos, morfossintáticos, semânticos e gráficos específicos.<sup>45</sup>

Caracterizam os estrangeirismos na primeira fase de integração: 1. adaptação fonética imediata; 2. adaptação morfossintática imediata; 3. monossêmia: manutenção do significado com o qual a palavra é importada; 4. grafia da língua de origem; 5. hesitação nos tipos gráficos. Não existe estrangeirismo a nível fonético, devido à natural adaptação dos sons decorrente das especificidades fonológicas das línguas em contato (FREITAS, RAMILO, SOALHEIRO, 2002, p. 373).

Dentre as adaptações morfossintáticas desta fase figuram a atribuição de gênero e a integração do vocábulo numa classe de palavras, esta última apenas nos casos em que estruturas sintaticamente analisáveis na língua de origem não o são em português. Quando tomadas como empréstimo, palavras estrangeiras terminadas em *-a* tendem a adquirir o traço [+ fem], por corresponder em português à marca de feminino, a exemplo do port. *bazuca* (< ing. *bazooka*). O traço [+ fem] também pode ser atribuído por associação a palavra portuguesa [+ fem] com conceito equivalente (atração sinonímica), como em *a homepage* (devido a *página*) (FREITAS, RAMILO, SOALHEIRO, 2002, p. 373-375).

Nesta fase, as palavras tendem a ser monossêmicas, porque em geral designam uma realidade específica para a qual inexistente um correspondente vernáculo. Pode ocorrer de, na língua de origem, a palavra ter mais de uma acepção, apesar de na língua portuguesa apresentar significado restrito (FREITAS, RAMILO, SOALHEIRO, 2002, p. 376).

---

<sup>45</sup> Lüdtke (1974, p. 22-23) também apresenta uma classificação em três graus de adaptação da forma fônica das palavras estrangeiras, ilustrados pela língua alemã: 1. apropriação mínima (al. *Balkon*); 2. um pouco mais forte (*President*) e forte apropriação (*Abenteuer*). Entretanto, a inexistência de limites fixos nestes levou-o a preferir tal classificação.

Quanto à grafia, caracterizam-se os estrangeirismos, nesta fase, pela grafia idêntica à da língua de origem, além de comumente ocorrerem com tipos gráficos distintos, a exemplo de aspas ou itálico (FREITAS, RAMILO, SOALHEIRO, 2002, p. 376).

As transformações da segunda fase decorrem do tempo e da frequência de uso do estrangeirismo. Nela se dá aproximação mais significativa, a nível formal, entre os estrangeirismos e as demais palavras do léxico português (FREITAS, RAMILO, SOALHEIRO, 2002, p. 376).

Caracterizam os vocábulos nesta fase: 1. adaptação fonética progressiva; 2. adaptação morfossintática progressiva; 3. possibilidade de formação de novas palavras por composição e por prefixação; 4. formas concorrentes a nível gráfico; 5. atestação lexicográfica (normatizada ou não) (FREITAS, RAMILO, SOALHEIRO, 2002, p. 376-377).

Entre os casos de adaptação fonética, verificam-se a tentativa de fixação do acento e a simplificação de alguns segmentos consonânticos (FREITAS, RAMILO, SOALHEIRO, 2002, p. 377).

Com relação à morfossintaxe, verifica-se a fixação do plural de nomes e adjetivos. E a possibilidade de se originarem novas palavras por meio da composição e da prefixação, processos não-derivacionais que podem operar em elementos não integrados ao léxico (FREITAS, RAMILO, SOALHEIRO, 2002, p. 378)

Em termos gráficos, começam a ocorrer grafias alternativas à da língua de origem (FREITAS, RAMILO, SOALHEIRO, 2002, p. 379).

Na terceira fase, o estrangeirismo deixa de sê-lo e precisa mostrar estabilização em vários níveis, aproximando-se formalmente dos vocábulos já listados no léxico (FREITAS, RAMILO, SOALHEIRO, 2002, p. 379).

Caracterizam os vocábulos nesta fase: 1. estabilização fonológica (fixação do acento); 2. plena integração morfossintática (fixação do gênero e da forma plural); 3. integração no sistema morfológico da língua (possibilidade de derivação); 4. polissemia (tendência para extensão, restrição ou modificação do significado da forma original); 5. atestação lexicográfica normatizada.

Nesta fase, é possível encontrar palavras que integram processos de derivação e ainda apresentam variação na forma fonológica, como *chat*, *chatar* e *chatear*, em que coocorrem a fricativa palatal surda e a africada palatal surda, isso é, [ʃ] ~ [tʃ], na posição inicial do vocábulo (FREITAS, RAMILO, SOALHEIRO, 2002, p. 380).

Quanto à morfossintaxe, é preciso que haja a fixação do gênero e da forma de plural para que as palavras sejam consideradas integradas. É preciso, ainda, que a palavra

integre estruturas derivacionais, indicando que o seu radical está disponível no repertório de radicais da língua portuguesa (FREITAS, RAMILO, SOALHEIRO, 2002, p. 380).

Em termos semânticos, as formas integradas tendem a se tornar polissêmicas, como as demais palavras do sistema lexical (FREITAS, RAMILO, SOALHEIRO, 2002, p. 380).

Com relação à grafia, apresentam as palavras atestação lexicográfica normatizada. Entretanto, não constituindo a grafia um critério seguro para atestação de integração de vocábulos, por não ser critério puramente lingüístico, encontram-se exemplos de vocábulos totalmente integrados no que concerne à fonologia e à morfologia, mas que preservam a grafia original, como *design*, *feedback* e *internet* (FREITAS, RAMILO, SOALHEIRO, 2002, p. 380-381).

O Quadro 01 abaixo descreve os fenômenos verificados no processo de integração de estrangeirismos consoante o nível de análise e a fase em que ocorrem:

Quadro 01 – Distribuição de fenômenos por fase do processo de integração de anglicismos ao Português Europeu

CRITÉRIO/FASE	1ª FASE	2ª FASE	3ª FASE
Característica	Adaptação imediata.	Adaptação progressiva.	Integração ao léxico da língua portuguesa.
Nível Fonético-Fonológico	Adaptação fonética imediata.	Adaptação fonética progressiva.	Estabilização fonológica: fixação do acento.
Nível Morfossintático	Adaptação morfossintática imediata.	Adaptação morfossintática progressiva: possibilidade de formação de novas palavras por prefixação e composição.	Plena integração morfossintática: fixação do gênero e da forma de plural. Integração no sistema morfológico da língua: possibilidade de derivação.
Nível Semântico	Monossemia: manutenção do significado com que a palavra é importada.	Monossemia: manutenção do significado com que a palavra é importada.	Polissemia: tendência para extensão, restrição ou modificação do significado do significado da forma original.
Grafia	Grafia na língua de origem. Hesitação nos tipos gráficos.	Formas concorrentes a nível gráfico.	Grafia normatizada.
Atestação Lexicográfica	Sem atestação.	Atestação lexicográfica (normatizada ou não).	Atestação lexicográfica normatizada.

Fonte: FREITAS, RAMILO, SOALHEIRO, 2002, p. 381 [adaptado].

Bloomfield (2005, p. 450) afirma que a integração de estrangeirismos é problemática em todos os estágios, considerando-se os fatores altamente variáveis nela envolvidos, inclusive adaptações baseadas nos hábitos lingüísticos individuais de falantes. Tanto durante o processo de integração quanto quando concluído, a estrutura pode parecer “estranha”, o que pode ser irrelevante para falantes familiarizados com formas estrangeiras e semi-estrangeiras, mas não para os demais usuários da língua, podendo se dar uma nova adaptação, pautada na etimologia popular, para tornar o empréstimo estrutural ou lexicalmente mais inteligível.

Em todos os estágios, a assimilação de palavras estrangeiras apresenta muitos problemas. [...] Provavelmente aqui temos de considerar fatores altamente variáveis, inclusive adaptações baseadas em hábitos de falantes individuais. Tanto durante o processo de integração do empréstimo quanto depois deste, provavelmente a estrutura será ininteligível. As línguas e, em uma língua, grupos de falantes familiarizados com formas estrangeiras ou semi-estrangeiras, tolerarão este estado de coisas; em outros casos, uma adaptação mais avançada, no sentido da etimologia popular, tornaria a forma estruturalmente ou lexicalmente mais inteligível [...].<sup>46</sup> (BLOOMFIELD, 2005, p. 450, tradução nossa).

O empréstimo fica sujeito às mudanças fonéticas verificadas após a sua adoção, no que se diferencia da substituição fonética e de outras mudanças adaptativas. Com efeito, o desenvolvimento fonético de empréstimos freqüentemente aponta a forma fonética vigente à época da sua adoção, além da datação aproximada estabelecida para várias mudanças fonéticas (BLOOMFIELD, 2005, p. 450-451).

Via de regra, o empréstimo, gramaticalmente, se sujeita ao sistema da língua importadora, tanto no que respeita à sintaxe quanto à morfologia, aqui se considerando flexões, composição e formação de palavras. Uma vez integrado, o empréstimo está sujeito às mesmas analogias que os vocábulos nativos similares. Entretanto, quando muitos empréstimos são tomados de uma mesma língua, as formas estrangeiras podem evidenciar suas próprias relações gramaticais e a estrutura da língua da qual se importa pode atrair vocábulos da língua importadora, que então fazem o caminho da adaptação no sentido inverso (BLOOMFIELD, 2005, p. 453, 454, 455).

Gramaticalmente, o empréstimo fica sujeito ao sistema da língua importadora no que concerne à sintaxe [...], às ‘inflexões indispensáveis’[...] e às construções “vivas”, correntes, da composição [...] e da formação de palavras. Menos freqüentemente, um

---

<sup>46</sup> At all stages, the assimilation of foreign words presents many problems. [...] We probably have to reckon here with highly variable factors, including adaptations based on the habits of individual speakers. Both during the progress toward the status of a loan-form, and after that status has been reached, the structure is likely to be unintelligible. The languages and, within a language, the groups of speakers that are familiar with foreign and semi-foreign forms, will tolerate this state of affairs; in other cases, a further adaptation, in the sense of popular etymology, may render the form structurally or lexically more intelligible (...).

empréstimo simultâneo de várias formas estrangeiras deixa de sofrer esta adaptação [...]. Por outro lado, construções gramaticais nativas que, no período da aquisição do empréstimo, ocorrem apenas em algumas formas tradicionais, raramente será estendida à palavra estrangeira. Completada a adaptação, o empréstimo fica sujeito às mesmas analogias que qualquer palavra nativa similar [...].<sup>47</sup> (BLOOMFIELD, 2005, p. 453-454, tradução nossa).

Para Bloomfield (2005, p. 462), a diferente valoração social enquanto língua “dominante”, ou “superior” ou, ainda, “alta” (do ing. *upper language*), em oposição à língua “dominada”, “inferior” ou “baixa” (*lower language*, em ing.), que se verifica nos casos de conquista ou de migração, tem conseqüências para a velocidade com que se completa o processo de adoção de empréstimos.

Há pressão para que os falantes da língua socialmente menos valorizada usem a língua “alta”, de modo que até se orgulhem de “enfeitar” sua língua materna mediante o emprego de estrangeirismos. Além disso, na maioria dos casos de contato íntimo, a língua socialmente valorizada é a da minoria dos falantes na comunidade, sendo que, quanto menor o número de invasores, mais lento é o ritmo com que se emprestam vocábulos. Esse empréstimo depende, ainda, de uma série de fatores, que inclui, por exemplo, o contato entre falantes da língua menos valorizada com outros de regiões não conquistadas, o que retardaria o ritmo da aquisição de empréstimos. Outro fator a ser considerado é a superioridade cultural, real ou ideologicamente construída, do povo conquistado ou de imigrantes. Nos EUA, por exemplo, famílias de imigrantes com elevada instrução preservam sua língua materna por gerações, com pouca interferência do inglês.

De qualquer forma, evidencia-se o fato de que é a língua do povo conquistado ou dos imigrantes que predominantemente toma empréstimos da língua dos conquistadores ou do país em que se estabelecem. Se a língua socialmente valorizada sobrevive, permanece inalterada, apenas com alguns empréstimos culturais, naturais em qualquer contato lingüístico-cultural. Nos casos de conquista, são, em geral, topônimos. Se, entretanto, a língua socialmente menos valorizada é a que sobrevive, traz consigo as marcas da disputa verificada entre ambas na forma de numerosos estrangeirismos, presentes em grande número de campos semânticos, e o modelo estrangeiro pode afetar até mesmo suas formas gramaticais (BLOOMFIELD, 2005, p. 464, 465).

---

<sup>47</sup> Grammatically, the borrowed form is subjected to the system of the borrowing language both as to syntax [...] and as to ‘the indispensable inflections’ [...] and the fully current, “living” constructions of composition [...] and word-formation [...]. Less often, a simultaneous borrowing of several foreign forms saves this adaptation [...]. On the other hand, native grammatical constructions which occur, at the time of borrowing, only in a few traditional forms, will scarcely be extended to cover the foreign word. After complete adaptation, the loan-word is subject to the same analogies as any similar native word [...].

Haensch (1982, p. 392-393)) também aborda a classificação de estrangeirismos dentre as contribuições importantes da Lingüística Sincrônica para a Lexicografia Aplicada e cita a proposta de classificação de Marchand aplicada à língua alemã. Esta proposta, entretanto, restringe-se à análise morfológica dos itens léxicos investigados, considerando a assimilação parcial ou total dos vocábulos de origem estrangeira:

1. Forma completamente estrangeira: *Fakultät, obszön*.
2. Forma germanizada, mas não analisável segundo os procedimentos da própria língua: *Produktion*, através de *Produkt, skandalös* através *Skandal*.
3. Elementos estrangeiros dentro do alemão combinados sobre a base de modelos de formação de palavras da própria língua: *Exminister, Kapitalist*.
4. Combinação de elementos da língua de origem e da língua receptora: *Top. Erzeugnisse, superfein, Automatisierung, grazienhaft, verjazzen*. Fala-se, neste caso, também em “formações híbridas”.

Haensch lembra que a integração de palavras e expressões de origem estrangeira, apesar de objeto de muitos estudos, não é ponto pacífico: “A maior ou menor integração de palavras e expressões tomadas de outras línguas, do ponto de vista fonético, gráfico, morfológico e semântico, é objeto de muitos estudos, mas também de muitas controvérsias e polêmicas.”<sup>48</sup> (HAENSCH, 1982, p. 151, tradução nossa).

Müller (1979, p. 210, 211, 213), ao tratar de empréstimo vocabular na língua alemã, questiona a designação de *estrangeirismo* atribuída às palavras originadas em uma língua estrangeira, porque, além de o termo ter adquirido valor ideológico, não distingue o grau de pertencimento à língua que adota o vocábulo estrangeiro. Assim, o uso do termo aplicar-se-ia mais adequadamente às análises lingüísticas diacrônicas. A sua aplicação na Lingüística Sincrônica demandaria a redefinição do conceito para ‘elemento que contém características lingüísticas estranhas ao sistema em que se verifica’ ou ‘elemento lingüístico estranho’. É preciso, portanto, analisar-lhe os traços que o diferenciam das demais palavras do sistema.

Assim, a mera origem estrangeira tem valor secundário na definição de um vocábulo como estrangeirismo (critério diacrônico). No estabelecimento deste, deve-se considerar, antes, traços gráficos, grafo-fonéticos, morfossintáticos e léxico-semânticos.

---

<sup>48</sup> La mayor o menor integración de palabras y expresiones tomadas de otras lenguas, desde el punto de vista fonético, gráfico, morfológico y semántico, es objeto de muchos estudios, pero también de muchas controversias y polémicas.

Primeiramente, deve-se aplicar análise das formas escrita e fônica e da relação grafia-fonia, na perspectiva sincrônica, podendo se estabelecer um inventário de características e unidades gráficas e fonéticas estranhas à língua em que se verificam os empréstimos e que os caracterizam enquanto tais. Devem ser sempre considerados, ainda, aspectos das diferentes classes gramaticais e semânticas, como formação do plural e partes do discurso, dado haver formações de palavras, mediante uso de sufixos e prefixos, características de estrangeirismos (MÜLLER, 1979, p. 212-213).

Segundo Müller (1979, p. 212-213), na identificação do estrangeirismo a partir da sua origem em étimo estrangeiro se associam origem e diacronia, não se considerando o componente horizontal-sincrônico da “proveniência”.

Na literatura científica, mais recente, acerca do tema ‘estrangeirismo’, identificam-se freqüentemente origem e diacronia e, com isto, o critério “origem”, como fator de identificação para palavras estrangeiras, é excluído antecipadamente ou recusado como inaceitável por causa do receio sempre fundamentado da inclusão de factos lingüísticos históricos, como se se esquecesse que “proveniência” contém também um componente horizontal-sincrônico e não apenas um componente vertical-diacrônico. [...] Ora, se essas palavras contêm ou não elementos lingüísticos estranhos, terá de ser verificado não com base diacrônica, mas sim no plano sincrônico. (MÜLLER, 1979, p. 213-214).

Kirkness (1979, p. 230-231) enfatiza a importância metodológica de se distinguirem diacronia e sincronia, criticando a tradição de se pautar a definição de estrangeirismo em critérios etimológico-diacrônicos, dado que a adoção de vocábulos originados em línguas estrangeiras leva à contínua estruturação dos sistemas fonológico e morfológico, verificando-se, portanto, na sincronia.<sup>49</sup>

Com efeito, além de Haensch caracterizar o estrangeirismo como resultado de processo diacrônico de transferência, Werner o emprega para ilustrar o enfoque diacrônico dos estudos lingüísticos:

Quando uma descrição lingüística não se concentra especialmente no estado de um sistema lingüístico coletivo em um momento determinado, mas antes na evolução de um sistema coletivo como um todo, ou na de seus distintos elementos e estruturas, trata-se de um enfoque peculiar de descrição, que poderíamos chamar ‘evolutivo’. Este enfoque se dá quando, por exemplo, estudamos determinadas evoluções lingüísticas, como a diminuição do número de fonemas de um sistema lingüístico coletivo, a influência de um sistema lingüístico coletivo sobre outro, ou as causas em ambos os casos. No mais das vezes se chama simplesmente ‘diacrônico’ tanto o enfoque comparativo diacrônico como o evolutivo.<sup>50</sup> (WERNER, 1982, p. 89, tradução nossa).

<sup>49</sup> Observe-se que o autor se refere, especificamente, aos estrangeirismos incorporados pela língua alemã.

<sup>50</sup> Cuando una descripción lingüística no se concentra especialmente en el estado de un sistema lingüístico colectivo en un momento determinado, sino en la evolución de un sistema colectivo como un todo, o en la de sus distintos elementos y estructuras, se trata de un enfoque peculiar de descripción, que podríamos llamar

Observe-se, assim, a complexidade da descrição e análise de material léxico importado, pelos aspectos histórico-culturais em que se verifica a sua transmissão e integração, em processo necessariamente diacrônico, mas cujas características estruturais possibilitam investigação contrastiva com elementos nativos, na perspectiva sincrônica. Estas perspectivas de abordagem dos estrangeirismos não são excludentes, concorrendo ambas, de forma complementar, para a compreensão do fenômeno natural aos sistemas linguísticos em situação de contato, a interferência no plano lexical.

#### **2.4.4 Causas da adoção de empréstimos**

Considerado o fato de as comunidades lingüísticas dificilmente se encontrarem em situação de absoluto isolamento, de o contato entre culturas implicar na interferência e de o sistema lexical de qualquer língua ser o primeiro subsistema lingüístico a refletir esse contato sócio-histórico, vejamos-se a seguir as causas do fenômeno da adoção de empréstimos.

Segundo Bloomfield (2005, p. 445), a importação lexical decorre da necessidade designativa de novidades culturais, pois:

Toda comunidade lingüística aprende com seus vizinhos. Objetos, naturais ou manufacturados, passam de uma comunidade a outra, assim como padrões de ação, tais como procedimentos técnicos, práticas de guerra, ritos religiosos ou modas de conduta individual. Esta difusão de coisas e hábitos é estudada por etnólogos, que a denominam “difusão cultural”. (...) Junto com objetos e práticas, as formas lingüísticas pelas quais são designadas freqüentemente passam de um povo a outro.<sup>51</sup> (BLOOMFIELD, 2005, p. 445, tradução nossa).

Entretanto, Sapir afirma que “É muito provável que a atitude psicológica da própria língua receptora, em relação ao material lingüístico, concorra em grande escala para a sua capacidade de receber termos estrangeiros” (SAPIR, 1980, p. 155). E mais, “[...] o estudo da maneira pela qual uma língua se comporta na presença de termos estrangeiros, –

---

‘evolutivo’. Este enfoque se da, cuando, por ejemplo, estudiamos determinadas evoluciones lingüísticas, como la disminución del número de los fonemas de un sistema lingüístico colectivo, la influencia de un sistema lingüístico colectivo sobre outro, o las causas en ambos casos. A menudo se llama simplemente ‘diacrónico’ tanto el enfoque comparativo diacrónico como el evolutivo.

<sup>51</sup> Every speech community learns from its neighbors. Objects, both natural and manufactured, pass from one community to the other, and so do patterns of action, such as technical procedures, warlike practices, religious rites, or fashions of individual conduct. This spread of things and habits is studied by ethnologists, who call it “cultural diffusion”. [...] Along with objects or practices, the speech-forms by which these are named often pass from people to people.

rejeitando-os, traduzindo-os, ou espontaneamente aceitando-os, – pode esclarecer valiosamente as suas tendências formais inatas” (SAPIR, 1980, p. 156).

Isso porque, segundo Câmara Jr. (1989, p. 196), as línguas são sistemas predispostos à mudança, em decorrência do “equilíbrio instável” de seus elementos, da constante necessidade de estes se atualizarem, de modo a sincronizarem língua e cultura, e mesmo devido ao estilo, quando as formas vigentes da língua não mais apresentam a mesma carga expressiva de outrora.

A mudança, entretanto, não é aleatória, seguindo, antes, na direção indicada pelas tendências internas do sistema, a chamada “deriva” da língua (em ing. *drift*). As importações de material lingüístico estrangeiro, portanto, tampouco violam esse “princípio” de funcionamento dos sistemas lingüísticos. Importa-se exclusivamente o que é passível de assimilação pelo sistema importador. Por isso, o empréstimo mórfico, por exemplo, está diretamente condicionado pela semelhança da morfologia dos sistemas em contato. Pisani afirma que “[...] ações desse gênero podem exercer-se no caso em que o novo elemento não se encontra em contradição muito relevante com o sistema da língua que deve recebê-lo” (PISANI, 1949, p. 332 apud CÂMARA JR., 1989, p. 260). Para Sauvageot, “se a diferença de estrutura é muito grande, nenhuma ação se produzirá” (SAUVAGEOT, 1949, p. 497 apud CÂMARA JR., 1989, p. 260).

No que concerne à fonologia, o empréstimo é antes de traços articulatorios gerais não de fonemas, assim como na morfologia é de categorias gramaticais, expressas por elementos da língua importadora, e, na sintaxe, verifica-se mediante o processo de decalque, acomodando numa estrutura estrangeira elementos nativos (CÂMARA JR., 1989, p. 268).

Câmara Jr. (1989, p. 261) enfatiza a correlação entre as estruturas internas da língua importadora e estruturas externas da língua da qual se importa ao afirmar que:

Tanto vale dizer que a influência mórfica de uma língua sobre outra língua, vizinha ou coexistente na mesma área, se faz sentir principalmente numa mudança de concepções categóricas. Há menos a rigor um nivelamento morfológico do que um nivelamento CULTURAL, que modifica a mentalidade coletiva de uma dada comunidade lingüística e acaba por repercutir no sistema mórfico que exterioriza essa mentalidade. (CÂMARA JR., 1989, p. 261).

Não há, portanto, mera anexação de elementos lingüísticos estranhos aos do sistema importador. Para que não perca a sua identidade, é preciso ao menos adaptá-los à sua estrutura (CÂMARA JR., 1989, p. 261).

Dentre as causas do empréstimo lexical, Weinreich (1969, p. 56) aponta a já citada necessidade de designação de novos referentes.

A necessidade de designar novas coisas, pessoas, lugares e conceitos é, obviamente, uma causa universal da inovação lexical. Determinando que inovações desse tipo são empréstimos, o lingüista pode ajudar a mostrar o que uma comunidade lingüística aprendeu com outra.<sup>52</sup> (WEINREICH, 1969, p. 56, tradução nossa).

Fatores lingüísticos internos que também concorrem para que ocorra o processo de inovação lexical são: a baixa freqüência de palavras, dado que as de uso mais freqüente são mais estáveis e menos sujeitas ao esquecimento ou à substituição; a homonímia, que suscita a substituição de uma das formas, e a adoção de sinônimos para palavras afetivas, cuja força expressiva facilmente se perde (WEINREICH, 1969, p. 56-59).

Fatores adicionais, válidos para bilíngües, são: comparação entre línguas, com diferenciação insuficiente de campos semânticos e conseqüente emprego de vocábulos de um campo semântico de uma língua com base na constituição do campo equivalente da outra língua; associação simbólica da língua-fonte a valores sociais, com uso do empréstimo como xingamento, humilhação ou comicidade; na fala afetiva, uso de palavras sem considerar seu pertencimento a outro sistema lexical (WEINREICH, 1969, p. 59-61).

Weinreich observa que a percepção do caráter de empréstimo de um vocábulo, mesmo quando antigo e bem integrado na língua importadora, varia entre bilíngües e monolíngües, dada a familiaridade com a língua-fonte que os primeiros têm (Petrovici; Møller apud WEINREICH, 1969, p. 60, nota 111). Se resistentes aos empréstimos, na tentativa de falar uma língua “pura”, o bilíngüe pode substituir o empréstimo por outro vocábulo que considere mais nativo (Petrovici apud WEINREICH, 1969, p. 60, nota 111), o que pode levar a curiosos casos de hipercorreção, a exemplo de um bilíngüe bessarábio que empregou *institucja* em russo, mas, tomando-o por empréstimo romeno, substituiu-o por *učreždenije*, que supunha mais “puro” (RACOVITĂ apud WEINREICH, 1969, p. 60-61, nota 111). Embora Weinreich não especifique o contexto em que tal substituição ocorreu, sabe-se que *institucja*, empréstimo latino, e *učreždenije*, vocábulo russo, não são sinônimos perfeitos, este último referindo-se à instituição no que concerne à sua administração, como direção e secretaria, aquele, ora obsoleto, preterido por *institut*, relativo à instituição de ensino, pequena universidade.<sup>53</sup>

---

<sup>52</sup> The need to designate new things, persons, places, and concepts is, obviously, a universal cause of lexical innovation. By determining which innovations of this type are loanwords, the linguist may help to show what one language community has learned from another.

<sup>53</sup> Esta distinção foi-nos informada pelo professor Nikolay Dobronravin, da Universidade de São Petersburgo, falante nativo de russo.

Weinreich (1969, p. 61) encerra suas observações solicitando cautela na pesquisa sobre aquisição de empréstimos, cuja adoção pode ser explicada por mais de uma das causas citadas de interferência lexical.

## 2.5 Arabismos portugueses

Esta seção se propõe a discutir o conceito de arabismo em Lingüística, de modo a contemplar o produto de contatos distintos, geográfica e historicamente considerados, intermediado por arabófonos falantes de dialetos regionais diferentes, ou mesmo arabizados, com a língua corânica na condição de língua estrangeira, assim como estender o conceito de arabismo às formas originadas na língua árabe ou que a tiveram como língua-ponte e classificá-las quanto aos estágios variados de integração em que se encontram.

### 2.5.1. O conceito de arabismo português

Carreter (1962, p. 55) apresenta resumidamente o conceito de arabismo como o de “palavra de procedência árabe”. Câmara Jr. (1988, p. 58), referindo-se àquelas adquiridas pela língua portuguesa, informa serem arabismos “vocábulos portugueses de origem árabe”, dentre os quais reconhece dois tipos: 1. resultantes do influxo cultural na Europa a partir da Idade Média, às vezes por intermédio do turco, mas, em geral, através do francês ou do italiano, e 2. decorrentes da presença muçulmana na Península Ibérica a partir do século VIII, com difusão pelos moçárabes e caracterizados pela aglutinação do artigo árabe *al*, conforme discutir-se-á mais adiante (seção 2.5.2). O conceito de arabismo abrange, ainda, segundo Câmara Jr. (1988, p. 58), formas latinas adaptadas à fonética árabe, a exemplo de *Tejo* (< lat. *Tagus*).

Além de priorizarem a perspectiva diacrônica de importação de material léxico estrangeiro, estas definições não pormenorizam outros aspectos – diacrônicos e sincrônicos – evidenciados no seu registro lexicográfico, quais as diversas trajetórias interlingüísticas deste vocabulário, “internacionalizado” no curso da História, e sua produtividade na língua portuguesa, com a formação de novos vocábulos, sobretudo por meio da derivação.

Assim, uma definição mais exaustiva de arabismos portugueses seria a de “vocábulos portugueses de origem imediata árabe (*açude*, *andaima*, *tabefe*) ou introduzidos na língua portuguesa por meio da língua árabe, embora originados em outras línguas (quais o grego, o persa e o sânscrito, como ilustram, respectivamente, os vocábulos *talismã*, *pijama* e *laranja*) ou, ainda, vocábulos originados na língua árabe, mas introduzidos na língua

portuguesa por uma língua-ponte, românica ou não (como o francês e o italiano, a exemplo de *huri* e *arsenal*, mas também o turco e o haussá, quais *pijama* e *leman*), assim como as formas desenvolvidas, já na língua portuguesa, a partir destes vocábulos, por meio de recursos como a derivação (de onde as formas, registradas em dicionários gerais contemporâneos da língua portuguesa, *tarifação*, *tarifaço*, *tarifar* e *tarifário*, a partir de *tarifa*, ou *descafeinação*, *descafeinado*, *descafeinador*, *descafeinante*, *descafeinar*, *descafeinável*, *descafeinização*, *descafeinizado*, *descafeinizador*, *descafeinizante*, *descafeinizar*, *descafeinizável*, derivados de *caféina*, por sua vez derivado de *café*) e a composição (*café-concerto*), bem como de processos semânticos como o decalque semântico (ilustrado, segundo Lapesa (1942, p. 110), por *fidalgo*, literalmente ‘filho de algo [bens]’), a expansão semântica (como o uso metafórico do antropônimo *Mafoma*, < ár. *muhammad*, registrado no DEM como ‘cara feia’, acepção que o DAVAIR corrobora para o andaluz *majoma*, ‘pessoa pesada’, segundo Corriente (2003, p. 371, tradução nossa), “[...] reflexos das desqualificações sectárias que eram habituais na apologia medieval das religiões monoteístas.”),<sup>54</sup> e mesmo a especialização semântica (que, por exemplo, restringiu o sentido de *zaga* a ‘posição de defesa’, na retaguarda do campo de futebol).

Esta definição encerra estrangeirismos árabes, mais recentemente adquiridos, portanto, e cuja adaptação incipiente se reflete na falta de normatização quanto ao uso de hífen entre o artigo árabe *al* e o substantivo ou quanto à preservação da inicial maiúscula, na medida em que o seu uso promove a adaptação à morfologia portuguesa (a exemplo de *hamasianos*, *hamasiana*, *Hamasiana*, derivados da designação do movimento islâmico palestino *Hamas*, ou *alquaediano*, *Al-Qaedianos*, *Al Qaediana*, em referência à organização fundamentalista islâmica internacional *Al-Qaeda*).<sup>55</sup>

Em sentido lato, conforme já apontara Câmara Jr. (1988, p. 58), o conceito de arabismo se estende às formas latinas modificadas pela fonética árabe (como o já citado nome do rio *Tejo*), às quais podem ser acrescidas formas híbridas (árabe-latina, como *alcácer*, < ár.

<sup>54</sup> [...] reflejos de las descalificaciones sectarias que eran habituales en la apología medieval de las religiones monoteístas.

<sup>55</sup> Todos os exemplos foram encontrados em pesquisa por derivados de nomes de grupos políticos árabes no Google em 15 de novembro de 2010: “malucos *hamasianos* em Gaza” (<http://blogs.estadao.com.br/gustavo-chacra/construcoes-em-colonias-judaicas-desresp/>); “matemática *hamasiana*” (<http://blogs.estadao.com.br/gustavo-chacra/israelenses-e-palestinos-se-sentem-mais/>); “radicalidade *Hamasiana*” (<http://www.guiame.com.br/v4/42956-1692--quot-Filho-do-Hamas-quot-que-se-tornou-evang-lico-define-Cor-o-como-um-livro-doente.html>); “comunista árabe *alquaediano*” (<http://hariprado.wordpress.com/2010/03/26/amigo-de-lula-ameaca-o-mundo-com-uma-guerra-nuclear/>); “Twisteiros xiitas e *Al-Qaedianos*” (<http://www.forumnow.com.br/vip/mensagens.asp?forum=94106&grupo=178842&topico=2917269&pag=7&v=1>); organização *Al Qaediana* chamada APEOESP. (<http://hariprado.wordpress.com/2010/05/09/grande-homem-bom-indicara-o-vice-de-jose-serra/>).

*al* + lat. *castra*; árabe-romance, como *tagarela*, do ár. *tarab* ‘música’ + sufixo diminutivo românico; mas também modernas formas do português brasileiro, a exemplo do árabe-tupi *laranjarana*, resultante do arabismo *laranja* + tupi *rana* ‘semelhante a’).

### 2.5.2 *Vias de ingresso*

Verificam-se arabismos em várias línguas neolatinas, principalmente no espanhol e no português, mas também no italiano e no francês.

De acordo com Viguera Molins (2002, p. 50, tradução nossa),

Os empréstimos da língua árabe às línguas peninsulares ocorreram fundamentalmente, mas não apenas, durante a Idade Média, devido à presença de árabes e de arabófonos em Al-Andalus e no resto do território peninsular, transmitidos, assim, diretamente por via oral, por meio das características populações híbridas, como os “moçárabes” ou cristãos andaluses e, entre outros grupos, os mudéjares e mouriscos, que foram pontes consideráveis de arabismos [...].<sup>56</sup>

Essa duradoura presença árabe ou arabófona na situação de dominação política de parte do território ibérico e o conseqüente prestígio da cultura arábico-islâmica na região promoveram, como já vimos na seção 2.3.5.1, a transmissão de numerosos empréstimos, íntimos, na classificação de Bloomfield, conforme abordado na seção 2.4.2.

Com efeito, Neuvonen (1951, p. 291-292) aponta três vias de ingresso de arabismos nos romances peninsulares, consoante a proximidade e intensidade no convívio entre cristãos falantes de romances e muçulmanos arabófonos:

No meu entender, os arabismos chegaram ao romance peninsular por três vias – *grosso modo*. A primeira e mais importante destas era a **influência direta**, originada pela dominação árabe e a convivência dos mouros e dos cristãos. E parece lógico supor que as camadas de tal dominação no idioma da região submetida resultassem tanto mais profundas quanto mais longa foi a dominação. (NEUVONEN, 1951, p. 291, tradução nossa, destaque do autor).

O processo de Reconquista, entretanto, não impediu o contato dos territórios absorvidos por reinos cristãos com os vizinhos de Alandalus:

Liberada a seu tempo tal região do jugo árabe, nas regiões fronteiriças a vizinhança dos mouros não deixou de se fazer sentir e permaneceram abertas as possibilidades de uma nova corrente de arabismos – esta sem dúvida menos forte que a anterior.

---

<sup>56</sup> Los préstamos de la lengua árabe a las lenguas peninsulares ocurrieron, fundamentalmente pero no sólo, durante la Edad Media, por la presencia de árabes y de arabófonos en al-Andalus y en el resto del territorio peninsular, transmitidos así directamente por vía oral, a través de las características poblaciones compartidas, así los “mozárabes” o cristianos andalusíes, y, entre otros grupos, los mudéjares y moriscos, que han sido puentes considerables de arabismos [...].

Assim, deve o romance aos escravos e aos imigrantes que chegaram das regiões ainda submetidas aos muçulmanos, ao comércio e a outros fatores mais não poucos arabismos cuja procedência poderia ser explicada como resultado de um intercâmbio mediador e se chamar *influência indireta*.<sup>57</sup> (NEUVONEN, 1951, p. 292, tradução nossa, destaque do autor).

Por fim, a terceira via de ingresso de arabismos nos romances peninsulares: o contato com regiões cristãs em cujas línguas eles ocorriam, ou seja, o contato intrarromânico como ponte na transmissão de vocabulário de origem árabe aos falares ibéricos.

E quando as fronteiras dos reinos mouros se distanciaram tanto que não viviam mais mouros na vizinhança imediata, sempre se fazia patente uma *influência distante*, devido às relações sociais, militares, comerciais e culturais com outras regiões cristãs contagiadas pelo arabismo.<sup>58</sup> (NEUVONEN, 1951, p. 291-292, tradução nossa, destaque do autor).

Verificou-se a introdução de arabismos nas línguas ibéricas também por meio da escrita. Segundo Viguera Molins (2002, p. 50, tradução nossa), “[...] pela via escrita das traduções ou transmitidos indiretamente através de uma terceira língua, como ocorre por meio da presença dos cruzados no Oriente e do comércio ou de transmissão e recriação literária”.<sup>59</sup>

Com menor frequência, introduziram-se arabismos nas línguas peninsulares, e particularmente no português, com o advento das grandes navegações e a conseqüente expansão ultramarina de Portugal e Espanha.

Menor número de arabismos procedem dos contatos coloniais entre as línguas peninsulares e o árabe em vários territórios, ainda que se destaque, por sua amplitude, a camada de arabismos em português, do século XVI em diante, com relação às demais línguas peninsulares.<sup>60</sup> (VIGUERA MOLINS, 2002, p. 50, tradução nossa).

Teyssier (2001, p. 22) também apresenta outros percursos realizados por termos de origem árabe até chegarem à língua portuguesa, especificamente:

Nem todas as palavras portuguesas de origem árabe, porém, foram tomadas aos “mouros” peninsulares: algumas chegaram por caminhos diferentes (via Itália, por

<sup>57</sup> Liberada a su tiempo tal región del yugo árabe, en las regiones fronterizas la vecindad de los moros no dejó de hacer sentirse, y quedaron abiertas las posibilidades a una nueva corriente de arabismos – ésta sin duda menos fuerte que la anterior. Así debe el romance a los esclavos, a los inmigrantes que llegaron de las regiones todavía sometidas a los musulmanes, al comercio y a otros factores más, no pocos arabismos cuya procedencia pudiera explicarse como resultado de un intercambio mediador y llamarse *influencia indirecta*.

<sup>58</sup> Y cuando las fronteras de los reinos moros se alejaron tanto que no vivían más moros en la vecindad inmediata de la región cristiana, siempre se hacía patente una *influencia distante*, debida a las relaciones sociales, militares, comerciales y culturales con otras regiones cristianas contagiadas por el arabismo.

<sup>59</sup> [...] por vía escrita de las traducciones, o transmitidos indirectamente a través de una tercera lengua, como ocurre por vía de la presencia de los cruzados en Oriente y del comercio, o de transmisión y recreación literaria.

<sup>60</sup> Menor número de arabismos proceden de los contactos coloniales entre las lenguas peninsulares y el árabe en varios territorios, aunque destaca por su amplitud la huella de arabismos en portugués, desde el siglo XVI en adelante, sobre las demás lenguas peninsulares.

exemplo); outras foram introduzidas em data muito posterior, sendo provenientes da África, do Oriente ou da Ásia.

Entretanto, apenas Vargens (2007, p. 35) aborda a introdução de arabismos no português brasileiro, em consequência da importação de mão-de-obra escrava islamizada, proveniente da África Ocidental, e da imigração sírio-libanesa, discutidas, respectivamente, nas seções 2.3.5.2 e 2.3.5.3.

Segundo Vargens (2007, p. 35):

Os estudos filológicos destacam, de maneira geral, três vertentes para os empréstimos árabes à língua portuguesa: a presença árabe na Península Ibérica, a Expansão Portuguesa e a entrada por línguas européias. Omite-se, na maioria das vezes, a via brasileira. Palavras e expressões geralmente relacionadas ao culto religioso, foram documentadas em língua portuguesa por cronistas que relataram episódios da vida dos negros muçulmanos no Brasil, genericamente denominados malês. Outros termos, relacionados à culinária, foram introduzidos no idioma português pelos imigrantes árabes, sírios e libaneses, que se espalharam de norte a sul do território brasileiro, desde a Bacia Amazônica aos prados gaúchos [...].

Como afirmam Neuvonen e Vargens, a integração de arabismos ao sistema léxico de uma língua pode ter se dado por intermédio de uma língua em que estes abundassem. Como exemplo, citem-se o galego e o turco. Alguns arabismos galegos parecem proceder da época da invasão, tendo, entretanto, a maioria penetrado, a partir do século XIII, por meio do espanhol (GARCÍA DE DIEGO apud BALDINGER, 1963, p. 54-55), ou, talvez, através do português (VIGUERA MOLINS, 2002, p. 53). Já o romeno adquiriu arabismos por intermédio da língua turca (LÜDTKE, 1974, p. 84).

No que concerne a outros domínios românicos, Lüdtke (1974, p. 84) aponta os portos mediterrâneos de Gênova, Pisa e Veneza e o domínio árabe na Sicília e na Calábria como vias de entrada de arabismos no italiano e no francês.

Segundo Lüdtke (1974, p. 84), quatro foram as vias de entrada de arabismos nas línguas européias:

- a) a presença muçulmana na Península Ibérica e em pequena parte do sul da França;
- b) o comércio através do Mediterrâneo, sendo os portos de Gênova, Pisa e Veneza importantes vias de acesso para empréstimos árabes;
- c) o domínio árabe na Sicília e na Calábria;
- d) o domínio islâmico na Turquia; através do turco, vários arabismos penetraram na România, principalmente no romeno.

Às vias de ingresso de arabismos na România tradicionalmente citadas pela literatura especializada há de se acrescentar outras, proporcionadas ou otimizadas pelo

desenvolvimento tecnológico do fim do século XX e do início do século XXI: a indústria do entretenimento (cinema, canais pagos de televisão), as novas tecnologias da comunicação, mormente as proporcionadas pelos avanços da informática (lojas virtuais; telefonia virtual; correspondência virtual; *blogs*; *sites* para compartilhamento de filmes, músicas e livros; *sites* especializados em temas árabes e/ou islâmicos; *sites* de relacionamento; salas de bate-papo), bem como o jornalismo *on line* são meios passíveis de transmissão de vocábulos árabes a lusofalantes, ao lhes proporcionar o fácil acesso a informações acerca do mundo árabe e/ou muçulmano com o vocabulário designativo de sua sócio-história e cultura, bem como ao propiciar o contato direto entre falantes de árabe e de português.

### 2.5.3 Aspectos estruturais dos arabismos

Dentre as características estruturais dos arabismos ibéricos, evidencia-se a aglutinação do artigo árabe *al* como diferenciador da herança lexical dos invasores muçulmanos no medievo peninsular, face aos arabismos de outros domínios, românicos ou não.

Noll (2005, p. 35-37) historia, abreviadamente, o desenvolvimento da tese berbere, considerada, por muito tempo, a mais adequada na explicação do fenômeno: Steiger (1947) apontara que a aglutinação resultava de transmissão oral, para, mais tarde (STEIGER, 1967), correlacionar o fenômeno nas falas berberes ao traço de determinação quantitativa do artigo árabe. De acordo com Noll:

[...] Não é correta a indicação de que Steiger havia se referido aos berberes em seu artigo de 1947-48 (Corriente 1999:59). Neste trabalho, Steiger atribuiu a aglutinação do artigo à transmissão por via oral (1947-48:12), ao passo que somente na *Enciclopédia Lingüística Hispânica* enfatizou o paralelismo das formas aglutinadas de origem árabe nas falas berberes, bem como o traço de determinação quantitativa do artigo árabe (Steiger, 1967:109).<sup>61</sup> [NOLL, 2005, p. 35, nota 3, tradução nossa].

É de Elcock (1960), portanto, a tese berbere, segundo a qual a aglutinação do artigo nos arabismos ibéricos resulta do influxo do estrato berbere, apenas superficialmente arabizado, que, entretanto, constituiu a maioria entre os invasores muçulmanos de Alandalus.

---

<sup>61</sup> [...] No es correcta la indicación de que Steiger se hubiera referido a los berberes en su artículo de 1947-48 (Corriente 1999:59). En este trabajo, Steiger atribuyó la aglutinación del artículo a la transmisión por vía oral (1947-48:12), mientras que, sólo en la *Enciclopedia Lingüística Hispánica*, realzó el paralelismo de las formas aglutinadas de origen árabe en las habas berberes, así como el rasgo de la determinación cuantitativa del artículo árabe (Steiger, 1967:109).

A ausência de artigo definido em suas falas constituiria a causa estrutural da sua não identificação e segmentação (NOLL, 2005, p. 35).

[...] os *moros* eram, como o nome indica, berberes mauritanos, mas recentemente arabizados. As falas berberes não têm artigo definido: conseqüentemente, os inúmeros empréstimos árabes no berbere atual foram tomados, quase sem exceção, com o artigo anexado. O artigo aglutinado, portanto, chegou ao romance como um traço característico do árabe berberizado. Uma menor proporção de vocábulos árabes adotados sem o artigo no moçárabe corrente presumivelmente chegou aos falantes de forma direta pelos conquistadores genuinamente árabes.<sup>62</sup> (ELCOCK, 1960, p. 293 apud NOLL, 2005, p. 36, tradução nossa).

Elcock deixou de explicar, entretanto, como os falantes do romance perceberiam o artigo, de modo distinto, nas diferentes variedades de árabe, berberizado e genuino (NOLL, 2005, p. 36).

Lüdtke (1968) amplia a tese de Elcock, observando a extensão geolinguística da aglutinação: línguas da África Oriental e da Ásia não apresentam a aglutinação do artigo, ao passo que, além do berbere, línguas da África Ocidental (haussá, fulani, songai) trazem o artigo aglutinado, em proporções variadas. Essa distribuição do fenômeno da aglutinação permite correlacioná-lo ao bilingüismo, verificado, com efeito, em Alandalus (árabe-romance andalusino) e nos territórios berberes (árabe-berbere), mas não na África Oriental e na Ásia, onde o árabe exerceu apenas a função de língua de cultura do Islã (NOLL, 2005, p. 36,37).

Corriente (1999) defende e completa a tese de Elcock e Lüdtke, valendo-se dos argumentos da superioridade numérica das populações berberes entre os invasores de Alandalus, as quais preferiam o árabe à própria língua materna, em decorrência do prestígio que aquela encerrava, e do uso abusivo do artigo, empregado indistintamente em substantivos determinados e indeterminados, que caracterizava o árabe berberizado. Afirma, ainda, que o árabe andalusino se constituiu no século X, após um processo de despídginização, de descrioulização e de nivelamento dos traços dialetais (NOLL, 2005, p. 37).

De acordo com Noll (2005, p. 37, tradução nossa):

Desta forma, Corriente concretiza a tese berbere, ao assinalar a particularidade do árabe berberizado, o que não faziam as exposições de Elcock e Lüdtke. O “uso abusivo do artigo” deve significar que no árabe dos berberes inexistia qualquer

---

<sup>62</sup> [...] the general body of *moros* were, as the name implies, Mauritanian Berbers but recently arabized. Berber speeches have no definite article: in consequence, the innumerable Arabic loan-words in present-day Berber were taken over, almost without exception, with the article attached. The agglutinated article thus came into Romance as a characteristic feature of berberized Arabic. The lesser proportion of Arabic words adopted into current Mozarabic without the article may be assumed to have reached the people more directly from the genuinely Arab overlords.

diferenciação entre substantivos determinados e indeterminados, porque se empregava o artigo em ambos os casos.<sup>63</sup>

Contradizem a tese berbere, dentre outros argumentos, o da cronologia da arabização do Magreb, que só teria se completado no século XI, e o da importância do contingente berbere na conquista da Sicília, em 827, em intervalo temporal insuficiente para que se verificasse decisiva modificação na língua das gerações partícipes das conquistas da ilha mediterrânea e de Alandalus, apesar de os arabismos sicilianos não se caracterizarem pela aglutinação do artigo *al* (NOLL, 2005, p. 37-38).

Noll (2005, p. 38-39) aponta dois problemas na explicação de Corriente: cronológico, dado que empréstimos espanhóis trazem o artigo aglutinado até fins da Baixa Idade Média, implicando na preservação por oito séculos do árabe crioulo dos berberes, pelos falantes de romance andalusino, a despeito da progressiva arabização de Alandalus, da constituição do árabe andalusino no século X e da plena consciência do prestígio atribuído às variedades lingüísticas distintas, o que levaria berberes e falantes de romance andalusino a preferirem usos não padronizados do árabe. Outro problema apontado por Noll é de cunho lingüístico, uma vez que nem Corriente (nem Lüdtke, nem Steiger, nem Elcock) explica o mecanismo que impediu a segmentação morfológica do artigo árabe pelas populações ibero-românicas, cujas línguas possuíam artigo determinado desde o século VIII (NOLL, 2005, p. 38-39).

Segundo Noll (2005, p. 39), o artigo determinado árabe tem vários alomorfes. Dada a instabilidade do [a], a forma *al* ocorre exclusivamente na posição de início absoluto de palavra, elidindo-se, no sintagma, com vogais flexionadas ou epentéticas finais ou sofrendo assimilação regressiva diante das consoantes solares. Como a elisão da vogal *a* faz perder o seu valor silábico, o alomorfe {l} se comporta como um elemento enclítico, integrando a última sílaba da palavra anterior, ao passo que, nas formas assimiladas diante das consoantes solares, perde-se na geminação.

Noll (2005, p. 39) afirma que:

Em árabe, o artigo determinado, que evoluiu, como o do romance, a partir de um pronome demonstrativo, tem vários alomorfes. A forma primitiva *al* se limita sobretudo ao começo absoluto [de palavra], porque, sendo instável a vogal [a] do artigo (*alif wasl*), esta se elide com as vogais flexionadas ou epentéticas finais no sintagma ([u], [i], mas também [a]): *fatahtu 'l-bāb* 'abri a porta'. Além disso, o artigo está sujeito a uma assimilação regressiva diante das consoantes ditas solares

<sup>63</sup> De esta manera, Corriente concretiza la tesis beréber al señalar la particularidad del árabe berberizado, lo que las exposiciones de Elcock y de Lüdtke no habían hecho. El "uso abusivo del artículo" debe significar que en el árabe de los bereberes no existía prácticamente ninguna diferenciación entre sustantivos determinados e indeterminados porque el artículo se colocaba en ambos casos.

(t, ṭ, d, ḍ, r, z, s, š, ṣ̌, ḍ, ṭ, z, l, n): *akaltu`s-sukkar* ‘comi o açúcar’. Nota-se que o artigo é reduzido a [s] na pronúncia.<sup>64</sup> (NOLL, 2005, p. 39, tradução nossa, grifos do autor).

E ainda:

Em relação à elisão da vogal, é de suma importância comprovar que, por razões fonotáticas, o artigo árabe está sempre separado do substantivo a que se refere. Como a elisão da vogal *a-* faz perder o seu valor silábico, o alomorfe {1} se comporta como um elemento enclítico, formando parte da última sílaba da palavra anterior: ár. *fatahtu`l-bāb* [fa.thah.tul.'bāb] ‘abri a porta’. Quanto às formas assimiladas diante das consoantes solares, o artigo se perde na geminação, que, decerto, não tem importância nas línguas ibero-românicas.<sup>65</sup> (NOLL, 2005, p. 39, tradução nossa, grifo do autor).

Concluindo Noll (2005, p. 40), do exposto, que:

Por causa desta separação silábica, que, além de tudo, coincide com a segmentação morfemática, os empréstimos árabes normalmente não podem apresentar o artigo aglutinado. No árabe andalusino, entretanto, por mais que nos surpreenda, a elisão da vogal *a-* não acontecia.<sup>66</sup> (NOLL, 2005, p. 40, tradução nossa).

Portanto, no ibero-romance, a aglutinação do artigo árabe *al* ao substantivo que o segue decorre de uma característica estrutural do próprio árabe andalusino: a preservação do valor silábico do artigo andalusino, devido à preservação regular da vogal inicial *a-*.

Assim, segundo Noll (2005, p. 40, tradução nossa, grifo do autor):

Diferentemente de outras variedades, o artigo andalusino preservou o seu valor silábico em consequência da conservação regular de sua vogal inicial *a-*. Por isso, ao invés de estar ilhado em posição enclítica, o artigo se atribuía pretonicamente ao substantivo determinado de maneira que ambos formavam um grupo rítmico dentro do sintagma nominal: ár. and. [na'ʔi al'xobz] ‘dou o pão’. Esta particularidade do árabe (andalusino) determinou a aglutinação do artigo árabe em espanhol, em português, em catalão e talvez inclusive nas falas berberes.<sup>67</sup>

<sup>64</sup> En árabe, el artículo determinado que evolucionó, como el del romance, a partir de un demostrativo tiene cierto número de alomorfos. La forma primitiva *al* se limita sobre todo al comienzo absoluto porque, siendo inestable la vocal [a] del artículo (*alif wasl*), ésta se elide por las vocales flexionadas o epentéticas finales en el sintagma ([u], [i], pero también [a]): *fatahtu`l-bāb* ‘abrió la puerta’. Además, el artículo está sujeto a una asimilación regresiva ante las consonantes dichas solares (t, ṭ, d, ḍ, r, z, s, š, ṣ̌, ḍ, ṭ, z, l, n): *akaltu`s-sukkar* ‘comi el azúcar’. Se nota que, en este caso, el artículo queda reducido a [s] en la pronunciación.

<sup>65</sup> En relación con la elisión de la vocal, es de suma importancia comprobar que, por razones fonotáticas, el artículo árabe está siempre separado del sustantivo al que se refiere. Como la elisión de la vocal inicial *a-* le hace perder su valor silábico, el alomorfo {1} se comporta como un elemento enclítico, formando parte de la última sílaba de la palabra anterior: ár. *fatahtu`l-bāb* [fa.thah.tul.'bāb] ‘abrió la puerta’. En cuanto a las formas asimiladas ante las consonantes solares, el artículo se pierde en la geminación que, por cierto, no tiene importancia en las lenguas iberorrománicas.

<sup>66</sup> Por dicha separación silábica que, además, coincide con la segmentación morfemática, los préstamos árabes normalmente no pueden llevar el artículo aglutinado. Esto se confirma en la mayoría de las lenguas. En el árabe andalusí, sin embargo, por más que nos sorprenda, la elisión de la vocal *a-* no tenía efecto.

<sup>67</sup> A diferencia de otras variedades, el artículo andalusí guardó su valor silábico como consecuencia de la conservación regular de su vocal inicial *a-*. Por eso, en vez de estar aislado en posición enclítica, el artículo se atribuía pretonicamente al sustantivo determinado de manera que ambos formaban un grupo rítmico dentro del

Noll (2005, p. 40) afirma, ainda, que “Conseqüentemente, os arabismos ibero-românicos que trazem o artigo aglutinado provêm dos empréstimos [adquiridos] no meio moçárabe bilíngüe ativo, ao passo que os outros, sem artigo, dependem do contato habitual de línguas”.<sup>68</sup>

A análise dos arabismos integrados ao sistema lexical da língua portuguesa pela via brasileira corrobora quanto se disse. Nenhum daqueles legados pela imigração sírio-libanesa (*baba hanuche, beleua, cafta, esfiha, falafel, homos, laban, labna, mijadra, quibe, tabule e tahine*) traz o artigo aglutinado. O contato português-árabe no Brasil da imigração não satisfaz as condições necessárias à realização do fenômeno: não se caracterizou pelo “bilingüismo social” (diglossia), haja vista a assimilação desse imigrante pela sociedade anfitriã, a restrição do uso do árabe como língua exclusivamente de grupo e seu abandono progressivo nas gerações seguintes, conforme discutido na seção 2.3.5.3.

Já os arabismos legados pelos escravos islamizados ilustram a situação descrita por Lüdtke para o fenômeno da aglutinação na África Ocidental: ocorrência simultânea, embora em proporções variadas, de empréstimos com e sem o artigo aglutinado. Há os que trazem o artigo (*açubá, adixá, aiassari, ailá, alicali, aligenum, alimangariba, aluá, alufá, amim, assumi, azaca, barica da suba, lemano e maneco lassalama*), os quais constituem a maioria, 15 dos 25 vocábulos investigados ou 60% do total. Os outros 10 vocábulos (*bissimilai, djema, fazer sala, jihad, maçalassi, malê, mussurumim, sacá, salamaleco e tecebá*), que não trazem o artigo aglutinado, perfazem 40% da herança lexical afro-muçulmana do campo religioso documentada no *Léxico Português de Origem Árabe* (VARGENS, 2007).

Iniciada no século XI com os almorávidas, a islamização da África Ocidental verificou-se ao longo de séculos e não se deu uniformemente, com os centros político-administrativos mais islamizados e superficial islamização das zonas rurais (MONTEÏL, 1967, p. 06-10; BELTRÁN, 1969, p. 45-46), com equivalente difusão diferenciada da língua corânica e nem sempre, portanto, estabelecendo-se efetiva situação de bilingüismo social (diglossia). Sobre o contexto de contato português-árabe intermediado por escravos islamizados no Brasil, veja-se a seção 2.3.5.2.

---

sintagma nominal: ár. and. [na'ti al`xobz] ‘doy el pan’. Esta particularidad del árabe (andalusí) determinó la aglutinación del artículo árabe en español, en portugués, en catalán y tal vez incluso en las hablas bereberes.

<sup>68</sup> Por conseguinte, los arabismos iberorrománicos que llevan el artículo aglutinado provienen de los préstamos en medio moçárabe bilingüe activo, mientras que los otros, sin artículo, dependen del contacto habitual de lenguas.

Entretanto, alguns arabismos (termos científicos, sobretudo, hoje parte da terminologia internacional) foram transmitidos através do próprio latim medieval, a que haviam chegado por meio das traduções latinas de textos árabes feitas a partir do século XII. Nestas traduções, de que geralmente tomavam parte dois intérpretes, não se seguia o caminho direto *árabe* → *latim medieval*, fazendo-se antes o percurso *árabe* → *romance hispânico* → *latim medieval*: leitura de texto escrito → versão oral → fixação por escrito. Este processo, que traz a oralidade como *ponte* nas traduções do árabe para o latim medieval, fez com que também nestas se encontre um grande número de palavras árabes com o artigo aglutinado (LÜDTKE, 1974, p. 85; HALL JR, 1971, p. 98; VIGUERA MOLINS, 2002, p. 20; JACQUART, 1992, p. 164-165).

Segundo Noll (2005, p. 42), o artigo, na escrita árabe, forma uma entidade gráfica com o substantivo, o que é indicado por travessão na transliteração. Entretanto, a escrita pode registrar equívocos nos casos de assimilação fonética diante das consoantes solares.

Na escrita árabe, o artigo <al> sempre forma uma entidade gráfica com o substantivo determinado, fato marcado na transliteração pelo hífen: <al-bāb> ‘a porta’. Isto fomentava os empréstimos com o artigo aglutinado em palavras que entraram pelas traduções medievais. Como a assimilação fonética ante as letras solares não se reflete na escrita comum sem diacríticos (<al-šams>), são justamente erros a respeito os que indicam o empréstimo por via escrita. Desta maneira, a estrela central da constelação de Touro, *Aldebarā* <al-dabarān>, revela sua via de transmissão por falta de assimilação (*ld>dd*). Às vezes, existiam duas formas, tal como *Altair* (Águia) e *Atair* < ár. *aṭ-ṭā'ir*.<sup>69</sup> (NOLL, 2005, p. 42, tradução nossa).

Corriente (2003, p. 21) cita aspectos da transmissão de arabismos pela língua escrita ainda por investigar, tais como problemas paleográficos e o conhecimento do árabe e de suas variedades pelos europeus que adotaram os arabismos ibero-românicos:

A transmissão livresca de determinados arabismos, particularmente em certos campos técnico-científicos, como medicina, farmácia, botânica, astronomia, etc., se caracteriza, face à imensa maioria de transmissão oral, pela incidência de dois fatores peculiares sobre os mesmos. Em primeiro lugar, os azares de uma transmissão gráfica, não excluindo fases orais em alguns pontos, e, em segundo lugar, a extensão do corpus, que abarca teoricamente toda a literatura científica em árabe, inclusive vozes alógenas nunca bem assimiladas por esta língua. Por outro lado, a integração de tais vozes nas línguas-objetivo tampouco se produziu plenamente em muitos casos, pelo seu próprio caráter de tecnicismos substituíveis e elimináveis em fases posteriores e mais avançadas da civilização ocidental, o que

<sup>69</sup> En cuanto a la escritura árabe, el artículo <al> siempre forma una entidad gráfica con el sustantivo determinado lo que se marca por un guión en la transliteración: <al-bāb> ‘la puerta’. Esto fomentaba los préstamos con el artículo aglutinado en palabras que entraron por las traducciones medievales. Como la asimilación fonética ante las letras solares no se refleja en la escritura común sin diacríticos (<al-šams>), son justamente errores al respecto los que indican el préstamo por vía escrita. De esta manera, la estrella central de la constelación de Tauro, *Aldebarán* < al-dabarān>, revela su vía de transmisión por falta de asimilación (*ld > dd*). A veces, existían dos formas, tal como *Altair* (Águia) y *Atair* < ár. *aṭ-ṭā'ir*.

não quer dizer que não constituam um patrimônio de primeira ordem de importância da contribuição da civilização islâmica à universal, mas que constituem capítulo à parte no estudo dos arabismos do ibero-romance, no qual, apesar da existência de excelentes estudos, ainda restam aspectos fundamentais por esclarecer, tais como o grau de conhecimento do árabe, clássico, médio, neoárabe ou andalusino, por parte dos europeus que os adotaram, sua freqüente utilização não direta dos textos na referida língua, senão mediatizada por bilíngües nativos, o que possibilitou a inserção de fases orais na transmissão, quando não escreviam suas versões na língua transmissora, geralmente latim, com o resultado de desvios freqüentes, que se devem somar às deturpações paleográficas.<sup>70</sup> (CORRIENTE, 2003, p. 21, tradução nossa).

Observe-se que os arabismos medievais encontrados no francês e no italiano, além de configurarem pequena soma, são estrangeirismos encontrados nos livros de erudição, não tendo influído na língua comum – ao contrário daqueles verificados no português e no espanhol, que, em sua maioria, designam objetos de uso diário e afazeres da vida cotidiana (VASCONCELOS, 1956, p. 300; BALDINGER, 1963, p. 57-59). Conforme abordado nas seções 2.4.2 e 2.3.5.1, esta diferença na quantidade de empréstimos adquiridos e sua ocorrência na expressão de diferentes aspectos da vida humana decorrem do fato de os arabismos ibéricos constituírem empréstimos íntimos resultantes de duradouro contato, ao passo que os italianos e franceses são empréstimos culturais, verificando-se menos freqüentemente e em áreas restritas do saber.

A maioria dos arabismos é de substantivos, nas demais classes os exemplos são tão poucos que poderiam ser elencados na sua totalidade. Vasconcelos (1956, p. 304-305) cita os adjetivos *refece* e *mesquinho*, dentre os mais conhecidos, e *cadimo*, como um dos “pouco vulgares”, além do verbo *recamar*. Outros verbos, a exemplo de *afagar* e *algemar*, resultam da derivação de substantivos. Traz, ainda, a preposição *atá* (< ár. *hatta*, que afirma ter sido substituída pela forma latina *até* (< lat. [*hac*] *tenus*), e as interjeições *oxalá* e *arre*. Elia (1974, p. 108) menciona, ainda, o advérbio *debalde* e o pronome *fulano*.

---

<sup>70</sup> La transmisión libresca de arabismos, particularmente en ciertos campos científico-técnicos, como medicina, farmacia, botánica, astronomía, etc., se caracteriza, frente a la inmensa mayoría de transmisión oral, por la incidencia sobre ellos de dos factores peculiares, en primer lugar, los azares de una transmisión gráfica, aun sin excluir fases orales en alguno de sus puntos y, en segundo lugar, la extensión del corpus que abarca teóricamente toda la literatura científica en ár., incluyendo voces alógenas nunca bien asimiladas por esta lengua. Por otra parte, la integración de tales voces en las lenguas objetivo tampoco se produjo plenamente en muchos casos, por su mismo carácter de tecnicismos sustituibles y eliminables en fases posteriores y más avanzadas de la civilización occidental, lo que no quiere decir que no constituyan un testimonio de primer orden de la importancia de la aportación de la civilización islámica a la universal, sino que constituyen capítulo aparte dentro del estudio de los arabismos del iberorrom., donde, a pesar de la existencia de excelentes estudios, quedan todavía aspectos fundamentales por aclarar, tales como el grado de conocimiento del ár., cl., medio, neoár. o and., por parte de los europeos que los adoptaron, su frecuente utilización no directa de los textos en dicha lengua, sino mediatizada por bilingües nativos, lo que ha podido insertar fases orales en la transmisión, cuando no escribían sus versiones en la lengua transmisora, generalmente lt. con el resultado de frecuentes desviaciones, que se han de sumar a las deturpaciones paleográficas.

Com relação aos verbos, Corriente (2003, p. 53-54) aponta a existência de número mais elevado do que os até então identificados, constituídos por afixos (prefixação derivacional optativa e sufixação inflexional), muitas vezes românicos, dificultando a identificação de empréstimos do romance meridional. Afirma, ainda, que a sua estrutura, gerada por processos classificados a partir da forma do verbo árabe em que tais arabismos se originam, apenas agora começa a ser conhecida: 1. nome verbal, o mais freqüente (pt. *fanar* < \*xatn+ÁR, pt. *arfar* < \*A(D)+lahat+ÁR, pt. *aça(i)mar* < \*A(D)+zamm+ÁR, *afarvar-se* < \*A(D)+xarab+ÁR; *açobar* < \*A(D)+sawb+ÁR); 2. imperativo, como o pt. *acirrar* < asirr+ÁR e o pt. *açular* < \*A(D)+sul+ÁR; 3. perfectivo, a exemplo de *safar* < \*zâh+ÁR e 4. participio, adjetivos, substantivos não-deverbais e sintagmas preposicionais (pt. *aceibar* < \*A(D)+sayib+ÁR e *açalmear* < A(D)+salm+EYÁR).

Os substantivos raramente se referem a noções abstratas, a qualidades morais, por exemplo. Vasconcelos cita *alvíssaras*, *tarefa*, *azáfama*, *algazarra*, *alarido* e *alcunha* (VASCONCELOS, 1956, p. 304). Segundo Machado (apud ELIA, 1974, p. 108), abrangem quase todos os setores da vida cotidiana, devido ao caráter utilitário e popular da influência árabe no português. Tal fato concorrerá para a presença de arabismos nos mais diversos campos semânticos, conforme veremos na seção seguinte (2.5.4).

Ainda quanto ao seu aspecto formal, caracterizam os arabismos ibéricos, em posição inicial, *x-* (*xá*, *xeque*, *xeique*, *xarope*, *xadrez*) ou *enx-* (*enxaqueca*, *enxoval*) e, em posição final, *-i* tônico (*alfaqui*, *maravedi*, *javali*), às vezes transformado em *-im*, *-il* ou mesmo *-inho* (*alecrim*, *marfim*, *ceitel*, *Afonsinho* < *afonsi*), e sílabas inusitadas em vocábulos de origem latina, como *-afe*, *-afre*, *-efe*, *-aque* (*espinafre*, *tabefe*) (VASCONCELOS, 1956, p. 305; FRANCA, 1994, p. 21). A nasalização do sufixo derivacional atributivo do árabe antigo *-ī*, em português, decorreu de influência do sufixo latino *-īnus*, de acordo com Corriente (2003, p. 52) e se verifica em vocábulos como *marroquim*.

Alguns arabismos têm origem em outras línguas que não a árabe, a qual, de fato, atuou apenas como intermediária na sua introdução no sistema lexical português. Há vocábulos de origem latina (*alcácer* < *castrum*), grega (*alquimia* < *chemeia*; *elixir* < *xeron*; *arroz* < *oryza*); africana (*zebra* e, talvez, *girafa*); persa (*azul*) e até mesmo sânscrita (*laranja*) (VASCONCELOS, 1956, p. 305, 306-307; ELIA, 1974, p. 109, FRANCA, 1994, p. 21).

O influxo árabe imprimiu nas línguas ibéricas características que as diferenciaram face às demais línguas românicas. Além do legado lexical, o árabe teria concorrido para o aumento de oxítonos (*algodão*, *açafrão*, *marfim*, *javali*), para o surgimento de paroxítonos terminados com sílaba travada (*aljôfar*, *açúcar*) e para a proliferação de proparoxítonos

(*álcool, álgebra, hégira*). Teria ainda servido de modelo em expressões como *Rei dos reis* e no uso de expressões como *Que Deus o guarde, Se Deus quiser, Que Deus o ampare*. (ELCOCK apud ELIA, 2004, p. 106; HOUAISS, 1986; LAPESA, 1991, p. 108-110; SILVA, 2003; VASCONCELOS, 1956, p. 299).

Apesar de as características supracitadas estarem pautadas na descrição de arabismos europeus, e de arabismos mais recentemente adquiridos pelo português brasileiro ainda carecerem de uma investigação estrutural, a análise prévia de arabismos sírio-libaneses aponta a predominância de paroxítonos, que perfazem 83,3% das formas, constituindo 10 dos 12 itens analisados (*baba hanuche, beleua, cafta, esfiha, homos, labna, mijadra, quibe, tabule* e *tahine*) e, excepcionalmente, oxítonos, apenas 02 dos 12 vocábulos ou 16,7% dos arabismos em questão (*falafel, laban*).

Embora a estrutura silábica mais freqüente seja efetivamente CV, inclusive com 01 caso de nasalização regressiva com preservação do <n> etimológico (*laban*), há 01 ocorrência de CCV (*mijadra*) e 01 vocalização de –l em posição final de sílaba (*falafel*). Verificam-se duas sílabas travadas por fonemas inesperados, segundo as regras fonotáticas válidas para a língua portuguesa, [f] e [b] (em *cafta* e *labna*, respectivamente).

Já os arabismos afro-muçulmanos do português brasileiro se dividem entre paroxítonos e oxítonos, em proporção quase igual. Considerando-se separadamente os elementos que constituem as expressões interjetivas, são 14 oxítonos (*açubá, adixá, ailá, aluá, alufá, amim, assumi, [barica da] subá, bissimilai, jihad, malê, mussurumim, sacá e tecebá*) (51,8% das 27 formas) e 13 paroxítonos (*aiassari, alicali, aligenum, alimangariba, azaca, barica [da subá], lemano, maneco [lassalama], [Maneco] lassalama, djema, [fazer] sala, maçalassi, salamaleco*) (48,2% das 27 formas analisadas). Verifica-se a ocorrência de 01 consoante africada [dž] (*djema*). Há, ainda, um travamento silábico em –d (*jihad*).

#### **2.5.4 Campos semânticos**

Os campos semânticos em que a literatura especializada reporta a presença de arabismos portugueses podem ser analisados consoante os três contextos de contato português-árabe já descritos como sócio-histórica e culturalmente tão diferenciados (seção 2.3.5). Em decorrência de fatores extralingüísticos, tais como o prestígio da língua árabe, a amplitude de uso desta e duração do contato, é de se esperar assimetria na quantidade de campos semânticos em que se verificam os arabismos introduzidos em cada contexto, bem como diversidade de material léxico encontrado em cada campo semântico investigado.

Durante a Idade Média ibérica, ainda que em proporções diferenciadas, verificou-se a importação, pelos romances e línguas locais, de maior número de vocábulos originados na língua árabe, que se distribuiu por ampla gama de campos semânticos, abrangendo aspectos da vida cotidiana, das ciências e das técnicas e mesmo da religião.

No que concerne à língua portuguesa e considerando-se os campos citados por Elia (2004, p. 107), Silva Neto (1988, p. 333), Teyssier (2001, p. 22), Vargens (2007, p. 221-225) e Vasconcelos (1956, p. 301-302), encontra-se o referido vocabulário nos campos semânticos de:

1. técnicas e produtos agrícolas: *açude, almuinha, safra, sega; açúcar, café, tamarindo.*
2. guerra e vida militar: *alferes, algema, almirante, arrais, arsenal, bodoque, calibre, refém.*
3. indústria e comércio: *açougue, alambique, armazém, azenha, azêmola.*
4. administração e finanças: *aduana, alfândega, alvará, aval, leilão, tarifa.*
5. profissões: *alfaiate, almoxarife, magarefe.*
6. ciências, técnicas e artes: *algarismo, álgebra, zero; achaque, elixir, enxaqueca, nuca, xarope; alquimia; alaúde, atabaque, atambor, axabeba, cifra.*
7. vestuário: *babuche.*
8. alimentação e culinária: *almôndega, cuscuz.*
9. compartimentalização espacial e acidentes geográficos: *aldeia, arrabalde, bairro, rincão.*
10. habitação e vida doméstica: *alcova, alicerce, almofada, andaime, azulejo, chafariz, divã, saguão, sofá, taça, taipa.*
11. fauna (inclusive pesca): *anta, atum, gazela, girafa.*
12. flora: *aloé, alfazema, haxixe, estragão, saramago.*
13. jogos: *xadrez.*
14. religião: *imame, ulemá, mussurumim, islame, jihad, mesquita, minarete, moçafo, tecebá.*
15. dinastias, etnias, gentílicos: *almóada, almorávida, beduíno, berbere, coraixita, malê.*

Entretanto, a presença de afro-muçulmanos no Brasil escravagista, sobretudo no século XIX, inaugurou a “via brasileira” de introdução de arabismos na língua portuguesa. A análise do vocabulário de origem “malê” registrado no *Léxico Português de Origem Árabe* (VARGENS, 2007) aponta a predominância quase absoluta de arabismos do campo religioso: de 25 vocábulos, apenas 01, *aluá* (designando alimentos, doce e bebida), pertence ao campo da culinária (MARANHÃO, 2009a, p. 10).

Por sua vez, o levantamento dos arabismos portugueses do campo religioso documentado no *Léxico Português de Origem Árabe* (VARGENS, 2007) resultou na identificação de 96 vocábulos distribuídos por 14 campos semânticos. Em destaque, os 25 vocábulos legados pelos escravos islamizados no Brasil, um dos quais integrando uma expressão híbrida, português-árabe: 1. ministros do culto islâmico (*aba, alfaqui, alicali, almuadem, alufá, arabi, caciz, imame, lemano, marabuto, miramolim, mufti, ulemá, xeque*); 2. crentes e infiéis (*alcoranista, almôada, almorávida, amim, babi, cafre, daroês, elchem faquir, hadji, malê, maronita, moçárabe, mogatace, mosleme, muçulmano, mudéjar, mussurumim, rafadi, rume, sufi, sunita, xerife, xiita*); 3. religiões e seitas (*almôada, almorávida, babismo, islame, maronita, muçulmanismo, sufismo, xiismo*); 4. Preceitos (*assumi, azaca, jihad, sacá*); 5. locais sagrados ou a estes relacionados (*açotéia, alcorão almádena, alquibla, Caaba, djema, maçalassi, marabuto, mesquita, mimbar, minarete, mirabe*); 6. livro sagrado (*alcorão, moçafó, suna, sura*); 7. objetos litúrgicos (*acitara, alfaia, almocela, Caaba, tecebá*); 8. orações (*açubá, adixá, aiassari, ailá, alimangariba*, o híbrido português-árabe *fazer sala e salá*); 9. divindade e outras entidades (*abedale, Alá, aligenum, caneco, djim, ifrite*); 10. eventos (*hégira*); 11. morte (*almocábar, ataúde*); 12. segregação religiosa (*aduaana, almocábar*); 13. premiação e punição (*aljube, huri*); 14. saudações, interjeições e expressões interjetivas (*barica da suba, bissimilai, Maneco lassalama, salamaleco, salamaleque*).

Os 25 arabismos religiosos legados por afro-muçulmanos ao português brasileiro constituem 26% do total dos arabismos religiosos documentados no *Léxico Português de Origem Árabe*, fato que corrobora a hipótese então testada, de que, dada a restrita difusão do islamismo no Brasil escravagista, a contribuição malê de arabismos no referido campo seria, efetivamente, menor que a herança européia. Contudo, a sua participação em 08 dos 14 micro-campos analisados refutou a hipótese secundária, de que este vocabulário estaria restrito a micro-campos como o de ministros do culto islâmico e de orações, designando exclusivamente especificidades do culto islâmico “malê”.

Ao contrário, a herança afro-muçulmana se faz sentir, em ordem decrescente, nos seguintes micro-campos religiosos: preceitos (em que 100% dos vocábulos têm origem afro-muçulmana);<sup>71</sup> orações (85,71%);<sup>72</sup> saudações, interjeições, expressões interjetivas

<sup>71</sup> Integram este micro-campo semântico as formas *assumi, azaca, jihad* e *sacá*.

<sup>72</sup> Constituído o micro-campo pelos vocábulos *açubá, adixá, aiassari, ailá, alimangariba*, *fazer sala, salá*, dos quais apenas o último resulta de herança do português europeu.

(66,66%);<sup>73</sup> ministros do culto islâmico (21,42%);<sup>74</sup> objetos litúrgicos (20%);<sup>75</sup> verificando-se igual participação nos campos divindades e outras entidades<sup>76</sup> e locais sagrados ou a estes relacionados<sup>77</sup> (com 16,66% de vocábulos legados pelos escravos islamizados) e, por fim, crentes e infiéis (com 12,5 % de contribuição “malê”).<sup>78</sup>

Como já se disse (seção 2.2.3), o levantamento dos arabismos legados pela imigração sírio-libanesa registrados no *Léxico Português de Origem Árabe* (VARGENS, 2007) resultou na identificação de 12 vocábulos, todos, de fato, integrantes do campo semântico da culinária: *baba hanuche, beleua, cafta, esfíha, falafel, homos, laban, labna, mijadra, quibe, tabule, tahine* (MARANHÃO, 2009b, p. 06-07).

O *Léxico Português de Origem Árabe* (VARGENS, 2007) registra, além da herança afro-muçulmana e sírio-libanesa, outros 732 arabismos chegados ao Brasil com a língua do colonizador, o português europeu, distribuídos pelo autor por 13 campos semânticos, além de 03 grupos constituídos com base na classe gramatical a que pertencem e 01 grupo das saudações: 1. administração pública (justiça, penas, impostos, tarifas, títulos de nobreza e honoríficos); 2. guerra, exército, marinha, armas, náutica; 3. vida social e relações sociais (religião, mitos, filosofia, profissões, doenças, medicamentos, língua); 4. vida privada (corpo, mobiliário, vestuário, alimentação, utensílios); 5. nomenclatura rural e urbana (casa, transportes, acidentes geográficos, astronomia, astrologia, fenômenos da natureza, meses do ano); 6. flora; 7. recursos naturais, química; 8. fauna, pesca, pecuária; 9. agricultura; 10. pesos e medidas, moeda, matemática; 11. comércio e indústria; 12. dinastias, etnias, gentílicos; 13. cores; 14. adjetivos; 15. instrumentos gramaticais; 16. verbos; 17. saudações (VARGENS, 2007, p. 221-225).

Considerando que, para Iordan e Manoliu, “[...] as palavras de uma língua podem oferecer materiais para conhecer o desenvolvimento social do povo que a fala, ou, dito de outro modo, a quantidade e índole de conhecimentos que esse povo tem em todo tipo de

<sup>73</sup> Este micro-campo é formado pelas formas “malês” *barica da subá, Bissimilai, Maneco Iassalama, salamaleco*, além das transplantadas com o colonizador português, *oxalá* e *salamaleque*.

<sup>74</sup> Encontram-se neste micro-campo os itens *aba, alfaqui, almuadem, arabi, caciz, imame, marabuto, miramolim, mufti, ulemá* e *xequê*, a par dos “malês” *alicali, alufá* e *lemanó*.

<sup>75</sup> Neste campo, apenas *tecebá* constitui contribuição afro-muçulmana ao português brasileiro. Outras formas encontradas neste micro-campo são *acitara, alfaia, almocela* e *Caaba*.

<sup>76</sup> Formado pelos vocábulos *abedale, Alá, caneco, djim, ifrite* e *aligenum*, este último herança dos escravos islamizados.

<sup>77</sup> Além dos afro-muçulmanos *djema* e *maçalassi*, ocorrem, neste micro-campo, ainda, as formas *açotéia, alcorão, almádena, alquibla, Caaba, marabuto, mesquita, mimbar, minarete* e *mirabe*.

<sup>78</sup> Este micro-campo é integrado pelos vocábulos *alcoranista, almôada, almorávida, babi, cafre, daroês, elche, faquir, hadji, maronita, moçarabe, mogatace, mosleme, muçulmano, mudéjar, rafadi, rumi, sufi, sunita, xerife* e *xiita*, além das formas introduzidas no português brasileiro por escravos islamizados: *amim*, o próprio termo *malê* e *mussurumim*.

atividades”<sup>79</sup> (IORDAN; MANOLIU, 1989, v. 2, p. 63, tradução nossa), e que, segundo Sapir, “Pode-se aproximadamente apreciar o papel que os vários povos têm desempenhado no desenvolvimento e expansão das idéias culturais, registrando-se o grau de infiltração dos seus léxicos em outras línguas” (SAPIR, 1980, p. 154), justifica-se que em Alandalus, onde se deu uma interação mais duradoura e intensa do árabe com os romances e línguas ibéricas, com maior prestígio da civilização muçulmana e efetiva transmissão de inúmeros saberes aos cristãos europeus, tenha se verificado a adoção de inúmeros arabismos nos mais diversos campos semânticos. Restrito o alcance da língua árabe no Brasil, isto é, com as suas funções sociais restritas à religião, no caso dos escravos islamizados, e à designação exclusivamente de elementos étnico-culturais, no que respeita aos primórdios da imigração árabe, o número de arabismos importados pela língua portuguesa diminuiu, assim como o número de campos semânticos em que ocorrem.

Novas investigações, em documentos produzidos à época de ingresso de afro-muçulmanos no Brasil, bem como de arabismos e africanismos documentados pela Lexicografia brasileira, além de pesquisas sócio-lingüísticas nas regiões de recente imigração árabe-muçulmana podem indicar se, com efeito, restringem-se apenas a estes os arabismos do português brasileiro e os campos semânticos em que se organizam.

### **2.5.5 Emprego de arabismos no português brasileiro**

Segundo Maranhão (2010a), ilustram o emprego de formas integradas (empréstimos) e adquiridas mais recentemente (estrangeirismos) no português brasileiro contemporâneo os arabismos documentados em duas obras ficcionais publicadas nos últimos anos no Brasil, *Al-Gharb – 1146: viagem onírica ao “Portugal” muçulmano* (XAVIER, 2004) e *Vida Dupla: um romance sobre o Oriente Médio hoje* (ALSANEA, 2007). A primeira delas narra a vida de um magnata muçulmano no Algarve, território que no ano de 1146, época na qual se desenvolve a narrativa, é possessão muçulmana, integrando *Alandalus*; a segunda obra descreve a vida afetiva de seis jovens mulheres de classe alta na Arábia Saudita contemporânea, abordando especificidades da cultura saudita e da religião muçulmana para contextualizar os problemas afetivos vividos pelas personagens, anonimamente divulgados através da internet por uma onisciente narradora delas coetânea.

---

<sup>79</sup> [...] las palabras de una lengua pueden ofrecer materiales para conocer el desarrollo social del pueblo que la habla, o, dicho de outro modo, la cantidad e índole de conocimientos que esse pueblo tiene en toda clase de actividades.

Observou-se se que o emprego de empréstimos e estrangeirismos, em cada texto integrante do *corpus*, refletem necessidades designativas distintas, de momentos sócio-histórica e culturalmente bastante diferenciados de contato árabo-românico: na obra *Al-Gharb – 1146: viagem onírica ao “Portugal” muçulmano*, os empréstimos de origem árabe têm maior representatividade numérica, bem como presença em maior número de campos semânticos, ao passo que os estrangeirismos designam exclusivamente particularidades político-culturais e religiosas do mundo árabe-muçulmano. Em *Vida Dupla: um romance sobre o Oriente Médio hoje*, ao contrário, há menos empréstimos do que estrangeirismos, aqueles se restringindo a vocábulos de uso mais freqüente na língua portuguesa, e a estes últimos cabendo a expressão de peculiaridades sócio-culturais e religiosas médio-orientais.

Em se tratando de uma amostra de empréstimos e estrangeirismos de origem árabe em textos produzidos em língua portuguesa, limitou-se a extensão do *corpus* a cerca de 10 páginas de cada obra, assim especificadas. De *Al-Gharb – 1146: viagem onírica ao “Portugal” muçulmano* extraíram-se os capítulos “Meu pai projeta castelos” (p. 17-18), “O Gharb, polígono de paz e terra de tolerância” (p. 91-94) e “Paisagens, cores e perfumes do Mira” (p. 101-105), perfazendo um total de 11 páginas. Em *Vida Dupla: um romance sobre o Oriente Médio hoje* recolheram-se os capítulos “As garotas gravitam em torno do grande dia de Gamrah, cada uma a seu modo” (p. 24-29), “Hamdan, o rapaz lindinho de cachimbo” (p. 203-205) e “Lamees se casa com o primeiro e único amor da sua vida” (p. 211-216), excluindo-se o e-mail da narradora com que soem ter início os capítulos, e totalizando, assim, 12 páginas.

Os arabismos levantados são apresentados, em ordem alfabética, em duas partes, concernentes a cada um dos textos em que foram buscados. As listas trazem o lema, categorias gramaticais das formas menos evidentes ou integrantes de mais de uma categoria, acepção documentada nos textos, para os vocábulos não pertencentes à língua comum, bem como variantes registradas no *corpus* e abonação com indicação da(s) página(s) em que ocorrem.

A entrada nas listagens se dá na forma masculina singular. Quando não ocorrem no *corpus* nestas formas básicas, a mesma é registrada como entrada entre colchetes, indicando nossa interferência. Quando, além da forma básica, ocorrem flexionadas, estas são indicadas como subentradas daquelas. Também se registram variantes de um vocábulo. Para os estrangeirismos, registra-se o gênero atribuído pelo autor ou pela tradutora, conforme a obra em que se acham documentados. Não se consideraram etnônimos, topônimos e adjetivos pátrios.

Registram-se, nos fragmentos selecionados de *Al-Gharb – 1146: viagem onírica ao “Portugal” muçulmano* (XAVIER, 2004), os seguintes vocábulos árabes ou que têm na língua árabe a sua origem:

**Açude** – “(...) as marés do rio, retidas numa represa, ou *açude*, e depois dela libertadas através de comportas (...)” p. 104.

**Adobe** – 1. Tijolo feito com argila secada ao sol. 2. Pedra lisa e arredondada encontrada nos rios. “Deparamo-nos, outras vezes, com humildes cabanas de *adobe* (...)” p. 102.

**Al-Kibla** – s.m. Uma das divisões da Espanha, consoante a geografia árabe; região sul, do meio-dia. “Os reinos dos cristãos, por seu turno, situam-se num outro triângulo quase justaposto ao primeiro – o *al-Kibla*, o *al-Djuf*, o Norte.” p. 92.

**Al-Djuf** – s.m. Uma das divisões da Espanha, segundo a geografia árabe, correspondente à região Norte. “Os reinos dos cristãos, por seu turno, situam-se num outro triângulo quase justaposto ao primeiro – o *al-Kibla*, o *al-Djuf*, o Norte”. p. 92.

**Alcáçova** – 1. Fortificação. 2. Palácio antigo. “Terão reparado na *alcáçova* (...)” p. 101;

**Alcáçovas** – “(...) não era falta de vontade dos qaid das *alcáçovas* (...)” p. 17.

**Alcaria** – Aldeia, lugarejo, vila. “Mais adiante, um pequeno povoado, uma *alcaria* de iemenitas (...)” p. 102.

[**Alecrim**] – Alecrins “(...) mas não isenta de uma certa beleza bravia e intocada, com sua vegetação rasteira e xerófila de (...) *alecrins* (al-liklil) e rosmaninhos (...)” p. 102.

[**Aljama**] – Conselho de judeus ou de mouros na Espanha durante a Idade Média, juderia ou mouraria. **Aljamas** – “(...) exaustos das intrigas dos conselhos (*aljamas*) (...)” p. 103.

[**Almogavre**] – 1. Guerreiro que lutava emboscado nas matas. 2. Militar de cavalaria. *Al-mugauir* – “(...) os *al-mugauir* – guerreiros predadores que irrompiam a galope, de surpresa, pelos descampados da charneca (...)” p. 103; **Almogávares** – “(...) o nome tinha sua razão de ser no vocábulo *almogávares* (...)” p. 103.

**Arabesco** – “(...) minhocas (...) que se contorcem (...) em formas de *arabesco*.” p. 104;

**Arabescos** – “Durante algum tempo acompanhamos os *arabescos* desenhados pelo rio ‘do Emir’ (...)” p. 102.

**Aval** – “Será que o próprio Ali Yusuf dá *aval* solidário com seu tio Tamin?” p. 17.

**Carmesim** – “(...) acrescenta Ordoña, ansiosa, *carmesim* e esfomeada pela longa cavalgada.” p. 103.

**Ceifa** – “(...) já pronto para a *ceifa*.” p. 102.

**Corânico** – “(...) meu pai havia-me aconselhado a estudar Direito *Corânico*, História da Arte e Matemática.” p. 18; **Corânica** – “Mas... e a proibição *corânica* dos juro?” p. 17.

**Dar-el-Harb** – s.m. Na Teologia Islâmica, regiões não-muçulmanas, literalmente ‘território de guerra’, opondo-se ao Dar-el-Islam. “(...) o cenário bélico é constituído pelos dois triângulos orientais – o do norte (o *dar-el-Harb*), e o do sul, muçulmano (o dar-el-Islam) (...)” p. 92.

**Dar-el-Islam** – s.m. Literalmente, ‘Território da Paz’, na Teologia Islâmica, correspondente às áreas onde o Islã domina, em oposição ao Dar-el-Harb. “(...) o cenário bélico é constituído pelos dois triângulos orientais – o do norte (o dar-el-Harb), e o do sul, muçulmano (o *dar-el-Islam*) (...)” p. 92.

**Dhimma** – s.f. Proteção dada a não-muçulmanos governados por islamitas e aos quais se aplicam impostos especiais (*jizya*), restrição à liberdade religiosa e obrigatoriedade de ser leal ao estado islâmico instituído. “(...) assegurando igual proteção a todos, a chamada *dhimma*, em contrapartida de simbólicos tributos de capitação (*jizya*) e sobre o usufruto de terra (*kharâj*).” p. 93.

**Djundis** – s.m. soldados árabes. “(...) foi este manto protetor que permitiu que o al-Andalus fosse considerada a Hispania de las Tres Naciones, ou de las Tres Religiones, em que coexistiam todas as gentes do Livro: (...) os *djundis* iemenitas (concentrados em Silves e Faro – Xanta Mariza Ibn Hârum), os magrebinos africanos (...)” p. 93.

**Emir** – “Odemira (...) – Trata-se de um topônimo evidente, formado pelos vocábulos ‘ode’(uade, rio) e ‘mira’ (de *emir*, chefe, príncipe) (...) p. 101, “(...) logo, a terra do rio do *Emir*.” p. 101, “(...) teimava em ver no nome de Odemira, não um tributo a um *emir* muçulmano (...)” p. 101, “(...) arabescos desenhados pelo rio do *Emir* (...)” p. 102, “(...) a foz do meu rio, de que sou o *emir* (...)” p. 105.

**Gharb** – s.m. ocidente. “(...) Samarra, situada no *gharb* do Gharb – no extremo ocidental da parte ocidental do al-Andalus (...)” p. 91.

**Hamam** – s.m. Banho público árabe. “Continuamos no *hammam*, nessa atmosfera íntima, úmida e perfumada, que convida a sonhos, a reminiscências.” p. 17.

**Islão** – “Que valores poderiam contrapor os valores do *Islão* (...)?” p. 94.

**Islâmico** – “Usa-se o calendário *islâmico* ou o cristão?” p. 17, “(...) acha oportuno fazer a apologia do ambiente de tolerância trazido pelo mundo *islâmico* (...)” p. 92.

**Maqbara** – s.f. 1. Túmulo. 2. Cemitério, acepção com que ocorre no *corpus*. “Junto à alcaria, avistamos a *maqbara* (...), o necrotério onde os anciãos (...) jazem em decúbito lateral direito e com a cabeça virada a sudeste, em linha reta com Meca.” p. 103.

**Muçulmano** – “(...) o cenário bélico é constituído pelos dois triângulos orientais – o do norte (o dar-el-Harb), e o do sul, *muçulmano* (o dar-el-Islam) (...)” p. 92, “(...) negociaram em

Ceuta o auxílio *muçulmano* (...).” p. 93, “(...) teimava em ver no nome de Odemira, não um tributo a um emir *muçulmano* (...).” p. 101.

**Qaid** – s.m. Alcaide, antigo administrador de província ou palácio. “(...) não era falta de vontade (...) dos *qaid* das alcáçovas (...).” p. 17.

**Taipa** – “(...) transformar o flácido e merdoso barro de hoje, a terrosa *taipa*, no duríssimo bronze de amanhã requer moeda (...).” p. 17.

[**Tâmara**] – **Tâmaras** “- Que pena – murmura Fátima – servindo-me um suco de *tâmaras* com hortelã. (...).” p. 18.

Já nos excertos da obra *Vida Dupla: um romance sobre o Oriente Médio hoje* (ALSANEA, 2007) encontraram-se os seguintes vocábulos árabes e arabismos portugueses:

**Abaya** – Túnica feminina, longa e negra, usada em países árabes. “(...) desde a *abaya* até o véu sobre os cabelos (...).” p. 27, “(...) ficava uma gracinha com pregas e dobras da vasta *abaya* negra envelopando suas roupas (...).” p. 212; **Abayas** – “As demais usavam abayas bordadas.” p. 25, “Além das *abayas*, as garotas usavam lithaams de seda preta (...).” p. 25, “(...) balançando os ombros sob as *abayas* (...).” p. 25; **Miniabaya** – “(...) cobrindo-se com uma *miniabaya* preta feminina (...).” p. 212.

**Açúcar** – “(...) arrancara todo e qualquer pêlo (...) do corpo com uma pasta pegajosa de *açúcar* (...).” p. 25.

**Alcorão** – “(...) nação regida única e exclusivamente pela lei derivada do *Alcorão* (...).” p. 204.

**Allah Akbar** – Exclamação muçulmana. “(...) fazendo a invocação inicial do *Allah Akbar*, Deus é grande, (...).” p. 213.

**Bisht** – Tradicional veste árabe masculina, popular em países do Golfo Pérsico e em outros países árabes, em geral usada em ocasiões especiais, como casamentos, festivais e na prece de sexta-feira. “(...) a única diferença do noivo para os convidados é a cor do manto comemorativo *bisht*.” p. 215.

**Enxoval** – “(...) afora as muitas excursões ao shopping com Lamees para finalizar o *enxoval*.” p. 213.

**Eqal** – Aro usado sobre o shimagh para evitar que este caia. “(...) levava na cabeça um pano, parecido com um grande lenço, shimagh, e um aro, *eqal*, com o qual o lenço ficava perfeitamente assentado.” p. 25.

**Garrafa** – “(...) tomaram juntas uma *garrafa* inteira de champagne caro.” p. 28, “Afinal, o casamento de Gamrah merecia uma *garrafa* de Dom Perignon, não?” p. 28.

**Halawa** – s.f. No texto, pasta a base de açúcar usada em processo depilatório. “(...) arrancara todo e qualquer pêlo (...) do corpo com uma pasta pegajosa de açúcar, a *halawa* (...)” p. 25.

**Hammam** – s.m. Banho público árabe. “(...) chegou corada (...) porque acabara de fazer uma esfoliação no *hammam* marroquino (...)” p. 25.

**[Hookah] – Hookahs** – Instrumento para fumar tabaco no qual a fumaça é resfriada e filtrada ao passar por água. “(...) uma lojinha que vendia narguilé, que também chamamos de shisha ou de *hookahs* e *hubbly-hubbly*.” p. 27. var. Shisha, *hubbly-hubbly*, narguilé.

**Isamah** – “(...) às vezes aparecia em seu *kandurah* branco (...) e o seu turbante *isamah*.” p. 205.

**Isha** – Uma das orações diárias do Islamismo. “(...) após a chamada para a prece *Isha*, que anunciava o cair da noite.” p. 26, “(...) precedidas pelas orações *isha* (...)” p. 213.

**Islâmico** – “(...) não conseguiu acreditar que (...) considerasse a Arábia Saudita o único país *islâmico* do mundo!” p. 204, “(...) o simples fato de um país ser ‘muçulmano’ não significa necessariamente que ele seja um país ‘*islâmico*’.” p. 204; **Islâmicos** – “(...) os Emirados Árabes Unidos eram igualmente *islâmicos* (...)” p. 204; **Islâmica** – “(...) as bebidas alcoólicas são proibidas pela lei *islâmica* (...)” p. 28, “Outras nações muçulmanas podem buscar na *shari’ah islâmica* seus princípios e noções básicas (...)” p. 204.

**[Jarrinha] – Jarrinhas** – “(...) as amigas enfileiraram as *jarrinhas* de cerâmica (...)” p. 24.

**Kandurah** – s.m. Veste masculina tradicional nos Emirados Árabes Unidos, cuja cor varia conforme a estação: branca no verão, cinza ou marrom no inverno. “(...) às vezes aparecia em seu *kandurah* branco (...) e o seu turbante *isamah*.” p. 205.

**Kohl** – Maquiagem para delinear olhos, kajal. “(...) a beleza dos olhos delineados com *kohl* (...)” p. 25.

**[Lithaam] – Lithaams** – Peça do vestuário feminino árabe que cobre a parte inferior do rosto até os olhos. “(...) as garotas trajavam *lithaams* de seda preta que tudo cobriam, do nariz ao pescoço (...)” p. 25.

**Mesquita** – “(...) na enorme *mesquita* no centro da cidade.” p. 212, “Ela sempre levava Saleh à *mesquita* quando ia rezar (...)” p. 212, “(...) a fim de chegar a tempo para as preces (...) na *mesquita* (...)” p. 213.

**Midwakh** – Pequeno cachimbo de origem árabe no qual se fuma tabaco iraniano, misturado com folhas, cascas de árvore e ervas. “(...) fumando seu cachimbo popular nos Emirados, *midwakh* (...)” p. 205.

**Milkali** – s.m. Período entre a assinatura do contrato nupcial e a celebração do casamento. “(...) teve um curto noivado, mas um longo período entre a assinatura do contrato matrimonial e a festa em si. O primeiro durou três semanas, o segundo, o *milkali*, quatro meses.” p. 212.

**Muassel** – Mistura de tabaco e xarope, geralmente de mel ou melaço, para ser fumada no hookah. “(...) o pai de Lamees era viciado em shisha e *muassel*.” p. 28, “Até Gamrah experimentou o *muassel*, considerado impróprio entre as mulheres najdi (...)” p. 28.

**Muçulmano** – “(...) o simples fato de um país ser ‘*muçulmano*’ não significa necessariamente que ele seja um país ‘islâmico’.” p. 204; **Muçulmanas** – “Outras nações *muçulmanas* podem buscar na Shari’ah islâmica seus princípios e noções básicas (...)” p. 204.

**Narguilé** – Cachimbo de água. “(...) uma lojinha que vendia *narguilé*, que também chamamos de shisha ou de hookahs e hubbly-hubbly.” p. 27. var. shisha, hookahs, hubbly-hubbly.

**Qiyam** – Oração noturna. “(...) a fim de chegar a tempo para as preces no terço final da noite, as opcionais *Qiyam* (...)” p. 213.

**Ramadã** – s.m. Nono mês do calendário islâmico, no qual se pratica o jejum ritual. “(...) no quinto dia do mês de Shawwal, o seguinte ao *Ramadã* (...)” p. 212, “Durante todo o *Ramadã*, os preparativos andaram a pleno vapor (...)” p. 212, “(...) após fazer suas preces noturnas do *Ramadã* (...)” p. 212, “Raramente os shoppings abriam de dia durante o *Ramadã*, mas funcionavam à noite, até três ou quatro da madrugada, o mês inteiro.” p. 212, “(...) embora nos últimos dez dias do *Ramadã* essa volta fosse antecipada em uma ou duas horas (...)” p. 213.

[**Rial**] – **Riales** – Moeda da Arábia Saudita. “(...) ao pequeno shillah patrocinador da festa caberiam as despesas, que não ficariam por menos de alguns milhares de *riales*.” p. 25, “O rapaz perguntou se ela o deixaria entrar com o grupo na condição de parente, e ofereceu, em troca do privilégio, mil *riales* (pouco mais de 250 dólares).” p. 26, “(...) ele deu a ela duas notas de quinhentos *riales* (...)” p. 27.

**Shari’ah** – Código de leis do Islamismo. “A Arábia Saudita é a única nação regida (...) pela lei derivada do Alcorão e pelos ensinamentos do Profeta (...) quanto à aplicação dessa lei – a *Shari’ah* – a todos os aspectos da vida.” p. 204, “Outras nações *muçulmanas* podem buscar na *Shari’ah* islâmica seus princípios e noções básicas (...)” p. 204.

**Shawwal** – Décimo mês do calendário muçulmano em cujo 1º dia se comemora o Eid ul-Fitr (fim do *Ramadã*). “(...) no quinto dia do mês de *Shawwal*, o seguinte ao *Ramadã* (...)” p. 212.

**Shillah** – No texto, grupo de amigos. “Bem antes do casamento, a panelinha – o *shillah* – havia feito preparativos especiais para a própria pré-comemoração íntima.” p. 24, “E, claro, ao pequeno *shillah* patrocinador da festa caberiam as despesas (...).” p. 25.

**Shimagh** – s.m. peça do vestuário masculino árabe para cobrir a cabeça, fabricado em cores e padrões variados. Os sauditas geralmente usam o padrão vermelho e branco, o resto do mundo árabe usa preto e branco. “(...) levava na cabeça um pano, parecido com um grande lenço, *shimagh*, e um aro, eqal, com o qual o lenço ficava perfeitamente assentado.” p. 25, “Hoje em dia, *shimagh* e *thobe* são feitos por grifes famosas (...).” p. 25, “(...) e a cabeça coberta por um *shimagh* tradicional.” p. 212.

**Shisha** – s.f. cachimbo no qual o fumo passa por água. “(...) uma lojinha que vendia narguilé, que também chamamos de *shisha* ou de hookahs e hubbly-hubbly.” p. 27, “(...) o pai de Lamees era viçado em *shisha* e muassel.” p. 28; **Shishas** – “(...) compraram um número de *shishas* suficiente para que não precisassem dividi-las e cada uma escolheu o sabor de tabaco que mais lhe agradou para o cachimbo, misturando-o com melão e essências aromáticas.” p. 27, “(...) se reuniam duas ou três noites por semana para fumar suas *shishas* (...).” p. 28, “Só que as *shishas* do pai o acompanhavam aonde quer que ele fosse.” p. 28, “Por isso, as garotas prepararam as *shishas* recém-compradas no interior da tenda e a empregada ativou o carvão.” p. 28 var. hookahs, hubbly-hubbly, narguilé.

**Tabaco** – “(...) e cada uma escolheu o sabor de *tabaco* que mais lhe agradou para o cachimbo (...).” p. 27, “De todos, o *tabaco* com sabor de uva foi o que mais lhe agradou.” p. 28.

**Taggaga** – s.f. cantora a pagamento. “(...) talvez implicasse na contratação de uma *taggaga*, uma cantora profissional, do tipo que no passado se apresentava acompanhada de um tambor, mas que agora trazia uma banda.” p. 24.

**Tambor** – “(...) se apresentava acompanhada de um *tambor* (...).” p. 25.

**Tarawih** – Literalmente ‘oração do descanso’, praticada no mês do Ramadã. “As preces *Tarawih* em Riad, opcionais e precedidas pelas orações Isha, costumam terminar entre oito e nove horas da noite (...).” p. 213.

[**Tarefa**] – **Tarefas** – “Sadeem assumiu algumas *tarefas* leves (...).” p. 212, “Assim, Gamrah foi liberada para cuidar de suas *tarefas* (...).” p. 214.

**Thobe** – s.m. Túnica, geralmente longa e com mangas compridas, similar ao robe. “(...) vestia uma espécie de sobretudo, o *thobe*, cortado ao estilo masculino (...).” p. 25, “Hoje em dia, *shimagh* e *thobe* são feitos por grifes famosas, como Gucci, Christian Dior, Givenchy e Valentino.”, p. 25, “(...) aparecia em seu kandurah branco, o equivalente nos Emirados Árabes ao *thobe* saudita (...).” p. 205.

**Turbante** – “Jóias das famílias de *turbante* e ouro!” p. 28, “(...) às vezes aparecia em seu kandurah branco (...) e o seu *turbante* isamah.”p. 205.

O levantamento dos empréstimos e estrangeirismos de origem árabe documentados no *corpus* resultou na identificação de 67 itens lexicais, assim distribuídos: nos excertos da obra *Al-Gharb – 1146: viagem onírica ao “Portugal” muçulmano* considerados, foram encontradas 28 formas, das quais 18 são empréstimos (60,3%) e 10, estrangeirismos (35,7%); nos fragmentos de *Vida Dupla: um romance sobre o Oriente Médio hoje*, encontraram-se 39 vocábulos, 16 empréstimos (41%) e 23 estrangeirismos (59%).

Em *Al-Gharb – 1146: viagem onírica ao “Portugal” muçulmano*, os estrangeirismos integram 05 campos semânticos: geografia (*al-kibla, al-djuf, Gharb*), teologia (*Dar-el-Harb, Dar-el-Islam*), governo (*Dhimma*), elementos humanos (*djundis, qaid*), espaços físicos (*hammam, maqbara*). O vocábulo *alquibla* se encontra dicionarizado com a acepção de ‘direção para o qual os crentes se voltam durante as orações’; *Gharb* está presente na forma *Algarve*, região outrora integrante do Alandalus, *maqbara* transparece em *almocábar*, ‘cemitério ou sepultura de mouros ou judeus na Península Ibérica’, assim como *qaid* resiste em *alcaide*. Os empréstimos, por sua vez, integram 10 campos semânticos, assim distribuídos: materiais de construção (*adobe, taipa*), construções (*açude, alcáçova*), local (*alcaria*), agricultura (*alecrim, ceifa, tâmara*), administração (*aljama, emir*), guerra (*almogrove*), forma (*arabesco*), autorização (*aval*), cor (*carmesim*), religião (*corânico, Islão, islâmico, muçulmano*). Tais empréstimos são de antigo ingresso na língua portuguesa, integrando a língua comum (*açude, alecrim, aval, ceifa, taipa*) e/ou designando elementos da presença muçulmana em solo ibérico (como *aljama, almogrove e emir*).

Nos excertos analisados de *Vida Dupla: um romance sobre o Oriente Médio hoje*, 23 estrangeirismos designativos de aspectos sócio-culturais e religiosos do Oriente Médio integram 08 campos semânticos: vestuário (*abaya, bisht, eqal, isamah, kandurah, lithaam, shimagh, thobe*), religião (*Allah Akbar, Isha, Qiyam, Shari’ah, Tarawih*), higiene e beleza (*halawa, hammam, kohl*), fumo (*hookah, midwakh, muassel, narguilé, shisha*), mês (*shawwal*), profissão (*taggaga*), costume (*milkali*) e amizade (*shillah*). Já 16 empréstimos se distribuem por 10 campos: alimento (*açúcar*), religião (*alcorão, islâmico, mesquita, muçulmano*), casa (*enxoval*), utensílios (*garrafa, jarrinha*), mês (*Ramadã*), moeda (*rial*), fumo (*tabaco*), vestuário (*turbante*), atividade/trabalho (*tarefa*), instrumento (*tambor*). Também estes pertencem à língua comum (*açúcar, enxoval, garrafa, tabaco, tambor, tarefa e*

*turbante*, por exemplo) ou designam aspectos religiosos médio-orientais (*alcorão, islâmico, mesquita, muçulmano, Ramadã*).

Correlacionando-se, portanto, contextos distintos de contato (Idade Média ibérica e contemporaneidade) à função dos empréstimos e estrangeirismos na língua, observa-se que os empréstimos árabes registrados na obra *Al-Gharb – 1146: viagem onírica ao “Portugal” muçulmano* são de antiga integração, encontrando-se, por isso, bem adaptados ao sistema lingüístico português (no que concerne à fonologia e à morfologia), de onde muitas vezes a inconsciência do falante quanto à sua origem. Constituem empréstimos íntimos, resultantes de contato antigo, direto e duradouro (cf. seção 2.4.2), daí excederem em número os estrangeirismos, bem como os superarem na quantidade de campos semânticos que integram, concernentes a aspectos diversos da vida cotidiana, ao passo que os estrangeirismos, como previsto, referem-se apenas a particularidades político-culturais e religiosas do mundo árabe-muçulmano.

Dentre estes, a opção pela forma estrangeira pode ser por vezes considerada uma questão de estilo, com vistas a ressaltar o caráter estrangeiro da presença muçulmana em solo ibérico, dado haver formas integradas para os estrangeirismos empregados, como *almocábar* para *maqbara* e *alcaide* para *qaid*.

Na obra *Vida Dupla: um romance sobre o Oriente Médio hoje*, os empréstimos têm as mesmas características daqueles verificados em *Al-Gharb – 1146: viagem onírica ao “Portugal” muçulmano*, e também se encontram igualmente distribuídos por 10 campos semânticos. Ocorrem em *Vida Dupla: um romance sobre o Oriente Médio hoje* por integrarem a língua comum ou para designarem aspectos do mundo islâmico de longa data conhecidos por lusofalantes. Os estrangeirismos, entretanto, superam, numericamente, os registrados em *Al-Gharb – 1146: viagem onírica ao “Portugal” muçulmano* (que se distribuem por 05 campos semânticos). Decorrem de contato mais recente, indireto, de que resultam empréstimos culturais (v. seção 2.4.2). Com efeito, designam exclusivamente especificidades da cultura médio-oriental reportadas na obra, como vestuário e aspectos relacionados à prática do tabagismo, dentre outros. A necessidade designativa constitui, então, a principal causa do uso desses estrangeirismos.

De resto, esse vocabulário evidencia a existência de camadas superpostas de arabismos na língua portuguesa, a qual, em sucessivos contextos sócio-históricos de contato português-árabe, tem o seu léxico continuamente enriquecido.

### 2.5.6 A integração de arabismos na língua portuguesa

Considerando-se quanto se disse acerca da integração de empréstimos em uma língua (seção 2.4.2) e os empréstimos e estrangeirismos documentados na literatura ficcional contemporânea apenas vistos (seção 2.5.5), pode-se dizer que:

Dadas as divergências entre os sistemas fonológicos português e árabe, o que, de acordo com Weinreich (1967, p. 01, 02), potencializa a dificuldade de reprodução dos fonemas árabes por lusófonos, e, conseqüentemente, de interferência do sistema português na sua articulação, os empréstimos árabes são necessariamente desprovidos de traços que caracterizam a fonologia da língua corânica, tendo sido submetidos, ainda, às transformações que língua portuguesa sofreu no curso dos séculos, desde a sua integração.

Ilustram arabismos integrados à língua portuguesa os empréstimos *açúcar*, *alecrim*, *garrafa*, *islã* e *jarrinha*, nos quais se verifica, além da adaptação fonética que os “aclimata” à língua portuguesa, a derivação (*açucareiro*, *açucarar*; *engarrafar*, *engarrafamento*; *islamizar*, *islamítico*), a composição (*alecrim-das-paredes*, *alecrim-de-cheiro*, *alecrim-do-mato*), a extensão semântica (*jarrinha* ‘pequena jarra’, mas também ‘diversas plantas do gênero Aristoloquiácias’), segundo exemplos registrados no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001), doravante identificado pela sigla DEH.

Entretanto, *shari’ah* está registrada no *DicMaxi Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 2011), DEM nas próximas remissões, como paroxítono [’šariə] e no DEA como oxítono [šari’a], com duas grafias possíveis, <xariá> e <chariá>, constituindo a tentativa de fixação de acento e atestação lexicográfica não normatizada dados que apontam para uma adaptação ainda em curso, típica da segunda fase de integração (FREITAS, RAMILO, SOALHEIRO, 2002, p. 377).

*Açude* e *adobe*, apesar de serem de antiga integração na língua portuguesa, respectivamente séculos XII e XIV, segundo o DEH, ocorrem em ambos os gêneros, em Portugal: o/a *açude* opõem-se semanticamente, o masculino indicando ‘represamento de água’, o feminino, a ‘queda d’água decorrente desse represamento’; já *adobe* conhece variantes masculinas, *adobo* e *adovo*, e femininas, *adoba* e *adova*.

Os vocábulos *alcorão* e *tambor* e suas respectivas variantes *corão* e *atambor* ilustram a coocorrência de formas com ou sem o artigo árabe *al* aglutinado, registrando o DEM, o DEA e o DEH ambas as formas para os dois arabismos.

O emprego dos estrangeirismos nos excertos analisados traz interessantes dados sobre a atribuição de gênero e a formação do plural em formas ainda não integradas, senão vejamos:

No que concerne ao gênero, registraram-se como femininas as formas terminadas em –a, correspondente, na língua portuguesa, ao morfema de gênero feminino (FREITAS, RAMILO, SOALHEIRO, 2002, p. 373-375): *dhimma*, *maqbara* e *halawa*. Esta última pode ter tido o gênero definido (ou reforçado) por metonímia a [pasta] *halawa*, assim como a [lei] *shari'ah*, as [orações] *Qiyam* e as [preces] *Tarawih*.

Parecem ter recebido o gênero masculino por atração sinonímica com as formas correspondentes portuguesas (FREITAS, RAMILO, SOALHEIRO, 2002, p. 373-375), *al-Kibla*, *al-Djuf* e *Gharb*, respectivamente, ‘o Sul’, ‘o Norte’, ‘o Ocidente’. O mesmo vale para *Dar-el-Harb* e *Dar-el-Islam*, traduzido como ‘território’, mas originalmente ‘casa’ (a forma feminina ár. *dār*), bem como o [banho público] *hammam*, o [período entre o contrato nupcial e a festa de casamento] *milkali* e o [grupo] *shillah*.

Verifica-se no uso dos estrangeirismos analisados a adoção assistemática de soluções para a formação de plural, como atestam as formas [os] *qaid*, [as preces] *Torawih* e [as orações] *Qiyam*, com preservação da forma original árabe; *lithaams*, em que se verifica acréscimo do morfema flexional de plural português, –s, em desobediência às regras fonotáticas da nossa língua; [as] *abayas* e [as] *shishas*, nas quais o acréscimo da marca portuguesa de plural não causa estranhamento, dado terminarem em –a, equivalente, na língua portuguesa, ao morfema de gênero feminino. *Rial*, por sua vez, faz plural com –es, *riales*, não trazendo o DEA e o DEH, em que o vocábulo está registrado, qualquer normatização acerca desta formação. Esta não fixação do plural caracteriza o uso recente dos estrangeirismos, que então estariam na primeira fase de adaptação (FREITAS, RAMILO, SOALHEIRO, 2002, p. 377). Observe-se, entretanto, a composição em *miniabaya*, indicativa de integração em curso (FREITAS, RAMILO, SOALHEIRO, 2002, p. 378).

Os empréstimos da culinária sírio-libanesa exemplificam a concorrência de variantes fonéticas e gráficas, indicativas da integração incipiente: *baba hanuche* ~ *baba-ghanuji*, *beleua* ~ *bileua*, *esfirra* ~ *esfiha* ~ *sfiha*, *homos* ~ *homus* ~ *hamus*, *mejadra* ~ *mijadra* e *tahine* ~ *taíne*, assim como a parca produtividade destas formas (com exceção de *quibe*, que ocorre em *quibe cru* e *quibe de forno*, e de *esfiha*, verificada em *esfiha aberta* e de *esfiha fechada*), a ausência de registro de formas derivadas das mesmas e a preservação do sentido original com que foram adquiridos os vocábulos árabes, ainda sem sofrer processos como extensão semântica (FREITAS, RAMILO, SOALHEIRO, 2002, p. 373, 376).

O mesmo se dá com os arabismos introduzidos pelo elemento afro-muçulmano, caracterizados pela variação fonética e gráfica: *açubá ~ açuba ~ açuaba, adixá ~ adixá ~ lixá, aiassari ~ aiá-sari ~ ay-á-sári ~ ay-a-sary, ailá ~ ai-lá ~ ali-alá ~ ali-lá, alicali ~ ali-calá ~ ali-cali ~ ali-cáli ~ alikali ~ alikaly, aligenum ~ ali-enu ~ eligenu, alimangariba ~ alimangári ~ aluma-gariba ~ magáriba ~ mangariba, alufá, amim ~ al-amin ~ al-min, assumi ~ açúmmi ~ açúmi ~ assumy, azaca ~ az-zaca, barica da subá, bissimilai ~ bi-si-mi-lai, djema, fazer sala, jihad ~ jihád ~ jihêd, lemano ~ limano ~ lemane ~ lamane ~ almámy ~ el-imámy ~ imã, maçalassi ~ massalassi ~ ma-ça-la-si, malê, maneco iassalama, mussurumim, sacá ~ saká ~ sará e tecebá ~ tessebá ~ teçubá ~ tessubá.*

A adoção de material léxico estrangeiro, necessária na expressão da cultura material e cultural da comunidade alógena, é seguida, portanto, da acomodação deste às estruturas da língua que o incorpora, a qual constitui inevitável referência no processo de sua integração, como mostraram as soluções para o estabelecimento de gênero e para a formação do número dos arabismos analisados.

Por fim, exemplificam empréstimos indiretos, de formação e semânticos (Lüdtke, 1074, p. 22, 305), formas constituídas de material léxico português a partir de esquemas árabes, respectivamente, os empréstimos medievais *fidalgo*, literalmente ‘filho de algo (bens)’, em cuja estrutura se evidencia o costume árabe de chamar *filho de* quem de alguma coisa se beneficia (a exemplo de *filho da noite*, ‘ladrão’, que se beneficia da escuridão da noite para a sua prática ilícita) e o uso pessoal dos verbos *amanhecer* (*Dormimos tarde, mas amanhecemos dispostos a percorrer toda a Alhambra.*) e *anoitecer* (*Caminhamos por todas as ruelas de Toledo, mas anoitecemos no albergue.*), que em árabe conheciam os dois usos, impessoal e pessoal (LAPESA, 1991, p. 108, 110).

## 2.6 Lexicografia

Esta seção, mais abrangente, tem por finalidade refletir sobre a dicionarização de arabismos da língua portuguesa. Para tanto, apresenta a própria tipologia dos produtos lexicográficos, conforme a abrangência do material léxico documentado, bem como a abordagem sincrônica e/ou diacrônica realizada na obra, consoante o seu objetivo e o público a que se destina. Analisa problemas relacionados aos empréstimos e estrangeirismos de origem árabe, comumente verificados em produtos lexicográficos brasileiros ou em estudos acadêmicos que a eles se voltam.

### **2.6.1 Conceitos básicos da lexicografia**

Serão apresentados a seguir, especificamente, a tipologia e a estrutura de dicionários, fornecendo conceitos primordiais para a compreensão das obras em que se dicionarizam arabisismos portugueses e os problemas decorrentes desta dicionarização.

#### **2.6.1.1 Tipologia de produtos lexicográficos**

Segundo Haensch (1982, p. 97-98), as obras lexicográficas em geral apresentam uma combinação de traços pertencentes a diferentes categorias de classificação. Com base na amplitude do discurso cujo léxico é descrito, podem as obras lexicográficas se pautar em discursos individuais, classificando-se, então, como glossários, vocabulários e dicionários, ou, ao contrário, contemplar o uso lexical do discurso coletivo, a exemplo dos tesouros da língua, compilação exaustiva do léxico de uma comunidade de fala. É possível, entretanto, codificar elementos lexicais de um subsistema, como ilustram dicionários de regionalismos ou de jargões específicos.

Classificam-se os produtos lexicográficos quanto ao enfoque da descrição lingüística, se centrada no emissor, no receptor ou em ambos (HAENSCH, 1982, p. 98). Quanto às funções, e na perspectiva da Lexicografia Pedagógica, Pontes (2009, p. 48-49) aponta a classificação como dicionários de produção ou ativos, que auxiliam no emprego da língua, como na produção de textos, e de recepção ou passivos, que propiciam a sua compreensão escrita ou oral. Conforme Haensch (1982, p. 98-99), consideram o papel do emissor lingüístico dicionários onomasiológicos – ideológicos, por matérias ou por conceitos –, os quais partem de conceitos e de determinadas matérias para indicar os significantes lingüísticos correspondentes, bem como dicionários ortoépicos, ortográficos, dicionários de regência e mesmo dicionários de dúvidas, todos prescritivos e pautados em dificuldades passíveis de o emissor encontrar no uso da língua. Por sua vez, de acordo com Haensch (1982, p. 99-100), enfatizam o papel do receptor lingüístico dicionários semasiológicos, nos quais se apresentam conteúdos realizados (individuais ou coletivos) ou virtuais (do sistema individual ou coletivo) para os significantes. Dicionários de neologismos e de estrangeirismos integram essa categoria de produtos lexicográficos. Explica-se, nessas obras, o conteúdo dos significantes, além de trazerem, geralmente, outras informações, como pronúncia, grafia e regência.

Quanto à quantidade de línguas descritas ou empregadas na sua elaboração, as obras lexicográficas se classificam como monolíngües (01 língua) ou plurilíngües, estas últimas subdivididas em bilíngües (02 línguas) ou multilíngües (mais de 02 línguas). Em geral, encontram-se dicionários terminológicos multilíngües, pela maior facilidade de se estabelecer a equivalência entre os significantes das línguas analisadas na obra e o seu conteúdo (HAENSCH, 1982, p. 100).

Extrapolam a classificação quanto ao papel do emissor e do receptor os dicionários inversos, que possibilitam a busca de paralelismos formais de morfemas isolados ou combinados, e os de frequência (dicionários estatísticos) (HAENSCH, 1982, p. 100, 101, 102), ao passo que dicionários de sinônimos e antônimos evidenciam as relações verificadas na estrutura do léxico de uma língua (HAENSCH, 1982, p. 178, 179).

Distiguem-se o dicionário histórico e o etimológico pelo fato de o primeiro trazer a trajetória de um vocábulo, isto é, mudanças de significante e de significado sofridas ao longo do tempo, com datação do período de uso e com abonação, ao passo que o segundo é sincrônico, restringindo-se à origem das palavras e aos primórdios do seu uso em uma língua (HAENSCH, 1982, p. 161).

Haensch (1982, p. 126-187) propõe, ainda, uma tipologia dos produtos lexicográficos pautada em critérios práticos considerados na sua elaboração, aqui sistematizada, grosso modo, em:

- a) formato e extensão: dicionários de bolso, dicionários escolares, dicionários enciclopédicos;
- b) caráter lingüístico ou enciclopédico: dicionários de matérias ou enciclopédias e dicionários de língua ou dicionários lingüísticos;
- c) sistema lingüístico tomado como objeto da descrição: dicionários de academias, dicionários de autoridades;
- d) número de línguas: dicionários monolíngües ou plurilíngües (bilíngües ou multilíngües);
- e) seleção do léxico registrado: vocabulários gerais e parciais, com descrição de subconjuntos lexicais com marcação diatópica – dicionários, vocabulários e glossários de dialetos; marcação diastrática – dicionários de gírias e jargões; marcação diatécnica – dicionários terminológicos; marcação diafásica – com descrição do emprego hiperbólico, irônico, humorístico e burocrático, dentre outros, de um vocábulo; marcação diintegrativa – dicionários de estrangeirismos;

marcação dianormativa – dicionários de erros, de dúvidas ou de dificuldades de determinado idioma;

- f) codificação exaustiva ou seletiva: tesouros, dicionários, dicionários de uso, dicionários de aprendizagem;
- g) marcação diafreqüente: dicionários de freqüência;
- h) critério cronológico: dicionários diacrônicos (históricos) e sincrônicos (etimológicos);
- i) caráter descritivo ou normativo: dicionários acadêmicos, dicionários escolares, dicionários de dúvidas, dicionários de pronúncia, dicionários ortográficos e outros;
- j) ordenação de materiais (macroestrutura): dicionários semasiológicos (por significantes) e onomasiológicos (por conceitos);
- k) finalidade específica: dicionários de abreviaturas, dicionários onomásticos, dicionários paradigmáticos (de sinônimos, antônimos e parônimos), dicionários ortoépicas e ortográficos, dicionários sintagmáticos (de regência, de estilo e de fraseologia, por exemplo);
- l) suporte de registro: dicionários convencionais e dicionários eletrônicos, a que Pontes designa, respectivamente, analógicos ou estáticos, impressos em papel, e dinâmicos, subdividindo-se estes últimos em dicionários *off-line* (em CD-Rom) e *online* (internet) (PONTES, 2009, p. 54).

Pontes (2009, p. 30, 31) apresenta, sempre na perspectiva da Lexicografia Pedagógica, uma classificação dos produtos lexicográficos baseada simultaneamente no seu usuário e no grau de conhecimento lingüístico que este tem:

- a) usuário com bom conhecimento e domínio do idioma (nativo ou bilíngüe): dicionários gerais;
- b) usuário aprendiz da língua materna: dicionário infantil, dicionário escolar;
- c) usuário aprendiz de língua estrangeira: dicionários de aprendizagem, bilíngüe, semibilíngüe e monolíngüe;
- d) usuário especializado em áreas do conhecimento: dicionários especiais e especializados.

A estes, Pontes (2009, p. 31) acresce obras destinadas a usuários em geral: dicionários etimológicos, de dúvidas, de sinônimos.

Haensch (1982, p. 187) lembra que muitos produtos lexicográficos se enquadram em mais de um critério de classificação, de modo que sua caracterização pressupõe a descrição de todos os seus traços distintivos.

### 2.6.1.2 Macroestrutura de obras lexicográficas

A macroestrutura de um produto lexicográfico concerne ao conjunto dos materiais nele disponibilizado, cujo elemento mais importante é a ordenação dos itens léxicos (ordenação alfabética ou conceptual, por exemplo), estendendo-se, entretanto, à sua introdução, anexos e suplementos (HAENSCH, 1982, p. 452).

Segundo Haensch (1982, p. 452), os dicionários gerais, sejam eles monolíngües ou bilíngües, priorizam o ordenamento alfabético na sua organização, por agilizar a localização dos vocábulos. Às vezes, entretanto, este ordenamento é combinado a outro, como por famílias de palavras, muito útil para dicionários etimológicos, ainda assim figurando as palavras-chave em ordem alfabética.

A dicionarização pela ordenação onomasiológica, verificada nos dicionários ideológicos e analógicos, não prescinde de índice alfabético, em número equivalente ao de línguas consideradas na obra (HAENSCH, 1982, p. 456).

Para os dicionários inversos, cujo precursor são os dicionários de rimas, aplica-se ordem alfabética, gráfica ou fonética, ao final das palavras. Atualmente, elaboram-se de forma mecânica, mediante auxílio da informática (HAENSCH, 1982, p. 175, 457).

Haensch afirma que as obras lexicográficas se compõem, geralmente, de uma parte introdutória, do corpo do dicionário, de anexos, e, eventualmente, de suplementos.

Na introdução figuram as páginas titulares; prólogo ou prefácio, com apresentação dos objetivos da obra, atribuição de créditos e outros; uma introdução à obra, com explanações sobre o uso do dicionário, constituição das entradas e listas de símbolos e abreviaturas nele empregados; uma introdução a questões lingüísticas particulares da língua descrita, com paradigmas de conjugação e de declinação, por exemplo, ou, no caso de dicionários bilíngües, descrição sistematizada da pronúncia da língua de partida (HAENSCH, 1982, p. 458).

A depender da língua descrita e do usuário a que a obra se destina, a introdução pode conter, ainda, um esquema de transliteração, para aquelas que não empreguem o alfabeto latino, um resumo de regras ortográficas (uso de letras minúsculas e maiúsculas e pontuação, por exemplo), resumo de regras de separação silábica (HAENSCH, 1982, p. 459).

O corpo do dicionário, também designado “catálogo”, “inventário” ou “repertório”, é o conjunto do material léxico registrado e pode se dividir em várias partes, como ocorre em dicionários bilíngües, a exemplo de russo-português e português-russo, as

quais podem ser publicadas e um único volume ou em mais de um (HAENSCH, 1982, p. 459).

Muitos dicionários trazem anexos com topônimos, e às vezes gentílicos correspondentes, antropônimos e abreviaturas, o que, segundo Haensch, levanta questões práticas e metodológicas, relacionadas, respectivamente, à conseqüente necessidade de os usuários consultarem mais de um corpo, e de definição de critérios para a dicionarização dos vocábulos, que, com os anexos, costuma separar vocábulos derivados e siglas do vocábulo a que se relacionam, quando o ideal seria o consulente encontrar, reunidas, o máximo de informações acerca de um vocábulo (HAENSCH, 1982, p. 459-460).

A mesma crítica se faz à publicação de suplementos que, como medida econômica, usam-se para atualizar as obras lexicográficas, com o inconveniente ainda maior de separar novas acepções dos vocábulos já dicionarizados, fragmentando os artigos lexicográficos. Uma exceção constituem os suplementos com equivalentes de uma nova língua de um dicionário já publicado, o que ocorre quando não há mais espaço em um dicionário multilíngüe, em geral especializado, ou quando a sua publicação como livro impresso teria custos muito elevados (HAENSCH, 1982, p. 460-461).

### **2.1.6.3 Microestrutura de obras lexicográficas**

Constituem o corpo das obras lexicográficas os artigos ou entradas, suas menores unidades autônomas, cuja fisionomia varia desde poucos vocábulos sem subdivisões até numerosas colunas com várias divisões e subdivisões.

Cada artigo é composto de um lema, também chamado “palavra-chave”, “voz guia” ou “cabeceira”, que o enuncia, e do corpo do artigo, sua parte definitória, na qual se descreve e explica o lema. Outras informações apresentadas são etimologia, pronúncia, grafia, indicações gramaticais, especificações quanto a subsistemas léxicos a que pertença o vocábulo, definições (para dicionários monolíngües), equivalentes em outras línguas (dicionários bilíngües ou plurilíngës), acepções distintas, valores sintagmáticos e/ou paradigmáticos do vocábulo (HAENSCH, 1982, p. 461-462).

A extensão e o conteúdo do artigo variam segundo a finalidade da obra, o usuário a que se destina e a natureza do léxico nela descrito, de modo que as entradas de um dicionário especializado multilíngüe podem se restringir praticamente ao lema, trazendo, no máximo, indicações sobre usos gramaticais, a rubrica em que se inserem e sinônimos. Por outro lado, um dicionário geral de língua apresenta, em artigos mais extensos, indicações

gramaticais, etimologia, acepções diversas, variantes gráficas, fonéticas, morfológicas, relações sintagmáticas (fraseologia) e paradigmáticas (sinonímia, antonímia e paronímia) (HAENSCH, 1982, p. 462-463).

Assim, a elaboração de uma obra lexicográfica demanda clareza na sua própria concepção, critério na definição do recorte lexical a que proceder-se-á, atenção às necessidades do consulente a que se destina, para estabelecimento dos critérios a serem seguidos em todas as fases da sua elaboração.

Também o esclarecimento do consulente quanto ao material de que dispõe concorre para o aproveitamento mais eficaz do produto.

### **2.6.2 *Lexicografia de estrangeirismos***

Apesar de usualmente se distinguirem estrangeirismo e empréstimo com base no critério ‘integração do vocábulo de origem estrangeira ao sistema lingüístico que o adota’, a literatura especializada em Lexicografia designa Lexicografia de Estrangeirismos o estudo e a descrição destes itens lexicais em obras lexicográficas, terminologia por isso adotada neste trabalho.

Werner também define Lexicografia como ‘descrição léxica pautada no estudo e na descrição de monemas e sinmonemas’, denominando teoria da lexicografia a sua metodologia:

Para todo domínio da descrição léxica que se concentre no estudo e descrição dos monemas e sinmonemas individuais dos discursos individuais, dos discursos coletivos, dos sistemas lingüísticos individuais e dos sistemas lingüísticos coletivos, reservamos o termo ‘lexicografia’. [...] Para designar a metodologia científica da lexicografia, escolhemos o termo ‘teoria da lexicografia’.<sup>80</sup> (WERNER., 1982, p. 93, tradução nossa).

Ao resultado do trabalho lexicográfico, Haensch atribui a designação hiperonímica de obras lexicográficas e instrumentos lexicográficos:

Não existe, que saibamos, nem em espanhol nem em outras línguas indo-européias, nenhum termo genérico que abarque todo tipo de dicionários, vocabulários e glossários. Na falta de uma denominação genérica comumente aceita, usaremos os

---

<sup>80</sup> Para todo dominio de la descripción léxica que se concentre en el estudio y la descripción de los monemas y sinmonemas individuales de los discursos individuales, de los discursos colectivos, de los sistemas lingüísticos individuales y de los sistemas lingüísticos colectivos, reservamos el término ‘lexicografía’. [...] Para designar la metodología científica de la lexicografía, hemos escogido el término ‘teoría de la lexicografía’.

termos ‘obras lexicográficas’ e ‘instrumentos lexicográficos’.<sup>81</sup> (HAENSCH, 1982, p. 103, tradução nossa).

Segundo Werner (1982, p. 87), a onomasiologia e a semasiologia constituem enfoques distintos na descrição do léxico, consoante se enfatizem, respectivamente, as necessidades comunicativas do emissor, relacionadas à expressão por meio de significantes lingüísticos, e para o qual, portanto, é preciso apontar que significantes se usam para expressar determinados conteúdos, ou do receptor, que deverá decodificar o signo, identificando o(s) conteúdo(s) relacionado(s) ao seu significante.

Haensch (1982, p. 99) afirma partir o procedimento semasiológico do significante léxico para indicar conteúdos realizados ou virtuais (lexicografia semasiológica), do qual resultam dicionários semasiológicos, a cuja categoria pertencem, dentre outros, dicionários de estrangeirismos:

À categoria dos dicionários semasiológicos pertencem, geralmente, os *dicionários de neologismos* e *dicionários de estrangeirismos*, nos quais a seleção de entradas é determinada por um critério sincrônico. Nestes dois tipos de dicionários se explica, quase sempre, o conteúdo dos significantes léxicos ainda que se dê também, como na maioria dos dicionários semasiológicos, uma série de indicações suplementares: pronúncia, grafia, construção e regência, etc.<sup>82</sup> (HAENSCH, 1982, p. 99-100, tradução nossa, destaques do autor).

Ainda conforme Haensch (1982, p. 102), razões histórico-culturais subjazem o hábito de dicionários semasiológicos trazerem indicações etimológicas.

O caráter normativo de uma obra lexicográfica pode levar seu(s) elaborador(es) a adotar uma postura conservadora com relação aos estrangeirismos, fato ilustrado por Haensch com o *Diccionario de la Real Academia*:

Quanto à admissão de regionalismos, a Academia foi muito liberal (às vezes demasiadamente, admitindo vocábulos de uso restrito, local ou regional). Por outro lado, sua atitude foi muito mais prudente e reservada face aos estrangeirismos, neologismos, tecnicismos, vulgarismos e palavras consideradas tabu. Por isso, o *Diccionario de la Real Academia* foi objeto de muitas críticas.<sup>83</sup> (HAENSCH, 1982, p. 115, tradução nossa).

<sup>81</sup> No existe, que sepamos, ni en español ni en otras lenguas indoeuropeas, ningún término genérico que abarque toda clase de diccionarios, vocabularios y glosarios. A falta de una denominación genérica comúnmente aceptada, usaremos los términos ‘obras lexicográficas’ e instrumentos lexicográficos’.

<sup>82</sup> A la categoría de los diccionarios semasiológicos pertenecen, por lo general, los diccionarios de neologismos y diccionarios de voces extranjeras, en los que la selección de entradas está determinada por un criterio sincrónico. En estos dos tipos de diccionarios se explica, casi siempre, el contenido de los significantes léxicos; aunque se da también, como en la mayoría de los diccionarios semasiológicos, una serie de indicaciones suplementarias: pronunciación, grafía, construcción y régimen, etc.

<sup>83</sup> En cuanto a la admisión de voces regionales, la Academia ha sido muy liberal (a veces demasiado, admitiendo voces de uso local o regional restringido). En cambio, frente a los extranjerismos, neologismos, tecnicismos, vulgarismos y voces tabuizadas, su actitud ha sido más bien prudente y reservada. Por esto, el *Diccionario de la Real Academia* ha sido objeto de muchas críticas.

Haensch (1982, p. 116) credita justamente ao seu caráter normativo a hesitação, que afirma ser exagerada, do referido dicionário espanhol em admitir novos vocábulos, além de não pretenderem seus autores que seja um dicionário descritivo exaustivo.

Com efeito, dicionários de estrangeirismos muitas vezes são elaborados com o intuito justamente de evitá-los, fornecendo alternativas para o seu emprego. A Espanha, que desde o século XVIII luta contra o uso de galicismos, vê surgir, no século seguinte, dicionários destes vocábulos (HAENSCH, 1982, p. 119).

Müller (1979, p. 218), entretanto, afirma não mais se opor o dicionário de estrangeirismos ao dicionário alemão, por ter deixado de ser considerado um “gueto” para vocábulos indesejados e de há muito os dicionários gerais não se restringirem àqueles vernáculos.

A Lexicografia do século XX se atualiza com a aplicação de conceitos estruturalistas: o de campos léxicos, por exemplo, propiciaria a criação de dicionários conceituais; o de prioridade para descrição sincrônica de línguas em sua fase contemporânea permitiria uma abordagem desvinculada da historicista realizada até então; além da atenuação do purismo que caracterizava a Lexicografia tradicional, ante a nova aceitação das variedades lingüísticas e sua desvinculação do conceito de erro (HAENSCH, 1982, p. 124-125).

Entretanto, Haensch (1982, p. 138, 151) afirma que dicionários, terminologias e outros tentam impor um vocabulário, não se limitando apenas a registrar o que se usa ou se usou. Dirigem-se, portanto, a um grupo de destinatários para impor ou recomendar o uso de certos vocábulos. Muitos dicionários e obras sobre estrangeirismos têm clara finalidade purista e seus autores emitem “parecer” sobre o tratamento que o vocábulo ou expressão deve receber.

Strehler (2001, p. 171, 173) afirma que, constituindo os produtos lexicográficos essencialmente descrições da língua, necessariamente lidam com a variação lingüística, sendo o emprego de marcas de uso a ferramenta mais utilizada para identificá-la. Define estas como “observações” concernentes ao uso da palavra.

Haensch (1982, p.140-153) caracteriza e classifica obras lexicográficas que registram subconjuntos léxicos com diferentes marcações diassistêmicas, a saber: marcação diatópica (regional); diastrática (social); diatécnica (de língua de especialidade); diafásica (estilística); diaintegrativa (de integração lexical) e dianormativa (de correção lingüística).

Utilizam-se as marcações diaintegrativa e dianormativa na identificação, respectivamente, de estrangeirismos e de formas que fogem ao uso padrão em termos gráficos, fonéticos, gramaticais ou semânticos (HAENSCH, 1982, p.151-152).

Strehler (2001, p. 177) diz serem as marcas de uso indispensáveis para os lexicógrafos, embora não seja tarefa fácil atribuí-las nos verbetes, e ser proporcional ao refinamento do trabalho o número de marcas de uso empregadas.

Apesar disso, os dicionários geralmente não explicam o sentido com que as empregam, limitando-se a oferecer listas das abreviaturas relacionadas às mesmas, além de empregarem diferentes marcas de uso, levando a inevitáveis divergências na apreciação do vocabulário (STREHLER, 2001, p. 177).

Para Haensch (1982, p. 138), critérios de marcação de vocábulos quanto à variedade lingüística a que pertencem não são estanques, sobrepondo-se por vezes, como as marcações diastráticas e diafásicas, havendo, ainda, intercâmbio de vocábulos da língua comum para as de especialidade e vice-versa.

Afirma, ainda, que os jargões, línguas de grupos ou socioletos, são determinados pela coletividade humana e os tecnoletos, pela área temática a que se relacionam (HAENSCH, 1982, p. 138), a que podemos acrescentar os estrangeirismos, cuja adoção depende do contato estabelecido entre as comunidades de línguas distintas.

A dicionarização de estrangeirismos depende do tipo de codificação, exhaustiva ou seletiva, que caracterizam, em geral, produtos lexicográficos com escolha diferenciada do léxico registrado, a saber, dicionários gerais e vocabulários, respectivamente (HAENSCH, 1982, p. 139).

Vocábulos com marcação diaintegrativa são recolhidos em vocabulários, obras lexicográficas que registram subconjuntos léxicos com determinada marcação, apesar de poderem ser objeto de um dicionário etimológico (HAENSCH, 1982, p. 139-140, 162).

Müller (1979, p. 218, 219, 220) diz ser o dicionário de estrangeirismos um dicionário de uso, um instrumento que auxilia no seu domínio conceitual e lingüístico, dado que podem suscitar dúvidas na pronúncia, ortografia, conteúdo e uso gramatical (gênero e formação do plural, por exemplo). A função deste tipo de dicionário, para o consulente, equivale à do dicionário técnico para o técnico, isto é, deve atender às necessidades do utente.

O dicionário de estrangeirismos poderia e deveria mesmo ser desenvolvido para além da actualmente usual configuração (na maior parte dos casos muito curta) informadora num dicionário especial mais amplo, que representasse os modos de uso gramaticais e fraseológicos – desde as ligações proposicionais precisas até aos usos idiomáticos – assim como o uso estilístico, e em que fosse indicados,

sobretudo, os significados exactos das palavras e seus antônimos segundo os pontos de vista semântico-distribucionais, e não apenas no aspecto formal. (MÜLLER, 1979, p. 221).

A receptividade, a integração e a dicionarização de estrangeirismos ainda estão em pauta nas discussões entre lexicólogos e lexicógrafos, embora sejam indubitáveis a usual presença de itens léxicos estrangeiros em qualquer sistema lingüístico e a necessidade de se sistematizarem informações estruturais, semânticas e pragmáticas acerca dos mesmos.

### **2.6.3 Produtos lexicográficos brasileiros e dicionarização de arabismos**

Os produtos lexicográficos se classificam a partir de diferentes critérios (seção 2.6.1.1), dentre os quais a abrangência do léxico descrito: enquanto dicionários gerais de língua incluem em sua nomenclatura formas oriundas de variedades lingüísticas diversas – diastráticas, diatópicas, diacrônicas, diafásicas e diintegrativas –, vocabulários parciais “recortam” o léxico, descrevendo-lhes apenas certo número de formas, pertinentes a uma destas variedades (HAENSCH, 1982, p. 137-139).

A abrangência do léxico contemplado pelos dicionários gerais de língua, portanto, os faz incluir arcaísmos, neologismos, estrangeirismos, palavras obsoletas e obsoletas em sua nomenclatura, e, embora não constitua a análise etimológica uma sua finalidade, freqüentes vezes indicam a origem dos vocábulos dicionarizados (HAENSCH, 1982, p. 102, 161, 162-163).

Os produtos lexicográficos se diferenciam, entretanto, também pelo critério cronológico na descrição do vocabulário que registram: os dicionários etimológicos buscam-lhe a origem e a pré-história; os dicionários históricos, a evolução da sua forma e do seu significado ao longo do tempo, com abonação para todas elas. Em geral, ambos trazem o registro escrito mais antigo de que se tem notícia de um vocábulo na língua cujo sistema lexical descrevem. Os dicionários podem, entretanto, ser, simultaneamente, etimológicos e históricos (HAENSCH, 1982, p. 102, 161-162).

No Brasil, a lexicografia nacional se desenvolve no século XX, em cuja segunda metade vêm à luz importantes obras, quais os dicionários *Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 1998), o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1999) e o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001).

O *Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 1998) veio a público com mais de 200 mil verbetes e subverbetes em sua terceira edição, em 1998, após 10 anos de pesquisas para a sua revisão e atualização, sendo as edições anteriores de 1962 e de 1975 (MICHAËLIS, 1998, p. iv, vii). Foi disponibilizada também em versão eletrônica.

A equipe responsável pela lexicografia, coordenada por Clóvis Osvaldo Gregorim, é formada por 17 pessoas, entre membros efetivos e colaboradores, dentre os últimos citando-se, por exemplo, Francisco da Silva Borba, com larga experiência em pesquisa lexicográfica, sendo a equipe responsável pela pesquisa etimológica coordenada por Mario Eduardo Viário (MICHAËLIS, 1998, p. iv, vii).

Na apresentação da obra, em que se encontram a descrição da mesma e critérios gerais empregados na sua elaboração, informa-se que a etimologia, se controversa ou desconhecida, deixa de ser informada (MICHAËLIS, 1998, p. viii). O critério etimológico é o único a indicar a origem estrangeira de vocábulos que integram a nomenclatura desse dicionário, contrariamente à proposta de identificá-los a partir de divergências estruturais com relação à língua que os adota (cf. seção 2.6.2).

No *Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 1998) não se verifica o uso de marcas diaintegrativas, isto é, não se indica a tradicional distinção de um vocábulo enquanto empréstimo ou estrangeirismo, consoante a sua maior ou menor integração ao sistema lingüístico português.

A obra traz um Anexo com os assuntos mais procurados para consultas complementares, dentre os quais o de “palavras e expressões mais usuais do latim e de outras línguas estrangeiras”, nomeadamente do inglês, francês, espanhol, italiano, alemão e grego (MICHAËLIS, 1998, p. 2255-2267).

O *Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1999), também disponível em CD-Rom, conheceu duas edições prévias, em 1975 e 1986, mesmo ano em que tiveram início as pesquisas para a edição que viria a público em 1999 (FERREIRA, 1999, p. ix). Foi a primeira obra lexicográfica brasileira a fazer sucesso editorial. É difícil precisar o número de verbetes que encerra. Segundo os editores, a terceira edição traz “mais de 435 mil verbetes, locuções e definições”; Peixoto, entretanto, aponta a existência de 168 mil verbetes (WELKER, 2006, p. 09; PEIXOTO, 2007, p. 96).

Com a morte do autor, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, em 1989, a revisão e a publicação da obra ficaram a cargo das assessoras mais diretas, sua viúva, Marina Baird Ferreira, e Margarida dos Anjos. Além destas, outros 08 pesquisadores integram a equipe de

lexicografia e atualização, os quais contam com a colaboração de 51 pesquisadores em áreas especializadas, dentre os quais João Baptista de Medeiros Vargens para os arabismos portugueses (FERREIRA, 1999, p. vii, ix).

Não se verifica, nesta obra tampouco, o emprego de marcas diintegrativas, apenas a indicação da língua de origem e do étimo estrangeiro para vocábulos originalmente não vernáculos.

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001), foi dirigido por Antônio Houaiss, Mauro de Salles Villar e Francisco Manoel de Mello Franco. Dentre os redatores etimologistas estão Maria Helena Duarte Marques e Antônio Geraldo da Cunha, este último também redator datador. Citam-se, ainda, 50 colaboradores das mais diversas áreas do conhecimento (HOUAISS, 2001, p. xii, xiii).

Esta obra constitui “o mais vultoso registro da língua portuguesa” (PEIXOTO, 2007, p. 96). Registra 228.500 vocábulos com uma riqueza de informações tal (etimologia, datação, sinônimos e informações complementares à definição dos vocábulos) que possibilita a sua classificação enquanto dicionário enciclopédico (WELKER, 2003, p. 10). Conhece esta, também, uma versão eletrônica.

A descrição dos critérios empregados no registro de informações sobre a etimologia dos vocábulos dicionarizados se resume àqueles utilizados na fixação da grafia adotada para vocábulos de outras línguas, informando que os arabismos são grafados consoante um quadro anexo de transliteração de consoantes e vogais (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. xxxvii).

No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001) também não se usam marcas diintegrativas, recorrendo-se antes, como nas obras anteriores, à etimologia para indicação da origem estrangeira dos vocábulos dicionarizados.

O mesmo procedimento verificar-se-á nos demais produtos lexicográficos investigados: recurso à etimologia para identificação de vocábulos de origem alógena, não identificação de seu caráter mais ou menos integrado à estrutura vigente na língua portuguesa, que por vezes se fará sentir, indiretamente, pela coocorrência de variantes gráficas, caracterizadas como impróprias (*Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*), a evitar (*Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*) ou aportuguesadas (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*), com prescrição de uma grafia preferível.

Evidencia-se, assim, que o procedimento adotado para tratamento de estrangeirismos e empréstimos, nas obras pesquisadas, continua sendo o critério etimológico, diacrônico, cabendo aqui uma pesquisa sobre a dicionarização de estrangeirismos árabes mais

recentemente adotados (ou de anglicismos, pelo maior número de itens lexicais importados), para conhecer o caráter conservador ou inovador das referidas obras no que respeita à documentação desses vocábulos.

Com efeito, no registro de arabismos nos dicionários gerais da língua portuguesa consultados, observam-se mais freqüentemente marcas relacionadas às variações espacial (brasileirismo, regionalismo – com indicação do país ou estado em que a forma ocorre) e temporal (antigo, obsoleto). Não ocorre, portanto, a marcação diaintegrativa, apenas a indicação de origem estrangeira, acompanhada, em geral, do étimo dos vocábulos, quando pode ocorrer, ainda, a indicação da variedade lingüística a que é creditado (árabe andalusino, árabe clássico, árabe hispânico, árabe dialetal, árabe dialetal sírio-libanês, árabe sírio-libanês e árabe levantino).

Dentre estrangeirismos de origem árabe, podem ser citados *abbaya*, *fatwa*, *hijab*, *intifada* e *jihad*, que ocorrem em textos jornalísticos e na literatura sobre o Oriente Médio ou produzida naquela região. Destes, *abbaya*, *hijab* e *fatwa* não estão dicionarizados na versão eletrônica dos dicionários gerais pesquisados e *intifada* e *jihad* estão registrados apenas no DEA e no DEH. Se tais obras abrangessem nomes próprios, caberia, ainda, o registro de nomes de grupos militantes sistematicamente reproduzidos na mídia, como *Al-Qaeda*, *Fatah*, *Hamas* e *Hezbollah*, sob a rubrica política.

Esses arabismos ilustram a contínua atualização da língua, o que demanda revisão, atualização e mesmo a ampliação no número de itens dicionarizados, em decorrência de novos contatos português-árabe promovidos notadamente pela mídia e pelas novas tecnologias da comunicação, dentre outros.

Não está dicionarizado no DEM, DEA ou DEH nenhum dos 33 estrangeirismos árabes identificados nos fragmentos das obras *Al-Gharb – 1146: Viagem Onírica ao “Portugal” Muçulmano* (XAVIER, 2004), em que estão registrados 10 itens lexicais, e *Vida Dupla: um Romance sobre o Oriente Médio Hoje* (ALSANEA, 2007), que encerra 23 estrangeirismos.

Freqüentes vezes, tampouco são identificados como de origem árabe vocábulos referentes a tribos ou seitas árabes (a exemplo de *zegri* ‘relativo aos Zegris, tribo árabe estabelecida na Espanha (séc. XV)’ e *zendique* ‘1. ímpio, na língua dos maometanos; 2. membro da seita maometana que acreditava na metempsicose’, segundo documentado no DEM, sendo o primeiro vocábulo identificado como arabismo no DEH e no DEA) e

vocábulos cuja acepção remeta a aspectos sócio-históricos, culturais ou religiosos do mundo árabe e/ou muçulmano (*zambra*, ‘antiga dança espanhola de origem mourisca’, que o DEM e o DEA apontam como castelhanismos e a que o DEH atribui origem árabe). Sobre a não identificação de arabismos cuja acepção remeta ao universo islâmico, veja-se a seção seguinte (2.6.4).

A título de referência, citem-se aqui, ainda, os demais produtos lexicográficos brasileiros freqüentemente consultados neste trabalho.

O caráter histórico dos sistemas lingüísticos suscita a produção de descrições lexicais pautadas no critério cronológico. O *Dicionário Etimológico Resumido* (NASCENTES, 1966) exemplifica as obras lexicográficas com registro de vocabulário com marcação diacrônica, ao tempo em que identifica aquele com marcação diintegrativa, dando a conhecer vocábulos de origem estrangeira. Celso Ferreira da Cunha, no prefácio desta obra, define o seu caráter resumido como “de etimologia imediata” (CUNHA, C. F. da apud NASCENTES, 1966, p. viii).

Nascentes assumiu posturas distintas, no que respeita à atribuição de origem aos vocábulos que documentou no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (NASCENTES, 1932) e no *Dicionário Etimológico Resumido* (NASCENTES, 1966), a saber:

[...] Quando eu assumia a responsabilidade de uma etimologia, dizia francamente: do latim, do grego, do árabe, etc. Fora disso, nos casos duvidosos, limitei-me a consignar os étimos apresentados por outros, deixando ao leitor o critério da escolha se algum lhe agradasse. [...] Entendi que não dando nenhuma etimologia, não tinha o direito de criticar as que outros haviam dado. (NASCENTES, 1966, xi).

E ainda: “Desde que nenhum étimo apresentado me convencia, eu não iria, sòmente para satisfazer o leitor comum, aceitar um deles ou inventar uma solução qualquer. Abstive-me de indicar palavras de origem desconhecida” (NASCENTES, 1966, xii). O registro de vocábulos com origem indeterminada ocorreu quando da elaboração do *Dicionário Etimológico Resumido*: “Hoje, que dou à opinião alheia o valor que ela merece, não trepidei em apresentar palavras de origem obscura, de etimologia desconhecida” (NASCENTES, 1966, xiii).

Já o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (CUNHA, A. G. da, 1982) é simultaneamente etimológico e histórico. Publicado em 1982, conheceu uma segunda edição em 1986.

No que concerne à indicação de origem, A. G. da Cunha informa: “No estado atual da nossa lexicografia talvez fosse um pouco prematura a publicação de um dicionário etimológico, tais e tantas são as dúvidas que ainda pairam em torno das origens e da história de boa parte do nosso vocabulário [...]” (CUNHA, A. G. da, 1982, p. ix). E retoma a observação, dando a conhecer suas conseqüências metodológicas:

Como referimos anteriormente, no estado atual da nossa lexicografia ainda subsistem muitas dúvidas em torno das origens de milhares de vocábulos, razão por que com muita freqüência o consulente deparará com expressões como estas: origem desconhecida, origem incerta, étimo controverso, etc. Dadas as proporções do Dicionário e levando em conta o público a que ele também se destina, julgamos que seria inoportuno tecer longas e minuciosas digressões sobre as diferentes hipóteses que têm sido aventadas pelos pesquisadores que nos precederam. (CUNHA, A. G. da, 1982, p. xvii-xviii).

Observe-se que as obras lexicográficas sobre arabismos portugueses ilustram tanto os dicionários parciais de língua, dado o seu objeto constituir um recorte no sistema lexical português, quanto dicionários etimológicos ou históricos, uma vez que a marcação diintegrativa que caracteriza o vocabulário descrito resulta de processo diacrônico de aquisição de material léxico estrangeiro (estrangeirismos) e de sua integração ao sistema que o adota (empréstimos) (HAENSCH, 1982, p. 139-140, 161). Na seção 2.2.2, apresentaram-se as obras *Arabismos: uma Mini-Enciclopédia do Mundo Árabe* (FRANCA, 1994), *Dicionário de Termos Árabes da Língua Portuguesa* (VIEIRA, 2006) e *Léxico Português de Origem Árabe: Subsídios para Estudos de Filologia* (VARGENS, 2007), mais recentemente produzidas sobre o tema dos arabismos portugueses, no Brasil.

#### **2.6.4 Problemas na dicionarização de arabismos na lexicografia brasileira**

No que concerne à atribuição de origem, evidenciam-se, na dicionarização de arabismos pela lexicografia brasileira, cinco problemas, quatro dos quais resultantes da desatualização das informações de cunho etimológico, considerando-se descobertas mais recentes da Filologia Árabo-Românica: 1. falta de registro de arabismos do português brasileiro; 2. se registrados, atribuição equivocada de origem aos mesmos; 3. registro de falsos arabismos; 4. não identificação de origem árabe a vocábulos cuja acepção se relacione ao mundo islâmico e 5. inadequação das fontes secundárias sobre arabismos, indicadas nas referências bibliográficas dos produtos lexicográficos brasileiros.

Comparando-se o registro de arabismos do português brasileiro no *Léxico Português de Origem Árabe* (VARGENS, 2007) com a sua dicionarização na versão eletrônica das obras *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa* (FERREIRA, 1999), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001) e do *DICMAXI Michaëlis Português: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 1998), bem como nas obras especializadas *Arabismos: uma mini-enciclopédia do mundo árabe* (FRANCA, 1994) e *Dicionário de Termos árabes da Língua Portuguesa* (VIEIRA, 2006), e nas etimológicas *Dicionário Etimológico Resumido* (NASCENTES, 1966) e *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (CUNHA, A. G. da, 1982), verifica-se que:

O primeiro problema verificado é o da dicionarização de arabismos introduzidos pela via brasileira, afro-muçulmana ou sírio-libanesa. Como já se disse, quanto à herança lexical sírio-libanesa, o LPOA é a obra que encerra o maior número de formas, 12, aqui indicadas com suas variantes (entre parênteses): *Baba hanuche (babarranuje)*, *beleua (belewa)*, *cafta (kafta)*, *esfiha (esfia, esfirra)*, *falafel*, *homos (homus)*, *laban*, *labna*, *mijadna*, *quibe (kibe)*, *tabule* e *tahine*. De acordo com Maranhão (2010b), destas, o DEH apresenta 09 arabismos: *Baba-ghanuji*, *beleua (bileua)*, *cafta*, *esfiha (esfirra, sfih)*, *homos (homus, hamus)*, *mijadra (mejadra, mjadra)*, *quibe*, *tabule*, *tahine*. A obra MEA registra 07 destes vocábulos: *Babaganuche*, *kafta*, *esfiha*, *homus (homos)*, *labné*, *quibe*, *tabule*. O DEA documenta 06 itens lexicais: *Cafta*, *esfiha (esfirra, esfia)*, *homos (homus)*, *quibe*, *tabule*, *tahine (taíne)*. O DEM, 05 itens: *Cafta*, *esfia (esfirra)*, *quibe*, *tabule*, *taíne*, igualmente documentadas no DTA: *Cafta*, *esfiha (esfia, esfirra)*, *quibe*, *tabule*, *tahine (taíne)*; o DER e o DELP registram exclusivamente o vocábulo *quibe*.

Assim, em ordem decrescente, o DEH registra 75% dos arabismos sírio-libaneses dicionarizados no LPOA; MEA, 58,3% destes; o DEA, 50% dos vocábulos citados; o DEM e o DTA apresentam 41,6% desse vocabulário; o DER e o DELP, apenas 8,3% do mesmo, conforme sintetizado na tabela 01, abaixo.

Tabela 01 – Registro de arabismos do PB de origem sírio-libanesa

<b>Obra</b>	<b>Quantidade de formas registradas</b>	<b>Percentual do total de formas encontrado</b>
<b>LPOA</b>	12	100%
<b>DEH</b>	09	75%
<b>MEA</b>	07	58,3%

<b>DEA</b>	06	50%
<b>DEM</b>	05	41,6%
<b>DALP</b>	05	41,6%
<b>DER</b>	01	8,3%
<b>DELP</b>	01	8,3%

Fonte: Elaborada pela autora.

O mesmo ocorre na dicionarização de arabismos legados por afro-muçulmanos. O LPOA documenta o maior número de itens léxicos, 25, nomeadamente: *açubá* (*açuaba*, *açuba*), *adixá* (*adiçá*, *lixá*), *aiassari* (*aiá-sari*, *ay-á-sári*, *ay-a-sary*), *ailá* (*ai-lá*, *ali-alá*, *ali-lá*), *alicali* (*ali-calá*, *ali-cali*, *ali-cáli*, *alicali*, *alikalý*), *aligenum* (*ali-enu*, *eligenu*), *alimangariba* (*alimangári*, *aluma-gariba*, *magáriba*, *mangariba*), *aluá* (*aruá*), *alufá*, *amim* (*al-amin*, *al-min*), *assumi* (*açáummi*, *açúmi*, *assumy*), *azaca* (*az-zaca*), *barica da subá*, *bissimilai* (*bi-si-mi-lai*), *djema*, *fazer sala*, *jihad* (*jihád*, *jihêd*), *lemanó* (*limano*, *lemané*, *lamane*, *almámy*, *el-imámy*, *imã*), *maçalassi* (*massalassi*, *ma-ça-la-si*), *malê*, *maneco iassalama*, *mussurumim*, *sacá* (*saká*, *sara*), *salamaleco* e *tecebá* (*tessebá*, *teçubá*, *tessubá*).

Destes, o DEA dicionariza 16 vocábulos: *açubá*, *adixá*, *aiassari* (*ai-a-sari*), *ailá* (*ai-lá*), *alicali*, *alimangariba*, *aluá* (*aruá*), *alufá*, *jihad*, *lemanó* (*limano*, *lemané*, *lamane*), *malê*, *muxurumim* (*mussurumim*), *sacá*, *salá* (*açalá*, *azalá*, *cela*, *celá*), *salamaleco* e *tecebá* (*tessubá*). O DEH registra 17 arabismos afro-muçulmanos: *açubá*, *adixá*, *aiaçari* (*ai-a-sari*), *ailá*, *alicali*, *aluá* (*aruá*), *alufá*, *amim*, *assumi* (*açumi*), *bismela*, *jihad*, *lemanó* (*lemané*), *malê*, *muxurumim* (*muxurumim*), *sacá*, *salá* (*açalá*, *azalá*, *cela*, *celá*) e *tecebá* (*teçubá*, *tessubá*). O DEM registra 11 destes arabismos: *açumi*, *ai-a-sari*, *alimangariba*, *aluá*, *alufá*, *lemanó* (*limano*, *lemané*), *malê*, *muxurumim*, *sacá*, *salá* e *tecebá* (*teçubá*, *teçuda*). A obra MEA traz 10 dos 25 vocábulos levantados pelo LPOA: *acubá*, *aligenum*, *aluá*, *alufá*, *amim*, *assumi*, *djihad* (*jihad*), *limamo*, *salat* (citando, então, as orações malês na Bahia: *acubá*, *ai-lá*, *ay à-sari*, *alimangarita*, *adixá*, elevando o número de itens registrado para 15 itens), além de *tecebá*. O DTA apresenta 13 dos arabismos coligidos no LPOA: *açubá*, *adixá*, *ai-a-sari* (*aiassari*), *alicali*, *alimangariba*, *aluá*, *alufá*, *bismela*, *jihad*, *lemanó* (*limano*, *lemané*, *lamane*), *muxurumim* (*muxurumim*), *salá* (*açalá*, *azalá*, *cela*, *celá*) e *salamaleco*. Por fim, o DER traz 06 dos arabismos afro-muçulmanos citados: *alicali*, *aluá*, *alufá*, *lemané*, *malê* e *muxurumim* e o DELP apenas 03: *aluá*, *alufá* e *malê*.

Em ordem decrescente, os produtos lexicográficos brasileiros que contemplam arabismos da variedade americana da língua portuguesa são: o LPOA, que registra 100% formas identificadas; o DEH, com 68% delas; o DEA, com 64%; o DTA, com 52% dos

arabismos afro-muçulmanos conhecidos; o DEM, com 44% destes vocábulos; a obra MEA traz 40% deste vocabulário, 60%, considerando-se a menção às orações “malês”; o DER, com 24% do vocabulário afro-muçulmano e, enfim, o DELP, com apenas 12% destes vocábulos. Observe-se a tabela 02, mais adiante.

Observa-se, dos dados apresentados, que a dicionarização dos arabismos do português brasileiro constitui uma lacuna nos produtos lexicográficos brasileiros contemporâneos. A par da ausência do registro de arabismos sírio-libaneses e afro-muçulmanos, observa-se que, freqüentes vezes, as formas dicionarizadas não têm a sua origem corretamente identificada, sendo antes creditada a línguas-ponte, conforme veremos a seguir, o que constitui o segundo problema observado na dicionarização desse vocabulário.

Tabela 02 – Registro de arabismos do PB de origem afro-muçulmana

<b>Obra</b>	<b>Quantidade de formas registradas</b>	<b>Percentual do total de formas encontrado</b>
<b>LPOA</b>	25	100%
<b>DEH</b>	17	68%
<b>DEA</b>	16	64%
<b>DTA</b>	13	52%
<b>DEM</b>	11	44%
<b>MEA</b>	10 [15]	40% [60%]*
<b>DER</b>	06	24%
<b>DELP</b>	03	12%

Fonte: Elaborada pela autora.

\* Esta obra dicionariza 10 vocábulos afro-muçulmanos, citando, em um dos verbetes, a designação das orações malês, de onde a duplicidade nos números apresentados.

O DELP aponta a língua inglesa como intermediária na introdução do vocábulo árabe *quibe* no português brasileiro, “do ár. *kubbah*, **sem dúvida** através do ing. *kibbe* (*kibbeh*)” (CUNHA, p. 654, grifo nosso). Iguaria típica da culinária síria e libanesa, Antônio Geraldo da Cunha não leva em consideração a presença de imigrantes sírio-libaneses no Brasil, a partir de fins do século XIX e, significativamente, na primeira metade do século XX (FÍGOLI; VILELA, 2004, p. 04), e tampouco o fato de o acordo Sykes-Picot ter submetido a Síria e o Líbano ao jugo francês por 30 anos, até 1946 e 1943, respectivamente (SMITH, 2008, p. 24, 25, 28), não havendo, neste caso, motivo para creditar à língua inglesa tal mérito, dado a região não ter integrado o mundo anglófono.

Por sua vez, o DEH aponta o turco como língua-ponte na introdução do vocábulo *homus* no português brasileiro (ár. *himis* > ár. dialetal *hummus* > turco *humus*). Tratando-se este prato de iguaria típica da cozinha sírio-libanesa, apesar de consumida igualmente no Iraque e na Turquia, verificou-se equívoco na atribuição de origem do vocábulo ao turco, possivelmente em virtude de os primeiros imigrantes sírio-libaneses terem sido generalizadamente tomados por turcos, uma vez que possuíam passaporte do Império Otomano (FÍGOLI, VILELA, 2004, p. 04).

Na atribuição de origem a arabismos introduzidos no português brasileiro por afro-muçulmanos se verifica a mesma dificuldade de identificação da origem árabe. Arabismos africanos são antes tomados por africanismos originados em diferentes línguas da África. Citando Cacciatore (1988), o DEH aponta étimo nupê ou haussá para *muçurumim* e

iorubá para *teçubá*, embora, para este último, ratifique origem controversa. Afirma proceder *alicali* do haussá e acertadamente aponta *aiaçari* e *ailá* como arabismos africanos. Para *lemano* apresenta duas hipóteses etimológicas encontradas na literatura especializada: árabe, segundo José Pedro Machado, e haussá, de acordo com Cacciatore (1988). Afirma o DEH que *sacá* provavelmente tem origem africana, embora o étimo seja obscuro, assim como tem origem obscura *assumi*. Indica que *alufá* é provavelmente árabe.

A não indicação de origem, nos casos em que esta é incerta ou obscura, constitui critério metodológico do *DICMAXI Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 1998, p. viii). Assim, a obra não informa hipóteses etimológicas para *assumi*, *sacá* e *tecebá*. Apresenta *alufá* como de origem iorubá e indica origem “malê” para *ai-a-sari* e *alimangariba*, apesar de esta designação não se referir propriamente a uma língua, correspondendo antes a uma generalização na designação dos povos africanos islamizados, empregada, inicialmente, por não-muçulmanos (REICHERT, 1970, p. 110). Igualmente, atribui ao bundo a origem do vocábulo *aluá*, apesar de o termo constituir um etnônimo, não uma língua. Importantes línguas faladas pelos bantos são o quicongo, o quimbundo e o umbundo (PESSOA DE CASTRO, 2009, p. 34-37).

O DEA registra origem iorubá para *tecebá* e origem africana, possivelmente árabe, para *alufá*, mesma trajetória interlingüística proposta pelo *Dicionário de Termos Árabes da Língua Portuguesa* (VIEIRA, 2006) para *alufá*.

O DER aponta origem africana para *alicali*, *alufá* (este talvez de procedência árabe), *lemano*, *malê* (ao qual credita origem africana, da bacia do Níger) e *muxurumim*. Segundo o DELP, *alufá* tem origem iorubá e *malê*, origem africana, com étimo indeterminado.

A origem árabe desse vocabulário sírio-libanês e afro-muçulmano está devidamente registrada, explicada e abonada na literatura mais recente da Filologia Árabo-Românica, aqui representada pelo *Léxico Português de Origem Árabe* (VARGENS 2007), destacando-se, com o exposto, a premente necessidade de revisão da dicionarização dos vocábulos citados.

O terceiro problema na dicionarização dos arabismos pela Lexicografia Brasileira foi buscado no *Diccionario de Arabismos y Voces Afines en Iberorromance* (CORRIENTE, 2003), cuja segunda edição traz um Anexo dedicado exclusivamente aos falsos arabismos, no qual levantamos os vocábulos portugueses aos quais, segundo o autor, a lexicografia equivocadamente atribuiu origem árabe (MARANHÃO, 2010c).

Reproduzimos aqui apenas os falsos arabismos da língua portuguesa e, dos verbetes, anotamos exclusivamente as informações mais importantes sobre os mesmos, em tradução livre.

Na reprodução parcial dos verbetes elaborados por Corriente, registramos as abreviaturas por ele empregadas, a saber: and. [árabe] andalusino; ár. árabe; aram. aramaico; bl. baixo-latim; br. berbere; cp. copta; ct. catalão; fr. francês; gr. grego; it. italiano; lt. latim; neoár. neoárabe; pt. português; rb. rabínico; romand. romandalusino ou romance andalusino ou romance meridional (equivocadamente dito moçárabe); sir. siríaco; tr. turco (CORRIENTE, 2003, p. 17).

Buscamos, então, nos oito produtos lexicográficos brasileiros com os quais vimos trabalhando, o registro desses falsos arabismos apresentados por Corriente (2003), cotejando a origem indicada para eles.

Segundo Corriente (2003, p. 485-495), têm origem equivocadamente atribuída ao árabe por diferentes dicionaristas:

**Aberto** - José Pedro Machado atribuiu-lhe a acepção ‘de cor clara’ como decalque do ár. O exemplo citado pelo autor, tr. \*\*\*renk acyk, deve ser corrigido para ačik renk. Resulta, entretanto, da associação semântica “preto = escuro”, característica do pt.

**Adaí** - Vocábulo definido por Morais como ‘árvore salvadorácea de cuja madeira se fazem palitos’, para o qual sugere o étimo cp \*\*\*addahid, que parece inexistir e sequer tem fisionomia própria da referida língua.

**Amálgama** - ‘Combinação do mercúrio com outros metais’, que Corominas toma por arabismo, baseando-se em variedades secundárias, como algamal/na e almagala, derivadas artificialmente da raiz ár. {jam} ‘reunir’. Não somente são raras e provavelmente corruptas, como inexistem indícios do uso do ár. \*\*jamā ah ‘comunidade’ com tal sentido, ao passo em que a forma gr. passa ao aram., em que está documentada, vgr., em rb. mālugmā e sir. mālagnā, língua que constituiu o veículo normal de tradução científica do gr. para o neoár. e na qual ocorre com acepção próxima da atual. Der.: **amalgamar**, **amalgamação**, **amalga(ma)mento** e **amalgâmico**.

**Anoque** - ‘pequeno poço para curtir peles’. Não é arabismo. Apesar de existir em ár. a raiz {nq} ‘remolhar’, não há substantivo de forma e sentido adequados. Segundo Corominas, trata-se de um derivado do bl. *naucus*, este do diminutivo lt. \*\**naucūla* ou *nāvīcūla* ‘navícula’, transmitido através do ct. noc ‘dorna’ a toda a Península Ibérica e ao Marrocos devido ao prestígio dos curtidores catalães.

**Atona** - ‘ovelha que cria um cordeiro de outra mãe’. A primeira definição do DRAE seguiu falsa etimologia ár. de Eguílaz (da inah), reproduzida por Steiger.

**Chúmeas** - ‘madeira que reforça um mastro’. A julgar por acepções náuticas do pt. **chumaceira**, semanticamente muito parecidas, deve derivar do lt. *plūma*, voz que conserva em pt. acepções náuticas.

**Gúmena** - ‘maroma’. Do gr. *hēgouménē*. ‘(corda) que conduz ou reboca’, através de um intermediário como o it. *gomena* e não, como supôs Coromines, pelo ár., língua na qual a voz adquire feições distintas, dentre as quais a única documentada em and. *jummaliyya*.

**gusla/guzla** - ‘certo instrumento musical de corda’. Através do fr., do servocroata *gusle*, sem qualquer relação com o vocábulo tr. *ğazl*, ‘fio, cordão’ (nem resulta da evolução de “crina”, como afirma Machado). Segundo Vasmer, a forma *gúslī* deriva da raiz do verbo “silvar”, é bem representada em muitas línguas eslavas, freqüentemente com a acepção de ‘violino’.

**Macamba** - ‘certa árvore africana’. Machado o faz derivar do étimo ár. **\*\*muxammas** ‘pentagonal’, apenas por supor que a sua fruta tem esta forma.

**Maracha** e **marachão** - ‘muro para contenção de águas’. Não pode derivar do ár. **\*\*marj** ‘prado’, o mais parecido ao inexistente **\*\*\*marajâ** sugerido por Machado.

**Mazorro** - ‘grosseiro’. O étimo ár. *manzūr* ‘escasso’, atribuído por Machado, é improvável, apesar da raiz comum, por ser raro, não documentado em and. e porque não há indício desta evolução semântica.

**Rês** - ‘cabeça de gado’. Coromines demonstra a impossibilidade de resultar do ár. **\*\*ra**, como supõem Steiger e Machado, mas do lt. *rēs* ‘propriedade’.

**Rusma** - ‘depilatório a base de cal viva’. Não pode derivar do inexistente étimo ár. **\*\*\*rusmah** ‘marca’, como quer Machado.

**Sassafrás** (provavelmente castelhanismo) - do lt. *saxīfrāga*, mas não parece possível a mediação, suposta por Coromines, do romand. ŠAXŠAFRÁGA. Talvez pelo bl. científico mediatizado pelo fr. ou it.

**Tecla** - ‘peça que aciona um instrumento musical ou tipográfico’. A semelhança fonética com **tagra** não assegura comunidade de étimo entre ambas, devido à disparidade semântica. Considere-se, ainda, que os instrumentos musicais usados pelos muçulmanos não continham teclas, invenção européia que chegou à Península em fins do século XIV. Assim, é melhor pensar, como étimo, na forma bl. *thecula*, dim. do lt. *thēca* < gr. *thēka* ‘caixa’, com evolução fonética semiculta, devido ao ambiente eclesiástico ou cortesão em que circularia. Entretanto, Coromines informa o uso do pt. **tecla** no século XIV como armadilha ou jaula, permitindo

pensar que a palavra and. de origem br. pode se cruzar com reflexos do lt. e adquirir algumas acepções próprias destes. Der.: **teclado, teclar**.

**Touca** - ‘peça do vestuário que cobre a cabeça’. Seu antecedente hispânico \* TÁWKA, não pode derivar do ár. **\*\*tāq**, de origem persa, como Coromines sugere e Machado reproduz. Tampouco sua antiga documentação hispânica, vasca inclusive, permite pensar no ár. **\*\* tawq** ‘gola, lapela muito ampla’, que semanticamente poderia estender-se a uma peça do vestuário que cobre toda a cabeça, forma esta de origem ár. **atoque**.

Buscados os falsos arabismos apenas citados no *corpus* de produtos lexicográficos brasileiros, encontraram-se dicionarizados, nestes, os itens:

*Amalgama* encontra-se registrado em DER, DELP, DEH, DEM e DTA como tendo origem no grego, chegando, entretanto, ao português por meio de forma árabe ainda mal estabelecida. Apenas o DEH apresenta provável forma intermediária árabe, *al-madjimaHa* ‘fusão’.

*Anoque*, ‘1. curtume; 2. couro no qual se faz a decoada; 3. local em que se prepara/guarda a erva-mate’, aparece como arabismo no DEM; com origem incerta, possivelmente árabe, no DEA e no DTA. O DEH reproduz etimologia proposta por José Pedro Machado, de que a forma derive do radical árabe *naqa’a*, trazendo *anaqa’a* a acepção de ‘temperar e macerar, pôr em infusão’. Corriente rechaça a suposta origem árabe, apontando, com base em Corominas, origem em forma diminutiva do baixo-latim, por meio do catalão.

Dicionarizam *chúmeas*, ‘peças de madeira para reforçar mastros’, como arabismo o DER, DEA, DEM, MEA, LPOA e DTA. DELP indica apenas provável origem no étimo ár. *jāma’ā*, ao passo que DEH lhe aponta origem controversa, apresentando, entretanto, duas propostas de étimo árabe: *djāmiHa* (da raz *djmH*, ‘juntar, agrupar’), segundo o DEA, ou a já citada *djāma’a*, com base em José Pedro Machado, que, por sua vez, se respalda em Dozy. Assim, no DEH, a controversa recairia sobre o étimo, e não sobre a origem árabe questionada por Corriente, que a faz remeter ao latim.

O MEA registra a forma *gusla*, ‘instrumento musical de corda’, como arabismo, embora de origem turca, sem apresentar o étimo. Essa origem é descartada por Corriente, bem como o étimo proposto por José Pedro Machado.

Apenas o DEH, pautando-se em Dalgado, atribui provável origem árabe ao vocábulo *macamba*, com acepção de ‘fruto da macambeira’<sup>84</sup>, sendo *makhmmas* o seu étimo. Segundo Corriente, baseado em José Pedro Machado, o termo se refere à árvore.

Também o DEH é o único dicionário a registrar provável origem árabe (< ár. *maradja* ‘terreno alagadiço’) para *maracha*, apontando origem duvidosa para *marachão*, constituindo-se esta, talvez, de *maracha* + *ão*. Segundo Corriente, inexistente o étimo *marajâ* proposto por José Pedro Machado.

Para *mazorro* apresentam possível origem árabe o DER, DEA e DTA, os três apontando *manzōr* ‘escasso’ como seu étimo. O DEH apresenta *manzur* ‘escasso’ como provável étimo árabe, da raiz *nazar* ‘pequeno, exíguo’. Corriente afirma que o étimo *manzūr*, proposto por José Pedro Machado para o vocábulo português, não está documentada no árabe andalusino, além de ser difícil explicar a sua evolução semântica para a acepção portuguesa de ‘preguiçoso’, ‘taciturno’.

Todas as obras lexicográficas brasileiras consultadas creditaram origem árabe ao vocábulo *rês*, ‘qualquer quadrúpede empregado na alimentação humana’ (DER, DELP, DEA, DEH, DEM, MEA, LPOA e DTA), conforme apontado por José Pedro Machado. Segundo Corriente, a evolução do étimo proposto para a forma portuguesa é inviável, concordando com a etimologia apresentada por Coromines, segundo a qual o vocábulo resulta da forma latina para ‘propriedade’, *rēs*.

Para *rusma*, ‘preparação depilatória em cuja composição entra cal viva’, o DEM, LPOA e DTA apresentam origem árabe, sem quaisquer outras observações. O MEA registra esta forma como arabismo originado no grego turco. O DEH aponta-lhe origem controversa, indicando, dentre outras propostas, a de José Pedro Machado, de que derivaria indiretamente do ár. *rusma* ou *rasm* ‘traço, marca ou vestígio’. Segundo Corriente, inexistente o étimo *rusmah*, ‘marca’, proposta pelo lexicógrafo português.

De acordo com o DEH, a origem de *tecla* é controversa, embora muitas hipóteses etimológicas tenham sido apresentadas, inclusive a de que se originaria no árabe andalusino *tēqra*, ‘caixa de madeira para instrumentos’, que posteriormente passaria a designar as peças do teclado. Corriente (2003) prefere crer na origem grega, por meio de uma forma diminutiva do baixo latim, propondo, ainda, que a forma andalusina *tagra*, de origem berbere, tenha se cruzado com a latina, a qual lhe teria legado suas acepções.

---

<sup>84</sup> O vocábulo *macamba*, usado entre os escravos com o sentido de ‘amigo, camarada’ ou de ‘freguês, cliente’ de quitandeiras, está dicionarizado DER, DELP, DEA, DEM e no próprio DEH, com unânime atribuição de origem ao quimbundo.

Das obras consultadas, apenas o DEH apresenta, a par da origem controversa, diferentes propostas de atribuição de origem para *touca*, dentre as quais a de Corominas, acatada por José Pedro Machado, de que o vocábulo teria sido introduzido na língua portuguesa por intermédio do árabe, porquanto se originasse no persa *tāq*, ‘véu, xale’, etimologia esta inviável, segundo Corriente (2003).

Corriente (2003) apresenta outros falsos arabismos das línguas peninsulares. Embora não aponte, enquanto tal, o registro de *raquete* pela lexicografia em língua portuguesa, conferiu-se aqui a sua dicionarização em *corpus* estendido, observando-se a sua efetiva inclusão no DEH, no MEA e no DELP. Este traz apenas a indicação de origem no árabe vulgar, através do latim medieval; o MEA aponta formação obscura com base no ár. *rahat* ‘palma da mão’, através do diminutivo italiano e francês. O DEH distingue seus usos como termo da anatomia (‘carpo’), termo militar (‘instrumento para lançar balas’) e termo da botânica, atribuindo origem no árabe *rāha* ‘palma’, por meio do lat. med. *rasceta* (*manus*) ‘carpo’. Segundo Corriente (2003), o étimo fr. *raquette* é autóctone e não uma variante de *rachette*, < ár. \*\**rāhatu lyad* ‘palma da mão’, com metanálise do sufixo diminutivo, por meio de tratados técnicos medievais.

Observe-se a predominância da incerteza quanto à origem árabe das formas analisadas, expressa na atribuição de *origem controversa*, *duvidosa* ou *incerta*, *provavelmente árabe*, *possivelmente árabe*, *talvez árabe*.

Assim, a partir dos 16 falsos arabismos portugueses coligidos por Corriente, ao qual se soma 01 forma por ele não encontrada com registro na língua portuguesa, mas dicionarizada em produtos lexicográficos brasileiros, investigaram-se 17 vocábulos cuja origem é equivocadamente atribuída à língua árabe.

A análise estatística do registro desses falsos arabismos pela lexicografia brasileira demonstra que:

O DEH é a obra que indica origem árabe, efetiva ou possível, para o maior número dessas formas, 11 delas ou 64,7% do total: *amálgama*, *anoque*, *chúmeas*, *macamba*, *maracha*, *mazorro*, *raqueta*, *rês*, *rusma*, *tecla* e *touca*. É preciso lembrar que, sem se posicionar a respeito, a obra apenas informa as etimologias propostas pela literatura especializada. O DTA apresenta 06 dos 17 vocábulos indicados como falsos arabismos ou 35,3% deles: *amálgama*, *anoque*, *chúmeas*, *mazorro*, *rês* e *rusma*. Trazem 05 formas ou 29,4% dos falsos arabismos as obras DER (*amálgama*, *chúmeas*, *maracha*, *mazorro* e *rês*), DEM (*amálgama*, *anoque*, *chúmeas*, *rês* e *rusma*) e MEA (*chúmeas*, *gusla*, *raqueta*, *rês* e *rusma*). Já os dicionários DELP e DEA registram 04 falsos arabismos cada, respectivamente,

*amálgama, chúmeas, raqueta e rês e anoque, chúmeas, mazorro e rês*, o que corresponde a 23,5% dos vocábulos apresentados por Corriente (2003). Por fim, o LPOA é a obra que registra o menor número de falsos arabismos, apenas 03 ou 17,6% deles: *chúmea, rês e rusma*. Confira-se a tabela 03, abaixo.

Tabela 03 – Dicionarização de falsos arabismos pela Lexicografia brasileira

<b>Obra</b>	<b>Número de Falsos Arabismos Dicionarizados</b>	<b>% de Falsos Arabismos Dicionarizados*</b>	<b>Falsos Arabismos Dicionarizados</b>
DEH	11	64,7%	<i>amálgama, anoque, chúmeas, macamba, maracha, mazorro, raqueta, rês, rusma, tecla e touca.</i>
DTA	06	35,3%	<i>amálgama, anoque, chúmeas, mazorro, rês e rusma.</i>
DER	05	29,4%	<i>amálgama, chúmeas, maracha, mazorro e rês.</i>
DEM	05	29,4%	<i>amálgama, anoque, chúmeas, rês e rusma.</i>
MEA	05	29,4%	<i>chúmiás, gusla, raqueta, rês e rusma.</i>
DELP	04	23,5%	<i>amálgama, chúmeas, raqueta.</i>
DEA	04	23,5%	<i>anoque, chúmeas, mazorro e rês.</i>
LPOA	03	17,6%	<i>chúmea, rês e rusma.</i>

Fonte: Elaborada pela autora.

\* Considerando-se o total de exemplos de equivocada atribuição de origem árabe a vocábulos portugueses apresentado por Corriente no *Diccionario de Arabismos y Voces Afines en Iberorromance*.

Observa-se, do exposto, que mesmo a dicionarização de arabismos ibéricos, há mais tempo sujeitos a investigação, não está isenta do problema de atribuição de origem. Com efeito, os três problemas inicialmente apontados na dicionarização de arabismos pela lexicografia brasileira - não registro de arabismos do português brasileiro, atribuição equivocada de origem e registro de falsos arabismos - decorrem de um problema maior: a identificação de vocábulos originados na língua árabe. O conhecimento dos mecanismos de interferência lingüística em contextos de contato intercomunitário, das diferentes situações de contato envolvendo a língua árabe, romances peninsulares e a língua portuguesa, na Europa e no Brasil, a par da investigação filológica de documentos produzidos pelas ou sobre as

personagens envolvidas nesses processos concorrerá para a identificação de arabismos e, se for o caso, da trajetória interlingüística até a sua adoção pela língua portuguesa. Reitera-se, assim, que tal investigação demanda a mobilização de especialistas de diversas áreas, como discutido nas seções 2.1 e 2.2.4.

O quarto problema na dicionarização de arabismos pela lexicografia brasileira é a sua não identificação enquanto originado na língua corânica, levando, quanto à atribuição de origem, à mera omissão ou à atribuição à língua diversa. A par dos exemplos anteriormente apontados, confirmam-se os apresentados a seguir, extraídos dos dicionários gerais da língua portuguesa já citados:

O DEM traz 07 vocábulos cuja origem, apesar da acepção relacionada ao mundo muçulmano, não informa, mas que estão dicionarizados como arabismos no DEA e/ou no DEH.

**Axá** – s.m. Oração que os mouros fazem antes de se deitarem.

**Gazel** – s.m. Poesia amorosa ou báquica dos persas e dos árabes. Var: gazal.

**Hacer** – s.m. Oração que os mouros fazem a Deus antes do nascer do Sol.

**Ifrite** – s.m. Nome que os islamitas dão a todos os gênios malfazejos.

**Nacara** – s.m. Mús. Pequeno timbale de cobre, introduzido na Península Ibérica pelos árabes.

**Namaz** – s.m. Oração que os muçulmanos fazem, por obrigação, cinco vezes por dia.

**Tesbi** – s.m. Rosário muçulmano composto de cem contas.

Dentre os dicionários gerais em que os arabismos foram investigados, *axá* está registrado no DEM e no DEH, que faz constar, na etimologia, apenas “arabismo”, sem apresentar-lhe o étimo. O DAVAIR confirma a origem árabe deste vocábulo, com registro em Morais, acrescentando ser de importação mais recente, após as campanhas norte-africanas,<sup>85</sup> condizente com a indicação, na definição, de hábito dos mouros.<sup>86</sup>

*Gazel* aparece como arabismos no DEA e no DEH, que igualmente registram a variante *gazal*. O LPOA traz *gazel*, sem variante.

A par do DEM, o DEH traz *hacer*, indicando-lhe, entretanto, origem árabe, sem indicação do étimo. O DAVAIR aponta origem no árabe, talvez constituindo uma variação da forma espanhola *ac(c)ear*, que Eguílaz equivocadamente equipara a *azalá*. Como *axá*, *hacer*

<sup>85</sup> Refere-se Corriente, aqui, a investidas européias ao Norte da África realizadas no século XVI. O DEH data o registro mais antigo de que se tem notícia para *axá* no ano de 1553, mesmo século no qual, segundo Corriente, *salá* teria sido introduzido na língua portuguesa (CORRIENTE, 2003, p. 247).

<sup>86</sup> Segundo Reichert, o vocábulo *mouro* vem do fenício *mauharin* ‘ocidental’, e, entre os romanos, designava as nações berberes do noroeste da África, cuja conversão ao islã atribuiu-lhe novo sentido, o de ‘muçulmano em geral’, dado o fato de, para os Europeus, os norte-africanos constituírem os representantes típicos dos povos islamizados (REICHERT, 1970, p. 109-110).

foi introduzido na Península Ibérica após as campanhas norte-africanas, de onde a especificação como oração dos mouros.

Se *ifrite* não tem a origem indicada no DEM, o DEA aponta-a como árabe. Corroboram-na ambos, o LPOA e o DAVAIR, o qual, ainda, informa ser cultismo contemporâneo intermediado pela língua francesa.

Para *nacara*, o DEM e o DEA não informam a etimologia. Afirma ser este vocábulo um arabismo o DEH. O DAVAIR aponta o neopersa ou o hindi como língua ponte, resultando a forma *anacara* de hipercorreção que lhe conferiria uma “fisionomia castiça peninsular” (CORRIENTE, 2003, p. 400). Atribui, entretanto, o século XIX como época de introdução na língua, sendo a forma *nagara*, a que Machado atribui origem na Índia, oitocentista.

Já para *namaz*, o DEH e o DAVAIR atribuem origem no persa, no século XVII, um estrangeirismo resultante das empresas do Oriente (CORRIENTE, 2003, p. 403).

O DEM registra, ainda, o vocábulo *tesbi*, ‘rosário muçulmano com 100 contas’, sendo que o DAVAIR dicionariza *tesgi*, com a mesma acepção, como originado no turco *tesbih*, este do árabe *tasbīh*, ‘glorificação de Deus’ (CORRIENTE, 2003, p. 458).

Dos 07 vocábulos apenas vistos, 01 (*namaz*) tem origem persa; os demais, árabe, não indicada no DEM.

Vejam-se agora 03 vocábulos com origem atribuída ao persa, segundo o DEM.

**Caravana** – s.f. (persa *kâr wân*, via fr) 1 Grande número de peregrinos, mercadores ou viajantes que se juntam, para atravessar os desertos com segurança. 2 Grupo de pessoas que viajam ou passeiam juntas. 3 Tropa de animais de carga, especialmente camelos. 4 Grupo de veículos que viajam juntos em fila: Caravana de automóveis.

**Haji** – s.m. (persa *hâjji*) Título de muçulmano que fez o hadj, isto é, a peregrinação a Meca e Medina.

**Huri** – s.f. (persa *huri*, via fr) 1 Cada uma das mulheres dotadas de juventude virginal e beleza eternas, as quais, segundo o Alcorão, se encontram no paraíso para recompensa dos fiéis. 2 Mulher de extraordinária beleza.

O LPOA e o DAVAIR confirmam a origem persa de *caravana*. O DEA, o DEH, o DAVAIR e o LPOA apontam o árabe como língua-ponte na transmissão do vocábulo, que teria feito “escala”, ainda, no francês (DEA, DEH, DAVAIR, etapa esta também informada no DEM) ou no italiano (DEH e DAVAIR).

De acordo com o DEA, o DEH, o LPOA e o DAVAIR, *haji* é um arabismo. O DAVAIR reconstitui uma trajetória interlingüística mais extensa, que inclui o árabe, língua

em que se origina, e os intermediários turco e francês, nesta ordem. Afirma, ainda, tratar-se de um cultismo moderno por mediação do francês.

Da mesma forma, *huri*, que o DEM credita ao persa por meio do francês, é arabismo segundo o DEH, o DEA, o LPOA e o DAVAIR. Quanto às línguas-ponte, o DEM e o LPOA apontam o francês; o DEH, o persa; o DEM, o francês; o DAVAIR, ambos, o persa e o francês, nesta seqüência. Ainda de acordo com o DAVAIR, *huri* é um cultismo contemporâneo.

Assim, 02 das 03 formas analisadas constituem, em verdade, arabismos na língua persa, a qual contribui para a difusão desse vocabulário, na qual, entretanto, não encontram a origem.

Observe-se que Corriente (2003) traz como marcas diassistêmicas arabismo moderno (*amim* e *lami*), cultismo contemporâneo (*hájibe*, *huri*, *ifrite*), cultismo moderno (*haji*), tecnicismo moderno (*hatama*) e voz moderna (*laguel*), as quais ilustram a aquisição mais recente de arabismos pelas línguas ibéricas, não restrita, portanto, à fase do contato direto entre muçulmanos e nativos, durante a Idade Média. O DEH efetivamente data o primeiro registro de que se tem notícia para *haji* e *huri*, respectivamente, em 1958 e 1873.

Os 06 vocábulos seguintes ocorrem no DEM com a acepção concernente ao mundo árabe, mas não estão dicionarizados nem no DEA, nem no DEH, nem no DCM nem no LPOA. Registram-se apenas no DAVAIR, em cujas informações nos respaldamos para as observações que aqui se fazem.

**Hájibe** - s.m. Primeiro-ministro, nas antigas cortes dos califas da Espanha.

**Hatama** – s.m. Lugar do inferno, onde, segundo o Alcorão, são lançados os difamadores.

**Laguel** – s.m. Pequena embarcação do mar da Arábia.

**Lami** – s.m. Turco nobre que, nas cidades da Palestina, desempenhava as funções de juiz.

**Taful** – s.m. (armênio *thaphur*) 1 Homem casquilho, janota, peralta. 2 p us Jogador por ofício ou por hábito. 3 O que conhece bem o seu ofício. Adj. 1 Casquilho, janota, loução, luxuoso. 2 Festivo, alegre. Fem: tafula. Pl: tafuis.

**Tará** – s.m. Estofa com que envolvem a cabeça e o pescoço as mulheres egípcias de categoria.

Segundo o DAVAIR, *hájibe* constitui um arabismo (<ár. *hājib*), sendo um cultismo contemporâneo registrado apenas em Moraes, assim como *hatama*, tecnicismo moderno, mal transcrito do ár. *hutamah*.

Para *laguel*, voz moderna, o DAVAIR aponta um problema de documentação, questionando a origem persa em *lāgar* ‘magro’ proposta por Dalgado.

De acordo com o DAVAIR, *lami*, arabismo moderno posterior à fase andalusina de contato árabo-românico, compartilha étimo com *amim* ‘prefeito ou magistrado’, dicionarizado apenas em Moraes.

Já *taful* é, segundo o DAVAIR, vocábulo de origem armênia (< arm. *tagavor*), introduzido na língua portuguesa por intermédio da língua árabe (ár. *takfūr*), cuja função é, portanto, a de língua ponte.

Por sua vez, *tará*, segundo o DAVAIR, resulta de étimo árabe da variedade diatópica egípcia (ár. egip. *tarhah*), constituindo vocábulo mal assimilado e mal acentuado documentado somente em Moraes.

Observe-se que o DEM dicionariza 02 vocábulos empregados em referência a Ocidentais, com os quais História pôs arabófonos em contato em diversas oportunidades: *franges* (com as variantes *frangues* e *franques*) e *sidi*.

**Franges** – s.m.pl. 1 Nome com que no Oriente designavam os cristãos europeus. 2 Estrangeiros. Var: *frangues* e *franques*.

**Frangues** – s.m.pl. V. *franges*.

**Franques** – s.m.pl. V. *franges*.

**Sidi** – s.m. 1 Tratamento que se coloca diante do nome próprio de um muçulmano árabe de alto mérito ou de linhagem nobre. 2 Senhor, quando aplicado por um árabe a um estrangeiro.

O DEM aponta uso exclusivamente no plural do vocábulo resultante do árabe *firanj*, ‘estrangeiro’, originado, na verdade, no frâncico *frank*, inicialmente empregado na designação dos habitantes do Império Carolíngio e, posteriormente, no século XII, na designação dos cruzados.<sup>87</sup> *Sidi*, do árabe *sidi*, com *sayyid* como variante, é a forma de tratamento correspondente, em português, a ‘senhor’ (Sr.).

No que respeita ao universo afro-muçulmano, ilustram problemas de atribuição de origem a vocábulos que designam suas peculiaridades alguns termos encontrados no DEM.

**Açumi** – s.m. Folc. Festa do jejum, da abstinência alimentar, no culto malê.

**Ai-a-sari** – s.f. (do malê) Folc. Terceira salá, rezada à tarde. Pl: ai-a-saris.

**Alfá** – s.m. Sacerdote, entre os negros maometanos do Senegal.

**Alicali** – s.m. Diretor espiritual, entre os negros malês.

---

<sup>87</sup> Peters (2004) informa ser esta, *firanj*, a designação genérica para estrangeiros europeus, em oposição a *rumi* ‘romanos’, designativa dos bizantinos, empregando aquela na designação dos cruzados ao perceber a diferença entre estes inimigos.

**Alufá** – s.m. (iorubá *alufa*) 1 Doutor, teólogo ou intérprete do Alcorão. 2 Negro maometano que pratica o islamismo de mistura com práticas feiticistas. 3 Folc O mesmo que babalorixá.

**Sacá** – s.m. Reg. (BA) Presente que era trocado por ocasião do término do grande jejum dos malês.

**Sará** – s.f. Missa dos malês.

**Limamo** – s.m. Chefe de culto dos malês.

**Machacali** – s.m. Casa de oração dos malês.

**Malinu** – s.m. Doutor, entre os mouros da África Oriental.

**Tecebá** – s.m. Rosário dos malês, de meio metro de comprimento e 99 contas de madeira, terminando numa bola em vez de cruz; teçubá; teçuda.

**Teçubá** – s.m. V. tecebá.

**Teçuda** – s.m. V. tecebá.

**Tessuda** – sf Rosário usado pelos malês.

Ao tratarmos dos arabismos introduzidos pelos escravos islamizados no português brasileiro (seção 2.3.5.2), citaram-se *açumi* e *ai-a-sari*, ambos dicionarizados no LPOA. Registra-se *açumi* sem indicação de origem no DEM e equivocadamente atribuído ao haussá no DEA e no DEH. *Ai-a-sari*, como já se disse, tem origem genericamente creditada ao “malê” no DEM e ao árabe no DEA.

*Alicali* é arabismo, segundo o DEA, o LPOA e o DAVAIR, de acordo com o qual está documentado em Moraes, ilustrando a presença de arabismos em línguas africanas (CORRIENTE, 2003, p. 129).

Encontramos *alfá* ‘Sacerdote, entre os negros maometanos do Senegal’ apenas no DEM, com acepção parcialmente coincidente, na função religiosa e na procedência oeste-africana, com as registradas para *alufá* no DEA ‘1. Sacerdote do culto dos negros malês ou muçulmis, em nosso país’ e no DEH ‘1. [...] chefe religioso muçulmano negro trazido do Noroeste da África (haussá, tapa, bornu etc.)’. Pode, entretanto, tratar-se *alfá* de variante de *alufá*, resultante de síncope da vogal pretônica. *Alufá*, por sua vez, figura como arabismo no LPOA e no DAVAIR, como provavelmente árabe no DEH, como de origem africana, possivelmente árabe, no DEA e iorubá no DEM. O DAVAIR critica, entretanto, sua caracterização, feita por Machado, como arabismo africano sem indicação da língua ponte nem do étimo árabe (CORRIENTE, 20003, p. 210).

O DEM, assim como o DEA, não traz indicação de origem para *sacá* ‘presente trocado ao final do grande jejum dos malês’, ao passo que o DEH aponta origem africana, de

étimo obscuro. Figura *sacá* no LPOA, com *sará* como variante. No DEM e no DEA, entretanto, *sará* está registrado como outro vocábulo, com a acepção de ‘missa malê’, que a *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana* (LOPES, 2004, p. 609) informa ser geralmente realizada duas vezes por ano, em comemoração do aniversário de algum acontecimento especial ou em homenagem aos mortos, originando-se o termo no haussá *sara* ‘canto’, ‘sermão’, ‘discurso’; ‘verso corânico entoado ritualisticamente’.

Apenas o DEM registra *limamo* ‘chefe do culto dos malês’, trazendo o LPOA o vocábulo *lemano* (< ár. *al-imām*), ‘imame, ministro da religião islâmica’, dentre cujas variantes figura *limano*. Compartilham ambas as formas os traços do sacerdócio e do islamismo, o que nos leva a crer tratar-se *limano* de variante de *lemano*, um arabismo, portanto.

O mesmo ocorre com *machacali*, dicionarizado no DEM, como ‘casa de oração dos malês’, que o DEA e o DEH trazem por étimo o haussá *masallaci* ‘mesquita’ e o LPOA registra como *maçalassi* (< ár. *musall(a)*) ‘oratório’. *Machacali* constituiria, assim, variante de *maçalassi*.

Já *malinu*, ‘doutor, na África Oriental’, está documentado apenas no DEM. Talvez o morfema lexical resulte do árabe *mu'allim* ‘professor, instrutor’, étimo do arabismo português *malê*. Na África Ocidental, encontram-se as formas *mallam* e *mala*, de que é redução, com a acepção de ‘doutor, professor’, empregadas por quem é reconhecidamente letrado (REICHERT, 1970, p. 110, 112).

O vocábulo *tecebá* (e variantes *teçubá*, *teçuda*), ‘rosário malê com 99 contas’, encontra-se dicionarizado no DEM e no DEA, assim como no LPOA (com as variantes *teçuba* e *tessubá*). O DEH registra *teçubá* (*tecebá*). O DEM não traz indicação de origem, o DEA informa origem iorubá, o DEH, origem obscura, iorubá, citando Cacciatore. O DEM registra, ainda, *tessuda* com acepção mais genérica de ‘rosário malê’, não o relacionando à variante gráfica *teçuda*, que, entretanto, aponta como variante fonética de *tecebá*, em cuja definição indica especificidades morfológicas do referente.

Sistematizando os problemas apenas descritos, relativos à atribuição de origem a arabismos nos dicionários gerais da língua portuguesa em que foi investigada, temos que:

O DEM dicionariza arabismos, sem, entretanto, reconhecer-lhes a origem, ainda que a sua acepção remeta ao universo islâmico, árabe ou africano.

Estas formas encontram-se assistematicamente registradas no DEA e no DEH, deixando entrever lacunas nos conhecimentos sobre o contato lingüístico-cultural português-árabe, tanto na Península Ibérica quanto no Brasil.

Esse fato é corroborado pela equivocada atribuição de origem, ao persa e ao turco, por exemplo, mas também a línguas africanas, quais o haussá e o iorubá, intermediárias na introdução de empréstimos árabes na língua portuguesa.

O registro de variantes como vocábulos distintos constitui mais uma conseqüência do desconhecimento, pela Lexicografia brasileira, da expansão da língua árabe no mundo e do seu legado lexical ao Ocidente.

Quanto às obras de referência consultadas, o freqüente registro de arabismos que Corriente (2003) aponta como dicionarizados exclusivamente em Moraes leva-nos a supor a sua consulta sistemática na dicionarização destes vocábulos no DEM, ficando por esclarecer, entretanto, a sua não identificação enquanto arabismos nesta obra, provavelmente resultante da incerteza quanto às proposta etimológicas propostas por Moraes.

Retomando o conjunto de 08 produtos lexicográficos brasileiros em que a dicionarização de arabismos foi analisada, observa-se que, com efeito, as fontes secundárias consideradas nas suas referências demonstram não constituírem fontes adequadas de consulta, seja pela sua desatualização, seja pelo objeto descrito, nem sempre coincidente com o do influxo árabe nas línguas peninsulares e, particularmente, na língua portuguesa (MARANHÃO, 2010b). Este constitui o quinto problema da dicionarização de arabismos pela Lexicografia brasileira aqui apresentado.

O *Dicionário Etimológico Resumido* (NASCENTES, 1966, p. xv) registra o *Dictionnaire des Mots Espagnols et Portugais Derivés de l'Arabe* (ENGELMANN; DOZY, 1869), o *Glosario Etimológico de las Palabras Españolas de Origen Oriental* (EGUÍLAZ Y YANGUAS, 1886), o *Glossário Luso-Asiático* (DALGADO, 1919-1921), além do *Vocabulaire Arabo-Français, à l' Usage des Étudiants* (BELOT, 1898).

Apesar de obras clássicas de consulta indispensável para estudiosos do assunto, os dicionários de Engelman-Dozy (1869) e de Eguílaz y Yanguas (1886) são criticados pela metodologia empregada em sua elaboração, notadamente pelo desconhecimento da dialetologia árabe que revelam seus autores (a exceção de Dozy), pelos sistemas de transliteração por eles usados (cf. seção 2.2.4), além de a metodologia se basear freqüentes vezes na correspondência fonética e semântica, hoje preterida pelo efetivo registro dos arabismos em documentação remanescente, preferencialmente sujeita à edição crítica (CORRIENTE, 1996, p. 03; CORRIENTE, 2003, p. 20; CORRIENTE, 2006, p. 86-89).

Não dispomos de maiores informações acerca da obra de Belot (1898), mas, a julgar pela sua finalidade didática, e pelas línguas descritas, é pouco provável a sua adequação no estabelecimento da origem árabe de formas portuguesas. Quanto ao glossário de Dalgado

(1919-1921), vale lembrar que a ênfase de seus estudos se deu no sentido inverso, particularmente na interferência do sistema lingüístico português em línguas asiáticas, não incidindo, portanto, sobre os arabismos peninsulares.

Às fontes secundárias consultadas na elaboração do *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (CUNHA, 1982, p. xviii), no que concerne aos vocábulos portugueses originados a Oriente, fazem-se as mesmas ressalvas. Além do glossário de Dalgado (1919-1921), Cunha registra o dicionário *Hobson-Jobson* (YULE-BURNELL, 1968-1969 [1903]), que registra vocábulos ingleses em uso na Índia bem como termos de línguas indianas introduzidas no inglês, à época em que o país asiático integrava o Império Britânico. Dentre as obras consultadas, há *Les Emprunts Directs Faits par le Français à l'Arabe Jusqu'à la Fin du XIII<sup>e</sup> Siècle* (SGUAITAMATTI-BASSI, 1974), trazendo arabismos do francês medieval como objeto. Em verdade, portanto, o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* não registra, nas referências bibliográficas, qualquer obra especializada em arabismos ibéricos ou portugueses.

A obra *Arabismos: uma Mini-Enciclopédia do Mundo Árabe* (FRANCA, 1994, p. 185-189) registra 100 títulos nas referências bibliográficas, dentre os quais o *Dicionário Etimológico de la Lengua Castellana* (COROMINAS, 1967), até bem pouco tempo a obra mais confiável no assunto (CORRIENTE, 1996, p. 03) e a *Influência Árabe no Vocabulário Português* (MACHADO, 1958-1961). Verifica-se, aqui, a especialização da literatura consultada, adequada para a identificação de vocábulos portugueses de origem médio-oriental, sujeita apenas à atualização proporcionada pela continuidade das investigações acerca dos arabismos no domínio românico.

Já o *Dicionário de Termos Árabes* (VIEIRA, 2006) não apresenta quaisquer obras específicas sobre o contato português-árabe. Pauta-se nos arabismos assim identificados no *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (CUNHA, A. G. da, 1982), com posterior consulta acerca deste vocabulário em outras obras. As referências trazem apenas 08 títulos, alguns dos quais desatualizados (VIEIRA, 2006, p. 215). Além do *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (CUNHA, A. G. da, 1982), registram-se as edições mais recentes dos dicionários *Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1999) e do *Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 1998). Há, entretanto, o *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras* (1976), o *Lello Universal: Dicionário Luso-Brasileiro* (s/d) e o *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (s/d.), além da

*Enciclopédia Universal* (1969) e da *Grande Enciclopédia Delta-Larousse* (1977) (cf. seção 2.2.2).

Considerando-se a sua publicação mais recente, há de se criticar veementemente a exclusão de obras imprescindíveis, quais o *Diccionario de Arabismos y Voces Afines en Iberorromance* (CORRIENTE, 2003) e o *Dicionário Houaiss da língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001), aquela por resultar de décadas de pesquisa sobre o contato árabe-romances peninsulares produzida pela maior autoridade em árabe andalusino e em arabismos ibéricos na atualidade, esta por atribuir especial atenção à etimologia e à datação dos vocábulos que registra.

Já a constituição da nomenclatura do *Léxico Português de Origem Árabe* (VARGENS, 2007) e a atualização dos dados registrados em seus verbetes se refletem na rica bibliografia especializada. Citem-se apenas algumas, a título de exemplo: *Dicionário Etimológico dos Vocábulos Portugueses Derivados do Árabe* (BASILE, s/d), *El Legado Árabe del Español en Cuba* (BERNAL, 1988), *Aspectos da Influência Árabe na Língua Portuguesa* (CHEDIAK, 1972), *Los Arabismos del Portugués* (CORRIENTE, 1996), *Diccionario de Arabismos y Voces afines en Iberorromance* (CORRIENTE, 1999), *Glossaire des Mots Espagnols et Portugais Derives de l'Arabe* (DOZY e ENGELMANN, 1974 [1869]), *Glosario Etimológico de las Palabras Españolas* (EGUILLAZ Y YANGUAS, s/d), *Contribuição para o estudo das palavras portuguesas derivadas do árabe hispânico* (FARINHA, 1973), *Arabismos: uma Mini-Enciclopédia do Mundo Árabe* (FRANCA, 1994), *Comentários a Alguns Arabismos do Dicionário de Nascentes* (MACHADO, 1940), *Influência Árabe no Vocabulário Português* (MACHADO, 1958-1961), *Ensaio Árabe-Portugueses* (MACHADO, s/d), *Vocabulário Português de Origem Árabe* (MACHADO, s/d), *Arabismos entre os Africanos na Bahia* (MICHAELE, 1968), *Emprunts Lexicologiques du Français à l'Arabe, des Origines Jusqu'à la Fin du XIX<sup>e</sup> Siècle* (NASSER, 1966), *Los Arabismos del Español en el Siglo XIII* (NEUVONEN, 1941), *Influências Orientais na Língua Portuguesa* (NIMER, 1943), *El Vocabulario de Pedro de Alcalá* (PEZZI, 1989), *A Influência do Árabe na Língua Portuguesa* (RIBEIRO, 1927), *Sobre Alguns Arabismos do Português* (WAGNER, 1934) e *Mil Palavras Árabes na Língua Portuguesa* (ZAIDAN, 1982) (VARGENS, 2007, p. 261-272).

As referências indicadas nos dicionários gerais de língua portuguesa consultados, entretanto, não contemplam o tema em questão. Com efeito, a versão impressa do dicionário *Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 1998) não apresenta a bibliografia empregada na elaboração da obra. A versão impressa do *Novo Aurélio Século*

XXI: o *Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1999, p. 2111-2128), apesar do registro de farta bibliografia, apresenta numerosas referências da literatura de expressão portuguesa, europeia, africana e brasileira, empregadas nas abonações. Já a versão impressa do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2914-2922) indica apenas, no que concerne à língua árabe, o *Dicionário Árabe-Português-Árabe* (SABBAGH, 1988) e o *Dictionnaire Français-Arabe* (SAISSE, 1950).

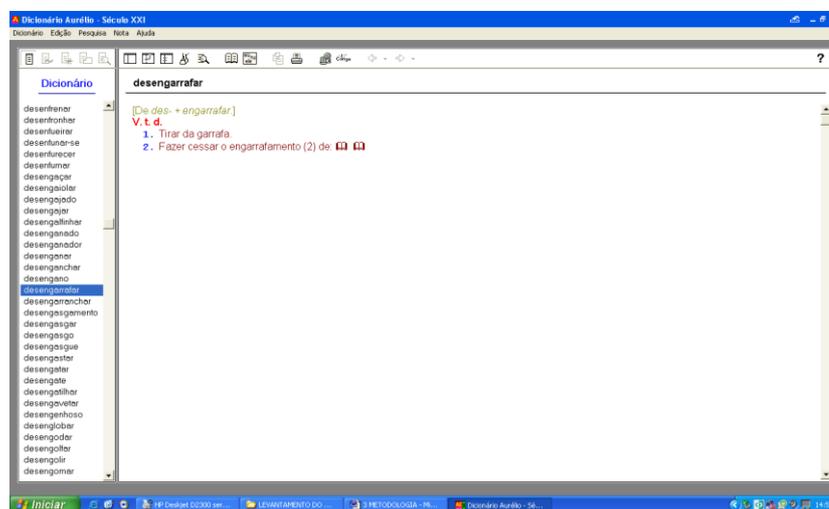
As fontes secundárias em geral consultadas pela lexicografia brasileira, no que se refere aos arabismos portugueses, se caracterizam, portanto, simultaneamente pela desatualização, face à divulgação de pesquisas mais recentes, e à inadequação do conteúdo das poucas obras registradas nas referências bibliográficas.



A restrição temporal ao período de publicação das obras lexicográficas em que se buscaram os arabismos as restringe àquelas de cujos verbetes se espera atualização, além de estarem mais facilmente disponíveis para aquisição ou consulta na comunidade lingüística. Constituem obras respeitadas pelos consulentes, sendo que o prestígio das mesmas leva à sua receptividade e efetiva consulta (PEIXOTO, 2007, p. 96).

A opção pela versão eletrônica dos dicionários visa a otimizar o levantamento e a análise dos dados, tendo em vista os objetivos definidos, sem prejuízo para a pesquisa, dado os editores afirmarem ser a versão eletrônica de cada obra reprodução integral da sua versão impressa. A figura 04 traz a janela com o verbete do DEA (FERREIRA, 1999) para o arabismo derivado *desengarrafar*.

Figura 04 – Arabismo registrado no DEA



Fonte: FERREIRA, 1999.

As fontes são, portanto, secundárias, lexicográficas, metalingüísticas e informatizadas (PORTO DAPENA, 2002, p. 104-117).

Os arabismos dicionarizados na versão eletrônica das obras *DICMAXI Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 1998), *Dicionário Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1999) e *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOAUISS; VILLAR, 2001) foram manualmente buscados nas obras-fonte, ainda que com o concurso do computador para o registro dos dados, com base nos critérios especificados a seguir:

a) Procedeu-se ao levantamento dos vocábulos identificados no *DICMAXI Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 1998), no *Dicionário Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1999) e *Dicionário*

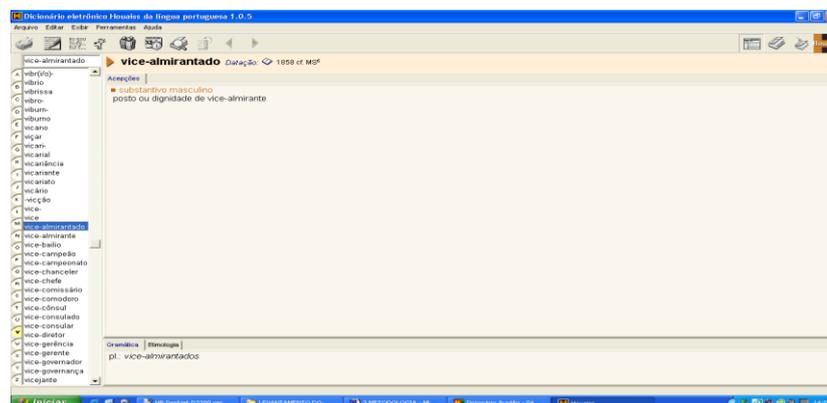
*Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001) como de origem árabe ou cuja introdução na língua portuguesa se deu por meio da língua árabe;

b) Não se colheram, portanto, vocábulos cuja etimologia proposta nos dicionários citados não remeta à língua árabe, ainda que a sua acepção esteja relacionada ao universo político, sócio-cultural ou religioso arábico-islâmico ou afro-muçulmano;

c) Levantaram-se apenas vocábulos que constituem entrada de verbete, pela importância que lhes atribuem as obras que os encerram;

d) Consideraram-se formas básicas, derivadas e compostas, uma vez que a produtividade lexical é indicativa da integração de empréstimos à língua que os adota, conforme ilustra a figura 05, que traz a janela com o verbete para vice-almirantado do DEH (HOUAISS; VILLAR, 2001);

Figura 05 – Arabismo documentado no DEH



Fonte: HOUAISS; VILLAR, 2001.

e) Femininos porventura registrados como verbetes distintos do seu correspondente masculino (*zagal* e *zagala*, registrados no DEM e no DEA), ainda que sua acepção lhe seja equivalente, foram registrados separadamente, constituindo entrada à parte;

f) Variantes formais ou gráficas de um mesmo vocábulo constituíram entradas separadas, quando assim dicionarizadas (como *xamata* e *xamate*, ambos ‘xeque-mate’, segundo o DEM, ou *zagaleta* e *zagaleta*, registrados no DEM, no DEA e no DEH, ou *zénite* e *zênite*, documentadas no DEA);

g) Foram mantidas como entradas distintas variantes cujas acepções coincidam apenas parcialmente (a exemplo, no DEM, de *zargo* ‘cavalo que tem um ou os dois olhos brancos’ e *zarco* ‘1. que tem olhos azul-claros; 2. cavalo que tem mancha branca em redor de um ou dos dois olhos’);

h) Foram consideradas formas híbridas (como a árabe-tupi *limãorana*, registrada no DEM, DEA e DEH), testemunho da integração de línguas em contato;

i) Não se consideraram topônimos, etnônimos, antropônimos e adjetivos pátrios, dada a rara indicação etimológica de tais formas;

j) Consideraram-se, dentre os termos da Química, apenas aqueles que rotulam elementos e produtos químicos nos quais o arabismo se encontra integralmente preservado (tais como *hexálcool* e *hidrálcool*, mas não *hexol*, registrados no DEM);

k) Não se consideraram elementos de composição isolados (como *cafei-*, *cafeo-*, registrados no DEM);

O controle do levantamento foi feito mediante o preenchimento de uma ficha própria para este fim, a qual permite o concomitante controle do número de arabismos levantados por letra e o total dos mesmos por obra. Veja-se a figura 06 abaixo.

Figura 06 – Ficha para análise quantitativa dos arabismos registrados no DEA por letra/obra

<b>ARABISMOS NO DEA</b>					
<b>Letra Inicial</b>	<b># de itens</b>	<b># f. básicas (%)</b>	<b># f. derivadas (%)</b>	<b># f. compostas (%)</b>	<b># f. com outras marcas (%)</b>
<b>A</b>					
<b>B</b>					
<b>C</b>					
<b>D</b>					
<b>E</b>					
<b>F</b>					
<b>G</b>					
<b>H</b>					
<b>I</b>					
<b>J</b>					
<b>K</b>					
<b>L</b>					
<b>M</b>					
<b>N</b>					
<b>O</b>					
<b>P</b>					
<b>Q</b>					
<b>R</b>					
<b>S</b>					
<b>T</b>					
<b>U</b>					
<b>V</b>					
<b>W</b>					
<b>X</b>					
<b>Y</b>					
<b>Z</b>					

Fonte: Elaborada pela autora.

Do levantamento dos arabismos na versão eletrônica dos dicionários *DICMAXI Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 1998), *Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1999) e *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001) constituíram-se listas parciais de arabismos iniciados por cada letra do alfabeto, conforme registro nestas obras, separadamente, como ilustrado na figura 07 a seguir:

Figura 07 – Arabismos iniciados pela letra Z registrados no DEM

Z
ZAGA 2 - sf (ár sâqa, via cast zaga) Esp Nome que, no futebol, se dá à posição dos três ou quatro jogadores da defesa, que ficam entre a linha média e o arco.
ZAGAL - sm (ár zagal) 1 Pastor, pegureiro. 2 Ajudante do maioral dos pastores.
ZAGALA - sf Pastora, feminino de zagal.
ZAGALEJO - sm (de zagal) O mesmo que zagaletto.
ZAGALESCO - adj (zagal+esco) Que diz respeito a zagal.
ZAGALETA - sf (de zagal) Diminutivo de zagala.
ZAGALETE - (ê) sm (dim de zagal) Zagaletto.
ZAGALETO - sm (de zagal) Diminutivo de zagal.
ZAGUEIRO - sm (zaga+eiro) Esp Jogador da zaga, no futebol.
ZAINO - adj (ár Sâin) 1 Diz-se do cavalo de cor castanho-escuro, sem mescla, e do que não tem manchas brancas. 2 Que tem pêlo preto pouco brilhante. 3 Velhaco, retraído.
ZAMBOA - sf (ár zambûa, do berbere) 1 Espécie de cidra. 2 fig Pessoa estúpida.
ZAMBOEIRA - sf (zambo+eira) Bot Árvore brasileira que produz zamboas.
ZAMBUCO - sm V sambuco.
ZAMBUJAL - sm (zambujo+al3) V azambujal.
ZAMBUJEIRO - sm (zambujo+eiro) Bot V azambujeiro.
ZAMBUJO - sm (ár zabbûj) V azambujo.
ZARABATANA - sf (ár zarbatânâ) Canudo comprido pelo qual se arremessam, com sopro, setas, bolinhas e outros projéteis.
ZABARATANADA - sf (zarabatana+ada1) Tiro de zarabatana.
ZARAGATOA - sf (cast zaragatona, do ár bazr qatûnâ) 1 Pincel ou esponja na ponta de um cabinho que se usa para aplicar colutórios. 2 O medicamento aplicado com estes objetos. 3 Bot Nome comum a duas plantas plantagináceas, a zaragatoa-maior ( <i>Plantago cynops</i> ), e a zaragatoa-menor ( <i>Plantago psillium</i> ).
ZARCÃO - sm (ár zarqûn) 1 Quím V mínio. 2 Cor de laranja ou de tijolo, muito viva.
ZARCO - adj (ár zarqa) 1 Que tem olhos azul-claros. 2 Diz-se do cavalo que tem mancha branca em redor de um ou dos dois olhos.
ZARGO - adj (de zarco) Diz-se do cavalo que tem um ou os dois olhos brancos.
ZEDOÁRIA - sf (ár zadwâr) Planta herbácea medicinal, da família das Zingiberáceas ( <i>Curcuma zeduaria</i> ).
ZEDOARINA - sf (zedoária+ina) fam Extrato amargo de zedoária.
ZENITAL adj m+f (zênite+al2) Que diz respeito ao zênite.
ZÊNITE - sm (ár samt, via fr zénith) 1 Astr O ponto em que a vertical de um lugar encontra a esfera celeste acima do horizonte. 2 fig O ponto mais elevado que se pode atingir; auge, fastígio. Antôn: nadir.
ZERAR - (zero+ar2) vtd 1 Reduzir a zero; tornar nulo: Suas palavras zeraram nossos argumentos. 2 Reduzir (conta bancária) a zero. 3 Dar nota zero a: Com certa frustração, o professor obrigou-se a zerar metade da classe. 4 Saldar, liquidar: A meta do Governo é zerar o déficit público.
ZERINHO - (ê) adj (dim de zero) bras pop Novo em folha: Carro zerinho.
ZERO - sm (ár Sifr, via ital zéro) 1 Algarismo em forma de 0, sem valor absoluto, mas que, à direita dos outros, lhes dá valor décuplo. 2 Nada. 3 Ponto em que se inicia a contagem dos graus, principalmente nos termômetros. 4 Pessoa ou coisa sem valor. Z. absoluto, Fís: a temperatura mais baixa possível, aproximadamente -273,13°C. Z à esquerda: pessoa sem valor; zero, nada. Z. hidrográfico: nível de referência para indicar a altura da maré.
ZERO-QUILÔMETRO - adj m+f sing e pl bras 1 Diz-se de automóvel novo, que ainda não foi rodado. 2 Diz se de aparelho sem uso; novo. sm sing e pl Automóvel que ainda não foi rodado.
ZEROVALENTE - adj m+f (de zero+valer) Que tem a valência zero.
ZIBETA - sm (ár zabad) Zool Nome comum a várias espécies do gênero <i>Viverra</i> : a <i>Viverra zibetha</i> , da Índia, e algumas, das ilhas adjacentes, cujas peles são apreciadas na confecção de guarnições de vestuários, regalos, cobertas, tapetes etc.
ZINABRE - sf (ár zinjafr) V azinhavre.
ZIRCÃO - sm (ár zarqûn) Silicato natural de zircônio que ocorre geralmente em forma de prismas quadrangulares, de cor castanha ou cinzenta.
ZIRCONITA - sf (zircão+ita3) Miner Variedade de zircão, que consiste em silicato de zircônio.
ZIRZELIM - sm (ár vulg jijilân) V gergelim.

Fonte: Lista elaborada pela autora com dados do DEM (MICHAËLIS, 1998).

Para o cotejo do registro dos arabismos, foi empregada uma ficha específica (figura 08), com a discriminação dos vocábulos levantados no conjunto das 03 obras-fonte,



2001) resultaram, ainda, listagens com as formas dicionarizadas no conjunto destas obras, conforme os critérios anteriormente especificados.

Os arabismos então levantados são apresentados, na seção de análise dos dados, por ordenação alfabética, em verbetes assim constituídos: entrada com cada um dos arabismos levantados, independentemente de pertencerem ou não à língua padrão; informações gramaticais (classe de palavras a que o vocábulo pertence; gênero e número; transitividade verbal, por exemplo); acepção ou acepções registradas nas obras consultadas; identificação das obras em que cada forma se encontra dicionarizada e, se houver, a(s) variante(s) com a(s) respectiva(s) obra(s) em que estão documentadas, conforme ilustram os verbetes a seguir.

**Imanado** – s.m. 1. Título, função, cargo ou dignidade de imã. 2. Território governado por imã. 3. Missão do imã enquanto chefe espiritual de muçulmanos. (DEM, DEH). Var.

**Imanato** (DEM, DEH); **imamado** (DEH); **imamato** (DEH).

**Jarra** – s.f. 1. Recipiente para líquidos, em geral com asa e bico. 2. Vaso ornamental para flores. 3. Ant. Recipiente, de madeira ou ferro, para depósito de água potável de marinheiros. sm. 4. velho ridículo; jarreta. (DEM, DEA, DEH).

**Oxalá** – interj. Tomara; Se Deus quiser. (DEM, DEA, DEH).

**Pan-arabista** - adj. 1. Relativo ao pan-arabismo. adj. e s.2g. 2. Adepto do pan-arabismo. 3. Especialista em pan-arabismo. (DEM, DEA, DEH).

**Uádi** – s.m. Leito ou vale de rio em regiões desérticas da Ásia e da África que se enche temporariamente na estação chuvosa. (DEM, DEH) Var. **Uade** (DEM, DEH); **Uede** (DEM); **Uédi** (DEH).

**Ultramuçulmano** – s.m 1. Muçulmano ao extremo. Fig. 2. Mais fatalista que os muçulmanos. (DEM).

**Váli** – s.m. Governador de província, entre os árabes. (DEM, DEA, DEH). Var. **Vale** (DEM); **uale** (DEM, DEA, DEH); **uáli** (DEA, DEH).

A reprodução, aqui, do(s) sentido(s) dos arabismos tem por objetivo apenas informar o conteúdo semântico que encerram. Constitui resumo do conjunto das acepções encontradas no DEM, DEA e DEH, sem, entretanto, especificar que conteúdo semântico está registrado em cada obra.

A análise dos dados, realizada separadamente pela letra por que se iniciam os arabismos, é encabeçada pelo rol de itens lexicais correspondentes.

Coligidos os arabismos cuja dicionarização seria investigada, cotejou-se o seu registro nas obras *DICMAXI Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*,

*Dicionário Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa e Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* com o que documentam as obras *Léxico Português de Origem Árabe: Subsídios para Estudos de Filologia* (VARGENS, 2007) e *Diccionario de Arabismos y Voces Afines em Iberorromance* (CORRIENTE, 2003), buscando a abrangência do vocabulário contemplado em cada obra e a pertinência da atribuição de origem dos vocábulos levantados.

Assim, a análise qualitativa dos arabismos foi realizada, contrastivamente, considerando-se os vocábulos documentados nos instrumentos lexicográficos consultados, com base na Etimologia (origem atribuída aos vocábulos) e na Lexicografia (dados registrados nos verbetes) em pesquisa de natureza bibliográfica.

Analisaram-se, desta forma:

- a) a dicionarização dos arabismos levantados em cada obra considerada;
- b) a pertinência das trajetórias interlingüísticas propostas, a partir do cotejo com estudos mais recentes;
- c) a dicionarização de formas derivadas e compostas, indicativas da integração dos arabismos à língua portuguesa;
- d) a identificação, enquanto empréstimos ou estrangeirismos, dos arabismos dicionarizados.

Já para as análises quantitativas foram aplicados cálculos estatísticos básicos, que possibilitaram conhecer:

- a) o percentual de formas registradas em cada obra-fonte (quantidade de itens por letra e estrutura morfossintática);
- b) o percentual de arabismos registrados por obra, considerando-se o conjunto das obras-fonte.

Assim, a análise dos dados traz, por letra, as seguintes informações: total de formas encontradas; dados sobre etimologia e trajetória interlingüística dos arabismos, segundo o LPOA e o DAVAIR; percentual de registro e itens dicionarizados em cada obra-fonte; registros comuns ao DEM, DEA e DEH e exclusivos de cada produto lexicográfico considerado; análise da estrutura morfossintática dos arabismos, classificados como formas básicas, derivadas ou compostas; distribuição da dicionarização dos arabismos, com base na sua morfossintaxe.

No que respeita à classificação morfossintática dos arabismos, é preciso esclarecer ter se incluído cada vocábulo em uma única categoria (forma básica, derivada, composta ou “outra”, que reúne arabismos com marcas de gênero, número ou aumentativo/diminutivo). Assim, um vocábulo como *limãozinho-do-jardim* foi contabilizado exclusivamente como

forma composta, apesar de o arabismo trazer sufixo diminutivo. Do mesmo modo, compostos integrados por um vocábulo derivado foram classificados apenas como compostos, a exemplo de *limoeiro-galego*. Este procedimento evitou o cruzamento de critérios que elevaria o número de dados, sem, entretanto, contribuir para a visualização da abrangência da dicionarização investigada.

A definição entre forma básica ou composta de arabismos portugueses resultantes da evolução de unidades fraseológicas árabes, como *xamata 2* ou *xeque-mate* e *salamaleque*, decorre de informações gramaticais fornecidas pelos dicionários gerais brasileiros, como a sua etimologia (ár. *ashshah mât*, para *xamata 2*, segundo o DEM) ou formação de plural (*xeques-mates* ou *xeques-mate*, de acordo com o DEH), evidenciando constituírem-se ambas as formas de duas unidades lexicais, ou, ainda, *salamaleques*, que, embora reflita a fórmula ‘a paz esteja contigo’, é dicionarizada como substantivo masculino no DEM, DEA e DEH.

A definição enquanto derivação ou composição de algumas formas decorreu da independência do segmento anexado. Assim, formas como natroborocalcita (*natro + boro + calcita*, segundo o DEH) e natroalunita (*natro + alunita*, de acordo com o DEM) foram classificadas como composição, mas *natrólita* (DEM) e *nucalgia* (DEM), como formas derivadas. A prefixação, hifenizada ou não, resultou na classificação das formas como derivadas.

Os dados levantados permitiram conhecer, ainda, aspectos lexicológicos dos arabismos portugueses documentados nos dicionários gerais brasileiros em que foram investigados, a exemplo da proporção de formas derivadas e compostas, face às básicas.

Os procedimentos descritos constituem o primeiro passo em direção à atualização do registro de arabismos pela lexicografia brasileira, pois constituem o seu “diagnóstico”, o levantamento das divergências, a identificação de lacunas e a indicação de novas informações trazidas pela Filologia Árabo-Românica, nos últimos anos.

Com efeito, o fato de a etimologia não constituir a prioridade de um produto lexicográfico, e, portanto, vir apenas sucintamente informada, não o desobriga da precisão que esta deve encerrar, ou, como disse Françoise Quinsat a respeito da dicionarização de arabismos na versão eletrônica do *Tesouro da Língua Francesa* (2005, p. 2, tradução livre nossa): “É dever dos lexicógrafos do TLF continuar a investigar [os arabismos] e fornecer notícias [etimológicas] que podem, com efeito, ser breves desde que exatas”.<sup>88</sup>

---

<sup>88</sup> Et il est du devoir des lexicographes du TLF de continuer à viser juste et à fournir des notices qui peuvent tout à fait être partielles tout en étant exactes.

#### 4 ANÁLISE DOS DADOS

Apresentam-se a seguir a descrição e a análise dos arabismos iniciados pelas letras B a Z dicionarizados na versão eletrônica das obras *Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa: o Dicionário da Língua Portuguesa* e *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, expostas segundo ordenamento alfabético.

#### B

**Badana 1** – s.f. 1. Ovelha velha e magra que já não procria. 2. A carne desta ovelha. 3. Pele macia e lavrada colocada sobre o coxonilho. 4. Pelanca. (DEM, DEA, DEH).

**Badana 2** – s.m. 1. Indivíduo parvo. 2. Homem insignificante. 3. Homúnculo. (DEM). Var. **Badano** (DEH).

**Badanagem** – s.f. Grupo de cavalos velhos e magros. (DEH).

**Badanal** – s.m. 1. Balbúrdia. 2. Agitação. (DEM, DEA, DEH).

**Badanar** – v.intr. Balançar como uma badana. (DEM, DEH).

**Badanas** – s.2g.pl. 1. Ornatos nos capelos das freiras. 2. Partes compridas e estreitas pendentes de uma peça do vestuário. (DEH).

**Badaneiro** – adj. Que tem aba larga. (DEH).

**Badano** – s.m. Mesmo que badana 2. (DEH). Var. **Badana 2** (DEM).

**Badanudo** – adj. Touro cuja pele é grosseira e o pêlo irregular. (DEH).

**Badém** – s.m. Mesmo que bedém. (DEM, DEA, DEH). Var. **Bedém**. (DEM, DEA, DEH).

**Badogue** – s.m. Mesmo que bodoque. (DEA, DEH). Var. **Bodoque** (DEM, DEA, DEH); **badoque** (DEA, DEH).

**Badoque** – s.m. Mesmo que bodoque. (DEA, DEH). Var. **Bodoque** (DEM, DEA, DEH); **badogue** (DEA, DEH).

**Bafari** – s.m. Ornit. Variedade de falcão (*Falco peregrinus*). (DEM, DEA, DEH).

**Bairrismo** – s.m. 1. Qualidade de bairrista. 2. Apego ao bairro ou à própria terra. (DEM, DEA, DEH).

**Bairrista** – adj. e s2g. 1. Pessoa que mora ou frequenta um bairro. 2. Pessoa que defende veementemente o seu bairro ou a sua terra. 3. Pessoa exageradamente afeiçoada à sua cidade ou estado, menosprezando os demais. (DEM, DEA, DEH).

**Bairro** – s.m. 1. Cada uma das partes em que uma cidade é dividida. 2. Território povoado nas cercanias de uma cidade, povoado. (DEM, DEA, DEH).

**Bairro-de-lata** – s.m. Bairro ou conjunto de casas de população sócio-economicamente carente. (DEH).

**Balache** – s.m. Miner. Variedade de espinela. (DEM)

**Balda** – s.f. 1. Mania. 2. Carta sem valor ou inútil em determinada rodada de jogo. (DEM, DEA, DEH).

**Baldado** – adj. 1. Que se baldou. 2. Que malogrou. (DEA, DEH).

**Baldar** – vtd e pron. 1. Tornar(-se) baldo. pron. 2. Ir embora. pron. 3. Ignorar. intr. 4. Tagarelar. pron. 5. Negar-se, recusar-se. pron. 6. Jogar fora uma carta (baralho). (DEA, DEH).

**Balde** – s.m. Falta de utilidade. (DEA, DEH).

**Baldice** – s.f. Bobagem, tolice. (DEH).

**Baldio** – adj. 1. Infrutífero, inútil. 2. Improdutivo. (DEM, DEA, DEH).

**Baldista** – s.m. Parceiro de jogo que puxa pela balda em jogos de vaza. (DEM).

**Baldo** – adj. 1. Carecido. 2. Inútil. 3. Jogo desprovido de cartas de determinado naipe. (DEM, DEA, DEH).

**Baldoso** – adj. 1. Que tem baldas (manias). 2. Que age inutilmente. (DEM, DEA, DEH).

**Baracejo** – s.m. Bot. Planta da família das gramíneas, nativa de Portugal, cujas fibras são empregadas na fabricação de tecidos e cordas (*Stipa arenaria*). (DEM, DEH).

**Baracinho** – s.m. 1. Baraço pequeno. 2. Brincadeira infantil também conhecida como queimado. (DEM).

**Baraço** – s.m. 1. Corda ou cordel. 2. Atadura de feixe, molhos etc. 3. Corda ou laço para enforcamentos. 4. Corda para açoites. (DEM, DEA, DEH).

**Barbacã** – s.f. 1. Muro construído entre o fosso e a muralha de uma fortificação, para melhor protegê-la. 2. Frestas nas muralhas para ataque aos inimigos ou para vigiá-los. (DEM, DEA, DEH).

**Bardaxa** – s.m. Sodomita. (DEM).

**Barregana** – s.f. Tecido de lã resistente usado na confecção de capas e capotes. (DEM, DEH).

**Bateada** – s.f. Mesmo que bateiada. (DEM, DEA, DEH). Var. **Bateiada** (DEM).

**Bateado** – adj. Lavado na bateia.

**Bateador** – s.m. Trabalhador que usa a bateia.

**Batear** – v.t.d. Mesmo que bateiar. (DEM). Var. **Bateiar** (DEM).

**Bateia** – s.f. Recipiente afunilado que se utiliza nos garimpos para revolver cascalho e minério em busca de pedras e metais preciosos. (DEM, DEA, DEH).

**Bateiada** – s.f. Porção de minério que uma bateia comporta. (DEM). Var. **Bateada** (DEM).

**Bateiar** – v.t.d. 1. Lavar em bateia. 2. Trabalhar com bateia. (DEM). Var. **Batear** (DEM).

**Bedém** – 1. Capa curta mourisca sem mangas. 2. Capa de chuva de couro, junco, etc. (DEM, DEA, DEH). Var. **Badém** (DEM, DEA, DEH).

**Benjoeiro** – s.m. Bot. Mesmo que benjoeiro. (DEM, DEA, DEH). **Benjoeiro** (DEM, DEA, DEH). Var. **Benjoeiro** (DEM, DEA, DEH); **bejoim** (DEM, DEA, DEH); **benjoim** (DEM, DEA, DEH); **benjoí** (DEH); **benjuim** (DEH).

**Bejoim** – s.m. Bot. Mesmo que benjoeiro, de que é forma não preferível. (DEM, DEA, DEH). Var. **Benjoeiro** (DEM, DEA, DEH); **bejoeiro** (DEM, DEA, DEH); **benjoim** (DEM, DEA, DEH); **benjoí** (DEH); **benjuim** (DEH).

**Beldroega** – s.f. Bot. Designação comum a ervas da família das aizoáceas, das urticáceas e das portulacáceas. (DEM, DEA, DEH).

**Beldroega-da-praia** – s.f. Bot. Planta da família das aizoáceas nativa do Brasil (BA a RS) (*Sesuvium portulacastrum*). (DEA, DEH). Var. **Beldroega miúda**, acepção 1. (DEA, DEH).

**Beldroega-de-cuba** – s.f. Bot. Erva da família das portulacáceas nativa da América do Norte (*Claytonia perfoliata*). (DEA, DEH). Var. **Beldroega-de-inverno** (DEH).

**Beldroega-de-flor-grande** – s.f. Bot. erva da família das portulacáceas nativa do Brasil (SP ao RS) de cultivo ornamental (*Portulaca grandiflora*). (DEH).

**Beldroega-de-folha-grande** – s.f. Bot. planta da família das aizoáceas nativa da Austrália e Nova Zelândia (*Tetragonia expansa*). (DEH). Var. **Beldroega-do-sul** (DEH).

**Beldroega-de-inverno** – s.f. Bot. Mesmo que beldroega-de-cuba. (DEH). Var. **Beldroega-de-cuba**. (DEA, DEH).

**Beldroega-do-sul** – s.f. Bot. Mesmo que beldroega-de-folha-grande. (DEH). Var. **Beldroega-de-folha-grande** (DEH).

**Beldroega-grande** – s.f. Bot. Planta da família das portulacáceas nativa do Brasil (MG e RJ ao RS) cujas folhas e sementes são de uso medicinal (*Talinum racemosum*). (DEA, DEH).

**Beldroega-miúda** – s.f. Bot. 1. Mesmo que beldroega-da-praia. 2. Erva ereta da família das portulacáceas nativa do Brasil (*Talinum patens*). (DEA, DEH). Var. **Beldroega-da-praia** (DEA, DEH).

**Beldroega-pequena** – s.f. Bot. Erva da família das portulacáceas de origem incerta cujos caules e sementes são de uso medicinal (*Portulaca oleracea*). (DEA, DEH).

**Beldroegas** – adj.2g.2n. e s.2g.2n. Pej. 1. Pessoa tola. 2. Pessoa sem valor, inútil. (DEM).

**Beldroega-verdadeira** – s.f. Bot. Mesmo que beldroega-pequena. (DEA, DEH). Var. **Beldroega-pequena** (DEA, DEH).

**Beliz** – s.m. Ant. 1. Pessoa ladina, esperta. 2. Pessoa favorita. adj. 3. Endiabrado, sagaz. (DEM, DEA, DEH).

**Benjoeiro** – Bot. Designação comum a diferentes plantas do gênero *Styrax*, da família das estiracáceas (DEM, DEA, DEH). Var. **Beijoeiro** (DEM, DEA, DEH); **benjoim** (DEM, DEA, DEH); **beijoeiro** (DEM, DEA, DEH); **benjoí** (DEH); **benjuim** (DEH).

**Benjoí** – s.m. Bot. Mesmo que benjoim. (DEH). Var. **Benjoeiro** (DEM, DEA, DEH); **beijoeiro** (DEM, DEA, DEH); **benjoim** (DEM, DEA, DEH); **benjoim** (DEM, DEA, DEH); **benjuim** (DEH).

**Benjoim** – s.m. Bot. 1. Mesmo que benjoeiro. (DEM, DEA, DEH). Var. **Benjoeiro** (DEM, DEA, DEH); **beijoeiro** (DEM, DEA, DEH); **benjoim** (DEM, DEA, DEH); **benjoí** (DEH); **benjoim** (DEM, DEA, DEH).

**Benjuim** – s.m. Bot. Mesmo que benjoim. (DEH). Var. **Benjoeiro** (DEM, DEA, DEH); **beijoeiro** (DEM, DEA, DEH); **benjoim** (DEM, DEA, DEH); **benjoí** (DEH); **benjuim** (DEH).

**Beringela** – s.f. Bot. 1. Planta da família das solanáceas nativa da Índia (*Solanum melongena*). 2. Arbusto ou árvore encontrado no Brasil (MG, MS) (*Solanum lycocarpum*). 3. Planta da família das solanáceas nativa de regiões tropicais das Américas (*Solanum mammosum*). (DEH). Var. **Berinjela** (DEM, DEA, DEH); **beringela-roxa** (DEH).

**Beringela-branca** – s.f. Bot. Pequena planta da família das solanáceas nativa do Brasil (BA e RJ) (*Solanum ovigerum*). (DEH). Var. **Beringela-comprida-da-china** (DEH); **berinjela-branca** (DEA).

**Beringela-brissial** – s.f. Bot. Variedade de beringela de cultivo ornamental (*Solanum melongena*). (DEH).

**Beringela-comprida-da-china** – s.f. Bot. Mesmo que beringela-branca (DEH). Var. **Beringela-branca** (DEH); **berinjela-branca** (DEA); **Berinjela-comprida-da-china** (DEA).

**Beringela-roxa** – s.f. Bot. Mesmo que beringela. (DEH). Var. **Beringela** (DEH).

**Berinjela** – s.f. Bot. Mesmo que beringela, de que é forma não preferível. (DEM, DEA, DEH). Var. **Beringela** (DEH); **berinjela** (DEM, DEA, DEH).

**Berinjela-branca** – s.f. Bot. Mesmo que beringela-branca, de que é forma não preferível. (DEA). Var. **Beringela-branca** (DEH).

**Berinjela-brissial** – s.f. Bot. Mesmo que beringela-brissial, de que é forma não preferível (DEA). Var. **Beringela-brissial** (DEH).

**Berinjela-comprida-da-china** – s.f. Bot. Mesmo que beringela-branca, de que é forma não preferível (DEA). Var. **Beringela-comprida-da-china** (DEH); **Beringela-branca** (DEH); **berinjela-branca** (DEA).

**Bezoar** – s.m. s.m. 1. Pedra formada no estômago de animais usada como antídoto para venenos. 2. Antídoto preparado com esta pedra. (DEM, DEA, DEH).

**Bezoarticar** – v.t.d. Preparar com bezoártico. (DEM).

**Bezoártico** – s.m. Antídoto preparado com bezoártico. (DEM).

**Bismela** – s.f. Invocação de Alá, entre os muçulmanos. (DEM, DEA, DEH).

**Bocassi** – s.m. Mesmo que bocassim. (DEM, DEH). Var. **Bocassim** (DEH); **bocaxi** (DEM, DEH); **bocaxim** (DEM, DEA, DEH).

**Bocassim** – s.m. 1. Tecido encorpado usado como forro de tapeçarias, cortinas ou divisória de ambientes. 2. Tarlatana. (DEH).

**Bocaxi** – s.m. Mesmo que bocassim. (DEM, DEH).

**Bocaxim** – s.m. Mesmo que bocassim. (DEM, DEA, DEH).

**Bodoque** – s.m. Ant. 1. Pequena bola de argila cozida lançada como projétila partir de uma besta. 2. Besta usada no arremesso desse projétil. 3. Atiradeira. (DEM, DEA, DEH).

**Bodoqueiro** – s.m. Pessoa que usa o bodoque. (DEM, DEA, DEH).

**Bolota** – s.f. 1. Fruto do carvalho ou do azinheiro. 2. Pequena bola. (DEM, DEA, DEH).

**Bolotada** – s.f. 1. Grande quantidade de bolotas. 2. Doce da bolota. 3. Golpe dado com bolota. (DEM, DEA, DEH).

**Bolota-do-mar** – s.f. Designação comum a crustáceos marinhos encerrados em carapaça calcárea. (DEA, DEH).

**Bolotado** – s.m. Alimentado com bolotas. (DEM, DEA, DEH).

**Bolotal** – adj. Aglomerado de árvores que dão bolotas. (DEM, DEA, DEH).

**Bolotar** – v.t.d. Alimentar com bolotas. (DEM, DEH).

**Botilhão** – s.m. Alga marinha (*Fucus vesiculosus*). (DEM, DEA, DEH). Var. **Botilhão-vesiculoso** (DEH).

**Botilhão-vesiculoso** – Mesmo que botilhão. (DEH). Var. **Botilhão** (DEM, DEA, DEH).

**Brinjela** – s.f. Mesmo que beringela, de que é forma não preferível. (DEM, DEA). Var. **Berinjela** (DEM, DEA, DEH); **Beringela** (DEH).

**Burnu** – s.m. 1, Manto de lã com capuz. 2. Casaco de mangas largas com capuz. (DEM, DEA, DEH). Var. **Albornoz** (DEM, DEA, DEH); **burnus** (DEM, DEA, DEH).

**Burnus** – (DEM, DEA, DEH). Var. **Albornoz** (DEM, DEA, DEH); **burnu** (DEM, DEA, DEH).

Dos 90 arabismos iniciados pelo grafema <b>, o LPOA dicionariza *badana*, para a qual aponta origem no < ár. *badana(t)* ou < ár. *bitāna(t)*, sem apresentar-lhe derivados,

dentre os quais, entretanto, o DAVAIR registra formas encontradas no DEM, DEA e/ou DEH, especificamente *badanagem*, *badano* e *badanal*, dentre outras.

Para *badém* e *bedém*, ambos dicionarizados no DEM, DEA e DEH, o LPOA propõe origem no ár. *badan* ‘camisa sem mangas’. O DAVAIR registra apenas *bedém*. Registram ambos *bafari*, que o DAVAIR faz resultar do and. *baḥrí* < cl. *baḥrī* ‘marinheiro’. Registram ambos, ainda, *bairro*, segundo o DAVAIR evolução de um alomorfe andalusino, *bárrī*, do and. *albarráni* ‘exterior, de fora’, este do neoár. *barrānī*, formado a partir do aram. \**bārrā* ‘terra exterior’. O LPOA documenta os derivados encontrados no DEM, DEA e DEH, *barrismo* e *bairrista*, mas não o composto *bairro-de-lata* (DEH).

O LPOA não dicionariza *balache*, cuja origem o DAVAIR reporta a transcrição livresca do neoár. *balaxš*, uma redução do gentílico *balaxšī* < *Badaxš(ān)*, na Ásia Central, localidade em que se encontravam as pedras designadas pelo referido termo.

O DAVAIR registra a forma castelhana *balda* ‘coisa sem valor’ e os derivados castelhano, catalão e aragonês *baldar* s.v. *balde*, que aponta como portuguesa, verificada nas expressões *em balde* ou *de balde* e para a qual apresenta, ainda, os derivados portugueses *baldar*, *baldio*, *baldo* e *baldoso*. O DAVAIR dicionariza *baldo* e *balde*.

O LPOA registra *baraço* < ár. *marasa(t)* ‘corda’, sem apresentar-lhe derivados. O DAVAIR reporta, para as formas portuguesas *baraço* e *baraça*, o sentido de ‘medida de longitude’, provavelmente resultantes da evolução do ár. *marasah*, ‘corda’, não atestado em andalusino. Informa que a mudança do fonema inicial nasal para o bilabial pode ter ocorrido por precoce contaminação com *braço* ou *braça* e mesmo com *embargar*, através do provável derivado *embaraçar* ‘estorvar’, hibridismo que parece ter se propagado a partir do galego-português. Inclui, assim, dentre os derivados portugueses de *baraço(a)*, *embaraçada*, *embaraçar*, *embaraço* e *embaraçoso*.

O DEM, o DEA e o DEH dicionarizam *barbacã*, designativo de ‘muro ou frestas em muro de fortificações’. O termo não está registrado no LPOA. No DAVAIR, encontramos um termo da arquitetura no português antigo, *albacar*, cuja definição é, segundo esta obra, imprecisa nos dicionários. Afirma ainda que Morais aponta tanto a de porta por onde passava o gado, em fortalezas mouriscas, quanto a de barbacã. Propõe, então, que o uso, em andalusino, de *báb albaqár* ‘porta das vacas’, *báb albaqqára* ‘porta dos vaqueiros’ e mesmo de *(al)báb albaqqára* ‘porta vaqueira’ resultasse, em romance, em \**balbakára* > \**barbakára* > *barbakána*, decorrendo a evolução semântica de contaminação com [torre] *albarrana*, erigida fora do corpo principal de construções senhoriais.

Apenas o DEM dicionariza o vocábulo *bardaxa*, que o DAVAIR identifica como arabismo designativo do ‘sodomita paciente’, grafado em português com o dígrafo <ch>, registrando o DAVAIR a grafia com <x> como antiga variante castelhana. Informa tratar-se de evolução do pál. \**bardag* ‘cativo’ representado pelo neoper. *barde* e pelo ár. *bardaj* e que, embora a transmissão não esteja bem estabelecida, há referências históricas à prática da violação de cativos como forma de humilhá-los.

Tanto o LPOA quanto o DAVAIR dicionarizam *barregana* (DEM, DEH), cuja trajetória interlingüística tem início, segundo o LPOA, no per. *bargana*, passando pelo ár. *barrakān*. Informa o DAVAIR, ainda, que o termo não tem qualquer relação etimológica com *barregã(o)* ‘concubina(o)’.

O DAVAIR registra o vocábulo português *bateia*, metonímia do and. \**baṭīḥa* < cl. *baṭīḥah* ‘lugar plano’, acepção esta que não condiz com o sentido da forma dicionarizada pelo DEM, DEA e DEH, de instrumento afunilado de uso no garimpo. Aponta o étimo atribuído pelo DRAE, \**bāṭiya* ‘gamela’, como errata por \**bāṭiyah* ‘jarro para beber’, que diz serem fonética e semanticamente inviáveis, mas que, entretanto, parecem semanticamente mais próximos do vocábulo português em questão, por tratar-se de utensílio em que se possa proceder à lavagem de materiais próprios da atividade do garimpo.

O LPOA dicionariza *benjoim*, < ár. *lubān ḡāwī* ‘resina de Java’, para o qual apresenta a variante *beijoim*. O DAVAIR lembra que o cognato *lobão*, documentado em português no século XVI, representa uma transmissão diferente e mais moderna. Outras variantes não-padrão, como *benjuim* e *benjoí* (DEH), além dos derivados *benjoeiro* ~ *beijoeiro*, ambos dicionarizados no DEM, DEA e DEH, não estão documentados no LPOA e no DAVAIR.

Não registram o LPOA e o DAVAIR o termo botânico *beldroega*, para o qual o DEM aponta origem latina, com transmissão pelo árabe, e o DEA e o DEH também crêem originado no latim, mas com transmissão “moçárabe”.

Tanto o DAVAIR quanto o LPOA dicionarizam *berinjela*, < ár. *bāḍinḡān* < per. *badnjan*, segundo este último, que ainda registra as variantes gráfica *beringela* e fonética *brinjela*. Dentre os compostos, o LPOA registra *berinjela-branca*, *berinjela-brissial* e *berinjela-comprida-da-china*.

O LPOA dicionariza *bissimilai*, < ár. *bismi allah* ‘em nome de Deus’, introduzido no português brasileiro pelos escravos ditos “malês”, e para a qual registra apenas a variante gráfica *bi-si-mi-lai*. O DEM, DEA e DEH, entretanto, dicionarizam única e igualmente a forma *bismela*.

O DAVAIR dicionariza o castelhano *bocasí(n)*, ‘certa tela de fio’, a que atribui origem no turco *boğasi*, através do italiano e/ou do catalão. Em turco, entretanto, pode ser evolução de um gentílico árabe ou neopersa, dado existir o ár. *bāğaziyyah*, designativo de uma tela de seda encorpada, e o topônimo *Bāğaz*. Informa o DAVAIR ser o termo presente em várias línguas européias e cremos ser dele cognato o vocábulo português *bocaxim*, dicionarizado no DEM, DEA e DEH, com suas variantes *bocassim* (DEH), *bocassi* (DEM, DEH) e *bocaxi* (DEM, DEH).

O vocábulo *bodoque* está documentado pelo LPOA e pelo DAVAIR como originado no gr. *pontikón* ‘avelã’, mas transmitido ao português pelo ár. *bunduq*, segundo o LPOA, que registra, ainda, o derivado *bodoqueiro*, também este dicionarizado no DEM, DEA e DEH.

Segundo o LPOA, *bolota* resulta da evolução do ár. *ballūṭa(t)* ‘bolota’, vocábulo para o qual apresenta os derivados *bolotada* e *bolotal*, ambos dicionarizados no DEM, DEA e DEH. O DAVAIR, que dicionariza os mesmos derivados, aponta provável origem grega, na forma gr. *balanōté*, com longa trajetória interlingüística, passando pelo aram. *ballūṭā*, pelo ár. cl. *ballūṭah* e, enfim, pelo and. *ballúta*.

Nem o LPOA nem o DAVAIR registram o vocábulo *botilhão*, dicionarizado no DEM, DEA e DEH. Segundo o DEM e o DEH, trata-se de forma aferética popular do arabismo *abotilhão* e a que o DEA faz resultar de evolução do latim científico.

Já *burnu* e *burnus*, ambos dicionarizados no DEM, DEA e DEH, como variantes de *Albornoz* (< and. *alburnús* < cl. *burnus* < gr. *bírros*), a primeira das quais está registrada no LPOA como tal.

Os arabismos iniciados pela letra *b*, compilados no DEM, DEA e DEH, totalizam 90 itens, assim distribuídos: o DEM dicionariza 55 dos 90 vocábulos levantados, o que corresponde a 61,1% do total (*badana 1*, *badana 2*, *badanal*, *badanar*, *badém*, *bafari*, *bairrismo*, *bairrista*, *bairro*, *balache*, *balda*, *baldio*, *baldista*, *baldo*, *baldoso*, *baracejo*, *baracinho*, *baraço*, *barbacã*, *bardaxa*, *barregana*, *bateada*, *bateado*, *bateador*, *batear*, *bateia*, *bateiada*, *bateiar*, *bedém*, *beijoeiro*, *beijoim*, *beldroega*, *beldroegas*, *beliz*, *benjoeiro*, *benjoim*, *berinjela*, *bezoar*, *bezoarticar*, *bezoártico*, *bismela*, *bocassi*, *bocaxi*, *bocaxim*, *bodoque*, *bodoqueiro*, *bolota*, *bolotada*, *bolotado*, *bolotal*, *bolotar*, *botilhão*, *brinjela*, *burnu*, *burnus*). O DEA registra 53 dos 90 vocábulos encontrados ou 58,9% do total (*badana 1*, *badanal*, *badém*, *badogue*, *badoque*, *bafari*, *bairrismo*, *bairrista*, *bairro*, *balda*, *baldado*, *baldar*, *balde*, *baldio*, *baldo*, *baldoso*, *baraço*, *barbacã*, *bateada*, *bateador*, *batear*, *bateia*, *bedém*, *beijoeiro*, *beijoim*, *beldroega*, *beldroega-da-praia*, *beldroega-de-cuba*, *beldroega-*

*grande, beldroega-miúda, beldroega-pequena, beldorega-verdadeira, beliz, benjoeiro, benjoim, berinjala, berinjala-branca, berinjala-brissial, berinjala-comprida-da-china, bezoar, bismela, bocaxim, bodoque, bodoqueiro, bolota, bolota-do-mar, bolotada, bolotado, bolotal, botilhão, brinjela, burnu e burnus*). Por sua vez, o DEH dicionariza 75 das 90 formas iniciadas pela letra *b* levantadas ou 83,3% das mesmas (*badana 1, badanagem, badanal, badanar, badanas, badaneiro, badano, badanudo, badém, badogue, badoque, bafari, bairrismo, bairrista, bairro, bairro-de-lata, balda, baldado, baldar, balde, baldice, baldio, baldo, baldoso, baracejo, baraço, barbacã, barregana, bateada, bateador, batear, bateia, bedém, beijoeiro, beijoim, beldroega, beldroega-da-praia, beldroega-de-cuba, beldroega-de-flor-grande, beldroega-de-folha-grande, beldroega-de-inverno, beldroega-do-sul, beldroega-grande, beldroega-miúda, beldroega-pequena, beldorega-verdadeira, beliz, benjoeiro, benjoí, benjoim, benjuim, beringela, beringela-branca, beringela-brissial, beringela-comprida-da-china, beringela-roxa, berinjala, bezoar, bismela, bocassi, bocassim, bocaxi, bocaxim, bodoque, bodoqueiro, bolota, bolota-do-mar, bolotada, bolotado, bolotal, botilhão, botilhão-vesiculoso, brinjela, burnu e burnus*).

Dos 90 itens levantados, 37 ou 41,1% estão dicionarizados no DEM, no DEA e no DEH (*badana 1, badanal, badém, bafari, bairrismo, bairrista, bairro, balda, baldio, baldo, baldoso, baraço, barbacã, bateada, bateador, batear, bateia, bedém, beijoeiro, beijoim, beldroega, beliz, benjoeiro, benjoim, berinjala, bezoar, bismela, bocaxim, bodoque, bodoqueiro, bolota, bolotada, bolotado, bolotal, botilhão, burnu e burnus*). O DEM e o DEA trazem uma única forma não encontrada no DEH (*brinjela*), o que corresponde a apenas 1,1% do total de formas levantado. O DEA e o DEH, entretanto, documentam 12 formas não dicionarizadas no DEM (*badogue, badoque, baldado, baldar, baldo, beldroega-da-praia, beldroega-de-cuba, beldroega-grande, beldroega-miúda, beldroega-pequena, beldroega-verdadeira e bolota-do-mar*), o que perfaz 13,4% das 90 formas levantadas. O DEM e o DEH compartilham o registro de 06 vocábulos (*badanar, baracejo, barregana, bocassi, bocaxi e bolotar*) ou 6,7% do total.

No que concerne aos registros exclusivos, o DEM dicionariza 11 itens não encontrados no DEA e no DEH (*baldana 2, balache, baldista, baracinho, bardaxa, bateado, bateiada, bateiar, beldroegas, bezoarticular e bezoártico*) ou 12,2% do total; o DEA registra com exclusividade 03 vocábulos (*berinjela-branca, berinjala-brissial, berinjala-comprida-da-china*) ou 3,3% do total e o DEH traz 20 formas não dicionarizadas no DEM e no DEA (*badanagem, badanas, badaneiro, badano, badanudo, bairro-de-lata, baldice, beldroega-de-flor-grande, beldroega-de-folha-grande, beldroega-de-inverno, beldroega-do-sul, benjoí,*

*benjuim, beringela, beringela-branca, beringela-brissial, beringela-comprida-da-china, beringela-roxa, bocassim e botilhão-vesiculoso*), isto é, 22,2% do total de itens levantados.

As formas básicas totalizam 38 dos 90 itens encontrados ou 42,2% destes (*badana 1, badana 2, badano, badém, badogue, badoque, bafari, bairro, balache, balda, balde, baldo, baraço, barbacã, bardaxa, barregana, bateia, bedém, beijoim, beldroega, beliz, benjoí, benjoim, benjuim, beringela, berinjala, bezoar, bismela, bocassi, bocassim, bocaxi, bocaxim, bodoque, bolota, botilhão, brinjela, burnu e burnus*).

Os derivados somam 29 dos 90 vocábulos levantados ou 32,2% dos mesmos (*badanagem, badanal, badanar, badaneiro, badanudo, bairrismo, bairrista, baldado, baldar, baldice, baldio, baldista, baldoso, baracejo, bateada, bateado, bateador, batear, bateiada, bateiar, beijoeiro, benjoeiro, bezoarticar, bezoártico, bodoqueiro, bolotada, bolotado, bolotal e bolotar*). Os compostos totalizam 20 itens ou 22,2% do total de 90 itens identificados (*bairro-de-lata, beldroega-da-praia, beldroega-de-cuba, beldroega-de-flor-grande, beldroega-de-folha-grande, beldroega-de-inverno, beldroega-do-sul, beldroega-grande, beldroega-miúda, beldroega-pequena, beldorega-verdadeira, beringela-branca, beringela-brissial, beringela-comprida-da-china, beringela-roxa, berinjala-branca, berinjala-brissial, berinjala-comprida-da-china, bolota-do-mar e botilhão-vesiculoso*). Vocábulos com outras marcas, quais morfemas flexionais de gênero ou número ou mesmo marcas de diminutivo, totalizam 03 itens ou 3,4% dos 90 levantados (*badanas, beldoregas e baracinho*).

O DEM dicionariza 30 dos 38 vocábulos básicos ou 78,9% destas (*badana 1, badana 2, badém, bafari, bairro, balache, balda, baldo, baraço, barbacã, bardaxa, barregana, bateia, bedém, beijoim, beldroega, beliz, benjoim, berinjala, bezoar, bismela, bocassi, bocaxi, bocaxim, bodoque, bolota, botilhão, brinjela, burnu e burnus*). Dicionariza 23 das 29 formas derivadas ou 79,3% delas (*badanal, badanar, bairrismo, bairrista, baldio, baldista, baldoso, baracejo, bateada, bateado, bateador, batear, bateiada, bateiar, beijoeiro, benjoeiro, bezoarticar, bezoártico, bodoqueiro, bolotada, bolotado, bolotal e bolotar*), não registra compostos e documenta 02 das 03 formas com marcas outras (*beldroegas e baracinho*), o que perfaz 66,6% das mesmas.

O DEA documenta 27 das 38 formas básicas ou 71% destas (*badana 1, badém, badogue, badoque, bafari, bairro, balda, balde, baldo, baraço, barbacã, bateia, bedém, beijoim, beldroega, beliz, benjoim, berinjala, bezoar, bismela, bocaxim, bodoque, bolota, botilhão, brinjela, burnu e burnus*). Registra 16 das 29 formas derivadas ou 55,1% das mesmas (*badanal, bairrismo, bairrista, baldado, baldar, baldio, baldoso, bateada, bateador, batear, beijoeiro, benjoeiro, bodoqueiro, bolotada, bolotado e bolotal*) e 10 dos 20 vocábulos

compostos ou 50% destes (*beldroega-da-praia*, *beldroega-de-cuba*, *beldroega-grande*, *beldroega-miúda*, *beldroega-pequena*, *beldroega-verdadeira*, *berinjela-branca*, *berinjela-brissial*, *berinjela-comprida-da-china* e *bolota-do-mar*). Não dicionariza formas com outras marcas.

Por sua vez, o DEH dicionariza 34 das 38 formas básicas levantadas ou 89,5% (*badana 1*, *badano*, *badém*, *badogue*, *badoque*, *bafari*, *bairro*, *balda*, *balde*, *baldo*, *baraço*, *barbacã*, *barregana*, *bateia*, *bedém*, *bejoim*, *beldroega*, *beliz*, *benjoí*, *benjoim*, *benjuim*, *beringela*, *berinjela*, *bezoar*, *bismela*, *bocassi*, *bocassim*, *bocaxi*, *bocaxim*, *bodoque*, *bolota*, *botilhão*, *burnu* e *burnus*). Documenta o DEH 23 das 29 formas derivadas ou 79,3% destas (*badanagem*, *badanal*, *badanar*, *badaneiro*, *badanudo*, *bairrismo*, *bairrista*, *baldado*, *baldar*, *baldice*, *baldio*, *baldoso*, *baracejo*, *bateada*, *bateador*, *batear*, *bejoeiro*, *benjoeiro*, *bodoqueiro*, *bolotada*, *bolotado*, *bolotal* e *bolotar*). Registra ainda o DEH 17 das 29 formas compostas ou 58,6% das mesmas (*bairro-de-lata*, *beldroega-da-praia*, *beldroega-de-cuba*, *beldroega-de-flor-grande*, *beldroega-de-folha-grande*, *beldroega-de-inverno*, *beldroega-do-sul*, *beldroega-grande*, *beldroega-miúda*, *beldroega-pequena*, *beldroega-verdadeira*, *beringela-branca*, *beringela-brissial*, *beringela-comprida-da-china*, *beringela-roxa*, *bolota-do-mar* e *botilhão-vesiculososo*). Dentre as formas com marcas outras, traz somente *badanas*, o que corresponde a 01 das 03 formas encontradas ou 33,3% destas.

## C

**Caaba** – s.f. 1. Santuário localizado em Meca considerado o local mais sagrado da Terra pelos muçulmanos. 2. A pedra contida neste santuário. (DEM, DEA, DEH).

**Cabaia** – s.f. 1. Tecido leve de seda. 2. Túnica oriental feita com este tecido. (DEM, DEA, DEH).

**Cabide** – s.m. 1. Utensílio com hastes em que se penduram peças do vestuário. 2. Móvel com braços nos quais se penduram vestimentas e acessórios. 3. Gancho ou braço de madeira fixo à parede ou a porta no qual se penduram roupas, toalhas, etc. Reg. (S.) 4. Cavalo muito magro. (DEM, DEA, DEH).

**Cabilda** – s.f. Tribo. (DEM, DEA, DEH).

**Cacifar** – v.intr. 1. Guardar em cacifo. 2. Recolher o cacife no jogo. (DEM, DEA, DEH).

**Cacife** – s.m. 1. Quantia paga por jogadores para entrar em uma partida. 2. Valor resultante destes pagamentos. 3. Cacifeiro. (DEM, DEA, DEH). Var. Acepção 3, **cacifeiro** (DEM, DEA, DEH).

**Cacifeiro** – s.m. Pessoa que recolhe cacifes. (DEM, DEA, DEH). Var. **Cacife**, acepção 3 (DEM, DEA, DEH).

**Cacifo** – s.m. 1. Cofre. 2. Gaveta. 3. Pequeno aposento em habitação. 4. Pequeno armário, escaninho. 5. Depressão anormal da pele. (DEM, DEA, DEH). Var. Acepção 3, **Cacifro** (DEM, DEA, DEH).

**Cacifro** – s.m. Mesmo que cacifo, acepção 3. (DEM, DEA, DEH). Var. **Cacifo**, acepção 3 (DEM, DEA, DEH).

**Caciz** – s.m. Sacerdote, muçulmano ou cristão, no norte da África, Pérsia, Índia, etc. (DEM, DEA, DEH).

**Cádi** – s.m. Juiz muçulmano que atende a questões civis e religiosas. (DEM, DEA, DEH).

**Cadimo** – adj. 1. Usual, habitual. 2. Hábil. 3. Artiloso, esperto. (DEM, DEA, DEH).

**Cadina** – s.f. Mulher do cádi. (DEM).

**Cadoz** – s.m. 1. Toca, esconderijo. 2. Local de difícil acesso ou isolado. 3. Local em que se deposita lixo, lixeira. 4. No jogo da péla, buraco em que, caindo a bola, dá-se a desclassificação do jogador. Fig. 5. Repartição pouco produtiva. (DEM, DEA, DEH).

**Cafarreiro** – s.m. Cobrador de cafarro. (DEM, DEH).

**Cafarro** – s.m. Imposto cobrado aos árabes na Palestina. (DEM, DEH).

**Café** – s.m. 1. Fruto do cafeeiro (*Coffea arabica*). 2. Bebida resultante da infusão da semente torrada e moída deste fruto. 3. Estabelecimento que comercializa esta bebida. 4. Cafeeiro. 5. Desjejum. 6. Numa refeição, momento em que se toma esta bebida. 7. Cor do café torrado. adj.2g.2n. 8. Que tem essa cor. (DEM, DEA, DEH).

**Cafeal** – s.m. Mesmo que cafezal. (DEM). Var. **Cafeiral** (DEM, DEA, DEH); **cafezal** (DEM, DEA, DEH).

**Cafearina** – s.f. Alcalóide presente nas águas-mães da extração da cafeína do café. (DEM).

**Café-beirão** – s.m. Bot. Trepadeira nativa de regiões tropicais (*Mucuna pruriens*). (DEA, DEH). Var. **Café-de-mato-grosso** (DEH); **café-do-pará** (DEA, DEH).

**Café-branco** – s.m. Bras. Cachaça. (DEH).

**Café-bravo** – s.m. Bot. Arbusto da família das rubiáceas nativo do Brasil (*Palicourea longipedunculata*). (DEA, DEH).

**Café-caldeado** – s.m. Bras. Grão de café em cuja torração se adicionam toucinho e rapadura. (DEH).

**Café-caneca** – s.m. Bras. Bar muito simples cujo serviço é de baixa qualidade. (DEA, DEH).

**Café-cantante** – s.m. Mesmo que café-concerto. (DEA, DEH). Var. **Café-concerto** (DEA, DEH); **café-teatro** (DEH)

**Café-casado** – s.m. Mesmo que café-com-mistura. (DEH). Var. **Café-com-mistura** (DEA, DEH); **café-com-isca** (DEA, DEH); **café-conosco** (DEA, DEH); **café-de-duas-mãos** (DEA, DEH); **café-gordo** (DEA, DEH); **café-mastigado** (DEA, DEH).

**Café-com-isca** – s.m. Mesmo que café-com-mistura. (DEA, DEH). Var. **Café-com-mistura** (DEA, DEH); **café-casado** (DEH); **café-conosco** (DEA, DEH); **café-de-duas-mãos** (DEA, DEH); **café-gordo** (DEA, DEH); **café-mastigado** (DEA, DEH).

**Café-com-leite** – s.m. 1. Cor bege ou creme similar à da mistura do café com leite. adj.2g.2n. 2. Que tem essa cor. 3. Política por que MG (estado produtor de café e laticínios) e SP (produtor de café) dividiam o governo Federal alternadamente, durante as três primeiras décadas do século XX. adj.2g.2n. e s.m. 4. Relativo a ou casamento entre negro e branco. 5. Relativo a ou amante de mulher de baixa consiçãõ material. 6. Que ou quem tem pele morena clara. (DEA, DEH).

**Café-com-mistura** – s.m. Bras. Café (bebida) servido com com bolo, pão, biscoito etc. (DEA, DEH). Var. **Café-casado** (DEH); **café-com-isca** (DEA, DEH); **café-conosco** (DEA, DEH); **café-de-duas-mãos** (DEA, DEH); **café-gordo** (DEA, DEH); **café-mastigado** (DEA, DEH).

**Café-concerto** – s.m. Pequeno teatro no qual se pode comer, beber e fumar durante as apresentações. (DEA, DEH). Var. **Café-concerto** (DEA, DEH); **café-teatro** (DEH).

**Café-conosco** – s.m. Mesmo que café-com-mistura. (DEA, DEH). Var. **Café-com-mistura** (DEA, DEH); **café-casado** (DEH); **café-com-isca** (DEA, DEH); **café-de-duas-mãos** (DEA, DEH); **café-gordo** (DEA, DEH); **café-mastigado** (DEA, DEH).

**Café-da-manhã** – s.m. Desjejum matinal. (DEA, DEH).

**Café-das-águas** – s.m. Café cuja colheita se dá nos meses de julho ou agosto, quando os meses de janeiro e fevereiro são úmidos e chuvosos. (DEH).

**Café-de-bagueio** – s.m. Cafeeiro na primeira floração, por volta dos três anos do seu plantio. (DEA, DEH).

**Café-de-bugre** – s.m. Bot. Mesmo que café-do-mato, acepção 1. (DEH). Var. **Café-do-mato** (DEA, DEH); **café-do-diabo**, acepção 3 (DEA, DEH).

**Café-de-duas-mãos** – s.m. Mesmo que café-com-mistura (DEA, DEH). Var. **Café-com-mistura** (DEA, DEH); **café-casado** (DEH); **café-com-isca** (DEA, DEH); **café-conosco** (DEA, DEH); **café-gordo** (DEA, DEH) **café-mastigado** (DEA, DEH).

**Café-de-mato-grosso** – s.m. Bot. Mesmo que café-beirão. (DEH). Var. **Café-beirão** (DEA, DEH); **café-do-pará** (DEA, DEH).

**Café-de-quatro-quinás** – s.m. Café adoçado com rapadura. (DEH).

**Café-do-brasil** – s.m. Bot. 1. Nome comum a arbustos do gênero *Coussarea*, da família das rubiáceas, nativos do Brasil (RJ, SP). 2. Arbusto cultivado com fins ornamentais (*Coussarea biflora*). 3. Arbusto (*Coussarea triflora*). 4. Arbusto (*Coussarea uniflora*). (DEH).

**Café-do-diabo** – s.m. Bot. Arbusto grande ou árvore, da família das flacourtiáceas, encontrado do Panamá ao Brasil (AM a BA) (*Casearia guianensis*). 2. Arbusto ou árvore que encontrado na maior parte do Brasil e nas Guianas (*Casearia sylvestris*). 3. Mesmo que café-do-mato, acepção 3. (DEA, DEH). Var. **Café-de-bugre** (DEH); **café-do-mato**, acepção 3 (DEA, DEH).

**Café-do-mato** – s.m. Bot. 1. Arbusto ou pequena árvore da família das boragináceas encontrado no Brasil (*Cordia ecalyculata*). 2. Árvore da família das apocináceas, nativa do Brasil (AM a BA e a SP) (*Tabernaemontana laeta*). 3. Arbusto da família das meliáceas nativo do Brasil (MG) (*Trichilia laminensis*). 4. Árvore pequena da família das verbenáceas, melífera, nativa do Brasil (PA a SP) (*Lippia urticoides*). (DEA, DEH). Var. Acepção 1, **café-de-bugre** (DEH); **café-do-diabo**, acepção 3 (DEA, DEH).

**Café-do-pará** – s.m. Bot. Mesmo que café-beirão. (DEA, DEH). Var. **Café-beirão** (DEA, DEH); **café-de-mato-grosso** (DEH).

**Cafedório** – s.m. Café aguado e sem sabor ou requeitado (DEM, DEA, DEH).

**Café-do-sudão** – s.m. Bot. Árvore da família das esterculiáceas, nativa da África (*Cola acuminata*). (DEH).

**Cafeiral** – s.m. Mesmo que cafezal. (DEM, DEA, DEH). Var. **Cafeal** (DEM); **cafezal** DEM, DEA, DEH).

**Cafeeiro** – s.m. Bot. Nome comum a árvores e arbustos do gênero *Coffea*, da família das rubiáceas. 2. Arbusto ou árvore encontrada na Arábia e regiões tropicais da África, mas também cultivada no Brasil e em outros países (*Coffea arabica*). adj. 3. Relativo ao café, inclusive à sua produção e comércio. (DEM, DEA, DEH).

**Cafeeiro-da-libéria** – s.m. Bot. Cafeeiro nativo de regiões tropicais da África (*Coffea liberica*). (DEH).

**Cafeeiro-da-serra-leoa** – s.m. Bot. Cafeeiro nativo das regiões tropicais da África, como a Etiópia (*Coffea stenophylla*). (DEH).

**Cafeeiro-do-congo** – s.m. Bot. Cafeeiro nativo de regiões tropicais da África (*Coffea congensis*). (DEH).

**Cafeeiro-do-gabão** – s.m. Bot. Cafeeiro nativo de regiões tropicais da África ocidental muito usado na produção industrial de café solúvel (*Coffea canephora*). (DEH).

**Café-eugênio** – s.m. Bot. Nome comum aos frutos de diversas plantas da família das mirtáceas (DEH).

**Café-gordo** – s.m. Mesmo que café-com-mistura. (DEA, DEH). Var. **Café-com-mistura** (DEA, DEH); **café-casado** (DEH); **café-com-isca** (DEA, DEH); **café-conosco** (DEA, DEH); **café-de-duas-mãos** (DEA, DEH); **café-mastigado** (DEA, DEH).

**Caféico** – adj. Designativo de ácido extraído do café. (DEM).

**Cafeicultor** – s.m. Pessoa que cultiva café. (DEM, DEA, DEH). Var. **Cafeeiro**, acepção 2 (DEM, DEA, DEH).

**Cafeicultura** – s.f. Lavoura de café. (DEM, DEA, DEH).

**Cafeidina** – s.f. Alcalóide resultante da reação do hidróxido de bário com cafeína. (DEM).

**Cafeína** – s.f. Alcalóide estimulante do cérebro e do coração, presente no café, dentre outros alimentos. (DEM, DEA, DEH).

**Cafeinado** – adj. Que contém cafeína. (DEM, DEA, DEH).

**Cafeinar** – v.t.d. Adicionar cafeína a. (DEM, DEA, DEH).

**Cafeínico** – adj. 1. Relativo à cafeína. 2. Que contém cafeína. (DEM, DEH).

**Cafeinismo** – s.m. Mesmo que cafeísmo. (DEA, DEH). Var. **Cafeísmo** (DEM, DEH).

**Cafeísmo** – s.m. Intoxicação decorrente do uso excessivo ou prolongado de produtos que contêm cafeína. (DEM, DEH). Var. **Cafeinismo** (DEA, DEH).

**Cafelana** – s.f. Cafezal de grande extensão. (DEM, DEA, DEH).

**Cafelista** – adj. e s.m. Mesmo que cafezista. (DEM, DEA, DEH). Var. **Cafezista** (DEM, DEA, DEH).

**Café-mastigado** – s.m. Mesmo que café-com-mistura. (DEA, DEH). Var. **Café-com-mistura** (DEA, DEH); **café-casado** (DEH); **café-com-isca** (DEA, DEH); **café-conosco** (DEA, DEH); **café-de-duas-mãos** (DEA, DEH); **café-gordo** (DEA, DEH).

**Cafeocracia** – s.f. Governo exercido por proprietários de cafezais. (DEM, DEA, DEH).

**Cafeol** – s.m. Mesmo que cafeona. (DEM). Var. **Cafeona** (DEM).

**Cafeomancia** – s.f. Adivinhação realizada a partir da borra do café. (DEM).

**Cafeona** – s.f. Princípio aromático do café torrado. (DEM). Var. **Cafeol** (DEM).

**Cafarana** – s.f. Bot. Pequena árvore da família das simarubáceas nativa do Brasil (AM) (*Picrolemma pseudocoffea*) 2. Arbusto da família das gencianáceas nativo das Guianas e do Brasil (AM, CE) (*Tachia guianensis*) 3. Arbusto da família das sapindáceas nativo do Brasil (*Paullinia alata*). (DEM, DEA, DEH).

**Café-soçaite** – s.m. A alta sociedade. (DEH).

**Café-solúvel** – s.m. Produto obtido do extrato percolado do café solúvel em água. (DEH).

- Cafestol** – s.m. Substância sólida cristalina presente no óleo essencial do café. (DEA).
- Cafetânico** – adj. Qualificativo de ácido extraído do café. (DEM).
- Cafetanina** – s.f. Ácido extraído do café, ácido cafetânico. (DEM).
- Café-teatro** – s.m. Mesmo que café-concerto. (DEH). Var. **Café-cantante** (DEA, DEH); **café-concerto** (DEA, DEH).
- Cafeteira** – s.f. Utensílio de cozinha usado no preparo e armazenamento do café. (DEM, DEA, DEH).
- Cafeiteiro** – s.m. Proprietário de estabelecimento em que se vende café. (DEM, DEA, DEH).
- Cafeteria** – s.f. Estabelecimento comercial no qual se vendem café, eventualmente outras bebidas e lanches rápidos. (DEA, DEH).
- Cafezal** – s.m. Grande quantidade de cafeeiros em determinada área. (DEM, DEA, DEH). Var. **Cafeal** (DEM); **cafeiral** (DEM, DEA, DEH).
- Cafezeiro** – s.m. 1. Cafeeiro. 2. Cafeicultor. (DEM, DEA, DEH). Var. Acepção 1, **Cafeeiro**, acepções 1 e 2 (DEM, DEA, DEH); acepção 2, **cafeicultor** (DEM, DEA, DEH).
- Cafezeiro-do-mato** – s.m. Bot. Pequena árvore ou arbusto flacourtiáceo (*Casearia sylvestris*). (DEA).
- Cafezinho** – s.m. Bot. 1. Arbusto da família das celastráceas nativo do Brasil (MG, SP, PR) (*Maytenus alaternoides*). 2. Pequena árvore da família das melastomatáceas nativa do Brasil (*Mouriri chamissoana*). 3. Café servido em pequena xícara. (DEM, DEA, DEH).
- Cafezista** – adj.2g. s.2g. 1. Que gosta muito de café. 2. Pessoa que gosta muito de café. 3. Plantador de café. 4. Comerciante de café. (DEM, DEA, DEH). Var. **Cafelista** (DEM, DEA, DEH).
- Cáfila** – s.f. 1. Grupo de camelos. 2. Caravana de mercadores na Ásia e na África. 3. Multidão de coisas ou pessoas. 4. Bando, corja. (DEM, DEA, DEH).
- Cafra** – s.m. Mulher rude, mal-educada. (DEM, DEH). Var. **Cafrina** (DEM).
- Cafral** – adj.2g. Mesmo que cafreal. (DEM). Var. **Cafreal** (DEM).
- Cafraria** – s.f. Grupo de cafres. (DEM, DEA, DEH).
- Cafre** – adj.2g. e s.2g. 1. Relativo a cafre. 2. Indivíduo rude, ignorante. (DEM, DEA, DEH). Var. **Cafrino** (DEM, DEH).
- Cafreal** – adj.2g. Próprio de cafre. (DEM, DEH). Var. **Cafral** (DEM).
- Cafrice** – s.f. 1. Procedimento de cafre. 2. Rudeza, ignorância. (DEM, DEA, DEH).
- Cafrina** – s.f. Mesmo que cafra. (DEM). Var. **Cafra** (DEM, DEH).
- Cafrino** – adj. e s.m. Mesmo que cafre. (DEM, DEH). Var. **Cafre** (DEM, DEA, DEH).

- Cafta** – s.f. Prato da culinária sírio-libanesa elaborado com carne moída, cebola e hortelã picados. (DEM, DEA, DEH).
- Cagoete** – s.2g. O mesmo que cagüete. (DEM).
- Cagüeta** – s.2g. O mesmo que cagüete. (DEA).
- Cagüetagem** – s.f. Ato ou efeito de espiar ou delatar. (DEA, DEH).
- Cagüetar** – v.t.d e v.t.d.i. Denunciar, delatar. (DEM, DEA, DEH).
- Cagüete** – s.m. 1. Espião da polícia. 2. Delator. (DEM, DEA, DEH).
- Califa** – s.m. Líder temporal e espiritual de comunidade muçulmana. (DEM, DEA, DEH).
- Califado** – s.m. 1. Dignidade ou jurisdição de califa. 2. Território governado por califa. 3. Duração do governo de um califa. (DEM, DEA, DEH).
- Canana** – s.f. Cartucheira de couro usada a tiracolo por militares. (DEM, DEA, DEH).
- Cande** – s.m. Açúcar resultante da cristalização da sacarose, caracterizado por cristais prismáticos. (DEM, DEA, DEH). Var. **Cândi** (DEM, DEA, DEH).<sup>89</sup>
- Cândi** – s.m. Mesmo que cande. (DEM, DEA, DEH). Var. **Cande** (DEM, DEA, DEH).
- Candil** – s.m. 1. Lâmpada. 2. Fosforescência das águas. (DEM, DEA).
- Candilar** – v.t.d. 1. Cobrir com açúcar-cândi. 2. Cristalizar. (DEM, DEA, DEH).
- Cânfora** – s.f. Bot. 1. Canforeira (*Cinnamomum camphora*). 2. Substância encontrada na madeira desta árvore. (DEM, DEA, DEH).
- Canforáceo** – adj. Que tem a natureza da cânfora. (DEM, DEH).
- Cânfora-de-bornéu** – s.m. Bot. 1. Árvore da família das dipterocarpaceas nativa da Ásia (*Dryobalanops aromatica*). 2. Álcool terpenóide encontrado nesta planta. (DEH). Var. Acepção 1, **canforeira**, acepção 2 (DEM, DEA, DEH).
- Canforado** – adj. Que contém cânfora. (DEM, DEA, DEH).
- Canforar** – v.t.d. 1. Dissolver cânfora em. 2. Misturar com cânfora. 3. Cobrir com cânfora. (DEM, DEA, DEH).
- Canforato** – s.m. Sal ou éster do ácido canfórico. (DEM).
- Canforeira** – s.f. Bot. 1. Árvore da família das lauráceas nativa da China e Japão (*Cinnamomum camphora*). 2. Mesmo que cânfora-de-bornéu, acepção 1. (DEM, DEA, DEH). Var. Acepção 1, **canforeiro** (DEM, DEA, DEH); acepção 2, **cânfora-do-bornéu**, acepção 1 (DEM, DEA, DEH).

---

<sup>89</sup> Observa-se na dicionarização dos vocábulos em *cande* e *cândi* uma flutuação na indicação da classe de palavra. No DEM, ambos são identificados como variantes e pertencentes à classe dos adjetivos; no DEH, também apontados como variantes, integram a classe dos substantivos, ao passo em que no DEA *cande* é substantivo masculino e *cândi*, adjetivo.

**Canforeiro** – s.m. Mesmo que canforeira, acepção 1. (DEM, DEA, DEH). Var. **Canforeira**, acepção 1.

**Canfórico** – adj. 1. Relativo ou pertencente à cânfora. 2. Que contém cânfora. (DEM, DEA).

**Canforífero** – adj. Que produz cânfora. (DEM).

**Canforina** – s.f. Substância resultante da combinação do ácido canfórico com a glicerina. (DEM, DEA). Var. **Canforosma** (DEA).

**Canforismo** – s.m. Envenenamento por cânfora. (DEM, DEA).

**Canforóide** – adj.2g. Semelhante à cânfora. (DEM).

**Canforomania** – s.f. 1. Uso abusivo da cânfora. 2. Hábito de ingerir cânfora. (DEM).

**Canforosma** – s.f. Bot. Mesmo que canforina. (DEA). Var. **Canforina** (DEM, DEA).

**Canforosol** – s.m. Medicamento preparado com cânfora e clorofórmio. (DEM).

**Canforovínico** – adj. Qualificativo de ácido que resulta da ação do ácido canfórico sobre o ácido etílico. (DEM).

**Canfrô** – s.f. Mesmo que cânfora. (DEM).

**Cânjar** – s.m. Punhal oriental de lâmina comprida e dois gumes. (DEM, DEH).

**Carabé** – s.m. Âmbar amarelo. (DEM).

**Carmesim** – s.m. 1. A cor vermelha carregada. adj.2g. 2. Que tem esta cor. (DEM, DEA, DEH).

**Carmesinado** – adj. Revestido de carmesim. (DEM).

**Cartaz** – s.m. 1. Anúncio de tamanhos variados afixado em locais públicos. 2. Renome, notoriedade. Fig. 3. Peça ou filme em exibição. 4. Sucesso, bom êxito. 5. Atenção, importância. (DEM, DEA, DEH).

**Cartazana** – s.f. Pergaminho com brocados ou retrós para bordados ou guarnições. (DEM).

**Cartazeiro** – s.m. Indivíduo que prega cartazes. (DEM, DEA, DEH).

**Cartazete** – s.m. Pequeno cartaz afixado no interior dos estabelecimentos comerciais. (DEA, DEH).

**Cartazista** – s.2g. Profissional especializado em cartazes. (DEM, DEA, DEH).

**Casbá** – s.f. 1. Cidadela e palácio do soberano, em antigas cidades árabes. 2. Parte antiga de cidades árabes modernas (DEM, DEA, DEH).

**Ceca** – s.f. Lugar distante, indefinido. (DEM, DEA, DEH).

**Cecém** – s.f. Bot. Planta herbácea da família das liliáceas nativa da Síria (*Lilium candidum*). (DEM, DEA, DEH).

**Ceifa** – s.f. 1. Segar. 2. Época de ceifar. 3. Colheita de cereais. 4. Cereais colhidos. Fig. 5. Grande destruição. (DEM, DEA, DEH).

**Ceifadeira** – s.f. 1. Mulher que ceifa. 2. Máquina usada para ceifar, na agricultura. (DEM, DEA, DEH). Var. **Ceifeira** (DEM, DEA, DEH).

**Ceifadeiro** – s.m. O mesmo que ceifador. (DEM, DEH). Var. **Ceifador** (DEM, DEA, DEH); **ceifeiro** (DEM, DEA, DEH).

**Ceifador** – s.m. Indivíduo que trabalha na ceifa. (DEM, DEA, DEH). Var. **Ceifadeiro** (DEM, DEH); **ceifeiro** (DEM, DEA, DEH).

**Ceifão** – s.m. O mesmo que ceifeiro. (DEM). Var. **Ceifeiro** (DEM, DEA, DEH).

**Ceifar** – v.t.d. 1. Segar. Fig. 2. Matar. 3. Destruir. 4. Obter por recompensa. v.intr. 4. Andar a cavalgadura com as patas dianteiras para fora. (DEM, DEA, DEH).

**Ceifeira** – s.f. 1. O mesmo que ceifadeira. (DEM, DEA, DEH). Var. **Ceifadeira** (DEM, DEA, DEH).

**Ceifeiro** – s.m. 1. O mesmo que ceifador. adj. 2. Relativo a ceifa. (DEM, DEA, DEH). Var. Acepção 1, **ceifador** (DEM, DEA, DEH); **ceifadeiro** (DEM, DEH).

**Ceítal** – s.m. 1. Antiga moeda portuguesa. 2. Baixa quantia. 3. O que tem pouco valor. (DEM, DEA, DEH).

**Celga** – s.f. O mesmo que acelga. (DEM, DEA, DEH). Var. **Acelga** (DEM, DEA, DEH).

**Cetim** – s.m. 1. Tecido de seda, brilhante e macio. 2. Tecido semelhante a seda, mas elaborado com outro material (algodão, linho). 3. O que é macio. (DEM, DEA, DEH).

**Cetíneo** – adj. O mesmo que cetinoso. (DEM, DEA, DEH). Var. **Cetinoso** (DEM, DEA, DEH).

**Cetineta** – s.f. Tecido que imita o cetim, feito de algodão ou de mistura de algodão com seda. (DEM, DEA, DEH).

**Cetinoso** – adj. Macio como o cetim. (DEM, DEA, DEH).

**Chafariz** – s.m. 1. Obra de alvenaria dotada de bicas pelas quais corre água para abastecimento público ou como ornamento. 2. Pessoa que chora demasiadamente ou com frequência. (DEM, DEA, DEH).

**Chifra** – s.f. Instrumento usado por encadernadores para raspar, adelgaçar ou chanfrar couro. (DEM, DEA, DEH).

**Chifrar** – v.t.d. Raspar, adelgaçar ou chanfrar (couro) com chifra. (DEM, DEA, DEH).

**Chué** – adj.2g. 1. De pouco valor. 2. Desleixado. 3. Sem graça. 4. Magro. (DEM, DEA, DEH).

**Chuetar** – v.t.d. Reg. (BA). Não atribuir importância, desdenhar. (DEM, DEA, DEH).

**Chúmbea** – s.f. O mesmo que chúmea. (DEH).<sup>90</sup> Var. **Chúmea** (DEM, DEA, DEH); **chúmeas** (DEM, DEA); **chúmbeas** (DEM, DEA).

**Chumbeado** – adj. A que se colocou chúmbea. (DEH). Var. **Chumeado** (DEH).

**Chumbear** – v.t.d. Segurar com chúmbeas. (DEM, DEH). Var. **Chumear** (DEM, DEA, DEH).

**Chúmbeas** – s.f.pl. O mesmo que chúmea. (DEM, DEA). Var. **Chúmbea** (DEH); **chúmeas** (DEM, DEA); **chúmea** (DEH).

**Chúmea** – s.f. Peça de madeira cavada em uma das faces usada no reforço de mastros e vergas de embarcações. (DEH). Var. **Chúmbea** (DEH); **chúmeas** (DEM, DEA); **chúmbeas** (DEM, DEA).

**Chumeado** – v.t.d. O mesmo que chumbeado. (DEH). Var. **Chumbeado** (DEH).

**Chumear** – v.t.d. O mesmo que chumbear. (DEM, DEA, DEH). Var. **Chumbear** (DEM, DEH).

**Chúmeas** – s.f.pl. O mesmo que chúmea. (DEM, DEA). Var. **Chúmbea** (DEH); **chúmbeas** (DEM, DEA).

**Cifa** – s.f. Areia empregada por ourives para moldar peças. (DEM, DEA, DEH).

**Cifra** – s.f. 1. Zero. 2. Qualquer algarismo. 3. Número total. 4. Valor total (em dinheiro). 5. Conjunto de caracteres de linguagem secreta. (DEM, DEA, DEH).

**Cifração** – s.f. O mesmo que cifragem. (DEM, DEA, DEH). Var. **Cifragem** (DEM, DEH).

**Cifrado** – adj. 1. Que se cifrou. 2. Escrito em cifra. (DEM, DEA, DEH).

**Cifrador** – adj. e. s.m. 1. Que ou quem (de)cifra mensagens. (DEM, DEH)

**Cifragem** – s.f. Ato ou efeito de cifrar. (DEM, DEH). Var. **Cifração** (DEM, DEA, DEH).

**Cifrante** – s.m. Livro que traz a cifra de escrita secreta, a chave ou explicação desta. (DEM).

**Cifrão** – s.m. Sinal indicativo da unidade monetária em diferentes países. (DEM, DEA, DEH).

**Cifrar** – v.t.d. 1. Registrar números em cifras. 2. Escrever uma mensagem em cifras. Fig. 3. Resumir. v.t.d.e v.pr. 4. Limitar(-se). (DEM, DEA, DEH).

**Cifras** – s.f.pl. Contabilidade. (DEA).

**Coaldeano** – s.m. Indivíduo que mora com outro(s) na mesma aldeia. (DEM).

**Cobre-nuca** – s.m. Cobertura de alguns barretes militares. (DEM).

**Contra-almeida** – s.f. Na superfície da popa de uma embarcação, parte na qual se fixava o parapeito das janelas da câmara do comandante. (DEM, DEH).

---

<sup>90</sup> Apenas o DEH registra as formas singulares *chúmea* ~ *chúmbea*, documentando o DEM e o DEA apenas as respectivas formas pluralizadas.

**Contra-almirante** – s.m. 1. Na hierarquia militar da marinha, posto abaixo do vice-almirante. 2. Oficial que ocupa este posto. adj.2g. 3. Que é comandado diretamente por contra-almirante. (DEM, DEA, DEH).

**Contracifra** – s.f. Chave ou explicação de escrita cifrada. (DEM, DEA, DEH).

**Corão** – s.m. Livro sagrado dos muçulmanos. (DEM, DEA, DEH). Var. **Alcorão** (DEM, DEA, DEH).

**Cubeba** – s.f. Bot. 1. Planta da família das piperáceas nativa da Malásia (*Piper cubeba*). 2. Fruto desta planta. (DEM, DEA, DEH). Var. Acepção 1, **cubebeira** (DEM, DEH).

**Cubebeira** – s.f. Mesmo que cubeba, acepção 1. (DEM, DEH). Var. **Cubeba**, acepção 1 (DEM, DEA, DEH).

**Cubebena** – s.f. O mesmo que cubebina. (DEM). Var. **Cubebina** (DEM).

**Cubebina** – s.f. Princípio cristalino inativo da cubeba. (DEM). Var. **Cubebena** (DEM).

**Cuscuz** – s.m. Prato da culinária brasileira preparado com massa de farinha de mandioca e/ou de milho cozida no vapor a que se pode acrescentar frango, peixe, camarão ou leite de coco. (DEM, DEA, DEH).

**Cuscuzeira** – s.f. Recipiente dotado de depósito de água em que se cozinha o cuscuz a vapor. (DEM, DEA, DEH). Var. **Cuscuzeiro**, acepção 1 (DEM, DEA, DEH).

**Cuscuzeiro** – s.m. 1. O mesmo que cuscuzeira. 2. Pessoa que prepara ou comercializa cuscuz. (DEM, DEA, DEH). Var. **Cuscuzeira** (DEM, DEA, DEH).

**Cuscuz-paulista** – s.m. Cuscuz bem temperado e acrescido de peixe, camarão ou frango. (DEA, DEH).

Das 187 formas iniciadas pela letra *c*, compiladas no DEM, DEA e/ou DEH, o LPOA e o DAVAIR dicionarizam igualmente os arabismos *Caaba*, *cabaia* e *cabide*, *cacifo* (a que o DAVAIR credita origem remota no aramaico), *caciz*, *cádi*, *cadimo*, *café* (indicando ambos a mesma trajetória interlingüística com o turco, o italiano e o francês como língua ponte), os derivados *cafeiral*, *cafeiro*, *caféico*, *caféina*, *cafeteira*, *cafeteiro*, *cafezal*, *cafezeiro* e *cafezista*, além de *cafre* e *cafta* (este último vocábulo originado no neopersa, com o turco por língua-ponte, segundo o DAVAIR), *califa* e o derivado *califado*, *cânfora* (de acordo com o DAVAIR, de origem sânscrita, com o pálavi como língua de transmissão), *canforar*, *canforeiro*, *ceifa*, *ceifeira*, *ceifeiro*, *ceitil*, *cetim*, *chafariz*, *chifra*, *chifrar*, *chué*, *cifa*, *cifra*, *cifrão*, *cifrar*, *corão*, *cubeba* (originado no neopersa) e *cuscuz* (que o DAVAIR toma por arabismo, sem concurso do berbere).

O LPOA documenta maior número dos derivados verificados no DEM, DEA e/ou DEH, quais *cacifar*, *cacifeiro*, *cafelista*, *canforado* e 13 compostos a partir de *café*, como *café-cantante*, *café-conosco* e *café-mastigado*.

No que respeita à distribuição do registro dos arabismos iniciados pela letra *c* colhidos nas obras-fonte, tem-se que: o DEM dicionariza 73,8% das formas encontradas ou 138 dos 187 itens levantados (*caaba*, *cabaia*, *cabide*, *cabilda*, *cacifar*, *cacife*, *cacifeiro*, *cacifo*, *cacifro*, *caciz*, *cádi*, *cadimo*, *cadina*, *cadoz*, *cafarreiro*, *cafarro*, *café*, *cafeal*, *cafearina*, *cafedório*, *cafeiral*, *cafeiro*, *caféico*, *cafeicultor*, *cafeicultura*, *cafeidina*, *caféina*, *cafeinado*, *cafeinar*, *cafeínico*, *cafeísmo*, *cafelana*, *cafelista*, *cafeocracia*, *cafeol*, *cafeomancia*, *cafeona*, *caferana*, *cafetânico*, *cafetanina*, *cafeteira*, *cafeteiro*, *cafezal*, *cafezeiro*, *cafezinho*, *cafezista*, *cáfila*, *cafra*, *cafral*, *cafraria*, *cafre*, *cafrice*, *cafrina*, *cafrino*, *cafta*, *cagoete*, *cagüetar*, *cagüete*, *califa*, *califado*, *canana*, *cande*, *cândi*, *candil*, *candilar*, *cânfora*, *canforáceo*, *canforado*, *canforar*, *canforato*, *canforeira*, *canforeiro*, *canfórico*, *canforífero*, *canforina*, *canforismo*, *canforóide*, *canforomania*, *canforosol*, *canforovínico*, *canfrô*, *cânjar*, *carabé*, *carmesim*, *carmesinado*, *cartaz*, *cartazana*, *cartazeiro*, *cartazista*, *casbá*, *ceca*, *cecém*, *ceifa*, *ceifadeira*, *ceifadeiro*, *ceifador*, *ceifão*, *ceifar*, *ceifeira*, *ceifeiro*, *ceitil*, *celga*, *cetim*, *cetíneo*, *cetineta*, *cetinoso*, *chafariz*, *chifra*, *chifrar*, *chué*, *chuetar*, *chumbear*, *chúmbeas*, *chumear*, *chúmeas*, *cifa*, *cifra*, *cifração*, *cifrado*, *cifrador*, *cifragem*, *cifrante*, *cifrão*, *cifrar*, *coaldeano*, *cobre-nuca*, *contra-almeida*, *contra-almirante*, *contracifra*, *corão*, *cubeba*, *cubebeira*, *cubebena*, *cubebina*, *cuscuuz*, *cuscuzeira*, *cuscuzeiro*). O DEA registra 64,7% das 187 formas levantadas, o que corresponde a 121 itens (*caaba*, *cabaia*, *cabide*, *cabilda*, *cacifar*, *cacife*, *cacifeiro*, *cacifo*, *cacifro*, *caciz*, *cádi*, *cadimo*, *cadoz*, *café*, *café-beirão*, *café-bravo*, *café-caneca*, *café-cantante*, *café-com-isca*, *café-com-leite*, *café-com-mistura*, *café-concerto*, *café-conosco*, *café-da-manhã*, *café-de-bagueio*, *café-de-duas-mãos*, *café-do-diabo*, *café-do-mato*, *café-do-pará*, *cafedório*, *cafeiral*, *cafeiro*, *café-gordo*, *cafeicultor*, *cafeicultura*, *caféina*, *cafeinado*, *cafeinar*, *cafeinismo*, *cafelana*, *cafelista*, *café-mastigado*, *cafeocracia*, *caferana*, *cafestol*, *cafeteira*, *cafeteiro*, *cafeteria*, *cafezal*, *cafezeiro*, *cafezeiro-do-mato*, *cafezinho*, *cafezista*, *cáfila*, *cafraria*, *cafre*, *cafrice*, *cafta*, *cagüeta*, *cagüetagem*, *cagüetar*, *cagüete*, *califa*, *califado*, *canana*, *cande*, *cândi*, *candil*, *candilar*, *cânfora*, *canforado*, *canforar*, *canforeira*, *canforeiro*, *canfórico*, *canforina*, *canforismo*, *canforosma*, *carmesim*, *cartaz*, *cartazeiro*, *cartazete*, *cartazista*, *casbá*, *ceca*, *cecém*, *ceifa*, *ceifadeira*, *ceifador*, *ceifar*, *ceifeira*, *ceifeiro*, *ceitil*, *celga*, *cetim*, *cetíneo*, *cetineta*, *cetinoso*, *chafariz*, *chifra*, *chifrar*, *chué*, *chuetar*, *chúmbeas*, *chumear*, *chúmeas*, *cifa*, *cifra*, *cifração*, *cifrado*, *cifrão*, *cifrar*, *cifras*, *contra-almirante*, *contracifra*, *corão*, *cubeba*, *cuscuuz*,

*cuscuzeira, cuscuzeiro, cuscuz-paulista*). Por sua vez, o DEH documenta 78,6% das formas encontradas ou 147 itens (*caaba, cabaia, cabide, cabilda, cacifar, cacife, cacifeiro, cacifo, cacifro, caciz, cádi, cadimo, cadoz, cafarreiro, cafarro, café, café-beirão, café-branco, café-bravo, café-caldeado, café-caneca, café-cantante, café-casado, café-com-isca, café-com-leite, café-com-mistura, café-concerto, café-conosco, café-da-manhã, café-das-águas, café-de-bagueio, café-de-bugre, café-de-duas-mãos, café-de-mato-grosso, café-de-quatro-quinas, café-do-brasil, café-do-diabo, café-do-mato, café-do-pará, cafedório, café-do-sudão, cafeiral, cafeeiro, cafeeiro-da-libéria, cafeeiro-da-serra-leoa, cafeeiro-do-congo, cafeeiro-do-gabão, café-eugênio, café-gordo, cafeicultor, cafeicultura, cafeína, cafeinado, cafeinar, cafeínico, cafeinismo, cafeísmo, cafelana, cafelista, café-mastigado, cafeocracia, caferana, café-soçaita, café-solúvel, café-teatro, cafeteira, cafeteiro, cafeteria, cafezal, cafezeiro, cafezinho, cafezista, cáfila, cafra, cafraria, cafre, cafreal, cafrice, cafrino, cafta, cagüetagem, cagüetar, cagüete, califa, califado, canana, cande, cândi, candilar, cânfora, canforáceo, cânfora-de-bornéu, canforado, canforar, canforeira, canforeiro, cânjar, carmesim, cartaz, cartazeiro, cartazete, cartazista, casbá, ceca, cecém, ceifa, ceifadeira, ceifadeiro, ceifador, ceifar, ceifeira, ceifeiro, ceitil, celga, cetim, cetíneo, cetineta, cetinoso, chafariz, chifra, chifrar, chué, chuetar, chúmbea, chumbeado, chumbear, chúmea, chumeado, chumear, cifa, cifra, cifração, cifrado, cifrador, cifração, cifração, cifrar, contra-almeida, contra-almirante, contracifra, corão, cubeba, cubebeira, cuscuz, cuscuzeira, cuscuzeiro, cuscuz-paulista*).

Os registros comuns correspondem a 47% dos itens levantados, o equivalente a 88 formas igualmente registradas pelo DEM, DEA e DEH (*caaba, cabaia, cabide, cabilda, cacifar, cacife, cacifeiro, cacifo, cacifro, caciz, cádi, cadimo, cadoz, café, cafedório, cafeiral, cafeeiro, cafeicultor, cafeicultura, cafeína, cafeinado, cafeinar, cafelana, cafelista, cafeocracia, caferana, cafeteira, cafeteiro, cafezal, cafezeiro, cafezinho, cafezista, cáfila, cafraria, cafre, cafrice, cafta, cagüetar, cagüete, califa, califado, canana, cande, cândi, candilar, cânfora, canforado, canforar, canforeira, canforeiro, carmesim, cartaz, cartazeiro, cartazista, casbá, ceca, cecém, ceifa, ceifadeira, ceifador, ceifar, ceifeira, ceifeiro, ceitil, celga, cetim, cetíneo, cetineta, cetinoso, chafariz, chifra, chifrar, chué, chuetar, chumear, cifa, cifra, cifração, cifrado, cifrador, cifração, cifração, cifrar, contra-almirante, contracifra, corão, cubeba, cuscuz, cuscuzeira e cuscuzeiro*). Os registros comuns ao DEM e ao DEH somam 15 formas ou 8% do total (*cafarreiro, cafarro, cafeínico, cafeísmo, cafra, cafreal, cafrino, canforáceo, cânjar, ceifadeiro, chumbear, cifrador, cifração, contra-almeida e cubebeira*); com o DEA o DEM compartilha a dicionarização de 06 formas (*candil, canfórico, caforina, canforismo, chúmbeas e chúmeas*) ou 3,2% do total; já o DEA e o DEH trazem 22 itens não documentados

no DEM (*café-beirão, café-bravo, café-caneca, café-cantante, café-com-isca, café-com-leite, café-com-mistura, café-concerto, café-conosco, café-da-manhã, café-de-bagueio, café-de-duas-mãos, café-do-diabo, café-do-mato, café-do-pará, café-gordo, cafeinismo, café-mastigado, cafeteria, cagüetagem, cartazete e cuscuz-paulista*), o que equivale a 11,8% do total de formas levantadas.

O DEM dicionariza com exclusividade 29 itens ou 15,5% do total (*cadina, cafeal, cafearina, caféico, cafeidina, cafeol, cafeomancia, cafeona, cafetânico, cafetanina, cafral, cafrina, cagoete, canforato, canforífero, canforóide, canforomania, canforosol, canforovínico, canfrô, carabé, carmesinado, cartazana, ceifão, cifrante, coaldeano, cobrenuca, cubebena, cubebina*); o DEH documenta 22 formas não dicionarizadas pelo DEM e pelo DEA (*café-branco, café-caldeado, café-casado, café-das-águas, café-de-bugre, café-de-mato-grosso, café-de-quatro-quinas, café-do-brasil, café-do-sudão, cafeeiro-da-libéria, cafeeiro-da-serra-leoa, cafeeiro-do-congo, cafeeiro-do-gabão, café-eugênio, café-soçaita, café-solúvel, café-teatro, cânfora-de-bornéu, chúmbea, chumbeado, chúmea, chumeado*), isto é, 11,8% das formas encontradas, ao passo que o DEA traz 05 arabismos não documentados no DEM e no DEH (*cafestol, cafezeiro-do-mato, cagüeta, canforosma, cifras*), o equivalente a 2,7% do total.

As formas básicas somam 46 itens ou 24,6% dos 187 levantados (*caaba, cabaia, cabide, cabilda, cacife, cacifo, cacifro, caciz, cádi, cadimo, cadoz, cafarro, café, cáfila, cafre, cafta, cagoete, cagüeta, califa, canana, cande, cândi, candil, cânfora, canfrô, cânjar, carabé, carmesim, cartaz, casbá, ceca, cecém, ceifa, ceitil, celga, cetim, chafariz, chifra, chué, chúmbea, chúmea, cifa, cifra, corão, cubeba, cuscuz*). As formas derivadas totalizam 87 itens ou 46,5% dos arabismos compilados iniciados pela letra *c* (*cacifar, cacifeiro, cafarreiro, cafeal, cafearina, cafedório, cafeiral, cafeeiro, caféico, cafeicultor, cafeicultura, cafeidina, cafeína, cafeinado, cafeinar, cafeínico, cafeinismo, cafeísmo, cafelista, cafeocracia, cafeol, cafeomancia, cafeona, caferana, cafestol, cafetânico, cafetanina, cafeteira, cafeteiro, cafeteria, cafezal, cafezeiro, cafezista, cafral, cafraria, cafreal, cafrice, cafrino, cagüetagem, cagüetar, cagüete, califado, candilar, canforáceo, canforado, canforar, canforato, canforeira, canforeiro, canfórico, canforífero, canforina, canforismo, canforóide, canforosma, canforosol, canforovínico, carmesinado, cartazeiro, cartazista, ceifadeira, ceifadeiro, ceifador, ceifar, ceifeira, ceifeiro, cetíneo, cetineta, cetinoso, chifrar, chuetar, chumbeado, chumbear, chumeado, chumear, cifração, cifrado, cifrador, cifração, cifrante, cifrar, coaldeano, cubebeira, cubebena, cubebina, cuscuzeira, cuscuzeiro*). Os compostos somam 42 vocábulos ou 22,5% do total (*café-beirão, café-branco, café-bravo, café-caldeado,*

*café-caneca, café-cantante, café-casado, café-com-isca, café-com-leite, café-com-mistura, café-concerto, café-conosco, café-da-manhã, café-das-águas, café-de-bagueio, café-de-bugre, café-de-duas-mãos, café-de-mato-grosso, café-de-quatro-quinas, café-do-brasil, café-do-diabo, café-do-mato, café-do-pará, café-do-sudão, cafeeiro-da-libéria, cafeeiro-da-serra-leoa, cafeeiro-do-congo, cafeeiro-do-gabão, café-eugênio, café-gordo, café-mastigado, café-soçaita, café-solúvel, café-teatro, cafezeiro-do-mato, canforomania, cânfora-de-bornéu, cobre-nuca, contra-almeida, contra-almirante, contracifra, cuscuz-paulista*). Já os vocábulos com outras marcas, quais a de gênero e diminutivos ou aumentativos, se fazem representar por 12 itens ou 6,4% do total (*cadina, cafra, cafrina, cafelana, cartazana, ceifão, cifrão, cafezinho, cartazete, chúmbeas, chúmeas e cifras*).

O DEM dicionariza 43 formas básicas ou 93,5% destas (*caaba, cabaia, cabide, cabilda, cacife, cacifo, cacifro, caciz, cádi, cadimo, cadoz, cafarro, café, cáfila, cafre, cafta, cagoete, califa, canana, cande, cândi, candil, cânfora, canfrô, cânjar, carabé, carmesim, cartaz, casbá, ceca, cecém, ceifa, ceitil, celga, cetim, chafariz, chifra, chué, cifa, cifra, corão, cubeba, cuscuz*); 80 formas derivadas ou 92% das mesmas (*cacifar, cacifeiro, cafarreiro, cafeal, cafearina, cafedório, cafeiral, cafeeiro, caféico, cafeicultor, cafeicultura, cafeidina, cafeína, cafeinado, cafeinar, cafeínico, cafeísmo, cafelista, cafeocracia, cafeol, cafeomancia, cafeona, caferana, cafetânico, cafetanina, cafeteira, cafeteiro, cafezal, cafezeiro, cafezista, cafral, cafraria, cafrreal, cafrice, cafrino, cagüetar, cagüete, califado, candilar, canforáceo, canforado, canforar, canforato, canforeira, canforeiro, canfórico, canforífero, canforina, canforismo, canforóide, canforosol, canforovínico, carmesinado, cartazeiro, cartazista, ceifadeira, ceifadeiro, ceifador, ceifar, ceifeira, ceifeiro, cetíneo, cetineta, cetinoso, chifrar, chuetar, chumbear, chumear, cifração, cifrado, cifrador, cifração, cifrante, cifrar, coaldeano, cubebeira, cubebena, cubebina, cuscuzeira, cuscuzeiro*); 05 formas compostas ou 11,9% delas (*canforomania, cobre-nuca, contra-almeida, contra-almirante, contracifra*) e, enfim, 10 formas com outras marcas ou 83,3% das mesmas (*cadina, cafra, cafrina, cafelana, cartazana, ceifão, cifrão, cafezinho, chúmbeas, chúmeas*). O DEA documenta 84,8% das formas básicas, o que corresponde a 39 itens (*caaba, cabaia, cabide, cabilda, cacife, cacifo, cacifro, caciz, cádi, cadimo, cadoz, café, cáfila, cafre, cafta, cagüeta, califa, canana, cande, cândi, candil, cânfora, carmesim, cartaz, casbá, ceca, cecém, ceifa, ceitil, celga, cetim, chafariz, chifra, chué, cifa, cifra, corão, cubeba, cuscuz*); 62,1% das formas derivadas, ou seja, 54 itens (*cacifar, cacifeiro, cafedório, cafeiral, cafeeiro, cafeicultor, cafeicultura, cafeína, cafeinado, cafeinar, cafeinismo, cafelista, cafeocracia, caferana, cafestol, cafeteira, cafeteiro, cafeteria, cafezal, cafezeiro, cafezista, cafraria, cafrice, cagüetagem, cagüetar,*

*cagüete, califado, candilar, canforado, canforar, canforeira, canforeiro, canfórico, canforina, canforismo, canforosma, cartazeiro, cartazista, ceifadeira, ceifador, ceifar, ceifeira, ceifeiro, cetíneo, cetineta, cetinoso, chifrar, chuetar, chumear, cifração, cifrado, cifrar, cuscuzeira, cuscuzeiro*); 50% das formas compostas ou 50 itens (*café-beirão, café-bravo, café-caneca, café-cantante, café-com-isca, café-com-leite, café-com-mistura, café-concerto, café-conosco, café-da-manhã, café-de-bagueio, café-de-duas-mãos, café-do-diabo, café-do-mato, café-do-pará, café-gordo, café-mastigado, cafezeiro-do-mato, contra-almirante, contracifra, cuscuz-paulista*) e, enfim, 07 formas com outras marcas ou 58,3% destas (*cafelana, cifrão, cafezinho, cartazete, chúmbeas, chúmeas, cifras*). Por sua vez, o DEH registra 41 formas básicas ou 89,1% das mesmas (*caaba, cabaia, cabide, cabilda, cacife, cacifo, cacifro, caciz, cádi, cadimo, cadoz, cafarro, café, cáfila, cafre, cafta, califa, canana, cande, cãdi, cãnfora, cãnjar, carmesim, cartaz, casbá, ceca, cecém, ceifa, ceitil, celga, cetim, chafariz, chifra, chué, chúmbea, chúmea, cifa, cifra, corão, cubeba, cuscuz*); 62 formas derivadas ou 71,3% destas (*cacifar, cacifeiro, cafarreiro, cafedório, cafeiral, cafeiro, cafeicultor, cafeicultura, cafeína, cafeinado, cafeinar, cafeínico, cafeinismo, cafeísmo, cafelista, cafeocracia, caferana, cafeteira, cafeteiro, cafeteria, cafezal, cafezeiro, cafezista, cafraria, cafreal, cafrice, cafrino, cagüetagem, cagüetar, cagüete, califado, candilar, canforáceo, canforado, canforar, canforeira, canforeiro, cartazeiro, cartazista, ceifadeira, ceifadeiro, ceifador, ceifar, ceifeira, ceifeiro, cetíneo, cetineta, cetinoso, chifrar, chuetar, chumbeado, chumbear, chumeado, chumear, cifração, cifrado, cifrador, cifragem, cifrar, cubebeira, cuscuzeira, cuscuzeiro*); 39 formas compostas ou 92,8% do total de compostos encontrados (*café-beirão, café-branco, café-bravo, café-caldeado, café-caneca, café-cantante, café-casado, café-com-isca, café-com-leite, café-com-mistura, café-concerto, café-conosco, café-da-manhã, café-das-águas, café-de-bagueio, café-de-bugre, café-de-duas-mãos, café-de-mato-grosso, café-de-quatro-quinas, café-do-brasil, café-do-diabo, café-do-mato, café-do-pará, café-do-sudão, cafeeiro-da-libéria, cafeeiro-da-serra-leoa, cafeeiro-do-congo, cafeeiro-do-gabão, café-eugênio, café-gordo, café-mastigado, café-soçaite, café-solúvel, café-teatro, cãnfora-de-bornéu, contra-almeida, contra-almirante, contracifra, cuscuz-paulista*) e, enfim, 05 formas com outras marcas ou 41,7% destas (*cafra, cafelana, cifrão, cafezinho, cartazete*).

## D

**Daroês** – s.m. Membro de ordem monacal muçulmana; dervixe. (DEM, DEA, DEH). Var.

**Dervis** (DEM, DEA, DEH); **dervixe** (DEM DEA, DEH).

**Debalde** – adv. Inutilmente, em vão. (DEM, DEA, DEH).

**Delfim** – s.m. Ant. Peça do jogo de xadrez atualmente designada bispo. (DEM, DEA, DEH).

**Delta-zero** – s.m. Fis. Nucl. Bárion composto de dois quarks d e um *quark u*, com massa 1232 MeV/c<sup>2</sup>, isospin 3/2, spin 3/2, paridade positiva, carga elétrica nula. (DEM, DEA, DEH).

**Dervis** – s.m. Mesmo que daroês. (DEM, DEA, DEH). Var. **Daroês** (DEM, DEA, DEH); **dervixe** (DEM DEA, DEH).

**Dervixe** – s.m. Mesmo que daroês. (DEM, DEA, DEH). Var. **Daroês** (DEM DEA, DEH); **Dervis** (DEM, DEA, DEH).

**Desaçaimado** – adj. Destituído de açaimo. (DEM, DEA, DEH). Var. **Desaçamado** (DEM, DEA, DEH).

**Desaçaimar** – v.t.d. Destituir de açaimo (DEM, DEA, DEH). Var. **Desaçamar** (DEM, DEA, DEH).

**Desaçamado** – adj. Mesmo que desaçaimado. (DEM, DEA, DEH). Var. **Desaçaimado** (DEM, DEA, DEH).

**Desaçamar** – v.t.d. Mesmo que desaçamar. (DEM, DEA, DEH). Var. **Desaçaimar** (DEM, DEA, DEH).

**Desalfaiar** – v.t.d. Destituir de alfaias. (DEM).

**Desalforjar** – v.t.d. 1. Destituir de alforje. 2. Esvaziar o conteúdo, despejar. 3. Tirar da algibeira. (DEM, DEA, DEH).

**Desalgemação** – s.f. Ação ou efeito de desalgemar; desalgemamento. (DEH). Var. **Desalgemagem** (DEH); **desalgemamento** (DEH).

**Desalgemado** – adj. Sem algemas. (DEH).

**Desalgemagem** – Mesmo que desalgemação. (DEH).

**Desalgemamento** – (DEH). s.m. Mesmo que desalgemação. Var. **Desalgemação** (DEH); **desalgemagem** (DEH).

**Desalgemar** – v.t.d. 1. Tirar as algemas. 2. Libertar. (DEM, DEA, DEH).

**Desalicerçar** – v.t.d. Tirar os alicerces. (DEM).

**Desamalgiação** – s.f. Ação de desamalgamar. (DEM).

**Desamalgamar** – v.t.d. Separar o que está amalgamado. (DEM, DEA, DEH).

**Desarrimar** – v.t.d. 1. Tirar o arrimo. 2. Desamparar. (DEM, DEA, DEH).

- Desarrimo** – adj. 1. Ausência de arrimo. 2. Desamparo. (DEM, DEA, DEH).
- Desazinhavrado** – adj. Não azinhavrado. (DEM, DEH).
- Descafeinação** – s.f. Ato ou efeito de descafeinar. (DEH). Var. **Descafeinização** (DEM, DEH).
- Descafeinado** – adj. Destituído de cafeína. (DEH). Var. **Descafeinado** (DEH).
- Descafeinador** – adj. e s.m. Que ou o que descafeína. (DEH). Var. **Descafeinizador** (DEH).
- Descafeinante** – adj.2g. Que descafeína. (DEH). Var. **Desfaceinizante** (DEH).
- Descafeinar** – v.t.d. Extrair a cafeína. (DEM, DEA). Var. **Descafeinizar** (DEM, DEH).
- Descafeinável** – adj.2g. Passível de descafeinação. (DEH). Var. **Descafeinizável** (DEH).
- Descafeinização** – s.g. Mesmo que descafeinação. (DEM, DEH). Var. **Descafeinação** (DEH).
- Descafeinado** – adj. Mesmo que descafeinado. (DEH). Var. **Descafenizado** (DEH).
- Descafeinizador** – adj. e s.m. Mesmo que descafeinador (DEH). Var. **Descafeinador** (DEH).
- Descafeinizante** – adj.2g. Mesmo que descafeinante. (DEH). Var. **Descafeinante** (DEH).
- Descafeinizar** – v.t.d. Mesmo que descafeinar. (DEM, DEH). Var. **Descafeinar** (DEM, DEA).
- Descafeinizável** – adj.2g. Mesmo que descafeinável. (DEH). **Descafeinável** (DEH).
- Desengarrafado** – adj. 1. Sem engarrafamento. 2. Descongestionado. (DEM, DEH).
- Desengarrafamento** – s.m. 1. Ato ou efeito de desengarrafar. 2. Descongestionar. (DEH).
- Desengarrafar** – v.t.d. Tirar da garrafa. 2. Acabar com o congestionamento. (DEM, DEA, DEH).
- Desenxovar** – v.t.d. Tirar da enxovia. (DEM, DEA, DEH).
- Desnucado** – adj. A que se desarticulou a nuca. (DEM, DEA, DEH).
- Desnucar** – v.t.d. 1. Desarticular a nuca. Reg. (S) 2. Matar fincando a nuca com instrumento perfurante (DEM, DEA, DEH).
- Diafa** – s.f. 1. Gratificação oferecida a trabalhadores ao final da tarefa. 2. (DEM, DEA, DEH).
- Diálcool** – s.m. Quim. Composto de duas funções alcoólicas. (DEM).
- Dicânfora** – s.f. Quim. Composto orgânico obtido da cânfora. (DEM).
- Dinar** – s.m. 1. Moeda de ouro árabe. 2. Unidade monetária de países árabes. (DEM, DEA, DEH).
- Djim** – s.m. Entidades benfazejas ou malfazejas intermediárias entre os homens e os anjos, espírito, gênio, demônio. (DEM, DEA, DEH). Var. **Djin** (DEM).
- Djin** – s.m. Mesmo que djim. (DEM). Var. **Djim** (DEM, DEA, DEH).
- Druso** – adj. e s.2g. Membro de seita muçulmana da Síria e do Líbano. (DEM, DEA, DEH).

Os arabismos iniciados pela letra D encontrados nas obras-fonte totalizam 48 itens lexicais. Destes, o LPOA e o DAVAIR registram *darôês*, originado no neopersa *darviš* ‘mendigo’, para o qual apresentam *dervis* e *dervixe* como variantes. Segundo o DAVAIR, o seu registro na língua portuguesa já no século XVI é sugestiva de introdução pelo árabe norte-africano *darwīš*, não pela Índia.

Também registram o LPOA e o DAVAIR a forma *debalde*, que o DAVAIR faz remontar à forma andalusina *bāṭil* ‘inútil, gratuitamente’, esta do clássico *bāṭil(an)* ‘inútil(mente)’. Em andalusino já apresentava a dupla função de adjetivo e de advérbio, mas, em decorrência da hibridação com preposições, deu-se a especialização semântica na segunda função.

O DEM, o DEA e o DEH registram *delfim* como variante de *alfil* (segundo o DAVAIR, < ár. and. *alfil* < cl. *fīl* ‘elefante’ < pál. *pīl* < sâns. *pīlu*), mas nem o LPOA nem o DAVAIR apresenta esta forma dentre as suas variantes. Haver-se-ia de investigar a evolução da forma, quiçá resultante de processo de gramaticalização que reunisse a preposição *de* e o nome *alfim* ou de analogia com o título designativo do herdeiro do trono francês.

Nem o LPOA nem o DAVAIR dicionariza o composto *delta-zero* nem quaisquer dos derivados constituídos do morfema *des-*, que expressa negação ou falta, documentados no DEM, DEA e DEH: *desaçaimado*, *desaçaimar*, *desaçamado*, *desaçamar*, *desalfaiar*, *desalforjar*, *desalgemação*, *desalgemado*, *desalgemagem*, *desalgemamento*, *desalicerçar*, *desamalgiação*, *desamalgamar*, *desarrimar*, *desarrimo*, *desazinhavrado*, *descafeinação*, *descafeinado*, *descafeinador*, *descafeinante*, *descafeinar*, *descafeinável*, *descafeinização*, *descafeinizado*, *descafeinizador*, *descafeinizante*, *descafeinizar*, *descafeinizável*, *desengarraçado*, *desengarraçamento*, *desengarraçar*, *desenxovar*, *desnucado*, *desnucar*, com exceção de *desalgemar*, encontrado em ambos, no DAVAIR e no LPOA.

Observe-se que *amálgama* é apontado por Corriente como falso arabismo, de onde o seu indevido registro como vocábulo de origem árabe nos dicionários gerais brasileiros consultados, bem como de seus derivados.

O termo *diafa* está registrado como variante de *adiafa* tanto no LPOA quanto no DAVAIR, segundo o qual resultante do árabe andalusino *aḍḍiyáfa*, *ḍiyāfah* no clássico ‘oferenda de hospitalidade’, com evolução semântica.

Os arabismos *diálcool* e *dicânfora* não estão documentados no DAVAIR e no LPOA.

Segundo o DAVAIR, *dinar* é latinismo (< lat. *dēnārius*) e sua trajetória interlingüística passa pelo árabe (*dīnār*) e o neopersa. Apesar de sua freqüência em andalusino, só há registro escrito da forma portuguesa no século XVI.

O LPOA dicionariza *djim* e sua variante *djin*, originadas no árabe *ǧinn*. O DAVAIR registra *druso* como forma castelhana e galega apenas, apontando-a como resultante do neoárabe *durūz*, plural de *durzī*, do antropônimo do fundador da seita libanesa fundada no século XI, com o francês ou o italiano como língua-ponte.

Dos 48 itens lexicais iniciados pela letra D levantados, dicionariza o DEH 85,4% (41 formas); trazendo o DEM 70,83% dos registros (34 formas) e o DEA, 50% do total (24 itens), assim distribuídos:

No DEH encontram-se: *darôês, debalde, delfim, deta-zero, dervis, dervixe, desaçaimado, desaçaimar, desaçamado, desaçamar, desalforjar, desalgemação, desalgemado, desalgemagem, desalgemamento, desalgemar, desamalgamar, desarrimar, desarrimo, desazinhavrado, descafeinação, descafeinado, descafeinador, descafeinante, descafeinável, descafeinização, descafeinizado, descafeinizador, descafeinizante, descafeinizar, descafeinizável, desengarraçado, desengarraçamento, desengarraçar, desenxovar, desnucado, desnucar, diafa, dinar, djim e druso*. O DEM traz: *darôês, debalde, delfim, deta-zero, dervis, dervixe, desaçaimado, desaçaimar, desaçamado, desaçamar, desalfaiar, desalforjar, desalgemar, desalicerçar, desamalgamação, desamalgamar, desarrimar, desarrimo, desazinhavrado, descafeinar, descafeinização, descafeinizar, desengarraçado, desengarraçar, desenxovar, desnucado, desnucar, diafa, diálcool, dicânfora, dinar, djim, djin e druso*. Por fim, dicionariza o DEA: *darôês, debalde, delfim, deta-zero, dervis, dervixe, desaçaimado, desaçaimar, desaçamado, desaçamar, desalforjar, desalgemar, desamalgamar, desarrimar, desarrimo, descafeinar, desengarraçar, desenxovar, desnucado, desnucar, diafa, dinar, djim e druso*.

Os registros comuns somam 47,9% das formas ou 23 dos 48 itens encontrados: *darôês, debalde, delfim, deta-zero, dervis, dervixe, desaçaimado, desaçaimar, desaçamado, desaçamar, desalforjar, desalgemar, desamalgamar, desarrimar, desarrimo, desengarraçar, desenxovar, desnucado, desnucar, diafa, dinar, djim e druso*. O DEM e o DEA registram *descafeinar*, forma não encontrada no DEH, o que equivale a 2,1% do total dos registros. O DEM e o DEH dicionarizam 04 itens (*desazinhavrado, descafeinização, descafeinizar e desengarraçado*) não verificados no DEA, perfazendo 8,3% dos arabismos compilados iniciados pela letra D. O DEM traz 06 itens não dicionarizados no DEA e no DEH (*desalfaiar, desalicerçar, desamalgamação, diálcool, dicânfora e djin*), isto é, 12,5% do total das

formas encontradas. Já o DEH registra número maior de vocábulos dicionarizados com exclusividade, 14, tratando-se todos de formas derivadas (*desalgação, desalgemado, desalgemagem, desalgemamento, descafeinação, descafeinado, descafeinador, descafeinante, descafeinável, descafeinizado, descafeinizador, descafeinizante, descafeinizável e desengarrafamento*), perfazendo 29,2% do total dos registros.

As formas básicas totalizam 09 dos 48 itens encontrados ou 18,7% destes: *darôês, delfim, dervis, dervixe, diafa, dinar, djim, djin* e *druso*, encontrando-se no DEM todas estas (100% dos registros), ao passo que o DEA e o DEH trazem 08 das formas básicas citadas, ou 88,8% delas, deixando ambos de registrar a variante *djin* (~ *djim*). Verificam-se apenas 02 compostos (*debalde* e *delta-zero*), perfazendo 4,2% do total das formas levantadas, compostos estes igualmente dicionarizados no DEM, DEA e DEH (100% dos registros).

Já os derivados somam 37 dos 48 itens levantados ou 77,1% do total, a saber: *desaçaimado, desaçaimar, desaçamado, desaçamar, desalfaiar, desalforjar, desalgação, desalgemado, desalgemagem, desalgemamento, desalgemar, desalicerçar, desamalgação, desamalgamar, desarrimar, desarrimo, desazinhavrado, descafeinação, descafeinado, descafeinador, descafeinante, descafeinar, descafeinável, descafeinização, descafeinizado, descafeinizador, descafeinizante, descafeinizar, descafeinizável, desengarrafado, desengarrafamento, desengarrafar, desenxovar, desnucado, desnucar, diálcool e dicânfora*. O maior número deles está presente no DEH, 31 ou 83,8% dos mesmos, com exceção apenas de *desalfaiar, desalicerçar, descafeinar, diálcool* e *dicânfora*. O DEM registra 62,1% dos derivados ou 23 itens lexicais: *desaçaimado, desaçaimar, desaçamado, desaçamar, desalfaiar, desalforjar, desalgemar, desalicerçar, desamalgação, desamalgamar, desarrimar, desarrimo, desazinhavrado, descafeinar, descafeinização, descafeinizar, desengarrafado, desengarrafar, desenxovar, desnucado, desnucar, diálcool e dicânfora*. Já o DEA traz menor número de vocábulos derivados, 14, o que constitui 37,8% das formas encontradas: *desaçaimado, desaçaimar, desaçamado, desaçamar, desalforjar, desalgemar, desamalgamar, desarrimar, desarrimo, descafeinar, desengarrafar, desenxovar, desnucado* e *desnucar*.

## E

**Elixir** – s.m. 1. Preparado medicamentoso a base de álcool, açúcar ou glicerina para uso oral. 2. Bebida saborosa. 3. Poção mágica. 4. Substância que transforma metais em ouro ou proporciona a vida longa ou eterna. Bras. 5. Cachaça. (DEM, DEA, DEH).

**Embalde** – adv. Mesmo que *debalde*. (DEM, DEA, DEH).

**Embelecado** – adj. Que se embelecou. (DEH).

**Embelecador** – adj. e s.m. Que ou quem embeleca. (DEM, DEA, DEH).

**Embelecar** – v.t.d. 1. Enganar. v.pr. 2. Deixar(-se) enganar. (DEM, DEA).

**Embelecável** – adj. e s.2.g. Passível de se embelecar. (DEM).

**Embeleco** – s.m. 1. Ato ou efeito de embelecar. Reg. (NE) 2. Empecilho. Reg. (BA) 3. Caso amoroso. (DEM, DEA, DEH).

**Embodocado** – adj. 1. Que assumiu a forma curva de bodoque. 2. Curvado. (DEM).

**Embodocar** – v.t.d. 1. Curvar como bodoque v. intr. e v.pr. Corcovear (animal). 2. v. intr. e v.pr. 3. Arquear-se (animal ou vegetal). (DEM, DEA, DEH).

**Emir** – s.m. 1. Descendente de Maomé. 2. Governante muçulmano. (DEM, DEA, DEH).

**Emirado** – s.m. 1. Território sob jugo de emir. 2. Dignidade de emir. (DEM, DEA, DEH).

**Encandilar** – v.t.d. e v.pr. 1. Tornar(-se) cande (açúcar). v.t.d. 2. Aprimorar-se, aperfeiçoar-se. (DEM, DEA, DEH).

**Enceroilar** – v.t.d. Mesmo que enceroular. (DEM, DEA, DEH). Var. **Enceroular** (DEM, DEA, DEH).

**Enceroulado** – adj. 1. Transformado em ceroulas. 2. Usado como ceroulas. (DEM).

**Enceroular** – v.t.d. 1. Transformar em ceroular. 2. Usar como ceroulas. (DEM, DEA, DEH). Var. **Enceroilar** (DEM, DEA, DEH).

**Engarfatar** – v.t.d. 1. Pegar com garfo. v.t.i. 2. Entroncar uma estirpe em outra. (DEM, DEA, DEH).

**Engarrafadeira** – s.f. 1. Mulher que engarrafa. 2. Máquina usada para engarrafar. (DEM, DEA, DEH). Var. Acepção 2, **engarrafador** (DEM, DEA, DEH); **engarrafadora** (DEA).

**Engarrafado** – adj. 1. Guardado em garrafa. Fig. 2. Obstruído. (DEM, DEA, DEH).

**Engarrafador** – adj. e s.m. 1. Homem que engarrafa. 2. Mesmo que engarrafadeira, acepção 2. (DEM, DEA, DEH). Var. Acepção 2, **engarrafadeira** (DEM, DEA, DEH); **engarrafadora** (DEA).

**Engarrafadora** – s.f. Mesmo que engarrafadeira, acepção 2. Var. **Engarrafadeira**, acepção 2 (DEM, DEA, DEH); **engarrafador**, acepção 2 (DEM, DEA, DEH).

**Engarrafagem** – s.f. Mesmo que engarrafamento, acepção 1. (DEM, DEA, DEH). Var. **Engarrafamento**, acepção 1. (DEM, DEA, DEH).

**Engarrafamento** – s.m. 1. Acondicionamento em garrafa. 2. Obstrução. (DEM, DEA, DEH). Var. Acepção 1, **engarrafagem** (DEM, DEA, DEH).

**Engarrafar** – v.t.d. 1. Acondicionar em garrafas. v.t.d. e v.intr. 2. Obstruir, bloquear. (DEM, DEA, DEH).

**Enjaezar** – v.t.d. 1. Enfeitar com jaezes. v.t.d. e v.pr. 2. Enfeitar(-se). (DEM).

**Enresmado** – adj. Disposto em resmas. (DEM, DEH).

**Enresmamento** – s.m. Disposição em resmas. (DEM).

**Enresmar** – v.t.d. Dispor em resmas. (DEM, DEA, DEH).

**Ensandalar** – v.t.d. 1. Perfumar com sândalo. 2. Aromatizar como sândalo. (DEM, DEA, DEH).

**Ensanejado** – adj. 1. Enfeitado com sanefas. 2. Que pende como sanefa. (DEM, DEH).

**Ensanejar** – v.t.d. 1. Enfeitar com sanefas. 2. Pender como sanefa. (DEM, DEA, DEH).

**Ensumagrar** – v.t.d. Preparar ou curtir com sumagre. (DEM, DEA, DEH).

**Ensurroamento** – s.m. Ação de ensurroar. (DEM).

**Ensurroar** – v.t.d. 1. Guardar em surrão. 2. Enrolar o tabaco em couro cru. v.pr. 3. Comer demais. (DEM, DEA, DEH).

**Entabicado** – adj. A que se colocou tabicas. (DEM).

**Entabicar** – v.t.d. 1. Colocar tabicas em. (DEM, DEH).

**Entaleigado** – adj. 1. Colocado em taleiga. 2. Empanturrado. (DEM).

**Entaleigar** – v.t.d. Colocar em taleiga. 2. Empanturrar. (DEM, DEA, DEH).

**Enxadrez** – s.m. Ant. 1. Jogo de Xadrez. 2. Tabuleiro usado para este jogo. 3. Tecido com cores dispostas alternadamente em quadrados. (DEM, DEA).

**Enxadrezado** – adj. Dividido em quadrados como no tabuleiro de xadrez. (DEM, DEA, DEH).

**Enxadrezar** – v.t.d. Dividir em quadrados como no tabuleiro de xadrez. (DEM, DEA, DEH).

Var. **Enxaquetar** (DEM, DEA, DEH).

**Enxadrismo** – s.m. Arte ou gosto do jogo de xadrez. (DEM, DEA, DEH).

**Enxadrista** – adj. e s.2g. 1. Relativo ao xadrez. 2. Jogador(a) de xadrez. (DEM, DEA, DEH).

**Enxadrístico** – adj. Relativo ou pertencente ao enxadrismo. (DEM, DEA, DEH).

**Enxaqueca** – s.f. Cefaléia acompanhada de distúrbios digestivos e oculares. (DEM, DEA, DEH).

**Enxaquetado** – adj. 1. Enxadrezado. Heráld. 2. Escudo no qual uma cor metal se alterna com outra em faixas que se tocam nos ângulos. (DEM, DEA, DEH). Var. Acepção 1, **enxequetado** (DEM, DEA, DEH).

**Enxaquetar** – Mesmo que enxadrezar. (DEM, DEA, DEH). Var. **Enxadrezar** (DEM, DEA, DEH); **enxequetar** (DEM, DEA, DEH).

**Enxara** – s.f. 1. matagal. 2. Charneca. (DEM, DEA, DEH).

**Enxaropar** – v.t.d. e v.pr. 1. Transformar(-se) em xarope, mediante adição de açúcar. v.t.d. 2. Mediar com remédio caseiro. v.intr. e v.pr. 3. Embriagar-se. (DEM, DEA, DEH).

**Enxequetado** – adj. Mesmo que enxaquetado, acepção 1. (DEM, DEA, DEH). Var.

**Enxaquetado**, acepção 1. (DEM, DEA, DEH).

**Enxequetar** – v.t.d. Mesmo que enxaquetar. (DEM, DEA, DEH). Var. **Enxaquetar** (DEM, DEA, DEH); **enxadrezar**. (DEM, DEA, DEH).

**Enxerca** – s.f. Ant. Charqueio da carne. (DEM, DEA, DEH).

**Enxercar** – v.t.d. e v.intr. Charquear a carne. (DEM, DEA, DEH).

**Enxova** – s.f. Ant. Enxovia. (DEM, DEA, DEH). Var. **Enxovia** (DEM, DEA, DEH).

**Enxoval** – s.m. Conjunto de roupas e acessórios úteis a recém-nascidos, estudantes de internado ou noivas. (DEM, DEA, DEH).

**Enxovalhado** – adj. 1. Que se enxovalhou. 2. Desacreditado. (DEM, DEA, DEH).

**Enxovalhamento** – s.m. Ação de enxovalhar. (DEM, DEA, DEH). Var. **Enxovalho** (DEM, DEA, DEH).

**Enxovalhar** – v.t.d. 1. Sujar; manchar. 2. Desonrar, macular. 3. Ofender. v.pr. 4. Perder a reputação. (DEM, DEA, DEH).

**Enxovalho** – s.m. Mesmo que enxovalhamento. (DEM, DEA, DEH). Var. **Enxovalhamento** (DEM, DEA, DEH).

**Enxovar** – v.t.d. Ant. Colocar na enxovia. (DEM, DEH).

**Enxovia** – s.f. Cárcere térreo ou subterrâneo, úmido e escuro. (DEM, DEA, DEH).

**Escabeche** – s.m. 1. Molho para peixe ou carne a base de vinagre e temperos. 2. Disfarce para encobrir um defeito. 3. Confusão, tumulto. (DEM, DEA, DEH).

**Esfia** – s.f. Mesmo que esfirra. (DEM, DEA). Var. **Esfilha** (DEA, DEH); **esfirra** (DEM, DEA, DEH).

**Esfilha** – s.f. Mesmo que esfirra. (DEA, DEH).

**Esfirra** – s.f. Pastel de forno da culinária sírio-libanesa preparado com farinha de trigo e recheado com carne moída, queijo ou verduras e temperos diversos. (DEM, DEA, DEH). Var.

**Esfia** (DEM, DEA); **esfiha** (DEA, DEH).

**Esgarapatana** – s.f. Mesmo que esgaravatana. (DEM, DEA, DEH). Var. **Esgaravatana** (DEM, DEA, DEH).

**Esgaravatana** – s.f. Canudo por que se expelem setas; zarabatana. (DEM, DEA, DEH). Var. **Esgarapatana** (DEM, DEA, DEH).

**Espinafração** – s.f. 1. Ato ou efeito de espinafrar. Bras. 2. Repreensão severa. (DEM, DEA, DEH).

**Espinafrado** – adj. 1. Que se espinafrou. 2. Pessoa alta e magra. (DEM).

**Espinafrar** – v.t.d. e v.pr. 1. Tornar(-se) semelhante ao espinafre. Bras. v.t.d. 2. Repreender duramente. Bras. v.t.d. e v.t.d.i. 3. Falar mal de alguém, ridicularizar alguém. (DEM, DEA, DEH).

**Espinafre** – s.m. Bot. 1. Planta da família das quenopodiáceas nativa da Ásia (*Spinacia oleracea*). 2. Pessoa alta e magra. 3. Cavalinho magro. (DEM, DEA, DEH).

**Espinafre-da-china** – Bot. s.m. Trepadeira asiática da família das baseláceas (*Basella rubra*). (DEH). Var. **Espinafre-do-malabar**. (DEH).

**Espinafre-da-guiana** – s.m. Bot. Arbusto da família das fitolacáceas encontrado em todo o mundo (*Phytolacca icosandra*). (DEA, DEH).

**Espinafre-da-inglaterra** – s.m. Bot. Variedade de espinafre cujas sementes têm pontas dotadas de espinhos (*Spinacia oleracea* variedade *typica*). (DEH).

**Espinafre-da-nova-zelândia** – s.m. Bot. Planta da família das aizoáceas originária da Austrália e Nova Zelândia (*Tetragonia expansa*). (DEH).

**Espinafre-de-cuba** – s.m. Bot. Erva multicaule da família das portulacáceas encontrada na América do Norte (*Claytonia perfoliata*). (DEA, DEH).

**Espinafre-do-malabar** – s.m. Bot. Mesmo que espinafre-da-china. (DEH). Var. **Espinafre-da-china**. (DEH).

**Espinafre-do-peru** – s.m. Bot. Planta da família das quenopodiáceas, nativa da Colômbia, Peru e Chile (*Chenopodium quinoa*). (DEA, DEH).

Das 77 formas lexicais iniciadas pela letra <e> compiladas no DEM, DEA e/ou DEH, o LPOA e o DAVAIR não registram os derivados *encandilar*, *enceroular*, *enceroilar*, *enceroulado*, *enjaezar*, *enresmado*, *enresmamento*, *enresmar*, *ensandalar*, *ensanefado*, *ensumagrar*, *ensrroamento*, *ensurroar*, *entabicado*, *entabicar*, *entaleigado*, *entaleigar*, *enxaquetado*, *enxaquetar*, *enxequetado*, *enxequetar*, *enxovalhado*, *enxovalhamento*, *enxovalhar*, *enxovalho*, *esgarapatana* e *esgaravatana*. O LPOA não dicionariza, ainda, *engarfar*, *enxaropar*, *enxovia* e *enxova*.

Trazem ambos *elixir*, que vêm no grego a língua em que o vocábulo se originou, divergindo, entretanto, quanto à língua-ponte, que o LPOA propõe ter sido o francês e o DAVAIR, o baixo-latim.

Ambas as obras de referência documentam *embelecar*, registrando o LPOA as formas derivadas *embelecador*, *embelecar*, *embelecável* e *embeleco*; *engarrafar* e *engarrafagem*, a que o LPOA acresce *engarrafamento*, *engarrafadora* e *engarrafado*.

O LPOA documenta *enxadrezar*, *enxadrismo* e *enxadrista*, não registrados no DAVAIR. Dicionarizam em comum, entretanto, *enxaqueca*, *enxara*, *enxerça*, *enxercar*,

*enxoval, escabece, espinafrar e espinafre*, apresentando o LPOA designação para tipos deste, quais *espinafre-da-guiana e espinafre-de-cuba*.

As 77 formas lexicais iniciadas pelo grafema têm a sua dicionarização distribuída da seguinte forma: o DEM registra 67 itens ou 87% do total (*elixir, embalde, embelecador, embelecar, embelecável, embeleco, embodocado, embodocar, emir, emirado, encandilar, enceroilar, enceroulado, enceroular, engarfar, engarrafadeira, engarraçado, engarraçador, engarraçagem, engarraçamento, engarraçar, enjaezar, enresmado, enresmamento, enresmar, ensandalar, ensanefado, ensanefar, ensumagrar, ensurramento, ensurroar, entabicado, entabicar, entaleigado, entaleigar, enxadrez, enxadrezado, enxadrezar, enxadrismo, enxadrista, enxadrístico, enxaqueca, enxaquetado, enxaquetar, enxara, enxaropar, enxequetado, enxequetar, enxerca, enxercar, enxova, enxoval, enxovalhado, enxovalhamento, enxovalhar, enxovalho, enxovar, enxovia, escabeche, esfia, esfirra, esgarapatana, esgaravatana, espinafração, espinafrado, espinafrar e espinafre*); o DEA traz 59 formas ou 76,6% do total levantado (*elixir, embalde, embelecador, embelecar, embeleco, embodocar, emir, emirado, encandilar, enceroilar, enceroular, engarfar, engarrafadeira, engarraçado, engarraçador, engarraçadora, engarraçagem, engarraçamento, engarraçar, enresmar, ensandalar, ensanefar, ensumagrar, ensurroar, entaleigar, enxadrez, enxadrezado, enxadrezar, enxadrismo, enxadrista, enxadrístico, enxaqueca, enxaquetado, enxaquetar, enxara, enxaropar, enxequetado, enxequetar, enxerca, enxercar, enxova, enxoval, enxovalhado, enxovalhamento, enxovalhar, enxovalho, enxovia, escabeche, esfia, esfiha, esfirra, esgarapatana, esgaravatana, espinafração, espinafrar, espinafre, espinafre-da-guiana, espinafre-de-cuba e espinafre-do-peru*); documentando o DEH 64 itens (*elixir, embalde, embelecado, embelecador, embeleco, embodocar, emir, emirado, encandilar, enceroilar, enceroular, engarfar, engarrafadeira, engarraçado, engarraçador, engarraçagem, engarraçamento, engarraçar, enresmado, enresmar, ensandalar, ensanefado, ensanefar, ensumagrar, ensurroar, entabicar, entaleigar, enxadrezado, enxadrezar, enxadrismo, enxadrista, enxadrístico, enxaqueca, enxaquetado, enxaquetar, enxara, enxaropar, enxequetado, enxequetar, enxerca, enxercar, enxova, enxoval, enxovalhado, enxovalhamento, enxovalhar, enxovalho, enxovar, enxovia, escabeche, esfirra, esgarapatana, esgaravatana, espinafração, espinafrar, espinafre, espinafre-da-china, espinafre-da-guiana, espinafre-da-inglaterra, espinafre-da-nova-zelândia, espinafre-de-cuba, espinafre-do-malabar e espinafre-do-peru*), o que perfaz 83,1% do total.

Os registros comuns totalizam 51 itens (*elixir, embalde, embelecador, embeleco, embodocar, emir, emirado, encandilar, enceroilar, enceroular, engarfar, engarrafadeira,*

*engarraçado, engarraçador, engarraçagem, engarraçamento, engarraçar, enresmar, ensandalar, ensanefar, ensumagrar, ensurroar, entaleigar, enxadrezado, enxadrezar, enxadrismo, enxadrista, enxadrístico, enxaqueca, enxaquetado, enxaquetar, enxara, enxaropar, enxequetado, enxequetar, enxerca, enxercar, enxova, enxoval, enxovalhado, enxovalhamento, enxovalhar, enxovalho, enxovia, escabeche, esfirra, esgarapatana, esgaravatana, espinafração, espinafrar e espinafre*), correspondentes a 66,2% dos 77 itens encontrados. O DEM e o DEH dicionarizam 04 formas não encontradas no DEA (*enresmado, ensanefado, entabicar* e *enxovar*) ou 5,2% do total; assim como o DEA e o DEH compartilham o registro de outras 04 formas não encontradas no DEM (*esfiha, espinafre-da-guiana, espinafre-de-cuba* e *espinafre-do-peru*), perfazendo outros 5,2% do total de formas levantadas; encontrando-se no DEM e no DEA 03 itens não verificados no DEH (*embelecar, enxadrez* e *esfia*) ou 3,9% do total.

O DEM registra com exclusividade 09 formas (*embelecável, embodocado, enceroulado, enjaezar, enresmamento, ensurramento, entabicado, entaleigado* e *espinafrado*) ou 11,7% do total; o DEH documenta 05 itens não encontrados no DEM e no DEA (*embelecado, espinafre-da-china, espinafre-da-inglaterra, espinafre-da-nova-zelândia* e *espinafre-do-malabar*) ou 6,5% do total de formas encontradas; dicionarizando o DEA 01 única forma não encontrada no DEM e no DEH (*engarraçadora*) ou 1,3% do total de itens levantados.

No que respeita à classificação morfosintática dos arabismos iniciados pela letra *e*, 15 dos 77 itens levantados nas obras-fonte são formas básicas (*elixir, emir, enxaqueca, enxara, enxerca, enxova, enxoval, enxovia, escabeche, esfia, esfiha, esfirra, esgarapatana, esgaravatana* e *espinafre*), o que equivale a 19,5% dos itens encontrados. As formas derivadas totalizam 54 itens ou 70,1% do total (*embeleco, embelecado, embelecador, embelecar, embelecável, embodocado, embodocar, emirado, encandilar, enceroilar, enceroulado, enceroular, engarfar, engarraçadeira, engarraçado, engarraçador, engarraçadora, engarraçagem, engarraçamento, engarraçar, enjaezar, enresmado, enresmamento, enresmar, ensandalar, ensafenado, ensafenar, ensumagrar, ensurramento, ensurroar, entabicado, entabicar, entaleigado, entaleigar, enxadrez, enxadrezado, enxadrezar, enxadrismo, enxadrista, enxadrístico, enxaquetado, enxaquetar, enxaropar, enxequetado, enxequetar, enxercar, enxovalho, enxovalhado, enxovalhamento, enxovalhar, enxovar, espinafração, espinafrado* e *espinafrar*), ao passo que as formas compostas somam 08 itens ou 10,4% do total (*embalde, espinafre-da-china, espinafre-da-guiana, espinafre-da-*

*inglaterra, espinafre-da-nova-zelândia, espinafre-de-cuba, espinafre-do-malabar e espinafre-do-peru).*

O DEM dicionariza 14 das 15 formas básicas, com exceção apenas da variante gráfica *esfiha*, o que perfaz 93,3% destas; documenta 52 das 54 formas derivadas, exceto *embelecado* e *engarrafadora*, ou 96,3% destas, mas apenas 01 das 08 formas compostas (*embalde*) ou 12,5% das mesmas.

O DEA documenta 100% das formas básicas, isto é, todas as 15 levantadas; dicionariza ainda 40 dos 54 vocábulos compostos (a exceção de *embelecado, embelecável, embodocado, enceroulado, enjaezar, enresmado, enresmamento, ensanefado, ensurroamento, entabicado, entabicar, entaleigado, enxovar* e *espinafrado*, portanto), o que perfaz 74,1% dos mesmos e, enfim, 50% dos vocábulos compostos (*embalde, espinafre-da-guiana, espinafre-de-cuba* e *espinafre-do-peru*), 04 dos 08 itens encontrados.

O DEH também dicionariza 14 das 15 formas básicas, e, como o DEM, a exceção apenas de uma variante gráfica de *esfiha*, deixando, entretanto, de documentar *esfia*, forma encontrada no DEM e no DEA. Assim, dicionariza 93,3% das formas básicas levantadas. Documenta o DEH 42 das 54 formas derivadas (*embelecado, embelecador, embeleco, embodocar, emirado, encandilar, enceroilar, enceroular, engarfar, engarrafadeira, engarraçado, engarrafador, engarrafagem, engarrafamento, engarrafar, enresmado, enresmar, ensandalar, ensanefado, ensanefar, ensumagrar, ensurroar, entabicar, entaleigar, enxadrezado, enxadrezar, enxadrismo, enxadrista, enxadrístico, enxaqueca, enxaquetado, enxaquetar, enxaropar, enxequetado, enxequetar, enxercar, enxovalhado, enxovalhamento, enxovalhar, enxovalho, enxovar, espinafração, espinafrar*), o que equivale a 77,8% das mesmas. Quanto às formas compostas, o DEH registra 100% das mesmas.

## F

**Falso-sândalo** – s.m. Bot. Árvore tropical de pequeno porte dotada de espinhos (*Ximenia americana*). (DEM).

**Falua** – s.f. Embarcação a vela para transporte de passageiros ou de carga. (DEM, DEA, DEH).

**Faluca** – s.f. Embarcação da costa do Marrocos. (DEM, DEA, DEH).

**Falucho** – s.m. Embarcação mediterrânea. (DEM, DEA, DEH).

**Falueiro** – adj. Pertencente ou relativo a falua. s.m. condutor de falua. (DEA, DEH). Var.

**Faluleiro**. (DEM).

**Faluleiro** – adj. Pertencente ou relativo a falua. s.m. condutor de falua. (DEM). Var. **Falueiro**. (DEA, DEH).

**Fanega** – s.f. Reg. Medida de capacidade correspondente a 100kg (RS). (DEA, DEH). Var. **Fânega** (DEM).

**Fânega** – s.f. Reg. Medida de capacidade correspondente a 100kg (RS). (DEM). Var. **Fanega** (DEA, DEH).

**Fanga** – s.f. 1. Ant. Medida de capacidade equivalente a 4 alqueires. 2. Medida de capacidade para carvão de pedra equivalente a 8 alqueires. 3. Local de venda de cereais. (DEM, DEA, DEH).

**Faqui** – s.m. Jurisconsulto versado nas leis islâmicas. (DEM, DEA, DEH). Var. **Faquim**. (DEM, DEH); **faquino** (DEA, DEH).<sup>91</sup>

**Faquim** – s.m. Mesmo que faqui. (DEM). Var. **Faqui**. (DEM, DEA, DEH); **faquino** (DEA, DEH).

**Faquino** – s.m. Mesmo que faqui. (DEA, DEH). Var. **Faqui** (DEM, DEA, DEH); **faquim**. (DEM, DEH).

**Faquir** – s.m. 1. Religioso muçulmano ou hindu que pratica a mendicância e vive em rigoroso ascetismo. 2. Indivíduo que se submete a provações físicas sem demonstrar sofrimento. (DEM, DEA, DEH). Var. **Faqui** (DEM, DEA, DEH); **faquim**. (DEM, DEH); **faquino** (DEA, DEH).

**Faquiriano** – adj. 1. Relativo ou pertencente a faquir. 2. Semelhante aos faquires. (DEM).

**Faquirismo** – s.m. 1. Condição ou modo de vida de faquir. 2. Conjunto dos fenômenos relativos ao poder de faquir. (DEM, DEA, DEH).

**Faquirizar** – v.t.d. e vpr. Tornar(-se) faquir. (DEM).

**Farda** – s.f. Uniforme, fardamento. (DEM, DEA, DEH). Var. **Fardamento** [acep. 1]. (DEM, DEA, DEH).

**Fardado** – adj. Vestido com farda. (DEM).

**Fardagem** – s.f. Conjunto ou quantidade de roupas. (DEM, DEA, DEH).

**Fardalhão** – s.m. Roupas suntuosas, pomposas. (DEM, DEA, DEH). Var. **Fardão** (DEM, DEA, DEH).

**Fardamenta** – s.f. Mesmo que fardamento. (DEM, DEA, DEH). Var. **Fardamento**. (DEM, DEA, DEH).

---

<sup>91</sup> O DEH e o DEA associam *faqui* e *faquino* a *faquir*, mas, seguindo informações buscadas no LPOA e no DAVAIR, remetemos as formas *faqui*, *faquim* e *faquino* a *alfaqui*.

**Fardamento** – s.m. 1. Farda. 2. Conjunto de fardas. 3. Ato ou efeito de fardar(-se). (DEM, DEA, DEH). Var. **Farda** (DEM, DEA, DEH).

**Fardão** – s.m. 1. Fardalhão. 2. Veste da Academia Brasileira de Letras. 3. Uniforme de gala de militares. (DEM, DEA, DEH). Var. **Fardalhão** (DEM, DEA, DEH).

**Fardar** – v.t.d. e vpr. 1. Vestir(-se) com farda. (DEM, DEA, DEH).

**Fardeta** – s.f. Farda usada por soldados em serviço interno ou de faxina. (DEM, DEA, DEH).

**Farroba** – s.f. Reg. (Guiné-Bissau) 1. Designação comum a plantas da família das leguminosas. 2. Árvore da subfamília da mimosóidea (*Parkia biglobosa*). 3. Árvore da subfamília da mimosóidea nativa do norte da África (*Albizzia gummifera*). 4. Fruto dessas plantas. 5. Reg. (Algarve) Alfarroba. (DEM, DEH). Var. **Alfarroba** (DEM, DEA, DEH).

**Farrobeira** – s.f. Alfarrobeira. (DEM). Var. **Alfarrobeira** (DEM, DEA, DEH).

**Fasquia** – s.f. Tira de madeira comprida e estreita. (DEM, DEA, DEH).

**Fasquiado** – adj. 1. Serrado em fasquias. 2. Provido de fasquias. s.m. Obra de fasquia. (DEM).

**Fasquiador** – s.m. 1. Quem ou o que fasquia. 2. Quem ou o que coloca fasquias. (DEM).

**Fasquiar** – v.t.d. 1. Serrar em fasquias. 2. Colocar fasquias em. 3. Construir com fasquias. (DEM, DEA, DEH).

**Fasquio** – s.m. 1. Madeira serrada em fasquias. 2. Porção de fasquias. (DEM).

**Fatacaz** – s.m. 1. Grande pedaço. 2. Fig. Grande afeição; paixão. (DEM, DEA, DEH).

**Fatia** – s.f. 1. Pedaço de alimento. 2. Porção de algo. 3. Fig. Lucro. (DEM, DEA, DEH).

**Fatia-de-parida** – Rabanada. (DEA, DEH).

**Fatiado** – adj. 1. Cortado em fatias. 2. Fig. Retalhado. (DEA).

**Fatia-dourada** – Mesmo que fatia-dourada. (DEA, DEH). Var. **Fatia-dourada** (DEA, DEH).

**Fatia-dourada** – Rabanada. (DEA, DEH). Var. **Fatia-dourada** (DEA, DEH).

**Fatiaça** – s.f. Fatia grande. (DEM).

**Fatiar** – v.t.d. 1. Cortar em fatias. 2. Fazer em pedaços. (DEM, DEA, DEH).

**Febra** – s.f. Carne comestível, limpa de gordura e de ossos. 2. Fibra, músculo, nervo. Fig. 3. Força, coragem. (DEM, DEA, DEH).

**Felá** – s.m. 1. Camponês egípcio ou médio-oriental. 2. No Egito, qualquer trabalhador ou artífice de estrato social baixo. (DEM, DEA, DEH).

**Felaína** – s.f. Feminino de felá. (DEA).

**Felô** – s.f. Alféloa. (DEM, DEA, DEH). Var. Alféloa (DEM, DEA, DEH).

**Felucho** – s.m. Mesmo que falucho. (DEM, DEA, DEH). Var. **Falucho** (DEM, DEA, DEH).

**Fez** – s.m. Barrete, geralmente vermelho, usado por africanos, turcos e povos do Oriente Médio. (DEM, DEA, DEH).

**Filali** – s.m. 1. Fio de ouro ou de prata usado em bordados em couro. 2. Couro amarelo ou vermelho do Norte e do Centro da África. (DEM).

**Forrar** – v.t.d. 1. Tornar forro, livre. v.t.d. 2. Poupar. v.t.d. 3. Evitar, livrar. vpr. 4. Esquivar-se, poupar-se. vpr. 5. Ressarcir-se. (DEM, DEA, DEH).

**Forreta** – s.2g. Indivíduo sovina. (DEM, DEA, DEH).

**Forro** – adj. 1. Liberto da escravidão. 2. Desobrigado. (DEM, DEA, DEH).

**Fota** – s.f. Turbante. (DEM, DEA, DEH).

**Foteado** – adj. Semelhante a fota. (DEA, DEH).

**Fotear** – v.t.d. Colocar fota em. (DEM, DEA, DEH).

**Fuão** – s.m. Mesmo que fulano, de que é forma sincopada. (DEM, DEA, DEH). Var. **Fulano** (DEM, DEA, DEH).

**Fulana** – s.f. Feminino de fulano. (DEM).

**Fulanejo** – s.m. Pej. Fulano qualquer. (DEM).

**Fulaninho** – s.m. Mesmo que fulano. (DEH).

**Fulano** – s.m. 1. Sujeito indeterminado. 2. Fig. Pessoa sem valor. (DEM, DEA, DEH). Var. **Fuão** (DEM, DEA, DEH).

**Fulano-dos-anzóis** – s.m. Fulano. (DEA, DEH).

**Fulano-dos-anzóis-carapuça** – s.m. Fulano. (DEA, DEH).

**Fulano-dos-grudes** – s.m. Fulano. (DEA, DEH).

**Fura-laranja** – s.m. Ornit. Pica-pau-fura-laranja (*Veniliornis affinis*). (DEM, DEA, DEH).

Colheram-se no conjunto dos produtos lexicográficos DEM, DEA e DEH os 62 itens lexicais iniciados pela letra *f* apenas descritos, cuja origem, segundo o DEM, remonta ao árabe ou em cuja introdução na língua portuguesa teve este idioma alguma participação.

O LPOA apresenta *faluca* como resultado da evolução do vocábulo árabe *falūka(t)*, com as variantes portuguesas *falua* e *falúa*, além do derivado *falucho*, para o qual traz ainda a variante *felucho*. O DAVAIR apresenta o neoárabe *falūkah* como aparente étimo imediato, sendo a preservação da terceira consoante resultado da hibridação com o sufixo românico *-uc*, propiciada inclusive no contexto de uso da embarcação de pequeno porte em portos nos quais se dá o uso de línguas francas, e corroborada pela substituição deste sufixo no derivado *falucho*, ao lado do qual registra *falueiro* como derivado português.

Segundo o DAVAIR, *fanga* e a variante *fanega* têm origem *fanīqa(t)* ‘saca grande, saca’, cujas formas dialetais são *fanq* e *faniq* ‘caixinha, estojo’. O DAVAIR registra *fânega* e *fanga*, do árabe andalusino *fanīqa*, *fanīqa* no árabe clássico, ‘saco para carregar terra’, confirmando a acentuação portuguesa a existência, no árabe andalusino, do alomorfo *fánqa*.

S.v. *alfaqui* (< ár. *al-faḡh* ou *al-faḡih*), o LPOA traz dois exemplos quatrocentistas da variante *faqui*, ambos no plural (*faquiis* e *faquys*). O DEA e o DEH apresentam, entretanto, *faqui* e *faquino* como variantes de *faquir*, citando o DEH Dalgado e o Pe. Antônio Vieira na associação de *faquino* a *faquir*. Já o LPOA apresenta variantes arcaicas de *alfaqui* terminadas por fonema nasal, quais *alfaquin* (séc. XIII) e *alfaquim* (séc. XIV). O DAVAIR aponta que, a par de *alfaqui*, ‘doutor em lei islâmica’, a língua portuguesa tem a forma tardia *faqui*, daquela cognata, mas recebida durante empresas no Índico. O DEM apresenta *faquim* como variante de *faqui*.

Segundo o DAVAIR, o vocábulo português *faquir* só está documentado a partir do século XVI, tendo sido assimilado, portanto, no contexto da expansão ultramarina portuguesa. Seu registro ainda mais tardio em outros domínios lingüísticos torna o português, a par do francês, possível língua-ponte na sua propagação. Dos derivados compilados nos dicionários gerais brasileiros, o DAVAIR e o LPOA registram apenas *faquirismo*.

O LPOA não dicionariza *farda* nem quaisquer de seus derivados, ao passo que o DAVAIR apresenta a forma galega *farda* ‘uniforme’ cujo étimo remete a dialetos galoromânicos. S.v. *fardo* ‘costal, saco [de carga]’, o DAVAIR traz apenas os derivados *fardagem* e *fardete*.

O DAVAIR apresenta a variante canária *farroba*, s.v. *alfarroba*, afirmando ser incerta a relação entre as plantas designadas por estas formas.

Já para *fasquia* o DAVAIR aponta origem latina (< lat. *fascīa*), através do baixo-grego, (< b.gr. *phaskía*), do siríaco (< sir. *pesqītā*) e, enfim, do árabe andalusino (< ár. and. *faṣqīyya*), registrando, de resto, as formas derivadas *fasquiar* e *fasquio*.

O LPOA faz remontar ao étimo árabe *futāt* ‘pedaço, migalha, fragmento’ o vocábulo português *fatia*. O DAVAIR refuta o étimo andalusino *fitátah* ‘migalha’, propondo antes *fatīlah* ‘mecha’, obviamente com evolução semântica. Dentre os derivados intrarromânicos, apresenta apenas a forma portuguesa *fatiar*, também registrada no LPOA traz, que traz, ainda, o adjetivo *fatiado* e os compostos *fatia-de-parida*, *fatia-dourada* e *fatia-dourada*.

Ambos, o LPOA e o DAVAIR, dicionarizam *febra*, de acordo com aquele, originado do árabe *habra(t)*. O DAVAIR lembra que Machado preferiu o étimo latino *fibra*, mais distante semanticamente, e reproduzida pelo DEH.

Tanto o LPOA quanto o DAVAIR aponta a língua francesa como ponte na introdução de *felá* na língua portuguesa, forma esta originada no árabe *fallāh* ‘campesino’. O DAVAIR a aponta como voz moderna.

O LPOA e o DAVAIR registram *alféloa*, mas não a variante *felô*.

Para *fez*, o LPOA e o DAVAIR apontam o étimo *fās*, designativo, no árabe norte-africano, da cidade marroquina de Fez, informação esta reproduzida no DEA e no DEH, que aponta o francês como língua-ponte. O DAVAIR, entretanto, afirma não resultar de empréstimo direto do árabe, conhecendo antes o turco *fas* e o francês ou o inglês como fases intermediárias na sua trajetória interlingüística.

O vocábulo *filali* (< ár. *filali*) está dicionarizado no DEM, mas com as acepções 1. ‘Fio de ouro ou prata com que os árabes executam bordados no couro.’ e 2. ‘Couro amarelo ou vermelho do Norte e do Centro da África’. O DEM remete ainda à forma *filele*, ‘tecido especial de várias cores, próprio para fabrico e conserto de bandeiras’ para a qual, entretanto, não apresenta qualquer informação etimológica. No DAVAIR, encontram-se registradas as formas portuguesas *filele* e *fileli*, com o sentido de ‘tecido fino de lã’, originado no mesmo étimo indicado para *filali* no DEM e designativo da cidade marroquina de Tafilalt. Aponta-as o DAVAIR como vozes modernas (século XVI). Em comum, ambos os registros trazem o étimo das formas documentadas e o contexto sócio-histórico norte-africano de uso dos referentes. É possível que a forma portuguesa *filali* sofresse especialização semântica, cabendo restituir o processo pelo qual ter-se-ia dado, e mais transparente em *filele*, tratando-se, em ambos os casos, de um tecido particular.

O LPOA registra *forrar* como variante de *aforrar*, derivado de *forro*, originado este no adjetivo árabe *hurr*, ‘livre; puro’, dentre outras acepções. O DAVAIR traz igualmente *aforrar* ‘libertar; poupar’ com os derivados portugueses *aforro* e *aforramento*, apresentando as formas cognatas galega *forreta* ‘tacanho’ e castelhana *forrón* ‘poupador em excesso’.

O LPOA e o DAVAIR registram *fota*, segundo este último do ár. *fūṭah*, por sua vez oriundo do sânscrito *puṭa* ‘envoltório’, também integrando esta forma a língua portuguesa a partir da expansão ultramarina quinhentista.

O árabe *fulān* ‘pessoa indeterminada’, de acordo com o DAVAIR, origina-se no árabe egípcio *pw rn* ‘este nome’, reflete-se nas formas portuguesas *foão* e *fulano*, às quais o

LPOA acresce *fuão* e os compostos *fulano-dos-anzóis*, *fulano-dos-anzóis-carapuça* e *fulano-dos-grudes*, dentre outras variantes arcaicas e expressões idiomáticas.

Nem o LPOA nem o DAVAIR registra o composto *fura-laranja*, cujo segundo elemento, apesar de sânscrito, é arabismo de antiga integração na língua portuguesa.

Destes vocábulos, registra o próprio DEM 49 itens ou 79% do total: *falso-sândalo*, *falua*, *faluca*, *falucho*, *faluleiro*, *fânega*, *fanga*, *faqui*, *faquim*, *faquir*, *faquiriano*, *faquirismo*, *faquirizar*, *farda*, *fardado*, *fardagem*, *fardalhão*, *fardamenta*, *fardamento*, *fardão*, *fardar*, *fardeta*, *farroba*, *farrobeira*, *fasquia*, *fasquiado*, *fasquiador*, *fasquiar*, *fasquio*, *fatacaz*, *fatia*, *fatiaça*, *fatiar*, *febra*, *felá*, *felô*, *felucho*, *fez*, *filali*, *forrar*, *forreta*, *forro*, *fota*, *fotear*, *fuão*, *fulana*, *fulanejo*, *fulano*, *fura-laranja*. O DEH dicionariza 45 formas ou 72,6% do total: *falua*, *faluca*, *falucho*, *falueiro*, *fanega*, *fanga*, *faqui*, *faquino*, *faquir*, *faquirismo*, *farda*, *fardagem*, *fardalhão*, *fardamenta*, *fardamento*, *fardão*, *fardar*, *fardeta*, *farroba*, *fasquia*, *fasquiar*, *fatacaz*, *fatia*, *fatia-de-parida*, *fatia-doirada*, *fatia-dourada*, *fatiar*, *febra*, *felá*, *felô*, *felucho*, *fez*, *forrar*, *forreta*, *forro*, *fota*, *foteado*, *fotear*, *fuão*, *fulaninho*, *fulano*, *fulano-dos-anzóis*, *fulano-dos-anzóis-carapuça*, *fulano-dos-grudes*, *fura-laranja*. O DEA também apresenta 45 vocábulos ou 72,6% do total das formas encontradas: *falua*, *faluca*, *falucho*, *falueiro*, *fanega*, *fanga*, *faqui*, *faquino*, *faquir*, *faquirismo*, *farda*, *fardagem*, *fardalhão*, *fardamenta*, *fardamento*, *fardão*, *fardar*, *fardeta*, *fasquia*, *fasquiar*, *fatacaz*, *fatia*, *fatia-de-parida*, *fatiado*, *fatia-doirada*, *fatia-dourada*, *fatiar*, *febra*, *felá*, *felaína*, *felô*, *felucho*, *fez*, *forrar*, *forreta*, *forro*, *fota*, *foteado*, *fotear*, *fuão*, *fulano*, *fulano-dos-anzóis*, *fulano-dos-anzóis-carapuça*, *fulano-dos-grudes*, *fura-laranja*.

Os registros comuns ao DEM, DEA e DEH somam 33 itens lexicais ou 53,3% do total, a saber: *falua*, *faluca*, *falucho*, *fanga*, *faquir*, *faquirismo*, *farda*, *fardagem*, *fardalhão*, *fardamenta*, *fardamento*, *fardão*, *fardar*, *fardeta*, *fasquia*, *fasquiar*, *fatacaz*, *fatia*, *fatiaça*, *fatiar*, *febra*, *felá*, *felô*, *felucho*, *fez*, *forrar*, *forreta*, *forro*, *fota*, *fotear*, *fuão*, *fulano*, *fura-laranja*. O DEA e o DEH registram 10 termos não encontrados no DEM, perfazendo 16,1% do conjunto das formas iniciadas pela letra *f*: *falueiro*, *fanega*, *faquino*, *fatia-de-parida*, *fatia-doirada*, *fatia-dourada*, *foteado*, *fulano-dos-anzóis*, *fulano-dos-anzóis-carapuça*, *fulano-dos-grudes*. Já no DEM e no DEH encontra-se 01 vocábulo não dicionarizado no DEA, *farroba*, o que totaliza 1,6% das formas.

Registram-se com exclusividade no DEM 15 itens lexicais ou 24,2% do total: *falso-sândalo*, *faluleiro*, *fânega*, *faquim*, *faquiriano*, *faquirizar*, *fardado*, *farrobeira*, *fasquiado*, *fasquiador*, *fasquio*, *fatiaça*, *filali*, *fulana* e *fulanejo*. O DEA traz 03 vocábulos não dicionarizados no DEM e no DEH, *fatiado* e *felaína*, ou 3,2% do total dos registros, ao passo

que o DEH dicionariza 01 forma, *fulaninho*, não encontrada no DEM e no DEA, perfazendo 1,6% dos registros.

Quanto à distribuição entre formas básicas, derivas, compostas ou outras, tem-se que: as formas básicas somam 21 itens ou 33,9% vocábulos: *falua, fanega, fânega, fanga, faqui, faquim, faquino, faquir, farda, farroba, fasquia, fatia, febra, felá, felô, fez, filali, forro, fota, fuão e fulano*. As formas derivadas ocorrem em maior número, 30, ou 48,4% do total: *faluca, falucho, falueiro, faluleiro, faquiriano, faquirismo, faquirizar, fardado, fardagem, fardalhão, fardamenta, fardamento, fardão, fardar, fardeta, farrobeira, fasquiado, fasquiador, fasquiar, fasquio, fatacaz, fatiado, fatiaça, fatiar, felucho, forrar, forreta, foteado, fotear e fulanejo*. Já os compostos estão representados por 08 itens ou 12,9% dos itens levantados: *falso-sândalo, fatia-de-parida, fatia-doirada, fatia-dourada, fulano-dos-anzóis, fulano-dos-anzóis-carapuça, fulano-dos-grudes, fura-laranja*. Por fim, vocábulos com marcas de feminino e de diminutivo totalizam 03 formas, respectivamente, *felaína* e *fulana* e *fulaninho*, perfazendo 4,8% dos termos levantados.

O registro dos arabismos, consoante a morfossintaxe das formas, distribui-se da seguinte maneira: o DEM dicionariza 19 das 21 formas básicas ou 90,5% destas (*falua, fânega, fanga, faqui, faquim, faquir, farda, farroba, fasquia, fatia, febra, felá, felô, fez, filali, forro, fota, fuão e fulano*); 27 das 30 formas derivadas ou 90% das mesmas (*faluca, falucho, faluleiro, faquiriano, faquirismo, faquirizar, fardado, fardagem, fardalhão, fardamenta, fardamento, fardão, fardar, fardeta, farrobeira, fasquiado, fasquiador, fasquiar, fasquio, fatacaz, fatiaça, fatiar, felucho, forrar, forreta, fotear e fulanejo*); 02 dos 08 compostos ou 25% destes (*falso-sândalo* e *fura-laranja*) e 01 dos 03 vocábulos com alguma marca flexional ou 33,3% destes (*fulana*).

O DEA documenta 17 formas básicas ou 80,9% das 21 levantadas (*falua, fanega, fanga, faqui, faquino, faquir, farda, faquia, fatia, febra, felá, felô, fez, forro, fota, fuão e fulano*); 20 formas derivadas ou 64,5% das 30 encontradas (*faluca, falucho, falueiro, faquirismo, fardagem, fardalhão, fardamenta, fardamento, fardão, fardar, fardeta, fasquiar, fatacaz, fatiado, fatiar, felucho, forrar, forreta, foteado e fotear*); 07 dos 08 vocábulos compostos ou 87,5% destes (*fatia-de-parida, fatia-doirada, fatia-dourada, fulano-dos-anzóis, fulano-dos-anzóis-carapuça, fulano-dos-grudes e fura-laranja*) e apenas 01 vocábulo (*felaína*) ou 33,3% dos 03 termos com alguma flexão.

Já o DEH dicionariza 18 das 21 formas básicas (*falua, fanega, fanga, faqui, faquino, faquir, farda, farroba, fasquia, fatia, febra, felá, felô, fez, forro, fota, fuão e fulano*), perfazendo 85,7% do total; 19 das 30 formas derivadas ou 63,3% destas (*faluca, falucho,*

*falueiro, faquirism, fardagem, fardalhão, fardamenta, fardamento, fardão, fardar, fardeta, fasquiar, fatacaz, fatiar, felucho, forrar, forreta, foteado e fotear*); 07 dos 08 itens formados por composição (*fatia-de-parida, fatia-doirada, fatia-dourada, fulano-dos-anzóis, fulano-dos-anzóis-carapuça, fulano-dos-grudes, fura-laranja*), isto é, 87,5% dos mesmos e apenas 01 vocábulo com marca de diminutivo (*fulaninho*), o que representa 33,3% dos 03 itens caracterizados por flexão.

## G

**Gabela** – s.f. Imposto sobre o sal. 2. Imposto. (DEM, DEA, DEH).

**Gazela** – s.f. Zool. 1. Gênero de antílopes da África e da Ásia (*Gazella*). Fig. 2. Moça bonita e elegante. (DEM, DEA, DEH).

**Gazela-dorcas** – s.f. Zool. Mamífero da família dos bovídeos encontrado no norte da África e no sudoeste da Ásia (*Gazella dorcas*). (DEH).

**Gazela-girafa** – s.f. Zool. Antílope das regiões áridas da África (*Litocranius wallen*). (DEH).

**Gazela-pintada** – s.f. Zool. Antílope florestal africano (*Tragelaphus scriptus*). (DEH).

**Gazia** – s.f. Mesmo que gazua. (DEM). Var. **Gazua** (DEA, DEH); **gázua** (DEM, DEA, DEH); **gaziva** (DEM, DEH).

**Gaziva** – s.f. Mesmo que gazua. (DEM, DEH). Var. **Gazua** (DEA, DEH); **gázua** (DEM, DEA, DEH); **gazia** (DEM).

**Gazua** – s.f. 1. Ant. Expedição de árabes contra seus inimigos. 2. Saque e depredação resultante desta expedição. (DEA, DEH). Var. **Gazia** (DEM); **gázua** (DEM, DEA, DEH); **gaziva** (DEM, DEH).

**Gázua** – s.f. Mesmo que gazua. (DEM, DEA, DEH). Var. **Gazua** (DEA, DEH); **gazia** (DEM); **gaziva** (DEM, DEH).

**Gelsemina** – s.f. Quim. Alcalóide cristalino analgésico da raiz de uma variedade do gelsêmio. (DEM, DEA, DEH).

**Gelseminato** – s.m. Quim. Sal do ácido gelsemínico. (DEM).

**Gelsemínico** – adj. Quim. Designativo do ácido extraído das raízes do gelsêmio. (DEM).

**Gengibre** – s.m. Bot. Planta empregada com fins medicinais e culinários da família das Zingiberáceas (*Zingiber officinalis*). (DEM, DEA, DEH).

**Gengibre-amargo** – s.m. Bot. Erva da família das zingiberáceas, encontrada na Índia à Nova Guiné, empregada com fins medicinais (*Zingiber zerumbet*). (DEH).

**Gengibre-concha** – s.m. Bot. Erva da família das zingiberáceas, nativa da China e do Japão, de uso ornamental (*Alpinia zerumbet*). (DEH).

**Gengibre-da-terra** – s.m. Bot. Erva da família das zingiberáceas, nativa do Himalaia, de uso ornamental e da perfumaria (*Hedychium gardnerianum*). (DEH).

**Gengibre-de-dourar** – s.m. Bot. Erva da família das zingiberáceas, nativa da Índia, empregada na medicina e na culinária (*Curcuma longa*). (DEH). Var. **Gengibre-dourado** (DEH).

**Gengibre-dourado** – s.m. Bot. Mesmo que gengibre-de-dourar. (DEH). Var. **Gengibre-de-dourar** (DEH).

**Gengibre-vermelho** – s.m. Bot. Erva ornamental da família das zingiberáceas, nativa de ilhas a oeste do Pacífico (*Alpinia purpurata*). (DEH).

**Gerbo** – s.m. Zool. Designação de roedores da família dos dipodídeos nativos de regiões áridas e desérticas da Europa, da Ásia e da África. (DEM, DEA, DEH).

**Gergelim** – s.m. Bot. 1. Planta da família das pedaliáceas usada na medicina (*Sesamum indicum*). 2. A semente desta planta. Cul. Bolo feito com semente de gergelim. (DEM, DEA, DEH). Var. **Gerzeli** (DEH); **gerzelim** (DEM, DEA, DEH); **gingelim** (DEM, DEA, DEH); **gingerlim** (DEM, DEA, DEH).

**Gergelim-bravo** – s.m. Bot. Pequeno arbusto da família das leguminosas encontrada no sul do Brasil (*Crotalaria vitellina*). (DEH).

**Gergelim-do-brasil** – s.m. Bot. Planta da família das pedaliáceas, nativa da África e naturalizada no Brasil (*Sesamum brasiliense*). (DEH).

**Gergilada** – s.f. Doce a base de gergelim. (DEM, DEA, DEH).

**Gerzeli** – s.m. Mesmo que gergelim. (DEH). Var. **Gergelim** (DEM, DEA, DEH); **gerzelim** (DEM, DEA, DEH); **gingelim** (DEM, DEA, DEH); **gingerlim** (DEM, DEA, DEH).

**Gerzelim** – s.m. Mesmo que gergelim. (DEM, DEA, DEH). Var. **Gerzeli** (DEH); **gergelim** (DEM, DEA, DEH); **gingelim** (DEM, DEA, DEH); **gingerlim** (DEM, DEA, DEH).

**Gibão** – s.m. 1. Peça do vestuário masculino antigo que cobria o corpo do pescço à cintura. 2. Casaco curto semelhante ao colete. Bras. 3. Casaco de couro usado por vaqueiros. (DEM, DEA, DEH).

**Gibão-de-coiro** – s.m. Mesmo que gibão-de-couro. (DEM, DEA, DEH). Var. **Gibão-de-couro** (DEM, DEA, DEH).

**Gibão-de-couro** – s.m. Reg. (BA). Ornit. Ave passeriforme do Brasil central e oriental (*Hirundinea bellicosa*). (DEM, DEA, DEH). Var. **Gibão-de-coiro** (DEM, DEA, DEH).

**Gineta 1** – s.f. 1. Modo de equitação com estribos curtos. 2. Espécie de lança ou bastão, insígnia de capitão. 3. Posto de capitão. 4. Fêmea do ginete. adj.2g. e s.f. 5. que ou o que é adequado para montaria em estribos curtos. (DEM, DEA, DEH).

**Gineta 2** – s.f. Zool. 1. Mamífero carnívoro (*Giverra genetta*). 2. A pele desse animal. (DEM)  
Var. **Gineto** (DEM).

**Ginetaço** – s.m. Reg. (RS). 1. Ginete garboso. 2. Cavaleiro elegante. (DEM, DEA, DEH).

**Ginetado** – adj. Montado à gineta. (DEM, DEA, DEH).

**Ginetário** – s.m. Ant. Aquele que montava à gineta, acepção 1. (DEM, DEA, DEH).

**Ginete** – s.m. Ant. 1. Cavaleiro armado de lança e adaga. 2. Cavalo de boa raça e bem adestrado. Reg. (RS). 3. Bom cavaleiro, que monta com firmeza. Reg. (S). 4. Cavalo novo que dá corcovos. 5. Jóquei. (DEM, DEA, DEH).

**Gineteação** – s.f. Ato ou efeito de ginetear, montar cavalos ariscos sem cair. (DEM, DEH).

**Ginetear** – v.intr. 1. Cavalgar bem. 2. Montar cavalos ariscos, não domesticados. 3. Incentivar o cavalo a corcovear. 4. Sustentar-se na sela em animal que corcoveia. 5. Corcovear. (DEM, DEA, DEH).

**Gineto** – s.m. Mesmo que gineta 2. (DEM). Var. **Gineta 2** (DEM).

**Gingelim** – Mesmo que gergelim. (DEM, DEA, DEH). Var. **Gerzeli** (DEH); **gerzelim** (DEM, DEA, DEH); **gergelim** (DEM, DEA, DEH); **gingerlim** (DEM, DEA, DEH).

**Gingerlim** – Mesmo que gergelim. (DEM, DEA, DEH). Var. **Gerzeli** (DEH); **gerzelim** (DEM, DEA, DEH); **gingelim** (DEM, DEA, DEH); **gergelim** (DEM, DEA, DEH).

**Giz** – s.m. 1. Creta, greda branca. 2. Bastão ou lápis de carbono ou sulfato de cálcio usado para escever sobre quadro. 3. Traço com que se assinala gado, indicando seu dono ou contagem. (DEM, DEA, DEH).

**Gizado** – adj. 1. Traçado com giz. Fig. 2. Projetado, arquitetado. 3. Imaginado. 4. Calculado. Reg. (NE). 5. (Gado) marcado com giz. (DEH).

**Gizamento** – s.m. Ato ou efeito de gizar. (DEM, DEA, DEH).

**Gizar** – v.t.d. 1. Traçar com giz. 2. Projetar, arquitetar. 3. Imaginar. 4. Calcular. 5. Marcar (gado) com giz. (DEM, DEA, DEH).

**Gomia** – s.f. 1. Arma curta semelhante a foice usada por mouros do Malabar. 2. Faca de ponta recurvada usada por camponeses. (DEM, DEA, DEH).

**Gomiada** – s.f. Golpe realizado com gomia. (DEM, DEA, DEH).

**Grã-vizir** – s.m. Mesmo que grão-vizir. (DEM, DEH). Var. Grão-vizir (DEM, DEA, DEH).

**Grão-vizir** – s.m. Primeiro ministro do Império Otomano. (DEM, DEH). Var. Grã-vizir (DEM, DEH)

**Guazil** – s.m. Ant. 1. Governador nomeado pelo rei persa ou árabe. 2. Magistrado supremo. 3. Juiz de primeira instância, eleito pelo povo ou por outros juízes. 4. Oficial da administração

ou da justiça de posto menos elevado. 5. Vereador municipa. 6. Ministro, conselheiro. (DEM, DEA, DEH).

**Guitarra** – s.f. 1. Instrumento de cordas do gênero do alaúde. 2. Violão. (DEM, DEA, DEH).

**Guitarrada** – s.f. 1. Fragmento musical tocado por guitarra. (DEM, DEA, DEH).

**Guitarrear** – v.intr. 1. Tocar guitarra. v.t.d. Cantar com acompanhamento de guitarra. (DEM, DEA, DEH).

**Guitarreiro** – s.m. 1. Fabricante de guitarra. 2. Músico que toca guitarra. (DEM, DEA, DEH).

**Guitarréu** – s.m. Pej. Guitarra ordinária. (DEM, DEH).

**Guitarrilha** – s.f. Pequena guitarra de quatro cordas. (DEM, DEA, DEH).

**Guitarrista** – s.m. Quem toca ou ensina a tocar a guitarra. (DEM, DEA, DEH).

Os arabismos iniciados pela letra *g* compilados no DEM, DEA e DEH totalizam 56 itens lexicais, dentre formas básicas, derivadas e compostas, considerando-se ainda formas padrão e suas variantes. Destas, o LPOA não dicionariza *gabela 1* ‘imposto’, que o DAVAIR crê tratar-se de castelhanismo na língua portuguesa, com o and. *alqabála* ‘imposto sobre compra, venda e troca’, com evolução semântica a partir do cl. *qabālah* ‘caução’, como étimo remoto.

Não documentam o LPOA e o DAVAIR *gabela 2* dentre as variantes de *gazela*, embora ambos registrem *gazela* originado, segundo este último, no and. *ġazál*, por sua vez < cl. *ġazāl*.

Ambos dicionarizam *gazua*, que o LPOA apresenta como resultado da evolução do ár. *gazwa(t)* ‘ataque, incursão’. O DAVAIR afirma tratar-se de voz moderna adquirida quando de campanhas norte-africanas, refletindo o dialeto local as formas *ġzu* e *ġzawwa*. Registra *gazia* (DEM) e *gaziva* (DEM, DEH) como variantes incorretas de *gazua* (DEA, DEH) e não registra *gázua* (DEM, DEA, DEH), única forma que o LPOA apresenta como variante de *gazua*.

Não registram o DAVAIR e o LPOA *gelsemina*, *gelseminato* e *gelsemínico*, a que o DEM atribui origem árabe e o DEA e o DEH, latina. O LPOA não dicionariza *gengibre*, cuja origem o DAVAIR tampouco reporta ao árabe *\*zanjabīl*, como quis Machado, mas ao sânscrito *śrngavera*, por meio do greg. *ziggíberis* e do latim *zingiber*, não constituindo, portanto, um arabismo. Assim sendo, não figuram nas obras de referência os compostos encontrados no DEH (*gengibre-amargo*, *gengibre-concha*, *gengibre-da-terra*, *gengibre-de-dourar*, *gengibre-dourado* e *gengibre-vermelho*).

Não trazem o DAVAIR e o LPOA o vocábulo *gerbo*, que o DEM remete diretamente a árabe *yarbu*, o DEA credita ao árabe por intermédio do latim científico *gerboa* e o DEH apresenta como étimo apenas este último.

O DAVAIR apresenta *gergelim* como resultado da evolução do and. *juljulIn*, com assimilação vocálica à consoante palatal e dissimilação em *r* do primeiro *l*, não trazendo, entretanto, variantes ou formas derivadas e compostas. Dentre estas, o LPOA registra *gergilada gerzelim* e *gingerlim*.

O LPOA não dicionariza gibão, que o DAVAIR aponta como derivado do ár. *jubbah*, provavelmente por meio do italiano ou do provençal, por refletir o alomorfo neoár. *jibbah* não verificado no andalusino. O DAVAIR não documenta os derivados e compostos encontrados em DEM, DEA e/ou DEH.

O LPOA apresenta *gineta 1* como variante de *ginete*, que faz resultar da evolução do ár. *zanātī*, designativo de tribo berbere conhecida pela sua cavalaria. O DAVAIR apresenta *gineta* e *gineto* como variantes de *ginete*, documentando ainda os derivados *ginetaço*, *ginetário* e *ginetear*, todos dicionarizados pelo DEM, DEA e DEH.

O LPOA e o DAVAIR apontam *giz* como originado no grego *gýpsos*, sendo que o DAVAIR apresenta uma fase intermediária no latim *gypsum* antes de chegar ao andalusino *jábs*. Nenhuma das obras de referência traz quaisquer derivados portugueses de *giz*.

O LPOA documenta *gomia* como variante do arabismo *agomia*, < ár. *al-kumya(t)* ‘arma de arremesso; faca’. Segundo o DAVAIR, o vocábulo só foi documentado no século XVI e resulta de contato direto de povos ibéricos com norte-africanos, sendo que no árabe marroquino *kommiya* significava, literalmente, ‘própria para a manga’, por ser arma passível de se ocultar sob as mangas das vestes. Registram ambos o derivado *agomiado*.

Não documentam o LPOA e o DAVAIR o composto *grão-vizir* e a variante *grã-vizir*. Também não dicionarizam *guazil* (DEM, DEA e DEH), que parece variante de *aguazil* ou *alguazil*, segundo o DAVAIR originado no and. *alwazír* < cl. *wazīr*, adaptado do pál. *wiçīr* ‘conselheiro’, étimo que dá origem também ao vocábulo português *vizir*.

Por fim, o LPOA não registra *guitarra*, que, com efeito, o DAVAIR aponta como grecismo, < gr. *kithára*, por meio do sir. *qitārā* e do neoár. *qītārah*. Dentre os derivados portugueses, registra apenas *guitarrada* e *guitarrear*.

Dos 56 arabismos iniciados pela letra *g* compilados, o DEM dicionariza 42 itens ou 75% do total: *gabela*, *gazela*, *gazia*, *gaziva*, *gázua*, *gelsemina*, *gelseminato*, *gelsemínico*, *gingibre*, *gerbo*, *gergelim*, *gergilada*, *gerzelim*, *gibão*, *gibão-de-coiro*, *gibão-de-couro*, *gineta 1*, *gineta 2*, *ginetaço*, *ginetado*, *ginetário*, *ginete*, *gineteação*, *ginetear*, *gineto*, *gingelim*,

*gingerlim, giz, gizamento, gizar, gomia, gomiada, grã-vizir, grão-vizir, guazil, guitarra, guitarrada,uitarrear,uitarreiro,uitarrréu,uitarrrilha euitarrista. O DEA registra 34 vocábulos, 60,7% do total das formas encontradas: gabela, gazela, gazua, gázua, gelsemina, gengibre, gerbo, gergelim, gergilada, gerzelim, gibão, gibão-de-coiro, gibão-de-couro, gineta 1, ginetaço, ginetado, ginetário, ginete, ginetear, gingelim, gingerlim, giz, gizamento, gizar, gomia, gomiada, grã-vizir, guazil, guitarra, guitarrada,uitarrear,uitarreiro,uitarrrilha euitarrista. Já o DEH documenta o maior número de formas, 51, ou 91,1% do total de 56 itens: gabela, gazela, gazela-dorcas, gazela-girafa, gazela-pintada, gaziva, gazua, gázua, gelsemina, gengibre, gengibre-amargo, gengibre-concha, gengibre-da-terra, gengibre-de-dourar, gengibre-dourado, gengibre-vermelho, gerbo, gergelim, Gergelim-bravo, gergelim-do-brasil, gergilada, gerzeli, gerzelim, gibão, gibão-de-coiro, gibão-de-couro, gineta 1, ginetaço, ginetado, ginetário, ginete, gineteação, ginetear, gingelim, gingerlim, giz, gizado, gizamento, gizar, gomia, gomiada, grã-vizir, grão-vizir, guazil, guitarra, guitarrada,uitarrear,uitarreiro,uitarrréu,uitarrrilha euitarrista.*

Os registros comuns ao DEM, DEA e DEH perfazem 58,9% do total, o que equivale a 33 itens, a saber: *gabela, gazela, gázua, gelsemina, gengibre, gerbo, gergelim, gergilada, gerzelim, gibão, gibão-de-coiro, gibão-de-couro, gineta 1, ginetaço, ginetado, ginetário, ginete, ginetear, gingelim, gingerlim, giz, gizamento, gizar, gomia, gomiada, grã-vizir, guazil, guitarra, guitarrada,uitarrear,uitarreiro,uitarrrilha euitarrista. O DEM e o DEH registram 04 vocábulos que não se encontram no DEA (gaziva, gineteação, grã-vizir euitarrréu) ou 7,2% do total de itens, ao passo que o DEA e o DEH compartilham o registro de 01 forma (gazua) ou 1,8% do total.*

Já os registros exclusivos encontram-se no DEM, que dicionariza 05 itens (*gazia, gelseminato, gelsemínico, gineta2 e gineto*) ou 8,9% do total de formas encontradas, e no DEH, que registra 13 itens não encontrados no DEM e no DEA (*gazela-dorcas, gazela-girafa, gazela-pintada, gengibre-amargo, gengibre-concha, gengibre-da-terra, gengibre-de-dourar, gengibre-dourado, gengibre-vermelho, Gergelim-bravo, gergelim-do-brasil, gerzeli e gizado*), somando 23,2% dos registros.

As formas levantadas dividem-se em 23 formas básicas (*gabela, gazela, gazia, gaziva, gazua, gázua, gelsemina, gengibre, gerbo, gergelim, gerzeli, gerzelim, gibão, gineta 1, gineta 2, ginete, gineto, gingelim, gingerlim, giz, gomia, guazil, guitarra*), que perfazem 41,1% dos 56 vocábulos levantados. Os derivados somam 18 itens ou 32,1% do total (*gelseminato, gelsemínico, gergilada, ginetaço, ginetado, ginetário, gineteação, ginetear, gizado, gizamento, gizar, gomiada, guitarrada,uitarrear,uitarreiro,uitarrréu,uitarrrilha*

e *guitarrista*), somando os compostos 15 itens ou 26,8% do total (*gazela-dorcas*, *gazela-girafa*, *gazela-pintada*, *gengibre-amargo*, *gengibre-concha*, *gengibre-da-terra*, *gengibre-de-dourar*, *gengibre-dourado*, *gengibre-vermelho*, *Gergelim-bravo*, *gergelim-do-brasil*, *gibão-de-coiro*, *gibão-de-couro*, *grã-vizir* e *grão-vizir*).

O DEM dicionariza 22 das 23 formas básicas ou 95,6% destas, deixando de registrar a variante *gazua*; também registra 17 das 18 formas derivadas ou 94,4% das mesmas, não documentando somente *gizado*. Entretanto, dicionariza apenas 04 dos 15 itens compostos (*gibão-de-coiro*, *gibão-de-couro*, *grã-vizir* e *grão-vizir*) ou 26,7% destes.

O DEA registra 18 das 23 formas básicas ou 78,2% do total (*gabala*, *gazela*, *gazua*, *gázua*, *gelsemina*, *gengibre*, *gerbo*, *gergelim*, *gerzelim*, *gibão*, *gineta 1*, *ginete*, *gingelim*, *gingerlim*, *giz*, *gomia*, *guazil* e *guitarra*); 13 das 18 formas derivadas ou 72,2% das mesmas (*gelsemina*, *gergilada*, *ginetaço*, *ginetado*, *ginetário*, *ginetear*, *gizamento*, *gizar*, *gomiada*, *guitarrada*, *guitarrear*, *guitarreiro*, *guitarrilha* e *guitarrista*) e apenas 03 dos 15 vocábulos compostos (*gibão-de-coiro*, *gibão-de-couro* e *grão-vizir*) ou 20% destes.

Já o DEH dicionariza 20 das 23 formas básicas ou 86,9% destas, deixando de registrar apenas *gazia*, *gineta 2* e *gineto*; documenta 16 das 18 formas derivadas ou 88,9% destas, deixando de registrar apenas *gelseminato* e *gelsemínico*. Dicionariza, entretanto 100% dos vocábulos caracterizados pela composição.

## H

**Hafiz** – s.m. Muçulmano que sabe de cor o Alcorão. (DEM, DEH).

**Hamza** – s.m. Nome da oclusiva laringal árabe. (DEM).

**Harém** – s.m. 1. Parte da casa muçulmana destina à habitação das mulheres. 2. Conjunto das mulheres (esposas, parentes, serviçais) que habitam uma casa muçulmana. (DEM, DEA, DEH).

**Haxixe** – s.m. 1. Flores do cânhamo usadas para fumar, mascar ou diluídas em bebida com efeito entorpecente. 2. Licor tóxico extraído do cânhamo; haxixina. (DEM, DEA, DEH).

**Haxixina** – s.f. Mesmo que haxixe, acepção 2. (DEM).

**Haxixismo** – s.m. 1. Mesmo que haxixomania. 2. Intoxicação crônica provocada pela haxixomania. (DEM, DEA). Var. **Haxixomania**. (DEM).

**Haxixomania** – s.f. Hábito mórbido de consumo de haxixe. (DEM). Var. **Haxixismo**. (DEM, DEA).

**Hégira** – s.f. 1. Fuga de Maomé para Medina em 622 d.C, considerado o primeiro ano da era muçulmana. 2. Era maometana iniciada em 622 d.C. 3. Fig. Fuga. (DEM, DEA, DEH).

**Hidrálcool** – s.m. 1. Álcool que contém água. 2. Aguardente. (DEM).

**Hidralcóolico** – adj. Qualidade de extratos alcoólicos solúveis em água. (DEM).

**Hidrocafeato** – s.m. Sal do ácido caféico. (DEM).

O levantamento dos arabismos portugueses iniciados pela letra H nas obras-fonte teve por resultado as 11 formas acima apresentadas. Destas, o LPOA não registra *hafiz*, que o DAVAIR aponta como cultismo moderno, originado no árabe *ḥafiz* ou *ḥāfiz*. Tampouco dicionariza o LPOA o vocábulo *hamza*, cuja integração ao sistema lexical português o DAVAIR julga desnecessária, dado a sua aplicabilidade restringir-se à descrição do sistema fonológico árabe. De resto, afirma ser *hâmeza* um tecnicismo lingüístico moderno, originado na forma árabe *hamzah*.

Para *harém*, o LPOA aponta origem no árabe *harīm*, com o francês *harem* como língua-ponte, apresentando o DAVAIR o turco *harim* como intermediário entre o árabe e o francês. Lembra o DAVAIR, ainda, que o étimo árabe, significando ‘mulher(es) na casa de um muçulmano’, não traz o sentido de ‘local vetado, gineceu’, reproduzido, entretanto, no DEA, segundo o qual significa ‘santuário, lugar inviolável’; ‘a parte da casa reservada à mulher (e à qual um estranho não pode ter acesso)’, e no DEH, onde é apresentado como ‘coisa proibida ou sagrada; local sagrado, santuário, parte da casa destinada às mulheres’.

Dentre *haxixe* e seus derivados lexicais colhidos nas obras-fonte, o LPOA e o DAVAIR registram apenas *haxixe*, cujo étimo é *ḥašīš* ‘erva’, apresentando o DAVAIR *haxixismo* entre os derivados intrarromânicos da língua portuguesa. O DAVAIR recorda que, embora uma forma para *haxixe* existisse no árabe andalusino, não fica clara esta acepção técnica, documentada, por outro lado, no neoárabe oriental desde a Idade Média. Aponta, para tal fato, a primazia do consumo do vinho ao da referida erva, na Península Ibérica, entre os indivíduos dados ao vício.

Para *hégira*, o LPOA aponta origem árabe, em *ḥağra(t)*, ao passo que o DAVAIR apresenta o francês como língua-ponte (fr. < ár. *hijrah*), acrescentando tratar-se de tecnicismo historiográfico moderno.

Nem o LPOA nem o DAVAIR registra quaisquer dos derivados dos arabismos *álcool* e *café* dicionarizados como tecnicismos da química no DEM (*hidrálcool*, *hidralcóolico* e *hidrocafeato*).

O DEM registra, portanto, 100% dos 11 vocábulos levantados (*hafiz*, *hamza*, *harém*, *haxixe*, *haxixina*, *haxixismo*, *haxixomania*, *hégira*, *hidrálcool*, *hidralcóolico* e

*hidrocafeato*), dicionarizando igualmente o DEA e o DEH apenas 04 formas ou 36,3% destas (respectivamente, *harém, haxixe, haxixismo* e *hégira* e *hafiz, harém, haxixe* e *hégira*).

Na dicionarização dos arabismos pelas obras-fonte, observa-se o registro de apenas 03 formas comuns (*harém, haxixe* e *hégira*), o que perfaz apenas 27,3% do total. O DEM dicionariza com exclusividade 06 arabismos (*hamza, haxixina, haxixomania, hidrálcool, hidralcóolico* e *hidrocafeato*) ou 54,5% das formas levantadas. Encontra-se igualmente dicionarizado no DEM e no DEH 01 vocábulo (*hafiz*), ou 9,1% daquelas, compartilhando o DEM e o DEA o registro de outro item (*haxixismo*), perfazendo outros 9,1% dos arabismos iniciados pela letra H.

Quanto à estrutura morfossintática dos arabismos citados, as 05 formas básicas (*hafiz, hamza, harém, haxixe* e *hégira*) constituem 45,4% dos arabismos iniciados pela letra H, ao passo que os 03 vocábulos derivados somam 27,3% destes (*haxixina, haxixismo* e *haxixomania*), igualmente representados em número pelos compostos (*hidrálcool, hidralcóolico* e *hidrocafeato*), 03 itens lexicais ou 27,3% dos vocábulos em questão. Esses valores representam a dicionarização dos arabismos pelo DEM, dado constituir a obra que registra integralmente os vocábulos em questão. Destes, o DEA documenta 03 formas básicas (*harém, haxixe* e *hégira*) ou 60% destas e apenas 01 forma derivada (*haxixismo*) ou 33,3% destes itens. O DEH dicionariza exclusivamente formas básicas (*hafiz, harém, haxixe* e *hégira*), 04 dentre as 05 iniciadas pela letra H, o que equivale a 80% das formas básicas dicionarizadas no conjunto das obras-fonte consultadas, iniciadas pelo grafema <h>.

## I

**Imã** – s.m. 1. Sacerdote muçulmano que oficia as preces diárias na mesquita. 2. Chefe de seita ortodoxa muçulmana. 3. Título de soberano muçulmano. 4. Antigo título de chefes de escolas jurídicas e teológicas muçulmanas. 5. Bras. Jaculatória empregada na liturgia da macumba. (DEM, DEA, DEH). Var. **Imame**. (DEM, DEA, DEH); **imamo** (DEM, DEA, DEH).

**Imamado** – s.m. Mesmo que imanado. (DEH). Var. **Imamato** (DEH); **imanado** (DEM, DEH); **imanato** (DEM, DEH).

**Imamato** – s.m. Mesmo que imanato. (DEH). Var. **Imanato** (DEM, DEH); **imamado** (DEH); **imanato** (DEH).

**Imame** – s.m. Mesmo que imã. (DEM, DEA, DEH). Var. **Imã** (DEM, DEA, DEH); **imamo** (DEM, DEA, DEH).

**Imamo** – s.m. Mesmo que imã. (DEM, DEA, DEH). Var. **Imã** (DEM, DEA, DEH); **imame**. (DEM, DEA, DEH).

**Imanado** – s.m. 1. Título, função, cargo ou dignidade de imã. 2. Território governado por imã. 3. Missão do imã enquanto chefe espiritual de muçulmanos. (DEM, DEH). Var.

**Imanato** (DEM, DEH); **imamado** (DEH); **imamato** (DEH).

**Imanato** – s.m. Mesmo que imanado. (DEM, DEH). Var. **Imanado**. (DEM, DEH); **imamado** (DEH); **imamato** (DEH).

**Interislâmico** – adj. Relativo às inter-relações estabelecidas entre povos muçulmanos. (DEM)

**Isbá** – s.f. Medida de comprimento correspondente à polegada. (DEM).

**Islã** – s.m. 1. Civilização islâmica. 2. Conjunto das nações modernas em que predomina o islamismo. 3. Religião muçulmana; islamismo. (DEM, DEA, DEH). Var. **Islame** (DEM, DEA, DEH); **islão** (DEM, DEA, DEH).

**Islame** – s.m. Mesmo que islã. (DEM, DEA, DEH). Var. **Islã** (DEM, DEA, DEH); **islão** (DEM, DEA, DEH).

**Islâmico** – adj. Relativo ou pertencente ao islamismo; islamítico. (DEM, DEA, DEH).

**Islamismo** – s.m. Mesmo que islã, acepção 3. (DEM, DEA, DEH).

**Islamita** – adj.2g. s.2g. Adepto do islamismo. (DEM, DEA, DEH).

**Islamítico** – adj. Relativo ou pertencente ao islamismo ou aos islamitas; islâmico. (DEM, DEA, DEH).

**Islamização** – s.f. Ato ou feito de tornar islâmico. (DEM, DEA, DEH).

**Islamizado** – adj. 1. Convertido ou integrado ao islamismo. 2. Que, por processo de aculturação, assumiu modos e aspectos islâmicos. (DEM, DEA, DEH).

**Islamizar** – v.t.d. 1. Propagar a religião e a civilização islâmicas; 2. Atribuir modos e aspectos islâmicos. v.pr. 3. Inserir-se no Islã; 4. Assumir modos e aspectos islâmicos. 5. Aplicar a lei islâmica. (DEM, DEA, DEH).

**Islão** – s.m. Mesmo que islã. (DEM, DEA, DEH). Var. **Islã** (DEM, DEA, DEH); **islame** (DEM, DEA, DEH).

Colheram-se, assim, 19 arabismos iniciados pela letra I no conjunto das obras DEM, DEA e DEH. Tanto o LPOA quanto o DAVAIR registram as formas *imã* e suas variantes *imame* e *imamo*, originadas no árabe *imām* ‘chefe [religioso]’, que o DAVAIR aponta como adaptação contemporânea, provavelmente através do francês. Dentre os derivados, apenas o DAVAIR registra *imanado*.

Nem o LPOA nem o DAVAIR dicionariza o vocábulo *isbá*.

Quanto a *islã*, suas formas variantes, derivadas e composta, tem-se que: ambos, o LPOA e o DAVAIR documentam *islã*, *islão* e *islame*, originados no árabe *islām*, para o qual

o LPOA apresenta *islamismo* como variante e que o DAVAIR afirma ser tecnicismo historiográfico contemporâneo, provavelmente através do francês. Dentre os derivados, o LPOA registra todas as formas colhidas no DEM, no DEA e no DEH: *islâmico, islamismo, islamita, islamização, islamizado* e *islamizar*, além de *islamítico*. Dentre os derivados intrarromânicos portugueses, o DAVAIR apresenta exclusivamente *islâmico, islamismo* e *islamita*. Nem o LPOA nem o DAVAIR dicionariza *interislâmico*, registrado no DEM.

O DEM registra 17 das 19 formas levantadas (*imã, imame, imamo, imanado, imanato, interislâmico, isbá, islã, islame, islâmico, islamismo, islamita, islamítico, islamização, islamizado, islamizar* e *islão*), o que perfaz 89,5% delas; o DEA dicionariza apenas 13 ou 68,4% do total (*imã, imame, imamo, islã, islame, islâmico, islamismo, islamita, islamítico, islamização, islamizado, islamizar* e *islão*) e o DEH, como o DEM, 17 vocábulos ou 89,5% dos 19 itens levantados (*imã, imamado, imamato, imame, imamo, imanado, imanato, islã, islame, islâmico, islamismo, islamita, islamítico, islamização, islamizado, islamizar* e *islão*).

Dicionarizam em comum o DEM, o DEA e o DEH 13 vocábulos (*imã, imame, imamo, islã, islame, islâmico, islamismo, islamita, islamítico, islamização, islamizado, islamizar* e *islão*) ou 68,5% do total das formas encontradas. O DEM e o DEH registram com exclusividade 02 itens lexicais cada ou 10,5% destas. O DEM traz *interislâmico* e *isbá*; o DEH, *imamado* e *imamato*. Em comum, o DEM e o DEH dicionarizam, ainda, outras 02 formas, *imanado* e *imanato*, perfazendo outros 10,5% do total de itens levantados.

Estes vocábulos encerram 07 formas básicas ou 36,8% do total, 12 formas derivadas ou 63,2% dos 19 arabismos iniciados pela letra I. A distribuição do seu registro nas obras-fonte se dá da seguinte forma: o DEM dicionariza 100% das formas básicas e 83,3% das formas derivadas, isto é, 07 e 11 itens lexicais, respectivamente. O DEA traz 06 das 07 formas básicas e 07 das 12 formas derivadas, o que perfaz 85,7% daquelas e 58,3 destas. O DEH, por sua vez, documenta 06 formas básicas ou 85,7% delas e 11 formas derivadas, 91,6% do total destas.

## J

**Jabeca** – s.f. Instrumento mourisco de sopro. (DEM, DEH). Var. **axabeba** (DEA, DEH); **xabeba** (DEA); **xabepa** (DEA, DEH); **aiabeba** (DEA).

**Jaez** – s.m. 1. arreamento e adorno de bestas. 2. Fig. Qualidade; espécie; laia. (DEM, DEA, DEH).

**Jaezado** – adj. 1. Ornado de jaezes; arreado. 2. Fig. Enfeitado. (DEM, DEA, DEH). Var. **ajaezado** (DEM, DEA, DEH).

**Jaekar** – v.t.d. 1. Enfeitar com jaezes; arrear. v.t.d. v.pr. 2. Fig. Enfeitar-se; adornar-se. (DEM, DEA, DEH).

**Jargão** – s.m. Variedade de zircão. (DEM, DEA, DEH).

**Jarra** – s.f. 1. Recipiente para líquidos, em geral com asa e bico. 2. Vaso ornamental para flores. 3. Ant. Recipiente, de madeira ou ferro, para depósito de água potável de marinheiros. s.m. 4. velho ridículo; jarreta. (DEM, DEA, DEH).

**Jarrão** – s.m. 1. Grande jarra ornamental. 2. Fig. Mulher, em geral de mais idade, que não é tirada para dançar em festas e fica todo o tempo sentada. 3. Fig. Pessoa sem participação ativa no trabalho. (DEM, DEA, DEH).

**Jarreta** – s2g. adj.2g.1. Pessoa que se veste mal ou fora-de-moda. 2. Idoso esquisito ou ridículo. 3. Indivíduo afeto à bebida alcoólica; ébrio. (DEM, DEA, DEH).

**Jarretice** – s.f. Ação ou fala risível de jarreta. (DEM).

**Jarrinha** – s.f. 1. Pequena jarra. 2. Designação de várias plantas do gênero *Aristolochia*. (DEM, DEA, DEH).

**Jarrinha-arraia** – s.f. Trepadeira nativa do Brasil (RJ) (*Aristolochia raja*). (DEM, DEA, DEH).

**Jarrinha-batatinha** – s.f. 1. Planta nativa do Brasil (GO) (*Aristolochia filipendula*). (DEH). Var. Jarrinha-de-batata. (DEH). 2. Angiosperma (*Aristolochia warmingii*). (DEH). Var.

**Jarrinha-bico-de-passarinho**. (DEH).

**Jarrinha-bico-de-passarinho** – s.f. Trepadeira nativa do centro-oeste brasileiro (*Aristolochia warmingii*). (DEH). Var. **Jarrinha-batatinha**. (DEH).

**Jarrinha-da-Europa** – s.f. Angiosperma (*Aristolochia clematitis*). (DEH).

**Jarrinha-de-babado** – s.f. Planta nativa do México ao Paraguai (*Aristolochia odoratissima*). (DEH).

**Jarrinha-de-batata** – s.f. Angiosperma brasileira (*Aristolochia filipendula*). (DEH). Var. **Jarrinha-batatinha**. (DEH).

**Jarrinha-de-franjas** – s.f. Planta nativa da Argentina, Brasil e Paraguai (*Aristolochia fimbriata*). (DEH).

**Jarrinha-de-lábio-pintalgado** – s.f. Angiosperma (*Aristolochia rumicifolia*). (DEH). Var. **Jarrinha-pintalgada** (DEH); **jarrinha-miúda** (DEH); **jarrinha-preta**. (DEH).

**Jarrinha-do-nordeste** – s.f. Angiosperma nativa do nordeste brasileiro (*Aristolochia papillaris*). (DEH).

**Jarrinha-dos-campos** – s.f. Angiosperma (*Aristolochia arcuata*). (DEH).

**Jarrinha-miúda** – s.f. Angiosperma (*Aristolochia rumicifolia*). (DEH). Var. **jarrinha pintalgada** (DEH); **jarrinha-de-lábio-pintalgado** (DEH); **jarrinha-preta**. (DEH).

**Jarrinha-monstro** – s.f. Angiosperma (*Aristolochia gigantea*). (DEH).

**Jarrinha-pintada** – s.f. Angiosperma (*Aristolochia elegans*). (DEH).

**Jarrinha-pintalgada** – s.f. Angiosperma (*Aristolochia rumicifolia*). (DEH). Var. **Jarrinha-de-lábio-pintalgado** (DEH); **jarrinha-miúda** (DEH); **jarrinha-preta**. (DEH).

**Jarrinha-preta** – s.f. 1. Angiosperma (*Aristolochia arcuata*). (DEM, DEA, DEH). 2. Angiosperma (*Aristolochia rumicifolia*). Var. **jarrinha-de-lábio-pintalgado** (DEH); **jarrinha-pintalgada** (DEH); **jarrinha-miúda**. (DEH).

**Jarro** – s.m. 1. Vaso, em geral, alto e bojudo, com asa e bico, para conter líquidos. 2. Vaso ornamental ou para conter flores. 3. Angiosperma. (DEM, DEA, DEH).

**Javali** – s.m. Porco selvagem. (DEM, DEA, DEH).

**Javali-africano** – s.m. Porco selvagem africano. (DEH).

**Javalina** – s.f. Fêmea do javali. (DEM, DEA, DEH).

**Javalino** – adj. Relativo ou pertencente ao javali. (DEM).

**Javardeiro** – s.m. 1. Caçador de javardos. 2. Local para criação de javardos. 3. Chiqueiro, curral. (DEM).

**Javardice** – s.f. 1. Sujeira; porcaria. 2. Ação de javardo. (DEA).

**Javardo** – s.m. 1. Javali. adj. e s.m. 2. Fig. Indivíduo grosseiro, mal-educado. 3. Que ou quem é nojento, imundo. s.m. 3. Caçador de javardos. 4. Local em que se criam javardos. 5. Chiqueiro, curral. 6. Variedade de trigo rijo. (DEM, DEA, DEH).

**Javardo-glaucó** – s.m. Reg. (Algarve). Forma cultivada de trigo rijo. (DEH).

**Javardolas** – s2g. e s.2n. Reg. (Portugal). Inf. Indivíduo de aspecto sujo, nojento. 2. Indivíduo grosseiro, mal-criado. (DEH).

**Jeropiga** – s.f. 1. Vinho de má qualidade. 2. Vinho com fermentação interrompida pelo acréscimo de aguardente a 20 ou 25%. 3. Bebida preparada com mosto, açúcar e aguardente. (DEM, DEA, DEH).

**Jilaba** – s.f. Capa mourisca. (DEM).

**Julepe** – s.m. Mesmo que julepo. (DEM, DEA). Var. Julepo (DEM, DEA, DEH).

**Julepo** – s.m. 1. Poção. 2. Bebida calmante preparada com água destilada e açúcar. (DEM, DEA, DEH). Var. **Julepe** (DEM, DEA).

Os arabismos dicionarizados no DEM verificados também no DEA e no DEH, suas variantes, compostos e derivados totalizam 39 itens lexicais. Destes, o DAVAIR registra a forma *jabeca*, do ár. and. *aššabbāba* < neoár. *šabbābah*, forma encontrada apenas em Morais, e na qual o DAVAIR supõe um equívoco na intenção de registrar *jabeba*.

Tanto o LPOA quanto o DAVAIR registram *jaez*, aquela fazendo-a resultar da evolução do mesmo étimo árabe, transcrito, respectivamente, ár. cl. *ǧahāz/ jahāz*, propondo o DAVAIR uma fase no vulgar andalusino *\*jaház*.

Não trazem o LPOA e o DAVAIR o vocábulo *jargão*, documentada nas 03 obras-fonte consultadas, e que parece ser variante de *zarcão*, com palatalização do primeiro segmento. Remete o DEM para o mesmo étimo árabe proposto pelo LPOA e pelo DAVAIR para esta forma, respectivamente ár. hisp. *zarqūn* < ár. cl. *zayrqūn* ‘zarcão’ e ár. and. *azzarqūn* < ár. cl. *zarqūn* ambas com acepção de ‘minio’, por sua vez originada a forma árabe clássica no neop. *zargun* ‘cor de ouro’. Ainda segundo o DAVAIR, a forma portuguesa (*a*)*zarcão* resultaria de transcrição a partir do baixo-latim científico. Observe-se que o DEA omite a sua origem e o DEH credita *jargão* a étimo italiano, *giargone*, com o francês como língua-ponte, ao passo que o DLI aponta empréstimo francês para a forma italiana.

Registram ambos, o LPOA e o DAVAIR, o vocábulo *jarra*, que fazem remontar, respectivamente, às formas árabes *ǧarra(t)* e *jarrah*, propondo o DAVAIR *aljárra* como fase intermediária andalusina. Dentre os derivados, registra o LPOA a forma *jarreta* e o DAVAIR, *jarrão*, além de *jarrear*, não dicionarizada nas obras-fonte brasileiras. Tampouco registram o LPOA e o DAVAIR quaisquer dos 15 compostos constituídos com o vocábulo *jarrinha*. Segundo o LPOA, compartilham *jarra* e *jarro* o mesmo étimo árabe. Já o DAVAIR apresenta *jarro* como derivado intrarromânico para a língua castelhana.

Para *javali* apontam o LPOA e o DAVAIR o étimo árabe *ǧabalī*, transcrito *jabalī* no DAVAIR, que apresenta, ainda, o intermediário andalusino *jabalí*. Nem o LPOA nem o DAVAIR dicionarizam o composto *javali-africano*. Das formas derivadas, o LPOA apresenta *javalino* e o DAVAIR, o seu feminino *javalina*. Nem o LPOA nem o DAVAIR registra o vocábulo *javardo*, seus derivados *javardice* e *javardolas* nem o composto *javardo-glauco*.

Também não dicionarizam o LPOA e o DAVAIR a forma *jeropiga*, que o DEM aponta como derivado do arabismo *xarope* e que o DEA e o DEH fazem resultar da forma hipotética *xaropiga*, derivada de *xarope*.

Apenas o o DEM registra *jilaba*, termo não encontrado nos outros produtos lexicográficos consultados.

Quanto a *julepo*, o LPOA o faz remontar ao persa, refletido no árabe *ǧulāb*, por intermédio do francês *julab*. O DAVAIR concorda com o étimo árabe, que transcreve *ǧulāb*, apresentando o neopersa *golāb* como origem deste, mas discordando quanto à língua-ponte para a forma portuguesa, que crê ter sido a castelhana, sem passagem pelo francês.

Dos 39 itens lexicais iniciados pela letra *j*, o DEM dicionariza 22 formas (*jabeca, jaez, jaezado, jaezar, jargão, jarra, jarrão, jarreta, jarretice, jarrinha, jarrinha-arraia, jarrinha-preta, jarro, javali, javalina, javalino, javardeiro, javardo, jeropiga, jilaba, julepe e julepo*) ou 56,4% do total. O DEH registra 33 itens (*jabeca, jaez, jaezado, jaezar, jargão, jarra, jarrão, jarreta, jarrinha, jarrinha-arraia, jarrinha-batatinha, jarrinha-bico-de-passarinho, jarrinha-da-europa, jarrinha-de-babado, jarrinha-de-batata, jarrinha-de-franjas, jarrinha-de-lábio-pintalgado, jarrinha-do-nordeste, jarrinha-dos-campos, jarrinha-miúda, jarrinha-monstro, jarrinha-pintada, jarrinha-pintalgada, jarrinha-preta, jarro, javali, javalina, javalino, javardeiro, javardo, jeropiga, jilaba e julepo*), 84,6% do total. Já o DEA documenta 18 itens (*jaez, jaezado, jaezar, jargão, jarra, jarrão, jarreta, jarrinha, jarrinha-arraia, jarrinha-preta, jarro, javali, javalina, javardo, javardice, jeropiga, julepe e julepo*), 46,1% do total.

Dicionarizam em comum o DEM, o DEA e o DEH 16 itens (*jaez, jaezado, jaezar, jargão, jarra, jarrão, jarreta, jarrinha, jarrinha-arraia, jarrinha-preta, jarro, javali, javalina, javardo, jeropiga e julepo*), o que equivale a apenas 41% do total. O DEM registra como exclusividade 04 formas (*jarretice, javalino, javardeiro e jilaba*) ou 10,2% do total, o DEA traz apenas 01 item (*javardice*) não verificado no DEM e no DEH, isto é, 2,6% das formas, ao passo que o DEH documenta 16 itens não verificados nos demais dicionários gerais em que o registro de arabismos foi investigado (*jarrinha-batatinha, jarrinha-bico-de-passarinho, jarrinha-da-europa, jarrinha-de-babado, jarrinha-de-batata, jarrinha-de-franjas, jarrinha-de-lábio-pintalgado, jarrinha-do-nordeste, jarrinha-dos-campos, jarrinha-miúda, jarrinha-monstro, jarrinha-pintada, jarrinha-pintalgada, javali-africano, javardo-glauco e javardolas*), perfazendo 41% dos vocábulos iniciados pela letra *j*. Em comum, o DEM e o DEH dicionarizam 01 vocábulo (*jabeca*) ou 2,6% do total de itens registrados, assim como o DEM e o DEA compartilham a dicionarização de 01 termo (*julepe*), equivalente a outros 2,6% das formas analisadas.

Estas formas classificam-se, estruturalmente, como formas básicas (*jabeca, jaez, jargão, jarra, jarro, javali, jilaba, julepe e julepo*), totalizando 09 itens ou 23,1% dos vocábulos levantados; formas derivadas (*jaezado, jaezar, jarreta, jarretice, javalino, javardeiro, javardice, javardo, javardolas e jeropiga*), com 10 itens ou 25,6% do total e

formas compostas (*jarrinha-arraia*, *jarrinha-batatinha*, *jarrinha-bico-de-passarinho*, *jarrinha-da-europa*, *jarrinha-de-babado*, *jarrinha-de-batata*, *jarrinha-de-franjas*, *jarrinha-de-lábio-pintalgado*, *jarrinha-do-nordeste*, *jarrinha-dos-campos*, *jarrinha-miúda*, *jarrinha-monstro*, *jarrinha-pintada*, *jarrinha-pintalgada*, *jarrinha-preta*, *javali-africano*, *javardo-glauco*), perfazendo 17 formas ou 43,6% do conjunto das formas levantadas, além de 03 formas com marcas, respectivamente, de aumentativo e diminutivo (*jarrão* e *jarrinha*) e de feminino (*javalina*), equivalente a 7,7% do total.

O DEM dicionariza 100% das formas básicas (09 itens supracitados), 80% das formas derivadas (08 termos, com exceção de *javardice* e *javardolas*); 11,7% das formas compostas (apenas 02 formas, a saber, *jarrinha-arraia* e *jarrinha-preta*) e 100% dos termos coligidos sob o rótulo de “outros” (03 itens). O DEA registra 77,7% das formas básicas (07 vocábulos, a exceção de *jabeca* e *jilaba*); 60% das derivadas (06 itens, exceto *jarretice*, *javolino*, *javardeiro* e *javardolas*); apenas 11,7% dos vocábulos compostos (02 termos) e 100% das formas consideradas “outros” (03 itens). Por sua vez, o DEH documenta, como o DEA, 77,7% das formas básicas (07 vocábulos); 60% das derivadas (06 termos); 100 % de formas “outras” (03 itens), diferenciando-se, entretanto, pelo registro da totalidade dos compostos, 100% (17 termos).

## K

Sem registro de arabismos.

## L

**Lablabe** – s.f. Bot. Qualquer de várias trepadeiras ornamentais da família das leguminosas do gênero *Dolichos*, especialmente da espécie *Dolichos lablab*. (DEA). Var. **Lablade** (DEM).

**Lablade** – s.f. Mesmo que lablabe. (DEM). Var. **Lablabe** (DEA).

**Laca** – s.f. Quim. 1. Pigmento obtido com a fixação de matéria corante orgânica a suporte inorgânico. 2. Substância comercializada em escamas ou pó resultante da desidratação dos corpos de cochonilhas. 3. Verniz resultante da aplicação de tinta vermelha ou preta à laca (verniz da China ou do Japão). 4. o que se cobre com esses vernizes. (DEM, DEA, DEH).

**Lacífero** – adj. Que produz laca. (DEM, DEA, DEH).

**Lacina** – s.f. Substância usada como base de lacas comerciais. (DEM).

**Lacraia** – s.f. 1. Designação comum a artrópodes da classe dos quilópodes. 2. Designação comum aos crustáceos marinhos, da ordem dos estomatópodes. 3. Designação comum a todos

os artrópodes arácnidos da ordem dos escorpiones. (DEM, DEA, DEH). **Lacrau** (DEM, DEA, DEH).

**Lacrainha** – s.f. 1. Pequena lacraia. 2. Designação comum a todos os insetos da ordem dos dermápteros. (DEM, DEA, DEH).

**Lacrar** – v.t.d. Aplicar lacre. (DEM, DEA, DEH).

**Lacrau** – s.m. 1. Lacraia. 2. Escorpião. (DEM, DEA, DEH). Var. **Lacraia** (DEM, DEA, DEH).

**Lacre** – s.m. 1. Preparado para fechar cartas. Bot. 2. Árvore da família das gutíferas nativa das Antilhas (*Vismia cayennensis*). 3. Árvore da família das gutíferas, nativa das Guianas e da Amazônia (*Vismia guianensis*). 4. Arbusto nativo do Brasil (BA até SP) cuja casca exsuda resina gomosa (*Vismia brasiliensis*). Reg. (MG) 5. Jaspe vermelho. (DEM, DEA, DEH).

**Lacreada** – s.f. Ornamento revestido de esmalte ou verniz de laca. (DEM, DEA, DEH).

**Lacrear** – v.t.d. Ornar com lacre. (DEM, DEA, DEH).

**Lacre-branco** – s.m. Bot. 1. Pequena árvore da família das flacourtiáceas nativa das Guianas e do Brasil (*Banara guianensis*). 2. Pequena árvore da família das melastomatáceas nativa das regiões tropicais das Américas (*Miconia minutiflora*). (DEA, DEH).

**Lambique** – s.m. Aparelho de destilação. (DEM). Var. **Alambique** (DEM, DEA, DEH).

**Laqueação** – s.f. Ato ou efeito de laquear. (DEM, DEA, DEH).

**Laqueado** – adj. A que se aplicou laca. (DEM, DEA, DEH).

**Laqueador** – s.m. Pessoa que aplica laca. (DEM, DEA, DEH).

**Laquear** – v.t.d. Aplicar laca. (DEM, DEA, DEH).

**Laqueca** – s.f. Pedra alaranjada ou avermelhada encontrada no Oriente. (DEM).

**Laranja** – s.f. Bot. 1. Fruto da laranjeira. 2. Laranjeira. 3. Cor do fruto da laranjeira. Fig. 3. Pessoa cujo nome é usado na prática de atos ilícitos. (DEM, DEA, DEH). Var. Para *Citrus aurantium*, **laranjeira** (DEM, DEA, DEH); **laranja-amarga** (DEA, DEH); **laranja-azedada** (DEA, DEH); **laranja-da-terra** (DEA, DEH); **laranja-de-sevilha** (DEH); **laranjeira-amarga** (DEH); **laranjeira-azedada** (DEH); **laranjeira-da-terra** (DEH); para *Citrus sinensis*, **laranjeira** (DEM, DEA, DEH); **laranja-da-china** (DEA, DEH); **laranjeira-da-china** (DEH); **laranjeira-doce** (DEH).

**Laranja-amarga** – s.f. Bot. 1. Mesmo que laranjeira (*Citrus aurantium*). 2. Fruto dessa árvore. (DEA, DEH). Var. **Laranjeira** (DEM, DEA, DEH); **laranja-azedada** (DEA, DEH); **laranja-da-terra** (DEA, DEH); **laranja-de-sevilha** (DEH); **laranjeira-amarga** (DEH); **laranjeira-azedada** (DEH); **laranjeira-da-terra** (DEH).

**Laranja-aperu** – s.f. Bot. 1. Pequena árvore da família das boragináceas encontrada no Brasil e cultivada como ornamental (*Cordia ecalyculata*). 2. Fruto dessa árvore. (DEA). Var.

**Laranja-do-mato** (DEH); **laranjarana** (DEM, DEA, DEH).

**Laranja-azedada** – s.f. Bot. 1. Mesmo que laranjeira (*Citrus aurantium*). 2. Fruto dessa árvore. (DEA, DEH). Var. **Laranjeira** (DEM, DEA, DEH); **laranja-amarga** (DEA, DEH);

**laranja-da-terra** (DEA, DEH); **laranja-de-sevilha** (DEH); **laranjeira-amarga** (DEH); **laranjeira-azedada** (DEH); **laranjeira-da-terra** (DEH).

**Laranja-baía** – s.f. Bot. 1. Mesmo que laranja-de-umbigo. 2. Fruto dessa árvore. (DEH).

Var. **Laranja-de-umbigo** (DEA, DEH); **laranja-da-baía** (DEA, DEH).

**Laranja-cravo** – s.f. Bot. 1. Árvore da família das rutáceas nativa do sudeste da Ásia mas cultivada em várias regiões tropicais (*Citrus reticulata*). 2. Fruto dessa árvore. (DEA, DEH).

Var. **Laranja-mimosa** (DEA, DEH); **laranjeira-cravo** (DEH).

**Laranjada** – s.f. 1. Grande quantidade de laranja. 2. Doce de laranja. 3. Bebida feita com sumo de laranja, água e açúcar. (DEA, DEM, DEH).

**Laranja-da-baía** – s.f. Bot. Mesmo que laranja-de-umbigo. (DEA, DEH). Var. **Laranja-baía** (DEH); **laranja-de-umbigo** (DEA, DEH).

**Laranja-da-china** – s.f. Bot. Mesmo que laranjeira. (DEA, DEH). Var. **Laranjeira** (DEM, DEA, DEH); **laranjeira-da-china** (DEH); **laranjeira-doce** (DEH).

**Laranja-da-terra** – s.f. Bot. Mesmo que laranjeira. (DEH). Var. **Laranjeira** (DEM, DEA, DEH); **laranja-amarga** (DEA, DEH); **laranja-azedada** (DEA, DEH); **laranja-de-sevilha** (DEH); **laranjeira-amarga** (DEH); **laranjeira-azedada** (DEH); **laranjeira-da-terra** (DEH).

**Laranja-de-sevilha** – s.f. Bot. Mesmo que laranjeira. (DEH). Var. **Laranjeira** (DEM, DEA, DEH); **laranja-amarga** (DEA, DEH); **laranja-azedada** (DEA, DEH); **laranja-da-terra** (DEA, DEH); **laranjeira-amarga** (DEH); **laranjeira-azedada** (DEH); **laranjeira-da-terra** (DEH).

**Laranja-de-umbigo** – s.f. Bot. Variedade de laranjeira de grande porte cujos frutos tem uma protuberância no ápice dita *umbigo*. (DEA, DEH). Var. **Laranja-baía** (DEH); **laranja-da-baía** (DEA, DEH).

**Laranjado** – adj. Alaranjado. (DEM). Var. **Alaranjado** (DEM, DEA, DEH).

**Laranja-do-céu** – s.f. Bot. Mesmo que laranja-lima (DEH). Var. **Laranja-lima** (DEA, DEH); **laranja-docinha** (DEH); **laranjarana-serra-d'água** (DEA, DEH).

**Laranja-docinha** – s.f. Bot. Mesmo que laranja-lima (DEH). Var. **Laranja-lima** (DEA, DEH); **laranja-do-céu** (DEH); **laranjarana-serra-d'água** (DEA, DEH).

**Laranja-do-mato** – s.f. Bot. 1. Mesmo que laranja-aperu. 2. Árvore pequena da família das rizofoáceas nativa do Brasil e das Guianas (*Cassipourea guianensis*). (DEH). Var. acepção 1, **laranja-aperu** (DEH); **laranjarana** (DEM, DEA, DEH).

**Laranja-jabuticaba** – s.f. Bot. Árvore pequena da família das rutáceas nativa da Ásia e cultivada como ornamental (*Fortunella margarita*). (DEH).

**Laranjal** – s.m. Aglomerado de laranjeiras em determinada área. (DEM, DEA, DEH).

**Laranja-lima** – s.f. Bot. 1. Variedade de laranjeira. 2. Fruto dessa árvore. (DEA, DEH). Var.

**Laranja-do-céu** (DEH); **laranja-docinha** (DEH); **laranjarana-serra-d'água** (DEA, DEH).

**Laranja-melancia** – s.f. Bot. 1. Árvore da família das rutáceas nativa do Oeste da Malásia, cujo fruto cheia a pesar 8 kg (*Citrus maxima*). 2. Árvore pequena da mesma família originada em Barbados e obtida do cruzamento de *C. maxima* com uma espécie de laranja doce (*Citrus x paradisi*). 3. Fruto destas plantas. (DEH). Var. **Laranjeira-melancia** (DEH); **laranjeira-toronja** (DEH).

**Laranja-mimosa** – s.f. Bot. Mesmo que laranja-cravo (DEA, DEH). Var. **Laranja-cravo** (DEA, DEH); **laranjeira-cravo** (DEH).

**Laranja-natal** – s.f. Bot. Mesmo que laranja-pêra. (DEH). Var. **Laranja-pêra** (DEA, DEH); **laranjeira-pêra** (DEH).

**Laranja-ouro** – adj.2g.2n. De cor alaranjada, tirante a ouro. (DEA).

**Laranjão** – s.m. Variedade de gado bovino natural do Piauí. (DEM, DEA, DEH).

**Laranja-pêra** – s.f. Bot. 1. Variedade de laranjeira. 2. Fruto dessa árvore. (DEA, DEH). Var.

**Laranja-natal** (DEH); **laranjeira-pêra** (DEH).

**Laranjarana** – s.f. Bot. Mesmo que laranja-do-mato. (DEM, DEA, DEH). Var. **Laranja-do-mato** (DEH); acepção 1, **laranja-aperu** (DEH).

**Laranjarana-seleta** – s.f. Bot. 1. Variedade de laranjeira. 2. Fruto dessa árvore. (DEA, DEH).

**Laranjarana-serra-d'água** – s.f. Bot. Mesmo que laranja-lima. (DEH). Var. **Laranja-lima** (DEA, DEH); **Laranja-do-céu** (DEH); **laranja-docinha** (DEH).

**Laranjarana-toranja** – s.f. Bot. Fruto da cidreira (*Citrus medica*). (DEH).

**Laranjeira** – s.f. Bot. Designação comum a diversas plantas do gênero *Citrus* da família das rutáceas (DEM, DEA, DEH). Var. **Laranja-amarga** (DEA, DEH); **laranja-azedada** (DEA, DEH); **laranja-da-terra** (DEA, DEH); **laranja-de-sevilha** (DEH); **laranjeira-amarga** (DEH); **laranjeira-azedada** (DEH); **laranjeira-da-terra** (DEH); **laranja-da-china** (DEA, DEH); **laranjeira-da-china** (DEH); **laranjeira-doce** (DEH).

**Laranjeira-amarga** – s.f. Bot. Mesmo que laranjeira (*Citrus aurantium*). (DEH). Var. **Laranjeira** (DEM, DEA, DEH); **laranja-amarga** (DEA, DEH); **laranja-azedada** (DEA, DEH); **laranja-da-terra** (DEA, DEH); **laranja-de-sevilha** (DEH); **laranjeira-azedada** (DEH); **laranjeira-da-terra** (DEH).

**Laranjeira-azedada** – s.f. Bot. Mesmo que laranjeira (*Citrus aurantium*). (DEH). Var. **Laranjeira** (DEM, DEA, DEH); **laranja-amarga** (DEA, DEH); **laranja-azedada** (DEA, DEH); **laranja-da-terra** (DEA, DEH); **laranja-de-sevilha** (DEH); **laranjeira-amarga** (DEH); **laranjeira-da-terra** (DEH).

**Laranjeira-brava** – s.f. Bot. 1. Mesmo que laranjeira-do-mato. 2. Pequena árvore da família das poligaláceas nativa do Brasil (SP) (*Polygala klotschii*) (DEH). Var. acepção 1, **Laranjeira-do-mato** (DEH).

**Laranjeira-cravo** – s.f. Bot. Mesmo que laranja-cravo (DEH). Var. **Laranja-cravo** (DEA, DEH); **laranja-mimosa** (DEA, DEH).

**Laranjeira-cunquate** – s.f. Bot. Árvore pequena da família das rutáceas nativa da Ásia e cultivada como ornamental (*Fortunella margarita*) (DEH).

**Laranjeira-da-china** – s.f. Bot. Mesmo que laranjeira (*Citrus sinensis*). (DEH). Var. **Laranjeira** (DEM, DEA, DEH); **laranja-da-china** (DEA, DEH); **laranjeira-doce** (DEH).

**Laranjeira-da-terra** – s.f. Bot. Mesmo que laranjeira (*Citrus aurantium*). (DEH). Var. **Laranjeira** (DEM, DEA, DEH); **laranja-amarga** (DEA, DEH); **laranja-azedada** (DEA, DEH); **laranja-da-terra** (DEA, DEH); **laranja-de-sevilha** (DEH); **laranjeira-amarga** (DEH); **laranjeira-azedada** (DEH).

**Laranjeira-de-vaqueiro** – s.f. Bot. Árvore da família das ramnáceas nativa do Brasil (PI até MG) (*Ziziphus joazeiro*) (DEH).

**Laranjeira-doce** – s.f. Bot. Mesmo que laranjeira (*Citrus sinensis*) (DEH). Var. **Laranjeira** (DEM, DEA, DEH); **laranja-da-china** (DEA, DEH); **laranjeira-da-china** (DEH).

**Laranjeira-do-cerrado** – s.f. Bot. Árvore da família das euforbiáceas nativa do Brasil (SP) (*Pera obovata*) (DEH).

**Laranjeira-do-mato** – s.f. Bot. 1. Árvore da família das rutáceas nativa do Brasil (*Esenbeckia febrifuga*). 2. Arbusto da família das rutáceas nativo do Brasil (MG, RJ, SP, Centro-Oeste) (*Metrodorea stipularis*). 3. Árvore pequena da família das boragináceas encontrada no Brasil e cultivada como ornamental (*Cordia ecalyculata*). 4. Árvore da família das rutáceas nativa do Brasil (MG, RJ, SP) (*Metrodorea pubescens*). 5. Árvore nativa do Brasil (PB a SC) (*Zollernia illicifolia*). (DEH). Var. **Laranjeira-brava** acepção 1 (DEH);

**Laranjeira-melancia** – s.f. Bot. Mesmo que laranja-melancia. (DEH). Var. **Laranja-melancia** (DEH); **laranjeira-toronja** (DEH).

**Laranjeira-pêra** – s.f. Bot. Mesmo que laranja-pêra (DEH). Var. **Laranja-pêra** (DEA, DEH); **laranja-natal** (DEH).

**Laranjeira-toranja** – s.f. Bot. Mesmo que laranja-melancia. (DEH). Var. **Laranja-melancia** (DEH); **laranjeira-melancia** (DEH).

**Laranjeirinha** – s.f. Bot. 1. Pequena laranjeira. 2. Mesmo que laranjinha. (DEH). Var. Acepção 2, **laranjinha** (DEM, DEA, DEH).

**Laranjeiro** – s.m. Bot. 1. Plantador de laranjas. 2. Vendedor de laranjas. (DEM, DEH).

**Laranjim** – s.f. Bot. Amêndoa confeitada em cujo núcleo há um pedaço de casca de laranja. (DEM).

**Laranjinha** – s.m. 1. Pequena laranja. 2. Árvore da família das anonáceas nativa do Brasil (AM, PA) (*Guatteria citriodora*). 3. Árvore da família das rutáceas encontrada em todo Brasil (*Zanthoxylum rhoifolium*). 4. Planta da família das solanáceas nativa das Ilhas Canárias, Madeira e Açores, mas cultivada no mundo inteiro como ornamental (*Solanum pseudocapsicum*). 5. Pequena árvore da família das poligaláceas nativa do Brasil (SP) (*Polygala klotzschii*). 6. Árvore da família das rutáceas (*Zanthoxylum tingoassuiba*). 7. Cachaça a que se acresce casca de laranja. (DEM, DEA, DEH).

**Laranjinha-do-campo** – s.f. Bot. 1. Arbusto da família das celastráceas nativo do cerrado brasileiro (BA a SP) (*Salacia campestris*). 2. Arbusto da família das solanáceas encontrado em Minas Gerais (*Solanum papillosum*). 3. Árvore nativa do Brasil (BA e GO a SP) (*Styrax ferrugineum*). (DEA, DEH).

**Laranjinha-do-mato** – s.f. Bot. Planta da família das poligaláceas, nativa do Brasil (Centro-Oeste) (*Monnina malmeana*) (DEA, DEH).

**Laranjo** – adj. 1. Da cor da laranja. Reg. (RS) 2. Animal vacum cujo pêlo tem cor tirante à da laranja. (DEM, DEA, DEH).

**Laranjo-queimado** – adj. 1. Animal vacum cujo pêlo é tirante a marrom. S.m. O tom do laranjo-queimado. (DEA).

**Larida** – s.f. Alarido. (DEM). Var. **Alarida** (DEM, DEA, DEH); **alarido** (DEM, DEA, DEH).

**Laridão** – s.m. Grande alarido de cães durante a caça. (DEM, DEA, DEH).

**Larifo** – adj. e s.m. Que ou o que é aproveitador, explorador. (DEM, DEA, DEH).

**Laúde** – s.m. Ant. Alaúde. (DEM, DEH). Var. **Alaúde** (DEM, DEA, DEH).

**Lazão** – s.m. Alazão. (DEM, DEA, DEH). Var. **Alazão** (DEM, DEA, DER).

**Leilão** – s.m. Venda pública de objetos, adquiridos por quem oferecer o maior lance. (DEM, DEA, DEH).

**Leiloamento** – Ação de leiloar. (DEM, DEA, DEH).

**Leiloar** – v.t.d. Vender ou colocar em leilão. (DEM, DEA, DEH).

**Leiloeiro** – s.m. 1. Quem organiza leilões. 2. Pregoeiro em leilões. (DEM, DEA, DEH).

**Lemane** – s.m. Lemano. (DEA, DEH). Var. **Lemano** (DEA, DEH).

**Lemano** – s.m. Sacerdote entre os escravos islamizados da Bahia e do Rio de Janeiro (DEA, DEH).

**Lezíria** – s.f. Lezíria. (DEM, DEA, DEH).

**Lezirão** – s.m. Grande lezíria. (DEM).

**Lezíria** – s.f. 1. Terra à margem de rio que alaga nos períodos de cheia deste. 2. Qualquer terra baixa e alagadiça. (DEM, DEA, DEH).

**Lima** – s.f. Bot. 1. Limeira-da-pérsia (*Citrus aurantifolia*). 2. Fruto dessa árvore. (DEM, DEA, DEH).

**Limada** – s.f. Bebida feita com lima, água e açúcar. (DEM, DEA, DEH).

**Lima-da-pérsia** – s.f. Bot. 1. Mesmo que limeira-da-pérsia. 2. Lima (fruto). (DEA, DEH). Var. **Limeira-da-pérsia** (DEA, DEH).

**Lima-de-cheiro** – s.f. Bot. Mesmo que limão-de-cheiro. (DEA, DEH). Var. **Limão-de-cheiro** (DEA, DEH).

**Limano** – s.m. Lemano. (DEM, DEA, DEH). Var. **Lemane** (DEA, DEH); **leman** (DEA, DEH).

**Limão** – s.m. Bot. 1. Mesmo que limoeiro (*Citrus limon*). 2. Fruto dessa árvore. 3. Cor do fruto do limoeiro. adj.2g e 2n. 4. Que tem essa cor. (DEM, DEA, DEH). Var. **Limoeiro** (DEM, DEA, DEH); **limão-amargo** (DEH); **limão-azedo** (DEH); **limoeiro-amargo** (DEH)

**Limão-amargo** – s.m. Bot. 1. Mesmo que limoeiro (*Citrus limon*). 2. Fruto dessa árvore. (DEH). Var. **Limoeiro** (DEM, DEA, DEH); **limão** (DEM, DEA, DEH); **limão-azedo** (DEH); **limoeiro-amargo** (DEH)

**Limão-azedo** – s.m. Bot. 1. Mesmo que limoeiro (*Citrus limon*). 2. Fruto dessa árvore (DEH). Var. **Limoeiro** (DEM, DEA, DEH); **limão** (DEM, DEA, DEH); **limão-amargo** (DEH); **limoeiro-amargo** (DEH)

**Limão-bravo** – s.m. Bot. 1. Árvore pequena da família das monimiáceas nativa das Guianas e Brasil (do AM ao RJ) (*Siparuna guianensis*). 2. Arbusto da família das monimiáceas nativo do Brasil (RJ, SP), (*Siparuna brasiliensis*). 3. Arbusto da família das verbenáceas nativo da

América tropical e subtropical (*Lippia geminata*). Reg. (SP). 4. Arbusto da família das rubiáceas nativo do Brasil (*Basanacantha spinosa*). (DEA, DEH).

**Limão-canudo** – s.m. Bot. Abelha social da subfamília dos meliponíneos com ampla distribuição no Brasil (*Lestrimelitta limao*). (DEA, DEH).

**Limão-cravo** – s.m. Bot. Variedade de planta cítrica derivada de *Citrus aurantium*. (DEA, DEH).

**Limão-da-índia** – s.m. Bot. Mesmo que limãozinho do jardim. (DEH). Var. **Limãozinho-do-jardim** (DEA, DEH).

**Limão-de-caiena** – s.m. Bot. Árvore da família das oxalidáceas cultivada em regiões tropicais (*Averrhoa bilimbi*). (DEA, DEH).

**Limão-de-cheiro** – s.m. Bot. Bola de cera fina com água aromatizada para atirar nos transeuntes no carnaval. (DEA, DEH). Var. **Lima-de-cheiro** (DEA, DEH).

**Limão-de-galinha** – s.m. Bot. Variedade de limoeiro. (DEH).

**Limão-doce** – s.m. Bot. Mesmo que lima (fruto). (DEA, DEH).

**Limão-do-mato** – s.m. Bot. 1. Árvore da família das icacináceas, nativa do Brasil (PE, GO, BA) (*Emmotum nitens*). 2. Árvore da família das rubiáceas nativa do litoral brasileiro (*Gardenia suaveolens*). 3. Árvore pequena da família das boragináceas que ocorre no Brasil (*Cordia ecalyculata*). 4. Arbusto da família das monimiáceas nativo do Brasil (RJ) (*Siparuna apiosyce*). 5. Arbusto da família das monimiáceas nativo do Brasil (RJ, SP) (*Siparuna brasiliensis*). 6. Árvore da família das fitolacáceas nativa do Brasil (MG, SP) (*Seguiera langsdorffii*). 7. Arbusto da família das rubiáceas nativo do Brasil (*Basanacantha spinosa*). 8. Árvore da família das clusiáceas nativa do Brasil (RJ) (*Garcinia brasiliensis*). (DEA, DEH).

**Limão-francês** – s.m. Bot. Mesmo que limãozinho-do-jardim. (DEA, DEH). **Limãozinho-do-jardim** (DEA, DEH); **limoeiro-da-índia** (DEH)

**Limão-galego** – s.m. Bot. Mesmo que limoeiro-galego. (DEA, DEH). Var. **Limoeiro-galego**. (DEH).

**Limãoarana** – s.f. Bot. 1. Arbusto da família das rubiáceas nativo do Brasil (*Basanacantha spinosa*). 2. Grande árvore da família das moráceas nativa do Brasil (*Maclura tinctoria*). (DEM, DEA, DEH).

**Limãoarana-da-várzea** – s.f. Bot. Arbusto da família das rubiáceas nativo do Brasil (BA, MG) (*Chomelia anisomeris*). (DEA, DEH).

**Limãoaranazinho** – s.m. Bot. Arbusto da família das rubiáceas nativo do Brasil (*Machaonia spinosa*) (DEM, DEA, DEH).

**Limãozinho** – s.m. Bot. 1. Pequeno limão. 2. Pequena árvore da família das poligaláceas nativa do Brasil (SP) (*Polygala klotschii*). 3. Arbusto da família das monimiáceas nativo do Brasil (RJ) (*Siparuna apiosyce*). 4. Árvore da família das celastráceas nativa do Brasil (PI até RJ) (*Maytenus obtusifolia*). 5. Arbusto da família das monimiáceas nativo do Brasil (RJ, SP), (*Siparuna brasiliensis*). (DEM, DEA, DEH).

**Limãozinho-do-jardim** – s.m. Bot. Arbusto da família das rutáceas nativa da Ásia (*Triphasia aurantiola*) (DEA, DEH). Var. **Limão-francês** (DEA, DEH); **limoeiro-da-índia** (DEH)

**Limãozinho-francês** – s.m. Bot. Mesmo que limãozinho-do-jardim. (DEH).

**Limar** – v.t.d. Temperar com azeite e limão. (DEM, DEA, DEH).

**Limeira** – s.f. Bot. Mesmo que limeira-da-pérsia. (DEM, DEA, DEH).

**Limeira-da-pérsia** – s.f. Bot. Pequena árvore da família das rutáceas nativa da Índia e do Sudeste da Ásia (*Citrus aurantifolia*). (DEA, DEH). Var. **Lima-da-pérsia** (DEA, DEH).

**Limoada** – s.f. 1. Limonada. 2. Quantidade de limões. (DEM). Var. Acepção 1, **limonada** (DEM, DEA, DEH).

**Limoado** – adj. Da cor do limão. (DEM).

**Limoal** – s.m. Aglomerado de limoeiros em determinada área. (DEM, DEA, DEH).

**Limoeiro** – s.m. Bot. Pequena árvore da família das rutáceas nativa da Índia (*Citrus limon*). (DEM, DEA, DEH).

**Limoeiro-amargo** – s.m. Bot. Mesmo que limoeiro.(DEH). Var. **Limoeiro** (DEM, DEA, DEH); **limão** (DEM, DEA, DEH); **limão-amargo** (DEH); **limão-azedo** (DEH).

**Limoeiro-bravo** – s.m. Bot. 1. Arbusto da família das monimiáceas nativo do Brasil (RJ, SP) (*Siparuna brasiliensis*). 2. Arbusto da família das monimiáceas nativo do Brasil (RJ) (*Siparuna apiosyce*). 3. Arbusto da família das rubiáceas nativo do Brasil (*Basanacantha spinosa*). (DEA, DEH).

**Limoeiro-da-índia** – s.m. Bot. Mesmo que limãozinho-do-jardim. (DEH). Var. **Limãozinho-do-jardim** (DEA, DEH); **limão-francês** (DEA, DEH).

**Limoeiro-do-campo** – s.m. Bot. Árvore nativa do Brasil (BA e GO a SP) (*Styrax ferrugineum*). (DEA, DEH).

**Limoeiro-do-mato** – s.m. Bot. 1. Árvore nativa do Brasil (BA e GO a SP) (*Styrax ferrugineum*). 2. Árvore pequena da família das boragináceas encontrada no Brasil (*Cordia ecalyculata*). 3. Árvore da família das rutáceas, nativa do Brasil (MG, RJ, SP) (*Metrodorea pubescens*). 4. Arbusto da família das monimiáceas nativo do Brasil (RJ) (*Siparuna apiosyce*). 5. Arbusto da família das rubiáceas nativo do Brasil (*Basanacantha spinosa*). 6. Arbusto da família das rutáceas nativo do Brasil (MG, RJ, SP, Centro-Oeste) (*Metrodorea stipularis*). 7.

Arbusto da família das monimiáceas, nativo do Brasil (RJ, SP) (*Siparuna brasiliensis*). (DEA, DEH).

**Limoeiro-galego** – s.m. Bot. Variedade de planta cítrica talvez derivada da *Citrus medica*. (DEH). Var. **Limão-galego** (DEA, DEH).

**Limonada** – s.f. Bebida feita com suco de limão, água e açúcar. (DEM, DEA, DEH).

**Limonadeiro** – s.m. Pessoa que faz ou vende limonada. (DEM, DEA, DEH).

**Limonado** – adj. O mesmo que limoado. (DEM). Var. **Limoado** (DEM).

**Lizar** – v.t.d. Mexer tecido ou meadas em banho de tinta. (DEM, DEA, DEH).

**Loque** – s.m. Medicamento com consistência de xarope tomado em pequenas doses para tratamento de doenças respiratórias. (DEM, DEA, DEH).

Os arabismos iniciados pelo grafema <l> somam 128 itens lexicais, dentre formas padrão, variantes, formas básicas, derivadas e compostas. Destas, o LPOA e o DAVAIR não dicionarizam *lablade* ~ *lablabe*, que o DEM e o DEA, respectivamente, registram como termo da botânica designativo de espécie de trepadeira ornamental (*Dolichos lablab*).

O LPOA aponta a forma *laca* como originada no ár. *lakk* < per. < sáns., com *lacre* por variante. Dentre os derivados e compostos dicionarizados no DEM, DEA e DEH, registra *lacífero*, *lacreada* e *lacre-branco*, a que o DAVAIR acresce *lacrar* e *laquear*.

O LPOA apresenta *lacraia* como derivado de *lacrau*, este < ár. *al-<sup>c</sup>aqrab*. O DAVAIR apresenta, dentre várias outras, uma antiga variante portuguesa *alacraia*. Nenhuma das obras de referência dicionariza *lacrainha*, encontrada no DEM, DEA e DEH com especialização semântica, ao referir-se aos insetos da ordem dos Dermápteros.

Não registram o LPOA e o DAVAIR a variante aferética *lambique* (~ *alambique*), dicionarizada no DEM, obra esta que dicionariza com exclusividade também o vocábulo *laqueca*, que o DAVAIR, entretanto, remete ao and. *alṣaqīq* < cl. *ṣaqīq* ‘marcassita’.

Já a forma *laranja* está dicionarizada em ambos, o LPOA e o DAVAIR, que apresenta a trajetória interlingüística seguinte: sáns. *nāraṅga* > neop. *nāraṅg* > neoár. *nāraṅj*. Como derivados portugueses, o DAVAIR traz apenas *laranjada*, *laranjado*, *laranjal* e *laranjeira*. O LPOA, entretanto, traz inúmeros outros, derivados e compostos, dos dicionarizados no DEM, DEA e DEH: *laranja-amarga*, *laranja-aperu*, *laranja-azeda*, *laranja-cravo*, *laranjada*, *laranja-da-baía*, *laranja-da-china*, *laranja-da-terra*, *laranja-de-umbigo*, *laranja-do-mato*, *laranjal*, *laranja-lima*, *laranja-mimosa*, *laranja-natal*, *laranjão*, *laranja-pêra*, *laranjarana*, *laranja-seleta*, *laranjeira*, *laranjeiro*, *laranjinha*, *laranjinha-do-campo*, *laranjinha-do-mato* e *laranjo*.

Não trazem o LPOA e o DAVAIR nem o vocábulo *larida* (DEM), *laridão* (DEM, DEH) ou *larifo* (também DEM, DEH). O LPOA registra *laúde* (DEM, DEH) como variante de *alaúde*. O DAVAIR registra *laúde* como forma galega, embora também registre o arabismo português *alaúde*.

*Lazão* (DEM, DEH) figura como variante de *alazão* no LPOA, forma padrão que o DAVAIR também dicionariza. *Leilão*, segundo o LPOA, resulta da evolução do ár. *al-i'lān* ‘anúncio’, apresentando, ainda, os derivados *leiloamento*, *leiloar* e *leiloeiro*. O DAVAIR registra apenas *leilão* e o derivado *aleiloar*.

As formas *leman* (DEA, DEH), *leman* (DEA, DEH) e *limano* (DEM, DEA, DEH) não estão dicionarizadas no DAVAIR. O LPOA registra *leman* e *limano* como variantes de *leman*, que resulta da evolução do ár. *al-imām*.

O LPOA dicionariza *lezíria* como resultante da evolução do ár. *al-ğazā'ir*, plural de *al-ğazīra(t)* ‘ilha; península; terras de aluvião’. Traz *lezira* como variante e *lezirão* como derivado. Todas estas formas também estão registradas no DAVAIR.

O DAVAIR traz *lima* como resultante da evolução do ár. and. *líma* < cl. *līmah* < neop. *limu* < sáns. *nimbū(ka)* ‘lima’, étimo que também deu origem ao vocábulo português *limão*. Aqui, entretanto, afirma que o neoár. *laymūn* talvez tenha adquirido o ditongo final e metanalisado um sufixo aumentativo, ao passo que em *līmah* se verifica eliminação da vogal final anômala no andalusino, em processo fonético regular desta variedade do árabe. Como derivados portugueses, apresenta apenas *limonada*, *limonado*, *limoad*, *limoado* e *limoeiro*. Já o LPOA apresenta *lima* (< ár. *līma(t)* ‘lima’) e *limão* (< ár. *laymūn* ‘limão’ < per.) em verbetes distintos, registrando, para aquele, os derivados e compostos *limada*, *lima-da-pérsia*, *lima-de-cheiro*, *lima-de-umbigo* e *limeira*, e, para este, *limão-azedo*, *limão-bravo*, *limão-canudo*, *limão-cravo*, *limão-de-caiena*, *limão-de-cheiro*, *limão-doce*, *limão-do-mato*, *limão-francês*, *limão-galego*, *limãorana*, *limãorana-da-várzea*, *limãoranazinho*, *limãozinho*, *limãozinho-do-jardim*, *limar* e *limoeiro*.

O LPOA e o DAVAIR não trazem *lizar* (DEM, DEA, DEH), quiçá relacionado ao arabismo *alizari*, segundo o DEM < ár. *al-asâra*, substância da qual se obtém a alizarina, matéria corante usada por tintureiros. LPOA dicionariza *alizarina* apenas.

O LPOA registra *loque* como resultado da evolução do ár. *lu<sup>c</sup>q* ‘loque’ e este do ár. *la<sup>c</sup>iqā* ‘lamber’, também dicionarizado no DAVAIR com duplo o, *looque*, tecnicismo medieval introduzido na língua portuguesa pelo francês.

Dos 128 itens lexicais iniciados pela letra *l*, o DEM dicionariza 58 ou 45,3% do total (*lablade*, *laca*, *lacífero*, *lacina*, *lacraia*, *lacrainha*, *lacrar*, *lacrau*, *lacre*, *lacreada*,

*lacrear, lambique, laqueação, laqueado, laqueador, laquear, laqueca, laranja, laranjada, laranjado, laranjal, laranjão, laranjarana, laranjeira, laranjeiro, laranjim, laranjinha, laranjo, larida, laridão, larifo, laúde, lazão, leilão, leiloamento, leiloar, leiloeiro, lezira, lezirão, lezíria, lima, limada, limano, limão, limãorana, limãoranazinho, limãozinho, limar, limeira, limoada, limoado, limoal, limoeiro, limonada, limonadeiro, limonado, lizar e loque).*

O DEA registra 76 das 128 formas encontradas ou 59,3% destas (*lablabe, laca, lacífero, lacraia, lacrainha, lacrar, lacrau, lacre, lacreada, lacrear, lacre-branco, laqueação, laqueado, laqueador, laquear, laranja, laranja-amarga, laranja-aperu, laranja-azeda, laranja-cravo, laranjada, laranja-da-baía, laranja-da-china, laranja-da-terra, laranja-de-umbigo, laranjal, laranja-lima, laranja-mimosa, laranja-ouro, laranjão, laranja-pêra, laranjarana, laranjarana-seleta, laranjeira, laranjinha, laranjo-queimado, leilão, leiloamento, leiloar, leiloeiro, lemane, lemano, lezira, lezíria, lima, limada, lima-da-pérsia, lima-de-cheiro, limano, limão, limão-bravo, limão-canudo, limão-cravo, limão-de-caiena, limão-de-cheiro, limão-doce, limão-do-mato, limão-francês, limão-galego, limãorana, limãorana-da-várzea, limãoranazinho, limãozinho, limãozinho-do-jardim, limar, limeira, limeira-da-pérsia, limoal, limoeiro, limoeiro-bravo, limoeiro-do-campo, limoeiro-do-mato, limonada, limonadeiro, lizar e loque*). Já o DEH documenta 113 das 128 formas levantadas ou 88,3% das mesmas (*laca, lacífero, lacraia, lacrainha, lacrar, lacrau, lacre, lacreada, lacrear, lacre-branco, laqueação, laqueado, laqueador, laquear, laranja, laranja-amarga, laranja-azeda, laranja-baía, laranja-cravo, laranjada, laranja-da-baía, laranja-da-china, laranja-da-terra, laranja-de-sevilha, laranja-de-umbigo, laranja-do-céu, laranja-docinha, laranja-do-mato, laranja-jabuticaba, laranjal, laranja-lima, laranja-melancia, laranja-mimosa, laranja-natal, laranjão, laranja-pêra, laranjarana, laranjarana-seleta, laranjarana-serra-d'água, laranjarana-toranja, laranjeira, laranjeira-amarga, laranjeira-azeda, laranjeira-brava, laranjeira-cravo, laranjeira-cunquate, laranjeira-da-china, laranjeira-da-terra, laranjeira-de-vaqueiro, laranjeira-doce, laranjeira-do-cerrado, laranjeira-do-mato, laranjeira-melancia, laranjeira-pêra, laranjeira-toranja, laranjeirinha, laranjeiro, laranjinha, laranjinha-do-campo, laranjinha-do-mato, laranjo, laridão, larifo, laúde, lazão, leilão, leiloamento, leiloar, leiloeiro, lemane, lemano, lezira, lezíria, lima, limada, lima-da-pérsia, lima-de-cheiro, limano, limão, limão-amargo, limão-azedo, limão-bravo, limão-canudo, limão-cravo, limão-da-índia, limão-de-caiena, limão-de-cheiro, limão-de-galinha, limão-doce, limão-do-mato, limão-francês, limão-galego, limãorana, limãorana-da-várzea, limãoranazinho, limãozinho, limãozinho-do-jardim, limãozinho-francês, limar, limeira, limeira-da-pérsia, limoal, limoeiro, limoeiro-amargo, limoeiro-bravo, limoeiro-da-índia,*

*limoeiro-do-campo, limoeiro-do-mato, limoeiro-galego, limonada, limonadeiro, lizar e loque*).

Compartilham o DEM, DEA e DEH o registro de 41 vocábulos ou 32% destes (*laca, lacífero, lacraia, lacrainha, lacrar, lacrau, lacre, lacreada, lacrear, laqueação, laqueado, laqueador, laquear, laranja, laranjada, laranjal, laranjão, laranjarana, laranjeira, laranjinha, leilão, leiloamento, leiloar, leiloeiro, lezira, lezíria, lima, limada, limano, limão, limãorana, limãoranazinho, limãozinho, limar, limeira, limoal, limoeiro, limonada, limonadeiro, lizar e loque*). O DEM e o DEH dicionarizam 06 itens não encontrados no DEA (*laranjeiro, laranjo, laridão, larifo, laúde e lazão*), o que perfaz 4,7% do total. Já o DEA e o DEH dicionarizam 31 formas não documentadas pelo DEM ou 24,2% do total de 128 formas encontradas (*lacre-branco, laranja-amarga, laranja-azeda, laranja-cravo, laranja-da-baía, laranja-da-china, laranja-da-terra, laranja-de-umbigo, laranja-lima, laranja-mimosa, laranja-pêra, laranjarana-seleta, lemane, lemano, lima-da-pérsia, lima-de-cheiro, limão-bravo, limão-canudo, limão-cravo, limão-de-caiena, limão-de-cheiro, limão-doce, limão-do-mato, limão-francês, limão-galego, limãorana-da-várzea, limãozinho-do-jardim, limeira-da-pérsia, limoeiro-bravo, limoeiro-do-campo e limoeiro-do-mato*).

O DEM dicionariza com exclusividade 11 itens ou 8,6% do total (*lablade, lacina, lambique, laqueca, laranjado, laranjim, larida, lezirão, limoada, limoado e limonado*). O DEA traz 04 formas não dicionarizadas no DEM e no DEH (*lablabe, laranja-aperu, laranja-ouro e laranjo-queimado*), o que corresponde a 3,1% dos registros. Por sua vez, o DEH dicionariza com exclusividade 35 itens ou 27,4% do total de formas encontradas (*laranja-baía, laranja-de-sevilha, laranja-do-céu, laranja-docinha, laranja-do-mato, laranja-jabuticaba, laranja-melancia, laranja-natal, laranjarana-serra-d'água, laranjarana-toranja, laranjeira-amarga, laranjeira-azeda, laranjeira-brava, laranjeira-cravo, laranjeira-cunquate, laranjeira-da-china, laranjeira-da-terra, laranjeira-de-vaqueiro, laranjeira-doce, laranjeira-do-cerrado, laranjeira-do-mato, laranjeira-melancia, laranjeira-pêra, laranjeira-toranja, laranjeirinha, laranjinha-do-campo, laranjinha-do-mato, limão-amargo, limão-azedo, limão-da-índia, limão-de-galinha, limãozinho-francês, limoeiro-amargo, limoeiro-da-índia e limoeiro-galego*).

Quanto à morfossintaxe, os arabismos iniciados pela letra *l* se dividem em 23 formas básicas (*lablabe, lablade, laca, lacrau, lacre, lambique, laqueca, laranja, laranjo, larida, larifo, laúde, lazão, leilão, lemane, lemano, lezira, lezíria, lima, limano, limão, lizar e loque*), o equivalente a 18% dos itens encontrados; 29 formas derivadas (*lacífero, lacina, lacrar, lacreada, lacrear, laqueação, laqueado, laqueador, laquear, laranjada, laranjado,*

*laranjal, laranjaarana, laranjeira, laranjeiro, leiloamento, leiloar, leiloeiro, limada, limãorana, limar, limeira, limoada, limoado, limoal, limoeiro, limonada, limonadeiro e limonado*), isto é, 22,6% do total de 128 itens levantados; 66 compostos ou 51,6% do total (*lacre-branco, laranja-amarga, laranja-aperu, laranja-azedada, laranja-baía, laranja-cravo, laranja-da-baía, laranja-da-china, laranja-da-terra, laranja-de-sevilha, laranja-de-umbigo, laranja-do-céu, laranja-docinha, laranja-do-mato, laranja-jabuticaba, laranja-lima, laranja-melancia, laranja-mimosa, laranja-natal, laranja-ouro, laranja-pêra, laranjaarana-seleta, laranjaarana-serra-d'água, laranjaarana-toranja, laranjeira-amarga, laranjeira-azedada, laranjeira-brava, laranjeira-cravo, laranjeira-cunquate, laranjeira-da-china, laranjeira-da-terra, laranjeira-de-vaqueiro, laranjeira-doce, laranjeira-do-cerrado, laranjeira-do-mato, laranjeira-melancia, laranjeira-pêra, laranjeira-toranja, laranjinha-do-campo, laranjinha-do-mato, laranjo-queimado, lima-da-pérsia, lima-de-cheiro, limão-amargo, limão-azedo, limão-bravo, limão-canudo, limão-cravo, limão-da-índia, limão-de-caiena, limão-de-cheiro, limão-de-galinha, limão-doce, limão-do-mato, limão-francês, limão-galego, limãorana-davárzea, limãozinho-do-jardim, limãozinho-francês, limeira-da-pérsia, limoeiro-amargo, limoeiro-bravo, limoeiro-da-índia, limoeiro-do-campo, limoeiro-do-mato, limoeiro-galego*) e 10 vocábulos com marcas outras, como gênero, diminutivo e aumentativo (*lacraia, lacrainha, laranjeirinha, laranjim, laranjinha, limãoranazinho, limãozinho, laranjão, laridão e lezirão*), o que perfaz 7,8% do total.

O DEM dicionariza 20 das 23 formas básicas iniciadas pela letra l ou 87% destas (*lablade, laca, lacrau, lacre, lambique, laqueca, laranja, laranjo, larida, larifo, laúde, lazão, leilão, lezira, lezíria, lima, limano, limão, lizar e loque*); documentando ainda 100% das formas derivadas e 90% das formas com outras marcas ou 09 das 10 levantadas (com exceção de *laranjeirinha* apenas).

O DEA dicionariza 15 das 23 formas básicas levantadas ou 65,2% destas (*lablabe, laca, lacrau, lacre, laranja, leilão, lemane, lemano, lezira, lezíria, lima, limano, limão, lizar e loque*); 23 das 29 formas derivadas ou 79,3% das mesmas (*lacífero, lacrar, lacreado, lacrear, laqueação, laqueado, laqueador, laquear, laranjada, laranjal, laranjaarana, laranjeira, leiloamento, leiloar, leiloeiro, limada, limãorana, limar, limeira, limoal, limoeiro, limonada e limonadeiro*); 32 das 66 formas compostas ou 48,5% delas (*lacre-branco, laranja-amarga, laranja-aperu, laranja-azedada, laranja-cravo, laranja-dabaía, laranja-da-china, laranja-da-terra, laranja-de-umbigo, laranja-lima, laranja-mimosa, laranja-ouro, laranja-pêra, laranjaarana-seleta, laranjo-queimado, lima-da-pérsia, lima-de-cheiro, limão-bravo, limão-canudo, limão-cravo, limão-de-caiena, limão-de-cheiro, limão-*

*doce, limão-do-mato, limão-francês, limão-galego, limãorana-da-várzea, limãozinho-do-jardim, limeira-da-pérsia, limoeiro-bravo, limoeiro-do-campo e limoeiro-do-mato*) e, por fim, 06 dos 10 vocábulos com outras marcas ou 60% destes (*lacraia, laranjinha, limãoranazinho, limãozinho, lacrainha e laranjão*).

Já o DEH dicionariza 18 das 23 formas básicas levantadas (*laca, lacrau, lacre, laranja, laranjo, larifo, laúde, lazão, leilão, lemane, lemano, lezira, lezíria, lima, limano, limão, lizar e loque*), o que corresponde a 78,3% destas; 24 das 29 formas derivadas ou 82,7% das mesmas (*lacífero, lacrar, lacreada, lacrear, laqueação, laqueado, laqueador, laquear, laranjada, laranjal, laranjarana, laranjeira, laranjeiro, leiloamento, leiloar, leiloeiro, limada, limãorana, limar, limeira, limoal, limoeiro, limonada e limonadeiro*); 63 dos 66 compostos encontrados ou 95,5% destes (*lacre-branco, laranja-amarga, laranja-aperu, laranja-azedada, laranja-baía, laranja-cravo, laranja-da-baía, laranja-da-china, laranja-da-terra, laranja-de-sevilha, laranja-de-umbigo, laranja-do-céu, laranja-docinha, laranja-do-mato, laranja-jabuticaba, laranja-lima, laranja-melancia, laranja-mimosa, laranja-natal, laranja-ouro, laranja-pêra, laranjarana-seleta, laranjarana-serra-d'água, laranjarana-toranja, laranjeira-amarga, laranjeira-azedada, laranjeira-brava, laranjeira-cravo, laranjeira-cunquate, laranjeira-da-china, laranjeira-da-terra, laranjeira-de-vaqueiro, laranjeira-doce, laranjeira-do-cerrado, laranjeira-do-mato, laranjeira-melancia, laranjeira-pêra, laranjeira-toranja, laranjinha-do-campo, laranjinha-do-mato, laranjo-queimado, lima-da-pérsia, lima-de-cheiro, limão-amargo, limão-azedo, limão-bravo, limão-canudo, limão-cravo, limão-da-índia, limão-de-caiena, limão-de-cheiro, limão-de-galinha, limão-doce, limão-do-mato, limão-francês, limão-galego, limãorana-da-várzea, limãozinho-do-jardim, limãozinho-francês, limeira-da-pérsia, limoeiro-amargo, limoeiro-bravo, limoeiro-da-índia, limoeiro-do-campo, limoeiro-do-mato, limoeiro-galego*) e 08 dos 10 vocábulos caracterizados por outras marcas (*lacraia, lacrainha, laranjeirinha, laranjinha, limãoranazinho, limãozinho, laranjão e laridão*) ou 80% destes.

## M

**Mácea** – s.f. Recipiente em que animais comem e bebem. (DEM, DEA, DEH).

**Mádi** – s.m. 1. Messias esperado pelos muçulmanos para completar a obra de Maomé. 2. Chefe de tribos árabes. (DEM, DEH).

**Madismo** – s.m. Crença na vinda do Mádi. (DEM, DEH).

**Madista** – adj.2g. e s.2g. 1. Relativo a madismo. 2. Pessoa que crê na vinda do Mádi. (DEM, DEH).

**Mafamético** – adj. 1. Relativo a Maomé. 2. Relativo ao Islamismo. (DEM, DEA, DEH).

**Mafoma** – s.f. Escultura grande e tosca, que representa ser humano. (DEM, DEA, DEH).

**Mafometano** – adj. e s.m. 1. Relativo a Maomé. 2. Mesmo que maometano. (DEH). Var.

**Mafamético** (DEA, DEH); **mafométrico** (DEH); **maometano** (DEM, DEH); **mafomista** (DEM, DEH); **maométrico** (DEM, DEH); **maometista** (DEH); **maometa** (DEA, DEH).

**Mafométrico** – adj. Mesmo que mafometano. (DEH). Var. **Mafamético** (DEA, DEH);

**mafometano** (DEH); **maometano** (DEM, DEH); **mafomista** (DEM, DEH); **maométrico** (DEM, DEH); **maometista** (DEH); **maometa** (DEA, DEH).

**Mafomista** – adj. e s.2g. Mesmo que maometano. (DEM, DEA, DEH). Var. **Mafamético**

(DEA, DEH); **mafometano** (DEH); **mafométrico** (DEH); **maometano** (DEM, DEH); **maométrico** (DEM, DEH); **maometista** (DEH); **maometa** (DEA, DEH).

**Mamaluco** – s.m. Mesmo que mameluco. (DEM, DEA, DEH). Var. **Mameluco** (DEM).

**Mamelucagem** – s.f. Conjunto de mamelucos. (DEM).

**Mameluco** – s.m. 1. Soldado de tropa turco-egípcia, originalmente integrada por escravos, que dominou o Egito. Bras. 2. Mestiço resultante do cruzamento entre indígena e branco. (DEM, DEA, DEH)

**Manchil** – s.m. 1. Instrumento de corte usado por açougueiros. 2. Antiga arma branca. (DEM, DEA, DEH).

**Mandil** – s.m. 1. Pano usado para esfregar cavagalduras depois de escovadas. 2. Avental de cozinheiro. 3. Pano de limpeza. (DEM, DEA, DEH).

**Maometa** – adj e s.2g. Mesmo que maometano. (DEA, DEH). Var. Var. **Mafamético** (DEA, DEH); **maométrico** (DEM, DEH); **maometista** (DEH); **mafometano** (DEH); **mafométrico** (DEH); **mafomista** (DEM, DEH).

**Maometanismo** – s.m. Mesmo que maometismo. (DEM, DEH). Var. **Maometismo** (DEM).

**Maometanizar** – v.t.d. e v.pr. Converter(-se) ao islamismo. (DEM, DEH).

**Maometano** – adj. 1. Referente a Maomé ou ao islamismo. adj e s.m. 2. Islamita. (DEM, DEA, DEH). Var. **Mafamético** (DEA, DEH); **maométrico** (DEM, DEH); **maometista** (DEH); **mafometano** (DEH); **mafométrico** (DEH); **mafomista** (DEM, DEH); **maometa** (DEA, DEH).

**Maométrico** – adj. Mesmo que maometano. (DEM, DEA, DEH). Var. **Mafamético** (DEA, DEH); **maometano** (DEM, DEH); **maometista** (DEH); **mafometano** (DEH); **mafométrico** (DEH); **mafomista** (DEM, DEH); **maometa** (DEA, DEH).

**Maometismo** – s.m. Mesmo que islamismo. (DEM, DEA, DEH). Var. **Maometanismo** (DEM).

**Maometista** – adj. e s.2g. Mesmo que maometano. (DEH). Var. **Mafamético** (DEA, DEH); **maometano** (DEM, DEH); **mafometano** (DEH); **mafomético** (DEH); **mafomista** (DEM, DEH); **maometa** (DEA, DEH).

**Maquia** – s.f. 1. Antiga medida para cereais. 2. Porção da produção de farinha, azeitona ou azeite que moleiros ou lagareiros reservam como pagamento pelo seu trabalho. 3. Porção de qualquer coisa. 4. Dinheiro. (DEM, DEA, DEH).

**Marabu** – s.m. 1. Religioso muçulmano. 2. Mesquita por este atendida. Ornit. 3. Ave africana (*Leptoptilos crumenifer*). 4. Pena desta ave. (DEM, DEA, DEH). Var. Acepções 1 e 2, **marabuto** (DEM, DEA, DEH); **morabita** (DEA, DEH); **morabito** (DEA, DEH); **morábito** (DEM).

**Marabuto** – s.m. Mesmo que marabu, acepções 1 e 2. (DEM, DEA, DEH). Var. **Marabu**, acepções 1 e 2 (DEM, DEA, DEH); **morabita** (DEA, DEH); **morabito** (DEA, DEH); **morábito** (DEM).

**Marafa** – s.f. Bras. 1. Vida desregrada. 2. Prostituta. (DEM, DEA, DEH). Var. Acepção 2 **marafona**, , acepção 2 (DEM, DEA, DEH); **marafantona** (DEM, DEH); **marafaia** (DEM, DEA, DEH).

**Marafado** – adj. 1. Esperto. 2. Gozador. (DEM).

**Marafaia** – s.f. Reg. (PE). Prostituta. (DEM, DEA, DEH). Var. **Marafa**, acepção 2 (DEM, DEA, DEH); **marafona**, acepção 2 (DEM, DEA, DEH); **marafantona** (DEM, DEH).

**Marafantona** – s.f. Mesmo que marafona. (DEM, DEH). Var. **Marafa**, acepção 2 (DEM, DEA, DEH); **marafona**, acepção 2 (DEM, DEA, DEH); **marafaia** (DEM, DEA, DEH).

**Marafona** – s.f. 1. Boneca de trapos. 2. Prostituta (DEM, DEA, DEH).

**Marafonear** – v.intr. Lidar com marafonas. (DEM, DEA, DEH).

**Marafoneiro** – s.m. Pessoa que marafoneia. (DEM, DEA, DEH).

**Marafonice** – s.f. Intrigas de prostitutas. (DEM).

**Maravedi** – s.m. Antiga moeda usada em Portugal e na Espanha. (DEM, DEA, DEH). Var. **Maravidil** (DEM, DEA, DEH); **maravidi** (DEM, DEA); **morabitino** (DEM, DEA, DEH).

**Maravediada** – s.f. Muitos maravedis. (DEM). Var. **Morabitinada** (DEM).

**Maravidi** – s.m. Mesmo que maravedi. (DEM, DEA). Var. **Maravidil** (DEM, DEA, DEH); **maravedi** (DEM, DEA, DEH); **morabitino** (DEM, DEA, DEH).

**Maravidil** – s.m. Mesmo que maravedi. (DEM, DEA, DEH). Var. **Maravidi** (DEM, DEA), **maravedi** (DEM, DEA, DEH); **morabitino** (DEM, DEA, DEH).

**Marcassita** – s.f. Miner. Mineral constituído de dissulfato de ferro, com composição semelhante a das piritas, das quais difere pela cristalização ortorrômbica. (DEM, DEA, DEH).

**Marcassítico** – adj. Relativo a marcassita. (DEH).

**Marfileno** – adj. Mesmo que marfíneo. (DEM, DEH). Var. **Marfíneo** (DEM, DEH); **marfinoso** (DEM).

**Marfim** – s.m. 1. Susbtância óssea que constitui presas de mamíferos. 2. Dente destes animais. 3. Objeto esculpido em marfim ou artefato elaborado com este material. 4. Cor branca leitosa. (DEM, DEA, DEH).

**Marfim-vegetal** – s.m. Bras. Bot. 1. Palmeiras encontradas no norte do Brasil (*Phytelephas macrocarpa* e *Phytelephas microcarpa*). 2. Material recolhido da semente de palmeiras com o qual se fazem botões e outros objetos. (DEA, DEH)

**Marfíneo** – adj. 1. Relativo ao marfim. 2. Elaborado com marfim. 3. Semelhante ao marfim. (DEM, DEH). Var. **Marfileno** (DEM, DEH); **marfinoso** (DEM).

**Marfinizar** – v.t.d. 1. Assemelhar ao marfim. v.pr. 2. Tomar aspecto de marfim. (DEM, DEA, DEH).

**Marfinzeiro** – s.m. Bras. Bot. Árvore da família das opiliáceas, nativa do Brasil, encontrada do PA ao CE, além de MG, SP e Centro-Oeste (*Agonandra brasiliensis*). (DEA, DEH).

**Marfinoso** – adj. Mesmo que marfíneo. (DEM). Var. **Marfileno** (DEM, DEH); **marfíneo** (DEM, DEH).

**Marlota** – s.f. Capa curta, com capuz, usada pelos mouros. (DEM, DEA, DEH).

**Marlotar** – v.t.d. 1. Enrugar (tecidos). 2. Amarrotar, enxovalhar. (DEM, DEA, DEH).

**Maroma** – s.f. 1. Corda grossa. 2. Corda bamba sobre a qual andam artistas. 3. Reg. (AM). Armação de espeques sobre a qual se constróem habitações à beira de rios. 4. Essa habitação. (DEM, DEA, DEH).

**Maromba** – s.f. 1. Mesmo que maroma. 2. Vara usada por equilibristas na corda-bamba. 3. Situação difícil de sustentar. 4. Atitude de quem adia uma definição, no aguardo do desenrolar dos acontecimentos. 5. Malandragem. Reg. (RS). 6. Cabo de aço ou de fibras suspenso entre margens de cursos d'água, através do qual, por tração manual, deslocam-se embarcações. (DEM, DEA, DEH). Bras. 7. Musculação feita com pesos nos pulsos, mãos ou tornozelos.

**Marombado** – adj. Reg. (CE). Mentiroso, fanfarrão. (DEM, DEA, DEH).

**Marombador** – s.m. Mentiroso. (DEM, DEH).

**Marombagem** – s.f. Ato ou efeito de marombar. (DEM, DEH).

**Marombar** – v.intr. 1. Equilibrar-se na maroma. 2. Hesitar entre alternativas prpostas, em interesse próprio. 3. Dissimular, enganar. 4. Deslocar embarcação por meio de maromba. (DEM, DEA, DEH). Var. **Marombear** (DEM, DEA, DEH).

**Marombear** – Reg. (RS). Mesmo que marombar. (DEM, DEA, DEH). Var. **Marombar** (DEM, DEA, DEH).

**Marombeiro** – adj. e s.m. 1. Adulador. 2. Mentiroso. 3. Pessoa com musculatura hipertrofiada por meio de musculação ou de drogas. (DEM, DEA, DEH).

**Marombista** – adj. e s.2g. 1. Relativo à pessoa que maromba ou essa pessoa. 2. Oportunista. (DEM, DEA, DEH).

**Marrão** – s.m. Pequeno porco desmamado. (DEM, DEA, DEH).

**Marroquim** – s.m. 1. Couro curtido de bode ou cabra, tingido e preparado para confecção de artefatos. 2. Pele de vitela ou de carneiro assim prepaada. 3. Objeto de marroquim ou deste revestido. (DEM, DEA, DEH).

**Marroquinar** – v.t.d. 1. Preparar marroquim. 2. Dar (ao papel) aparência de marroquim. (DEM, DEA, DEH).

**Marroquinaria** – s.f. 1. Atividade de marroquineiro. 2. Local em que se preparam marroquins. 3. Loja em que se vendem marroquins. (DEM, DEH).

**Marroquineiro** – s.m. 1. Preparador de marroquim. 2. Funcionário de marroquim. 3. Vendedor de marroquim. (DEM, DEA, DEH).

**Marroquita** – s.f. Miner. Cristal ortorrômbico constituído de óxido de cálcio e manganês. (DEA, DEH).

**Marrote** – s.m. Reg. (S.). Pequeno porco ainda não castrado. (DEM, DEA, DEH).

**Máscara** – s.f. 1. Peça com que se cobre o rosto, ocultando a identidade. 2. Molde do rosto de cadáver. 3. Peça com que se protege o rosto, na esgrima ou na guerra. 4. Peça dotada de tela com que apicultores protegem o rosto. 5. Peça de tela metálica para proteção do rosto de operários. 6. Peça de pano usada por profissionais da área da saúde para prevenção de contágios. 7. Preparado de uso estético ou medicinal aplicado no rosto e no pescoço. 8. Semblante que não reflete o caráter de quem o mostra. 9. Imagem transparente superposta a fotografia para melhorar-lhe o contraste, a densidade e as cores. 10. Símbolo usado para se formarem palavras-filtro na informática. (DEM, DEA, DEH).

**Mascarada** – s.f. 1. Grupo de pessoas que portam máscara. 2. Festa à qual os convidados comparecem mascarados. (DEM, DEA, DEH).

**Mascarado** – adj. e s.m. 1. Pessoa que porta máscara. 2. Disfarçado. 3. Dissimulado. (DEM, DEA, DEH).

**Mascaragem** – s.f. Ato ou efeito do uso de máscaras para retocar fotografias. (DEM, DEA, DEH).

**Mascaramento** – s.m. Ato ou efeito de mascarar(-se). (DEA, DEH).

**Mascarão** – s.m. Escultura de cabeça humana usada como ornamento. (DEM, DEA, DEH).

**Mascarar** – v.t.d., v.t.d.i. e v.pr. 1. Cobrir(-se) com máscara. v.t.d. 2. Dissimular a aparência. v.pr. 3. Disfarçar-se. (DEM, DEA, DEH).

**Mascarino** – adj. Bot. Referente a flores e corolas semelhantes a máscaras. (DEM, DEA).

**Mascarra** – s.f. 1. Mancha de carvão ou de fuligem. 2. Nódoa. Fig. 3. Desacreditado. (DEM, DEA, DEH).

**Mascarrado** – adj. 1. Sujo de carvão. 2. Sujo de qualquer coisa. 3. Desacreditado. (DEH).

**Mascarrar** – v.t.d. 1. Sujar com carvão ou fuligem. 2. Enodoar. 3. Desacreditar. (DEM, DEA, DEH).

**Masmorra** – s.f. Prisão subterrânea. Fig. 2. Local sombrio, lúgubre. (DEM, DEA, DEH).

**Masmorreiro** – s.m. Ant. Guarda de masmorra. (DEM).

**Mastaba** – s.m. Túmulo egípcio com cômodo para oferendas e sarcófago. (DEM, DEA, DEH).

**Mate** – s.m. 1. Lance final no jogo de xadrez, xeque-mate. 2. Ponto de tricô caracterizado pelo estreitamento ou fechamento de duas malhas. 3. Remate. (DEM, DEA, DEH).

**Matraca** – s.f. 1. Instrumento de percussão dotado de tabuinhas movediças ou argolas de ferro que produzem ruído seco ao baterem na prancheta a que estão presas. 2. Pessoa tagarela. Bras. 3. Arma de fogo. Ornit. Reg. (RS). 4. Ave aquática coraciiforme da família dos alcedínídeos encontrada do México à Terra-do-Fogo, martim-pescador-grande (*Ceryle torquata*). 5. Ave passeriforme da família dos tamnofílídeos encontrada na Bolívia, no Brasil (do ES ao RS), na Argentina e no Paraguai (*Batara cinerea*). (DEM, DEA, DEH).

**Matraca-da-quaresma** – s.f. Reg. (SP). Pessoa que fala demais, tagarela. (DEM, DEA)

**Matracão** – s.m. Bras. Ornit. Mesmo que matraca (*Batara cinerea*). (DEH).

**Matracar** – v.intr. 1. Tocar matraca; matraquear. 2. Bater com força à porta de alguém para que a abram. 3. Insistir irritantemente em um assunto. (DEM, DEA, DEH).

**Matracaria** – s.f. Quantidade de matracas. (DEM).

**Matracolejante** – adj. Que matracoleja. (DEM, DEA, DEH).

**Matracolejar** – v.intr. Bras. 1. Soar como matraca. Fig. 2. Fazer muito barulho. (DEM, DEA, DEH). Var. **Matraquear**, acepção 3 (DEM, DEA, DEH); **matraquejar** (DEM).

**Matraqueado** – adj. 1. Que soa como matraca. 2. Repetido insistentemente. 3. Vaiado; troçado. 4. Experiente. s.m. 5. Ruído de matraca. (DEM, DEA, DEH).

**Matraqueador** – adj e s.m. Que ou o que matraqueia. (DEM, DEA, DEH).

**Matraquear** – v.intr. 1. Tocar matraca. 2. Tagarelar. v.t.d. e v.intr. 3. Fazer soar como matraca. (DEM, DEA, DEH). v.t.d. Vaiar. V.t.d.i. Transmitir ensinamentos ou experiência. Var. **Matracolejar** (DEM, DEA, DEH); **matraquejar** (DEM).

**Matraqueiro** – s.m. (DEH).

**Matraquejar** – v.intr. Mesmo que matraquear. (DEM). Var. **Matraquear** (DEM, DEA, DEH); **matracolejar** (DEM, DEA, DEH).

**Matraqueta** – s.f. Pequena matraca. (DEH).

**Meca** – s.f. Local que concentra determinada atividade ou ponto para o qual convergem as atenções e os interesses de um grupo de pessoas. (DEM, DEA, DEH).

**Meia-laranja** – s.f. 1. Morro arredondado de baixa elevação. 2. Qualquer coisa semi-esférica. 3. Armação de arcos metálicos sobre a qual se coloca uma lona para proteger a escotilha da chuva. (DEM, DEA, DEH).

**Meia-máscara** – s.f. 1. Máscara que cobre apenas parte do rosto. Fig. 2. Disfarce, falsa aparência. (DEM, DEH).

**Mesquinhador** – adj e s.m. Reg. (RS). 1. Referente a cavalo que mesquinha. 2. O próprio cavalo com este comportamento. (DEM, DEA, DEH).

**Mesquinhar** – v.t.d.i. 1. Não dar por mesquinharia. v.t.d. 2. Pechincar. v.intr. 3. Fazer-se ou mostrar-se mesquinho. Reg. (RS). 4. Negar-se uma cavalgada a receber freio ou bucal. Fig. Reg. (RS). 5. Pessoa esquiva. (DEM, DEA, DEH).

**Mesquinharia** – s.f. Mesmo que mesquinhez. (DEM, DEA, DEH). Var. **Mesquinhez** (DEM, DEA, DEH); **mesquinheza** (DEM, DEA, DEH); **mesquinhice** (DEM).

**Mesquinhez** – s.f. 1. Qualidade de mesquinho. 2. Avareza. 3. Parcimônia exagerada. 4. Estreiteza de espírito ou de visão. 5. Mediocridade. 6. Acanhamento. Ant. 7. Infortúnio. (DEM, DEA, DEH). Var. **Mesquinharia** (DEM, DEA, DEH); **mesquinheza** (DEM, DEA, DEH); **mesquinhice** (DEM).

**Mesquinheza** – s.f. Mesmo que mesquinhez. (DEM, DEA, DEH). Var. **Mesquinharia** (DEM, DEA, DEH); **mesquinhez** (DEM, DEA, DEH); **mesquinhice** (DEM).

**Mesquinhice** – s.f. Mesmo que mesquinhez. (DEM). Var. **Mesquinharia** (DEM, DEA, DEH); **mesquinhez** (DEM, DEA, DEH); **mesquinheza** (DEM, DEA, DEH).

**Mesquinho** – adj. 1. Apegado a bens materiais. 2. Caracterizado por parcimônia exagerada. 3. Destituído de muitos recursos. 4. Sem grandeza. 5. Que apresenta estreiteza de espírito e visão. 6. De aparência insignificante. 7. Mediocre. 8. Fraco. Ant. 9. Infeliz. Reg. (RS). 10. Diz-se do cavalo que não recebe freio ou bucal. 11. Diz-se de pessoa desconfiada, arisca. s.m. 12. Pessoa mesquinha. (DEM, DEA, DEH).

**Mesquita** – s.f. Templo muçulmano. (DEM, DEA, DEH).

**Minar** – s.m. Mesmo que minarete. (DEM, DEA). Var. **Minarete** (DEM, DEA, DEH).

**Minarete** – s.m. Torre da mesquita a partir da qual o muezim convida os muçulmanos à oração. (DEM, DEA, DEH). Var. **Minar** (DEM, DEA).

**Mofina** – s.f. 1. Circunstância adversa. 2. Mulher infeliz. 3. Mulher irrequieta. 4. Mulher acanhada, aparvalhada. 5. Pessoa mesquinha. Bras. 6. Artigo difamatório de autoria não declarada. Bras. 7. Afecção caracterizada por séria anemia, causada no homem e em outros mamíferos por vermes nematódeos das espécies *Ancylostoma duodenale* ou *Necator americanus*. 8. O baço. (DEM, DEA, DEH).

**Mofineiro** – s.m. Bras. Autor de artigos anônimos. (DEM, DEA, DEH).

**Mofineto** – adj. 1. Que age como mofino. 2. Infeliz. (DEM).

**Mofinez** – s.f. Mesmo que mofineza. (DEM). Var. **Mofineza** (DEM, DEA, DEH).

**Mofineza** – s.f. Qualidade ou caráter de mofino. (DEM, DEA, DEH). Var. **Mofinez** (DEM).

**Mofino** – adj. 1. Infeliz, desafortunado. 2. Desditoso. 3. Avarento. 4. Importuno. 5. Estreito. Bras. 6. Covarde. 7. Adoentado. s.m. 8. Pessoa infeliz. 9. Pessoa tacanha. 10. Pessoa rebelde. Bras. 11. Diabo. (DEM, DEA, DEH).

**Morabita** – s.m. Mesmo que marabuto, acepções 1 e 2. (DEA, DEH). Var. **Marabu** (DEM, DEA, DEH); **marabuto** (DEM, DEA, DEH); **morabito** (DEA, DEH); **morábito** (DEM).

**Morabitinada** – s.f. Porção de morabitinos. (DEM).

**Morabitino** – s.m. Moeda da época de D. Afonso Henriques, maravedi. (DEM, DEA, DEH). Var. **Maravedi** (DEM, DEA, DEH); **maravidi** (DEM, DEA); **maravidil** (DEM, DEA, DEH).

**Morabito** – s.m. Mesmo que marabuto, acepções 1 e 2. (DEA, DEH). Var. **Marabu** (DEM, DEA, DEH); **marabuto** (DEM, DEA, DEH); **morabita** (DEA, DEH); **morábito** (DEM).

**Morábito** – s.m. Mesmo que marabuto, acepções 1 e 2. (DEM). Var. **Marabu** (DEM, DEA, DEH); **marabuto** (DEM, DEA, DEH); **morabito** (DEA, DEH); **morabita** (DEA, DEH); **morabito** (DEA, DEH).

**Moslém** – adj. e s.2g. Mesmo que muslim. (DEM, DEA, DEH). Var. **Mosleme** (DEM, DEA, DEH); **moslim** (DEM, DEA, DEH); **muslim** (DEM); **muslemo**, acepção 1 (DEH).

**Mosleme** – adj. e s.2g. Mesmo que muslim. (DEM, DEA, DEH). Var. **Moslém** (DEM, DEA, DEH); **moslim** (DEM, DEA, DEH); **muslim** (DEM); **muslemo**, acepção 1 (DEH).

**Moslemia** – s.f. Religião dos mouros. (DEM).<sup>92</sup>

**Moslémico** – adj. Mesmo que moslêmico. (DEA).

---

<sup>92</sup> *Moslemia* compartilha, ainda, outras acepções etnológicas com *mourisma* ~ *moirisma*, quais a de ‘mouros’ e de ‘terra dos mouros’, a par da acepção religiosa aqui considerada.

**Moslêmico** – adj. Relativo aos moslins. (DEM, DEA, DEH).

**Moslemita** – s.2g. Cristão que abraça o islamismo. (DEM, DEA, DEH).

**Moslim** – adj. e s.2g. Mesmo que muslim. (DEM, DEA, DEH). Var. **Mosleme** (DEM, DEA, DEH); **moslém** (DEM, DEA, DEH); **muslim** (DEM); **muslemo**, acepção 1 (DEH).

**Muçulmi** – adj. e s.2g. Reg. (BA). Afro-muçulmano designado genericamente malê. (DEM, DEA, DEH). Var. **Muçulmuí** (DEM, DEA, DEH)<sup>93</sup>; **muçurmuni** (DEA, DEH); **muçurubi** (DEH); **muçurumim** (DEM, DEA, DEH); **muxurumim** (DEM, DEA, DEH).

**Muçulmuí** – adj. e s.2g. Mesmo que muçulmi. (DEM, DEA, DEH). Var. **Muçulmi** (DEM, DEA, DEH); **muçurmuni** (DEA, DEH); **muçurubi** (DEH); **muçurumim** (DEM, DEA, DEH); **muxurumim** (DEM, DEA, DEH).

**Muçurmuni** – adj. e s.2g. Mesmo que muçulmi. (DEA, DEH). Var. **Muçulmi** (DEM, DEA, DEH); **muçulmuí** (DEM, DEA, DEH); **muçurubi** (DEH); **muçurumim** (DEM, DEA, DEH); **muxurumim** (DEM, DEA, DEH)

**Muçurubi** – adj. e s.2g. Mesmo que muçulmi. (DEH). Var. **Muçulmi** (DEM, DEA, DEH); **muçulmuí** (DEM, DEA, DEH); **muçurmuni** (DEA, DEH); **muçurumim** (DEM, DEA, DEH); **muxurumim** (DEM, DEA, DEH)

**Muçurumim** – adj. e s.2g. Mesmo que muçulmi. (DEM, DEA, DEH). Var. **Muçulmi** (DEM, DEA, DEH); **muçulmuí** (DEM, DEA, DEH); **muçurmuni** (DEA, DEH); **muçurubi** (DEH); **muxurumim** (DEM, DEA, DEH)

**Muslemo** – adj e s.2.g. 1. Mesmo que muslim. Fig. 2. Pessoa rude, grosseira. (DEH). Var. Acepção 1, **Mosleme** (DEM, DEA, DEH); **moslim** (DEM, DEA, DEH); **muslém** (DEM, DEA, DEH); **muslim** (DEM).

**Muslim** – adj. e s.2g. Seguidor do islamismo. (DEM, DEA, DEH). Var. **Mosleme** (DEM, DEA, DEH); **moslim** (DEM, DEA, DEH); **muslém** (DEM, DEA, DEH); **muslemo**, acepção 1 (DEH).

**Muslímico** – adj. Relativo a mosleme. (DEM, DEH).

**Muxarabi** – s.m. Mesmo que muxarabiê. (DEM, DEA, DEH). Var. **Muxarabiê** (DEM, DEA, DEH).

**Muxarabiê** – s.m. Balcão mourismo dotado de grade de madeira para permitir a visão da rua sem que o expectador seja visto. (DEM, DEA, DEH). Var. **Muxarabi** (DEM, DEA, DEH).

---

<sup>93</sup> Como o DEM remete o termo *muçulmano* ao persa, não se consideraram, aqui, as formas *muçulmânico* (DEM); *muçulmanismo* (DEM, DEA, DEH); *muçulmanização* (DEM); *muçulmanizar* (DEM) e *muçulmano* (DEM, DEA, DEH).

**Muxurumim** – adj. e s.2g. Mesmo que muçulmi (DEM, DEA, DEH). Var. **Muçulmi** (DEM, DEA, DEH); **muçulmuí** (DEM, DEA, DEH); **muçurmuni** (DEA, DEH); **muçurubi** (DEH); **muçurumim** (DEM, DEA, DEH).

Dos 133 itens lexicais iniciados pela letra m levantados, o LPOA e o DAVAIR não dicionarizam as formas *mácea* e *mádi* com seus derivados *madismo* e *madista*. Ambos registram, entretanto, o vocábulo *mafoma*, resultante da evolução do antropônimo *Muhammad* ‘o louvado’, com a acepção de ‘escultura humana tosca’, consoante documentada no DEA e no DEH, figurando no DEM como ‘cara feia, de homem ou mulher’. Segundo o DAVAIR, o sentido pejorativo do termo decorre da intolerância étnico-religiosa que caracterizou a convivência entre cristãos e muçulmanos na Idade Média ibérica. Registra o DAVAIR, s.v. *maometano*, os derivados *mafamético*, *mafomético*, *mafometano*, *mafomista*, *maometa*, *maometano*, *maometanismo*, *maometanizar* e *maométrico*, além de *maometano*, termo que afirma ter sido introduzido na língua portuguesa por intermédio do italiano.

*Mameluco* está registrado em ambos, o LPOA e o DAVAIR, como originado no árabe *mamlūk* ‘escravo’, com introdução na língua portuguesa no século XVI. O LPOA aponta o árabe *minğil* ‘cutelo; dente de camelo; lança’ como origem do arabismo *manchil*, cuja integração ao sistema lexical português o DAVAIR afirma ter se dado igualmente no século XVI, embora o creia latinismo relacionado a “mão” com contaminação semântica da forma árabe andalusina *mánjal* (< cl. *minjal*), por meio do romance andalusino, não derivado propriamente do árabe como registram o DEM, DEA e DEH.

Para *mandil* aponta o LPOA origem no árabe *mindīl* ‘guardanapo, véu; turbante’, informando o DAVAIR evolução mais longa, originada, com efeito, no lat. *mantēle* ou *mantile*, passando ainda pelo baixo grego e pelo siríaco, antes de entrar na língua árabe, de cuja variedade andalusina, sob a forma *mandíl*, passaria às línguas ibéricas. O DAVAIR registra o derivado português *mandileiro*, vocábulo este dicionarizado no DEM, DEA e DEH com a acepção de ‘mandrião, preguiçoso, vadio’, sem qualquer relação semântica com a forma básica em questão e para a qual apenas o DEHo informa em nota etimológica ter origem obscura.

O termo *maquia* está dicionarizado tanto no LPOA, como evolução do étimo árabe *makīla(t)* ‘medida’, quanto no DAVAIR, segundo o qual, entretanto, não se trata de ‘medida de capacidade’, conforme registram o DEM, o DEA e o DEH, mas antes de ‘porção de grãos’, acepção que também figura nas referidas obras nacionais.

Os vocábulos *marabu*, *marabuto*, *morabita*, *morabito* e *morábito*, bem como *maravedi*, *maravediada*, *maravidi* e *maravidil* relacionam-se originalmente à dinastia norte-africana Almorávida, que estendeu seus domínios a Alandalus. De acordo com o LPOA, a primeira seqüência tem origem no árabe *murābit* ‘eremita’, remetendo a particularidade dos fundadores desta seita político-religiosa. Segundo o DAVAIR, *marabuto* resulta de transmissão direta do árabe para a língua portuguesa realizada no norte da África. Esta obra registra *marabú* apenas para o castelhano. Já a segunda seqüência resulta do gentílico árabe *murābiṭī*, constituindo a forma *morabentino* um termo latinizado mais conservador.

O LPOA não registra *marafa* e seus derivados, forma para a qual o DAVAIR aponta hibridação do árabe andalusino *mará* ‘mulher’ com o sufixo românico depreciativo –*aca*, informando valer a mesma formação para *marafona*.

Tampouco registra o LPOA o vocábulo *marcassita*, que o DAVAIR aponta como arabismo difundido pelo baixo latim científico. Com efeito, o próprio árabe constituiria língua ponte na transmissão desta forma lexical, cuja origem remontaria ao acadiano, chegando ao árabe pelo concurso do siríaco. Das obras brasileiras consultadas, apenas o DEA aponta a remota origem no aramaico. Não traz o DAVAIR qualquer derivado de *marcassita*, embora o DEH, e exclusivamente exte, registre *marcassítico*.

O LPOA registra tanto *marfim* (< ár. *‘azm al-fīl* ‘marfim, osso de elefante’) quanto os derivados *marfíneo*, *marfinizar* e *marfinoso*, além do composto *marfim-vegetal*. O DAVAIR informa ter a primeira sílaba do vocábulo árabe se perdido por metanálise do artigo árabe pelos bilíngües. Registra o DAVAIR o derivado *marfíleno*, a par daqueles já citados do LPOA.

O LPOA não traz o termo *marlota*, que está no DAVAIR como arabismo originado no grego, como bem informam o DEA e o DEH. Não documenta o DAVAIR a forma *marlotar*, que o DEM, DEA e DEH apontam como derivada daquele.

O LPOA traz *maroma* como evolução do árabe *mabrūm* ‘trançado, torneado’, com *maromba*, do árabe andalusino *mabrūma(t)* ‘maroma’, como forma variante. Registra os derivados *marombagem*, *marombar*, *marombeiro* e *marombista*. O DAVAIR documenta apenas *maroma* ‘corda grossa’, sem apontar derivados portugueses.

O LPOA registra *marrão* como originado no árabe *muḥarram* ‘sagrado, inviolável, proibido’, refletindo esta designação a prática religiosa muçulmana de não consumir carne de porco. Documenta ainda o LPOA *marrote* como derivado. Embora o DAVAIR também documente o vocábulo português *marrão*, registra apenas derivados castelhanos.

O LPOA não dicionariza o vocábulo *marroquim*, que está no DAVAIR como variante de *marroquino*, com sufixo gentílico árabe aplicado ao substantivo *Marrocos*. Não documenta a aceção de tratamento do couro, verificada em DEM, DEA e DEH, ainda que traga os derivados *marroquinar*, *marroquineiro* (ambos no DEM, DEA, DEH) e *marroquinaria* (DEM, DEH).

O LPOA traz *máscara*, como evolução do árabe *mash̄ara(t)* ‘máscara; comédia’, e os derivados *mascarada*, *mascarado*, *mascaragem* e *mascarar*. O DAVAIR deixa de registrar que a forma *máscara* também pertence ao sistema lexical português, apesar de apontar, neste, a presença de *mascarada*, *mascarado* e *mascarão*.

*Masmorra* está documentado em ambos, o LPOA e o DAVAIR, de acordo com aquele tendo por étimo o árabe *matmūra(t)*, derivado do vocábulo para ‘enterrar’. *Mastaba*, por sua vez, encontra-se apenas no DAVAIR, segundo o qual trata-se de tecnicismo arqueológico moderno tomado ao árabe egípcio (< ár. *maṣṭabah* ‘banco’, provavelmente metátese de \* *mabsaṭah* ‘local plano’), com o francês ou o inglês por língua-ponte.

Mate está no LPOA como resultado da evolução do árabe *māta* ‘morreu’, provindo da expressão persa *xah mat* ‘o rei está morto’. O DAVAIR registra a forma *mate* para o galego.

Matraca está no LPOA como originado no árabe *mitraqa(t)* ‘martelo’. Esta obra registra, ainda, os seguintes derivados e compostos: *matraca-da-quaresma*, *matracar*, *matracolejante*, *matracolejar*, *matraqueado*, *matraqueador* e *matraquear*. Por sua vez, o DAVAIR deixa de apontar *matraca* como forma portuguesa (registrando-a apenas como castelã, aragonesa e catalã), embora registre os derivados *matraquejar* (cujo registro se dá exclusivamente no DEM) e *matracar*.

Apenas o DAVAIR dicionariza *Meca* (DEM, DEA, DEH), embora indicada somente como forma castelhana, e usada em expressões idiomáticas como a equivalente, em português, a *por ceca e Meca* ‘por toda parte’, registrada no DEM.

Os compostos *meia-laranja* (DEM, DEA, DEH) e *meia-máscara* (DEM, DEH) não figuram no LPOA e no DAVAIR. Já do paradigma pautado em *mesquinho* (< ár. *miskīn* ‘pobre, desgraçado’, segundo o LPOA), documentam-se *mesquinhar*, *mesquinharia*, *mesquinhez* e *mesquinheza* tanto no LPOA quanto no DAVAIR.

Os vocábulos designativos de templos muçulmanos encontram-se todos dicionarizados nas obras lexicográficas com que vimos trabalhando: *mesquita* < ár. *masğid* ‘mesquita, oratório’, lembrando o DAVAIR que o fonema oclusivo em lugar do palatal árabe pode decorrer de influxo iemenita dos primeiros colonizadores de Alandalus, em cuja

variedade dialetal tal articulação também se verifica. De acordo com o LPOA, *minarete* é resultado da evolução do árabe *manāra(t)* ‘torre de mesquita’, e tem *minar* por variante. Já o DAVAIR aponta trajetória interlingüística mais extensa, com o turco e o francês como intermediários na difusão do vocábulo pelas línguas ibéricas, dentre as quais o português.

*Mofino* e seus derivados encontrados no DEM, DEA e/ou DEH não estão dicionarizados no LPOA, mas o DAVAIR registra *mofino* como resultante da evolução do árabe andalusino *muhín* e este, do árabe clássico *mahīn* ‘ofendido’, trazendo ainda os derivados portugueses *mofina* (DEM, DEA, DEH), *mofinento* e *mofinez* (ambas as formas documentadas pelo DEM).

O LPOA registra, s.v. *mosleme* (< ár. *muslim* ‘muçulmano’), a variante *moslim*, além dos derivados *moslêmico* e *moslemita*. Traz *muslim* como variante de *mussurumim* (originado no mesmo étimo de *mosleme*, mas com introdução no português brasileiro por escravos afro-muçulmanos), assim como *muçulmi*. O DAVAIR informa que *moslém*, *mosleme* e a variante *muslema*, documentadas já em Moraes, apontando muçulmano como sinônimo mais tardio, transmitido através do francês e do neopersa (língua em que *mosolmān* é a forma plural de *moslem*). Obviamente, em se tratando de obra que tem por objeto arabismos ibéricos, o DAVAIR não registra as formas encontradas na variedade americana da língua portuguesa.

As formas *muxarabiê* e sua variante *muxarabi* não estão documentadas no DAVAIR, mas estão no LPOA, segundo o qual resulta da evolução do árabe *mašrabiyya(t)*, tendo sido introduzido na língua portuguesa por meio do francês.

Das 133 formas iniciadas pela letra m compiladas no conjunto das obras-fonte, o DEM dicionariza 113 itens ou 85% do total, especificamente: *mácea*, *mádi*, *madismo*, *madista*, *mafamético*, *mafoma*, *mafomista*, *mamaluco*, *mamelucagem*, *mameluco*, *manchil*, *mandil*, *maometanismo*, *maometanizar*, *maometano*, *maométrico*, *maometismo*, *maquia*, *marabu*, *marabuto*, *marafa*, *marafado*, *marafaia*, *marafantona*, *marafona*, *marafonear*, *marafoneiro*, *marafonice*, *maravedi*, *maravediada*, *maravidi*, *maravidil*, *marcassita*, *marfileno*, *marfim*, *marfíneo*, *marfinizar*, *marfinoso*, *marlota*, *marlotar*, *maroma*, *maromba*, *marombado*, *marombador*, *marombagem*, *marombar*, *marombear*, *marombeiro*, *marombista*, *marrão*, *marroquim*, *marroquinar*, *marroquinaria*, *marroquineiro*, *marrote*, *máscara*, *mascarada*, *mascarado*, *mascaragem*, *mascarão*, *mascarar*, *mascarino*, *mascarra*, *mascarrar*, *masmorra*, *masmorreiro*, *mastaba*, *mate*, *matraca*, *matracar*, *matracaria*, *matracolejante*, *matracolejar*, *matraqueado*, *matraqueador*, *matraquear*, *matraquejar*, *Meca*, *meia-laranja*, *meia-máscara*, *mesquinhador*, *mesquinhar*, *mesquinharia*, *mesquinhez*,

mesquinheza, mesquinhice, mesquinho, mesquita, minar, minarete, mofina, mofineiro, mofineto, mofinez, mofineza, mofino, morabitinada, morabitino, morábito, moslém, mosleme, moslemia, moslêmico, moslemita, moslim, muçulmi, muçulmuí, muçurumim, muslim, muislímico, muxarabi, muxarabiê e muxurumim. O DEA registra 96 formas, das 133 levantadas ou 72,2% destas, a saber: mácea, mafamético, mafoma, mafomista, mamaluco, mameluco, manchil, mandil, maometa, maometano, maométrico, maometismo, maquia, marabu, marabuto, marafa, marafaia, marafona, marafonear, marafoneiro, maravedi, maravidi, maravidil, marcassita, marfim, marfim-vegetal, marfinizar, marfinzeiro, marlota, marlotar, maroma, maromba, marombado, marombar, marombear, marombeiro, marombista, marrão, marroquim, marroquinar, marroquineiro, marroquita, marrote, máscara, mascarada, mascarado, mascaragem, mascaramento, mascarão, mascarar, mascarino, mascarra, mascarrar, masmorra, mastaba, mate, matraca, matraca-da-quaresma, matracar, matracolejante, matracolejar, matraqueado, matraqueador, matraquear, Meca, meia-laranja, mesquinhador, mesquinhar, mesquinharia, mesquinhez, mesquinheza, mesquinho, mesquita, minar, minarete, mofina, mofineiro, mofineza, mofino, morabita, morabitino, morabito, moslém, mosleme, moslêmico, moslêmico, moslemita, moslim, muçulmi, muçulmuí, muçurmuni, muçurumim, muslim, muxarabi, muxarabiê e muxurumim. Já o DEH documenta 115 formas iniciadas pela letra m, dentre as 133 compiladas no conjunto das 03 obras-fonte, o que corresponde a 86,5% do total: mácea, mádi, madismo, madista, mafamético, mafoma, mafometano, mafométrico, mafomista, mamaluco, mameluco, manchil, mandil, maometa, maometanismo, maometanizar, maometano, maométrico, maometismo, maometista, maquia, marabu, marabuto, marafa, marafaia, marafantona, marafona, marafonear, marafoneiro, maravedi, maravidil, marcassita, marcassítico, marfileno, marfim, marfim-vegetal, marfíneo, marfinizar, marfinzeiro, marlota, marlotar, maroma, maromba, marombado, marombador, marombagem, marombar, marombear, marombeiro, marombista, marrão, marroquim, marroquinar, marroquinaria, marroquineiro, marroquita, marrote, máscara, mascarada, mascarado, mascaragem, mascaramento, mascarão, mascarar, mascarra, mascarrado, mascarrar, masmorra, mastaba, mate, matraca, matraca-da-quaresma, matracão, matracar, matracolejante, matracolejar, matraqueado, matraqueador, matraquear, matraqueiro, matraqueta, Meca, meia-laranja, meia-máscara, mesquinhador, mesquinhar, mesquinharia, mesquinhez, mesquinheza, mesquinho, mesquita, minarete, mofina, mofineiro, mofineza, mofino, morabita, morabitino, morabito, moslém, mosleme, moslêmico, moslemita, moslim, muçulmi, muçulmuí, muçurmuni, muçurubi, muçurumim, muslemo, muslim, muislímico, muxarabi, muxarabiê e muxurumim.

Os registros comuns ao DEM, DEA e DEH somam 83 itens ou 62,4% do total de formas levantadas: *mácea, mafamético, mafoma, mafomista, mamaluco, mameluco, manchil, mandil, maometano, maomético, maometismo, maquia, marabu, marabuto, marafa, marafaia, marafona, marafonear, marafoneiro, maravedi, maravidil, marcassita, marfim, marfinizar, marlota, marlotar, maroma, maromba, marombado, marombar, marombear, marombeiro, marombista, marrão, marroquim, marroquinar, marroquineiro, marrote, máscara, mascarada, mascarado, mascaragem, mascarão, mascarar, mascarra, mascarrar, masmorra, mastaba, mate, matraca, matracar, matracolejante, matracolejar, matraqueado, matraqueador, matraquear, Meca, meia-laranja, mesquinhador, mesquinhar, mesquinharia, mesquinhez, mesquinheza, mesquinho, mesquita, minarete, mofina, mofineiro, mofineza, mofino, morabitano, moslém, mosleme, moslêmico, moslemita, moslim, muçulmi, muçulmuí, muçurumim, muslim, muxarabi, muxarabiê, muxurumim*. Já o DEM e o DEH registram em comum 13 itens não documentados no DEA ou 9,8% do total de 133 formas encontradas: *mádi, madismo, madista, maometanismo, maometanizar, marafantona, marfileno, marfíneo, marombador, marombagem, marroquinaria, meia-máscara e muhlímico*. O DEA e o DEH trazem 09 formas não dicionarizadas pelo DEM ou 6,8% dos 133 arabismos iniciados pela letra m: *maometa, marfim-vegetal, marfinzeiro, marroquita, mascaramento, matraca-da-quaresma, morabita, morabito e muçurmuni*. O DEM e o DEA, por sua vez, registram apenas 03 formas não documentadas pelo DEH ou 2,3% das formas sob análise: *maravidi, mascarino e minar*.

Os registros exclusivos distribuem-se do seguinte modo: o DEM traz 14 formas não encontradas no DEA e no DEH, o que representa 10,5% do total levantado: *mamelucagem, marafado, marafonice, maravediada, marfinoso, masmorreiro, matracaria, matraquejar, mesquinhice, mofineto, mofinez, morabitinada, morábito e moslemia*. O DEH apresenta 10 itens não registrados no DEM e no DEA ou 7,5% das 133 formas iniciadas pela letra m compiladas: *mafometano, mafomético, maometista, marcassítico, mascarrado, matracão, matraqueiro, matraqueta, muçurubi e muslemo*. O DEA, enfim, dicionariza uma única variante gráfica não encontrada no DEM e no DEH, *moslêmico*, o que equivale a 0,7% dos registros.

Quanto à morfossintaxe, 50 dos 133 itens levantados são formas básicas, ou seja, 37,6% destes o são: *mácea, mádi, mafoma, mamaluco, mameluco, manchil, mandil, maquia, marabu, marabuto, marafona, maravedi, maravidi, maravidil, marcassita, marfim, marlota, maroma, maromba, marrão, marroquim, máscara, masmorra, mastaba, mate, matraca,*

*Meca, mesquinho, mesquita, minar, minarete, mofina, mofino, morabita, morabitino*<sup>94</sup>, *morabito, morábito, moslém, mosleme, moslim, muçulmi, muçulmuí, muçurmuni, muçurubi, muçurumim, muslemo, muslim, muxarabi, muxarabiê e muxurumim*. Já as formas derivadas somam 75 itens, correspondentes a 56,4% o total: *madismo, madista, mafamético, mafometano, mafomético, mafomista, mamelucagem, maometa, maometanismo, maometanizar, maometano, maomético, maometismo, maometista, marafa, marafado, marafaia, marafantona, marafonear, marafoneiro, marafonice, maravediada, marcassítico, marfileno, marfíneo, marfinizar, marfinzeiro, marfinoso, marlotar, marombado, marombador, marombagem, marombar, marombear, marombeiro, marombista, marroquinar, marroquinaria, marroquineiro, marroquita, mascarada, mascarado, mascaragem, mascaramento, mascarar, mascarino, mascarra, mascarrado, mascarrar, masmorreiro, matracar, matracaria, matracolejante, matracolejar, matraqueado, matraqueador, matraquear, matraqueiro, matraquejar, mesquinhador, mesquinhar, mesquinharia, mesquinhez, mesquinheza, mesquinhice, mofineiro, mofinento, mofinez, mofineza, morabitinada, moslemia, moslémico, moslêmico, moslemita e musulmico*. As formas compostas perfazem apenas 3% do total, pois somam só 04 itens: *marfim-vegetal, matraca-da-quaresma, meia-laranja e meia-máscara*, assim como as formas com outras marcas, como sufixos aumentativo (*mascarão e matracão*) e diminutivo (*marrote e matraqueta*), que também somam mais 04 itens ou 3% dos 133 levantados.

O DEM registra 45 dos 50 vocábulos básicos encontrados ou 90% destes: *mácea, mádi, mafoma, mamaluco, mameluco, manchil, mandil, maquia, marabu, marabuto, marafona, maravedi, maravidi, maravidil, marcassita, marfim, marlota, maroma, maromba, marrão, marroquim, máscara, masmorra, mastaba, mate, matraca, Meca, mesquinho, mesquita, minar, minarete, mofina, mofino, morabitino, morábito, moslém, mosleme, moslim, muçulmi, muçulmuí, muçurumim, muslim, muxarabi, muxarabiê e muxurumim*. Dicionariza, ainda, 64 formas derivadas ou 85,3% das mesmas: *madismo, madista, mafamético, mafomista, mamelucagem, maometanismo, maometanizar, maometano, maomético, maometismo, marafa, marafado, marafaia, marafantona, marafonear, marafoneiro, marafonice, maravediada, marfileno, marfíneo, marfinizar, marfinoso, marlotar, marombado, marombador, marombagem, marombar, marombear, marombeiro, marombista, marroquinar,*

<sup>94</sup> Enquanto designativo de ‘moeda inicialmente cunhada sob o governo Almorávida’, não guarda *morabitino* o valor de adjetivo (com sufixo gentílico árabe), mas, como registram o DEM, DEA e DEH, de substantivo masculino [o mesmo tendo se dado com o vocábulo *marroquim*]. Assim, embora diacronicamente integre o paradigma a que também pertencem *marabu, marabuto, morabita, morabito e morábito*, na sua classificação morfosintática optou-se por agrupá-lo entre as formas básicas, dado que, enquanto tal, dela deriva, por exemplo, *morabitinada* (DEM).

*marroquinaria, marroquineiro, mascarada, mascarado, mascaragem, mascarar, mascarino, mascarra, mascarrar, masmorreiro, matracar, matracaria, matracolejante, matracolejar, matraqueado, matraqueador, matraquear, matraquejar, mesquinhador, mesquinhar, mesquinharia, mesquinhez, mesquinheza, mesquinhice, mofineiro, mofineto, mofinez, mofineza, morabitinada, moslemia, moslêmico, moslemita e muhlímico. Registra o DEM 50% das formas compostas, meia-laranja e meia-máscara, bem como 50% dos itens com outras marcas, marrote e mascarão.*

O DEA traz 46 das 50 formas básicas ou 92% destas: *mácea, mafoma, mamaluco, mameluco, manchil, mandil, maquia, marabu, marabuto, marafona, maravedi, maravidil, maravidil, marcassita, marfim, marlota, maroma, maromba, marrão, marroquim, máscara, masmorra, mastaba, mate, matraca, Meca, mesquinho, mesquita, minar, minarete, mofina, mofino, morabita, morabitino, morabito, moslém, mosleme, moslim, muçulmi, muçulmuí, muçurmuni, muçurumim, muslim, muxarabi, muxarabiê e muxurumim. Registra 45 das 75 formas derivadas ou 60% destas: mafamético, mafomista, maometa, maometano, maomético, maometismo, marafa, marafaia, marafonear, marafoneiro, marfinizar, marfinzeiro, marlotar, marombado, marombar, marombear, marombeiro, marombista, marroquinar, marroquineiro, marroquita, mascarada, mascarado, mascaragem, mascaramento, mascarar, mascarino, mascarra, mascarrar, matracar, matracolejante, matracolejar, matraqueado, matraqueador, matraquear, mesquinhador, mesquinhar, mesquinharia, mesquinhez, mesquinheza, mofineiro, mofineza, moslêmico, moslêmico e moslemita. O DEA traz 03 das 04 formas compostas ou 75% destas, a saber, *marfim-vegetal, matraca-da-quaresma e meia-laranja*, além de 02 formas com outras marcas ou 50% destas: *marrote e mascarão*, como o DEM.*

Por fim, o DEH dicionariza 47 vocábulos básicos ou 94% destes: *mácea, mádi, mafoma, mamaluco, mameluco, manchil, mandil, maquia, marabu, marabuto, marafona, maravedi, maravidil, marcassita, marfim, marlota, maroma, maromba, marrão, marroquim, máscara, masmorra, mastaba, mate, matraca, Meca, mesquinho, mesquita, minarete, mofina, mofino, morabita, morabitino, morabito, moslém, mosleme, moslim, muçulmi, muçulmuí, muçurmuni, muçurubi, muçurumim, muslema, muslim, muxarabi, muxarabiê e muxurumim. Dicionariza, ainda, 60 das 75 formas derivadas ou 80% destas: madismo, madista, mafamético, mafometano, mafomético, mafomista, maometa, maometanismo, maometanizar, maometano, maomético, maometismo, maometista, marafa, marafaia, marafantona, marafonear, marafoneiro, marcassítico, marfileno, marfíneo, marfinizar, marfinzeiro, marlotar, marombado, marombador, marombagem, marombar, marombear, marombeiro, marombista, marroquinar, marroquinaria, marroquineiro, marroquita, mascarada,*

*mascarado, mascaragem, mascaramento, mascarar, mascarra, mascarrado, mascarrar, matracar, matracolejante, matracolejar, matraqueado, matraqueador, matraquear, matraqueiro, mesquinhador, mesquinhar, mesquinharia, mesquinhez, mesquinheza, mofineiro, mofineza, moslêmico, moslemita e muhlímico*. O DEH traz, ainda, 100% tanto das formas compostas (*marfim-vegetal, matraca-da-quaresma, meia-laranja e meia-máscara*), quanto daquelas caracterizadas por outras marcas em sua formação (*marrote, mascarão, matracão e matraqueta*).

## N

**Nababesco** – adj.1. Concernente a ou próprio de nababo. (DEM, DEA, DEH).

**Nababia** – s.f. 1. Dignidade de nababo. 2. Território governado por nababo. (DEM, DEA, DEH).

**Nabábico** – adj. Muito rico. (DEM).

**Nababilizar** – vpr. Enriquecer-se muito. (DEM).

**Nababo** – s.m. 1. Príncipe ou administrador provincial da Índia muçulmana (séculos XVI a XIX). 2. Europeu que enriquecia na Índia ou em cuja administração ocupava altos postos. 3. Indivíduo muito rico, que vive no luxo. (DEM, DEA, DEH).

**Nácar** – s.m. 1. Substância branca encontrada no interior de conchas; madrepérola. 2. Cor-de-rosa, carmim. adj.2g. 3. Que tem cor de madrepérola; nacarado. (DEM, DEA, DEH).

**Nacarado** – adj. 1. Revestido de nácar. 2. Que tem cor e brilho de nácar; rosado, acarminado. (DEM, DEA, DEH). Var. Nacarino (DEM, DEA, DEH)..

**Nacarar** – v.t.d. e vpr. 1. Dar ou tomar a aparência de nácar. v.t.d. 2. Revestir de nácar. 3. Tornar acarminado ou rosado. (DEM, DEA, DEH). Var. **Nacarizar** (DEM, DEH).

**Nacarino** – adj. Mesmo que nacarado.(DEM, DEA, DEH). Var. **Nacarado** (DEM, DEA, DEH).

**Nacarizar** – v.t.d. Mesmo que nacarar. (DEM, DEH). Var. **Nacarar** (DEM, DEA, DEH).

**Nacibo** – s.m. Sorte, fortuna. (DEM, DEA).

**Nadir** – s.m. 1. Ponto da abóboda celeste oposto ao zênite. 2. Ponto mais baixo, tempo ou lugar onde ocorre maior depressão. (DEM, DEA, DEH).

**Nadiral** – adj.2g. Concernente ao nadir. (DEM, DEA, DEH).

**Nafé** – s.m Bot. Designação do quiabo, na Europa e na África. (DEM, DEA, DEH).

**Náfega** – s.f. Bot. 1. Arbusto do gênero Zízifo. 2. Fruto dessa árvore. (DEM, DEH).

**Nafil** – s.m. Trombeta árabe, anafil. (DEM, DEA, DEH). Var. **Anafil** (DEM, DEA, DEH); **nafir** (DEM, DEA, DEH).

**Nafir** – s.m. Mesmo que nafil. (DEM, DEA, DEH). Var. **Anafil** (DEM, DEA, DEH); **nafil** (DEM, DEA, DEH).

**Naíba** – s.f. Tributo individual cobrado no Marrocos à época de três importantes festas anuais. (DEM).

**Naibe** – s.m. Supervisor das leis e da religião, nas Maldivas. (DEM, DEH).

**Naipada** – s.f. Conjunto de cartas de um mesmo naipe. (DEM, DEA, DEH).

**Naipar** – v.intr. Jogar cartas de um único naipe. (DEM, DEA, DEH).

**Naipe** – s.m. 1. Sinal gráfico distintivo de cada um dos quatro grupos de cartas de um baralho. 2. Cada um desses grupos. Fig. 3. Condição ou qualidade de pessoa ou coisa. 4. Grupo de pessoas. 5. Em grupo musical, conjunto das pessoas que tocam o mesmo instrumento ou têm a mesma classificação vocal. Gír. Dinheiro. (DEM, DEA, DEH).

**Naipeira** – s.f. Conjunto de cartas do meso naipe. (DEM, DEA, DEH).

**Naipeiro** – adj. Concernente a naipe. (DEM).

**Natrão** – s.m. Mesmo que natro. (DEM, DEA, DEH).

**Natremia** – s.f. Taxa de sódio no sangue. (DEM, DEA, DEH). Var. **Natriemia** (DEH).

**Natriemia** – s.f. Mesmo que natremia. (DEH). Var. **Natremia** (DEM, DEA, DEH).

**Nátrio** – s.m. Antiga designação do sódio. (DEM, DEA, DEH).

**Natriurese** – s.f. Aumento da perda de sódio pela urina. (DEH).

**Natriurético** – adj. Concernente a, que apresenta ou provoca natriurese. (DEH).

**Natriuria** – s.f. Mesmo que natriúria. (DEA). Var. **Natriúria** (DEA).

**Natriúria** – s.f. Teor de sódio na urina. (DEA). Var. **Natriuria** (DEA).

**Natro** – s.m. Quim. Carbono hidratado natural de sódio; natrão. (DEM, DEA, DEH). Var. **Nátrum** (DEM, DEH).

**Natroalunita** – s.f. Quim. Sulfato hidratado de alumínio e sódio. (DEM).

**Natroborocalcita** – s.f. Miner. Borato de sódio e cálcio usado como gema. (DEH). Var.

**Natroborocalcite**. (DEH).

**Natroborocalcite** – s.f. Mesmo que natroborocalcita, de que é forma não preferida. (DEH).

Var. **Natroborocalcita** (DEH).

**Natrocalcita** – s.f. Miner. Sulfato hidratado de sódio e cobre. (DEM).

**Natrolita** – s.f. Miner. Mesmo que natrólito. (DEA, DEH). Var. **Natrólita** (DEM); **natrólito** (DEM); **natrolite** (DEH).

**Natrólita** – s.f. Miner. Mesmo que natrólito. (DEM). Var. **Natrolita** (DEA, DEH); **natrólito** (DEM); **natrolite** (DEH).

**Natrolite** – Miner. Mesmo que natrolita, de que é forma não preferida. (DEH). **Natrolita** (DEM); **natrólito** (DEM); **natrolite** (DEH).

**Natrólito** – s.m. Miner. Silicato hidratado de alumínio e sódio usado como gema. (DEM).

**Natrolita** (DEM); **natrolita** (DEA, DEH); **natrolite** (DEH).

**Natrómetro** – s.m. Mesmo que natrômetro. (DEA).

**Natrômetro** – s.m. Aparelho para medição do teor de sódio de produtos comerciais. (DEM, DEA, DEH).

**Natronita** – s.f. Miner. Nitrato natural de sódio. (DEM).

**Natropexia** – s.f. Fisiol. Fixação do sódio pelo organismo. (DEM).

**Nátrum** – s.m. Mesmo que natro. (DEM, DEH). Var. **Natro** (DEM, DEA, DEH).

**Názir** – s.m. 1. Superintendente das mesquitas. 2. Tribunal supremo, na Pérsia. (DEM, DEA).

**Nenúfar** – s.m. Bot. 1. Designação de ervas da família das ninfeáceas. (DEM, DEA, DEH).

**Noque** – s.m. Reg. (S). 1. Local onde se curte couro, curtume. 2. Couro quadrado em que se faz a decoada. 3. Local em que se prepara e guarda a erva-mate. (DEM, DEA, DEH).

**Nora** – s.f. Aparelho para retirar água de poços ou cisternas constituído de grande roda de madeira à qual se prendem vasos. (DEM, DEA, DEH).

**Nuca** – s.f. Parte superior do pescoço. (DEM, DEA, DEH).

**Nucal** – adj.2g. Relativo ou pertencente à nuca. (DEM, DEA).

**Nucalgia** – s.f. Dor na nuca. (DEM).

**Nucálgico** – adj. Referente à nucalgia. (DEM).

**Núfar** – s.m. Bot. Planta aquática da família das ninfeáceas (*Nuphar luteum*). (DEM).

**Nuquear** – v.t.d. Abater o gado por meio de punção bilbar. (DEM, DEA).

Os arabismos iniciados pelo grafema <n> somam os 56 itens apenas listados. Tanto o LPOA quanto o DAVAIR dicionarizam *nababo*, originado no ár. *nuwwāb*, plural de *nā\_ib* ‘delegado, vicário’. O DAVAIR lembra terem o neopersa *novvāb*, o hindi *navāb* e o francês exercido o papel de línguas-ponte até a sua introdução na Península Ibérica. Dentre os derivados, registra o LPOA *nababesco* e *nababia*. Indica ainda o DAVAIR que as formas portuguesas *naiba* ~ *naibe*, de mesmo sentido, originaram-se no singular do étimo supracitado e são de introdução tardia na língua.

Nem o LPOA nem o DAVAIR registram *naiba*, dicionarizado no DEM com o sentido de ‘tributo pessoal cobrado aos marroquinos por ocasião das três principais festas do ano’ e originado no ár. *naibat*.

O LPOA dicionariza *nácar*, que faz remontar ao persa, com introdução no português pelo ár. *nakār* ‘pintura’, a que o DAVAIR adiciona o étimo imediato andalusino *náqra* ‘tamboril’, dado este instrumento ser então decorado com nácar. Dentre os derivados dicionarizados no DEM, DEA e/ou DEH, documentam ambos *nacarar* e *nacarino*, acrescentando o LPOA *nacarado*.

*Nacibo* está registrado no LPOA e no DAVAIR como evolução do ár. *nasīb* ‘sorte, fortuna’, voz moderna, do século XVI, segundo este último. Já o termo astronômico *nadir*, originado no ár. *naẓīr*, resulta de transmissão escrita, e está dicionarizado tanto no LPOA quanto no DAVAIR. Entretanto, apenas o LPOA registra o derivado *nadiral*.

O étimo *nafha(t)* de *nafé* designa, segundo o LPOA, ‘aragem; aroma’, dentre outros, e as acepções portuguesas da área da botânica provavelmente se devem ao aroma que exalam. O DAVAIR apresenta *nafé* como designativo de ‘planta da Arábia’ cuja indeterminação dificulta o estabelecimento seguro do étimo.

Apenas o DAVAIR registra *náfega* ‘macieira’, vocábulo colhido em Moraes, de cujo sentido ali proposto, entretanto, o DAVAIR não está seguro. De acordo com este último, resulta da evolução do andalusino \**annábqa* < cl. *nabiqah*. Dentre os dicionários gerais brasileiros consultados, está dicionarizado no DEM e no DEH.

Registra o DAVAIR a forma *nafil* apenas como variante antiga catalã para *anafil* resultante da evolução do and. *annafir* < cl. *nafir*, embora ambas as formas, *nafil* e *nafir*, estejam dicionarizadas tanto no DEM e no DEA quanto no DEH.

A origem de *naipe* é obscura, de acordo com o DEA e o DEH, alegando apenas o DEM origem no ár. *naib*. *Naipe* não figura entre os arabismos dicionarizados no LPOA e o DAVAIR traz apenas os cognatos catalão (*naip*) e castelhano (*naipe*) com o sentido de ‘carta de jogar’. Informa que, segundo Coromines, uma antiga pronúncia *naíp* aponta difusão por judeus de Perpignan, cuja festividade de Purim era caracterizada pelo jogo de cartas. A relação desta comunidade com arabófonos remete a dois possíveis étimos árabes, o and. *laṣīb* < cl. *laṣīb* ‘jogo em geral’ e *maṣīb* ‘censurável’. Desta forma, não estão na literatura mais recente quaisquer dos derivados de *naipe* dicionarizados em DEM, DEA e/ou DEH.

O DAVAIR registra *natrão* e *natro* ‘sódio’ e sua longa trajetória interlingüística iniciada no grego *nítron*, com fases intermediárias egípcia *nṯr*, árabe *naṭrūn* e, finalmente, francesa. Ambas as formas portuguesas estão dicionarizadas no DEM, DEA e DEH. O DEM e o DEH dicionarizam ainda a variante *nátrum*. Suas formas derivadas e compostas, contudo, não estão registradas no LPOA e no DAVAIR.

O LPOA documenta *názir* ‘inspetor, vigia’ como originado no ár. *nāzīr* ‘observador, inspetor’. DAVAIR aponta o vocábulo *názir* ‘guardião de mesquita’ como voz moderna do período da expansão ultramarina. Nenhuma das obras de referência traz derivados.

O DEM, o DEA e o DEH dicionarizam *nenúfar* como termo da botânica, para o qual o DAVAIR aponta origem no sáns. *nīlauptala* ‘loto azul’, pelo neop. *nilōpal* e pelo ár. *naylūfar*, através do b.-lat. científico. O DEM dicionariza, ainda, *núfar*, cujo conteúdo semântico (‘1. *nenúfar*. 2. *Golfão-amarelo*’) apenas parcialmente corresponde ao de *nenúfar*, mas cujo étimo, o ár. *nīnūfar*, afirma compartilharem.

Não trazem o LPOA e o DAVAIR o vocábulo *noque*, dicionarizado pelo DEM, DEA e DEH como variante de *anoque*, que tampouco o LPOA e o DAVAIR registram. Já *nora* está dicionarizada em ambas as obras de referência como procedente, de acordo com o LPOA, do árabe *nācūra(t)*.

Para *nuca* o LPOA aponta origem no ár. *nuqra(t)*, pelo fr. *nuque*, registrando o derivado *nucal*. O DAVAIR afirma ter sido o termo introduzido pelo baixo-latim científico *nucha*, originado no árabe *nuxāf* ‘medula’. Não apresenta derivados portugueses. O DEM, o DEA e o DEH registram o latim medieval ou o baixo-latim como língua-ponte na introdução do arabismo na língua-portuguesa.

Os 56 itens lexicais iniciados pela letra n distribuem-se pelos dicionários gerais da língua portuguesa em que foram buscados da seguinte forma: o DEM dicionariza 46 das 56 formas encontradas ou 82,1% destas, a saber: *nababesco*, *nababia*, *nabábico*, *nababilizar*, *nababo*, *nácar*, *nacarado*, *nacarar*, *nacarino*, *nacarizar*, *nacibo*, *nadir*, *nadiral*, *nafé*, *náfega*, *nafil*, *nafir*, *naíba*, *naibe*, *naipada*, *naipar*, *naipe*, *naipeira*, *naipeiro*, *natrão*, *natremia*, *nátrio*, *natro*, *natroalunita*, *natrocalcita*, *natrólita*, *natrólito*, *natrômetro*, *natronita*, *natropexia*, *nátrum*, *názir*, *nenúfar*, *noque*, *nora*, *nuca*, *nucal*, *nucalgia*, *nucálgico*, *núfar* e *nuquear*. O DEA traz 33 das 56 formas levantadas ou 58,9% das mesmas: *nababesco*, *nababia*, *nababo*, *nácar*, *nacarado*, *nacarar*, *nacarino*, *nacibo*, *nadir*, *nadiral*, *nafé*, *nafil*, *nafir*, *naipada*, *naipar*, *naipe*, *naipeira*, *natrão*, *natremia*, *nátrio*, *natriúria*, *natrúria*, *natro*, *natrolita*, *natrómetro*, *natrômetro*, *názir*, *nenúfar*, *noque*, *nora*, *nuca*, *nucal* e *nuquear*. Por sua vez, o DEH registra 36 dos 56 itens encontrados nas obras-fonte, o que equivale a 64,3% dos mesmos: *nababesco*, *nababia*, *nababo*, *nácar*, *nacarado*, *nacarar*, *nacarino*, *nacarizar*, *nadir*, *nadiral*, *nafé*, *náfega*, *nafil*, *nafir*, *naibe*, *naipada*, *naipar*, *naipe*, *naipeira*, *natrão*, *natremia*, *natriemia*, *nátrio*, *natriurese*, *natriurético*, *natro*, *natroborocalcita*, *natroborocalcite*, *natrolita*, *natrolite*, *natrômetro*, *nátrum*, *nenúfar*, *noque*, *nora* e *nuca*.

Os itens lexicais dicionarizados simultaneamente no DEM, no DEA e no DEH totalizam 25 dos 56 levantados ou 44,7% do total: *nababesco, nababia, nababo, nácar, nacarado, nacarar, nacarino, nadir, nadiral, nafé, nafil, nafir, naipada, naipar, naipe, naipeira, natrão, natremia, nátrio, natro, nenúfar, noque, nora* e *nuca*. Comum ao DEM e ao DEA é a dicionarização de 04 itens (*nacibo, názir, nucal* e *nuquear*), perfazendo 7,1% do total de formas levantadas. Também o DEM e o DEH registram 04 formas não encontradas no DEA (*nacarizar, náfega, naibe* e *nátrum*), somando outros 7,1% das formas. Já o termo *natrolita* está documentado apenas no DEA e no DEH, o que corresponde a 1,8% dos itens registrados.

O DEM traz 13 itens lexicais não encontrados no DEA e no DEH ou 23,2% do total das formas levantadas: *nabábico, nababilizar, naíba, naipeiro, natroalunita, natrocalcita, natrólita, natrólito, natronita, natropexia, nucalgia, nucálgico* e *núfar*. O DEA dicionariza com exclusividade 03 itens apenas ou 5,4% do total de itens encontrados (*natriuria, natrúria, natrómetro*), ao passo que o DEH registra 06 itens não documentados no DEM e/ou no DEA (*natriemia, natriurese, natriurético, natroborocalcita, natroborocalcite* e *natrolite*) ou 10,7% do total.

Dos 56 itens lexicais iniciados pela letra *x*, 21 ou 37,5% são formas básicas: *nababo, nácar, nacibo, nadir, nafé, náfega, nafil, nafir, naíba, naibe, naipe, natrão, nátrio, natro, nátrum, názir, nenúfar, noque, nora, nuca* e *núfar*. Outros 31 itens ou 55,4% do total são formas derivadas: *nababesco, nababia, nabábico, nababilizar, nacarado, nacarar, nacarino, nacarizar, nadiral, naipada, naipar, naipeira, naipeiro, natremia, natriemia, natriurese, natriurético, natriuria, natrúria, natrolita, natrólita, natrolite, natrólito, natrómetro, natrômetro, natronita, natropexia, nucal, nucalgia, nucálgico* e *nuquear*. Há, por fim, 04 compostos por justaposição (*natroalunita, natroborocalcita, natroborocalcite* e *natrocalcita*), o que corresponde a 7,1% do total.

O DEM dicionariza 100% das formas básicas levantadas; 74,2% ou 23 das 31 derivadas (*nababesco, nababia, nabábico, nababilizar, nacarado, nacarar, nacarino, nacarizar, nadiral, naipada, naipar, naipeira, naipeiro, natremia, natrólita, natrólito, natrômetro, natronita, natropexia, nucal, nucalgia, nucálgico* e *nuquear*) e 50% dos compostos, ou 02 dos 04 encontrados (*natroalunita* e *natrocalcita*).

O DEA registra 16 das 21 formas básicas ou 76,2% destas: *nababo, nácar, nacibo, nadir, nafé, nafil, nafir, naipe, natrão, nátrio, natro, názir, nenúfar, noque, nora* e *nuca*. Dicionariza 17 das 31 formas derivadas ou 54,8% das mesmas: *nababesco, nababia, nacarado, nacarar, nacarino, nadiral, naipada, naipar, naipeira, natremia, natriuria,*

*natrúria, natrolita, natrómetro, natrômetro, nugal e nuquear*. Não registra, entretanto nenhuma das formas compostas.

O DEH dicionariza 17 das 21 formas básicas ou 81% destas: *nababo, nácar, nadir, nafé, náfega, nafil, nafir, naibe, naipe, natrão, nátrio, natro, nátrum, nenúfar, noque, nora* e *nuca*. Registra 17 das 31 formas derivadas, o que perfaz 54,8% das mesmas: *nababesco, nababia, nacarado, nacarar, nacarino, nacarizar, nadiral, naipada, naipar, naipeira, natremia, natriemia, natriurese, natriurético, natrolita, natrolite* e *natrômetro*. Por fim, dicionariza 50% das formas compostas ou 02 das 04 levantadas (as variantes *natroborocalcita* e *natroborocalcite*).

## O

**Osga** – s.f. 1. Reptil africano (*platydactylus mauritanicus*). 2. Bras. Lagartixa (*Hemidactylus mabovia*). 3. Fam. Aversão, repulsa. (DEM, DEA, DEH).

**Osguinha** – s.f. Pequeno lagarto da família dos geconídeos (*Vanzonia klugei*) da caatinga nordestina (DEH).

**Oxalá** – interj. Tomara; Se Deus quiser. (DEM, DEA, DEH).

Dos 03 arabismos iniciados pela letra O (*osga, osguinha* e *oxalá*), o LPOA dicionariza apenas *osga* e *oxalá*, apontando, para ambos, origem árabe, respectivamente em *wazaga(t)* e *in šāʿ allah*. O DAVAIR traz somente *oxalá*, originado na forma árabe andalusina *law šá lláh*, equivalente, no clássico, a *law šaʿa llah*, e para o qual credita provável influxo espanhol (castelhanismo).

Dos vocábulos citados, o DEM e o DEA registram 02 formas cada, *osga* e *oxalá*, o que corresponde a 66,7% dos itens lexicais levantados, cabendo ao DEH o registro de 100% destes, com a inclusão de *osguinha*.

Compartilham, portanto, o DEM, o DEA e o DEH 66,7% dos vocábulos (*osga* e *oxalá*), documentando o DEH com exclusividade outros 33,3% (*osguinha*).

As formas supracitadas apresentam estruturas morfossintáticas distintas, de forma básica (*osga*), da forma diminutiva desta (*osguinha*, com especialização semântica) e de forma resultante da condensação de toda uma expressão (*oxalá*), com distribuição do seu registro por obra-fonte já citada.

## P

- Pan-arabismo** – s.m. Movimento político pela união dos países árabes. (DEM, DEA, DEH).
- Pan-arabista** - adj. 1. Relativo ao pan-arabismo. Adj. e s2g. 2. Adepto do pan-arabismo. 3. Especialista em pan-arabismo. (DEM, DEA, DEH).
- Pan-islâmico** – adj. Relativo ao pan-islamismo. Var. **Pan-islamista**. (DEM, DEA, DEH).
- Pan-islamismo** – s.m. Movimento religioso e político pela união dos povos islâmicos em um único Estado (DEM, DEA, DEH).
- Pan-islamista** – adj2g. e s2g. 1. Relativo ao pan-islamismo. 2. Partidário do pan-islamismo. (DEM, DEA, DEH). Var. **Pan-islâmico**. (DEM, DEA, DEH).
- Papagaia** – s.f. Ornit. Fêmea do papagaio. (DEM, DEH).
- Papagaiada** – s.f. 1. Conjunto de papagaios. Fig. 2. Exibição exagerada. 3. Palavrório incoerente. (DEM, DEA, DEH).
- Papagaiado** – adj. Bras. Andar do cavalo caracterizado pela inclinação das patas dianteiras para dentro (DEM, DEA, DEH).
- Papagaial** – adj2g. Relativo ou próprio de papagaio. (DEM, DEA, DEH).
- Papagaiar** – v.t.d. e v.intr. Mesmo que papaguear. (DEM, DEA, DEH). Var. **Papaguear** (DEM, DEA, DEH).
- Papagaíce** – s.f. Mesmo que papagaiada, acepções 2 e 3. (DEM, DEA, DEH).
- Papagaieria** – s.f. Bot. Árvore sertaneja. (DEM).
- Papagainho** – s.m. Ornit. Ave psitaciforme (*psittacula krameri*). (DEM, DEA, DEH).
- Papagainho-roxo** – s.m. Pequeno papagaio amazônico (*psittacus erythacus*). (DEA, DEH).
- Papagaio** – s.m. Ornit. 1. Ave psitaciforme capaz de imitar a voz humana. Fig. 2. Indivíduo que repete de memória quanto ouviu ou leu, sem, entretanto, compreender-lhe o sentido. 3. Pessoa que fala muito. 4. Brinquedo construído com armação leve de varetas forrada com papel para manter no ar, contra o vento, por meio de longo fio, e cuja estabilidade depende de longa tira (rabo). 5. Divisória entre janelas ou sacadas contíguas. 6. Bras. Letra de câmbio ou promissória. 7. Papel preso à extremidade de folha para nele continuar o escrito. 8. Fralda triangular. 9. Cabide suspenso na cabeceira da cama no qual se penduram lâmpadas e relógios, dentre outros. (DEM, DEA, DEH).
- Papagaio-africano** – s.m. Ornit. Papagaio africano usado em diversas partes do mundo como animal de estimação (*Psittacus erithacus*). (DEH).
- Papagaio-caboclo** – s.m. Ornit. Bras. Mesmo que papagaio-do-peito-roxo. (DEA, DEH). Var. **Papagaio-de-peito-roxo** (DEA); **papagaio-do-peito-roxo** (DEH); **papagaio-curraleiro** (DEA, DEH); **papagaio-de-coleira**, acepção 2 (DEA, DEH).

**Papagaio-campeiro** – s.m. Ornit. Bras. Papagaio encontrado do México ao norte da América do Sul (*Amazona ochrocephala*). (DEA, DEH). Var. **Papagaio-de-cabeça-amarela** (DEH); **papagaio-do-suriname** (DEH).

**Papagaio-comum** – s.m. Ornit. Mesmo que papagaio-verdadeiro. (DEH). Var. **Papagaio-verdadeiro**. (DEA, DEH); **papagaio-cural** (DEH); **papagaio-de-frente-azul** (DEH); **papagaio-grego**, acepção 1 (DEA, DEH).

**Papagaio-cural** – s.m. Ornit. Mesmo que papagaio-verdadeiro. (DEH). Var. **Papagaio-verdadeiro** (DEH); **papagaio-comum** (DEH); **papagaio-de-frente-azul** (DEH); **papagaio-grego**, acepção 1 (DEA, DEH).

**Papagaio-curraleiro** – s.m. Ornit. Mesmo que papagaio-do-peito-roxo. (DEA, DEH). Var. **Papagaio-de-peito-roxo** (DEA); **papagaio-do-peito-roxo** (DEH); **papagaio-caboclo** (DEA, DEH); **papagaio-de-coleira**, acepção 2 (DEA, DEH).

**Papagaio-da-serra** – s.m. Ornit. Bras. Papagaio encontrado de São Paulo ao norte da Argentina (*Amazona pretrei*). (DEA,DEH). Var. **Papagaio-serrano** (DEH).

**Papagaio-de-cabeça-amarela** – s.m. Ornit. Mesmo que papagaio-campeiro. (DEH). Var. **Papagaio Campeiro**. (DEA, DEH); **papagaio-do-suriname** (DEH).

**Papagaio-de-cara-branca** – s.m. Ornit. Reg. (RS). Maracanã encontrado do Maranhão até o Paraguai e a Argentina (*Propyrrhura maracana*). (DEH).

**Papagaio-de-cara-roxa** – s.m. Ornit. Papagaio outrora encontrado de São Paulo ao Rio Grande do Sul, hoje visto apenas no sudeste do litoral paulista e no Paraná (*Amazona brasiliensis*). (DEH).

**Papagaio-de-coleira** – s.m. Ornit. Bras. 1. Ave amazônica (*Derophtus accipitrinus*). 2. Mesmo que papagaio-do-peito-roxo. (DEA, DEH). Var. **Papagaio-de-peito-roxo** (DEA); **papagaio-do-peito-roxo** (DEH); **papagaio-caboclo** (DEA, DEH); **papagaio-curraleiro** (DEA, DEH).

**Papagaio-de-face-laranja** – s.m. Ornit. Ave encontrada em beira de rios do alto do Amazonas (*Pionopsitta barrabandi*). (DEH).

**Papagaio-de-frente-azul** – s.m. Ornit. Mesmo que papagaio-verdadeiro. (DEH). Var. **Papagaio-verdadeiro** (DEA, DEH); **papagaio-comum** (DEH); **papagaio-cural** (DEH); **papagaio-grego**, acepção 1 (DEA, DEH).

**Papagaio-de-peito-roxo** – Ornit. Bras. Mesmo que papagaio-do-peito-roxo. (DEA). Var. **Papagaio-do-peito-roxo** (DEH); **papagaio-caboclo** (DEA, DEH); **papagaio-curraleiro** (DEA, DEH); **papagaio-de-coleira**, acepção 2 (DEA, DEH).

**Papagaio-do-mangue** – s.m. Ornit. Reg. Bras. Papagaio encontrado na Colômbia, Venezuela, Guianas e Brasil (RJ, SP, PR) (*Amazona amazonica*). (DEA, DEH). Var. **Papagaio-grego**, acepção 2 (DEA, DEH); **papagaio-poaieiro** (DEA, DEH).

**Papagaio-do-mar** – s.m. Ornit. Ave da família dos alcídeos encontrada no Atlântico norte (*Fratercula arctica*). (DEH).

**Papagaio-do-peito-roxo** – s.m. Ornit. Bras. Papagaio encontrado do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul, no Paraguai e no norte da Argentina (*Amazona vinacea*). (DEH). Var. **Papagaio-de-peito-roxo** (DEA); **papagaio-caboclo** (DEA, DEH); **papagaio-curraleiro** (DEA, DEH); **papagaio-de-coleira**, acepção 2 (DEA, DEH).

**Papagaio-do-suriname** – s.m. Ornit. Mesmo que papagaio-campeiro. (DEH).

**Papagaio-grego** – s.m. Ornit. Bras. 1. Mesmo que papagaio-verdadeiro. 2. Mesmo que papagaio-do-mangue. (DEA, DEH). Var. **Papagaio-verdadeiro** (DEA, DEH); **papagaio-comum** (DEH); **papagaio-cural** (DEH); **papagaio-de-fronte-azul** (DEH); **papagaio-grego**, acepção 1 (DEA, DEH).

**Papagaio-imperial** – s.m. Ornit. Ave encontrada em matas do Maranhão ao leste do Pará e parte da região amazônica (*Guaruba guarouba*). (DEH).

**Papagaio-moleiro** – s.m. Ornit. Papagaio encontrado do México à Bolívia, norte do Mato Grosso e leste do Pará, além do Brasil oriental (*Amazona farinosa*). (DEH).

**Papagaio-poaieiro** – s.m. Ornit. Bras. Mesmo que papagaio-do-mangue. (DEA, DEH). Var. **Papagaio-grego**, acepção 2 (DEA, DEH); **papagaio-do-mangue** (DEA, DEH).

**Papagaio-serrano** – s.m. Ornit. Mesmo que papagaio-da-serra. (DEH). Var. **Papagaio-da-serra** (DEA, DEH).

**Papagaio-urubu** – s.m. Ornit. Bras. Ave do sul do baixo Amazonas (*Pionopsitta vulturina*). (DEA, DEH).

**Papagaio-verdadeiro** – s.m. Ornit. Bras. Papagaio encontrado no interior do Brasil, na Bolívia, Paraguai e norte da Argentina (*Amazona aestiva*). (DEA, DEH).

**Papagaios** – interj. Expressão de espanto. (DEM, DEA, DEH).

**Papagaísmo** – s.m. Falatório sem nexos, como o do papagaio. (DEA, DEH).

**Papagaíto** – s.m. Bot. Reg. (Minho) Esporinha (*Delphinium ajacis*) (DEH).

**Papagueador** – adj. e s.m. Bras. 1. Que ou quem fala muito, tagarela. 2. Que ou quem repete de memória, sem compreender o que diz. (DEM, DEA, DEH).

**Papagueamento** – s.m. Ato ou efeito de papaguear. (DEM, DEA, DEH). Var. **Papagueio** (DEA, DEH).

**Papaguear** – v.t.d. 1. Repetir, como papagaio, sem compreender quanto se diz. Fig. v.intr. 2. Falar muito, tagarelar. (DEM, DEA, DEH). Var. **Papagaiar** (DEM, DEA, DEH).

**Papagueio** – s.m. Mesmo que papagueamento. (DEA, DEH). Var. **Papagueamento** (DEM, DEA, DEH).

**Paracata** – s.f. Sapatos grosseiros usados na lavoura, alpercatas. (DEM). Var. **Paracatas** (DEA, DEH).

**Paracatas** – s.f.pl. Reg. (RS) Mesmo que paracata. (DEA, DEH). Var. **Paracata** (DEM); **alpercatas** (DEM, DEA, DEH).

**Paragata** – s.f. Bras. Fam. Mesmo que alpercata. (DEM, DEA, DEH). Var. **alpercata** (DEM, DEA, DEH); **pargata** (DEM, DEA, DEH); **pracata** (DEM, DEA, DEH); **pragata** (DEM, DEA, DEH); **precata** (DEM, DEA, DEH).

**Pargata** – s.f. Mesmo que alpercata. (DEM, DEA, DEH). Var. **alpercata** (DEM, DEA, DEH); **paragata** (DEM, DEA, DEH); **pracata** (DEM, DEA, DEH); **pragata** (DEM, DEA, DEH); **precata** (DEM, DEA, DEH).

**Pepino-de-papagaio** – s.m. Reg. (AM). Bot. Trepadeira da família das cucurbitáceas, encontrada da Bahia ao Rio de Janeiro (*Gurania multiflora*). (DEA, DEH).

**Pracata** – s.f. Mesmo que alpercata. (DEM, DEA, DEH). Var. **alpercata** (DEM, DEA, DEH); **pargata** (DEM, DEA, DEH); **paracata** (DEM, DEA, DEH); **pragata** (DEM, DEA, DEH); **paragata** (DEM, DEA, DEH); **precata** (DEM, DEA, DEH).

**Pragata** – s.f. Mesmo que alpercata. (DEM, DEA, DEH). Var. **alpercata** (DEM, DEA, DEH); **pargata** (DEM, DEA, DEH); **pracata** (DEM, DEA, DEH); **paragata** (DEM, DEA, DEH); **precata** (DEM, DEA, DEH).

**Precata** – s.f. Mesmo que alpercata. (DEM). Var. **alpercata** (DEM, DEA, DEH); **pargata** (DEM, DEA, DEH); **pracata** (DEM, DEA, DEH); **pragata** (DEM, DEA, DEH); **paragata** (DEM, DEA, DEH).

**Pré-islâmico** – adj. Anterior ao islamismo. (DEM, DEA, DEH).

Os arabismos colhidos no DEM, DEA e DEH iniciados pela letra *p* totalizam 56 itens lexicais. Destes, o LPOA e o DAVAIR não trazem os vocábulos prefixados com *pan-* e *pré-*, dicionarizados no DEM, DEA e DEH.

Embora incerta a origem árabe de *papagaio*, o vocábulo figura nos cinco dicionários consultados, creditado ao árabe pelo DEM; de origem obscura, possivelmente árabe, segundo o DEA, e de origem controversa, de acordo com o DEH, que apresenta a hipótese etimológica de José Pedro Machado, de origem onomatopaica em provençal e

tomado como empréstimo pela língua árabe, a par da de Corominas, segundo a qual é vocábulo onomatopaico árabe, introduzido inicialmente na França, onde a etimologia popular associaria a terminação ao vocábulo românico *gai* ‘alegre’. No LPOA, tomado por vocábulo de origem obscura, mas transmitido ao português pelo ár. *babagā*<sup>9</sup>, figura, com seus derivados e compostos, como os únicos arabismos iniciados pela letra *p*. O DAVAIR lembra ser este um vocábulo de etimologia discutida, cujo étimo ár. *babbagā* ou neoper. *baḡā* não pode ser autóctone em nenhuma destas línguas, sendo a sua documentação mais cedo em francês indicativa de penetração mediterrânea, quiçá relacionada às Cruzadas. Não registra o DAVAIR derivados e compostos intrarromânicos, mas, dentre os colhidos no DEM, DEA e DEH, documenta o LPOA *papagaiada*, *papagaiado*, *papagaial*, *papagaiar*, *papagaíce*, *papagainho*, *papagainho-roxo*, *papagaio-cabloco*, *papagaio-campeiro*, *papagaio-curraleiro*, *papagaio-da-serra*, *papagaio-de-coleira*, *papagaio-do-mangue*, *papagaio-do-mar*, *papagaio-grego*, *papagaio-poaieiro*, *papagaio-urubu*, *papagaio-verdadeiro*, *papagueador*, *papagueamento* e *papaguear*.

Dentre as variantes de *alparcata* registradas no DEM, DEA e DEH, apenas o LPOA registra algumas, especificamente *paragata*, *pracata* e *pragata*. Segundo o LPOA, *alparcata* resulta da evolução do ár. *al-balga(t)* ou *al-bulga(t)* ‘babucha’, ao passo que o DAVAIR aponta origem pré-românica, passando pelo andalusino *alpárġa*. Lembra, ainda, que o predomínio de formas com a terminação *-ata* indica uma fase anterior romandalusina.

Dos 56 arabismos iniciados pela letra *p*, o DEM dicionariza 25 itens ou 44,6% do total: *pan-arabismo*, *pan-arabista*, *pan-islâmico*, *pan-islamismo*, *pan-islamista*, *papagaia*, *papagaiada*, *papagaiado*, *papagaial*, *papagaiar*, *papagaíce*, *papagaieria*, *papagainho*, *papagaio*, *papagaios*, *papagueador*, *papagueamento*, *papaguear*, *paracata*, *paragata*, *pargata*, *pracata*, *pragata*, *precata* e *pré-islâmico*. O DEA registra 37 das 56 formas encontradas ou 66,1% destas: *pan-arabismo*, *pan-arabista*, *pan-islâmico*, *pan-islamismo*, *pan-islamista*, *papagaiada*, *papagaiado*, *papagaial*, *papagaiar*, *papagaíce*, *papagainho*, *papagainho-roxo*, *papagaio*, *papagaio-cabloco*, *papagaio-campeiro*, *papagaio-curraleiro*, *papagaio-da-serra*, *papagaio-de-coleira*, *papagaio-de-peito-roxo*, *papagaio-do-mangue*, *papagaio-grego*, *papagaio-poaieiro*, *papagaio-urubu*, *papagaio-verdadeiro*, *papagaios*, *papagaísmo*, *papagueador*, *papagueamento*, *papaguear*, *papagueio*, *paracatas*, *paragata*, *pargata*, *pepino-de-papagaio*, *pracata*, *pragata* e *pré-islâmico*. Já o DEH documenta 52 dos 56 arabismos iniciados pela letra *p* compilados nas obras-fonte, o que corresponde a 92,8% do total, a saber: *pan-arabismo*, *pan-arabista*, *pan-islâmico*, *pan-islamismo*, *pan-islamista*, *papagaia*, *papagaiada*, *papagaiado*, *papagaial*, *papagaiar*, *papagaíce*, *papagainho*,

*papagainho-roxo, papagaio, papagaio-africano, papagaio-cabloco, papagaio-campeiro, papagaio-comum, papagaio-cural, papagaio-curraleiro, papagaio-da-serra, papagaio-de-cabeça-amarela, papagaio-de-cara-branca, papagaio-de-cabeça-roxa, papagaio-de-coleira, papagaio-de-face-laranja, papagaio-de-fronte-azul, papagaio-do-mangue, papagaio-do-mar, papagaio-do-peito-roxo, papagaio-do-suriname, papagaio-grego, papagaio-imperial, papagaio-moleiro, papagaio-poaieiro, papagaio-serrano, papagaio-urubu, papagaio-verdadeiro, papagaios, papagaísmo, papagaíto, papagueador, papagueamento, papaguear, papagueio, paracatas, paragata, pargata, pepino-de-papagaio, pracata, pragata e pré-islâmico.*

Os registros comuns ao DEM, DEA e DEH correspondem a 37,5% das formas levantadas ou 21 itens: *pan-arabismo, pan-arabista, pan-islâmico, pan-islamismo, pan-islamista, papagaiada, papagaiado, papagaial, papagaiar, papagaíce, papagainho, papagaio, papagaios, papagueador, papagueamento, papaguear, paragata, pargata, pracata, pragata e pré-islâmico.* O DEM e o DEH registram *papagaiada*, não dicionarizado no DEA, vocábulo este equivalente a 1,8% do total de itens levantados, ao passo que o DEA e o DEH dicionarizam 15 vocábulos não encontrados no DEM, o que perfaz 26,8% dos 56 vocábulos iniciados pela letra *p*: *papagainho-roxo, papagaio-cabloco, papagaio-campeiro, papagaio-curraleiro, papagaio-da-serra, papagaio-de-coleira, papagaio-do-mangue, papagaio-grego, papagaio-poaieiro, papagaio-urubu, papagaio-verdadeiro, papagaísmo, papagueio, paracatas e pepino-de-papagaio.*

O DEM registra com exclusividade 03 vocábulos ou 5,3% do total (*papagaieria, paracata e precata*); o DEA traz apenas 01 forma não encontrada no DEM e no DEH (*papagaio-de-peito-roxo*), ou 1,8% do total de itens, ao passo que o DEH, ao dicionarizar diferentes designações de variedades do papagaio, registra com exclusividade 15 vocábulos (*papagaio-africano, papagaio-comum, papagaio-cural, papagaio-de-cabeça-amarela, papagaio-de-cara-branca, papagaio-de-cabeça-roxa, papagaio-de-face-laranja, papagaio-de-fronte-azul, papagaio-do-mar, papagaio-do-peito-roxo, papagaio-do-suriname, papagaio-imperial, papagaio-moleiro, papagaio-serrano e papagaíto*), o que equivale a 26,8% do total de formas levantadas.

As formas básicas totalizam apenas 07 dos 56 itens encontrados ou 12,5% destes (*papagaio, paracata, paragata, pargata, pracata, pragata e precata*); somando os derivados 18 formas ou 32,1% do total (*pan-arabismo, pan-arabista, pan-islâmico, pan-islamismo, pan-islamista, papagaiada, papagaiado, papagaial, papagaiar, papagaíce, papagaieria, papagaísmo, papagaíto, papagueador, papagueamento, papaguear, papagueio e pré-*

*islâmico*). As formas compostas constituem a maioria dos registros, 27 itens ou 48,3% do total (*papagainho-roxo, papagaio-africano, papagaio-cabloco, papagaio-campeiro, papagaio-comum, papagaio-cural, papagaio-curraleiro, papagaio-da-serra, papagaio-de-cabeça-amarela, papagaio-de-cara-branca, papagaio-de-cabeça-roxa, papagaio-de-coleira, papagaio-de-face-laranja, papagaio-de-fronte-azul, papagaio-de-peito-roxo, papagaio-do-mangue, papagaio-do-mar, papagaio-do-peito-roxo, papagaio-do-suriname, papagaio-grego, papagaio-imperial, papagaio-moleiro, papagaio-poaieiro, papagaio-serrano, papagaio-urubu, papagaio-verdadeiro e pepino-de-papagaio*). Formas com outras marcas, como morfema de gênero ou número, diminutivo ou *-s* expressivo somam 04 itens (*papagaia, papagainho, papagaios e paracatas*), totalizando 7,1% dos vocábulos levantados.

O DEM dicionariza 100% das formas básicas encontradas, 83,4% das formas derivadas, o que equivale a 15 dos 18 itens (*pan-arabismo, pan-arabista, pan-islâmico, pan-islamismo, pan-islamista, papagaiada, papagaiado, papagaial, papagaiair, papagaíce, papagaieria, papagueador, papagueamento, papaguear e pré-islâmico*), não traz nenhuma das formas compostas e dicionariza 03 das 04 formas com marcas outras ou 75% destas (a exceção apenas de *paracatas*).

Já o DEA registra 05 das 07 formas básicas (*papagaio, paragata, pargata, pracata, pragata*) ou 71,4% destas; 16 das 18 formas derivadas ou 88,0% das mesmas (*pan-arabismo, pan-arabista, pan-islâmico, pan-islamismo, pan-islamista, papagaiada, papagaiado, papagaial, papagaiair, papagaíce, papagaísmo, papagueador, papagueamento, papaguear e papagueio e pré-islâmico*); 13 dos 27 vocábulos compostos ou 48,1% deles (*papagainho-roxo, papagaio-cabloco, papagaio-campeiro, papagaio-curraleiro, papagaio-da-serra, papagaio-de-coleira, papagaio-de-peito-roxo, papagaio-do-mangue, papagaio-grego, papagaio-poaieiro, papagaio-urubu, papagaio-verdadeiro e pepino-de-papagaio*) e, por fim, 03 dos 04 itens com outras marcas (*papagainho, papagaios e paracatas*), isto é, 75% destes.

O DEH, por sua vez, dicionariza 05 das 07 formas básicas (*papagaio, paragata, parcata, pargata, pragata*) ou 71,4% destas; 17 das 18 formas derivadas ou 94,5% das mesmas (*pan-arabismo, pan-arabista, pan-islâmico, pan-islamismo, pan-islamista, papagaiada, papagaiado, papagaial, papagaiair, papagaíce, papagaísmo, papagaíto, papagueador, papagueamento, papaguear, papagueio e pré-islâmico*); 26 formas compostas (*papagainho-roxo, papagaio-africano, papagaio-cabloco, papagaio-campeiro, papagaio-comum, papagaio-cural, papagaio-curraleiro, papagaio-da-serra, papagaio-de-cabeça-amarela, papagaio-de-cara-branca, papagaio-de-cabeça-roxa, papagaio-de-coleira,*

*papagaio-de-face-laranja, papagaio-de-fronte-azul, papagaio-do-mangue, papagaio-do-mar, papagaio-do-peito-roxo, papagaio-do-suriname, papagaio-grego, papagaio-imperial, papagaio-moleiro, papagaio-poaieiro, papagaio-serrano, papagaio-urubu, papagaio-verdadeiro e pepino-de-papagaio*), o que equivale a 96,3% dos compostos encontrados e 100% das formas com outras marcas.

## Q

**Quibe** – s.m. Prato da culinária árabe preparado com carne moída, trigo integral, hortelã-pimenta, cebola e outros condimentos. (DEM, DEA, DEH).

**Quilatação** – s.f. Ato ou efeito de quilatar. (DEM, DEA, DEH). Var. **aquilatação**. (DEM, DEA, DEH).

**Quilador** – s.m. Que ou o que quilata. (DEM, DEH). Var. **aquilador**. (DEM, DEA, DEH).

**Quilatar** – v.t.d. 1. Avaliar o quilate de [metais ou pedras preciosas]. 2. Fig. Submeter à apreciação o valor de algo ou de alguém. (DEM, DEA, DEH). Var. **aquilatar**. (DEM, DEA, DEH).

**Quilate** – s.m. 1. Unidade de medida da quantidade de ouro em uma liga metálica, com base em 24 avos desta e na qual, portanto, o ouro puro corresponde a 24 quilates e a presença de 75% de ouro equivale a 18 quilates. 2. Unidade de medida de peso usada para diamantes equivalente a 200 mg. 3. Ant. Peso correspondente a 1/24 parte da onça. 4. Fig. Grau de excelência e perfeição de alguma coisa ou de alguém. (DEM, DEA, DEH).

**Quilateira** – s.f. Peneira metálica empregada na avaliação de pedras preciosas pelo seu volume e valor. (DEM, DEA, DEH).

**Quil** – s.m. Mesmo que Quile. (DEM).<sup>95</sup>

**Quile** – s.m. Ant. Breu da Índia. (DEM). Var. **Quil**. (DEM).

**Quintal** – s.m. Antiga unidade de medida de peso equivalente a quatro arrobas. (DEM, DEA, DEH).

**Quintalada** – s.f. Ant. 1. Grande quantidade. 2. Grande peso. 3. Nas possessões portuguesas da Índia, quantidade de pimenta que um particular poderia adquirir para negociar. (DEM, DEH).

**Quintalejo** – s.m. Peso equivalente a meio quintal. (DEM, DEA, DEH).

---

<sup>95</sup> O verbete para *quil*, em verdade, foi aqui reconstituído, tratando-se de pista falsa no DEM, isto é, a forma não se encontra dicionarizada, a despeito da remissão à mesma no verbete *quile*. Contabilizamos o vocábulo por ter sido apresentado como variante desta última.

Dentre os 11 vocábulos portugueses de origem árabe iniciados pela letra Q coligidos, o LPOA registra *quibe*, não dicionarizado no DAVAIR. Ambos trazem *quilate*, segundo o LPOA, grecismo que teve no árabe uma língua-ponte para a sua difusão, ao passo que o DAVAIR apresenta uma trajetória interlingüística mais extensa, iniciada no grego, passando pelo aramaico, pelo árabe clássico e pelo árabe andalusino. Dentre os derivados desta forma, traz o LPOA *quilatação*, *quilatar* e *quilateira*. Já o DAVAIR dicionariza apenas derivados intrarromânicos para outros domínios ibéricos.

Nem o LPOA nem o DAVAIR registra *quil* ou *quile*. Para *quintal*, o LPOA aponta origem árabe e o DAVAIR registra como aramaico, passando antes pelas variedades árabes clássica e andalusina. Apenas o LPOA traz uma forma derivada de *quintal*, a saber, *quintalejo*.

O DEM registra 100% das 11 formas ora consideradas (*quibe*, *quilatação*, *quilatador*, *quilatar*, *quilate*, *quilateira*, *quil*, *quile*, *quintal*, *quintalada* e *quintalejo*), ao passo que o DEH registra 09 delas, ou 81,8% do total (*quibe*, *quilatação*, *quilatador*, *quilatar*, *quilate*, *quilateira*, *quintal*, *quintalada* e *quintalejo*) e o DEA, 07 vocábulos ou 63,6% do total de formas levantadas (*quibe*, *quilatação*, *quilatar*, *quilate*, *quilateira*, *quintal* e *quintalejo*).

Compartilham o DEM, o DEA e o DEH a dicionarização de 07 itens lexicais (*quibe*, *quilatação*, *quilatar*, *quilate*, *quilateira*, *quintal* e *quintalejo*) ou 63,6% do total, cabendo ao DEM o registro exclusivo de 02 deles (*quil* e *quile*), 18,2% de todas as formas levantadas, e compartilhando com o DEH o registro de outros 02 (*quilatador* e *quintalada*) ou 18,2% do total.

No que concerne à morfossintaxe destes vocábulos, 05 ou 45,5% das formas iniciadas pela letra Q são básicas (*quibe*, *quilate*, *quil*, *quile* e *quintal*), contra 06 itens ou 54,5% de vocábulos derivados (*quilatação*, *quilatador*, *quilatar*, *quilateira*, *quintalada* e *quintalejo*).

Destes, o DEM dicionariza igualmente 100% de formas básicas e derivadas, o DEA registra 60% das formas básicas (*quibe*, *quilate* e *quintal*) e 66,6% das derivadas (*quilatação*, *quilatar*, *quilateira* e *quintalejo*), com, respectivamente 03 e 04 itens lexicais cada, ao passo que o DEH documenta, por sua vez, 60% das formas básicas (*quibe*, *quilate* e *quintal*) e 100% das formas derivadas (*quilatação*, *quilatador*, *quilatar*, *quilateira*, *quintalada* e *quintalejo*), com 03 e 06 vocábulos, respectivamente.

## R

**Rababe** – s.m. Mesmo que rebabe. (DEM, DEA, DEH). Var. **Rebabe** (DEM, DEA, DEH); **rebabá** (DEM).

**Rabadão** – s.m. 1. Guardador de gado miúdo. 2. Pastor chefe do zagal. (DEM, DEA, DEH).

**Rabeca** – s.f. 1. Instrumento musical de corda. 2. Antiga designação do violino moderno. 3. Bras. Violino rudimentar usado em manifestações folclóricas das regiões Sudeste e Sul. 4. Ferramenta dos ferreiros; sanfona. 5. Componedor para tipos de grande corpo usado na composição de cartazes. (DEM, DEA, DEH). Var. **Rebeca** (DEM, DEA, DEH); **rebeque** (DEM, DEH). s.2g. Mesmo que rabequista. Var. **rabequista** (DEM, DEA, DEH).

**Rabecada** – s.f. 1. Ato ou efeito de tocar rabeca. Fig. 2. Repreensão. 3. Maledicência. (DEM, DEA, DEH). Var. **Rebecada** (DEH).

**Rabecão** – s.m. 1. Contrabaixo. 2. Tocador de contrabaixo. 3. Veículo para transporte de cadáveres. (DEM, DEA, DEH). Var. **Rebecão** (DEH).

**Rabequear** – v.i. Tocar rabeca, acepção 1. (DEM, DEH).

**Rabequeiro** – adj. e s.m. Mesmo que rabequista (DEA, DEH). Var. **rabequista** (DEM, DEA, DEH); **rabeca** (DEM, DEA, DEH).

**Rabequista** – adj. e s.2g. Tocador de rabeca, acepção 1; violinista. (DEM, DEA, DEH). Var. **Rabequista** (DEH); **rabequeiro** (DEM, DEA, DEH); **rabeca** (DEM, DEA, DEH).

**Rabil** – s.m. Instrumento de corda de origem árabe, arrabil. (DEM, DEA, DEH).

**Ramadã** – s.m. 1. Nono mês do calendário lunar islâmico em que se pratica o jejum do amanhecer ao anoitecer. 2. Jejum praticado durante este mês. (DEM, DEA, DEH). **Ramadã** (DEM, DEA, DEH); **ramazã** (DEM).

**Ramadão** – s.m. Mesmo que ramadã. (DEM, DEA, DEH). Var. **Ramadã** (DEM, DEA, DEH); **ramazã** (DEM).

**Ramazã** – s.m. Mesmo que ramadã. (DEM). Var. **Ramadã** (DEM, DEA, DEH); **ramadão** (DEM, DEA, DEH).

**Raque** – s.f. Licor aromatizado de origem oriental, araque. (DEM). Var. **Araque** (DEM, DEA, DEH).

**Rás** – s.m. Chefe etíope. 2. Ant. Cabeça. (DEM).

**Razia** – s.f. 1. Invasão a território inimigo ou estrangeiro com saque e destruição. 2. Assolação. 3. Ataque. (DEM, DEA, DEH).

**Realgar** – s.m. Miner. Sulfeto de arsênio. (DEM, DEA, DEH). Fam. Rosalgar, acepção 1. (DEM, DEA, DEH). Var. **Rosalgar** (DEM, DEA, DEH); **ruzagá** (DEM, DEA).

**Rebabá** – s.m. Mesmo que rebabe. (DEM). Var. **Rababe** (DEM, DEA, DEH); **rebabe** (DEM, DEA, DEH).

**Rebabe** – s.m. Instrumento musical de corda de origem oriental e de grande importância nas orquestras do Norte da África. (DEM, DEA, DEH). Var. **Rababe** (DEM, DEA, DEH); **rebabá** (DEM).

**Rebeca** – s.f. Mesmo que rabeça, acepção 1. (DEM, DEA, DEH). Var. **Rabeça** (DEM, DEA, DEH); **rebeque** (DEM, DEH).

**Rebecada** – s.f. Mesmo que rabeçada (DEH). Var. **Rabecada** (DEM, DEA, DEH).

**Rebecão** – s.m. Mesmo que rabeção. (DEH). Var. **Rabecão** (DEM, DEA, DEH).

**Rebeque** – s.m. Mesmo que rabeça, acepção 1. (DEM, DEH). Var. **Rabeça** (DEM, DEA, DEH); **rebeca** (DEM, DEA, DEH).

**Rebequista** – adj. e s.2g. Mesmo que rabequista. (DEH). Var. **Rabequista** (DEM, DEA, DEH).

**Refém** – s.2.g. 1. Pessoa capturada como penhor para garantir execução de acordo ou tratado. 2. Praça de guerra ou cidade mantida sob as mesmas condições. (DEM, DEA, DEH).

**Rês** – s.f. Qualquer animal quadrúpede usado na alimentação humana. (DEM, DEA, DEH).

**Resma** – s.f. 1. Quinhentas folhas de papel. 2. Pacote com esta quantidade de folhas. (DEM, DEA, DEH).

**Resmado** – adj. Papel disposto ou empacotado em resmas. (DEM).

**Resmar** – v.t.d. Dispor ou empacotar papel em resmas. (DEM, DEA, DEH).

**Retama** – s.f. Bot. 1. Giesta (*Genista tinctoria*). 2. Giesta-das-vassouras (*Cytisus scoparius*). (DEM, DEA, DEH).

**Rígel** – s.f. Astr. Designação de estrela da constelação de Órion. (DEM, DEA).

**Rima** – s.f. 1. Ato ou efeito de arrimar(-se). 2. Pilha, Ruma. 3. Porção de objetos dispostos em pilha. (DEM, DEA, DEH). Var. **Ruma** (DEM, DEA, DEH).

**Robe** – s.m. Ant. Arrobe. (DEM). Var. **Arrobe**. (DEM, DEA, DEH).

**Rolda** – s.f. Ant. Ronda. (DEM, DEA, DEH). Var. **Ronda** (DEM, DEA, DEH).

**Roldar** – v. Ant. Rondar. (DEM). Var. **Rondar** (DEM, DEA, DEH); **rondear** (DEM, DEA, DEH).

**Romana** – s.f. Balança com braços desiguais, em cujo braço menor se põe o objeto por pesar e cujo braço maior, graduado, possui peso que se faz correr até a obtenção do equilíbrio dos dois braços. (DEM, DEA, DEH).

**Ronda** – s.f. 1. Ato ou efeito de rondar. 2. Visita ou inspeção para preservação da segurança e ordem. 3. Mil. Visita noturna a postos militares para inspeção do serviço de guardas e sentinelas. 4. Dança de roda. 5. Jogo de azar. (DEM, DEA, DEH).

**Rondador** – s.m. Que ou aquele que ronda. (DEM). Var. **Rondante** (DEM, DEA, DEH).

**Rondante** – adj.2g. e s.2g. 1. Que ou aquele que ronda; rondador. Var. **Rondador** (DEM). 2. Peça de madeira com que se apertam, com torção, amarras. (DEM, DEA, DEH).

**Rondar** – v.t.d., v.t.i. e v.intr. 1. Fazer ronda. v.t.d. 2. Vigiar. 3. Rodear. v.t.i. e v.intr. 4. Perambular. Fig. v.t.d. 5. Beirar. (DEM, DEA, DEH). Var. **Rondear** (DEM, DEA, DEH).

**Rondear** – v. Mesmo que rondar. (DEM, DEA, DEH). Var. **Rondar** (DEM, DEA, DEH); **roldar** (DEM).

**Rondinha** – s.f. Mesmo que ronda, acepção 5. (DEM).

**Rondista** – s.2g. Funcionário que ronda a via férrea com lanterna. (DEM).

**Rosalgar** – s.m. 1. Mesmo que Realgar. (DEM, DEA, DEH). Var. **Realgar** (DEM, DEA, DEH). adj.2g. s.2g. Reg. (NE). 2. Que ou aquele que é muito louro ou ruivo. (DEM, DEA, DEH). Var. **Ruzagá** (DEM, DEA); **rosalgarino** (DEM).

**Rosalgarino** – adj.2g. s.2g. Mesmo que rosalgar, acepção 2. (DEM). Var. **Rosalgar** (DEM, DEA, DEH); **ruzagá** (DEM, DEA).

**Ruma** – s.f. Mesmo que rima. (DEM, DEA, DEH). Var. **Rima** (DEM, DEA, DEH).

**Rume** – s.2g. 1. Indivíduo dos rumes, designação dada aos turcos europeus entre os séculos XV e XVIII. adj.2g. Pertencente ou relativo aos rumes. (DEM, DEA, DEH). Var. **Rumi** (DEA, DEH).

**Rumi** – s.2g. adj.2g. Mesmo que rume. (DEA, DEH). Var. **Rume** (DEM, DEA, DEH).

**Rusma** – sf. Preparado depilatório com cal viva. (DEM, DEA).

**Ruzagá** – adj.2g. e s.2g. Mesmo que rosalgar, acepção 2. (DEM, DEA). Var. **Rosalgar** (DEM, DEA, DEH); **rosalgarino** (DEM).

Os arabismos iniciados pela letra *r* coligidos no conjunto das obras DEM, DEA e DEH totalizam os 49 itens lexicais supracitados. Destes, O LPOA e o DAVAIR não registram *rababe* e as variantes *rebabe* ou *rebabá*, mas dicionarizam ambos *rabadão*, que o DAVAIR aponta como evolução da forma hipotética andalusina \* *rább aḍḍán*, equivalente, no clássico a \* *rabbu ḍḍaʔn*.

O LPOA registra *rabeca*, *rebeca* e *rabil* como algumas das variantes de *arrabil*, originadas no árabe *ar-rabāb*. O DAVAIR aponta-lhe ainda os derivados portugueses *rabecada*, *rabecão*, dentre outros. Apresenta a variante da Extremadura *rabil* como

designativa de variedade do ‘violino primitivo’, referente de *rabeca*, propondo para a mesma influxo da etimologia popular, que a associaria a *rabo*.

Para *ramadão*, o LPOA registra a variante *ramadã*, o DAVAIR registra, para o português, apenas *ramadão*, originado no árabe andalusino *ramaḍān*, *ramaḍān* no clássico, cuja raiz *rmd* significa ‘assar’, dado o mês ocorrer no verão. Apenas o DEM registra a forma *ramazã*, com substituição do segmento oclusivo por constrictivo.

O LPOA dicionariza *araca* e as variantes *araque* e *áraque*, mas não *raque*. O DAVAIR aponta o português *araque* como voz moderna (século XIX) transmitida pelo francês (< neoár. *ḡaraq*) ou pelo turco (*arak*). Já *raque* constitui forma mais antiga (século XVI), resultante da evolução do hindi (*araq*), este originado no neopersa (*ḡaraq*).

Segundo o DAVAIR, *rás* ‘título de dignatário etíope’ tem origem no amárico *ras* ‘cabeça’, com antigo emprego metafórico.

*Razia* ‘incursão de pilhagem’ não está entre os arabismos dicionarizados no LPOA. O DAVAIR aponta-o como reflexo do árabe norte-africano *ḡāzya* (< ár. *ḡāziyah*), com o francês como língua-ponte. O DEA e o DEH associam-no ao arabismo *gazua*, que o LPOA e o DAVAIR registram como forma a parte.

*Realgar* está dicionarizado no LPOA e no DAVAIR, neste último, entretanto, como forma catalã. Nenhuma destas obras traz as variantes *ruzagá* (DEM, DEA) e *rosalgar* (DEM, DEA, DEH) nem o derivado *rosalgarino* (DEM).

O LPOA e o DAVAIR registram *refém*, que, de acordo com esta última obra, resulta da evolução do árabe andalusino *rihán*, cuja forma clássica é *rihān*, plural de *rahn* ‘prenda, refém’.

Também ambas as obras de referência dicionarizam *rês*, que o DAVAIR aponta como falso arabismo, originado no lat. *rēs* ‘propriedade’. Registram ainda o vocábulo *resma* originado, segundo o DAVAIR, no andalusino *\*rāzma*, *rīzma* no árabe clássico. Não trazem o LPOA e o DAVAIR derivados portugueses.

Dicionarizam igualmente *retama*, que o DAVAIR faz remontar ao andalusino *ratāma* (< cl. *ratamah*). De acordo com o LPOA, *rígel* se origina no árabe *riḡl* ‘pé’ na expressão ‘pé de Órion’ designativa da estrela Beta de Órion. O DAVAIR dicionariza apenas o cognato castelhano, que afirma resultar de transcrição baixo-latina da expressão árabe.

Não dicionarizam o DAVAIR e o LPOA a variante *robe* de *arrobe*, esta última sim, documentada em ambos. Não registram tampouco *ruma*, embora o LPOA traga *rīma* (< ár. *rīzma(t)*).

O LPOA não dicionariza nem *rolda* nem *ronda*, que, entretanto, o DAVAIR registra s.v. *arrótova* ‘turno ou posto de sentinela’, originada no andalusino *arrútba*, de mesmo sentido, com origem, por sua vez, no clássico *rutbah* ‘grau, hierarquia’, e refletida, hoje, na forma *ronda* ‘patrulha de vigilância’. Dentre os derivados intrarromânicos, registra o DAVAIR os vocábulos portugueses *ronde(a)r* e *rondista*.

O LPOA traz as variantes *rume* e *rumi*, resultantes, ambas, segundo o DAVAIR, do árabe *rūmī* ‘bizantino’, gentílico derivado do topônimo *Roma*. Entretanto, para *rume*, forma documentada no século XVI, aponta transmissão oriental à época da expansão ultramarina portuguesa.

Para *rusma*, apresentam o DEM, o DEA e DEH apenas a acepção de ‘creme depilatório composto com cal viva’, com origem incerta. Segundo o DEM, origina-se no árabe *rusma*. O DEH reproduz 03 hipóteses etimológicas, a de Machado, segundo a qual resulta do árabe com transmissão indireta; a de Nascentes, de que teria origem grega, com transmissão pelo turco e pelo francês, e a de A. G. Cunha, que modifica a última língua-ponte proposta por Nascentes para o inglês. O DEA propõe origem no grego, com passagem pelo latim tardio, pelo turco e pelo francês.

A distribuição da dicionarização dos arabismos iniciados pela letra *r* se dá da seguinte forma. O DEM registra maior número de itens lexicais, 44, ou 89,8% do total: *rababe*, *rabadão*, *rabeca*, *rabecada*, *rabecão*, *rabequear*, *rabequista*, *rabil*, *ramadã*, *ramadão*, *ramazã*, *raque*, *rás*, *razia*, *realgar*, *rebabá*, *rebabe*, *rebeca*, *rebeque*, *refém*, *rês*, *resma*, *resmado*, *resmar*, *retama*, *rígel*, *rima*, *robe*, *rolda*, *roldar*, *romana*, *ronda*, *rondador*, *rondante*, *rondar*, *rondear*, *rondinha*, *rondista*, *rosalgar*, *rosalgarino*, *ruma*, *rume*, *rusma* e *ruzagá*. O DEH documenta 35 das 49 formas levantadas, o que perfaz 71,4% destas: *rababe*, *rabadão*, *rabeca*, *rabecada*, *rabecão*, *rabequear*, *rabequeiro*, *rabequista*, *rabil*, *ramadã*, *ramadão*, *razia*, *realgar*, *rebabe*, *rebeca*, *rebecada*, *rebecão*, *rebeque*, *rebequista*, *refém*, *rês*, *resma*, *resmar*, *retama*, *rima*, *rolda*, *romana*, *ronda*, *rondante*, *rondar*, *rondear*, *rosalgar*, *ruma*, *rum* e *rumi*. O DEA, por sua vez, dicionariza 33 vocábulos ou 67,3% do total: *rababe*, *rabadão*, *rabeca*, *rabecada*, *rabecão*, *rabequeiro*, *rabequista*, *rabil*, *ramadã*, *ramadão*, *razia*, *realgar*, *rebabe*, *rebeca*, *refém*, *rês*, *resma*, *resmar*, *retama*, *rígel*, *rima*, *rolda*, *romana*, *ronda*, *rondante*, *rondar*, *rondear*, *rosalgar*, *ruma*, *rume*, *rumi*, *rusma* e *ruzagá*.

Os registros comuns perfazem 57,1% do total, isto é, compartilham o DEM, o DEA e o DEH a dicionarização de 28 dos 49 itens citados, a saber: *rababe*, *rabadão*, *rabeca*, *rabecada*, *rabecão*, *rabequista*, *rabil*, *ramada*, *ramadão*, *razia*, *realgar*, *rebabe*, *rebeca*, *refém*, *rês*, *resma*, *resmar*, *retama*, *rima*, *rolda*, *romana*, *ronda*, *rondante*, *rondar*, *rondear*,

*rosalgar, ruma e rume*. O DEM e o DEA trazem 03 formas não encontradas no DEH (*rígel, rusma e ruzagá*), correspondente a 6,1% do total. O DEM e o DEH compartilham o registro de 02 itens lexicais (*rebequear e rebeque*) não encontrados no DEA ou 4,1% dos vocábulos iniciados pela letra *r* compilados. Também o DEA e o DEH dicionarizam 02 vocábulos não encontrados no DEM (*rabequeiro e rumi*), perfazendo outros 4,1% dos registros.

O DEM registra com exclusividade 11 vocábulos: *ramazã, raque, rás, rebabá, resmado, robe, roldar, rosalgarino, rondador, rondinha e rondista*, o que representa 22,5% do total de itens. O DEH dicionariza apenas 03 formas não verificadas no DEM e no DEA: *rebecada, rebecão e rebequista*, totalizando 6,1% dos vocábulos.

As formas básicas, em número de 30, constituem 61,2% dos itens levantados: *rababe, rabadão, rabeca, rabil, ramadã, ramadão, ramazã, raque, rás, razia, realgar, rebabá, rebabe, rebeca, rebeque, refém, rês, resma, retama, rígel, rima, robe, rolda, ronda, rosalgar, ruma, rume, rumi, rusma e ruzagá*. As formas derivadas somam pouco mais da metade das básicas, 16 itens ou 32,7% do total de itens: *rabecada, rabequear, rabequeiro, rabequista, rebecada, rebequista, resmado, resmar, roldar, romana, rondador, rondante, rondar, rondear, rondista e rosalgarino*. Não há vocábulos compostos e há apenas 03 itens com flexão de aumentativo ou diminutivo (*rabecão, rebecão e rondinha*), consituindo estes 6,1% dos registros.

Das 30 formas básicas, o DEM dicionariza 29, exceptuando apenas *rumi*, variante de *rume*. Assim, registra 96,6% delas. Também dicionariza grande parte dos vocábulos derivados, 13 dos 16 levantados, ou 81,2% do total. Deixa de documentar apenas *rabequeiro, rebecada e rebequista*. Registra ainda 02 dos 03 vocábulos com sufixo aumentativo ou diminutivo (*rabecão e rondinha*), o que corresponde a 66,6% deles.

O DEA traz 80% das formas básicas, ou seja, 24 itens do total de 30: *rababe, rabadão, rabeca, rabil, ramadã, ramadão, razia, realgar, rebabe, rebeca, refém, rês, resma, retama, rígel, rima, rolda, ronda, rosalgar, ruma, rume, rumi, rusma e ruzagá*. Registra o DEA 50% dos vocábulos derivados ou 08 dos 16 itens levantados: *rabecada, rabequeiro, rabequista, resmar, romana, rondante, rondar e rondear*. Documenta o DEA apenas 01 das formas outras, com sufixação aumentativa ou diminutiva, especificamente o aumentativo *rabecão*, o que equivale a 1/3 dos registros ou 33,3% deles.

Por sua vez, o DEH dicionariza 22 das 30 formas básicas ou 77,3% destas: *rababe, rabadão, rabeca, rabil, ramadã, ramadão, razia, realgar, rebabe, rebeca, rebeque, refém, rês, resma, retama, rima, rolda, ronda, rosalgar, ruma, rum e rumi*. Registra o DEH 11 dos 16 vocábulos derivados ou 68,7% destes: *rabecada, rabequear, rabequeiro,*

*rabequista, rebecada, rebequista, resmar, romana, rondante, rondar, rondear*. Dos demais vocábulos, dicionariza as variantes com sufixação aumentativa, *rabecão* e *rebecão*, equivalente a 2/3 dos termos considerados “outros” ou 66,6%.

## S

**Safa** – interj. Exprime repugnância ou espanto. (DEM, DEA, DEH).

**Safa-cabos** – interj. Comando para recolha de cabos, amarras e outros após manobra em navio à vela. (DEM).

**Safadagem** – s.f. Inf. Mesmo que safadeza. (DEM, DEA, DEH). Var. **Safadeza** (DEM, DEA, DEH); **safadice** (DEM, DEA, DEH); **safadismo** (DEM, DEA, DEH).

**Safadeza** – s.f. Inf. 1. Ação, dizer ou procedimento próprio de pessoa safada. 2. Ação ou dizer pornográfico ou imoral. (DEM, DEA, DEH). Var. **Safadagem** (DEM, DEA, DEH); **safadice** (DEM, DEA, DEH); **safadismo** (DEM, DEA, DEH).

**Safadice** – s.f. Inf. Mesmo que safadeza. (DEM, DEA, DEH). Var. **Safadeza** (DEM, DEA, DEH); **safadagem** (DEM, DEA, DEH); **safadismo** (DEM, DEA, DEH).

**Safadinho** – adj. Inf. 1. Reg. (NE). Inf. 1. Um tanto safado. 2. Criança inquieta ou travessa. (DEM, DEA, DEH).

**Safadismo** – s.m. Inf. Mesmo que safadeza. (DEM, DEA, DEH). Var. **Safadeza** (DEM, DEA, DEH); **safadice** (DEM, DEA, DEH); **safadagem** (DEM, DEA, DEH).

**Safado** – adj. 1. Gasto ou deteriorado pelo uso. 2. Apagado, desbotado. 3. Afastado de local de risco. Reg. (RJ). 4. Encolerizado, enraivecido. s.m. 5. Desavergonhado, imoral, pornográfico. 6. Pessoa que leva vida dissoluta. (DEM, DEA, DEH).

**Safanão** – s.m. 1. Puxão com que se desvencilha de alguma coisa ou se arranca algo. 2. Tapa com a mão espalmada. (DEM, DEA, DEH).

**Safa-onça** – s.m. Recurso empregado em caso de emergência. (DEM, DEA, DEH).

**Safar** – v.pron. 1. Gastar ou deteriorar pelo uso. 2. Escapar, fugir, esquivar-se. v.t.d. Náut. 3. Livrar (embarcação) do que possa comprometer as manobras. 4. Fazer sair algo puxando. v.t.d. vtdi. 5. Roubar, furtar. vtdi. e pron. 6. Livrar-se, salvar-se. (DEM, DEA, DEH).

**Sáfara** – s.f. 1. Terreno com muitos pedregulhos. 2. Penha, penhasco. (DEM, DEA, DEH).

**Safaria** – adj. Variedade de romã com bagos grandes e quadrados. (DEM, DEH).

**Sáfaro** – adj. 1. Improdutivo, inculto. 2. (Animal) difícil de amansar. Fig. 3. Rude. 4. Alheio, distante. (DEM, DEA, DEH). Var. **Safro** (DEM).

**Safarrascada** – s.f. Reg. (RJ). Conflito, encrenca. (DEM, DEA, DEH).

**Safa-safa** – s.f. Náut. Acomodação das coisas em navio, de modo a preparar a artilharia para combate. (DEM).

**Safena** – s.f. Redução de *veia safena*, na Anatomia. (DEM, DEA, DEH).

**Safenado** – adj. e s.m. Indivíduo submetido a cirurgia de ponte de safena. (DEM, DEA, DEH).

**Safenectomia** – s.f. Remoção de veia safena. (DEH).

**Safeno** – s.m. 1. Redução de *nervo safeno*. adj. 2. Relativo à veia safena ou ao nervo safeno. (DEM, DEA, DEH).

**Safo** – adj. Gasto pelo uso. 2. Livre de perigo. 3. Indivíduo que escapou de situação embaraçosa. Fig. 4. Esperto, vivo. (DEM, DEA, DEH).

**Safra 1** – s.f. 1. Grande bigorna com uma só ponta. Fig. 2. Indivíduo que se escraviza ao trabalho. (DEM, DEA, DEH).

**Safra 2** – s.f. 1. Produção agrícola anual. 2. Período da pesca. Fig. 3. Produção, trabalho. (DEM, DEA, DEH).

**Safradeira** – s.f. Instrumento que substitui a bigorna com furos no fabrico de utensílios. (DEM).

**Safrão** – s.m. Náut. 1. Porta do leme. (DEM).

**Safro** – adj. Mesmo que sáfaro. (DEM). Var. **Sáfaro** (DEM, DEA, DEH).

**Saga** – s.f. Ant. Retaguarda. (DEM).

**Sagena** – s.f. Prisão para cristãos cativos dos muçulmanos. (DEA, DEH). Var. **Ságena** (DEM, DEA, DEH); **séjana** (DEM, DEA, DEH).

**Ságena** – s.f. Mesmo que sagena. (DEM, DEA, DEH). Var. **Sagena** (DEA, DEH); **séjana** (DEM, DEA, DEH).

**Saif** – s.f. Mesmo que seif. (DEM). Var. **seif** (DEM).

**Salá** – s.m. 1. Oração pública muçulmana. Bras. 2. Saudação, benção, entre os escravos islamizados. (DEM, DEA, DEH).

**Salama** – s.f. Mesmo que salamaleque, acepção 1. (DEM). Var. **Salamaleque** (DEM, DEA, DEH); **salmalé** (DEM); **salamaleco** (DEA), **salame** (DEM, DEA, DEH); **salamé** (DEM); **salamo** (DEM); **salema** (DEM).

**Salmalé** – s.m. Mesmo que salamaleque, acepção 1. (DEM). Var. **Salamaleque** (DEM, DEA, DEH); **salamaleco** (DEA), **salame** (DEM, DEA, DEH); **salamé** (DEM); **salamo** (DEM); **salema** (DEM); **salama** (DEM).

**Salamaleco** – interj. Bras. Cumprimento entre escravos islamizados. (DEA). Var. **Salamaleque** (DEM, DEA, DEH); **salmalé** (DEM), **salame** (DEM, DEA, DEH); **salamé** (DEM); **salamo** (DEM); **salema** (DEM); **salama** (DEM).

**Salamaleque** – s.m. 1. Saudação entre os muçulmanos. 2. Cumprimentos afetados. 3. Adulação. (DEM, DEA, DEH). Var. **Salmalé** (DEM); **salamaleco** (DEA), **salame** (DEM, DEA, DEH); **salamé** (DEM); **salamo** (DEM); **salema** (DEM); **salama** (DEM).

**Salame** – s.m. Mesmo que salamaleque, acepção 1. (DEM, DEA, DEH). Var. **Salamaleque** (DEM, DEA, DEH); **salmalé** (DEM); **salamaleco** (DEA), **salamé** (DEM); **salamo** (DEM); **salema** (DEM); **salama** (DEM).

**Salamé** – s.m. Mesmo que salamaleque, acepção 1. (DEM). Var. **Salamaleque** (DEM, DEA, DEH); **salmalé** (DEM); **salamaleco** (DEA), **salame** (DEM, DEA, DEH); **salamo** (DEM); **salema** (DEM); **salama** (DEM).

**Salamim** – s.f. Medida de capacidade equivalente à décima sexta parte do alqueire. (DEM, DEA, DEH). Var. **Celamim** (DEM, DEH).

**Salamo** – Mesmo que salamaleque, acepção 1. (DEM). Var. **Salamaleque** (DEM, DEA, DEH); **salmalé** (DEM); **salamaleco** (DEA), **salame** (DEM, DEA, DEH); **salamé** (DEM); **salema** (DEM); **salama** (DEM).

**Salema** – s.f. 1. Mesmo que salamaleque, acepção 1. 2. Peixe marinho da família dos Hemulídeos (*Anisotremus virginicus*). 3. Peixe marinho da família dos Hemulídeos (*Anisotremus bicolor*). (DEM, DEA, DEH). Var. acepção 1, **Salamaleque** (DEM, DEA, DEH); **salmalé** (DEM); **salamaleco** (DEA), **salame** (DEM, DEA, DEH); **salamé** (DEM); **salamo** (DEM); **salama** (DEM). Acepção 2, **salema-branca** (DEH).

**Salema-branca** – s.f. Mesmo que salema, acepção 2. (DEH). Var. **Salema**, acepção 2. (DEM, DEA, DEH).

**Salema-do-alto** – s.f. Reg. (CE). Designação comum de peixes teleósteos da família dos quifosídeos (*Kyphosus sectatrix* e *Kyphosus incisor*) encontrados no Atlântico tropical. (DEH). Var. **Salema-preta** (DEH).

**Salema-preta** – s.f. Reg. (CE). Mesmo que salema-do-alto. (DEH). Var. **Salema-do-alto** (DEH).

**Salga** – s.f. Mesmo que acelga (DEM). Var. **Acelga** (DEM, DEA, DEH).

**Saloiada** – s.f. 1. Grupo grande de saloiões. 2. Mesmo que saloiice. (DEM, DEA, DEH). Var. Acepção 2, **saloiice** (DEM, DEA, DEH).

**Saloiice** – s.f. Ação ou dizer característicos de saloiões. (DEM, DEA, DEH). Var. **Saloiada**, acepção 2 (DEM, DEA, DEH).

**Saloi** – adj. 1. Pão preparado com espécie de trigo cultivada nos arredores de Lisboa. adj. e s.m. 2. Relativo a ou camponês, aldeão. Fig. 3. Relativo a ou Indivíduo inculto, grosseiro. 4. Relativo a ou indivíduo que age com velhacaria. (DEM, DEA, DEH).

**Saloísmo** – s.m. Qualidade de saloi. (DEM).

**Sambuco** – s.m. Pequena embarcação indiana, zambuco. (DEM, DEA, DEH). Var. **Zambuco** (DEM, DEA, DEH).

**Sandalado** – adj. Perfumado com sândalo. (DEM).

**Sandalino** – adj. Referente a sândalo. 2. Feito de sândalo. 3. Com aroma semelhante ao do sândalo. (DEM, DEH)

**Sandálite** – s.m. Madeira de sândalo petrificada. (DEM). Var. **Sandálito** (DEM).

**Sandálito** – s.m. Mesmo que sandálite. (DEM). Var. **Sandálite** (DEM).

**Sândalo** – s.m. Bot. 1. Designação comum a árvores do gênero *Santalum* da família das santaláceas. 2. Madeira de diversas árvores sandaláceas. 3. Perfume, óleo essencial ou cosmético obtidos destas árvores. 4. Cor da madeira do sândalo. (DEM, DEA, DEH).

**Sândalo-amarelo** – s.m. Bot. Mesmo que sândalo-branco. (DEH). Var. **Sândalo-branco** (DEH); **sândalo-citrino** (DEH).

**Sândalo-branco** – s.m. Bot. Pequena árvore nativa da Índia mas cultivada em diferentes regiões do globo (*Santalum album*). (DEH). Var. **Sândalo-amarelo** (DEH); **sândalo citrino** (DEH).

**Sândalo-citrino** – s.m. Bot. Mesmo que sândalo-branco. (DEH). Var. **Sândalo-branco** (DEH); **sândalo-amarelo** (DEH).

**Sândalo-vermelho** – s.m. Bot. Árvore da família das leguminosas, subfamília papilionoídea, nativa da Índia (*Pterocarpus santalinus*). (DEH).

**Sanefa** – s.f. 1. Tira larga de tecido colocada transversalmente como enfeite na parte superior de cortina ou reposteiro. 2. Cortina. 3. Tábua a que se prendem outras perpendicularmente. (DEM, DEA, DEH).

**Sarabacana** – s.m. Mesmo que sarabatana. (DEM). Var. **Zarabatana** (DEM, DEA, DEH); **sarabatana** (DEM, DEA, DEH).

**Sarabatana** – s.m. Tubo comprido pelo qual se sopram pequenos projéteis, zarabatana. (DEM, DEA, DEH). Var. **Zarabatana** (DEM, DEA, DEH); **sarabacana** (DEM).

**Saramago** – s.m. Bot. Erva da família das crucíferas nativa da Europa (*Raphanus raphanistrum*). (DEM, DEA, DEH).

**Seide** – s.m. Título atribuído pelos turcos aos descendentes de Maomé, uma vez que o escravo Seid foi o primeiro a crer em sua missão profética. (DEM).

**Seif** – s.f. Duna longitudinal paralela à direção do vento. (DEM). Var. **Saif** (DEM).

**Séjana** – s.f. Mesmo que sagena. (DEM, DEA, DEH). Var. **Sagena** (DEA, DEH); **ságena** (DEM, DEA, DEH).

**Sena** – s.f. Bot. Nome comum de árvores, arbustos e ervas do gênero *Senna*, da família das leguminosas, subfamília cesalpinioídea, nativas de regiões subtropicais e temperadas do velho e do novo mundo. (DEM, DEA, DEH).

**Sene** – s.m. Bot. Nome comum de plantas diversas da família das leguminosas, particularmente de plantas dos gêneros *Senna* e *Chamaecrista*, da subfamília cesalpinioídea. (DEM, DEA, DEH).

**Sene-bastardo** – s.m. Bot. Nome comum de plantas do gênero *Coronilla*, da família das leguminosas, subfamília papilionoídea encontradas na Europa, no Mediterrâneo e em ilhas do Atlântico. (DEH).

**Sene-da-europa** – s.m. Bot. Arbusto da família das leguminosas, subfamília papilionoídea, nativa do Mediterrâneo (*Colutea arborescens*). (DEH).

**Sene-de-alexandria** – s.m. Bot. Arbusto encontrado em lugares úmidos e arenosos do Brasil (BA, MG, RJ, SP e GO) (*Senna uniflora*). (DEH).

**Sene-de-itália** – s.m. Bot. Mesmo que sene-de-purga. (DEH). Var. **Sene-de-purga** (DEH).

**Sene-de-purga** – s.m. Bot. Arbusto da família das leguminosas, subfamília cesalpinioídea, nativo de zonas tropicais do Velho Mundo (*Senna italica*). (DEH). Var. **Sene-de-Itália** (DEH).

**Sene-do-campo** – s.m. Bot. Planta da família das leguminosas, subfamília cesalpinioídea, nativa das Guianas e do Brasil (*Cassia diphylla*). (DEH).

**Sene-dos-provençais** – s.m. Bot. Subarbusto da família das globulariáceas, encontrado nos rochedos mediterrâneos (*Globularia alypum*). (DEH).

**Sene-verdadeiro** – s.m. Bot. Planta da família das leguminosas, subfamília cesalpinioídea, nativa do Egito (*Senna desvauxii*). (DEH).

**Sharia** – s.f. Lei islâmica pautada na religião. (DEM). Var. **Xariá** (DEA)<sup>96</sup>.

**Sheik** – s.m. Mesmo que xeique. (DEM, DEA, DEH). Var. Xeique (DEM, DEA, DEH); xeque 1 (DEM, DEA, DEH); xeque 2 (DEM, DEA, DEH); sheikh (DEH).

**Sheikh** – s.m. Mesmo que xeique. (DEH). Var. Xeique (DEM, DEA, DEH); xeque 1 (DEM, DEA, DEH); xeque 2 (DEM, DEA, DEH); sheik (DEM, DEA, DEH).

---

<sup>96</sup> O DEA indica a variante gráfica *chariá* para a qual, entretanto, não apresenta verbete próprio.

**Simum** – s.m. Vento violento que levanta areias de desertos na África e no Oriente Médio. (DEM, DEA, DEH).

**Sindi** – s.m. 1. Espécie de raça zebu. adj.2g. 2. Referente a uma espécie da raça zebu. (DEM, DEA, DEH).

**Sirage** – s.m. Óleo do gergelim. (DEM, DEA, DEH).

**Sirgilim** – s.m. Mesmo que gergelim. (DEM, DEH). Var. **Gergelim** (DEM, DEA, DEH); **gerzeli** (DEH); **gerzelim** (DEM, DEA, DEH); **gingelim** (DEM, DEA, DEH); **gingerlim** (DEM, DEA, DEH).

**Sisamina** – s.f. Ant. Cada um dos pequenos ossos das junturias dos dedos. (DEM).

**Sofá** – s.m. 1. Assento, em geral estofado, com encosto e braços. Ant. 2. Estrado alto atapetado usado no Oriente. (DEM, DEA, DEH).

**Sofá-bicama** – s.m. Bicama cuja cama de cima, com braços e encosto, é usada como sofá. (DEM, DEA, DEH).

**Sofá-cama** – s.m. Sofá que traz cama dobrável desmontável. (DEA, DEH).

**Sofá-de-arrasto** – s.m. Estrado ou esteira de dormir. (DEA, DEH). Var. **Sofá-rasteiro** (DEA, DEH).

**Sofanete** – s.m. Pequeno sofá que pode ser usado como cama. (DEH).

**Sofá-rasteiro** – s.m. Mesmo que sofá-de-arrasto. (DEA, DEH). Var. **Sofá-de-arrasto** (DEA, DEH).

**Sofra** – s.m. 1. Estofa ou tapete usado como mesa ou toalha sobre a qual se colocam os pratos. 2. Velador para chávenas. (DEM).

**Soldão** – s.m. Ant. Sultão. (DEM<sup>97</sup>, DEA, DEH). Var. **Sultão** (DEM, DEA, DEH).

**Solimão** – s.m. 1. Sublimado corrosivo. 2. Qualquer poção venenosa. (DEM, DEA). Var. Acepção 1, **sulimão** (DEM, DEA, DEH).

**Sorda** – s.f. Reg. (RS). Caldo de carne engrossado com pão e ovos. (DEM, DEA, DEH). Var. **Açorda** (DEM, DEA, DEH).

**Sotéia** – s.f. Ant. Terraço no alto das casas; mirante. (DEM, DEA, DEH). Var. **Açotéia** (DEM, DEA, DEH).

**Soto-almirante** – s.m. Substituto do almirante, na falta deste. (DEM).

**Sub-alcaide** – s.m. Segundo alcaide. (DEM).

---

<sup>97</sup> Para o vocábulo *soldão*, o DEM identifica o étimo árabe *sultân*, ao passo que remete sultão ao latim *sultano*.

**Sucata** – s.f. 1. Qualquer objeto de ferro usado ou oxidado reaproveitável depois de fundido. 2. Estabelecimento para compra e venda de metal usado. 3. Depósito para guardar metal usado. Fig. 4. Coisas sem valor. (DEM, DEA, DEH).

**Sucatagem** – s.f. Ato ou efeito de sucatar. (DEM, DEA, DEH).

**Sucatar** – v.t.d. 1. Transformar em sucata. 2. Vender como sucata. (DEM, DEA, DEH). Var.

**Sucatear** (DEA, DEH).

**Sucateado** – adj. Bras. 1. Tornado sucata. Fig. 2. Abandonado, arruinado. (DEH).

**Sucateamento** – s.m. Bras. 1. Ato ou efeito de sucatear. Fig. 2. Destruição. (DEA, DEH).

**Sucatear** – v.t.d. Mesmo que sucatar. (DEA, DEH). Var. **Sucatar** (DEM, DEA, DEH).

**Sucateiro** – s.m. Pessoa que compra e vende sucata. (DEM, DEA, DEH).

**Sufufe** – s.m. Farm. Ant. Qualquer pó medicinal. (DEM).

**Sula** – s.f. Bot. Planta da família das leguminosas, subfamília papilionoídea, encontrada no oeste do Mediterrâneo e no sul da Europa (*Hedysarum coronarium*). (DEM, DEA, DEH).

**Sulimão** – s.m. Reg. (SP). Mesmo que solimão, acepção 1. (DEM, DEA, DEH). Var.

**Solimão**, acepção 1 (DEM, DEA, DEH).

**Sumagrado** – adj. Embebido com sumagre. (DEM).

**Sumagrado** – s.m. Grande quantidade de sumagres em determinada área. (DEM, DEA, DEH).

**Sumagrar** – v.t.d. 1. Tingir ou curtir com sumagre. 2. Tornar semelhante a sumagre. (DEM, DEA, DEH).

**Sumagre** – s.m. Bot. 1. Arbusto da família das anacardiáceas nativo do Sul da Europa (*Rhus coriaria*). 2. Fruto dessa planta. 3. Pó obtido da trituração das folhas secas desta planta. (DEM, DEA, DEH). Var. **Sumagreira** (DEM, DEH).

**Sumagre-aromático** – s.m. Bot. Planta da família das anacardiáceas nativa da América do Norte (*Rhus aromatica*). (DEH).

**Sumagre-da-virgínia** – s.m. Árvore nativa do leste da América do Norte. (*Rhus hirta*). (DEH).

**Sumagreira** – s.f. Mesmo que sumagre. (DEM, DEH). Var. **Sumagre** (DEM, DEA, DEH).

**Sumagreiro** – s.m. Pessoa que seca e tritura folhas do sumagre para preparar pó do mesmo nome. (DEM, DEA, DEH).

**Sumagre-venenoso** – s.m. Planta da família das anacardiáceas encontrada do centro da China ao Japão e do Sul do Canadá à Guatemala (*Rhus radicans*). (DEH).

**Suna** – s.f. Coletânea de preceitos, práticas e costumes, baseados na vida de Maomé e dos quatro primeiros califas, considerada complementar ao Corão. (DEM, DEA, DEH).

**Sura** – s.f. Cada um dos 114 capítulos do Corão. (DEM, DEA, DEH). Var. **Surata** (DEM, DEA, DEH).

**Surata** – s.f. Mesmo que sura. (DEM, DEA, DEH). Var. **Sura** (DEM, DEA, DEH).

**Surrão** – s.m. 1. Grande sacola, em geral de couro, usada por pastores. 2. Roupa gasta e suja. 3. Indivíduo sujo. (DEM, DEA, DEH).

Os arabismos iniciados pela letra *s* encontrados no DEM, DEA e DEH totalizam 119 itens lexicais. Destes, o LPOA dicionariza *safar*, < ár. *zāha* ‘partir, ir para longe’, com evolução semântica do árabe para o português. Não traz derivados ou compostos. O DAVAIR registra ainda as formas portuguesas *safa* e *safa-safa*. Registra *safada* como forma catalã apenas.

Para *safanão* registra o DAVAIR origem híbrida no andalusino *šáffa*, ‘bofetada’, com sufixação românica. Não estaria, assim, relacionado a *safar*, como querem o DEM, DEA e DEH.

O LPOA traz *safaria*, < ár. *sāfar* ‘Sáfar (antropônimo)’, com a fase intermediária andalusina *safarí*, segundo o DAVAIR.

O LPOA não dicionariza nem *sáfara* nem *sáfaro*, ambas as formas presentes no DEM, DEA e DEH. Para o português *sáfaro* ‘selvagem, remoto’, o DAVAIR aponta origem no andalusino *šaxrí* < cl. *saxrī* ‘pedregoso’, aparentemente sem qualquer relação com o andalusino *šáhra* < cl. *šahrā?* ‘deserto’, como querem o DEM e o DEA. O DEH apresenta as reflexões de José Pedro Machado, que conclui pela origem no andalusino \* *sahar* ‘árido, selvagem, arisco, bravio’. O DAVAIR afirma que a forma *safora*, identificada em texto medieval português por Eguílaz, não é integrada à língua portuguesa, e que de \**terra sáfora* não resulta o adjetivo *sáfaro*. Os dicionários gerais brasileiros consultados registram o feminino substantivado *sáfora* como derivado da forma masculina *sáfaro*.

O LPOA dicionariza *safeno* com *safena* por variante, formas estas derivadas do latim medieval, pelo árabe *sāfin* ou *sāfin* e pelo francês. O DAVAIR propõe outra hipótese etimológica, com origem no grego *saphēnēs*, pelo árabe *sāfin*, através do baixo latim científico. O DEM aponta origem grega para *safeno* (< gr. *saphenés*) e árabe, pelo latim medieval, para *safena* (< ár. *sāfin*, via lat. med. *saphena*). O DEA e o DEH abraçam esta última, de origem árabe com transmissão latina medieval.

*Safra 1* ‘bigorna’ está em ambos, no DAVAIR e no LPOA, segundo o qual resulta da evolução do étimo árabe *zabra(t)* ‘pedaço de ferro’. Não registra o derivado *safradeira* encontrado no DEM. *Safra 2* ‘produção agrícola de um ano’ está em ambos, no LPOA e no

DAVAIR. O primeiro afirma resultar do árabe *sufra(t)* ‘provisões de viagem’, lembrando que todas as acepções adquiridas pela forma portuguesa guardam alguma relação semântica com o étimo árabe. O segundo registra, s.v. *saфра* [2], a acepção de ‘pessoa escravizada ao trabalho’ como associada à raiz *sxr*, de que resulta o cl. \**saxr* ‘trabalho penoso e não retribuído que se impõe a alguém’. Observe-se que o DEM registra aquela acepção como uso figurado de *saфра* I ‘bigorna’.

Não registram o LPOA e o DAVAIR o sentido náutico que o DEM atribui a *safrão*. Ambos trazem *saga* (DEM) como variante de *zaga*, termo militar referente à retaguarda do campo de batalha. Registra o LPOA a forma *sagena* (DEA, DEH) com *ságena* (DEM, DEA, DEH) e *sejana* por variantes, esta última não dicionarizada no DEM, DEA, DEH. O DAVAIR aponta a forma proparoxítota *ságena* como a correta, informando, ainda, tratar-se de voz moderna (séc. XVI) adquirida do ár. mar. *səžna* ‘jaula para aves ou coelhos’ < cl. *sijn* ‘cárcere’. Não traz o DAVAIR variantes gráficas ou fonéticas deste vocábulo. O DEM, DEA e DEH registram, a par de *ságena*, a variante fonética *séjana*, heterotônica com relação à variante *sejana* documentada no LPOA. Nem o LPOA nem o DAVAIR dicionariza *saif* ~ *seif*, ambas as formas registradas no DEM.

O arabismo *salá* resulta da evolução do árabe *salā(t)* ‘oração, reza’, segundo o LPOA. O DAVAIR apresenta origem no verbo acadiano *šul(l)û* > aram. *šəlo/ūtā* > ár. cl. *šalāh*. Lembra ser a forma portuguesa resultado de transmissão direta oriental no século XVI.

De acordo com o DAVAIR, quinhentistas também são as saudações portuguesas *salame* e *salema*, < ár. *salāmah* ‘saudação’. Já o contemporâneo *salamaleque* é abreviação de *assalāmu ʕalayk* ‘a paz esteja sobre ti’, tradicional saudação islâmica, embora o DAVAIR só registre a acepção de ‘cortesia afetada’. O LPOA registra a variante *salamaleco*, introduzida no português brasileiro pelos escravos islamizados, embora documentada, dentre as obras-fonte, exclusivamente pelo DEA. O LPOA também dicionariza *salamaleque*. O registro das variantes *salama*, *salmalé*, *salame* e *salamo* se dá exclusivamente pelo DEM, que traz, ainda, a antiga variante *salema* para *salamaleque*, ao passo que o DEA e o DEH indicam, para esta forma, apenas a acepção relacionada à ictiologia, não registrada no LPOA e no DAVAIR.

O LPOA corrobora *salamim* (DEM, DEA, DEH) como variante de *celamim*. O DEM credita *salamim* ao árabe hispânico (< ár. hisp. *Tamānī*) e *celamim* ao castelhano (< cast. *celemín*), que o DEA e o DEH remetem diretamente ao árabe *tamānī*.

O LPOA e o DAVAIR não registram a variante *salga* que o DEM apresenta para *acelga*.

Para *saloio*, atribuem o DEM e o DEH origem, respectivamente, no ár. *sahrauî* ou no ár. *sahrawî* através do ár. vulg. *sahró* 'habitante do deserto'. O DEA propõe origem no ár. *salāwî* 'habitante de Sale (Marrocos)', o que confirmam o LPOA e o DAVAIR, que, de resto, traz o derivado *saloísmo* (DEM).

O LPOA registra *sarabatana* como variante fonética de *zarabatana* (< ár. *zabatāna(t)*, pela forma dialetal *zarbatāna(t)*). O DAVAIR não traz nem esta variante, nem, como tampouco a registra o LPOA, *sarbacana*, documentada, entretanto, no DEM.

O LPOA registra *sambuco* como variante de *zambuco* 'barca, bote, lancha', que o DAVAIR afirma ser voz moderna, do séc. XV, originada no neoár. *sanbūq*, de origem obscura. Já *sanefa* está no LPOA como vocábulo originado no ár. *sanīfa(t)* 'borda'. O DAVAIR aponta remota origem no acad. *šilīptu(m)* 'diagonal' > hebr. *šēnēfāh* 'volta do turbante' > ár. cl. *šanifah* > and. *aššanīfa* 'orla' nos dois últimos.

O LPOA não dicionariza *sândalo*. O DAVAIR afirma que as formas românicas modernas, embora de origem árabe, passaram pelo baixo latim científico, sem, entretanto, o concurso do grego, como ainda querem o DEA e o DEH. Dentre os derivados levantados, o DAVAIR registra apenas *sandalino*, como forma castelhana, entretanto.

Já o termo botânico *saramago* está em ambos, o LPOA e o DAVAIR. O LPOA afirma constituir a evolução de étimo persa, através do ár. *sarmaq* e do cast. *sarmaq*.

O LPOA e o DAVAIR não registram o título atribuído aos descendentes de Maomé pelos turcos, *seide*, dicionarizado no DEM, e cuja origem atribui ao antropônimo *Said*.

O LPOA e o DAVAIR dicionarizam *sene*, que o LPOA quer latino, com introdução na língua portuguesa pelo ár. *san(a)* ou *sanā* 'purgativo'. Não traz formas variantes, derivadas ou compostas deste termo. O DAVAIR registra *sena* como forma castelhana e galega, apontando apenas *sene* como portuguesa, com *sanā* por étimo e transmissão pelo baixo latim científico. Tampouco o DAVAIR registra os compostos dicionarizados no DEH.

Não dicionarizam o LPOA e o DAVAIR a forma *sharia*, encontrada no DEM. Tampouco registram as variantes gráficas de *xeique sheik* (documentada no DEM como anglicismo) ou *sheikh* (apresentada no DEH sem quaisquer observações quanto à sua grafia estrangeira).

O LPOA e o DAVAIR dicionarizam *simum*, segundo o LPOA proveniente do ár. *samūm*, pelo francês *simum*. O DAVAIR acresce uma fase norte-africana *smūm* de que efetivamente resulta o arabismo francês.

Nem o LPOA nem o DAVAIR dicionariza *sindi*, documentado, entretanto, no DEM, DEA e DEH, como topônimo que designa, em zootecnia, espécie de gado zebu, um arabismo originado no sânscrito e difundido pelo hindustâni, segundo o DEA e o DEH.

Apenas o LPOA dicionariza *sirage*, < ár. *sīrağ*, e documentado como arabismo no DEM, DEA e DEH, este último afirmando, entretanto, ser duvidosa a origem árabe usualmente proposta e aceita inclusive por Antônio Geraldo da Cunha, Antenor Nascentes e Caldas Aulete.

Nem o LPOA nem o DAVAIR aponta a variante fonética *sirgilim* para *gergelim*, dicionarizada no DEM e no DEH. *Sisamina* tampouco consta nestas obras de referência.

O LPOA documenta *sofá*, < ár. *suffa(t)* ‘esteira, laço’, por meio do fr. *sofá*. Dentre os compostos dicionarizados no DEM, DEA e/ou DEH, registra *sofá-bicama*, *sofá-cama*, *sofá-de-arrasto* e *sofá-rasteiro*. O DAVAIR dicionariza como portuguesa a forma paroxítona *sofa*, apresentando *sofá* como castelhana. Informa ser a forma portuguesa de aquisição moderna, documentada a partir do século XVIII, constituindo a acentuação indício de transmissão direta do árabe. O DAVAIR não registra qualquer derivado ou composto de *sofa*.

O LPOA e o DAVAIR não dicionarizam *sofra*, que, entretanto, figura no DEM como arabismo. Os 05 dicionários consultados dicionarizam *soldão* como antiga forma de sultão (< ár. *sultān* ‘sultão, imperador, soberano’). Com efeito, o DAVAIR registra como forma portuguesa apenas *soldão*.

O LPOA não registra as formas *solimão* (DEM, DEA) e *sulimão* (DEM, DEA, DEH). O DAVAIR traz apenas a forma castelhana *solimán*, que resulta da hibridação do baixo latim científico *sublīmātum* com o nome próprio árabe *\*sulaymān*.

Nem o LPOA nem o DAVAIR registra *sorda*, que o DEM, DEA e o DEH anotam como variante de *açorda*. Tampouco registram *sotéia* como variante de *açotéia*, conforme indicam o DEM, o DEA e o DEH. Não dicionarizam o LPOA e o DAVAIR as formas *soto-almirante* e *sub-alcaide*.

O LPOA dicionariza o vocábulo *sucata* (< ár. *suqāta(t)*, ‘coisas que caem, pedaços, despojos’) e os derivados *sucatagem*, *sucatar* e *sucateiro*. Informa o DAVAIR ser *sucata* vocábulo tardiamente documentado na língua portuguesa, o que o DEH corrobora, ao apontar o ano de 1899 como o de registro mais antigo de que se tem notícia. Aponta o DAVAIR apenas *sucateiro* como derivado.

Não dicionarizam o LPOA e o DAVAIR o vocábulo *sufufe*, registrado no DEM. O LPOA não dicionariza *sula*, documentando o DAVAIR apenas os cognatos castelhanos (*zulla* e *sulla*) e catalão (*sulla*) ‘Hedysarum coronarium’, estes < and. *súlla* < neoár. *su/illah* <

sir. *sellā* ‘musgo’. Informa o DAVAIR ser o baixo latim *sylla* mera transcrição científica medieval tomado equivocadamente como étimo dos arabismos ibéricos citados e reproduzido como étimo da forma portuguesa *sula* (DEM, DEA, DEH) pelo DEA e pelo DEH.

O LPOA dicionariza *sumagre* (<ár. *summāq* ‘sumagre’) e os derivados *sumagrado*, *sumagral*, *sumagrar*, *sumagreiro* e *sumagre-venoso* [sic]. O DAVAIR afirma ser o termo botânico originado no aram. *summāq* ‘vermelho’, em decorrência da cor das sementes desta planta. Como derivados portugueses indica apenas *sumagral*, *sumagrar* e *sumagreiro*.

O LPOA dicionariza *sunā* como resultante da evolução do ár. *sunna(t)* ‘uso; tradição; princípio; suna’. O DAVAIR informa ter o termo árabe origem egípcia, a partir do copta *sōnt* ‘costume’.

O LPOA dicionariza *sura* como originado no ár. *sūra(t)*, com o inglês como língua-ponte na sua introdução na língua portuguesa. Registra, ainda, *surata* como sua variante. O DAVAIR aponta provável origem no hebraico mixnáico *šūrāh* ‘seqüência’.

O LPOA registra *surrão* como originado no ár. *surra(t)* ‘bolsa’, a que o DAVAIR informa tratar-se de hibridismo, raiz árabe com o sufixo aumentativo românico. O DEH apresenta o vocábulo como de origem duvidosa, desfavorecendo a hipótese árabe a evolução irregular, o étimo feminino e a falta de correspondência na terminação. A outra hipótese, apresentada igualmente pelo DAVAIR e pelo DEH, é a de origem vasca.

O DEM dicionariza 90 itens ou 75,6% dos 119 arabismos iniciados pela letra *s* encontrados no DEM, DEA e DEH, a saber: *safa*, *safa-cabos*, *safadagem*, *safadeza*, *safadice*, *safadinho*, *safadismo*, *safado*, *safanão*, *safa-onça*, *safar*, *sáfara*, *safaria*, *sáfaro*, *safarrascada*, *safa-safa*, *safena*, *safenado*, *safeno*, *safo*, *saфра 1*, *saфра 2*, *safrageira*, *safrão*, *safro*, *saga*, *ságena*, *saif*, *salá*, *salama*, *salmalé*, *salamaleque*, *salame*, *salamé*, *salamim*, *salamo*, *salema*, *salga*, *salojada*, *saloice*, *saloio*, *saloísmo*, *sambuco*, *sandalado*, *sandalino*, *sandálite*, *sandálito*, *sândalo*, *sanefa*, *sarabacana*, *sarabatana*, *saramago*, *seide*, *seif*, *séjana*, *sena*, *sene*, *sharia*, *sheik*, *simum*, *sindi*, *sirage*, *sirgilim*, *sisamina*, *sofá*, *sofá-bicama*, *sofra*, *soldão*, *solimão*, *sorda*, *sotéia*, *soto-almirante*, *sub-alcaide*, *sucata*, *sucatagem*, *sucatar*, *sucateiro*, *sufufe*, *sula*, *sulimão*, *sumagrado*, *sumagral*, *sumagrar*, *sumagre*, *sumagreira*, *sumagreiro*, *sunā*, *sura*, *surata* e *surrão*. O DEA registra 67 vocábulos ou 56,3% dos 119 vocábulos encontrados no conjunto das obras-fonte: *safa*, *safadagem*, *safadeza*, *safadice*, *safadinho*, *safadismo*, *safado*, *safanão*, *safa-onça*, *safar*, *sáfara*, *sáfaro*, *safarrascada*, *safena*, *safenado*, *safeno*, *safo*, *saфра 1*, *saфра 2*, *sagena*, *ságena*, *salá*, *salamaleco*, *salamaleque*, *salame*, *salamim*, *salema*, *salojada*, *saloice*, *saloio*, *sambuco*, *sândalo*, *sanefa*, *sarabatana*,

*saramago, séjana, sena, sene, sheik, simum, sindi, sirage, sofá, sofá-bicama, sofá-cama, sofá-de-arrasto, sofá-rasteiro, soldão, solimão, sorda, sotéia, sucata, sucatagem, sucatar, sucateamento, sucatear, sucateiro, sula, sulimão, sumagral, sumagrar, sumagre, sumagreiro, suna, sura, surata e surrão.* O DEH documenta 76,5% das formas encontradas, o equivalente a 91 destas, especificamente: *safa, safadagem, safadeza, safadice, safadinho, safadismo, safado, safanão, safa-onça, safar, sáfara, safaria, sáfaro, safarrascada, safena, safenado, safenectomia, safeno, safo, safra 1, safra 2, sagena, ságena, salá, salamaleque, salame, salamim, salema, salema-branca, salema-do-alto, salema-preta, saloiada, saloiice, saloio, sambuco, sandalino, sândalo, sândalo-amarelo, sândalo-branco, sândalo-citrino, sândalo-vermelho, sanefa, sarabatana, saramago, séjana, sena, sene, sene-bastardo, sene-da-europa, sene-de-alexandria, sene-de-itália, sene-de-purga, sene-do-campo, sene-dos-provençais, sene-verdadeiro, sheik, sheikh, simum, sindi, sirage, sirgilim, sofá, sofá-bicama, sofá-cama, sofá-de-arrasto, sofanete, sofá-rasteiro, soldão, sorda, sotéia, sucata, sucatagem, sucatar, sucateado, sucateamento, sucatear, sucateiro, sula, sulimão, sumagral, sumagrar, sumagre, sumagre-aromático, sumagre-da-virgínia, sumagreira, sumagreiro, sumagre-venenoso, suna, sura, surata e surrão.*

Em comum, o DEM, o DEA e o DEH dicionarizam 49,6% dos arabismos iniciados pela letra *s* ou 59 dos 119 itens encontrados: *safa, safadagem, safadeza, safadice, safadinho, safadismo, safado, safanão, safa-onça, safar, sáfara, sáfaro, safarrascada, safena, safenado, safeno, safo, safra 1, safra 2, ságena, salá, salamaleque, salame, salamim, salema, saloiada, saloiice, saloio, sambuco, sândalo, sanefa, sarabatana, saramago, séjana, sena, sene, sheik, simum, sindi, sirage, sofá, sofá-bicama, soldão, sorda, sotéia, sucata, sucatagem, sucatar, sucateiro, sula, sulimão, sumagral, sumagrar, sumagre, sumagreiro, suna, sura, surata e surrão.* O DEM e o DEA dicionarizam 01 vocábulo, *solimão*, não encontrado no DEH, o que corresponde a 0,8% do total de formas encontradas. O DEM e o DEH registram em comum 04 formas não dicionarizadas no DEA – *safaria, sandalino, sirgilim e sumagreira* – ou 3,5% do total. Já o DEA e o DEH trazem 06 itens não encontrados no DEA e no DEH, *sagena, sofá-cama, sofá-de-arrasto, sofá-rasteiro, sucateamento e sucatear*, o que representa 5% do total de 119 arabismos iniciados pela letra *s*.

Os registros exclusivos do DEM somam 26 itens ou 21,8% do total: *safa-cabos, safa-safa, safradeira, safrão, safro, saga, saif, salama, salmalé, salamé, salamo, salga, saloísmo, sandalado, sandálite, sandálito, sarabacana, seide, seif, sharia, sisamina, sofra, soto-almirante, sub-alcaide, sufufe e sumagrado.* O DEA traz apenas 01 vocábulo não encontrado nas demais obras-fonte, *salamaleco*, ou 0,8% dos 119 vocábulos levantados. O

DEH documenta com exclusividade 22 formas ou 18,5% do total: *safenectomia, salema-branca, salema-do-alto, salema-preta, sândalo-amarelo, sândalo-branco, sândalo-citrino, sândalo-vermelho, sene-bastardo, sene-da-europa, sene-de-alexandria, sene-de-itália, sene-de-purga, sene-do-campo, sene-dos-provençais, sene-verdadeiro, sheikh, sofanete, sucateado, sumagre-aromático, sumagre-da-virgínia e sumagre-venenoso.*

As formas básicas totalizam 47,1% dos arabismos citados, isto é, somam 56 itens: *safa, sáfaro, safeno, safra 1, safra 2, safrão, safro, saga, sagena, ságena, saif, salá, salama, salmalé, salamaleco, salamaleque, salame, salamé, salamim, salamo, salema, salga, saloio, sambuco, sândalo, sanefa, sarabacana, sarabatana, saramago, seide, seif, séjana, sena, sene, sharia, sheik, sheikh, simum, sindi, sirage, sirgilim, sisamina, sofá, soldão, solimão, sorda, sotéia, sucata, sufufe, sula, sulimão, sumagre, suna, sura, surata e surrão.*

Outros 34 vocábulos são derivados, o que corresponde a 28,6% do total: *safadagem, safadeza, safadice, safadismo, safado, safanão, safar, safaria, safenado, safenectomia, safo, safradeira, saloiada, saloiice, saloísmo, sandalado, sandalino, sandálite, sandálito, sofanete, sofrá, soto-almirante, sub-alcaide, sucatagem, sucatar, sucateado, sucateamento, sucatear, sucateiro, sumagrado, sumagral, sumagrar, sumagreira e sumagreiro.*

Os compostos totalizam 21,8% das formas levantadas, sendo representados por 26 vocábulos: *safa-cabos, safa-onça, safarrascada, safa-safa, salema-branca, salema-do-alto, salema-preta, sândalo-amarelo, sândalo-branco, sândalo-citrino, sândalo-vermelho, sene-bastardo, sene-da-europa, sene-de-alexandria, sene-de-itália, sene-de-purga, sene-do-campo, sene-dos-provençais, sene-verdadeiro, sofá-bicama, sofá-cama, sofá-de-arrasto, sofá-rasteiro, sumagre-aromático, sumagre-da-virgínia, sumagreira, sumagreiro e sumagre-venenoso.*

Já vocábulos com outras marcas somam apenas 03 itens ou 2,5% do total: *safadinho* (diminutivo); *sáfara* e *safena* (feminino).

O DEM dicionariza 94,6% dos vocábulos básicos ou 53 destes, a exceção apenas de *salamaleco, sagena* e *sheikh*. Registra 85,3% dos vocábulos derivados, o que equivale a 29 dos 34 itens levantados: *safadagem, safadeza, safadice, safadismo, safado, safanão, safar, safaria, safenado, safo, safradeira, saloiada, saloiice, saloísmo, sandalado, sandalino, sandálite, sandálito, sofrá, soto-almirante, sub-alcaide, sucatagem, sucatar, sucateiro, sumagrado, sumagral, sumagrar, sumagreira e sumagreiro.* Dos vocábulos compostos, entretanto, dicionariza o DEM apenas 05 dos 26 itens encontrados ou 19,2% destes: *safa-*

*cabos, safa-onça, safarrascada, safa-safa e sofá-bicama*. Por fim, documenta 100% dos vocábulos com alguma outra marca.

Por sua vez, o DEA dicionariza 39 das 56 formas básicas ou 69,6% destas: *safa, sáfaro, safeno, safra 1, safra 2, sagena, ságena, salá, salamaleco, salamaleque, salame, salamim, salema, saloio, sambuco, sândalo, sanefa, sarabatana, saramago, séjana, sena, sene, sheik, simum, sindi, sirage, sirgilim, sofá, soldão, solimão, sorda, sotéia, sucata, sula, sulimão, sumagre, suna, sura, surata e surrão*. Documenta 19 das 34 formas derivadas ou 55,9% das mesmas: *safadagem, safadeza, safadice, safadismo, safado, safanão, safar, safenado, safo, saloiada, saloiice, sucatagem, sucatar, sucateamento, sucatear, sucateiro, sumagral, sumagrar e sumagre*. Registra 06 dos 26 vocábulos compostos ou 23,1% destes: *safa-onça, safarrascada, sofá-bicama, sofá-cama, sofá-de-arrasto e sofá-rasteiro*. Documenta 100% das formas com outras marcas.

O DEH dicionariza 39 dos 56 vocábulos básicos ou 69,6% destes: *safa, sáfaro, safeno, safra 1, safra 2, sagena, ságena, salá, salamaleque, salame, salamim, salema, saloio, sambuco, sândalo, sanefa, sarabatana, saramago, séjana, sena, sene, sheik, sheikh, simum, sindi, sirage, sirgilim, sofá, soldão, sorda, sotéia, sucata, sula, sulimão, sumagre, suna, sura, surata e surrão*. Documenta 25 dos 34 vocábulos derivados ou 73,5% dos mesmos: *safadagem, safadeza, safadice, safadismo, safado, safanão, safar, safaria, safenado, safenectomia, safo, saloiada, saloiice, sandalino, sofanete, sucatagem, sucatar, sucateado, sucateamento, sucatear, sucateiro, sumagral, sumagrar, sumagreira e sumagreiro*. Registra 24 dos 26 compostos levantados ou 92,3% destes: *safa-onça, safarrascada, salema-branca, salema-do-alto, salema-preta, sândalo-amarelo, sândalo-branco, sândalo-citrino, sândalo-vermelho, sene-bastardo, sene-da-europa, sene-de-alexandria, sene-de-itália, sene-de-purga, sene-do-campo, sene-dos-provençais, sene-verdadeiro, sofá-bicama, sofá-cama, sofá-de-arrasto, sofá-rasteiro, sumagre-aromático, sumagre-da-virgínia e sumagre-venenoso*. Como o DEM e o DEA, registra 100% dos vocábulos com outras marcas.

## T

**Tabaque** – s.m. Instrumento de percussão; atabaque. (DEM, DEA, DEH). Var. **Atabaque** (DEM, DEA, DEH); **tambaque** (DEM, DEA, DEH).

**Tabefe** – s.m. 1. Caldo grosso preparado com leite, ovos e açúcar fervidos. 2. Soro de leite coalhado. Fam. 3. Bofetada. (DEM, DEA, DEH).

**Tabi** – s.m. Tipo de tafetá grosso e ondeado. (DEM, DEA, DEH).

**Tabica** – s.f. 1. Peça encravada no topo de um madeiro para facilitar-lhe a serragem. 2. Peça que remata a borda de embarcações. 3. Bras. Chicote feito com vegetal. s.2g. 4. Indivíduo muito magro. (DEM, DEA, DEH).

**Tabicada** – s.f. Pancada com tabica (‘chicote’). (DEM, DEA, DEH).

**Tabicado 1** – adj. 1. Feito de tabica. 2. Que tem tabica. (DEM, DEH).

**Tabicado 2** – adj. 1. Separado por tabique. 2. Revestido com tabique. (DEH).

**Tabicar 1** – v.t.d Colocar tabica em algo. (DEM, DEA, DEH).

**Tabicar 2** – v.t.d. 1. Separar com tabique. 2. Reg. (Lus.) Revestir com tabiques. (DEM, DEA, DEH).

**Tabique** – s.m. 1. Parede pouco espessa, em geral de madeira, usada para separar cômodos em uma casa. Fig. 2. Espécie de tijolo delgado empregado em telhados. (DEM, DEA, DEH).

**Tabizar** – v.t.d. Tornar ondeado como o tabi. (DEM, DEA, DEH).

**Tabule** – s.m. Salada libanesa preparada com trigo grosso cru, coentro, hortelã, tomate e cebola, temperada com azeite e limão. (DEM, DEA, DEH).

**Taça** – s.f. Copo pouco fundo e com haste usado para bebidas alcoólicas. (DEM, DEA, DEH).

**Taçada** – s.f. 1. Quantidade que uma taça comporta. Fig. 2. Bebedeira. (DEM, DEA, DEH).

**Taçado** – adj. Bêbado. (DEM, DEH).

**Tafona** – s.f. Reg. (RS). Engenho movido a mão ou por cavalgaduras; atafona. (DEM, DEA, DEH). Var. **Atafona** (DEM, DEA, DEH).

**Tafoneiro** – adj. Reg. (RS). Animal mal domado, que só anda para um lado. (DEM, DEA, DEH).

**Taforeia** – s.f. Embarcação para transporte de cavalos. (DEA). Var. **Taforéia** (DEM).

**Taforéia** – s.f. Mesmo que taforeia. (DEM). Var. **Taforeia** (DEA).

**Tagarote** – s.m. 1. Espécie de falcão africano (*Falco subbuteo*). Fig. Indivíduo que vive às custas alheias. (DEM, DEA, DEH).

**Tahine** – s.m.<sup>98</sup> Pasta de gergelim da culinária sírio-libanesa. (DEA, DEH). Var. **Taine** (DEM); **taíne** (DEA).

**Taifa** – s.f. 1. Conjunto dos marinheiros responsáveis pela defesa do navio abordado. 2. Criadagem dos oficiais da marinha. 3. Unidades políticas resultantes do esfacelamento do Califado de Córdoba, em Alandalus, no século XIV. (DEM, DEA, DEH).

---

<sup>98</sup> O DEA informa gênero gramatical feminino tanto para *tahine* quanto para a variante gráfica *taíne*.

**Taifeiro** – s.m. 1. Marinheiro ou soldado integrante da taifa. 2. Marinheiro a que cabiam os serviços de mesa e camarotes dos oficiais da marinha. (DEM, DEA, DEH).

**Taine** – s.m. Mesmo que tahine. (DEM). Var. **Taíne** (DEA); **tahine** (DEA, DEH).

**Taíne** – s.f. Mesmo que tahine. (DEA). Var. **Taine** (DEM); **tahine** (DEA, DEH).

**Tálcico** – adj. Composto de talco. (DEM, DEA, DEH).

**Talcitóide** – adj. Semelhante ao talco. (DEM).

**Talcita** – s.f. Miner. Variedade de muscovita. (DEH). Var. **Talcite** (DEH).

**Talcite** – s.f. Miner. Mesmo que talcite. (DEH). Var. **Talcita** (DEH).

**Talcito** – s.m. Miner. Mesmo que talcoxisto. (DEH). Var. **Talco-esquistoso** (DEM); **talcoxisto** (DEM, DEH).

**Talco** – s.m. Miner. 1. Silicato de magnésio hidratado. 2. Pó deste silicato usado em medicamentos e cosméticos. 3. Falso brilho, ouropel. (DEM, DEA, DEH).

**Talcoclorita** – s.f. Miner. Silicato hidratado natural de alumínio e magnésio. (DEM).

**Talco-esquistoso** – s.m. Mesmo que talcoxisto. (DEM). Var. **Talcito** (DEH); **talcoxisto** (DEM, DEH).

**Talcomicáceo** – adj. Miner. Constituído de talco e mica. (DEM).

**Talcoquartoso** – adj. Constituído de talco e quartzo. (DEM).

**Talcoso** – adj. 1. Que contém muito talco. 2. Que é da natureza do talco. (DEM, DEA, DEH).

**Talcoxisto** – s.m. Rocha em cuja composição domina o talco como mineral xistoso. (DEM, DEH). Var. **Talco-esquistoso** (DEM); **talcito** (DEH).

**Taleiga** – s.f. 1. Saco pequeno e largo. 2. Antiga medida para azeites e cereais. (DEM, DEA, DEH). Var. **Taliga** (DEM).

**Taleigada** – s.f. Quantidade contida em uma taleiga. (DEM, DEA, DEH).

**Taleigo** – s.m. Pequeno saco estreito e comprido usado como medida para cereais e equivalente a meia-taleiga. (DEM, DEA, DEH).

**Taliga** – s.f. Mesmo que taleiga. (DEM). Var. **Taleiga** (DEM, DEA, DEH).

**Talim** – s.m. 1. Correia a tiracolo a que se prende uma arma. 2. Cinturão. (DEM, DEA, DEH).

**Taluca** – s.f. Divisão distrital na Índia. (DEM).

**Tâmara** – s.f. Bot. Fruto da tamareira. (DEM, DEA, DEH).

**Tâmara-da-china** – s.f. Bot. Pequena árvore nativa da Ásia, mas muito cultivada na China (*Ziziphus sativa*). (DEH).

**Tâmara-da-terra** – s.f. Bot. Palmeira nativa do Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil (BA, MG, RS e GO) (*Syagrus romanzoffiana*). (DEH).

**Tâmara-do-deserto** – s.f. Bot. Mesmo que tamareira (*Phoenix dactylifera*). (DEH). Var.

**Tamareira** (DEM, DEA, DEH).

**Tamaral** – s.m. Aglomerado de tamareiras em determinada área. (DEM, DEA, DEH).

**Tamareira** – s.f. Bot. Palmeira nativa do norte da África e da Ásia ocidental (*Phoenix dactylifera*). (DEM, DEA, DEH). Var. **Tâmara-do-deserto**. (DEH).

**Tamareira-silvestre** – s.f. Bot. Palmeira nativa da Índia hibridizada naturalmente com espécies da Arábia e do nordeste da África (*Phoenix sylvestris*). (DEH).

**Tamarina** – s.f. Bot. Reg. (CE, PB). Mesmo que tamarindo (*Tamarindus indica* ‘fruto’). (DEM, DEA, DEH). Var. **Tamarinho** (DEH); **tamarino** (DEM, DEH).

**Tamarinada** – s.f. Reg. (CE). Xarope de tamarindo. (DEM).

**Tamarindal** – s.m. Local em que há muitos tamarindos. (DEM, DEA, DEH).

**Tamarindeira** – s.f. Bot. Mesmo que tamarindo (*Tamarindus indica*). (DEM, DEH). Var.

**Tamarindeiro** (DEM, DEA, DEH); **tamarindo** (DEM, DEA, DEH); **tamarineira** (DEM, DEA, DEH); **tamarineiro** (DEM, DEA, DEH); **tamarinheiro** (DEM, DEA, DEH).

**Tamarindeiro** – s.m. Bot. Mesmo que tamarindo (*Tamarindus indica*). (DEM, DEA, DEH).

Var. **Tamarindeira** (DEM, DEH); **tamarindo** (DEM, DEA, DEH); **tamarineira** (DEM, DEA, DEH); **tamarineiro** (DEM, DEA, DEH); **tamarinheiro** (DEM, DEA, DEH).

**Tamarindo** – s.m. Bot. 1. Designação comum às árvores do gênero *Tamarindus*, da família das leguminosas, subfamília cesalpinioídea. 2. Árvore provavelmente originária da África tropical (*Tamarindus indica*). 3. O fruto desta planta. (DEM, DEA, DEH). Var. Tamarina

(DEM, DEA, DEH); tamarindeira (DEM, DEH); tamarindeiro (DEM, DEA, DEH). Var. Acepção 2, **tamarindeira** (DEM, DEH); **tamarindeiro** (DEM, DEA, DEH); **tamarineira** (DEM, DEA, DEH); **tamarineiro** (DEM, DEA, DEH); **tamarinheiro** (DEM, DEA, DEH).

**Tamarineira** – s.f. Bot. Mesmo que tamarindo (*Tamarindus indica*). (DEM, DEA, DEH).

Var. **Tamarindeira** (DEM, DEH); **tamarindeiro** (DEM, DEA, DEH); **tamarindo** (DEM, DEA, DEH); **tamarineiro** (DEM, DEA, DEH); **tamarinheiro** (DEM, DEA, DEH).

**Tamarineiro** – s.m. Bot. Mesmo que tamarindo (*Tamarindus indica*). (DEM, DEA, DEH).

Var. **Tamarindeira** (DEM, DEH); **tamarindeiro** (DEM, DEA, DEH); **tamarindo** (DEM, DEA, DEH); **tamarineira** (DEM, DEA, DEH); **tamarineiro** (DEM, DEA, DEH).

**Tamarinheiro** – s.m. Bot. Mesmo que tamarindo (*Tamarindus indica*). (DEM, DEA, DEH).

Var. **Tamarindeira** (DEM, DEH); **tamarindeiro** (DEM, DEA, DEH); **tamarindo** (DEM, DEA, DEH); **tamarineira** (DEM, DEA, DEH); **tamarineiro** (DEM, DEA, DEH).

**Tamarinho** – s.m. Bot. Mesmo que tamarindo (*Tamarindus indica* ‘fruto’). (DEH). Var.

**Tamarina** (DEM, DEA, DEH); **tamarino** (DEM, DEH).

**Tamarino** – s.m. Bot. 1. Mesmo que tamarindo (*Tamarindus indica* ‘fruto’). 2. Certa variedade de cana-de-açúcar. (DEM, DEH). Var. Acepção 1, **tamarina** (DEM, DEA, DEH); **tamarinho** (DEH).

**Tabaque** – s.m. 1. Mesmo que tabaque. Reg (SP). 2. Batuque com cortejo nas festas de Nossa Senhora do Rosário. (DEM, DEA, DEH). Var. Acepção 1 **atabaque** (DEM, DEA, DEH); **tabaque** (DEM, DEA, DEH).

**Tambor 1** – s.m. Bot. 1. Árvore da família das leguminosas, subfamília cesalpinioídea, nativa do Brasil (BA a SC) (*Schizolobium parahyba*). 2. Árvore nativa do Brasil (AM à BA) (*Stryphnodendron pulcherrimum*). 3. Árvore da família das leguminosas, subfamília mimosoídea, nativa do Brasil (BA ao RS) (*Enterolobium timbouva*). (DEH).

**Tambor 2** – s.m. 1. Instrumento de percussão. 2. Indivíduo que tocam este intrumento. 3. Qualquer peça cilíndrica. (DEM, DEA, DEH).

**Tambor-basco** – s.m. Tamboril com única pele e guizos. (DEH).

**Tambor-das-minas** – s.m. Mesmo que tambor-de-mina. (DEH). Var. **Tambor-de-mina** (DEH).

**Tambor-de-choro** – s.m. Cerimônia fúnebre em que se lançam ao mar os pertences de um morto. (DEH).

**Tambor-de-crioula** – s.m. Reg. (MA). Tipo de samba de roda cantado marcado por tambor. (DEH).

**Tambor-de-crioulo** – s.m. Reg. (MA). Folgado com reminiscências de cultos jejes caracterizados por cantos e danças acompanhados por tambores. (DEH).

**Tambor-de-mina** – s.m. Reg. (MA). 1. Designação comum aos cultos religiosos afro-brasileiros no Maranhão. 2. Local onde se realizam tais cultos. 3. Cerimônia destes cultos. 4. Religiosos que seguem tais cultos. (DEH). Var. **Tambor-das-minas** (DEH).

**Tambor-de-pagamento** – s.m. Reg. (MA). Cerimônia na Casa das Minas e na Casa Nagô, em São Luís, em homenagem aos tocadores de atabaque. (DEH).

**Tamborada** – s.m. 1. Grande quantidade de tambores. 2. Som de conjunto de tambores. (DEM).

**Tamborejar** – v.int. Tocar o tambor ou imitar o som deste. (DEM, DEA, DEH). Var. **Tamborilar** (DEM DEA, DEH).

**Tamborete** – s.m. 1. Assento sem encosto ou braços; banco. 2. Cadeira de madeira às vezes dotada de encosto. 3. Bloco de madeira com que os impressores nivelam tipos gráficos. 4. Peça de madeira para garantir a verticalidade dos mastros e impedir infiltração de água. Fig. 5. Pessoa de baixa estatura. (DEM, DEA, DEH). Var. **Tamboreto** (DEM).

**Tamborete-de-brega** – s.2.g. Reg. (BA). Pessoa de baixa-estatura. (DEA, DEH). Var. **Tamborete**, acepção 5 (DEM, DEA, DEH); **tamborete-de-forró** (DEA, DEH); **tamboreto** (DEM).

**Tamborete-de-forró** – s.2.g. Reg. (PB). Mesmo que tamborete-de-brega. (DEA, DEH). Var. **Tamborete**, acepção 5 (DEM, DEA, DEH); **tamborete-de-brega** (DEA, DEH); **tamboreto** (DEM).

**Tamboreto** – Mesmo que tamborete. (DEM). Var. **Tamborete** (DEM, DEA, DEH); tamborete-de-brega (DEA, DEH); **tamboreto** (DEM).

**Tamboréu** – s.m. Jogo com pandeiro e peteca. (DEA, DEH).

**Tamboril** – s.m. 1. Taboril. 2. Instrumento de percussão semelhante à cítara, como cordas nas membranas. 3. Indivíduo que toca este instrumento. Ictiol. 4. Peixe encontrado na Europa muito usado na alimentação em áreas mediterrâneas (*Lophius piscatorius*). (DEM, DEA, DEH). Var. **Tamborim** (DEM, DEA, DEH); **tamborino** (DEM, DEA, DEH).

**Tamborilada** – s.f. 1. Som produzido por tambor ou tamboril. Fig. 2. Qualquer som semelhante ao destes instrumentos. 3. Música desarmoniosa. (DEM, DEA, DEH).

**Tamborilado** – s.m. 1. Feito ao toque de tambor ou tamboril. 2. Em que há toque destes instrumentos. (DEM).

**Tamborilador** – adj. 1. Que tamborila. s.m. 2. Pessoa que tamborila. (DEM).

**Tamborilante** – adj.2g. Que tamborila ou remete ao ruído de tamboril. (DEM, DEA, DEH).

**Tamborilar** – v.intr. 1. Percutir de leve com os dedos. 2. Produzir som semelhante ao do tamboril. Fig. 3. Insistir com sons ou palavras; martelar. (DEM, DEA, DEH). Var. Acepção 1, **tamborejar** (DEM, DEA, DEH).

**Tamboril-bravo** – s.m. Bot. Árvore nativa do Brasil (Centro-Oeste, BA, MG, RJ e SP) (*Peltophorum dubium*). (DEA, DEH). Var. **Tamboril-de-bravo** (DEH).

**Tamboril-de-bravo** – s.m. Bot. Mesmo que tamboril-bravo. (DEH). Var. **Tamboril-bravo** (DEA, DEH).

**Tamborileiro** – adj. e s.m. 1. Quem toca tamboril. 2. Que ou o que tamborila. (DEM, DEA, DEH).

**Tamborilete** – s.m. Pequeno tamboril. (DEM, DEA, DEH).

**Tamborilo** – s.m. Som semelhante ao do tamboril. (DEA).

**Tamborim** – s.m. 1. Pequeno tambor. 2. Instrumento de percussão preso a uma das mãos e percutido com baqueta. Reg. (RJ, SP). 3. Instrumento de percussão usado em baterias de escola de samba. (DEM, DEA, DEH). Var. Acepção 1, **tamboril** (DEM, DEA, DEH); **tamborino** (DEM, DEA, DEH).

**Tamborinar** – v.int. Tocar tamborim. (DEM).

**Tamborino** – s.m. Mesmo que tamborim, acepção 1. (DEM, DEA, DEH). Var. **Tamboril** (DEM, DEA, DEH); **tamborim** (DEM, DEA, DEH).

**Tambor-mor** – s.m. 1. Chefe de tambores, em banda militar. 2. Mestre de banda. 3. Indivíduo que move bastão ou segura estandarte à frente de bandas militares. (DEA, DEH).

**Tambor-onça** – s.m. Reg. (MA). Cuíca usada nos festejos do bumba-meu-boi. (DEA, DEH).

**Tamboronceiro** – s.m. Reg. (MA). Indivíduo que toca tambor-onça. (DEH).

**Tambozeiro** – s.m. Reg. (MA). Quem toca tambor no tambor-de-crioula. (DEM, DEA, DEH).

**Tambu** – s.m. Bras. 1. Maior tambor no batuque paulista. 2. Dança de roda africana acompanhada de tambores. (DEM, DEA, DEH).

**Tapa-nuca** – s.m. Proteção para a nuca, contra o sol, adaptada a chapéu ou boné. (DEM, DEA, DEH).

**Tara** – s.f. 1. Abatimento do peso de um produto referente ao seu invólucro ou recipiente. 2. Peso de veículo descarregado. 3. Falha, quebra. 4. Defeito físico ou mental. 5. Depravação. (DEM, DEA, DEH). Var. Acepção 1, **tarear** (DEM, DEA, DEH).

**Tarado** – adj. 1. Que recebeu desconto do peso da tara. 2. Que foi marcado com o peso da tara. 3. Que traz falha ou quebra. Adj. e s.m. 4. Que tem deficiência física ou mental. 5. Depravado. (DEM, DEA, DEH).

**Tarar** – v.t.d. 1. Pesar para descontar a tara. 2. Pesar a tara. v.t.i. 3. Gostar muito de algo. Bras. 4. Desejar ardentemente alguém. v.int. Bras. 5. Comportar-se como tarado. (DEM, DEA, DEH).

**Tarbuch** – s.f. Mesmo que tarbuche. (DEA, DEH). Var. **Tarbuche** (DEM, DEA, DEH).

**Tarbuche** – s.f. Barrete oriental usado por árabes e turcos. (DEM, DEA, DEH). Var. **Tarbuch** (DEA, DEH).

**Tarear 1** – Mesmo que tarar, acepção 1. (DEM, DEA, DEH). Var. **Tarar** (DEM, DEA, DEH).

**Tarear 2** – v.t.d. Dar tarefa em, espancar. (DEM, DEA, DEH).

**Tarecada** – s.f. 1. Tarecos em quantidade. 2. Ato ou modo de tareco. (DEM, DEA, DEH). Var. Acepção 1, **tarecagem** (DEM, DEA, DEH); **tarecama** (DEM, DEA, DEH).

**Tarecagem** – s.f. Mesmo que tarecada, acepção 1. (DEM, DEA, DEH). Var. **Tarecada**, acepção 1 (DEM, DEA, DEH); **tarecama** (DEM, DEA, DEH).

**Tarecama** – s.f. Mesmo que tarecada, acepção 1. (DEM, DEA, DEH). Var. **Tarecada**, acepção 1 (DEM, DEA, DEH); **tarecagem** (DEM, DEA, DEH).

**Tarecena** – Mesmo que tercena (DEM, DEA, DEH). Var. **Terecena** (DEM, DEH); **tercena** (DEM, DEA, DEH); **terçana** (DEM, DEA); **teracena** (DEM, DEA, DEH).

**Tareco** – s.m. 1. Objeto sem valor; cacareco. Reg. (AL, PE) 2. Biscoito torrado. Reg. (GO). 3. Bolo frito. Reg. (MG). 4. Caminho ruim. adj. e s.m. 5. Pessoa inquieta. (DEM, DEA, DEH).

**Tarefa** – s.f. 1. Qualquer trabalho. 2. Trabalho realizado em determinado prazo. 3. Contrato de trabalho em que o pagamento é estabelecido conforme o serviço realizado. 4. Qualquer empreendimento ou iniciativa. 5. Reg. (NE). Quantidade de cana moída em um dia de trabalho no engenho. Reg. (NE). 6. Unidade de medida agrária cujo valor varia de um estado para outro. (DEM, DEA, DEH).

**Tarefar** – v.t.d. 1. Distribuir tarefa. v.t.d.i. 2. Realizar uma tarefa. (DEH).

**Tarefaíro** – s.m. 1. Trabalhador que executa uma tarefa. 2. Trabalhador que recebe por tarefa executada. (DEM, DEA, DEH).

**Tareia** – s.f. 1. Trabalho que se faz no campo. 2. Surra, sova. (DEM, DEA, DEH).

**Tarifa** – s.f. 1. Tabela de taxas cobradas sobre mercadorias e serviços. 2. Tabela do valor de uma unidade monetária. 3. Lista de preços. (DEM, DEA, DEH).

**Tarifação** – s.f. Aplicação de tarifa. (DEM, DEA, DEH).

**Tarifaço** – s.m. Grande aumento de taxas, impostos, etc. (DEM, DEA, DEH).

**Tarifado** – adj. A que se aplicou tarifa. (DEA).

**Tarifar** – v.t.d. Aplicar tarifa. (DEM, DEA, DEH).

**Tarifário** – adj. Relativo a tarifa. (DEM, DEA, DEH).

**Tarima** – s.f. 1. Estrado forrado com tapete sob dossel. 2. Tarimba. (DEM, DEA, DEH).

**Tarimba** – s.f. 1. Estrado em que dormem soldados em quartéis. 2. Cama dura, desconfortável. 3. Tempo de exercício de profissão ou arte. (DEM, DEA, DEH).

**Tarimbado** – adj. Experiente na profissão ou arte. (DEM, DEA, DEH).

**Tarimbar** – v.int. Servir nas Forças Armadas. (DEM, DEA, DEH).

**Tarimbeiro** – adj. e s.m. 1. Que ou que dorme em tarimba. 2. Oficial de baixa patente. 3. Reg. (RS). Que ou quem tem tarimba, experiência. adj. 4. Relativo a tarimba. (DEM, DEA, DEH).

**Tarrafa** – s.f. 1. Pequena rede circular de pesca com peso nas bordas e corda ou cabo ao centro, pelo qual é puxada fechada, depois de ter sido jogada aberta. 2. Barco de pesca. 3. Capa ou casaco roto. Reg. (NE). 4. Espécie de renda. (DEM, DEA, DEH).

**Tarrafada** – s.f. 1. Lançamento da tarrafa. 2. O que se pesca com um lançamento de tarrafa. (DEM).

**Tarrafar** – v.t.d. e v.int. Pescar com tarrafa. (DEM, DEA, DEH). Var. **Tarrafear** (DEM, DEA, DEH).

**Tarrafeação** – s.f. Ato ou efeito de tarrapear. (DEA, DEH).

**Tarrafeador** – s.m. Pescador que usa a tarrafa na pesca. (DEA, DEH).

**Tarrafear** – v.t.d.i. e v.int. 1. Mesmo que tarrafar. Reg. (NE). v.t.d.i. e v.int. 2. Derrubar boi pelo rabo. (DEM, DEA, DEH). Var. Acepção 1, **tarrafar** (DEM, DEA, DEH).

**Tauxia** – s.f. 1. Incrustação de metais preciosos em objetos de metais menos brilhantes. 2. Incrustação qualquer em madeira. (DEM, DEA, DEH).

**Tauxiado** – adj. 1. Que sofreu taxia. Fig. Pessoa enfeitada. 3. Estilo floreado. (DEM, DEA, DEH).

**Tauxiador** – s.m. Pessoa que taxia. (DEM).

**Tauxiar** – v.t.d. 1. Lavrar ou enfeitar com taxia. 2. Enrubescer. (DEM, DEA, DEH).

**Teiga** – s.f. 1. Cesto. 2. Antiga medida para cereais. (DEM, DEA, DEH). Var. Acepção 2, **telga** (DEM).

**Têigula** – s.f. Pequena teiga. (DEM).

**Telga** – s.f. Mesmo que teiga, acepção 2. (DEM). Var. **Teiga**, acepção 2 (DEM, DEA, DEH).

**Teliz** – s.m. Tecido que recobre a sela da montaria de um cavaleiro, em geral com as insígnias deste. (DEM, DEA, DEH).

**Teracena** – s.f. Mesmo que tercena. (DEM, DEA, DEH). Var. **Tarecena** (DEM, DEA, DEH); **terecena** (DEM, DEH); **tercena** (DEM, DEA, DEH); **terçana** (DEM, DEA).

**Terçana** – s.f. Mesmo que tercena. (DEM, DEA). Var. **Tarecena** (DEM, DEA, DEH); **terecena** (DEM, DEH); **tercena** (DEM, DEA, DEH); **teracena** (DEM, DEA, DEH).

**Tercena** – s.f. 1. Estaleiro. 2. Celeiro. 3. Armazém. (DEM, DEA, DEH). Var. **Tarecena** (DEM, DEA, DEH); **terecena** (DEM, DEH); **terçana** (DEM, DEA); **teracena** (DEM, DEA, DEH).

**Terecena** – s.f. Mesmo que tercena. (DEM, DEH). Var. **Tarecena** (DEM, DEA, DEH); **tercena** (DEM, DEA, DEH); **terçana** (DEM, DEA); **teracena** (DEM, DEA, DEH).

**Tincal** – s.m. Miner. Borato de sódio hidratado de uso na soldagem de metais e esmaltagem de louças. (DEM, DEA, DEH). Var. **Tincar** (DEM, DEA, DEH).

**Tincaleira** – s.f. Recipiente em que se deposita o tincal. (DEM, DEA, DEH).

**Tincar** – s.m. Miner. Mesmo que tincal. (DEM, DEA, DEH). Var. **Tincal** (DEM, DEA, DEH).

**Tioálcool** – s.m. Quim. Classe de compostos orgânicos, análoga aos álcoois, na qual o oxigênio da hidroxila é substituído por enxofre. (DEM, DEH).

**Tofel** – s.m. Tipo de adufe ou pandeiro. (DEM).

**Toranja** – s.f. Bot. 1. Toranjeira (*Citrus maxima*, *Citrus x paradisi*). 2. Fruto desta árvore. (DEM, DEA, DEH). Var. **Toronja** (DEM, DEA, DEH); **turíngia** (DEM, DEA, DEH).

**Toranjeira** – s.f. Bot. 1. Árvore da família das rutáceas, provavelmente nativa da Malásia (*Citrus maxima*). 2. Árvore pequena da mesma família, nativa de Barbados (*Citrus x paradisi*). (DEM, DEA, DEH). Var. **Toranja**, acepção 1 (DEM, DEA, DEH).

**Toronja** – s.f. Bot. Mesmo que toranja, acepção 2. (DEM, DEA, DEH). Var. **Toranja**, acepção 2. (DEM, DEA, DEH); **turíngia** (DEM, DEA, DEH).

**Toranjera** – s.f. Bot. Mesmo que toranja, acepção 1. (DEM, DEA, DEH). Var. **Toranja**, acepção 1. (DEM, DEA, DEH).

**Tremoço** – s.m. Bot. Ant. Mesmo que tremoço. (DEM). Var. Tremoço (DEM, DEA, DEH).

**Tremoçada** – s.f. Grande quantidade de tremoços. (DEM, DEA, DEH).

**Tremoçal** – s.m. Terreno em que se cultivam tremoços. (DEM, DEA, DEH).

**Tremoção** – s.m. Bot. 1. Tremoço grande. 2. Erva da família das leguminosas, subfamília papilionoídea, nativa do Mediterrâneo e da Ásia Menor (*Astragalus lusitanicus*). (DEM, DEH).

**Tremoçar** – v.t.d. Semear tremoços. (DEM, DEA, DEH).

**Tremoceiro** – s.m. Bot. 1. Nome comum das plantas do gênero *Lupinus*, da família das leguminosas, subfamília papilionoídea. 2. Vendedor de tremoços. (DEM, DEA, DEH). Var. **Tremoço**, acepção 1. (DEM, DEA, DEH).

**Tremoço** – s.m. Bot. 1. Mesmo que tremoceiro. 2. Planta nativa da Europa (*Lupinus albus*). 3. Erva nativa do sul da Europa (*Asphodelus albus*). (DEM, DEA, DEH). Var. **Tremoceiro**, acepção 1. (DEM, DEA, DEH); **tremoço-branco** (DEA, DEH).

**Tremoço-amarelo** – s.m. Bot. Tremoço nativo do Mediterrâneo (*Lupinus luteus*). (DEA, DEH). Var. **Tremoço-de-cheiro** (DEH); **tremoço-de-flor-amarela** (DEH).

**Tremoço-branco** – s.m. Bot. Mesmo que tremoço (*Lupinus albus*). (DEA, DEH). Var. **Tremoço**, acepção 2 (DEM, DEA, DEH).

**Tremoço-de-cheiro** – s.m. Bot. Mesmo que tremoço-amarelo (*Lupinus luteus*). (DEH). Var. **Tremoço-amarelo** (DEA, DEH).

**Tremoço-de-flor-amarela** – s.m. Bot. Mesmo que tremoço-amarelo. (DEH). Var. **Tremoço-amarelo** (DEA, DEH); **tremoço-de-cheiro** (DEH).

**Tremoço-de-flor-azul** – s.m. Bot. 1. Tremoço nativo da Europa (*Lupinus varius*). 2. Mesmo que tremoço-de-minas (*Lupinus crotalarioides*). (DEA, DEH). Var. Acepção 1, **tremoço-de-jardim** (DEH); acepção 2, **tremoço-de-minas** (DEH).

**Tremoço-de-jardim** – s.m. Bot. Mesmo que tremoço-de-flor-azul, acepção 1. (DEH). Var.

**Tremoço-de-flor-azul**, acepção 1. (DEH).

**Tremoço-de-minas** – s.m. Bot. tremoço (*Lupinus crotalarioides*) nativo do Brasil (MG), de flores aromáticas azuis (DEH). Var. **Tremoço-de-flor-azul**, acepção 2 (DEA, DEH).

**Tremoço-ordinário** – s.m. Mesmo que tremoço (*Lupinus albus*). (DEH). Var. **Tremoço** (DEM, DEA, DEH).

**Triálcool** – s.m. Quim. Substância orgânica com três agrupamentos de hidroxila. (DEM).

**Truchemão** – s.m. Mesmo que turgimão. (DEM). Var. **Turgimão** (DEM, DEA, DEM); **trugimão** (DEM, DEA, DEH); **turcimão** (DEM).

**Trugimão** – s.m. Mesmo que turgimão. (DEM, DEA, DEH). Var. **Turgimão** (DEM, DEA, DEM); **turcimão** (DEM); **truchemão** (DEM)

**Tube** – s.m. Fagulha que sai de metal incandescente quando batido. (DEM, DEA, DEH).

**Tufão** – s.m. Vento muito forte. (DEM, DEA, DEH).

**Turbé** – s.f. Tumba cúbica muçulmana coberta por cúpula. (DEM).

**Turbito** – s.m. Bot. 1. Planta da família das convolvuláceas, nativa da Ásia tropical e da Austrália, (*Ipomoea turpethum*). 2. Subarbusto da família das globulariáceas (*Globularia alypum*). (DEM, DEA, DEH).

**Turcimão** – s.m. Mesmo que turgimão. (DEM). Var. **Turgimão** (DEM, DEA, DEM); **trugimão** (DEM, DEA, DEH); **truchemão** (DEM).

**Turgimão** – s.m. Intérprete profissional. (DEM, DEA, DEH). Var. **Trugimão** (DEM, DEA, DEH); **turcimão** (DEM); **truchemão** (DEM).

**Turíngia** – s.f. Mesmo que toranja (*Citrus maxima*, *C. x paradisi*, 'fruto'). (DEM, DEA, DEH). Var. **Toranja** (DEM, DEA, DH); **toronja** (DEM, DEA, DEH), acepção 2.

Iniciam-se pela letra *t* 177 itens lexicais colhidos no DEM, DEA e/ou DEH. Destes, o LPOA e o DAVAIR não dicionarizam as variantes do arabismo *atabaque*, *tabaque* e *tambaque*, registradas no DEM, DEA, DEH.

O LPOA documenta *tabefe*, originado no ár. *tabīh* 'cozido, guisado'. O DAVAIR registra o arabismo português *tabefe*, embora não documente as acepções encontradas no DEM, DEA e DEH.

O LPOA dicionariza *tabi*, < ár. *‘atābī*, designativo do bairro bagdali, *Al-Attabiya*, onde se fabricava o referido tecido. O DAVAIR informa ter o francês ou o italiano atuado como língua-ponte na transmissão deste arabismo. Não registram o LPOA e o DAVAIR o derivado *tabizar*, dicionarizado no DEM, DEA e DEH.

Ambos, o LPOA e o DAVAIR dicionarizam *tabica*, que o LPOA faz remontar ao étimo ár. *tabīqa(t)*, este do ár. *tabaqa* ‘cobrir’. Dentre os derivados encontrados no DEM, DEA e/ou DEH, registra *tabicada* e *tabicar 1*.

Trazem ambos, ainda, *tabique*, segundo o LPOA < ár. *tabīk* ‘parede de ladrilho’, apresentando ambos *tabicar 2* como único derivado português.

Já os pratos da culinária sírio-libanesa estão dicionarizados apenas no LPOA, segundo o qual *tabule* (DEM, DEA, DEH) < ár. *tabbūla(t)* ‘tabule’ e *tahine* (DEA, DEH) < ár. *tahīn* ‘farinha’. Não traz o LPOA as variantes *taine* e *taíne*, documentadas, respectivamente, no DEM e no DEA.

O LPOA dicionariza *taça* < ár. *tāsa(t)* ‘taça’, forma para a qual não apresenta derivados. O DAVAIR registra o derivado português *taçada*.

O LPOA informa ser *tafona* variante de *atafona*, forma esta originada no ár. *tāhūna(t)*. Aponta *tafoneiro* como variante brasileira de *atafoneiro* ‘dono ou quem dirige atafona’. O DAVAIR documenta apenas o derivado *atafoneiro* como português. Nem o LPOA nem o DAVAIR, entretanto, registra a acepção de ‘animal mal domado’ encontrada no DEM, DEA e DEH.

O LPOA dicionariza *taforeia* < ár. *tayfūrya(t)* ‘prato, escudela’, afirmando resultar a acepção portuguesa de evolução semântica por metáfora - segundo o DAVAIR, devido à semelhança morfológica da embarcação com o utensílio de cozinha. O LPOA, o DAVAIR e o DEA registram *taforeia*; o DEM, *taforéia*.

O vocábulo *tagarote* está registrado no DAVAIR, que discorda das etimologias usualmente apresentadas, propondo antes algo similar ao cabila *taqərrut* ‘cabecinha’, dado tratar-se de ave de pequeno porte da ave cuja cabeça também é pequena. Não traz a acepção de ‘pessoa cujo sustento é provido por outrém’, verificada nos dicionários brasileiros.

O LPOA documenta *taifa*, < ár. *taʿifa(t)* ‘grupos de pessoas professando os mesmos princípios’, e o derivado *taifeiro*. O DAVAIR classifica este termo como tecnicismo da História introduzido modernamente por via erudita. Aponta a acepção portuguesa de ‘grupos de marinheiros’ como empréstimo moderno do árabe norte-africano. O único derivado intrarromânico que registra é o português *taifeiro*.

*Talco* está documentado no LPOA, segundo o qual se origina no ár. *talq*. Dicionariza esta obra apenas o derivado *talcoso*. De acordo com o DAVAIR, resulta *talco* do andalusino *ṭálq* < cl. *ṭalq* e este do neopersa *talk*. Apresenta *talcoso* como forma castelhana e galega apenas, forma esta documentada, entretanto, no DEM, DEA e no DEH.

O LPOA dicionariza *taleiga*, < ár. *taʿlayqa(t)* ‘saco’ ou ‘bolsa’, com *teiga* como variante e *taleigada* e *taleigo* como derivados. Todas estas formas se encontram igualmente no DAVAIR. Apenas *taliga* (DEM), portanto, não está registrada nestas obras de referência.

*Talim* está documentado no LPOA, < ár. *tahlīl* ‘talim’. O DAVAIR informa resultar a acepção de ‘local para se guardar a espada’ da evolução do andalusino *tahlīl*, este < cl. *tahlīl* ‘pronúncia da profissão da fé islâmica’, uma vez que fragmentos do Corão eram guardados com a espada como amuleto.

Já *taluca* (DEM) se encontra apenas no DAVAIR como empréstimo oitocentista adquirido pela língua portuguesa na Índia. Decorre da evolução do termo árabe *taʿalluq* ‘ação de depender’, pelo neopersa *taʿalluqe* ‘feudo; possessão; distrito’, através do hindi *tālluqā*.

*Tâmara* se encontra no LPOA como originado no árabe *tamara(t)*, obra que traz, ainda os derivados *tamaral* e *tamareira*, dicionarizados no DEM, DEA e DEH, formas estas igualmente registradas no DAVAIR.

Esta obra, entretanto, não dicionariza *tamarina* (DEM, DEA, DEH) e *tamarinada* (DEM), ao passo que o LPOA faz *tamarindo* evoluir do árabe *tamr hindī* ‘tamarindo’, tendo por variantes arcaicas *tamarininhos*, *tamarino* e *tamarinós*, com *tamarindeiro* (‘árvore’) como derivado e *tamarineira*, *tamarineiro* e *tamarinheiro* por variantes deste. O DAVAIR informa ser *tamarindo* vocábulo adquirido no século XVI, não apontando-lhe formas derivadas.

Não trazem o LPOA e o DAVAIR o arabismo *tambaque*, dicionarizado no DEM, DEA e DEH também como designativo de particularidade da cultura popular de São Paulo.

*Tambor 1* figura no LPOA como variante de *atambor 1*, vocábulo este resultante da evolução do árabe *at-tanbūr*, de mesmo sentido. Registra a referida obra os derivados *tamborete*, *tamboril*, *tamborilada*, *tamborilador*, *tamborilante*, *tamborilar*, *tamborileiro*, *tamborilete*, *tamborim*, *tambor-mor*, *tambor-onça*, *tambor basco*, *tambor de crioula*, *tambor de guerra*, *tambor de mina*, *tambor magnético*, *tambor militar* e *tambor surdo*. O DEA e o DEH informam, respectivamente, origem e/ou concurso do persa na transmissão do vocábulo, hipótese etimológica de que o DAVAIR discorda, preferindo antes a de que se origine no aramaico *tanbūrā*, metátese do grego *pandoûra* ‘instrumento musical de três cordas’, com evolução semântica iniciada no próprio aramaico. Segundo o DAVAIR, o *tanbūr* tinha uma caixa fechada com pele, de onde a associação com o atabal. Informa esta obra serem derivados portugueses *tamboril*, *tamborilete*, *tamborilada*, *tamborileiro*, *tamborilar* e *tamborinar*, esta última documentada exclusivamente no DEM.

Por sua vez, *tambor 2* está documentado no LPOA como variante de *atambor 2*, < ár. *at-tanbūl* ou *at-tāmūl* ‘bétele’. Segundo o DAVAIR, tem étimo sânscrito, *tāmbūla*, com o

neopers *tanbul* como fase intermediária até chegar à Índia, onde, no século XVI, a língua portuguesa incorporou o vocábulo ao seu inventário lexical.

Não registram o LPOA e o DAVAIR o composto *tapa-nuca*, dicionarizado, entretanto, no DEM, DEA e DEH. Informa o LPOA evoluir *tara* do árabe *tarha(t)* ‘mercadoria rejeitada’, evolução esta de *taraha* ‘expulsar; separar; abandonar’, com a aquisição de diversas acepções em português. Documenta esta obra os vocábulos *tarado* e *tarar* como derivados. O DAVAIR registra apenas a acepção de ‘peso a descontar do invólucro ou veículo’, apresentando, ainda, os derivados portugueses *taração* (não documentada nos dicionários gerais brasileiros tomados por obras-fonte), *tarar* e *tarear*.

O LPOA e o DAVAIR dicionarizam *tarbuche*. De acordo com o DAVAIR, o étimo híbrido turco-persa \* *ter puš* proposto por Machado é improvável, constituindo o turco *terbuş* empréstimo do árabe ocidental, assim como o referente, de origem andalusina, mas propagado pelo Magreb por mourismos para lá emigrados.

Para *tareco*, o LPOA apresenta o étimo árabe *tarayk* ‘coisa de pouco valor’, com *tarecada*, *tarecagem* e *tarecama* como derivados, sendo a última forma a única não documentada no DAVAIR.

O LPOA documenta o substantivo feminino plural *tercenas* como originado no árabe *aş-şinā'a(t)* ‘estaleiro; arsenal’, trazendo apenas *taracena* por variante. Embora documentadas pela lexicografia brasileira as variantes *tercena* (DEM, DEA e DEH), *tarecena* (DEM, DEA e DEH), *terecena* (DEM, DEH), *terçana* (DEM, DEA) e *teracena* (DEM, DEA e DEH), nenhuma destas formas se encontra registrada no DAVAIR.

O LPOA dicionariza *tarefa* como vocábulo originado no árabe *ṭarīḥa(t)*, registrando ainda o derivado *tarefeiro*, documentado no DEM, DEA, DEH. Em verbete à parte, documenta *tareia* como lusitanismo, com a acepção, também, de *surra*. S.v. *tarea*, o DAVAIR apresenta as formas portuguesas *tarefa* e *tareia*, resultantes do andalusino *ṭarīḥa*, cuja raiz vem do cl. *ṭrḥ* ‘colocar (sobre)’. Ainda segundo o DAVAIR, a acepção portuguesa de trabalho é evolução semântica de *tarea* ‘quatro giros de azeitona’. Traz esta obra os derivados portugueses *atarefamento*, *atarefar* e *tarefeiro*. Nem o LPOA nem o DAVAIR registra, portanto, o derivado *tarear* 2, ‘espancar’, presente no DEM, DEA, DEH.

Já *tarifa*, segundo o LPOA, é a evolução do árabe *ta<sup>c</sup>rīfa(t)*, mas chegou à língua portuguesa por intermédio de cognato francês. Registra esta obra os derivados *tarifação*, *tarifado*, *tarifar* e *tarifário*. O DAVAIR propõe o italiano ou o catalão como línguas-ponte na introdução de *taraifa* nas línguas “mais ocidentais”. Como derivados portugueses, apresenta

igualmente *tarifar*, *tarifação* e *tarifário*, além de *tarificar*, não registrado no DEM, DEA, DEH.

Dicionariza o LPOA *tarima* e *tarimba* em verbetes distintos, apesar de compartilharem o étimo árabe *tarīma(t)* ‘cama de madeira’. Para *tarima*, não apresenta derivados. Para *tarimba*, traz *tarimbado*, *tarimbar* e *tarimbeiro*, todos registrados no DEM, DEA e DEH. O DAVAIR apresenta ambas as formas portuguesas s.v. *tarima*, apontando como derivado português, além dos já citados *tarimbar* e *tarimbeiro*, *tarimbeirice*, esta última não documentada no DEM, DEA e DEH.

O termo *tarrafa* está documentado em ambos, no LPOA e no DAVAIR. Naquele, lê-se resultar da evolução do árabe *tarraha(t)* ‘almofadão, acento acolchoado’, constituindo a acepção portuguesa de ‘pequena rede de pesca’ da variedade árabe andalusina. Como derivados, traz *tarrafada* (DEM), *tarrafar* (DEM, DEA, DEH) e *tarrafear* (DEM, DEA, DEH). Também o DAVAIR dicionariza *tarrafa*, apresentando, entretanto, apenas *tarrafar* como derivado português.

Já para *tauxia* o LPOA propõe o árabe *tawšya(t)* por étimo, dicionarizando, dentre os derivados levantados no DEM, DEA e/ou DEH, exclusivamente *tauxiar*. O DAVAIR apresenta *tauxia*, bem como *atauxia*, resultantes do andalusino *attawšíyya*, e esta forma do clássico *tawšiyah* ‘bordado’. Assim como o LPOA, registra apenas *tauxiar* como derivado português.

O LPOA não dicionariza *tincal*, a variante *tincar* ou o derivado *tincaleira*, todas elas formas documentadas no DEM, DEA e DEH. O DAVAIR traz *atincal*, que afirma encontrar-se apenas em Morais, com *tincaleira* como derivado português.

*Tioálcool* (DEM, DEH) não está nas obras de referência, o DAVAIR e o LPOA, nem tampouco figura nestas *tofel* (DEM).

Já *toranja* é a evolução, segundo o LPOA, do árabe *turunġa(t)*, para o qual apresenta *toranja* como variante, não registrando, entretanto, nenhum derivado. S.v. *toranja*, o DAVAIR traz as formas portuguesas *taronja*, *toranja* e *toronja* ‘Citrus maxima’, com longa trajetória interlingüística: sânscrito *mātuluṅga* > pálavi *vātrang* > neopersa *toranj* > neoárabe *turunjah* > andalusino *turúnja*. Não apresenta derivados portugueses. Não documentam o LPOA e o DAVAIR a forma *turíngia*, apontada pelo DEM, DEA e DEH como variante de *toranja*.

De acordo com o LPOA, o vocábulo *tremoço* é a evolução do grego *thermós* forma esta adquirida por meio do árabe *turmus* ‘tremoço’, provavelmente pela forma popular *turmūs*. Traz *tremoceiro* como único derivado. O DAVAIR ratifica a origem grega de

*tremoço*, apontando como línguas intermediárias na sua propagação o siríaco, o árabe clássico e a variante andalusina. Não registra o DAVAIR variantes ou derivados portugueses para *tremoço*.

Não trazem o LPOA e o DAVAIR a forma *triálcool*. Já para *turgimão*, o LPOA credita origem no árabe *turġimān* ‘intérprete’, com *trugimão* como variante. O DAVAIR registra as formas portuguesas *turcimão* e *turgimão*, cujo étimo faz remontar à língua hitita, por meio do acadiano *turgamānu*, do aramaico, do árabe clássico *turjumān* e do árabe andalusino *turjimān*.

O arabismo *tubel* está documentado apenas pelo LPOA, dentre as obras de referência. Segundo esta, resulta do árabe *tūbāl* ‘metal; tubel; escória’. Não registra derivados.

*Tufão* está no LPOA e no DAVAIR. Segundo aquele, trata-se da evolução do árabe *tūfān* ‘inundação; dilúvio; cataclisma’, também esta forma sem derivados. O DAVAIR informa tratar-se de vocábulo primeiramente introduzido na língua portuguesa já nas primeiras navegações pelo oceano Índico e cuja forma fonética foi modificada por analogia com a designação grega para certo monstro relacionado a cataclismas, *Typhón*.

*Turbé* é vocábulo não documentado pelas obras de referência. *Turbit* está dicionarizado no DAVAIR como forma castelhana e catalã. Documentado este termo pelo DEM, DEA e DEH, que lhe creditam origem persa com introdução na língua portuguesa por meio do árabe e, segundo o DAVAIR, ainda pelo francês, o DAVAIR informa constituir, em verdade, vocábulo sânscrito (< sânsc. *trivṛta*), que, após passar pelo persa e pelo árabe, foi introduzido no Ocidente pelo baixo latim medieval.

Dos 177 itens lexicais iniciados pela letra *t* levantados, o DEM dicionariza 135 itens ou 76,3% do total: *tabaque, tabefe, tabi, tabica, tabicada, tabicado 1, tabicar 1, tabicar 2, tabique, tabizar, tabule, taça, taçada, taçado, tafona, tafoneiro, taforéia, tagarote, taifa, taifeiro, taine, tálcico, talcitóide, talco, talcochlorita, talco-esquistoso, talcomicáceo, talcoquartoso, talcoso, talcoxisto, taleiga, taleigada, taleigo, taliga, talim, taluca, tâmara, tamaral, tamareira, tamarina, tamarinada, tamarindal, tamarindeira, tamarindeiro, tamarindo, tamarineira, tamarineiro, tamarinheiro, tamarino, tambaque, tambor 2, tamborada, tamborejar, tamborete, tamboreto, tamboril, tamborilada, tamborilado, tamborilador, tamborilante, tamborilar, tamborileiro, tamborilete, tamborim, tamborinar, tamborino, tambozeiro, tambu, tapa-nuca, tara, tarado, tarar, tarbuche, tarear 1, tarear 2, tarecada, tarecagem, tarecama, tarecena, tareco, tarefa, tarefeiro, tareia, tarifa, tarifação, tarifação, tarifar, tarifário, tarima, tarimba, tarimbado, tarimbar, tarimbeiro, tarrafa, tarrafada, tarrafar, tarrafear, tauxia, tauxiado, tauxiador, tauxiar, teiga, têigula, telga, teliz,*

*teracena, terçana, tercena, terecena, tincal, tincaleira, tincar, tioálcool, tofel, toranja, toranjeira, toronja, toronjeira, tramoço, tremoçada, tremoçal, tremoção, tremoçar, tremoceiro, tremoço, triálcool, truchemão, trugimão, tubel, tufão, turbé, turbito, turcimão, turgimão e turíngia.*

O DEA documenta 119 das 177 formas iniciadas pela letra *t* colhidas no DEM, DEA e/ou DEH, o que perfaz 67,2% do total: *tabaque, tabefe, tabi, tabica, tabicada, tabicar 1, tabicar 2, tabique, tabizar, tabule, taça, tacada, tafona, tafoneiro, taforeia, tagarote, tahine, taifa, taifeiro, taíne, tálcico, talco, talcoso, taleiga, taleigada, taleigo, talim, tâmara, tamaral, tamareira, tamarina, tamarindal, tamarindeiro, tamarindo, tamarineira, tamarineiro, tamarinheiro, tambaque, tambor 2, tamborejar, tamborete, tamborete-de-brega, tamborete-de-forró, tamboréu, tamboril, tamborilada, tamborilante, tamborilar, tamboril-bravo, tamborileiro, tamborilete, tamborilo, tamborim, tamborino, tambor-mor, tambor-onça, tambozeiro, tambu, tapa-nuca, tara, tarado, tarar, tarbucha, tarbuche, tarear 1, tarear 2, tarecada, tarecagem, tarecama, tarecena, tareco, tarefa, tarefeiro, tareia, tarifa, tarifação, tarifaço, tarifado, tarifar, tarifário, tarima, tarimba, tarimbado, tarimbar, tarimbeiro, tarrafa, tarrafar, tarrafeação, tarrafeador, tarrafear, tauxia, tauxiado, tauxiar, teiga, teliz, teracena, terçana, tercena, tincal, tincaleira, tincar, toranja, toranjeira, toronja, toronjeira, tremoçada, tremoçal, tremoçar, tremoceiro, tremoço, tremoço-amarelo, tremoço-branco, tremoço-de-flor-azul, trugimão, tubel, tufão, turbito, turgimão e turíngia.*

Por sua vez, o DEH registra 147 dos 177 itens levantados, o que corresponde a 83% do total: *tabaque, tabefe, tabi, tabica, tabicada, tabicado 1, tabicado 2, tabicar 1, tabicar 2, tabique, tabizar, tabule, taça, taçada, taçado, tafona, tafoneiro, tagarote, tahine, taifa, taifeiro, tálcico, talcita, talcite, talcito, talco, talcoso, talcoxisto, taleiga, taleigada, taleigo, talim, tâmara, tâmara-da-china, tâmara-da-terra, tâmara-do-deserto, tamaral, tamareira, tamareira-silvestre, tamarina, tamarindal, tamarindeira, tamarindeiro, tamarindo, tamarineira, tamarineiro, tamarinheiro, tamarinho, tamarino, tambaque, tambor 1, tambor 2, tambor-basco, tambor-das-minas, tambor-de-choro, tambor-de-crioula, tambor-de-crioulo, tambor-de-mina, tambor-de-pagamento, tamborejar, tamborete, tamborete-de-brega, tamborete-de-forró, tamboréu, tamboril, tamborilada, tamborilante, tamborilar, tamboril-bravo, tramboril-de-bravo, tamborileiro, tamborilete, tamborim, tamborino, tambor-mor, tambor-onça, tamboronceiro, tambozeiro, tambu, tapa-nuca, tara, tarado, tarar, tarbucha, tarbuche, tarear 1, tarear 2, tarecada, tarecagem, tarecama, tarecena, tareco, tarefa, tarefar, tarefeiro, tareia, tarifa, tarifação, tarifaço, tarifar, tarifário, tarima, tarimba, tarimbado, tarimbar, tarimbeiro, tarrafa, tarrafar, tarrafeação, tarrafeador, tarrafear, tauxia, tauxiado,*

*tauxiar, teiga, teliz, teracena, tercena, terecena, tincal, tincaleira, tincar, tioálcool, toranja, toranjeira, toronja, toronjeira, tremoçada, tremoçal, tremoção, tremoçar, tremoceiro, tremoço, tremoço-amarelo, tremoço-branco, tremoço-de-cheiro, tremoço-de-flor-amarela, tremoço-de-flor-azul, tremoço-de-jardim, tremoço-de-minas, tremoço-ordinário, trugimão, tubel, tufão, turbito, turgimão e turíngia.*

Os arabismos iniciados pela letra *t* dicionarizados igualmente no DEM, DEA e DEH totalizam 101 itens ou 57,1% das formas levantadas: *tabaque, tabefe, tabi, tabica, tabicada, tabicar 1, tabicar 2, tabique, tabizar, tabule, taça, taçada, tafona, tafoneiro, tagarote, taífa, taifeiro, tálcico, talco, talcoso, taleiga, taleigada, taleigo, talim, tâmara, tamaral, tamareira, tamarina, tamarindal, tamarindeiro, tamarindo, tamarineira, tamarineiro, tamarinheiro, tambaque, tambor 2, tamborejar, tamborete, tamboril, tamborilada, tamborilante, tamborilar, tamborileiro, tamborilete, tamborim, tamborino, tambozeiro, tambu, tapa-nuca, tara, tarado, tarar, tarbuche, tarear 1, tarear 2, tarecada, tarecagem, tarecama, tarecena, tareco, tarefa, tarefeiro, tareia, tarifa, tarifação, tarifaço, tarifar, tarifário, tarima, tarimba, tarimbado, tarimbar, tarimbeiro, tarrafa, tarrafar, tarrafear, tauxia, taxiado, tauxiar, teiga, teliz, teracena, tercena, tincal, tincaleira, tincar, toranja, toranjeira, toronja, toronjeira, tremoçada, tremoçal, tremoçar, tremoceiro, tremoço, trugimão, tubel, tufão, turbito, turgimão e turíngia.*

O DEM e o DEA dicionarizam apenas 01 forma não documentada no DEH (*terçana*), o que corresponde a 0,6% dos itens levantados. O DEM e o DEH compartilham o registro de 08 formas não dicionarizadas no DEA (*tabicado 1, taçado, talcoxisto, tamarindeira, tamarino, terecena* e *tioálcool*) ou 4,5% do total dos registros. Já o DEA e o DEH dicionarizam 13 formas não encontradas no DEM (*tahine, tamborete-de-brega, tamborete-de-forró, tamboréu, tamboril-bravo, tambor-mor, tambor-onça, tarbucha, tarrafeação, tarrafeador, tremoço-amarelo, tremoço-branco* e *tremoço-de-flor-azul*) ou 7,3% do total de formas levantadas.

Os registros exclusivos estão assim distribuídos: o DEM dicionariza 25 itens não encontrados no DEM e no DEH ou 14,1% do total de itens identificados (*taforéia, taine, talcitóide, talcoclorita, talco-esquisto, talcomicáceo, talcoquartoso, taliga, taluca, tamarinada, tamborada, tamboreto, tamborilado, tamborilador, tamborinar, tarrafada, taxiadador, têigula, telga, tofel, tramoço, triálcool, truchemão, turbe* e *turcimão*). Também o DEH documenta 25 formas não registradas nos demais dicionários gerais brasileiros ou 14,1% das formas levantadas (*tabicado 2, talcita, talcite, talcito, tâmara-da-china, tâmara-da-terra, tâmara-do-deserto, tamareira-silvestre, tamarinho, tambor 1, tambor-basco,*

*tambor-das-minas, tambor-de-choro, tambor-de-crioula, tambor-de-crioulo, tambor-de-mina, tambor-de-pagamento, tramboril-de-bravo, tamboronceiro, tarefa, tremoço-de-cheiro, tremoço-de-flor-amarela, tremoço-de-jardim, tremoço-de-minas e tremoço-ordinário*). Já o DEA traz apenas 04 itens não encontrados no DEM e no DEH (*taforeia, taíne, tamborilo e tarifado*), o que equivale a 2,2% dos registros.

As formas básicas somam 64 itens ou 36,1% dos 177 iniciados pela letra *t*: *tabaque, tabefe, tabi, tabica, tabique, tabule, taça, tafona, taforeia, taforéia, tagarote, tahine, taifa, taine, taíne, talco, taleiga, taliga, talim, taluca, tâmara, tamarina, tamarindo, tamarinho, tamarino, tambaque, tambor 1, tambor 2, tambu, tara, tarbucha, tarbuche, tarecena, tareco, tarefa, tareia, tarifa, tarima, tarimba, tarrafa, tauxia, teiga, telga, teliz, teracena, terçana, tercena, terecena, tincal, tincar, tofel, toranja, toronja, tramoço, tremoço, truchemão, trugimão, tubel, tufão, turbé, turbito, turcimão, turgimão e turíngia*.

Os derivados totalizam 75 itens ou 42,4% dos registros: *tabicada, tabicado 1, tabicado 2, tabicar 1, tabicar 2, tabizar, taçada, taçado, tafoneiro, taifeiro, tálculo, talcitóide, talcita, talcite, talcoso, taleigada, taleigo, tamaral, tamareira, tamarinada, tamarindal, tamarindeira, tamarindeiro, tamarineira, tamarineiro, tamarinheiro, tamborada, tamborejar, tamborete, tamboreto, tamboréu, tamborilada, tamborilado, tamborilador, tamborilante, tamborilar, tamborileiro, tamborilo, tamborinar, tamboronceiro, tambozeiro, tarado, tarar, tarear 1, tarear 2, tarecada, tarecagem, tarecama, tarefa, tarefeiro, tarifação, tarifado, tarifar, tarifário, tarimbado, tarimbar, tarimbeiro, tarrafada, tarrafar, tarrafeação, tarrafeador, tarrafear, tauxiado, tauxiador, tauxiar, tincaleira, tioálcool, toranjeira, toronjeira, tremoçada, tremoçal, tremoção, tremoçar, tremoceiro e triálcool*.

Os compostos estão representados por 32 itens ou 18,1% dos registros: *talcito, talcoclrita, talco-esquisto, talcomicáceo, talcoquartoso, talcoxisto, tâmara-da-china, tâmara-da-terra, tâmara-do-deserto, tamareira-silvestre, tambor-basco, tambor-das-minas, tambor-de-choro, tambor-de-crioula, tambor-de-crioulo, tambor-de-mina, tambor-de-pagamento, tamborete-de-brega, tamborete-de-forró, tramboril-bravo, tramboril-de-bravo, tambor-mor, tambor-onça, tapa-nuca, tremoço-amarelo, tremoço-branco, tremoço-de-cheiro, tremoço-de-flor-amarela, tremoço-de-flor-azul, tremoço-de-jardim, tremoço-de-minas e tremoço-ordinário*.

Já os vocábulos com outras marcas somam apenas 06 itens (as formas diminutivas *tamboril, tamborilete, tamborim, tamborino* e o aumentativo *tarifaço*), o que constitui 3,4% dos registros.

O DEM dicionariza 58 das 64 formas básicas encontradas ou 90,6% destas: *tabaque, tabefe, tabi, tabica, tabique, tabule, taça, tafona, taforéia, tagarote, taifa, taine, talco, taleiga, taliga, talim, taluca, tâmara, tamarina, tamarindo, tamarino, tambaque, tambor 2, tambu, tara, tarbuche, tarecena, tareco, tarefa, tareia, tarifa, tarima, tarimba, tarrafa, tauxia, teiga, telga, teliz, teracena, terçana, tercena, terecena, tincal, tincar, tofel, toranja, toronja, tramoço, tremoço, truchemão, trugimão, tubel, tufão, turbé, turbito, turcimão, turgimão e turíngia*. Registra também o DEM 65 das 75 formas derivadas ou 86,6% das mesmas: *tabicada, tabicado 1, tabicar 1, tabicar 2, tabizar, taçada, taçado, tafoneiro, taifeiro, tálcico, talcitóide, talcoso, taleigada, taleigo, tamaral, tamareira, tamarinada, tamarindal, tamarindeira, tamarindeiro, tamarineira, tamarineiro, tamarinheiro, tamborada, tamborejar, tamborete, tamboreto, tamborilada, tamborilado, tamborilador, tamborilante, tamborilar, tamborileiro, tamborinar, tambozeiro, tarado, tarar, tarear 1, tarear 2, tarecada, tarecagem, tarecama, tarefeiro, tarifação, tarifar, tarifário, tarimbado, tarimbar, tarimbeiro, tarrafada, tarrafar, tarrafear, tauxiado, tauxiador, tauxiar, tincaleira, tioálcool, toranjeira, toronjeira, tremoçada, tremoçal, tremoção, tremoçar, tremoceiro e triálcool*. O DEM documenta apenas 06 dos 32 vocábulos compostos levantados ou 18,7% destes (*talcochlorita, talco-esquisto, talcomicáceo, talcoquartoso, talcoxisto e tapa-nuca*), bem como 100% das formas com outras marcas.

O DEA dicionariza 50 das 64 formas básicas ou 78,1% destas: *tabaque, tabefe, tabi, tabica, tabique, tabule, taça, tafona, taforeia, tagarote, tahine, taifa, taine, talco, taleiga, talim, tâmara, tamarina, tamarindo, tambaque, tambor 2, tambu, tara, tarbuchá, tarbuche, tarecena, tareco, tarefa, tareia, tarifa, tarima, tarimba, tarrafa, tauxia, teiga, teliz, teracena, terçana, tercena, tincal, tincar, toranja, toronja, tremoço, trugimão, tubel, tufão, turbito, turgimão e turíngia*. Dicionariza, ainda, 55 das 75 formas derivadas ou 73,3% das mesmas: *tabicada, tabicar 1, tabicar 2, tabizar, taçada, tafoneiro, taifeiro, tálcico, talcoso, taleigada, taleigo, tamaral, tamareira, tamarindal, tamarindeiro, tamarineira, tamarineiro, tamarinheiro, tamborejar, tamborete, tamboréu, tamborilada, tamborilante, tamborilar, tamborileiro, tamborilo, tambozeiro, tarado, tarar, tarear 1, tarear 2, tarecada, tarecagem, tarecama, tarefeiro, tarifação, tarifado, tarifar, tarifário, tarimbado, tarimbar, tarimbeiro, tarrafar, tarrafeação, tarrafeador, tarrafear, tauxiado, tauxiar, tincaleira, toranjeira, toronjeira, tremoçada, tremoçal, tremoçar e tremoceiro*. O DEA traz apenas 09 dos 32 vocábulos compostos encontrados ou 28,1% destes: *tamborete-de-brega, tamborete-de-forró, tamboril-bravo, tambor-mor, tambor-onça, tapa-nuca, tremoço-amarelo, tremoço-branco e*

*tremoço-de-flor-azul*. Registra, por fim, 05 dos 06 vocábulos caracterizados por outras marcas (a exceção de *têigula*) ou 83,3% dos mesmos.

O DEH registra 51 das 64 formas básicas ou 79,7% delas: *tabaque, tabefe, tabi, tabica, tabique, tabule, taça, tafona, tagarote, tahine, taifa, talco, taleiga, talim, tâmara, tamarina, tamarindo, tamarinho, tamarino, tambaque, tambor 1, tambor 2, tambu, tara, tarbucha, tarbuche, tarecena, tareco, tarefa, tareia, tarifa, tarima, tarimba, tarrafa, tauxia, teiga, teliz, teracena, tercena, terecena, tincal, tincar, toranja, toronja, tremoço, trugimão, tubel, tufão, turbito, turgimão e turíngia*. Traz o DEH 63 das 75 formas derivadas ou 84% destas: *tabicada, tabicado 1, tabicado 2, tabicar 1, tabicar 2, tabique, tabizar, taçada, taçado, tafoneiro, taifeiro, tálculo, talcita, talcite, talcoso, taleigada, taleigo, tamaral, tamareira, tamarindal, tamarindeira, tamarindeiro, tamarineira, tamarineiro, tamarinheiro, tamborejar, tamborete, tamboréu, tamborilada, tamborilante, tamborilar, tamborileiro, tamboronceiro, tambozeiro, tarado, tarar, tarear 1, tarear 2, tarecada, tarecagem, tarecama, tarefar, tarefeiro, tarifação, tarifar, tarifário, tarimbado, tarimbar, tarimbeiro, tarrafar, tarrafeação, tarrafeador, tarrafear, tauxiado, tauxiar, tincaleira, tioálcool, toranjeira, toronjeira, tremoçada, tremoçal, tremoção, tremoçar e tremoceiro*. Dicionariza 28 dos 32 vocábulos compostos ou 87,5% dos mesmos: *talcito, talcoxisto, tâmara-da-china, tâmara-da-terra, tâmara-do-deserto, tamareira-silvestre, tambor-basco, tambor-das-minas, tambor-de-choro, tambor-de-crioula, tambor-de-crioulo, tambor-de-mina, tambor-de-pagamento, tamborete-de-brega, tamborete-de-forró, tamboril-bravo, tamboril-de-bravo, tambor-mor, tambor-onça, tapa-nuca, tremoço-amarelo, tremoço-branco, tremoço-de-cheiro, tremoço-de-flor-amarela, tremoço-de-flor-azul, tremoço-de-jardim, tremoço-de-minas e tremoço-ordinário*. Registra, enfim, como o DEA, 05 dos 06 vocábulos com sufixos aumentativo ou diminutivos (também deixando de dicionarizar apenas *têigula*), cifra equivalente a 83,3% destes.

## U

**Uade** – s.m. Mesmo que uádi. (DEM, DEH).

**Uádi** – s.m. Leito ou vale de rio em regiões desérticas da Ásia e da África que se enche temporariamente na estação chuvosa. (DEM, DEH) Var. **Uade** (DEM, DEH); **Uede** (DEM); **Uédi** (DEH).

**Uádico** – s.m. Relativo ou pertencente ao Uádi. (DEM, DEH).

**Uale** – s.m. Governador de província, entre os árabes. (DEM, DEA, DEH). Var. **vale** (DEM); **uáli** (DEA, DEH); **váli** (DEM, DEA, DEH).

**Uáli** – s.m. Mesmo que **uale**. (DEA, DEH).

**Uede** – s.m. Mesmo que **uádi**. (DEM).

**Uédi** – s.m. Mesmo que **uádi**. (DEH).

**Ulemá** – s.m.1. Teólogo ou muçulmano versado na teologia e nas leis islâmicas.2. Nos Estados islâmicos, conselho legislativo constituído destes doutores. 3. Membro do conselho legislativo nos Estados islâmicos. (DEM, DEA, DEH).

**Ultramuçulmano** – sm 1. Muçulmano ao extremo. 2. Fig. Mais fatalista que os muçulmanos. (DEM).

**Úsnea** – s.f. 1. Gênero de líquens (*Usnea*) da família das Usneáceas. 2. Líquen desse gênero. (DEM, DEA, DEH).

**Usneácea** – s.f. Espécime das Usneáceas. (DEM, DEA, DEH).

**Usneáceas** – s.f.pl. Família de líquens frutescentes (*Usneaceae*). (DEM, DEA, DEH).

**Usneáceo** – adj. Relativo ou pertencente à família das Usneáceas. (DEM, DEA, DEH).

**Usneína** – s.f. Ácido úsnico. Var. **Usnina**. (DEM).

**Úsnico** – adj. Relativo ao ácido antibiótico cristalino encontrado em certos líquens. (DEM).

**Usnina** – s.f. Mesmo que **usneína**. (DEM).

Dos 16 arabismos iniciados pela letra V compilados nas obras-fonte, o LPOA dicionariza *uale*, vocábulo para o qual apresenta as variantes *uali*, *uáli* e *váli*, originado no árabe *walī* ‘amigo, senhor, partidário’.

Tanto o LPOA quanto o DAVAIR registra *ulemá*, do ár. *ʕulamāʔ*, plural do ár. *ʕalīm*, ‘sábio’, segundo o DAVAIR, por referir-se à coletividade dos doutores em lei islâmica. Afirma, ainda, ser tecnicismo historiográfico contemporâneo introduzido no português por meio da língua escrita, com o turco e o francês como línguas-ponte.

No que concerne a *úsnea* e a seus derivados, apenas o LPOA registra a forma básica, a qual faz remontar ao árabe *usna(t)* ‘alga, líquen’.

Não trazem o LPOA e o DAVAIR, portanto, *uádi* e suas variantes *uade*, *uede* e *uédi* ou o seu derivado *uádico*, nem *ultramuçulmano*.

O DEM registra 14 itens iniciados pela letra *u* (*uade*, *uádi*, *uádico*, *uale*, *uede*, *ulemá*, *ultramuçulmano*, *úsnea*, *usneácea*, *Usneáceas*, *usneáceo*, *usneína*, *úsnico* e *usnina*), o que corresponde a 87,5% das formas levantadas; o DEA dicionariza 07 vocábulos (*uale*, *uali*, *ulemá*, *úsnea*, *usneácea*, *Usneáceas* e *usneáceo*), 43,7% deles, e o DEH, 11 itens (*uade*, *uádi*, *uádico*, *uale*, *uáli*, *uédi*, *ulemá*, *úsnea*, *usneácea*, *Usneáceas* e *usneáceo*), perfazendo 68,7% do total.

Dicionarizam em comum o DEM, o DEA e o DEH 06 formas (*uale*, *ulemá*, *úsnea*, *usneácea*, *Usneáceas* e *usneáceo*) ou 37,5% dos itens registrados. O DEM, entretanto, dicionariza 05 vocábulos não documentados no DEA e no DEH (*uéde*, *ultramuçulmano*, *usneína*, *úsnico* e *usnina*), 31,2% dos 16 itens levantados. O DEH registra 01 forma não encontrada nem no DEM nem no DEA (*uédi*), 6,3% do total. O DEM e o DEH dicionarizam 03 formas não verificadas no DEA (*uade*, *uádi* e *uádico*) ou 18,7% dos itens, ao passo que o DEA e o DEH compartilham o registro de *uáli*, não verificado no DEM, e correspondente a 6,3% do total das formas levantadas.

Quanto à morfossintaxe, dos vocábulos analisados, 08 são formas básicas (50%) e 08 são formas derivadas, por sufixação ou prefixação (50%). Sua distribuição pelas obras-fonte se dá do seguinte modo: o DEM registra 06 formas básicas (*uade*, *uádi*, *uale*, *uede*, *ulemá* e *úsnea*) e 08 derivadas (*uádico*, *ultramuçulmano*, *usneácea*, *Usneáceas*, *usneáceo*, *usneína*, *úsnico* e *usnina*), respectivamente 75% e 100% de cada tipo estrutural; o DEA dicionariza 04 formas básicas (*uale*, *uali*, *ulemá*, *úsnea*) e 03 derivadas (*usneácea*, *Usneáceas* e *usneáceo*), ou 50% e 37,5% de cada tipo; enquanto o DEH documenta 07 formas básicas (*uade*, *uádi*, *uale*, *uáli*, *uedi*, *ulemá* e *úsnea*) e 04 derivadas (*uádico*, *usneácea*, *Usneáceas* e *usneáceo*), respectivamente 87,5% e 50% de cada uma.

## V

**Vale** – Mesmo que *vali*. Var. **Váli**. (DEM)

**Váli** – s.m. Governador de província, entre os árabes. (DEM, DEA, DEH). Var. **Vale** (DEM); **uale** (DEM, DEA, DEH); **uáli** (DEA, DEH).

**Vice-almirantado** – s.m. Posto ou dignidade de vice-almirante. (DEM, DEA, DEH).

**Vice-almirante** – s.m. 1. Posto nas Forças Armadas. 2. Oficial que ocupa tal posto. (DEM, DEA, DEH).

**Vizir** – s.m. Governador ou ministro de território muçulmano. (DEM, DEA, DEH).

**Vizirado** – s.m. 1. Posto ou dignidade de vizir. 2. Tempo que dura o exercício deste cargo. (DEM, DEA, DEH). Var. **Vizirato** (DEM, DEA, DEH).

**Vizirato** – Mesmo que *vizirado*. (DEM, DEA, DEH). Var. **Vizirado**. (DEM, DEA, DEH).

Dos 07 arabismos iniciados pela letra V, o DAVAIR registra *vali*, cuja trajetória interlingüística vai do árabe *wālī* ao português, passando, antes, entretanto, pelo turco *vali* e pelo francês.

Registram o LPOA e o DAVAIR *vizir*, que aquele faz remontar diretamente ao árabe *wazīr* e este ao pahlavi *wičīr*, com o árabe como língua-ponte, intermediado, ainda, pelo turco *vezir*. Dentre os derivados, dicionariza o LPOA *vizirado*, vocábulo para o qual apresenta *vizirato* como variante.

Novamente, o DEM registra 100% das formas levantadas (*vale*, *váli*, *vice-almirantado*, *vice-almirante*, *vizir*, *vizirado* e *vizirato*), ao passo que o DEA e o DEH dicionarizam os mesmos 06 vocábulos ou 85,7% daqueles encontrados no DEM (*váli*, *vice-almirantado*, *vice-almirante*, *vizir*, *vizirado* e *vizirato*).

Dicionarizam igualmente o DEM, o DEA e o DEH 06 vocábulos (*váli*, *vice-almirantado*, *vice-almirante*, *vizir*, *vizirado* e *vizirato*) ou 85,7% dos itens levantados, registrando o DEM com exclusividade 01 forma (*vale*), 14,3% destes.

No plano morfossintático, das 07 formas ora consideradas, 03 são básicas (*vale*, *váli* e *vizir*), o que corresponde a 42,8% do total, e 04 formas ou 57,2% delas são derivadas, 02 destas por sufixação (*vizirado* e *vizirato*) e 02 por prefixação (*vice-almirantado* e *vice-almirante*).

Como já se disse, o DEM registra 100% das formas básicas e derivadas compiladas, iniciadas pela letra V. O DEA e o DEH registram a distribuição de 02 formas básicas (*váli* e *vizir*) e 04 derivadas (*vice-almirantado*, *vice-almirante*, *vizirado* e *vizirato*), perfazendo 66,6% daquelas e 100% destas.

## W

Sem registro de arabismos.

## X

**Xadrez** – s.m. 1. Antigo jogo sobre tabuleiro com simulação de conflito entre dois exércitos e cujo objetivo é dar xeque-mate ao rei oponente. 2. Tabuleiro usado neste jogo. 3. Tecido como cores dispostas em quadrados alternados, como no tabuleiro do jogo de xadrez. (DEM, DEA, DEH).

**Xadrezado** – adj. Caracterizado por quadrados de cores alternadas, como no tabuleiro do jogo de xadrez. (DEM).

**Xadrezar** – v.t.d. Dispor como no xadrez, enxadrezar. (DEM, DEA, DEH). Var. **Enxadrezar** (DEM, DEA, DEH).

**Xadrezinho** – s.m. 1. Pequeno tabuleiro de xadrez. 2. adj. e s.m. Tecido como cores dispostas em quadrados alternados de pequenas dimensões. (DEM, DEA, DEH).

**Xadrezista** – adj. Relativo ou pertencente ao jogo de xadrez. s.2g. Jogador de xadrez, enxadrista. (DEM, DEA, DEH). Var. **Enxadrista** (DEM, DEA, DEH).

**Xaguão** – s.m. Saguão. (DEM, DEA, DEH). Var. **Saguão**. (DEM, DEA, DEH).

**Xairel** – s.m. Cobertura da cavagaldura usada sob a sela. (DEM, DEA, DEH).

**Xamata 1** – s.f. Manto oriental de seda bordado a ouro que simboliza prestígio social. (DEM, DEA, DEH).

**Xamata 2** – s.m. Ant. xeque-mate. (DEM). Var. **Xamate** (DEM); **xeque-mate** (DEA, DEH); **xaque-mate** (DEM, DEA, DEH).

**Xamate** – s.m. Ant. xeque-mate. (DEM). Var. **Xamata 2** (DEM); **xeque-mate** (DEA, DEH); **xaque-mate** (DEM, DEA, DEH).

**Xaputa** – s.f. Ictiol. Designação de peixes do gênero Brama. (DEM).

**Xáquema** – s.f. Mesmo que xáquima. (DEM, DEA, DEH). Var. **Xáquima** (DEM, DEA, DEH).

**Xaque-mate** – s.m. Mesmo que xeque-mate. (DEM, DEA, DEH). Var. **Xamate** (DEM);

**Xamata 2** (DEM); **xeque-mate** (DEA, DEH);

**Xáquima** – s.m. 1. Tecido grosso usado para prender a sela ou a carga sob o ventre de cavagalduras. 2. Cabresto feito deste tecido. (DEM, DEA, DEH). Var. **Xáquema** (DEM, DEA, DEH).

**Xareta** – s.f. Ant. 1. Rede para dificultar acesso a embarcações por inimigos. 2. Rede de pesca. (DEM, DEA, DEH).

**Xaretado** – adj. Ant. Provido de xaretas. (DEM).

**Xaretar** – v.t.d. Prover de xaretas. (DEM).

**Xarifado** – adj. Mesmo que xerifado. Var. **Xerifado** (DEH).

**Xarife** – s.m. Mesmo que xerife. (DEM, DEA, DEH). Var. **Xerife** (DEM, DEA, DEH); **xarifo** (DEM).

**Xarifino** – adj. Mesmo que xarifino. (DEM). Var. **Xerifino** (DEM).

**Xarifo** – s.m. Mesmo que xerife. (DEM). Var. **Xerife** (DEM, DEA, DEH); **xarife** (DEM, DEA, DEH).

**Xaropada** – s.f. 1. Porção de xarope tomada em única dose. 2. Medicamento contra tosse. Fig. 3. Coisa que causa tédio ou aborrecimento. (DEM, DEA, DEH).

**Xaropar** – v.t.d. Tratar com xarope. 2. Xaroppear. (DEM, DEA, DEH). Var. **Xaroppear** (DEM, DEA, DEH).

**Xarope** – s.m. 1. Substância medicamentosa em geral usada para fins terapêuticos. 2. Remédio caseiro. 3. Qualquer solução preparada a partir da fervura de água e açúcar. Fig. adj. e s.2g. 4. Que ou o que causa aborrecimento ou tédio. (DEM, DEA, DEH).

**Xaropear** – v.t.d. e v.intr. Aborrecer, entediar, xaropar. (DEM, DEA, DEH). Var. Xaropar (DEM, DEA, DEH).

**Xarope-de-grindélia** – s.m. Cachaça. (DEH). Var. **Xarope-dos-bebos** (DEH); **Xarope-galeno** (DEH).

**Xarope-dos-bebos** – s.m. Cachaça. (DEH). Var. **Xarope-de-grindélia** (DEH); **Xarope-galeno** (DEH).

**Xarope-galeno** – s.m. Cachaça. (DEH). Var. **Xarope-de-grindélia** (DEH); **xarope-dos-bebos** (DEH).

**Xaroposo** – adj. Que tem a consistência viscosa do xarope. (DEM, DEA, DEH).

**Xavecagem** – s.f. Mesmo que xaveco, acepção 5. (DEM, DEA, DEH). Var. **Xaveco** (DEM, DEA, DEH).

**Xavecar** – v.intr. Praticar xaveco (acepção 5); agir com desonestidade. (DEM, DEA, DEH).

**Xaveco** – s.m. 1. Embarcação muçulmana usada por piratas no Mediterrâneo entre os séculos XVIII e XIX. 2. Barco velho ou mal-conservado, sujeito a naufrágio. Fig. 3. Pessoa ou coisa de pouco valor ou importância. Pej. 4. Mulher velha e feia, sem atrativos ou encantos. 5. Comportamento imoral. (DEM, DEA, DEH).

**Xávega** – s.f. Rede de pesca para peixes de pequenas proporções. 2. Barco de pesca no qual se usa esta rede. (DEM, DEA, DEH).

**Xecado** – s.m. 1. Cargo ou funções do xeque. 2. Duração do mandato do xeque. 3. Território sob jurisdição do xeque. (DEM, DEA, DEH).

**Xecar** – v.t.d. e v.intr. Dar xeque-mate no jogo de xadrez. (DEM). Var. **Xequear** (DEM).

**Xeique** – s.m. Mesmo que xeque. (DEM, DEA, DEH). Var. **Xeque 1** (DEM, DEA, DEH).

**Xeque 1** – s.m. 1. Chefe muçulmano de tribo, cidade ou país. 2. Ancião muçulmano, respeitado pela sua idade. (DEM, DEA, DEH). Var. **Xeique** (DEM, DEA, DEH).

**Xeque 2** – s.m. 1. Ataque ao rei, no jogo de xadrez. Fig. Fato político ameaçador para o governo vigente. 3. Situação perigosa. (DEM, DEA, DEH).

**Xequeador** – s.m. Jogador de xadrez que freqüentemente coloca o rei do adversário em xeque. (DEM).

**Xequear** – v.t.d. e v.intr. Mesmo que xecar (DEM). Var. **Xecar** (DEM).

**Xeque-mate** – s.m. Ataque que encerra a partida do jogo de xadrez, impossibilitando ao rei do jogador adversário fuga ou defesa. (DEA, DEH).

**Xerifado** – s.m. 1. Cargo de xerife. 2. Duração do mandato de xerife. 3. Território sob jurisdição de xerife. (DEH).

**Xerife** – s.m. 1. Título dos soberanos muçulmanos descendentes de Maomé. 2. Título do muçulmano que já realizou três ou mais peregrinações a Meca. (DEM, DEA, DEH). Var. **Xarife** (DEM, DEA, DEH); **xarifo** (DEM).

**Xerifino** – adj. Concernente a xerife (DEM). Var. **Xarifino** (DEM).

**Xiismo** – s.m. Sistema ou doutrina dos xiitas, ramo da fé islâmica segundo o qual a sucessão religiosa e política do profeta Maomé deveria se restringir a seus familiares e descendentes. (DEM, DEA, DEH).

**Xiita** – adj. e s.2g. 1. Membro dos xiitas. Fig. 2. Pessoa pertencente a minoria extremista radical. 3. Pej. Pessoa cujas idéias ou atitudes são radicais. (DEM, DEA, DEH).

**Xorca** – s.f. Argolas com moedas usadas como adornos para braços e pernas. (DEM).

Os arabismos iniciados pela letra *x*, coligidos no DEM, no DEA e no DEH, totalizam os 47 itens lexicais apresentados. O LPOA registra *xadrez* como arabismo (< ár. *šašranġ* ‘xadrez’) originado no sânscrito e transmitido ao árabe pela língua persa. Dentre os derivados documentados no LPOA figuram *xadrezar*, *xadrezinho* e *xadrezista*, documentados nos dicionários gerais brasileiros citados, apresentando o DAVAIR (*a*) *xadrezar* e *xadrezinho*, dentre outros.

Nem o LPOA nem o DAVAIR traz a variante fonética *xaguão* (~ *saguão*), mas registram ambos *xairel*, que o LPOA faz remontar ao árabe *ġilāl*. Apenas o DAVAIR dicionariza *xamata*, vocábulo que afirma proceder do Oriente no século XVI como resultado da evolução do sintagma \**sām matāf* ‘tecido de Damasco’.

Apenas o DEM dicionariza as formas *xamate* e *xamata*, que apresenta como variantes de *xequete-mate*, assim como a forma *xaque-mate*, estas dicionarizadas também no DEA e no DEH. O DAVAIR registra a forma galega *xaque* ‘lance no jogo de xadrez em que se ataca o rei’, originada no persa antigo *xšāytiya-*, *šāh* no neopersa e no pálavi, *iššáh* no andalusino, com a acepção de ‘rei (do xadrez)’, refletindo as formas portuguesas *xaque-mate* e *xequete-mate* uma fase européia do neoárabe *aššāh māt* ‘o rei morreu’ e cuja forma com *imālah* ou palatalização de *ā* indica contaminação com *xaque* ~ *xequete*. Tanto o DEM, DEA quanto o DEH registram igualmente a forma *xequete*. Não registram o LPOA e o DAVAIR os derivados *xecar* e a variante *xequetar*, nem *xequetador*, dicionarizados no DEM.

Apenas o DEM documenta *xaputa*, designação de peixe originada no árabe *shabbut*. Já as variantes *xáquema* e *xáquima*, dicionarizadas no DEM, no DEA e no DEH,

estão no LPOA e no DAVAIR. De acordo com este último, a forma portuguesa talvez seja um castelhanismo. Resulta do andalusino *šakíma*, *šakīmah* no árabe clássico.

O LPOA apresenta *xareta*, < ár. *šarīṭa(t)*, com as mesmas acepções documentadas no DEM, DEA e DEH, de 1. ‘rede de proteção quando da abordagem de navio’ e 2. ‘rede de pescar’, diferentemente do DAVAIR, que traz a mesma forma e étimo, com significado distinto, entretanto (‘dobra por onde passar uma cinta’). Nenhuma das obras de referência traz quaisquer derivados para o vocábulo *xareta*.

O LPOA traz *xarife* como variante de *xerife* (< ár. *šarīf* ‘xerife, nobre’), sem documentar tampouco quaisquer derivados. O DAVAIR apresenta, ainda, a variante portuguesa *xarifo*, documentada apenas no DEM, e a forma intermediária andalusina *šarīf*, da qual resultam as formas ibéricas. O DAVAIR traz apenas um derivado intrarromânico castelhano (*jarifiano/jerifiano*), cujo equivalente português (*xarifino*) está dicionarizado apenas no DEM.

O LPOA faz remontar *xarope* ao ár. *šarāb* ‘bebida’, registrando, para a forma portuguesa, também seu uso figurado. Dentre os derivados, registra *xaropada*, *xaropar*, *xaropear* e *xaroposo*, igualmente dicionarizados no DEM, DEA e DEH. Já o DAVAIR registra apenas *enxaropar* e *xaroposo*. Os compostos *xarope-de-gridélia*, *xarope-dos-bebos* e *xarope-galeno*, designativos da ‘aguardente’, estão dicionarizados exclusivamente no DEH.

Segundo o LPOA, *xaveco* se originou no árabe dialetal *šabbak*, registrando, a par da acepção náutica de ‘embarcação’, usos figurados, como o de ‘pessoa sem valor ou importância’ ou o de ‘patife’. Não documenta, entretanto, derivados, assim como o DAVAIR, que, de resto, registra apenas o sentido denotativo do termo.

O DAVAIR dicionariza *xávega*, < and. (*iš*)*šábka* < cl. *šabakah*, ‘rede de pesca’, forma encontrada no DEM, DEA e DEH.

Os 03 dicionários gerais brasileiros em que o registro de arabismos foi investigado apresentam *xeique* - segundo o LPOA, < ár. *šayḥ* - e sua variante *xeque*. Não traz o LPOA o derivado *xecado*, dicionarizado no DEM, no DEA e no DEH.

O LPOA dicionariza *xiita* (< ár. *šīʿa(t)* ‘grupo, partido; seita, xiismo’), trazendo *xiismo* como um seu derivado. O DAVAIR registra somente cognatos castelhanos (*chiísmo*, *chiíta*), catalães (*xiisme*, *xiíta*) e mesmo galego (*xiíta*).

Apenas o DEM traz a variante *xorca* para *axorca*, ‘adorno em forma de argola com moedas’, documentada esta, bem como a variante *ajorca*, no DEM, DEA e DEH. O DAVAIR informa resultarem estas formas do andalusino *aššúrka* ‘correia’ < cl. *šuruk*, pl. de

*širāk*, acreditando designar, inicialmente, fios, laços ou cordões com que se amarravam amuletos, e cuja evolução semântica pode ter ocorrido já no romance.

Os arabismos iniciados pelo grafema <x> buscados no DEM, DEA e DEH encontram-se assim distribuídos: o DEM registra 42 dos 47 itens levantados, o que equivale a 89,4% destes: *xadrez*, *xadrezado*, *xadrezar*, *xadrezinho*, *xadrezista*, *xaguão*, *xairel*, *xamata 1*, *xamata 2*, *xamate*, *xaputa*, *xáquema*, *xaque-mate*, *xáquima*, *xareta*, *xaretado*, *xaretar*, *xarifado*, *xarife*, *xarifino*, *xarifo*, *xaropada*, *xaropar*, *xarope*, *xaropear*, *xaroposo*, *xavecagem*, *xavecar*, *xaveco*, *xávega*, *xecado*, *xecar*, *xeique*, *xeque 1*, *xeque 2*, *xequeador*, *xequear*, *xerife*, *xerifino*, *xiismo*, *xiita* e *xorca*. O DEA dicionariza 29 das 47 formas levantadas ou 61,7% destas, a saber: *xadrez*, *xadrezar*, *xadrezinho*, *xadrezista*, *xaguão*, *xairel*, *xamata 1*, *xáquema*, *xaque-mate*, *xáquima*, *xareta*, *xarife*, *xaropada*, *xaropar*, *xarope*, *xaropear*, *xaroposo*, *xavecagem*, *xavecar*, *xaveco*, *xávega*, *xecado*, *xeique*, *xeque 1*, *xeque 2*, *xeque-mate*, *xerife*, *xiismo* e *xiita*. O DEH, por sua vez, documenta 33 dos 47 vocábulos iniciados pela letra *x* buscados nos dicionários gerais em questão, o que corresponde a 70,2% daqueles: *xadrez*, *xadrezar*, *xadrezinho*, *xadrezista*, *xaguão*, *xairel*, *xamata 1*, *xáquema*, *xaque-mate*, *xáquima*, *xareta*, *xarife*, *xaropada*, *xaropar*, *xarope*, *xaropear*, *xarope-de-grindélia*, *xarope-dos-bebos*, *xarope-galeno*, *xaroposo*, *xavecagem*, *xavecar*, *xaveco*, *xávega*, *xecado*, *xeique*, *xeque 1*, *xeque 2*, *xeque-mate*, *xarifado*, *xerife*, *xiismo* e *xiita*.

Os registros comuns ao DEM, DEA e DEH totalizam 28 itens ou 59,6% dos 47 vocábulos encontrados: *xadrez*, *xadrezar*, *xadrezinho*, *xadrezista*, *xaguão*, *xairel*, *xamata 1*, *xáquema*, *xaque-mate*, *xáquima*, *xareta*, *xarife*, *xaropada*, *xaropar*, *xarope*, *xaropear*, *xaroposo*, *xavecagem*, *xavecar*, *xaveco*, *xávega*, *xecado*, *xeique*, *xeque 1*, *xeque 2*, *xerife*, *xiismo* e *xiita*. Registram o DEA e o DEH um vocábulo (*xeque-mate*) não dicionarizado no DEM, ou 2,1% do total de formas levantadas.

O DEM dicionariza 14 itens não encontrados no DEA e no DEH ou 29,8% dos registros: *xadrezado*, *xamata 2*, *xamate*, *xaputa*, *xaretado*, *xaretar*, *xarifado*, *xarifino*, *xarifo*, *xecar*, *xequeador*, *xequear*, *xerifino* e *xorca*. Também o DEH documenta arabismos não registrados no DEM e no DEA, em um total de 04 vocábulos ou 8,5% das formas encontradas: *xarope-de-grindélia*, *xarope-dos-bebos*, *xarope-galeno* e *xarifado*.

Dos vocábulos levantados, 18 (38,3%) são formas básicas: *xadrez*, *xaguão*, *xairel*, *xamata 1*, *xaputa*, *xáquema*, *xáquima*, *xareta*, *xarife*, *xarifo*, *xarope*, *xaveco*, *xávega*, *xeique*, *xeque 1*, *xeque 2*, *xerife* e *xorca*. Os derivados somam 21 formas (44,7%): *xadrezado*, *xadrezar*, *xadrezista*, *xaretado*, *xaretar*, *xarifado*, *xarifino*, *xaropada*, *xaropar*, *xaropear*, *xaroposo*, *xavecagem*, *xavecar*, *xecado*, *xecar*, *xequeador*, *xequear*, *xarifado*, *xerifino*, *xiismo*

e *xiita*. Os compostos totalizam 7 formas (14,9% dos 47 itens encontrados): *xaque-mate*, *xarope-de-grindélia*, *xarope-dos-bebos*, *xarope-galeno*, *xeque-mate*, *xamata 2* e *xamate*, estas 02 últimas compostos com aglutinação (~ *xaque-mate*). Há, ainda, 01 forma caracterizada pela marca de diminutivo – *inh* (*xadrezinho*), o que equivale a 2,1% dos arabismos iniciados pela letra *x*.

O DEM dicionariza 100% das 18 formas básicas; 95,2% das derivadas (a exceção de *xerifado*, registrado no DEH); apenas 03 dos 07 itens compostos ou 42,8% (*xaque-mate*, *xamata 2* e *xamate*), além da única forma diminutiva (*xadrezinho*), isto é, 100% dos “outros”. O DEA registra 15 das 18 formas básicas (exceto *xaputa*, *xarifo* e *xorca*) ou 83,4% destas; 11 das 21 formas derivadas (*xadrezar*, *xadrezista*, *xaropada*, *xaropar*, *xaroppear*, *xaroposo*, *xavecagem*, *xavecar*, *xecado*, *xiismo* e *xiita*), perfazendo 52,4% das mesmas; 02 dos 07 compostos (*xaque-mate* e *xeque-mate*), ou 28,6% destes, e 100% das formas com outras marcas, como gênero, número ou diminutivo e aumentativo, ao dicionarizar o DEA o único diminutivo encontrado (*xadrezinho*). Também o DEH documenta 15 das 18 formas básicas (a exceção, como o DEA, apenas de *xaputa*, *xarifo* e *xorca*), o que corresponde a 83,4% destas; registra apenas um vocábulo derivado a mais (*xerifado*), com relação ao DEA, isto é, registra 12 dos 21 derivados encontrados ou 57,2 dos mesmos; traz 05 dos 07 compostos (*xaque-mate*, *xarope-de-grindélia*, *xarope-dos-bebos*, *xarope-galeno* e *xeque-mate*) ou 71,4% e o único diminutivo (*xadrezinho*) registrado ou 100% das formas com marcas outras.

## Y

Sem registro de arabismos.

## Z

**Zaga** – s.f. 1. Ant. Conjunto dos militares que atuavam na retaguarda de uma tropa. 2. Fut. Conjunto dos jogadores da defesa. 3. Posição recuada de defesa que os zagueiros ocupam no campo de futebol. (DEM, DEA, DEH).

**Zagal** – s.m. 1. Pastor. 2. Ajudante do maioral dos pastores. 3. Rapaz robusto. (DEM, DEA, DEH).

**Zagala** – s.f. Feminino de zagal, pastora. (DEM, DEA).

**Zagalejo** – s.m. Mesmo que zagaleta. (DEM, DEA, DEH). Var. **Zagaleto** (DEM, DEA, DEH); **zagaleta** (DEM, DEA, DEH).

**Zagalesco** – adj. Concernente a zagal. (DEM).

**Zagaleta** – s.f. Diminutivo de zagala. (DEM).

**Zagaleta** – s.m. Mesmo que zagaleta. (DEM, DEA, DEH). Var. **Zagaleta** (DEM, DEA, DEH); **zagalejo** (DEM, DEA DEH).

**Zagaleta** – s.m. Diminutivo de zagal. (DEM, DEA, DEH). **Zagaleta** (DEM, DEA, DEH); **zagalejo** (DEM, DEA DEH).

**Zagalote** – s.m. Pequena bala de chumbo usada em espingardas. (DEA, DEH).

**Zagueiro** – s.m. Fut. Jogador da defesa, ocupante da posição da zaga. (DEM, DEA, DEH).

**Zaino** – adj. 1. Diz-se de cavalo castanho-escuro sem mescla ou de cavalo sem manchas brancas. 2. Diz-se de cavalo que tem pêlo preto e pouco brilhante. Fig. 3. Dissimulado, astucioso. (DEM, DEA, DEH).

**Zamboa** – s.f. 1. Fruto da zamboeira (*Citrus adami*). Fig. 2. Indivíduo parvo, de pouca inteligência. (DEM, DEA, DEH).

**Zamboeira** – s.f. Árvore brasileira também conhecida como pomo-de-adão (*Citrus adami*). (DEM, DEA, DEH). Var. **Zamboeiro** (DEH).

**Zamboeiro** – s.m. Mesmo que zamboeira. (DEH). Var. **Zamboeira** (DEM, DEA, DEH).

**Zambujal** – s.m. Grande quantidade de zabujeiros dispostos próximos uns dos outros. (DEM, DEA, DEH).

**Zambujeiro** – s.m. Pequena árvore mediterrânea da família das oleáceas (*Olea europaea*). (DEM, DEA, DEH). Var. **Zambujo**, acepção 1. (DEM, DEA, DEH).

**Zambujo** – s.m. 1. Mesmo que zambujeiro. 2. Fruto desta planta. (DEM, DEA, DEH).

**Zarabatana** – s.f. Canudo comprido que por meio do sopro arremessa projéteis. (DEM, DEA, DEH).

**Zarabatanada** – s.f. Tiro de zarabatana. (DEM).

**Zaragatoa** – s.f. 1. Designação de erva da família das plantagináceas, encontrada do Mediterrâneo à Índia (*Plantago afra*). 2. Árvore da família das celastráceas encontrada na Europa (*Euonymus europaeus*). 3. Pincel ou esponja preso à ponta de um cabo para aplicação de colutório. 4. Medicamento aplicado com este instrumento. (DEM, DEA, DEH).

**Zarcão** – s.m. 1. Óxido salino de chumbo usado como antiferrugem. 2. Cor desse óxido, de laranja ou de tijolo. adj.2g. e adj.2n. 3. Que tem esta cor. 4. diz-se desta cor. (DEM, DEA, DEH).

**Zarco** – adj. 1. Que tem olhos azul-claros. 2. Diz-se do cavalo que tem mancha branca no(s) olho(s). (DEM, DEA, DEH).

**Zargo** – adj. Bras. Diz-se do cavalo que tem o(s) olho(s) branco(s). (DEM, DEA).

**Zedoária** – s.f. Planta da família das Zingiberáceas (*Curcuma zedoária*). (DEM, DEA, DEH).

**Zedoarina** – s.f. Farm. Extrato amargo de zedoária. (DEM).

**Zenital** – adj.2g. Concernente ao Zênite. (DEM, DEA, DEH).

**Zenite** – s.m. Mesmo que zênite, de que é forma não preferida.(DEH). Var. **Zênite** (DEA); **zênite** (DEM, DEA, DEH).

**Zênite** – s.m. Mesmo que zênite. (DEA). Var. **Zenite** (DEH); **zênite** (DEM, DEA, DEH).

**Zênite** – s.m. (DEM, DEA, DEH). Var. **Zênite** (DEA); **zenite** (DEH).

**Zerado** – adj. 1. Reduzido a zero. (DEA).

**Zerar** – v.t.d. 1. Reduzir a zero (conta bancária, verba). 2. Quitar, saldar (dívida). 3. Atribuir nota zero. 4. Anular. v.t.d. e v.t.i.. 5. Obter nota zero. (DEM, DEA, DEH).

**Zerinho** – adj. Bras. Fam. Diz-se de automóvel recém adquirido e sem uso. (DEM, DEA, DEH).

**Zero** – num. card. s.m.2n. 1. Ausência de quantidade. num. card. apos. 2. Diz-se do número correspondente a conjunto vazio. num. card. adj.2g. 3. Ponto em que se inicia a contagem de graus. 4. Ponto em que se inicia a escala de instrumentos de medição. Fig. Pessoa sem valor ou préstimo. (DEM, DEA, DEH).

**Zero-hora** – s.f. Meia-noite. (DEA).

**Zero-quilômetro** – adj.2g. e adj.2n. 1. Diz-se de automóvel novo, sem uso. 2. Diz-se de quaisquer aparelhos novos, sem uso. s.m.2n. 3. Automóvel novo. (DEM, DEA, DEH).

**Zerovalente** – adj.2n. Que tem valência zero. (DEM).

**Zibeta** – s.m. Zool. Designação comum a diferentes espécies do gênero *Viverra*, dentre as quais a *Viverra zibetha*, da Índia. (DEM).

**Zinabre** – s.m. Camada verde que se forma sobre objetos de cobre expostos ao ar e à umidade, azinhavre. (DEM, DEA, DEH). Var. Azinhavre (DEM, DEA, DEH).

**Zircão** – s.m. Miner. Mineral rico em zircônio. (DEM, DEA, DEH).

**Zircônio** – s.m. Quim. Mesmo que zircônio. (DEA). Var. **Zircônio** (DEA, DEH).

**Zircônio** – s.m. Quim. Elemento químico de número 40 na tabela periódica, cujo símbolo é *Zr*. (DEA, DEH). Var. **Zircônio** (DEA).

**Zirconita** – s.f. Miner. Variedade de zircão. (DEM, DEA, DEH).

**Zirzelim** – s.m. Gergelim. (DEM, DEA, DEH). Var. **Gergelim** (DEM, DEA, DEH)

Os arabismos portugueses iniciados pelo grafema <z> totalizam os 43 itens lexicais apenas apresentados, considerando-se sinônimos, variantes fonéticas, morfológicas ou gráficas, e, ainda, formas básicas, derivadas ou compostas.

Destes, o LPOA registra *zaga* como vocábulo originado no árabe *sāqa(t)*, indicando-o o DAVAIR como pertencente aos sistemas lexicais castelhano e galego e indicando como portuguesas *azaga* ‘parte posterior’ e *saga* ‘retaguarda [de um exército], parte posterior’. Apenas o DEM apresenta ambas as variantes, *azaga* e *saga* em verbetes próprios, registrando o DEH, entretanto, a forma histórica *azaga* (1111). A forma *zagueiro* está registrada no LPOA, trazendo o DAVAIR apenas o cognato castelhano.

Dentre os vocábulos que integram o paradigma integrado por *zagal*, seus derivados, formas feminina e diminutivas, o LPOA dicionariza *zagal*, *zagalejo*, *zagaleta* e *zagaleta*. O DAVAIR, embora registre a forma portuguesa *zagal*, apresenta apenas derivados intrarromânicos castelhanos.

*Zaino* está dicionarizado no LPOA como originado no árabe *zayān*. O DAVAIR informa que as duas acepções documentadas para o termo resultam de étimos distintos, o árabe *sāhim* para ‘cavalo de pêlo escuro’ e o andalusino *zahīm* ‘desagradável’ para ‘hipócrito’, distinção etimológica esta que o DEM, o DEA e o DEH não observam, apesar de as três obras apontarem as duas acepções citadas.

Segundo o DAVAIR, o termo *zamboá*, não dicionarizado no LPOA, se origina no sânscrito *jambū(la)*, passando pelo malaio *jambuwa* até integrar o sistema lexical andalusino como *zambúf*. Traz poucos derivados, de outros domínios lingüísticos ibéricos.

Apona o DAVAIR *zambujo* como evolução da forma andalusina *zabbúj* ou *zambúja* a partir do termo árabe *zaḥ/ḡbaj* ou *zaḡbaj* designativo do fruto que o (*a*)*zambujeiro* produz. Dicionariza ambos os derivados portugueses encontrados no DEM, DEA e DEH, *zambujal* e *zambujeiro*.

Tanto o LPOA quanto o DAVAIR dicionariza *zarabatana*, cuja freqüente atribuição ao persa este último toma por infundada, afirmando antes resultar o vocábulo do árabe *sabaṭānah*, trazendo a raiz sudarábica {*sbṭ*} o sentido de ‘golpear’, através do andalusino *zarabaṭána*. O DAVAIR registra o derivado *zarabatanada*.

Para *zaragatoa*, aponta o LPOA origem no sintagma árabe dialetal *bizr qaṭūna(t)* ou *bazr qaṭūna(t)* ‘caroço de algodão’, classificando-o o DAVAIR como castelhanismo cujo étimo árabe resulta de semitradição do siríaco.

*Zarcão* é, segundo o LPOA, evolução do árabe-hispânico *zarqūn*, cujo equivalente, no clássico, é *zayrqūn*. Aponta *zircão* como uma variante de *zarcão* e *zircônio* e *zirconita* como seus derivados, designando *zirconita* também o *zarcão*.

Nem o LPOA nem o DAVAIR dicionariza *zargo*, vocábulo encontrado no DEM e no DEA com o sentido de ‘Cavalo com um ou dois olhos brancos’. Trazem o LPOA e o

DAVAIR, entretanto, *zarco* 1. ‘Que tem olhos azul-claros’; 2. Cavalo com mancha branca ao redor do(s) olho(s)’, do andalusino *zárqa*, *zarqā* no clássico, forma masculina formada a partir do feminino. O DEM dicionariza o feminino *zarca* com as acepções de ‘estanho’ e de ‘mulher que tem olhos azuis’, sem correlacioná-la a *zarco*, apesar de com este compartilhar o étimo e, parcialmente, o sentido.

Apenas o DAVAIR apresenta *zedoária* cuja origem remonta ao neopersa *zadvār*, através do árabe *jadwār*, por meio do baixo-latim científico, sem registrar qualquer forma derivada.

Segundo o DAVAIR, também ao baixo-latim se deve a transmissão do arabismo *zénite*, documentado no DEA e resultante da leitura equivocada do árabe *samt* (*arraʔs*) ‘direção [vertical] da cabeça’, não registrando o DAVAIR a variante heterotônica *zenite*, encontrada no DEH, ou a variante fonética *zênite*, dicionarizada no DEM, no DEA e no DEH, documentando o DAVAIR, ainda, o derivado *zenital* apenas como catalão.

No próprio árabe o vocábulo *ṣifr*, enquanto tecnicismo matemático, já trazia a acepção de ‘vazio’, tendo sido transmitido para línguas ibéricas (o DAVAIR cita *zero* como português e catalão e *zero* como castelhano e português) por meio de transcrições baixo-latinas de textos científicos. Dos derivados e compostos formados a partir de *zero*, bem como seus usos figurados, dicionarizados no DEM, no DEA e/ou no DEH, o LPOA registra apenas *zero-quilômetro*.

Já *zibeta* (< ár. *zabad*) ‘mamífero carnívoro das regiões quentes do velho mundo’ é encontrado exclusivamente no DEM. *Zinabre*, dicionarizado no DEM, no DEA e no DEH, está documentado no LPOA como variante de *azinhavre*, forma esta originada no persa *zengir* e introduzida na Península Ibérica através do árabe *az-zinğar*. A par desta, registra o LPOA outras variantes não-padrão de *gergelim* (do árabe popular *ğilğilān*, do árabe *ğulğulān*), dentre as quais *zirzelim*, documentada no DEM, no DEA e no DEH.

A distribuição dos arabismos iniciados pela letra *z* colhidos no DEM, no DEA e no DEH se dá da seguinte forma: o DEM dicionariza 35 das 43 formas levantadas ou 81,4% destas (*zaga*, *zagal*, *zagala*, *zagalejo*, *zagaresco*, *zagaleta*, *zagalete*, *zagaleta*, *zagueiro*, *zaino*, *zamboa*, *zamboeira*, *zambujal*, *zambujeiro*, *zambujo*, *zarabatana*, *zarabatanada*, *zaragatoa*, *zarcão*, *zarco*, *zargo*, *zedoária*, *zedoarina*, *zenital*, *zênite*, *zerar*, *zerinho*, *zero*, *zero-quilômetro*, *zerovalente*, *zibeta*, *zinabre*, *zircão*, *zirconita*, *zirzelim*). Também o DEA documenta 35 itens lexicais ou 81,4% do total (*zaga*, *zagal*, *zagala*, *zagalejo*, *zagaleta*, *zagaleta*, *zagalote*, *zagueiro*, *zaino*, *zamboa*, *zamboeira*, *zambujal*, *zambujeiro*, *zambujo*, *zarabatana*, *zaragatoa*, *zarcão*, *zarco*, *zargo*, *zedoária*, *zenital*, *zénite*, *zênite*, *zerado*, *zerar*,

*zerinho, zero, zero-hora, zero-quilômetro, zinabre, zircão, zircônio, zircônio, zirconita, zirzelim*). Por sua vez, o DEH registra 31 dos 43 arabismos levantados (*zaga, zagal, zagalejo, zagalete, zagaleta, zagaleta, zagueiro, zaino, zamboa, zamboeira, zamboeiro, zambujal, zambujeiro, zambujo, zarabatana, zaragatoa, zarcão, zarco, zedoária, zenital, zenite, zênite, zerar, zerinho, zero, zero-quilômetro, zinabre, zircão, zircônio, zirconita, zirzelim*), cifra equivalente a 72,1% destes.

Os registros comuns ao DEM, DEA e DEH somam 27 itens ou 62,8% do total (*zaga, zagal, zagalejo, zagalete, zagaleta, zagaleta, zagueiro, zaino, zamboa, zamboeira, zambujal, zambujeiro, zambujo, zarabatana, zaragatoa, zarcão, zarco, zedoária, zenital, zênite, zerar, zerinho, zero, zero-quilômetro, zinabre, zircão, zirconita, zirzelim*). O DEM e o DEA dicionarizam 02 itens não documentados no DEH (*zagala* e *zargo*), o que perfaz 4,6% do total de formas levantadas, ao passo que o DEA compartilha com o DEH outras 02 formas não dicionarizadas no DEM (*zagalote* e *zircônio*), somando outros 4,6% das formas compiladas.

Traz o DEM com exclusividade 06 vocábulos ou 14% do total (*zagalesco, zagaleta, zarabatanada, zedoarina, zerovalente* e *zibeta*); o DEA documenta 04 formas não encontradas no DEM e no DEH (*zênite, zerado, zero-hora* e *zircônio*) ou 9,3% dos itens levantados e, por fim, o DEH dicionariza 02 formas não verificadas no DEM e no DEA (*zamboeiro* e *zenite*), perfazendo 4,6% dos arabismos sob análise.

Dentre as 43 formas iniciadas pela letra z, 18 ou 41,9% são básicas (*zaga, zaino, zamboa, zambujo, zarabatana, zaragatoa, zarcão, zarco, zargo, zedoária, zenite, zênite, zênite, zero, zibeta, zinabre, zircão* e *zirzelim*). As formas derivadas totalizam 16 ou 37,2% dos itens levantados (*zagal, zagalesco, zagalote, zagueiro, zamboeira, zamboeiro, zambujal, zambujeiro, zarabatanada, zedoarina, zenital, zerar, zerinho, zircônio, zircônio* e *zirconita*); 03 ou 7% são compostas (*zero-hora, zero-quilômetro* e *zerovalente*) e, enfim, formas com marca de gênero (*zagala* e *zagaleta*) ou com morfemas diminutivos (*zagalejo, zagaleta, zagaleta* e *zerinho*) somam 06 itens ou 13,9% do total.

A distribuição destas formas pelos dicionários gerais em que foram colhidas é: o DEM dicionariza 16 das 18 formas básicas encontradas ou 88,9% destas (*zaga, zaino, zamboa, zambujo, zarabatana, zaragatoa, zarcão, zarco, zargo, zedoária, zênite, zero, zibeta, zinabre, zircão* e *zirzelim*); 12 das 16 formas derivadas ou 75% das mesmas (*zagal, zagalesco, zagueiro, zamboeira, zamboeiro, zambujal, zambujeiro, zarabatanada, zedoarina, zenital, zerar* e *zirconita*); apenas 01 das 03 formas compostas (*zero-quilômetro*), equivalente a 33,4% destas e 06 das 06 formas com marcas de feminino ou de diminutivo (*zagala, zagaleta, zagalejo, zagaleta, zagaleta* e *zerinho*).

O DEA também registra 16 das 18 formas básicas levantadas ou 88,9% das mesmas (*zaga, zaino, zamboa, zambujo, zarabatana, zaragatoa, zarcão, zarco, zargo, zedoária, zênite, zênite, zero, zinabre, zircão e zirzelim*); 12 das 16 formas derivadas ou 75% destas (*zagal, zagalote, zagueiro, zamboeira, zambujal, zambujeiro, zenital, zerado, zerar, zircônio, zircônio e zirconita*); 02 dos 03 itens lexicais caracterizados pela composição ou 66,7% do total destas formas (*zero-hora* e *zero-quilômetro*) e 05 dos 06 itens com marcas de feminino ou de diminutivo (*zagala, zagalejo, zagaleta, zagaleta e zerinho*), perfazendo 83,4% destes.

Já o DEH documenta 15 das 18 formas básicas ou 83,4% destas (*zaga, zaino, zamboa, zambujo, zarabatana, zaragatoa, zarcão, zarco, zedoária, zenite, zênite, zero, zero-quilômetro, zinabre, zircão e zirzelim*); 11 dos 16 vocábulos derivados encontrados ou 68,75% dos mesmos (*zagal, zagalote, zagueiro, zamboeira, zamboeiro, zambujal, zambujeiro, zenital, zerar, zircônio e zirconita*); apenas 01 das 03 formas compostas ou 33,4% destas (*zero-quilômetro*) e 04 formas com sufixo diminutivo das 06 caracterizadas pela marca de feminino ou de diminutivo, o que corresponde a 66,7% destas (*zagalejo, zagaleta, zagaleta e zerinho*).

A análise dos dados expostos permite afirmar que a significativa contribuição árabe na constituição do léxico da língua portuguesa se reflete no registro de 1434 formas lexicais, direta ou indiretamente originadas na língua corânica, documentadas na versão eletrônica dos dicionários gerais brasileiros *Dicmaxi Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa* e *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, considerando-se formas da língua padrão, bem como variantes fonéticas, morfológicas ou gráficas iniciadas pelas letras <b> a <z>.

Das obras citadas, a que dicionariza o maior número de formas é o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, em que se encontram 1159 arabismos ou 80,8% do total coligido; trazendo o *Dicmaxi Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* 1057 itens ou 73,7% do total de formas levantadas e apresentando o *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa* 919 arabismos ou 64,1% do total encontrado, conforme demonstra a tabela 04 a seguir.

Tabela 04 – Arabismos no DEM, DEA e DEH<sup>99</sup>

<b>Letra Inicial</b>	<b># total de itens</b>	<b># de itens no DEM (%)</b>	<b># de itens no DEA (%)</b>	<b># de itens no DEH (%)</b>
<b>B</b>	90	55 (61,1%)	53 (58,9%)	75 (83,3%)
<b>C</b>	187	138 (73,8%)	121 (64,7%)	147 (78,6%)
<b>D</b>	48	34 (70,8%)	24 (50%)	41 (85,4%)
<b>E</b>	77	67 (87%)	59 (76,6%)	64 (83,1%)
<b>F</b>	62	49 (79%)	45 (72,6%)	45 (72,6%)
<b>G</b>	56	42 (75%)	34 (60,7%)	51 (91,1%)
<b>H</b>	11	11 (100%)	04 (36,3%)	04 (36,3%)
<b>I</b>	19	17 (89,5%)	13 (68,4%)	17 (89,5%)
<b>J</b>	39	22 (56,4%)	18 (46,1%)	33 (84,6%)
<b>K</b>	---	---	---	---
<b>L</b>	128	58 (45,3%)	76 (59,3%)	113 (88,3%)
<b>M</b>	133	113 (85%)	96 (72,2%)	115 (86,5%)
<b>N</b>	56	46 (82,1%)	33 (58,9%)	36 (64,3%)
<b>O</b>	03	02 (66,7%)	03 (66,7%)	03 (100%)
<b>P</b>	56	25 (44,6%)	37 (66,1%)	52 (92,8%)
<b>Q</b>	11	11 (100%)	07 (63,6%)	09 (81,8%)
<b>R</b>	49	44 (89,8%)	33 (67,3%)	35 (71,4%)
<b>S</b>	119	90 (75,6%)	67 (56,3%)	91 (76,5%)
<b>T</b>	177	135 (76,3%)	119 (67,2%)	147 (83%)
<b>U</b>	16	14 (87,5%)	07 (43,7%)	11 (68,7%)
<b>V</b>	07	07 (100%)	06 (85,7%)	06 (85,7%)
<b>W</b>	---	---	---	---

<sup>99</sup> Percentual de registro calculado a partir do número total de arabismos iniciados por cada letra dicionarizado no conjunto das três obras.

<b>X</b>	47	42 (89,4%)	29 (61,7%)	33 (70,2%)
<b>Y</b>	---	---	---	---
<b>Z</b>	43	35 (81,4%)	35 (81,4%)	31 (72,1%)
<b>TOTAL</b>	<b>1434</b>	<b>1057 (73,7%)</b>	<b>919 (64,1%)</b>	<b>1159 (80,8%)</b>

Fonte: Elaborada pela autora.

Testemunha a integração destes arabismos a dicionarização não apenas de formas básicas, as quais somam 478 itens lexicais ou 33,3% do total, mas também a documentação, nas obras citadas, de quase 10% a mais de formas derivadas, 613 itens ou 42,8% dos arabismos encontrados, além de 284 compostos, isto é, 19,8% do total. É o que demonstram os dados da tabela 05, com a quantificação dos arabismos colhidos no conjunto das obras-fonte, conforme a sua constituição mórfica.

Tabela 05 – Morfossintaxe dos arabismos no DEM, DEA E DEH

<b>Letra Inicial</b>	<b># de itens</b>	<b># f. básicas (%)</b>	<b># f. derivadas (%)</b>	<b># f. compostas (%)</b>	<b># f. com outras marcas (%)</b>
<b>B</b>	90	38 (42,2%)	29 (32,2%)	20 (22,2%)	03 (3,4%)
<b>C</b>	187	46 (24,6%)	87 (46,5%)	42 (22,5%)	12 (6,4%)
<b>D</b>	48	09 (18,7%)	37 (77,1%)	02 (4,2%)	---
<b>E</b>	77	15 (19,5%)	54 (70,1%)	08 (10,4%)	---
<b>F</b>	62	21 (33,9%)	30 (48,4%)	08 (2,9%)	03 (4,8%)
<b>G</b>	56	23 (41,1%)	18 (32,1%)	15 (26,8%)	---
<b>H</b>	11	05 (45,4%)	03 (27,3%)	03 (27,3%)	---
<b>I</b>	19	07 (36,8%)	12 (63,2%)	---	---
<b>J</b>	39	09 (23,1%)	10 (25,6%)	17 (43,6%)	03 (7,7%)
<b>K</b>	---	---	---	---	---
<b>L</b>	128	23 (18%)	29 (22,6%)	66 (51,6%)	10 (7,8%)
<b>M</b>	133	50 (37,6%)	75 (56,4%)	04 (3%)	04 (3%)
<b>N</b>	56	21	31	04	---

		(37,5%)	(55,4%)	(7,1%)	
<b>O</b>	03	02 (66,7%)	---	---	01 (33,3%)
<b>P</b>	56	07 (12,5%)	18 (32,1%)	27 (48,3%)	04 (7,1%)
<b>Q</b>	11	05 (45,5%)	06 (54,5%)	---	---
<b>R</b>	49	30 (61,2%)	16 (32,7%)	---	03 (6,1%)
<b>S</b>	119	56 (47,1%)	34 (28,6%)	26 (21,8%)	03 (2,5%)
<b>T</b>	177	64 (36,1%)	75 (42,4%)	32 (18,1%)	06 (3,4%)
<b>U</b>	16	08 (50%)	08 (50%)	---	---
<b>V</b>	07	03 (42,8%)	04 (57,2%)	---	---
<b>W</b>	---	---	---	---	---
<b>X</b>	47	18 (38,3%)	21 (44,7%)	07 (14,9%)	01 (2,1%)
<b>Y</b>	---	---	---	---	---
<b>Z</b>	43	18 (41,9%)	16 (37,2%)	03 (7%)	06 (13,9%)
<b>TOTAL</b>	<b>1434</b>	<b>478</b> <b>(33,3%)</b>	<b>613</b> <b>(42,8%)</b>	<b>284</b> <b>(19,8%)</b>	<b>59</b> <b>(4,1%)</b>

Fonte: Elaborada pela autora.

Por sua vez, a tabela 06 apresenta a distribuição dos arabismos pelas obras-fonte, com base na morfossintaxe dos mesmos, propiciando a análise contrastiva do seu registro lexicográfico.

Tabela 06 – Distribuição do registro dos arabismos no DEM, DEA e DEH (morfossintaxe)<sup>100</sup>

Letra Inicial	# de itens	# f. básicas (%)	# f. derivadas (%)	# f. compostas (%)	# f. com outras marcas (%)
<b>B</b>	90	[38]	[29]	[20]	[03]
		30	23	---	03
		(78,9%)	(79,3%)	---	(66,6%)
		27	16	10	---
		(71%)	(55,1%)	(50%)	---
34	23	17	01		
(89,5%)	(79,3%)	(58,6%)	(33,3%)		

<sup>100</sup> Entre colchetes figura o valor de referência, correspondente ao número total (por letra) de formas classificadas como básicas, derivadas, compostas ou com outras marcas; a cores apresenta-se o percentual do registro das referidas formas em cada obra, identificadas, respectivamente, pelas cores lilás (DEM), verde (DEA) e laranja (DEH).

<b>C</b>	187	[46] 43 (93,5%) 39 (84,8%) 41 (89,1%)	[87] 80 (92%) 54 (62,1%) 62 (71,3%)	[42] 05 (11,9%) 50 (50%) 39 (92,8%)	[12] 10 (83,3%) 07 (58,3%) 05 (41,7%)
<b>D</b>	48	[09] 09 (100%) 08 (88,8%) 08 (88,8%)	[37] 23 (62,1%) 14 (37,8%) 31 (83,8%)	[02] 02 (100%) 02 (100%) 02 (100%)	--- --- --- --- ---
<b>E</b>	77	[15] 14 (93,3%) 15 (100%) 14 (93,3%)	[54] 52 (96,3%) 40 (74,1%) 42 (77,8%)	[08] 01 (12,5%) 04 (50%) 08 (100%)	--- --- --- --- ---
<b>F</b>	62	[21] 19 (90,5%) 17 (80,9%) 18 (85,7%)	[30] 27 (90%) 20 (64,5%) 19 (63,3%)	[08] 02 (25%) 07 (87,5%) 07 (87,5%)	[03] 01 (33,3%) 01 (33,3%) 01 (33,3%)
<b>G</b>	56	[23] 22 (95,6%) 18 (78,2%) 20 (86,9%)	[18] 17 (94,4%) 13 (72,2%) 16 (88,9%)	[15] 04 (26,7%) 03 (20%) 15 (100%)	--- --- --- --- ---
<b>H</b>	11	[05] 05 (100%) 03 (60%) 04 (80%)	[03] 03 (100%) 01 (33,3%) --- ---	[03] 03 (100%) --- --- ---	--- --- --- --- ---
<b>I</b>	19	[07] 07 (100%) 06 (85,7%) 06 (85,7%)	[12] 07 (83,3%) 07 (58,3%) 11 (91,6%)	--- --- --- --- ---	--- --- --- --- ---

<b>J</b>	39	[09] 09 (100%) 07 (77,7%) 07 (77,7%)	[10] 08 (80%) 06 (60%) 06 (60%)	[17] 02 (11,7%) 02 (11,7%) 17 (100%)	[03] 03 (100%) 03 (100%) 03 (100%)
<b>K</b>	---	---	---	---	---
<b>L</b>	128	[23] 20 (87%) 15 (65,2%) 18 (78,3%)	[29] 29 (100%) 23 (79,3%) 24 (82,7%)	[66] --- --- 32 (48,5%) 63 (95,5%)	[10] 09 (90%) 06 (60%) 08 (80%)
<b>M</b>	133	[50] 45 (90%) 46 (92%) 47 (94%)	[75] 64 (85,3%) 45 (60%) 60 (80%)	[04] 02 (50%) 03 (75%) 04 (100%)	[04] 02 (50%) 02 (50%) 04 (100%)
<b>N</b>	56	[21] 21 (100%) 16 (76,2%) 17 (81%)	[31] 23 (74,2%) 17 (54,8%) 17 (54,8%)	[04] 02 (50%) --- --- 02 (50%)	--- --- --- --- --- ---
<b>O</b>	03	[02] 02 (100%) 02 (100%) 02 (100%)	--- --- --- --- ---	--- --- --- --- ---	[01] --- --- --- 01 (100%)
<b>P</b>	56	[07] 07 (100%) 05 (71,4%) 05 (71,4%)	[18] 15 (83,4%) 16 (88%) 17 (94,5%)	[27] --- --- 13 (48,1%) 26 (96,3%)	[04] 03 (75%) 03 (75%) 04 (100%)
<b>Q</b>	11	[05] 05 (100%) 03 (60%) 03	[06] 06 (100%) 04 (66,6%) 06	--- --- --- --- ---	--- --- --- --- ---

		(60%)	(100%)	---	---
<b>R</b>	49	[30] 29 (96,6%) 24 (80%) 22 (77,3%)	[16] 13 (81,2%) 08 (50%) 11 (68,7%)	--- --- --- --- ---	[03] 02 (66,6%) 01 (33,3%) 02 (66,6%)
<b>S</b>	119	[56] 53 (94,6%) 39 (69,6%) 39 (69,6%)	[34] 29 (85,3%) 19 (55,9%) 25 (73,5%)	[26] 05 (19,2%) 06 (23,1%) 24 (92,3%)	[03] 03 (100%) 03 (100%) 03 (100%)
<b>T</b>	177	[64] 58 (90,6%) 50 (78,1%) 51 (79,7%)	[75] 65 (86,6%) 55 (73,3%) 63 (84%)	[32] 06 (18,7%) 09 (28,1%) 28 (87,5%)	[06] 06 (100%) 05 (83,3%) 05 (83,3%)
<b>U</b>	16	[08] 06 (75%) 04 (50%) 07 (87,5%)	[08] 08 (100%) 03 (37,5%) 04 (50%)	--- --- --- --- ---	--- --- --- --- ---
<b>V</b>	07	[03] 03 (100%) 02 (66,6%) 02 (66,6%)	[04] 04 (100%) 04 (100%) 04 (100%)	--- --- --- --- ---	--- --- --- --- ---
<b>W</b>	---	---	---	---	---
<b>X</b>	47	[18] 18 (100%) 15 (83,4%) 15 (83,4%)	[21] 20 (95,2%) 11 (52,4%) 12 (57,2%)	[07] 03 (42,8%) 02 (28,6%) 05 (71,4%)	[01] 01 (100%) 01 (100%) 01 (100%)
<b>Y</b>	---	---	---	---	---
		[18] 16 (88,9%)	[16] 12 (75%)	[03] 01 (33,4%)	[06] 06 (100%)

<b>Z</b>	43	16 (88,9%) 15 (83,4%)	12 (75%) 11 (68,7%)	02 (66,7%) 01 (33,4%)	05 (83,4%) 06 (66,7%)
<b>TOTAL</b>	<b>1434</b>	<b>[478]</b> <b>440</b> <b>(92%)</b> <b>377</b> <b>(78,9%)</b> <b>395</b> <b>(82,6%)</b>	<b>[613]</b> <b>531</b> <b>(86,6%)</b> <b>388</b> <b>(63,3%)</b> <b>464</b> <b>(75,7%)</b>	<b>[284]</b> <b>38</b> <b>(13,4%)</b> <b>116</b> <b>(40,8%)</b> <b>244</b> <b>(85,9%)</b>	<b>[59]</b> <b>48</b> <b>(81,3%)</b> <b>37</b> <b>(62,7%)</b> <b>56</b> <b>(94,9%)</b>

Fonte: Elaborada pela autora.

Observa-se, a partir dos dados apenas decritos, que, em números absolutos, o *Dicmaxi Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* ultrapassa o *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa* e o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* no registro tanto de formas básicas quanto de formas derivadas, dicionarizando 440 formas básicas ou 92% das 478 levantadas e 531 formas derivadas ou 86,6% das 613 encontradas. O *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa* traz 377 formas básicas ou 78,9% destas e 388 derivados, 63,3% dos mesmos, enquanto o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* registra 395 formas básicas e 464 derivadas, o que corresponde, respectivamente, a 82,6% e a 75,7% destas.

A tabela 07 descreve a distribuição dos arabismos, por letra, no *Dicmaxi Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*.

Tabela 07 – Arabismos no DEM<sup>101</sup>

Letra Inicial	# de itens	# f. básicas (%)	# f. derivadas (%)	# f. compostas (%)	# f. com outras marcas (%)
<b>B</b>	55	30 (54,6%)	23 (41,8%)	---	02 (3,6%)
<b>C</b>	138	43 (31,2%)	80 (58%)	05 (3,6%)	10 (7,2%)
<b>D</b>	34	09 (26,5%)	23 (67,6%)	02 (5,9%)	---
<b>E</b>	67	14 (20,9%)	52 (77,6%)	01 (1,5%)	---
<b>F</b>	49	19 (38,8%)	27 (55,1%)	02 (4,1%)	01 (2%)
<b>G</b>	42	21 (50%)	17 (40,5%)	04 (9,5%)	---
<b>H</b>	11	05	03	03	---

<sup>101</sup> Percentual de registro calculado a partir do número de arabismos iniciados por cada letra dicionarizados na obra.

		(45,4%)	(27,3%)	(27,3%)	
<b>I</b>	17	07 (41,2%)	10 (58,8%)	---	---
<b>J</b>	22	09 (40,9%)	08 (36,4%)	02 (9,1%)	03 (13,6%)
<b>K</b>	---	---	---	---	---
<b>L</b>	58	20 (34,5%)	29 (50%)	---	09 (15,5%)
<b>M</b>	113	45 (39,8%)	64 (56,6%)	02 (1,8%)	02 (1,8%)
<b>N</b>	46	21 (45,6%)	23 (50%)	02 (4,4%)	---
<b>O</b>	02	02 (100%)	---	---	---
<b>P</b>	25	07 (28%)	15 (60%)	---	03 (12%)
<b>Q</b>	11	05 (45,5%)	06 (54,5%)	---	---
<b>R</b>	44	29 (65,9%)	13 (29,5%)	---	02 (4,6%)
<b>S</b>	90	53 (58,9%)	29 (32,2%)	05 (5,6%)	03 (3,3%)
<b>T</b>	135	58 (43%)	65 (48%)	06 (4,5%)	06 (4,5%)
<b>U</b>	14	06 (42,9%)	08 (57,1%)	---	---
<b>V</b>	07	03 (42,9%)	04 (57,1%)	---	---
<b>W</b>	---	---	---	---	---
<b>X</b>	42	18 (42,9%)	20 (47,6%)	03 (7,1%)	01 (2,4%)
<b>Y</b>	---	---	---	---	---
<b>Z</b>	35	16 (45,7%)	12 (34,3%)	01 (2,9%)	06 (17,1%)
<b>TOTAL</b>	<b>1057</b>	<b>440</b> <b>(41,6%)</b>	<b>531</b> <b>(50,2%)</b>	<b>38</b> <b>(3,6%)</b>	<b>48</b> <b>(46%)</b>

Fonte: Elaborada pela autora.

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* se destaca no registro de compostos, trazendo 45% de itens a mais do que o *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa* e 6,4 vezes o número de itens dicionarizados no *Dicmaxi Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Figuram, assim, no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* 244 compostos ou 85,9% destes, ao passo que o *Novo Aurélio Século XXI: O*

*Dicionário da Língua Portuguesa* traz 116 formas compostas ou 40,8% das mesmas e o *Dicmaxi Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* apenas 38 formas ou 13,4% dos compostos documentados no conjunto das obras-fonte. A tabela 08 a seguir apresenta a distribuição dos arabismos documentados no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* por letra e morfossintaxe.

Tabela 08 – Arabismos no DEH<sup>102</sup>

Letra Inicial	# de itens	# f. básicas (%)	# f. derivadas (%)	# f. compostas (%)	# f. com outras marcas (%)
<b>B</b>	75	34 (45,3%)	23 (30,7%)	17 (22,7%)	01 (1,3%)
<b>C</b>	147	41 (27,9%)	62 (42,2%)	39 (26,5%)	05 (3,4%)
<b>D</b>	41	08 (19,5%)	31 (75,6%)	02 (4,9%)	---
<b>E</b>	64	14 (21,9%)	42 (65,6%)	08 (12,5%)	---
<b>F</b>	45	18 (40%)	19 (42,2%)	07 (15,6%)	01 (2,2%)
<b>G</b>	51	20 (39,2%)	16 (31,4%)	15 (29,4%)	---
<b>H</b>	04	04 (100%)	---	---	---
<b>I</b>	17	06 (35,3%)	11 (64,7%)	---	---
<b>J</b>	33	07 (21,2%)	06 (18,2%)	03 (9,1%)	17 (51,5%)
<b>K</b>	---	---	---	---	---
<b>L</b>	113	18 (15,9%)	24 (21,2%)	63 (55,8%)	08 (7,1%)
<b>M</b>	115	47 (40,8%)	60 (52,2%)	04 (3,5%)	04 (3,5%)
<b>N</b>	36	17 (47,2%)	17 (47,2%)	02 (5,6%)	---
<b>O</b>	03	02 (66,7%)	---	---	01 (33,3%)
<b>P</b>	52	05 (9,6%)	17 (32,7%)	26 (50%)	04 (7,7%)
<b>Q</b>	09	03 (33,3%)	06 (66,7%)	---	---
<b>R</b>	35	22 (62,8%)	11 (31,5%)	---	02 (5,7%)
<b>S</b>	91	39	25	24	03

<sup>102</sup> Percentual de registro calculado a partir do número de arabismos iniciados por cada letra dicionarizados na obra.

		(42,8%)	(27,5%)	(26,4%)	(3,3%)
<b>T</b>	147	51 (34,7%)	63 (42,9%)	28 (19%)	05 (3,4%)
<b>U</b>	11	07 (63,6%)	04 (36,4%)	---	---
<b>V</b>	06	02 (33,3%)	04 (66,7%)	---	---
<b>W</b>	---	---	---	---	---
<b>X</b>	33	15 (45,4%)	12 (36,4%)	05 (15,2%)	01 (3%)
<b>Y</b>	---	---	---	---	---
<b>Z</b>	31	15 (48,4%)	11 (35,5%)	01 (3,2%)	04 (12,9%)
<b>TOTAL</b>	<b>1159</b>	<b>395</b> <b>(34,1%)</b>	<b>464</b> <b>(40%)</b>	<b>244</b> <b>(21,1%)</b>	<b>56</b> <b>(4,8%)</b>

Fonte: Elaborada pela autora.

Considerando-se apenas os itens dicionarizados em cada obra, cerca da metade dos arabismos encontrados no *Dicmaxi Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* é de formas derivadas (50,2%), contra 440 formas básicas (41,6%) e apenas 38 compostos (3,6%). O *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa* documenta número proporcional de formas básicas e derivadas, respectivamente 377 e 388 itens (ou 41,1% e 42,2% de cada), conforme atesta a tabela 09 abaixo. Já o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* traz 395 formas básicas (34,1% dos arabismos que dicionariza), 464 derivadas (40% dos registros) e maior número de compostos, comparado aos documentados pelas demais obras, 244 itens (ou 21,1% dos arabismos levantados).

Tabela 09 – Arabismos no DEA<sup>103</sup>

Letra Inicial	# de itens	# f. básicas (%)	# f. derivadas (%)	# f. compostas (%)	# f. com outras marcas (%)
<b>B</b>	53	27 (50,9%)	16 (30,2%)	10 (18,9%)	---
<b>C</b>	121	39 (32,2%)	54 (44,6%)	21 (17,4%)	07 (5,8%)
<b>D</b>	24	08 (33,3%)	14 (58,3%)	02 (8,4%)	---
<b>E</b>	59	15 (25,4%)	40 (67,8%)	04 (6,8%)	---
<b>F</b>	45	17 (37,8%)	20 (44,4%)	07 (15,6%)	01 (2,2%)

<sup>103</sup> Percentual de registro calculado a partir do número de arabismos iniciados por cada letra dicionarizados na obra.

<b>G</b>	34	18 (53%)	13 (38,2%)	03 (8,8%)	---
<b>H</b>	04	03 (75%)	01 (25%)	---	---
<b>I</b>	13	06 (46,2%)	07 (53,8%)	---	---
<b>J</b>	18	07 (38,9%)	06 (33,3%)	02 (11,1%)	03 (16,7%)
<b>K</b>	---	---	---	---	---
<b>L</b>	76	15 (19,7%)	23 (30,3%)	32 (42,1%)	06 (7,9%)
<b>M</b>	96	46 (47,9%)	45 (46,9%)	03 (3,1%)	02 (2,1%)
<b>N</b>	33	16 (48,5%)	17 (51,5%)	---	---
<b>O</b>	02	02 (100%)	---	---	---
<b>P</b>	37	05 (13,5%)	16 (43,3%)	13 (35,1%)	03 (8,1%)
<b>Q</b>	07	03 (42,9%)	04 (57,1%)	---	---
<b>R</b>	33	24 (72,7%)	08 (24,3%)	---	01 (3%)
<b>S</b>	67	39 (58,2%)	19 (28,3%)	06 (9%)	03 (4,5%)
<b>T</b>	119	50 (42%)	55 (46,2%)	09 (7,6%)	05 (4,2%)
<b>U</b>	07	04 (57,1%)	03 (42,9%)	---	---
<b>V</b>	06	02 (33,3%)	04 (66,7%)	---	---
<b>W</b>	---	---	---	---	---
<b>X</b>	29	15 (51,7%)	11 (37,9%)	02 (6,9%)	01 (3,5%)
<b>Y</b>	---	---	---	---	---
<b>Z</b>	35	16 (45,7%)	12 (34,3%)	02 (5,7%)	05 (14,3%)
<b>TOTAL</b>	<b>919</b>	<b>377</b> <b>(41,1%)</b>	<b>388</b> <b>(42,2%)</b>	<b>116</b> <b>(12,6%)</b>	<b>37</b> <b>(4,1%)</b>

Fonte: Elaborada pela autora.

Como se lê na tabela 10 mais abaixo, as formas comumente documentadas pelos dicionários *Dicmaxi Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa* e *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* constituem cerca da metade dos registros (731 itens ou 51% do total de formas levantadas).

Outros registros comuns se verificam, em proporção bem menor, no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* e no *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa* (130 itens ou 9,1% das formas encontradas); no *Dicmaxi Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* e no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (81 formas ou 5,6% dos registros) e, enfim, no *Dicmaxi Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* e no *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa* (apenas 27 itens ou 1,9% do total).

O número de formas cujo registro se dá com exclusividade por uma das obras é praticamente igual no *Dicmaxi Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* e no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, que trazem, respectivamente, 218 e 217 itens (equivalentes a 15,2% e 15,1% dos registros, portanto). Entretanto, o DEM documenta maior número de formas básicas não identificadas como arabismos pelo DEA e pelo DEH, ao passo que o número de registros exclusivos verificados no DEH decorre, sobretudo, como já se disse, da dicionarização de compostos, mais representativo nesta do que nas demais obras. O *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa* é o dicionário que encerra menor número de arabismos não documentados pelo *Dicmaxi Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* e pelo *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, apenas 30 itens (ou 2,1% do total de arabismos levantados).

Quanto à atribuição de origem aos arabismos coletados, a análise das informações etimológicas colhidas nas obras-fonte (*Dicmaxi Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa* e *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*,) e nas obras de referência (*Diccionario de Arabismos y Voces Afines en Ibero Romance* e *Léxico Português de Origem Árabe: Subsídios para os Estudos de Filologia*), aponta que, em virtude dos distintos objetos e objetivos a que se volta cada uma destas obras, poucas vezes se dá a coincidência das etimologias e/ou das trajetórias interlingüísticas apresentadas. Assim, apresenta-se aqui um cotejo da proporção de formas lexicais dicionarizadas nas obras-fonte também documentadas nos dicionários de arabismos tomados como referência de estudos mais recentes na área.

O DEM tem pouco mais da metade dos itens nele registrados (56,6% dos 1057 itens) dicionarizados no LPOA (42,8%) e/ou no DAVAIR (36,9%) (cf. tabela 11), índice um pouco mais elevado para os arabismos documentados no DEA (cf. tabela 12): 68,3% estão no LPOA (58%) e/ou no DAVAIR (38,7%). Com efeito, o DEA é a obra cujos arabismos melhor se encontram representados nos dicionários de referência, uma vez que, para o DEH, esses

índices caem para 55,5% do total de arabismos coletados, 46,2% dos quais constam no LPOA e apenas 31,3%, no DAVAIR (v. tabela 13).

O LPOA contempla maior número de formas dicionarizadas no DEM, DEA e no DEH, face ao percentual documentado no DAVAIR, por aquela obra dicionarizar a produtividade lexical encetada pelo uso dos arabismos no português brasileiro, abrangendo, portanto, além de derivados e compostos, formas não-padrão e coloquiais, além de acepções desenvolvidas na variedade americana da língua portuguesa. Considere-se, ainda, o fato de o DAVAIR abordar arabismos europeus, particularmente espanhóis, o que se evidencia no freqüente registro de cognatos espanhóis, e de alguma outra língua ou dialeto do território político da Espanha, sem a apresentação da forma portuguesa correspondente.

O aparentemente baixo índice de registros, no LPOA e no DAVAIR, de arabismos documentados no DEM, DEA e DEH se deve ao fato de constituírem diferente tipo de produto lexicográfico, sem pretender a abrangência do léxico descrito objetivada pelos dicionários gerais de língua, os quais, para tanto, dicionarizam maior número de vocábulos e de suas variantes (sociais, regionais, de uso antigo, gráficas, etc).

As tabelas abaixo descrevem o alcance da dicionarização dos arabismos documentados no DEM, DEA e DEH pelo LPOA e pelo DAVAIR, conforme já comentado.

Tabela 10 – Arabismos do DEM no LPOA e no DAVAIR

<b>Letra Inicial [total de itens]</b>	<b>= de itens documentados no LPOA e/ou no DAVAIR<sup>104</sup> (%)</b>	<b>= de itens documentados no LPOA (%)</b>	<b>= de itens documentados no DAVAIR (%)</b>
<b>B</b> [55]	26 [47,3%]	14 [53,8%]	23 [88,5%]
<b>C</b> [138]	99 [71,7%]	78 [78,8%]	58 [58,6%]
<b>D</b> [34]	10 [29,4%]	10 [100%]	07 [70%]
<b>E</b> [67]	32 [47,8%]	26 [81,2%]	19 [59,4%]
<b>F</b>	21	15	18

<sup>104</sup> Consideraram-se aqui as formas lexicais cuja origem árabe ou cuja participação da língua árabe na transmissão do arabismo foi corroborada pelas obras de referência. Não foram contabilizados, portanto, os falsos arabismos identificados por Corriente.

<b>[49]</b>	[42,8%]	[71,4%]	[85,7%]
<b>G</b>	26	10	22
<b>[42]</b>	[61,9%]	[38,5%]	[84,6%]
<b>H</b>	06	03	06
<b>[11]</b>	[54,5%]	[50%]	[100%]
<b>I</b>	14	13	10
<b>[17]</b>	[82,3%]	[92,8%]	[71,4%]
<b>J</b>	11	08	08
<b>[22]</b>	[50%]	[72,7%]	[72,7%]
<b>K</b>			
<b>[---]</b>	---	---	---
<b>L</b>	40	30	22
<b>[58]</b>	[69%]	[75%]	[55%]
<b>M</b>	77	51	53
<b>[113]</b>	[68,1%]	[66,2%]	[68,8%]
<b>N</b>	19	15	13
<b>[46]</b>	[41,3%]	[78,9%]	[68,4%]
<b>O</b>	02	02	01
<b>[02]</b>	[100%]	[100%]	[50%]
<b>P</b>	14	14	01
<b>[25]</b>	[56%]	[100%]	[7,1%]
<b>Q</b>	07	07	01
<b>[11]</b>	[63,6%]	[100%]	[14,3%]
<b>R</b>	21	13	13
<b>[44]</b>	[47,7%]	[61,9%]	[61,9%]
<b>S</b>	40	33	30
<b>[90]</b>	[44,4%]	[82,5%]	[75%]
<b>T</b>	80	73	53
<b>[135]</b>	[59,2%]	[91,2%]	[66,2%]
<b>U</b>	03	03	01
<b>[14]</b>	[21,4%]	[100%]	[33,3%]
<b>V</b>	04	03	02
<b>[07]</b>	[57,1%]	[75%]	[50%]

<b>W</b> [---]	---	---	---
<b>X</b> [42]	26 [61,9%]	16 [61,5%]	21 [80,7%]
<b>Y</b> [---]	---	---	---
<b>Z</b> [35]	20 [57,1%]	16 [80%]	08 [40%]
<b>TOTAL</b> [1057]	<b>598</b> [100%] <sup>105</sup> [56,6%]	<b>453</b> [75,7%] [42,8%]	<b>390</b> [65,2%] [36,9%]

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 11 – Arabismos do DEA no LPOA e no DAVAIR

<b>Letra Inicial</b> <b>[total de itens]</b>	<b>= de itens</b> <b>documentados no</b> <b>LPOA e/ou no</b> <b>DAVAIR<sup>106</sup></b> <b>(%)</b>	<b>= de itens</b> <b>documentados no</b> <b>LPOA</b> <b>(%)</b>	<b>= de itens</b> <b>documentados no</b> <b>DAVAIR</b> <b>(%)</b>
B [53]	30 [56,6%]	20 [66,7%]	22 [73,3%]
C [121]	103 [85,1%]	93 [90,3%]	51 [49,5%]
D [24]	07 [29,2%]	07 [100%]	06 [85,7%]
E [59]	35 [59,3%]	28 [80%]	19 [54,3%]
F [45]	28 [62,6%]	24 [85,7%]	17 [60,7%]
G [34]	23 [67,6%]	11 [47,8%]	19 [82,6%]
H [04]	04 [100%]	02 [50%]	04 [100%]

<sup>105</sup> Os valores duplos se referem, respectivamente, ao percentual de arabismos corroborados pelo seu registro no LPOA e/ou no DAVAIR e ao percentual com relação ao total de itens levantados no DEM.

<sup>106</sup> Consideraram-se aqui as formas lexicais cuja origem árabe ou cuja participação da língua árabe na transmissão do arabismo foi corroborada pelas obras de referência. Não foram contabilizados, portanto, os falsos arabismos identificados por Corriente.

I [13]	13 [100%]	13 [100%]	09 [69,2%]
J [18]	09 [50%]	07 [77,8%]	07 [77,8%]
K [---]	---	---	---
L [76]	59 [77,6%]	56 [94,9%]	14 [23,7%]
M [96]	67 [69,8%]	50 [74,6%]	43 [64,2%]
N [33]	16 [48,5%]	15 [93,7%]	12 [75%]
O [02]	02 [100%]	02 [100%]	01 [50%]
P [37]	24 [64,8%]	24 [100%]	01 [4,2%]
Q [07]	07 [100%]	07 [100%]	01 [14,3%]
R [33]	21 [63,6%]	15 [71,4%]	13 [61,9%]
S [67]	41 [61,2%]	36 [87,8%]	29 [70,7%]
T [119]	81 [68,1%]	77 [95,1%]	52 [64,2%]
U [07]	03 [42,8%]	03 [100%]	01 [33,3%]
V [06]	04 [66,7%]	03 [50%]	02 [33,3%]
W [---]	---	---	---
X [29]	24 [82,7%]	19 [79,2%]	19 [79,2%]
Y			

[---]	---	---	---
Z	27	21	14
[35]	[77,1%]	[77,8%]	[51,8%]
<b>TOTAL</b>	<b>628</b>	<b>533</b>	<b>356</b>
<b>[919]</b>	<b>[100%]<sup>107</sup></b>	<b>[84,9%]</b>	<b>[55,7%]</b>
	<b>[68,3%]</b>	<b>[58%]</b>	<b>[38,7%]</b>

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 12 – Arabismos do DEH no LPOA e no DAVAIR

<b>Letra Inicial [total de itens]</b>	<b>= de itens documentados no LPOA e/ou no DAVAIR<sup>108</sup> (%)</b>	<b>= de itens documentados no LPOA (%)</b>	<b>= de itens documentados no DAVAIR (%)</b>
B	30	23	24
[75]	[40%]	[76,7%]	[80%]
C	105	91	55
[147]	[71,4%]	[86,7%]	[52,4%]
D	09	09	07
[41]	[22%]	[100%]	[77,8%]
E	31	28	17
[64]	[48,4%]	[90,3%]	[54,8%]
F	26	22	17
[45]	[57,8%]	[84,6%]	[65,4%]
G	25	12	20
[51]	[49%]	[48%]	[80%]
H	04	03	04
[04]	[100%]	[75%]	[100%]
I	14	11	10
[17]	[82,3%]	[78,6%]	[71,4%]
J	09	06	07
[33]	[27,3%]	[66,7%]	[77,8%]

<sup>107</sup> Os valores duplos se referem, respectivamente, ao percentual de arabismos corroborados pelo seu registro no LPOA e/ou no DAVAIR e ao percentual com relação ao total de itens levantados no DEA.

<sup>108</sup> Consideraram-se aqui as formas lexicais cuja origem árabe ou cuja participação da língua árabe na transmissão do arabismo foi corroborada pelas obras de referência. Não foram contabilizados, portanto, os falsos arabismos identificados por Corriente.

K [---]	---	---	---
L [113]	65 [57,5%]	59 [90,8%]	13 [20%]
M [115]	69 [60%]	49 [71%]	48 [69,5%]
N [36]	15 [41,7%]	12 [80%]	12 [80%]
O [03]	02 [66,7%]	02 [100%]	01 [50%]
P [52]	26 [50%]	26 [100%]	01 [3,8%]
Q [09]	07 [77,8%]	07 [100%]	01 [14,3%]
R [35]	21 [60%]	13 [61,9%]	13 [61,9%]
S [91]	43 [47,2%]	37 [86%]	29 [67,4%]
T [147]	84 [57,1%]	81 [96,4%]	51 [60,7%]
U [11]	03 [27,3%]	03 [100%]	01 [33,3%]
V [06]	06 [50%]	03 [100%]	01 [33,3%]
W [---]	---	---	---
X [33]	24 [77,4%]	19 [79,1%]	19 [79,1%]
Y [---]	---	---	---
Z [31]	25 [80,6%]	20 [80%]	12 [48%]
<b>TOTAL</b>	<b>643</b>	<b>536</b>	<b>363</b>

[1159]	[100%] <sup>109</sup>	[83,3%]	[56,4%]
	[55,5%]	[46,2%]	[31,3%]

Fonte: Elaborada pela autora.

Os dados descritos neste capítulo (do número de arabismos encontrados em cada obra, de registros exclusivos ou comuns, da morfossintaxe dos arabismos documentados nas obras citadas e das divergências nas notícias etimológicas), bem como o conteúdo documentado nos verbetes pelas obras-fonte, permitem, enfim, responder à questão norteadora deste estudo e retomar as hipóteses testadas, como veremos a seguir.

## 5. CONCLUSÃO

Considerando-se quanto se disse acerca dos arabismos portugueses e da sua dicionarização pela lexicografia brasileira, particularmente na versão eletrônica do *DICMAXI Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 1998), do *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1999) e do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001), é possível retomar a questão norteadora deste estudo – “Que divergências se verificam no registro dos arabismos portugueses em dicionários gerais de língua portuguesa contemporâneos?” – e a hipótese testada, de que há divergências na dicionarização dos arabismos portugueses, no que concerne aos itens documentados ou à própria identificação da sua origem no árabe ou do concurso deste idioma na introdução de vocabulário oriental no sistema lexical português.

Verificam-se divergências nas formas lexicais documentadas, diretamente refletidas no número de itens dicionarizados em cada obra considerada. O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001) registra quase 17% de formas a mais do que o *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1999). São 1159 formas naquela obra (80,8% do total levantado) contra 919 formas documentadas nesta (64,1% do total). Por sua vez, o *DICMAXI Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 1998) dicionariza 1057 arabismos (73,7% das formas levantadas).

Considerando-se a morfologia dos arabismos, a distribuição da sua dicionarização também se dá assimetricamente: o *DICMAXI Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 1998) documenta maior número de formas básicas, 92% destas, e 86,6% dos derivados colhidos, mas apenas 13,4% dos vocábulos compostos levantados. O

<sup>109</sup> Os valores duplos se referem, respectivamente, ao percentual de arabismos corroborados pelo seu registro no LPOA e/ou no DAVAIR e ao percentual com relação ao total de itens levantados no DEH.

*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001) registra 82,6% das formas básicas, 75,7% dos derivados e 85,9% dos compostos. Já o *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1999) traz 78,9% das formas básicas, 63,3% dos derivados encontrados e 40,8% dos compostos.

Assim, ao dicionarizar maior número de formas básicas, o *DICMAXI Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 1998) é a obra que melhor documenta a importação de designações para elementos então recém introduzidos na cultura ibérica medieval ou no contato direto com arabófonos, no norte da África ou no Oriente, à época das grandes navegações, bem como se destaca no registro da integração deste vocabulário, ao dicionarizar elevado número de arabismos resultantes de processos de derivação. O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001) testemunha a integração dos arabismos portugueses ao registrar tantos vocábulos formados a partir do recurso da composição.

Embora não constitua um objetivo específico dos dicionários gerais de língua, as obras em que a dicionarização dos arabismos foi investigada trazem notícias etimológicas com grau diferenciado de profundidade: o *DICMAXI Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (MICHAËLIS, 1998) em geral apresenta tão só o étimo árabe, eventualmente um étimo remoto ou a indicação de alguma língua ponte; o *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1999) documenta a etimologia tradicionalmente proposta pela literatura clássica e o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001) apresenta, sempre que possível, as hipóteses etimológicas mais conhecidas, freqüentemente sem se posicionar quanto a alguma mais adequada ou preferida.

Com efeito, dentre os problemas de atribuição de origem figuram a não identificação da origem (por exemplo, no DEA, *bafari*, *jargão* e *rolda*; no DEM, *lizar* e *safrá* 2; no DEH, *xaveco*), a atribuição de origem a uma língua ponte (no DEA, *marroquim*, *máscara*) ou a atribuição de origem a outra língua, sem a participação do árabe na sua transmissão para a língua portuguesa (no DEM, *marabuto*; no DEA, *botilhão*, *cartaz*, *celga* e *gibão*; no DEH, *cifa*, *febra* e *jargão*).

Aqui, reiteramos a necessidade de se rever a origem africana atribuída a vocábulos do português brasileiro, a qual pode mascarar uma origem remota no Oriente Médio, constituindo, antes, arabismos africanos. Lembramos que os arabismos legados pela imigração árabe mais recente, e sobretudo mulçulmana, ainda são passíveis de investigação,

só então sendo possível rever a literatura vigente, que restringe a herança a duas dúzias de arabismos da culinária.

Verificou-se a dicionarização de vocábulos cuja origem árabe foi “colocada *em xeque*” por estudos mais recentes, como os falsos arabismos apontados pelo *Diccionario de Arabismos y Voces Afines en Iberorromance* (CORRIENTE, 2003) (a exemplo de *amálgama*, *chúmeas*, *rês* e *rusma*, documentados no DEM, DEA e DEH).

Os produtos lexicográficos em que se procedeu à investigação sobre a dicionarização de arabismos não contemplam sistematicamente o registro de estrangeirismos de origem árabe. Verdade é que fatos da política internacional da última década, – quando, portanto, já estavam publicados os dicionários consultados, – promoveram novos contatos da língua portuguesa com a árabe, notadamente pela imprensa. Assim, o máximo que encontramos nos dados analisados foi a indicação sobretudo de variantes gráficas (a exemplo de *esfirra* ~ *esfia* ~ *esfiha*, no DEA) e a flutuação no gênero de um arabismo ainda não integrado (*taíne* ~ *tahine*, que o DEA informa ser feminino, ao passo que o DEM traz *taine* e o DEH, *tahine*, em ambas dicionarizados como substantivo masculino).

Caberia, portanto, a realização de um estudo dos estrangeirismos de origem árabe, por exemplo, na mídia e na literatura ficcional contemporâneas, com o levantamento de novos dados linguísticos para atualização dos produtos lexicográficos nacionais, bem como dos arabismos do português brasileiro, sobre os quais tão pouco se sabe.

Que os problemas da dicionarização dos arabismos portugueses pela lexicografia brasileira diagnosticados neste estudo em breve se tornem objeto de novas investigações, concorrendo para o aprimoramento da dicionarização deste rico vocabulário que particulariza o nosso vernáculo face a outras línguas da România.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, M. Y. O contato árabe-português no Brasil: descrição sociolingüística-demográfica. **PAPIA**, n. 19, p. 263-280, 2009.
- ABREU, M. Y. **Um estudo terminológico monolíngüe do vocabulário da culinária árabe**. (Dissertação de Mestrado). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2005.
- ALKMIN, T.; PETTER, M. Palavras africanas no Brasil de ontem e de hoje. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. (orgs.). **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008. p. 145-177.
- ALSANEA, R. **Vida dupla**: um romance sobre o Oriente Médio hoje. Trad. por Regina Lyra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- ALVES, A. **Portugal**: ecos de um passado árabe. Lisboa: Instituto Camões, 1999.
- AYACHE, Y. Quel apport de la recherche sur la bilitarité pour une meilleure connaissance des étymons arabes à l'origine des arabismes français? In: JOURNÉE D'ÉTUDES LEXICOGRAPHIE HISTORIQUE FRANÇAISE: autour de la mise à jour des notices étymologiques du Trésor de la Langue Française Informatisé, 2005, Nancy. **Actes...** Disponível em: <<http://www.atilf.fr/atilf/evenement/journeeEtude/LHF2005/ayache.pdf>> Acesso em: 04 jun. 2007.
- BALDINGER, K. Los árabes. In: BALDINGER, K. **La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica**. Madrid: Gredos, 1963. p. 53-75. [Biblioteca Románica Hispánica, Dirigida por Damaso Alonso, Tratados y Monografías, 1].
- BELTRÁN, L. O islã, a cultura e a língua árabes na África negra. In: **Afro-Ásia**, n. 08-09, p. 41-49, 1969.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: EDUFMS, 2001. p. 19-22.
- BLOOMFIELD, L. **Language**. Delhi: Motilal Banarsidass Publishers Private Ltd., 2005.
- BOCOCCINA, D. Itamaraty diz que 700 brasileiros esperam ajuda. BBC Brasil, Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2006/07/060720\\_libanoamorimdbfn.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2006/07/060720_libanoamorimdbfn.shtml)>. Acesso em: 28 jun. 2010.
- BONVINI, E. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. (orgs.). **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008. p. 15-62.
- BONVINI, E. Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. (orgs.). **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008. p. 101-144.

BORGES COELHO, A. **Portugal na Espanha árabe**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1989. v. 2.

CAIRUS, J. A. T. **Jihad, cativo e redenção**: escravidão, resistência e irmandade, Sudão Central e Bahia (1835). Rio de Janeiro, 2002. 223 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CÂMARA CASCUDO, L. Presença moura no Brasil. In: CÂMARA CASCUDO, L. **Mouros, franceses e judeus**: três presenças no Brasil. 3. ed. São Paulo: Global, 2001. p. 15-39.

CÂMARA JR., J. M. **Princípios de lingüística geral**. 7. ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Ltda., 1989.

CÂMARA JR., J. M. **Dicionário de lingüística e gramática**: referente à língua portuguesa. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

CARNEIRO, E. (org.). **Antologia do negro brasileiro**: de Joaquim Nabuco a Jorge Amado, os textos mais significativos sobre a presença do negro em nosso país. Rio de Janeiro, 2005.

CARRETER, F. L. **Diccionario de términos filológicos**. 2. ed. aum. Madrid: Gredos, 1962.

CASTRO, I. **Curso de história da língua portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

CORRIENTE, F. *Romania Arabica*: uma questão não resolvida de interferência cultural na Europa Ocidental. Trad. por Michel Sleiman. **Signum**, n. 8, p. 81-91, 2006.

CORRIENTE, F. Adições aos arabismos do português. Tradução de Michel Sleiman. **Tiraz**, ano 1, n. 1, p. 10-15, 2004.

CORRIENTE, F. **Diccionario de arabismos y voces afines en iberorromance**. 2. ed. ampl. Madrid: Gredos, 2003. [Biblioteca Románica Hispánica, Fundada por Dámaso Alonso, Dictionarios, 22]

CORRIENTE, F. Novedades en le estudio de los arabismos en iberorromance. **Revista Española de Lingüística**, 26, 1, p. 1-13, 1996.

CORRIENTE, F. **Árabe andalusí y lenguas romances**. Madrid: Mapfre, 1992.

COSTA, S. B. B.; MACHADO FILHO, A. V. L. (orgs.). **Do português arcaico ao português brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2004.

COSTA E SILVA, A. da. Comprando e vendendo Alcorões no Rio de Janeiro do século XIX. **Estudos Avançados**, 18 (50), p. 285-294, 2004.

CRYSTAL, D. **Dicionário de lingüística e fonética**. Traduzido e adaptado por Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua Portuguesa**. 1. ed. 2. impres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DEMANT, P. **O mundo muçulmano**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DEVOTO, G.; OLI, G. C. **Dizionario della língua italiana**. Firenze: Le Monnier, 2004/2005. CD-Rom.

DICMAXI Michaëlis Português: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, Versão 1.1. Amigo do Mouse Software Ltda., set. 2000. 1CD-ROM.

DOBRONRAVIN, N. Escritos multilíngües em caracteres árabes: novas fontes de Trinidad e Brasil no século XIX. Trad. por João José Reis. **Afro-Ásia**, n. 31, p. 297-326, 2004.

DROST, G. **El Arte de P. de Alcalá y su Vocabulista: Tolerância o Represión?** Disponível em: <<http://www.alyamiah.com/cema/modules.php?name=News&file=article&sid=98>>. Acesso em: 10 out. 2006.

ELIA, S. **Preparação à lingüística românica**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974.

ETTINGER, S. La variación lingüística em lexicografía. In: HAENSCH *et al.* **La lexicografía**: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982. p. 359-394.

FARACO, C. A. Apresentação de um clássico. In: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Trad. por Marcos Bagno. Revisão técnica por Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006. p. 09-29.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. totalmente revista e ampliada. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Lexikon Informática Ltda./Sonopress, 1999. 1 CD-ROM.

FÍGOLI, L. H. G.; VILELA, E. M. Migração internacional, multiculturalismo e identidade: sírios e libaneses em Minas Gerais. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 14., Caxambu/MG, 2004. **Anais...** Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/site\\_eventos\\_abep/PDF/ABEP2004\\_626.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_626.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2008.

FIORIN, J. L.; PETTER, M. (orgs.). **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008.

FLETCHER, R. **A cruz e o crescente**: cristianismo e islã, de Maomé à Reforma. Trad. Por Andréa Rocha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FRANCA, R. **Arabismos**: uma mini-enciclopédia do mundo árabe. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/EDUFPE, 1994.

FREITAS, T.; RAMILO, M. C.; SOALHEIRO, E. O processo de integração dos estrangeirismos no português europeu. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO

PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 18., 2002. **Actas**. Lisboa: Colibri, 2002. p. 371-385. Disponível em: <[HTTP://www.apl.org.pt/actas/xviii-encontro-nacional-da-associacao-portuguesa-de-linguistica.html](http://www.apl.org.pt/actas/xviii-encontro-nacional-da-associacao-portuguesa-de-linguistica.html)>. Acesso em: 20 jan. 2008.

FREITAS, H. R. de. **Princípios de morfologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1997. (Série Investigações Lingüísticas, 3).

GALLAS, D. **Brasil receberá 96 palestinos refugiados do Iraque**. Disponível em: <[www.bbc.co.uk/portuguese/reproterbbc/story/2007/06/070620\\_refugiados\\_palestina\\_dg.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reproterbbc/story/2007/06/070620_refugiados_palestina_dg.shtml)>. Acesso em: 09 jul. 2010.

HAENSCH, G. Tipología de las obras lexicográficas. In: HAENSCH, G. *et al.* **La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, 1982. p. 95-187.

HAENSCH, G. Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios. In: HAENSCH, G. *et al.* **La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, 1982. p. 395-534.

HARTMANN, R. R. K (ed). **Lexicography: principles and practice**. London: Academic Press, 1983.

HEYE, J. Sociolingüística. In: RECTOR, M. **Manual de lingüística**. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 203-237.

HOUAISS, A. As projeções da língua árabe na língua portuguesa. Conferência para o Centro de Estudos Árabes da USP em 1986. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/collat7/houaiss.htm>>. Acesso em: 05 fev. 2003.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Versão 1.0.10. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. 1 CD-ROM.

IORDAN, I.; MANOLIU, M. **Manual de lingüística românica**. Revisión, reelaboración parcial y notas por Manuel Alvar. 2. reimpressão. Madrid: Gredos, 1989. v. II. p. 133-144. (Biblioteca Románica Hispánica, dirigida por Dámaso Alonso, III. Manuales, 29)

JACQUART, D. A escola de tradutores. In: CARDAILLAC, L. (org.). **Toledo – séculos XII e XIII: muçulmanos, cristãos e judeus – o saber e a tolerância**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. p. 155-167. (Memória das Cidades)

JACQUEMOND, R. A língua árabe hoje: um olhar sociolingüístico e geopolítico. Trad. por Paulo Daniel Farah. **Tiraz**, ano 3, n. 3, p. 8-31, 2006.

JARDIM, D. F. Os imigrantes palestinos na América Latina. **Estudos Avançados**, 20 (57), p. 171-181, 2006.

JUBRAN, S. A.-C. Para uma romanização padronizada de termos árabes em textos de língua portuguesa. **Tiraz**, ano 1, n. 1, p. 16-29, 2004.

KIRKNESS, A. Sobre a lexicologia e a lexicografia das palavras estrangeiras. In: VILELA, M. (org.). **Problemas da lexicologia e lexicografia**. Porto: Civilização, 1979. p. 225-241.

LAMBERTI, F. C. C. Uma interpretação variacionista do empréstimo lingüístico no português do Brasil. In: FAULSTICH, E.; ABREU, S. P. de (org.). **Lingüística aplicada à terminologia e à lexicologia**: cooperação internacional: Brasil e Canadá. Porto Alegre: EDUFRGS, 2003. p. 83-97.

LANCHEC, J.-Y. **Psicolingüística e pedagogia das línguas**. Tradução de Analúcia Teixeira Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, [1977].

LAPESA, R. Los árabes y el elemento árabe en español. In: LAPESA, R. **Historia de la lengua española**. Prólogo de Ramón Menéndez Pidal. 9. ed. corregida y aumentada. 7. reimpressão. Madrid: Gredos, 1991. p. 129-156. [Biblioteca Românica Hispânica, Dirigida por Damaso Alonso, Manuales, 45]

LOPES, N. **Bantos, malês e identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LOPES, N. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

LOVEJOY, P. *Jihad* e escravidão: as origens dos escravos muçulmanos da Bahia. **Topoi**, Rio de Janeiro, p. 11-44, 2000.

LUCCHESI, D. As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil (1500-2000). **D.E.L.T.A**, n. 17, p. 97-130, 2001.

LÜDTKE, H. **Historia del léxico románico**. Versión española de Marcos Martínez Hernández. Madrid: Gredos, 1974.

MACHADO, J. P. **Ensaio arábico-portugueses**. Lisboa: Notícias, 1997.

MACHADO, J. P. **Influência arábica no vocabulário português**. Lisboa: Revista de Portugal, 1958. v. 1.

MARANHÃO, S. de M. Arabismos no Português Brasileiro (I): o legado afro-muçulmano. In: SEMANA DE HUMANIDADES, 6., 2009. Fortaleza: **Anais...** Fortaleza: UFC/UECE, 2009.

MARANHÃO, S. de M. Arabismos no Português Brasileiro (II): o influxo da imigração árabe e/ou muçulmana. In: SEMANA DE HUMANIDADES, 6., 2009. Fortaleza: **Anais...** Fortaleza: UFC/UECE, 2009.

MARANHÃO, S. de M. Arabismos portugueses do campo religioso: a herança portuguesa e a contribuição malê. In: ROSAE – CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA HISTÓRICA, 1., 2009. Salvador: **Anais...** No prelo.

MARANHÃO, S. de M. Empréstimos e estrangeirismos de origem árabe na literatura ficcional em língua portuguesa. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS, 5., 2010. Salvador: **Anais...** No prelo.

MARANHÃO, S. de M. Contato de línguas na lexicografia brasileira: a dicionarização de arabismos do português brasileiro. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL DA AMÉRICA LATINA, 6., 2010. Fortaleza: **Anais...** No prelo.

MARANHÃO, S. de M. A dicionarização de falsos arabismos na lexicografia brasileira. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIALETOLOGIA E SOCIOLINGÜÍSTICA, 1., 2010. São Luís: **Anais...** No prelo.

MARQUILHAS, R. Constituição e elaboração da língua portuguesa. In: FERRONHA, A. L. (org.). **Atlas da língua portuguesa na história e no mundo**. Lisboa: IN-CM, 1992, p. 24-29.

MARTÍNEZ RUIZ, I. Arabismos. Disponível em: <[http://www.canalsocial.net/GER/ficha\\_GER.asp?id=4450&cat=cultura](http://www.canalsocial.net/GER/ficha_GER.asp?id=4450&cat=cultura)>. Acesso em: 11 out. 2006.

MENÉNDEZ-PIDAL, R. **Mis paginas preferidas**: estudios lingüísticos e historicos. Madrid: Gredos, 1957. p. 183-206. (Biblioteca Románica Hispánica, dir. por Dámaso Alonso, VI. Antología Hispánica).

MENÉNDEZ-PIDAL, R. **Orígenes del español**: estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI. 3. ed. muy corregida y adicionada. Madrid: Espasa Calpe, 1950. p. 415-440. (Obras Completas, v. VIII).

MICHAELE, F. A . S., **Arabismos entre os africanos na Bahia**. Curitiba: Requião, 1968.

MICHAËLIS: **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998. (Dicionários Michaëlis)

MOLÉNAT, J.-P. Os moçárabes: um exemplo de integração. In: CARDILLAC, L. (org.). **Toledo, séculos XII e XIII**: muçulmanos, cristãos e judeus: o saber e a tolerância. Tradução de por Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR, 1992. p. 83-98. (Memória das Cidades).

MONTERO MUÑOZ, R. Die Arabismen im Deutschen: lexikalische Interferenzen vom Arabischen ins Deutsche. Recensión. **ALJAMÍA**, Boletín de información bibliográfica (mudéjares, moriscos, textos aljamiados, filología árabo-románica), n. 14, Universidad de Oviedo, Departamento de Filología Clásica y Románica, p. 468-471, 2002.

MONTEÏL, V. O islão na África negra. In: **Afro-Ásia**, n. 04-05, p. 05-23, 1967.

MONTENEGRO, S. M. Identidades muçulmanas no Brasil: entre o arabismo e a islamização. **Lusotopie**, v. 2, p. 59-79, 2002.

MÜLLER, W. Conceito de estrangeirismo e dicionário de estrangeirismo. In: VILELA, M. (org.). **Problemas da lexicologia e lexicografia**. Porto: Civilização, 1979. p. 210-224.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico resumido**. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1966.

NASSER FILHO, O. **O crescente e a estrela na terra dos pinheirais**: os árabes muçulmanos em Curitiba (1945-1984). Curitiba, 2006. 159 f. Dissertação (Mestrado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

NEUVEU, F. **Dicionário de ciências da linguagem**. Trad. por Albertina Cunha e José Antônio Nunes. Petrópolis: Vozes, 2008.

NEUVONEN, E. K. Los arabismos de las Cantigas de Santa María. **Boletín de Filología**, 12, p. 291-352, 1951.

NIMER, M. **Influências orientais na língua portuguesa**: os vocábulos árabes, arabizados, persas e turcos (etimologia, aplicações analíticas). Coordenação editorial de Carlos Augusto Calil. 2. ed. revista. São Paulo: EDUSP, 2005.

NOGUEIRA, C. R. A diglossia nas comunidades árabes. **Tiraz**, ano 3, n. 3, p. 32-57, 2006.

NUNES, J. H.; PETTER, M (orgs). **História do saber lexical**: e constituição de um léxico brasileiro. Humanitas/EDUSP, 2002.

OLIVEIRA, M. I. C. Quem eram os “Negros da Guiné”? A origem dos africanos na Bahia. **Afro-Ásia**, n. 19/20, p. 37-73, 1997.

ORLANDI, E. (org.). **História das idéias lingüísticas**: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional. SP/MT: Pontes/Unemat, 2001.

PAUL, H. **Principles of the history of language**. Translated from the second edition of the original by H. A. Strong. Maryland: McGrath, 1970.

PESSOA DE CASTRO, Y. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. 2.e.d Rio de Janeiro: Topbooks, 2009.

PETERS, E. **The Firanj are coming**. 2004. Disponível em:  
<<http://www.fpri.org/orbis/4801/peters.firanj.html>>. Acesso em 24 out. 2010.

PETTER, M. M. T. Africanismos no português do Brasil. In: ORLANDI, E. (org.). **História das idéias lingüísticas**: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional. Campinas/Cáceres: Pontes/UNEMAT, 2001. p. 223-234.

PETTER, M.; HONÓRIO, M. A.; FERREIRA, M.; NUNES, J. H. A constituição do léxico nacional: problemas de línguas em contato. Disponível em:  
<<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/31/htm/comunica/GT15.htm>>. Acesso em: 17 Mai. 2007.

PIEL, J.-M. Origens e estruturação histórica do léxico português. In: PIEL, J.-M. **Estudos de lingüística histórica galego-portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989. p. 9-16.

PIÑERO VALVERDE, M. de la C. Terra de fronteiras: a Espanha do século XI ao século XIII. In: MONGELLI, Lênia Márcia (coord.). **Mudanças e rumos: o ocidente medieval** (séculos XI-XIII). Cotia: Íbis, 1997.

PONTES, A. L. **Dicionário para uso escolar: o que é, como se lê**. Fortaleza: EDUECE, 2009.

PORTO DAPENA, J.-A. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco Libros, 2002.

QUINSAT, F. Le traitement des arabismes dans le TLF(i): quelques observations. In: JOURNÉE D'ÉTUDES LEXICOGRAPHIE HISTORIQUE FRANÇAISE: autour de la mise à jour des notices étymologiques du Trésor de la Langue Française Informatisé. Nancy/ATILF, 2005. **Actes...** Disponível em: <<http://www.atilf.fr/atilf/evenement/journeeEtude/LHF2005/Quinsat.pdf>> Acesso em: 25 ago. 2006.

QUINSAT, F. Mosaïque: des mots arabes dans la langue française. Recensión. **ALJAMÍA**, Boletín de información bibliográfica (mudéjares, moriscos, textos aljamiados, filología árabo-románica), n. 16, Universidad de Oviedo, Departamento de Filología Clásica y Románica, p. 287-291, 2004.

QUINSAT, F. Dictionnaire des arabismes. Recensión. **ALJAMÍA**, Boletín de información bibliográfica (mudéjares, moriscos, textos aljamiados, filología árabo-románica), n. 14, Universidad de Oviedo, Departamento de Filología Clásica y Románica, p. 409-413, 2002.

QUIRING-ZOCHE, R. Luta religiosa ou luta política? O levante dos malês da Bahia segundo uma fonte islâmica. **Afro-Ásia**, n. 19/20, p. 229-238, 1997.

REICHERT, R. Denominações para os muçulmanos no Sudão Ocidental e no Brasil. **Afro-Ásia**, n. 10/11, p. 109-120, 1970.

REICHERT, R. 1968. Os documentos árabes do arquivo do estado da Bahia. 3ª série: amuletos, exercícios de escrita, etc. – editados, transcritos, traduzidos e comentados. **Afro-Ásia**, n. 06/07, p. 127-132.

REICHERT, R. Os documentos árabes do arquivo público do estado da Bahia. 2ª série: orações islâmicas (não-corânicas) – editados, transcritos, traduzidos e comentados. **Afro-Ásia**, n. 04/05, p. 107-112, 1967.

REICHERT, R. Os documentos árabes do arquivo do estado da Bahia. 1ª série: textos corânicos – editados, transcritos, traduzidos e comentados. **Afro-Ásia**, n. 02/03, p. 169-176, 1966.

REILLY, B. **Cristãos e muçulmanos: a luta pela Península Ibérica**. Tradução de Maria José Giesteira. Lisboa: Teorema, [1990].

REIS, J. J. **Rebelião escrava no Brasil: a história do levante malê de 1835**. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

- REIS, J. J. **Quilombos e revoltas escravas no Brasil**. Revista USP, n. 28, p. 14-39, dez./fev. 1995/1996.
- RIBEIRO, O. **A formação de Portugal**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987.
- ROTH, W. O empréstimo como problema da lingüística comparada. **ALFA**, n. 24, p. 157-177, 1980.
- ROZA CANDÁS, P. Diccionario de arabismos y voces afines en iberorromance. Recensión. **ALJAMÍA**, Boletín de información bibliográfica (mudéjares, moriscos, textos aljamiados, filología árabo-románica), n. 16, Universidad de Oviedo, Departamento de Filología Clásica y Románica, p. 282-285, 2004.
- SANDMANN, A. **Morfologia lexical**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997. (Repensando a Língua Portuguesa).
- SAPIR, E. **A linguagem: introdução ao estudo da fala**. Tradução e Anexo de J. Mattoso Câmara Jr. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- SCHULZ, A. **Arabismen im französischen Wortschatz: eine etymologische Betrachtung**. Aachen: Institut für romanische Philologie der RWTH, 2004. p. 3-40.
- SILVA, R. V. M. e. **Caminhos da lingüística histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola, 2008.
- SILVA, R. V. M. e. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.
- SILVA, R. V. M. **Empréstimos culturais no período arcaico da língua portuguesa**. Disponível em: <<http://www.prohpor.ufba.br/esprescultu.html>>. Acesso em: 05 fev. 2003.
- SILVA, R. V. M.; MACHADO FILHO, A. V. L. (orgs.). **O português quinhentista: estudos lingüísticos**. Salvador/Feira de Santana: EDUFBA/UEFS, 2002.
- SILVA, R. V. M. (org.). **A Carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500**. Salvador: EDUFBA, 1996.
- SILVA, R. V. M. e. Orientações atuais da lingüística histórica brasileira. **Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 15, n. especial 30 anos de ABRALIN, p. 147-166, 1999.
- SILVA NETO, S. da. **História da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1988.
- SILVA NETO, S. da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença/INL, 1986.
- SMITH, D. **O atlas do Oriente Médio: o mapeamento completo de todos os conflitos**. Trad. por Mário Vilela. São Paulo: Publifolha, 2008.

SOLER, L. **Origens árabes no folclore do sertão brasileiro**. Florianópolis: EDUFSC, 1995.

SOSÍKOVÁ, L. Los arabismos en la documentación Del reino de Leon (siglos IX-XII). Recensión. **ALJAMÍA**, Boletín de información bibliográfica (mudéjares, moriscos, textos aljamiados, filología árabo-románica), n. 17, Universidad de Oviedo, Departamento de Filología Clásica y Románica, p. 484-489, 2005.

STREHLER, R. G. Marcas de uso nos dicionários. In: OLIVEIRA, A. M. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande: EDUFMS, 2001.

TARALLO, F.; ALCKMIM, T. **Falares crioulos: línguas em contato**. São Paulo: Ática, 1987. (Série Fundamentos, 15)

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. Trad. por Celso Cunha. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 43-44.

THORAVAL, Y. **Diccionario de civilización musulmana**. Barcelona: Larousse Planeta, 1996.

TOLEDO, D. **Grupos islâmicos no Brasil tentam se afastar de radicais**. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2005/02/05/02203\\_diegomtc.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2005/02/05/02203_diegomtc.shtml)>. Acesso em: 28 jun. 2010.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e lingüística**. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. Revisão técnica de Ingedore Koch e Thaís Cristóforo Silva. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

VARGENS, J. B. de O. **Tradução da bibliografia em árabe [e-mail]**. Mensagem recebida por: <[samanthamaranhao@bol.com.br](mailto:samanthamaranhao@bol.com.br)> em: 16 mar. 2009.

VARGENS, J. B. de M. **Léxico português de origem árabe: subsídios para os estudos de filologia**. Rio Bonito: Almadena, 2007.

VARGENS, J. B. de M. Miguel Nimer – Influências orientais na língua portuguesa. (Resenha). **Tiraz**, ano X, n. X, p. 238-240, 2006.

VARGENS, J. B. de M.; LOPES, N. **Islamismo e negritude: da África para o Brasil, da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1982.

VASCONCELOS, C. M. de. **Lições de filologia portuguesa**. Lisboa: Revista de Portugal, 1956.

VIEIRA, J. D. **Dicionário de termos árabes da língua portuguesa**. Florianópolis: EDUFSC, 2006.

VIGUERA MOLINS, M. J. **El establecimiento de los musulmanes en Spania – Al-Andalus**. In: SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 5., Gradija, 1994. Disponível em: <[dialnet.unirioja.es/servlet/fichero\\_articulo?codigo=554262](http://dialnet.unirioja.es/servlet/fichero_articulo?codigo=554262)>. Acesso em: 10 jan. 2010.

VIGUERA MOLINS, M. J. Lengua árabe y lenguas románicas. **Revista de Filología Románica**, n. 19, p. 15-54, 2002.

VIGUERA MOLINS, M. J. A dictionary of Andalusí Arabic. Recensión. **ALJAMÍA**, Boletín de información bibliográfica (mudéjares, moriscos, textos aljamiados, filología árabo-románica), n. 12, Universidad de Oviedo, Departamento de Filología Clásica y Románica, p. 165-166, 2000.

VILLAVERDE AMIEVA, J. C. Léxico hispánico primitivo (séc. VIII al XII). Recensión. **ALJAMÍA**, Boletín de información bibliográfica (mudéjares, moriscos, textos aljamiados, filología árabo-románica), n. 17, Universidad de Oviedo, Departamento de Filología Clásica y Románica, p. 421-438, 2005.

VILLAVERDE AMIEVA, J. C. Diccionario de arabismos y voces afines en iberorromance. Resención. **ALJAMÍA**, Boletín de información bibliográfica (mudéjares, moriscos, textos aljamiados, filología árabo-románica), n. 13, Universidad de Oviedo, Departamento de Filología Clásica y Románica, p. 190-214, 2001.

VILLAVERDE AMIEVA, J. C. Diccionario español de textos médicos antiguos. Recensión. **ALJAMÍA**, Boletín de información bibliográfica (mudéjares, moriscos, textos aljamiados, filología árabo-románica), n. 09, Universidad de Oviedo, Departamento de Filología Clásica y Románica, p. 152-154, 1997.

XAVIER, A. **Al-Gharb – 1146**: viagem onírica ao “Portugal” muçulmano. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

WANIEZ, P.; BRUSTLEIN, V. Os muçulmanos no Brasil: elementos para uma geografia social. **ALCEU**, v. 1. n. 2. p. 155-180, jan./jul. 2001.

WARDHAUGH, R. **An introduction to sociolinguistics**. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1992.

WARTBURG, Walther von. **La fragmentación lingüística de la Románia**. Trad. por Manuel Muñoz Cortés. Madrid: Gredos, 1952. p. 184-186. (Biblioteca Románica Hispánica, dir. por Dámaso Alonso, I. Tratados y Monografías, 1).

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Tradução de Marcos Bagno. Revisão técnica de Carlos Alberto Faraco. Posfácio de Maria da Conceição A. de Paiva e Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola, 2006. (Língua[gem], 18)

WEINREICH, U. **Languages in contact**. 5. ed. The Hague: Mouton, 1967.

WELLBAUM, A. **Apreensivos, refugiados palestinos chegam ao Brasil na sexta**. Disponível em: <[www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult27u329247.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult27u329247.shtml)>. Acesso em: 28 jun. 2010.

WERNER, R. Léxico y teoría general del lenguaje. In: HAENSCH, G. *et al.* **La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, 1982. p. 21-94.